



1984

EX-122

RECORDED
&
INDEXED

197-401-249
FBI
21 Jan 10 1949

b7c

RECEIVED
FEB 10 1949
FBI

literatura
livre

Mil novecentos e oitenta e quatro

GEORGE
ORWELL

Nineteen Eighty Four (1949)
Tradução: Ricardo Giassetti

Edição bilingue:
PORTUGUÊS • INGLÊS

Sesc

— •
literatura
livre

Mil novecentos e oitenta e quatro

George Orwell
(pseudônimo de Eric Blair)

Edição Bilingue

Sesc **mojo**^{org}

— •
literatura
livre

Mil novecentos e oitenta e quatro

George Orwell
(pseudônimo de Eric Blair)

Tradução:
Ricardo Giassetti

Edição Bilingue
Português-Inglês

Sesc **mojo**^{org}

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação – CIP

O79 Orwell, George (1903-1950)
Mil novecentos e oitenta e quatro / George Orwell. Tradução de
Ricardo Giassetti. – São Paulo: Instituto Mojo, 2022. (Coleção
Literatura Livre).
E-Book: PDF, ePUB, MOBI
Disponível em: <https://mojo.org.br>

Título Original: Nineteen Eighty Four. Edição bilíngue: Português - Inglês.

ISBN 978-65-89008-19-4

1. Literatura Inglesa. 2. Romance. 3. Questões Sociais. 4. Totalitarismo.
5. Manipulação da Linguagem. 6. Novilíngua. 7. Newspeak. I. Título.
II. Série. III. Giassetti, Ricardo, Tradutor. IV. Instituto Mojo de
Comunicação Intercultural. V. Literatura Livre. XI. Blair, Eric Arthur
(1903-1950). XII. 1984.

CDU 821.111-3

CDD 823

Catálogo elaborado por Regina Simão Paulino – CRB 6/1154

Prefácio

Depois de setenta anos da morte do autor, toda a sua produção em vida se torna de domínio público no primeiro dia do ano seguinte. A partir de 2021, George Orwell pôde ser explorado por todos — reeditado, adaptado, copiado. Antes disso, a única tradução para o português de sua obra mais famosa, *Mil novecentos e oitenta e quatro* ou *1984*, fora realizada em uma época em que a internet e os anglicismos não eram tão corriqueiros — com os filmes legendados, interação estrangeira nas redes sociais ou os turistas de toda a parte do mundo vindo para a Copa e às Olimpíadas.

Nesta nossa edição, no papel de um instituto de comunicação intercultural, olhamos para esse livro como uma história que só faz sentido na Londres de Orwell, que faz mais sentido com os jargões do cotidiano opressor em sua escrita original. Uma língua estrangeira que vai tomando espaço na vida cotidiana. Além disso, no apêndice no qual Orwell explica a filologia do *newspeak* (ou *novilíngua*, na antiga tradução), um de seus princípios básicos é a sonoridade

e a rapidez. Enquanto o inglês tem palavras curtas, sonoras e monossilábicas, o português trabalha com outra morfofonética. Então, DoubleThink, o ato de ter dúvidas ou de aceitar duas verdades conflitantes, foi mantido como *doublethink*, e não o cacofônico *duplipensar*. O mesmo ocorreu para palavras como *ante, plus, down, up*; e os sufixos e prefixos *-ful, -wise* ou *-est*.

Na tradução, houve um esforço para manter o máximo da escrita original, de seu som e de seu significado. Em vários trechos, o leitor perceberá que a edição buscou o melhor entendimento possível. Além disso, a presença de resquícios de uma língua estrangeira nessa distopia que lida tanto com a distância como com a iminência da realidade descrita na história, contribui para a estranheza, o deslocamento geográfico e um resquício do colonialismo cultural ao qual somos expostos desde antes do início da Guerra Fria.

Não obstante, pode-se lembrar do que Saussure diz a respeito da língua. Para o teórico, a língua nada mais é do que um sistema de comunicação que é utilizado em uma comunidade, sendo vital para a própria construção da sociedade, já que a língua com seus vocábulos são o que intermediam o pensamento e os sons. Assim, a língua é essencial para a construção civilizatória, tanto é que, diferente da *newspeak*, com o decorrer do tempo, as línguas ganham

mais palavras para abordar as novidades do mundo. Mas não a *newspeak*. A língua criada por Orwell foi feita para não dizer: os incômodos, os desejos, as ideias, as progressões humanas etc. Ela, propositalmente, causa ao falante a sensação de querer dizer algo, mas não conseguir, porque faltam recursos para isso, como quando se tenta falar em uma língua estrangeira, mas não há domínio suficiente do idioma. É claro que, diferente de uma língua comum em que os recursos existem e que nos basta apreendê-los, na *newspeak*, o falante irá desistir da ideia, porque ela não pode ser comunicada, independentemente do quanto ele tente. Até que ele deixe de tentar.

Os significados codificados nas palavras de Orwell, em suas diversas camadas, deixam claro o motivo pelo qual *Mil novecentos e oitenta e quatro* ainda é extremamente atual. O livro não trata de bem contra o mal, de socialismo contra capitalismo, mas sim da condição humana em seus âmbitos pessoais e coletivos. Trata, acima de tudo, a respeito do *autoritarismo* e de como o ser humano comum se adaptará a ele, seja por bem ou por mal. Essa distopia se passa na capital da Inglaterra, que foi destruída para sempre depois da descoberta avassaladora e incontestável de que, nesse cenário, GUERRA É PAZ. A oposição dos termos em inglês cria essa necessidade de distinção entre PRETO e BRANCO,

sem tons de cinza. A oposição dos extremos que, afinal, querem dizer a mesma coisa, seja em uma língua ou em outra.

Ricardo Giassetti

Mil novecentos e oitenta e quatro

Um	13
1.....	15
2.....	43
3.....	57
4.....	71
5.....	87
6.....	111
7.....	121
8.....	139
Dois.....	173
1.....	175
2.....	193
3.....	209
4.....	225
5.....	241

6.....	255
7.....	261
8.....	273
9.....	291
Três.....	367
1.....	369
2.....	391
3.....	423
4.....	445
5.....	459
6.....	467
Apêndice: Os princípios da newspeak.....	483
Nineteen Eighty Four.....	509
Part One.....	511
Chapter 1.....	513
Chapter 2.....	541
Chapter 3.....	555
Chapter 4.....	569
Chapter 5.....	585

Chapter 6	609
Chapter 7	619
Chapter 8	637
Part Two	671
Chapter 1	673
Chapter 2	691
Chapter 3	707
Chapter 4	723
Chapter 5	739
Chapter 6	753
Chapter 7	759
Chapter 8	771
Chapter 9	789
Part Three	861
Chapter 1	863
Chapter 2	885
Chapter 3	917
Chapter 4	937
Chapter 5	951
Chapter 6	959
Appendix: The Principles of Newspeak	975

Manifesto pela democratização do domínio público	997
Literatura Livre	998
Instituto Mojo	999
Ficha técnica	1000

UM

Era um dia frio e claro de abril, e os relógios marcavam treze. Winston Smith, com o queixo metido no peito em um esforço para escapar do maldito vento, deslizou rapidamente pelas portas de vidro do Mansões Vitória, mas foi lento o suficiente para que um redemoinho de poeira entrasse junto com ele.

O corredor cheirava a repolho cozido e a velhos tapetes de retalhos. Pregado na parede do fundo, havia um pôster colorido, grande demais para ambientes internos. Ele mostrava apenas um rosto enorme, com mais de um metro de largura: era um homem de cerca de quarenta e cinco anos, com um espesso bigode preto e feições rudes, mas ainda assim belas. Winston seguiu para as escadas. Era inútil tentar o elevador. Mesmo nos bons tempos, ele raramente funcionava e, nos dias de hoje, a eletricidade era cortada durante o dia. Fazia parte da economia de preparação para a Semana do Ódio. Seu apartamento ficava no sétimo andar, e Winston, que tinha trinta e nove anos e uma úlcera varicosa no tornozelo

direito, subia devagar, descansando várias vezes no caminho. Em cada patamar, diante do fosso do elevador, o pôster com o enorme rosto o observava da parede. Era uma daquelas imagens criadas para dar a sensação de que os olhos nos acompanham quando nos movemos. BIG BROTHER OLHA VOCÊ, dizia a legenda abaixo.

Dentro do apartamento, uma voz sentimental declamava uma lista de números que tinham a ver com a produção de ferro-gusa. A voz vinha de uma placa de metal lisa, embaçada e retangular, pendurada na parede à direita. Winston girou um dos botões e diminuiu um pouco a voz, de forma que as palavras ainda fossem distinguíveis. Era possível reduzir o som do aparelho (teletela, como era chamado), mas não tinha como desligá-lo completamente. Sua figura pequena e frágil se aproximou da janela, a magreza de seu corpo era enfatizada pelo macacão azul, o uniforme do Partido. Seus cabelos eram muito finos, o rosto naturalmente corado, a pele enrugada pelo uso do sabão áspero, das lâminas de barbear cegas e do frio do inverno que acabava de terminar.

Lá fora, mesmo protegido pela vidraça, o mundo parecia frio. Na rua, pequenos redemoinhos giravam poeira e retalhos de papéis. Embora o sol brilhasse e o céu fosse de um azul intenso, parecia não haver cor em nada, exceto nos pôsteres colados por toda parte. O rosto com o bigode

negro observava de todos os cantos. Havia um na fachada do apartamento logo em frente. BIG BROTHER OLHA VOCÊ, dizia a frase, abaixo daqueles olhos escuros que fitavam os de Winston com profundidade. No nível da rua, outro pôster, rasgado em um dos cantos, tremulava com o vento, cobrindo e revelando alternadamente a única palavra visível: INGSOC. À distância, um helicóptero voou baixo entre os telhados, pairou por um instante como uma libélula e disparou novamente em um voo curvo. Era a patrulha, bisbilhotando as janelas das pessoas. As patrulhas não incomodavam ninguém. Mas a Polícia do Pensamento, sim.

Às costas de Winston, a voz da teletela ainda tagarelava sobre o ferro-gusa e o superávit do 9º Plano Trienal. A teletela recebia e transmitia simultaneamente. Qualquer som que Winston fizesse, acima do nível de um sussurro, seria captado. Além disso, enquanto ele permanecesse dentro do campo de visão da placa de metal, ele poderia ser visto. Obviamente, não tinha como saber quando ou se você estava sendo vigiado. Estabelecer com qual frequência, ou em qual sistema a Polícia do Pensamento se conectava aos indivíduos seria mera especulação. Seria até concebível que observassem a todos todo o tempo. Mas, de qualquer maneira, eles eram capazes de se conectar ao aparelho sempre que quisessem. Você era obrigado a viver — e se acostumava tanto com

aquilo que se tornava instintivo — sabendo que cada som produzido poderia estar sendo ouvido e que, exceto no escuro, cada movimento era examinado.

Winston se manteve de costas para a teletela. Era mais seguro, embora, como ele bem sabia, até as costas podiam lhe denunciar. A um quilômetro de distância, o Ministério da Verdade, seu local de trabalho, erguia-se vasto e imaculado acima da paisagem encardida. “Essa”, ele pensou com um vago desgosto, “essa é Londres, a principal cidade da Faixa Aérea 1, a terceira província mais populosa da Oceânia”. Ele tentou resgatar alguma memória de infância que lhe confirmasse se Londres sempre fora assim. Será que sempre existiram aquelas casas do século 19 em pandarecos, com suas paredes escoradas com caibros, suas janelas com papelão no lugar de vidros e os telhados remendados com folhas de zinco, seus muros dos jardins caídos, espalhados pelo chão? E quanto aos locais bombardeados onde o pó de gesso rodopiava no ar e a erva-salgueira proliferava sobre o entulho? E as clareiras das crateras que as bombas haviam aberto, as quais deram lugar a tristes colônias de moradias mais parecidas com galinheiros? Mas era inútil, ele não conseguia se lembrar: nada restara de sua infância, exceto uma série de cenas opacas sem nenhum cenário de fundo e, em sua maioria, inexplicáveis.

O Ministério da Verdade — Minitrue, em newspeak [Newspeak era a língua oficial da Oceânia. Veja a descrição de sua estrutura e etimologia no Apêndice.] — era surpreendentemente diferente de qualquer outra construção à vista. Era uma enorme estrutura piramidal de concreto branco cintilante que se elevava, terraço sobre terraço, a 300 metros de altura. Do lugar em que Winston estava era possível ler, destacados na fachada branca e em letras elegantes, os três slogans do Partido:

GUERRA É PAZ

LIBERDADE É ESCRAVIDÃO

IGNORÂNCIA É FORÇA

O Ministério da Verdade continha, dizia-se, três mil salas acima do nível do solo e ramificações equivalentes abaixo. Espalhados por Londres, havia apenas três outros edifícios de aparência e tamanho semelhantes. Eles apequenavam a arquitetura ao seu redor de forma tão completa que, do telhado do Mansões Vitória, era possível ver os quatro ao mesmo tempo. Eles sediavam os quatro ministérios, entre os quais todo o aparato de governo fora dividido. O Ministério da Verdade se ocupava das notícias, entretenimento, educação e artes. O Ministério da Paz se preocupava com a

guerra. O Ministério do Amor mantinha a lei e a ordem. E o Ministério da Fartura era responsável pelos assuntos econômicos. Seus nomes, em newspeak: Minitrue, Minipax, Miniluv e Miniplenty.

O Ministério do Amor era realmente o mais assustador. Não havia nem uma janela sequer nele. Winston nunca havia entrado no Ministério do Amor ou estado a menos de quinhentos metros dele. Era um lugar impossível de visitar, exceto para assuntos oficiais, e mesmo assim apenas após desbravar através de seu labirinto de arames farpados, portas de aço e ninhos de metralhadoras camufladas. Até mesmo as ruas que levavam às barreiras externas eram guardadas por policiais simiescos com seus uniformes negros, armados com tonfas.

Winston se virou abruptamente. Seus traços agora expressavam um otimismo silencioso, era o mais aconselhável quando se revelava à teletela. Ele atravessou a sala e entrou na pequena cozinha. Para sair do Ministério naquele horário, ele havia sacrificado seu almoço no refeitório, e estava ciente de que não havia comida em casa, exceto por um naco de pão preto que deveria ser guardado para o café da manhã do dia seguinte. Ele pegou da prateleira um frasco de líquido incolor com um rótulo branco no qual se lia GIN VITÓRIA. Exalava um cheiro enjoativo e rançoso, como

o de álcool de arroz chinês. Winston despejou quase uma xícara cheia, preparando-se para o choque, e então tomou tudo em um trago só, como uma dose de remédio.

Instantaneamente, seu rosto corou e lágrimas escorreram de seus olhos. Aquela coisa era como ácido nítrico, a sensação era a mesma de ser atingido na nuca por um cassetete. No momento seguinte, entretanto, a queimação em seu estômago diminuiu e o mundo começou a parecer mais alegre. Ele sacou um maço amarrotado em que se lia CIGARROS VITÓRIA e, despreocupadamente, segurou o cigarro na vertical, o que fez com que todo o recheio de tabaco caísse no chão. Com o seguinte, ele teve mais sucesso. Ele voltou para a sala e se sentou em uma mesinha que ficava à esquerda da teletela. Da gaveta da mesa, ele tirou um porta-canetas, um frasco de nanquim e um caderno grosso com verso vermelho e capa marmorizada, sem nenhuma inscrição.

Por algum motivo, a teletela da sala fora instalada em uma posição incomum. Em vez de ser colocada, como era normal, na parede do fundo, onde poderia controlar toda a sala, ela estava na parede longitudinal, em frente à janela. Ao lado dela, havia uma reentrância rasa na qual Winston estava sentado naquele momento, provavelmente, quando os apartamentos foram construídos, fora destinada a conter uma estante de livros. Sentado no fundo dessa alcova, até

onde dava para ver, Winston era capaz de ficar fora do alcance da teletela. Ele podia ser ouvido, é claro, mas enquanto permanecesse naquela posição, não poderia ser visto. Em parte, foi a geografia incomum da sala que sugeriu a ele o que estava prestes a fazer.

Mas também havia sido sugestionado pelo caderno que ele acabara de tirar da gaveta. Era um caderno especialmente bonito. Seu papel macio e amarelado, um pouco oxidado pelo tempo, já não era mais fabricado havia pelo menos quarenta anos. Ele podia deduzir, no entanto, que o caderno era muito mais antigo do que isso. Ele o tinha visto na vitrine de uma pequena loja de velharias em um bairro pobre da cidade (ele não se lembrava exatamente de qual bairro agora) e foi imediatamente tomado por um desejo avassalador de possuí-lo. Os membros do Partido não deveriam entrar em lojas comuns (“comprar no mercado livre”, como diziam), mas a regra não era estritamente seguida porque havia várias coisas, como cadarços e lâminas de barbear, impossíveis de serem encontradas em outros lugares. Ele deu uma rápida olhada para os lados na calçada e, então, entrou e comprou o caderno por dois dólares e cinquenta. Na época, ele não tinha nenhuma ideia específica para usá-lo. Ele o levou para casa em sua pasta, carregado de culpa. Mesmo sem nada escrito nele, tratava-se de uma posse comprometedora.

O que ele estava prestes a fazer era inaugurar um diário. Isso não era ilegal (nada era ilegal, uma vez que não havia mais leis), mas caso fosse descoberto, era razoavelmente certo de que seria punido com a morte, ou pelo menos com vinte e cinco anos em um campo de trabalhos forçados. Winston encaixou uma pena na ponta do corpo da caneta e limpou a ponta com a língua. A pena era um instrumento arcaico, raramente usado até mesmo para assinaturas, e ele havia adquirido uma, furtivamente e com alguma dificuldade, simplesmente pela sensação de que o lindo papel amarelado merecia ser escrito com uma pena de verdade em vez de arranhado por uma caneta comum. Na verdade, ele não estava acostumado a escrever à mão. Com exceção de anotações muito curtas, era comum ditar tudo no speakwrite, o que obviamente seria impossível para seu propósito atual. Ele mergulhou a pena na tinta e hesitou por um segundo. Um tremor percorreu suas entranhas. Marcar o papel foi o ato decisivo. Em pequenas letras desajeitadas, ele escreveu:

4 de abril de 1984.

Ele se recostou. Uma sensação de total desamparo recaiu sobre ele. Para começar, ele não tinha certeza se era 1984. Devia ser por volta dessa data, pois tinha certa convicção de estar com trinta e nove anos, bem como acreditava ter nascido em 1944 ou 1945. Mas, hoje em dia, não era mais

possível acertar uma data sem uma margem de erro de um ou dois anos.

Para quem, ele se perguntou, estava escrevendo esse diário? Para o futuro, para os ainda não nascidos. Sua mente pairou por um momento em torno da data incerta na página, e então colidiu, com um solavanco, contra a palavra em newspeak: DOUBLETHINK (o ato de ter um “pensamento duplo”). Pela primeira vez, a magnitude do que ele havia empreendido se voltou para ele. Como seria possível se comunicar com o futuro? Em essência, era impossível. Se o futuro se parecesse com o presente, então, ninguém o ouviria; e, se fosse diferente, sua exposição não teria valor algum.

Por algum tempo, ele ficou olhando para o papel como um idiota. A teletela mudou para uma música militar estridente. Era curioso que ele parecesse não apenas ter perdido o poder de se expressar, mas até mesmo de ter se esquecido o que originalmente pretendia dizer. Ele vinha se preparando para esse momento há semanas, e nunca lhe passou pela cabeça que precisaria de algo a mais além de coragem. O ato da escrita em si seria fácil. Tudo o que ele precisava fazer era transferir para o papel o monólogo interminável e inquieto que corria em sua cabeça, literalmente, há anos. Nesse momento, porém, até o monólogo havia se calado. Além disso, sua úlcera varicosa começou a coçar insuportavelmente. Ele

não ousava coçá-la, porque, se o fizesse, poderia inflamar. Os segundos se passavam. Ele não tinha consciência de nada, exceto do vazio da página à sua frente, a coceira na pele do tornozelo, o som da música e uma leve vertigem causada pelo gin.

De repente, ele começou a escrever em puro pânico, sem ter consciência do que estava anotando. Sua caligrafia delicada, mas infantil, ondulava para cima e para baixo na página, abandonando primeiro as letras maiúsculas e, depois, até os pontos finais:

4 de abril de 1984. Cineminha ontem à noite. Só filmes de guerra. Um muito bom de um navio cheio de refugiados sendo bombardeado em algum lugar do Mediterrâneo. As pessoas se divertiram muito com os tiros em um homem gordo que tentava nadar para longe com um helicóptero que o perseguia, primeiro ele chafurdou na água como um golfinho, depois o filmaram pela mira da arma no helicóptero, até que ele ficou cheio de buracos e o mar a sua volta ficou rosado e ele afundou repentinamente como se os buracos tivessem deixado a água entrar, a plateia exultou e riu quando ele afundou. então vimos um barco salva-vidas cheio de crianças com um helicóptero pairando sobre ele. havia uma mulher de meia-idade que parecia ser judia sentada na proa com um garotinho de uns três anos no colo. o garotinho gritava assustado e escondia sua cabeça entre os seios como se

tentasse se enterrar de volta dentro dela e a mulher o abraçava e o embalava, embora ela mesma estivesse azul de medo, o tempo todo o protegendo tanto quanto possível, como se ela pensasse que seus braços poderiam manter as balas longe dele. então o helicóptero largou uma bomba de 20 quilos sobre eles e explodiu o barco em estilhaços como palitos de fósforo. em seguida, a imagem inacreditável do braço da criança subindo e subindo no ar um helicóptero com uma câmera no nariz deve ter filmado isso e houve muitos aplausos dos assentos do partido, mas uma mulher na ala dos proles começou a se revoltar e a gritar que eles não deviam mostrar isso não na frente das crianças que não era certo, não na frente das crianças, até que a polícia a pegou e a levou para fora eu não acho que tenha acontecido algo com ela ninguém se importa com o que os proles dizem, reação típica dos proles, eles nunca

Winston parou de escrever, em parte porque estava tendo câibras. Ele não sabia o que o fizera vomitar aquele monte de lixo. Mas o curioso é que, enquanto o fazia, uma memória totalmente nova se iluminou em sua mente, a ponto de ele quase se sentir em condições de escrevê-la. Era, agora ele percebia, por causa desse outro incidente que, de repente, ele decidiu ir para casa e começar o diário hoje.

Acontecera no Ministério naquela manhã, se é que algo tão nebuloso poderia ter acontecido.

Eram quase onze e, no Departamento de Registros, onde Winston trabalhava, eles arrastaram as cadeiras para fora das baias e as agruparam no centro do corredor em frente à grande teletela, em preparação para o Dois Minutos de Ódio. Winston ocupava seu lugar em uma das fileiras do meio quando duas pessoas que ele conhecia de vista, mas com quem nunca havia falado, entraram inesperadamente na sala. Uma delas era uma garota com quem ele costumava cruzar nos corredores. Ele não sabia seu nome, mas sabia que ela trabalhava no Departamento de Ficção. Era provável — já que às vezes ele a via com uma chave inglesa nas mãos lambuzadas — que ela fosse uma mecânica das máquinas de escrever livros. Ela era uma garota de aparência ousada, com cerca de 27 anos, cabelos grossos, rosto sardento e movimentos rápidos e atléticos. Uma estreita faixa vermelha, emblema da Liga Jovem Antissexo, dava várias voltas na cintura de seu macacão, com força suficiente para realçar a forma de seus quadris. Winston não gostou dela desde o primeiro momento. Ele sabia o motivo. Era em razão da atmosfera dos jogos de hóquei, dos banhos frios, das caminhadas comunitárias e da limpeza geral que ela carregava consigo. Não gostava de quase todas as mulheres, especialmente as mais jovens e belas. Foram sempre as mulheres, e acima de tudo as mais jovens, as adeptas mais fanáticas do Partido, as engolidoras

de slogans, as espiãs amadoras e as bisbilhoteiras da heterodoxia. Mas essa garota em particular deu a ele a impressão de ser mais perigosa do que a maioria. Uma vez, quando se cruzaram no corredor, ela lançou um olhar rápido na direção dele que pareceu perfurá-lo e, por um momento, encheu-o de terror absoluto. Chegou até a pensar que ela poderia ser uma agente da Polícia do Pensamento. A verdade era que isso seria muito improvável. Mesmo assim, ele continuava a sentir uma inquietação estranha, um misto de medo e hostilidade, sempre que estava perto dela.

A outra pessoa era um homem chamado O'Brien, executivo do Partido e detentor de um cargo tão importante e remoto que Winston tinha apenas vaga ideia de sua natureza. Um silêncio momentâneo tomou o grupo que se assentava quando viram o macacão preto da Executiva do Partido se aproximar. O'Brien era um homem alto e forte, de pescoço grosso e um rosto feio, bruto e esquisito. Apesar de sua forte presença, apresentava certo charme nos modos. Fazia uso de um gesto para ajeitar os óculos sobre o nariz que tinha um curioso poder desarmante — e, de um jeito indefinível, curiosamente civilizado. Era um gesto que, caso alguém ainda pensasse nesses termos, lembraria um nobre do século 18 oferecendo sua caixa de rapé. Winston talvez tivesse visto O'Brien uma dúzia de vezes nos últimos anos. Ele se sentia

profundamente atraído por ele, e não apenas porque estava intrigado com o contraste entre os modos urbanos de O'Brien e seu físico de lutador. Isso se devia muito a uma certeza mantida em segredo — ou talvez nem mesmo uma certeza, mas apenas uma esperança — de que a ortodoxia política de O'Brien não era perfeita. Algo em seu rosto transmitia essa irresistível sugestão. E, novamente, talvez não fosse nem mesmo a falta de ortodoxia que estava estampada em seu rosto, mas simplesmente inteligência. De qualquer forma, ele parecia ser uma pessoa com quem se poderia conversar caso, de alguma forma, a teletela pudesse ser ludibriada, caso existisse a chance de ficar a sós com ele. Winston nunca havia feito o menor esforço para confirmar essa suposição. Na verdade, não tinha como fazer isso. Nesse momento, O'Brien olhou para o relógio de pulso, notou que eram quase onze e, evidentemente, decidiu ficar no Departamento de Registros até o fim do Dois Minutos de Ódio. Ele se sentou na mesma fileira de Winston, a alguns lugares de distância. Uma pequena mulher de cabelos cor de palha que trabalhava no cubículo ao lado de Winston estava entre eles. A garota de cabelo preto se sentou logo atrás.

No momento seguinte, um discurso horrível e opressor, como se tivesse saído de uma máquina monstruosa sem lubrificação, irrompeu da grande teletela no fundo da sala.

Era um ruído que fazia ranger os dentes e eriçava os cabelos da nuca. O ódio havia começado.

Como de costume, o rosto de Emmanuel Goldstein, o Inimigo do Povo, apareceu na tela. Houve algumas vaias entre a audiência. A pequena mulher de cabelos cor de palha deu um grito dividido entre o medo e o nojo. Goldstein era o renegado e o traidor que uma vez, há muito tempo (há quanto tempo, ninguém se lembrava bem), fora uma das principais figuras do Partido, quase do mesmo nível do próprio Big Brother, só que ele resolveu se engajar em atividades contrarrevolucionárias. Ele foi condenado à morte, mas escapou e desapareceu misteriosamente. Os programas do Dois Minutos de Ódio variavam de um dia para o outro, porém não havia nenhum em que Goldstein não fosse a figura principal. Ele fora o traidor primordial, o profanador mais antigo da pureza do Partido. Todos os crimes subsequentes contra o Partido, todas as traições, atos de sabotagem, here-sias e desvios surgiram diretamente de seus ensinamentos. Em algum lugar, ele ainda estava vivo e conspirava. Talvez em algum lugar além do oceano, sob a proteção de seus patrocinadores estrangeiros. Talvez até — pelo que se dizia ocasionalmente — em algum esconderijo na própria Oceânia.

O diafragma de Winston estava contraído. Ele nunca poderia ver o rosto de Goldstein sem uma dolorosa mistura

de emoções. Era um rosto judeu magro, com uma grande auréola felpuda de cabelos brancos e um cavanhaque pequeno — um rosto inteligente, mas de alguma forma bastante desprezível, tendo um toque de senilidade no nariz longo e fino, no qual perto do fim um par de óculos se equilibrava. Parecia o rosto de uma ovelha, a voz também tinha uma qualidade ovina. Goldstein lançava seu costumeiro ataque insidioso contra as doutrinas do Partido — um ataque tão exagerado e perverso que mesmo uma criança seria capaz de ver através dele. Só que, ainda assim, plausível o suficiente para preencher alguém com um sentimento alarmado de que outras pessoas, em níveis inferiores aos seus, poderiam ser enganados por ele. Ele acusava o Big Brother, ele denunciava a ditadura do Partido, ele exigia a paz imediata com a Eurásia, ele defendia a liberdade de expressão, a liberdade de imprensa, a liberdade de reunião, a liberdade de pensamento, ele berrava histericamente dizendo que a revolução havia sido traída — e tudo isso em um discurso polissilábico rápido, uma espécie de paródia do estilo normal dos oradores do Partido, contendo ainda palavras em newspeak. Mais palavras em newspeak, na verdade, do que qualquer membro do Partido normalmente usaria na vida real. E, o tempo todo, para que não pairasse dúvidas quanto à realidade que a ladainha de Goldstein encobria, na teletela,

atrás de sua cabeça, marchavam fileiras intermináveis do exército eurasiático — colunas intermináveis de homens de aparência sólida com rostos asiáticos inexpressivos. Eles se aproximavam da tela e desapareciam, sendo substituídos por outros exatamente iguais. O ruído surdo e rítmico das botas dos soldados formava o pano de fundo para a voz esganiçada de Goldstein.

Antes que o Ódio chegasse aos trinta segundos, exclamações incontrolláveis de raiva irromperam de metade das pessoas na sala. O rosto satisfeito de ovelha na tela e o poder aterrorizante do exército eurasiático por detrás dele eram demais para suportar; além disso, a visão ou até mesmo pensar em Goldstein produzia medo e raiva automaticamente. Ele era um objeto de ódio mais constante do que a Eurásia ou a Lestásia, pois, quando a Oceânia estava em guerra com uma dessas potências, geralmente ficava em paz com a outra. Mas o que era estranho é que, embora Goldstein fosse odiado e desprezado por todos, embora todos os dias e mil vezes por dia, as suas teorias fossem refutadas, esmagadas, ridicularizadas, apresentadas ao olhar geral como o lamentável lixo que eram nas plataformas, na teletela, nos jornais e nos livros — apesar de tudo isso, sua influência nunca parecia diminuir. Sempre havia novos idiotas esperando para serem seduzidos por ele. Nunca se passou um dia sem que espões e sabotadores agindo

sob suas ordens não fossem desmascarados pela Polícia do Pensamento. Ele era o comandante de um vasto exército obscuro, uma rede subterrânea de conspiradores dedicados à derrubada do Estado. A Irmandade, como pareciam se chamar. Também havia histórias sussurradas sobre um livro terrível, um compêndio de todas as heresias, do qual Goldstein era o autor, que circulava clandestinamente por aí. Era um livro sem título. As pessoas se referiam a ele, se é que se referiam, simplesmente como O LIVRO. Mas só se sabia dessas coisas por meio de vagos rumores. Nem a Irmandade nem O LIVRO eram assuntos que qualquer afiliado comum do Partido mencionaria se tivesse como evitar.

Em seu segundo minuto, o Ódio atingiu o frenesi. As pessoas pulavam em seus lugares e gritavam a plenos pulmões, esforçando-se para abafar o balido enlouquecedor que vinha da tela. A pequena mulher de cabelos cor de palha tinha ficado suada e corada, sua boca se abria e se fechava como a de um peixe fora d'água. Até o rosto pesado de O'Brien estava vivo. Ele estava sentado muito ereto em sua cadeira, seu peito forte inchava e tremia como se ele enfrentasse o ataque de uma onda. A garota de cabelos negros atrás de Winston começou a gritar "Porco! Suíno! Porco!" e, de repente, ela pegou um pesado dicionário de newspeak e o jogou na tela. Atingiu o nariz de Goldstein e ricocheteou.

A voz continuou inexoravelmente. Em um momento de lucidez, Winston descobriu que estava gritando com os outros e batendo o calcanhar violentamente contra o pé da cadeira. O pior sobre o Dois Minutos de Ódio não era a obrigatoriedade de desempenhar um papel, mas, ao contrário, ser impossível evitar de participar. Em trinta segundos, qualquer fingimento era impossível. Um êxtase hediondo de medo e vingança, um desejo de matar, torturar e esmagar rostos com uma marreta, parecia fluir por todo o grupo como uma corrente elétrica, implantando em todos a vontade de berrar como loucos. E, no entanto, a raiva sentida era uma emoção abstrata e sem direção, podendo ser direcionada de um objeto para outro como a chama de um maçarico. Assim, por um momento, o ódio de Winston não se voltou contra Goldstein, mas contra o Big Brother, o Partido e a Polícia do Pensamento; e, nesses momentos, seu coração preferiu o herege solitário ridicularizado na tela, o único guardião da verdade e da sanidade em um mundo de mentiras. Mesmo assim, no instante seguinte, ele estava novamente de acordo com as pessoas ao seu redor, e tudo o que se dizia de Goldstein parecia ser verdade. Nesses momentos, a sua aversão secreta ao Big Brother transformava-se em adoração, e o Big Brother parecia se erguer como um protetor invencível e destemido, altivo como uma rocha contra as hordas da Ásia. Goldstein,

apesar de seu isolamento, seu desamparo e a dúvida que pairavam sobre sua própria existência, se parecia com um bizarro feiticeiro, capaz de destruir a estrutura da civilização pelo mero poder de sua voz.

Até era possível, em alguns momentos, mudar o foco do ódio de uma forma ou de outra como um ato voluntário. De repente, em um esforço violento como de alguém que levanta a cabeça do travesseiro depois de ter um pesadelo, Winston conseguiu transferir seu ódio do rosto na tela para a garota de cabelos negros atrás dele. Alucinações vívidas e belas passaram por sua mente. Ele a açoitaria até a morte com um cassetete de borracha. Ele a amarraria nua a uma estaca e a alvejaria com flechas como São Sebastião. Ele a violaria e cortaria sua garganta no momento do orgasmo. Finalmente, ele entendeu melhor o porquê de odiá-la. Ele a odiava porque ela era jovem, bonita e assexuada; porque ele queria ir para a cama com ela, mas nunca iria; porque em volta de sua cintura suave e flexível, que parecia pedir para ser envolvida com seu braço, havia aquela abjeta faixa escarlate, símbolo agressivo de castidade.

O Ódio atingiu seu clímax. A voz de Goldstein havia se tornado um verdadeiro balido de ovelha e, por um instante, seu rosto realmente mudou para o de uma ovelha. Em seguida, o rosto de ovelha se transformou em um soldado

eurasiano que parecia avançar, enorme e terrível, com sua submetralhadora rugindo; ele dava a impressão de que saltava da superfície da tela, de modo que algumas das pessoas na primeira fila chegaram a recuar para as suas cadeiras. Mas, no mesmo momento, arrancando um profundo suspiro de alívio de todos, a figura hostil se transmutou no rosto do Big Brother, com cabelos pretos, bigode preto, cheio de poder e de uma calma misteriosa, e tão vasto que enchia quase toda a tela. Ninguém ouvia o que o Big Brother estava dizendo. Foram apenas algumas palavras de encorajamento, o tipo de palavras que são pronunciadas no clamor de uma batalha, nada distinguíveis individualmente, porém capazes de restaurar a confiança pelo simples fato de serem proferidas. Depois disso, o rosto do Big Brother se dissipou mais uma vez e, nesse instante, os três slogans do Partido se destacaram em letras maiúsculas:

GUERRA É PAZ

LIBERDADE É ESCRAVIDÃO

IGNORÂNCIA É FORÇA

O rosto do Big Brother pareceu persistir por mais alguns segundos na tela, como se o impacto que ele causava aos olhos de todos fosse vívido demais para passar imediatamente. A

pequena mulher de cabelos cor de palha se atirou sobre o espaldar da cadeira à sua frente. Com um murmúrio trêmulo, que soou como “Meu salvador!”, ela estendeu os braços em direção à tela. Então, ela enterrou o rosto em suas mãos. Era evidente que estava rezando.

Nesse momento, todo o grupo começou a entoar um canto profundo, lento e ritmado: “BB! BB!” — repetindo as letras muito lentamente, com uma longa pausa entre o primeiro e o segundo “B” — um som pesado, murmurante, de alguma forma curiosamente selvagem, ao fundo do qual se parecia poder ouvir o bater de pés descalços e o ribombar de tom-tons. Por cerca de trinta segundos, eles continuaram assim. Era um refrão frequentemente ouvido em momentos de emoção incontrolável. Em parte, era uma espécie de hino à sabedoria e à majestade do Big Brother, no entanto, para além disso, era um ato de auto-hipnose, um afogamento deliberado da consciência por meio de um som rítmico. As entranhas de Winston pareceram congelar. No Dois Minutos de Ódio, ele não podia deixar de compartilhar do delírio geral, mas esse canto subumano de “BB! BB!” sempre o enchia de terror. Ele obviamente acompanhou o coro: era impossível fazer diferente. Dissimular seus sentimentos, controlar seu rosto, fazer o que todo mundo fazia eram uma reação instintiva. Mas houve um espaço de segundos durante o qual a

expressão de seus olhos poderia tê-lo traído. E foi exatamente nesse momento que aconteceu algo significativo — se é que realmente aconteceu.

Por um instante, a atenção de O'Brien se voltou para ele. O'Brien havia se levantado. Ele havia tirado os óculos e estava em vias de recolocá-lo no nariz com seu gesto característico. Mas houve uma fração de segundo em que seus olhos se encontraram e, quando isso aconteceu, Winston soube — sim, ele SABIA! — que O'Brien estava pensando a mesma coisa que ele. Uma mensagem clara havia sido comunicada. Era como se suas duas mentes tivessem se conectado e os pensamentos fluíssem de uma para a outra através de seus olhos. “Estou com você”, O'Brien parecia dizer a ele. “Eu sei exatamente o que você está sentindo. Sei tudo sobre seu desprezo, seu ódio, sua repulsa. Mas não se preocupe, estou do seu lado!”. E então o lampejo de inteligência se foi, o rosto de O'Brien ficou tão inescrutável quanto o de todos os outros.

Isso foi tudo, e ele já não tinha certeza se aquilo havia acontecido. Tais incidentes nunca tinham continuidade. Tudo o que faziam era manter viva nele a crença, ou a esperança, de que outros além dele eram inimigos do Partido. Talvez os rumores de vastas conspirações subterrâneas fossem verdade, afinal — talvez a Irmandade realmente existisse! Era impossível, apesar das intermináveis prisões, confissões e execuções,

ter certeza de que a Irmandade não era simplesmente um mito. Em alguns dias, ele acreditava nela, em outros não. Não havia evidências, apenas vislumbres fugazes que poderiam significar qualquer coisa ou nada: fragmentos de conversas ouvidas, débeis rabiscos nas paredes do banheiro — ou quando dois estranhos se encontravam, um pequeno movimento de suas mãos parecia ser um sinal de reconhecimento. Era tudo suposição: muito provavelmente, ele havia imaginado tudo aquilo. Ele voltou para seu cubículo sem olhar para O'Brien novamente. A ideia de dar prosseguimento ao contato momentâneo nem passou por sua cabeça. Seria absolutamente perigoso, mesmo se ele soubesse por onde começar. Por um segundo, dois segundos, eles trocaram um olhar ambíguo e esse era o fim da história. Mas mesmo isso tinha sido um acontecimento memorável na completa solidão em que eram obrigados a viver.

Winston se levantou e endireitou o corpo. Deixou escapar um arrote. O gin subia de seu estômago.

Seus olhos focalizaram novamente a página. Ele descobriu que, enquanto estava sentado, em seu transe mental, ele também havia escrito algo, como uma ação automática. E não era mais a mesma letra apertada e desajeitada de antes. Sua caneta havia deslizado voluptuosamente sobre o papel macio, imprimindo em grandes letras maiúsculas:

ABAIXO BIG BROTHER

ABAIXO BIG BROTHER

ABAIXO BIG BROTHER

ABAIXO BIG BROTHER

ABAIXO BIG BROTHER

várias e várias vezes, enchendo meia página.

Ele não pôde deixar de sentir uma pontada de pânico. Era um absurdo, já que escrever aquelas palavras em particular não era mais perigoso do que o ato inicial de abrir o diário, mas, por um momento, ele se sentiu tentado a arrancar as páginas usadas e abandonar aquela ideia.

Mas ele não o fez, pois sabia que era inútil. Se ele escreveu ABAIXO BIG BROTHER, ou se ele se absteve de escrever, não fazia diferença. Se ele continuaria com o diário ou não, não fazia diferença. A Polícia do Pensamento iria pegá-lo mesmo assim. Ele havia cometido — ainda teria cometido, mesmo que a caneta nunca tivesse tocado no papel — o crime essencial que continha todos os outros em si. Thoughtcrime, como o chamavam. O pensamento criminoso era algo que não podia ser escondido para sempre. Você pode se esquivar dele por algum tempo, até mesmo por anos, mas eles vão te pegar mais cedo ou mais tarde.

Sempre acontecia à noite — as prisões se davam invariavelmente à noite. Um repentino solavanco no sono,

uma mão áspera sacudindo seu ombro, luzes ofuscando sua visão, o círculo de rostos pétreos em volta da cama. Na grande maioria dos casos, não havia julgamento, nem boletim de prisão. As pessoas simplesmente desapareciam, sempre durante a noite. Seus nomes eram removidos dos registros, todos os registros de tudo o que você já fez seriam apagados, sua existência lhe seria negada e depois esquecida. Você seria abolido, aniquilado: VAPORIZADO era a palavra mais comum.

Por um momento, ele foi tomado por uma espécie de histeria. Ele começou a escrever em um garrancho apressado e desordenado:

eles vão me executar, eu não ligo, eles vão me dar um tiro na nuca, eu não ligo abaixo big brother, eles sempre atiram em você na nuca, eu não ligo abaixo o big brother...

Ele se recostou na cadeira, ligeiramente envergonhado de si mesmo, e largou a pena. No momento seguinte, recomeçou violentamente. Houve uma batida na porta.

Já?! Ele ficou imóvel como um rato, na vã esperança de que, quem quer que fosse, fosse embora depois de uma única tentativa. Mas não, a batida se repetiu. O pior de tudo

seria se demorasse para atender. Seu coração batia como um tambor, mas seu rosto, há muito treinado, provavelmente não tinha expressão. Ele se levantou e caminhou pesadamente em direção à porta.

Ao colocar a mão na maçaneta da porta, Winston notou que havia deixado o diário aberto sobre a mesa. ABAIXO BIG BROTHER estava escrito por toda parte, em letras quase grandes o suficiente para serem legíveis de qualquer ponto da sala. Era uma coisa inconcebível e estúpida de se fazer. Ele percebeu que, mesmo em pânico, não quis manchar o papel amarelado de tinta molhada enquanto fechava o livro.

Ele prendeu a respiração e abriu a porta. Instantaneamente, uma onda morna de alívio fluiu em seu corpo. Uma mulher pálida, de aparência abatida, com cabelos ralos e rosto enrugado estava do lado de fora.

— Olá, camarada — começou ela com uma voz melancólica e chorosa —, ouvi você entrar. Acha que poderia vir aqui dar uma olhada na nossa pia da cozinha? Está entupida e...

Era a sra. Parsons, a esposa de um vizinho do mesmo andar. (“Sra.” era uma palavra meio que descontinuada pelo Partido — todos deveriam se chamar de “camarada” —, mas,

com algumas mulheres, ele a usava instintivamente.) Ela era uma mulher de cerca de trinta anos, mas parecia muito mais velha. Dava a impressão de que havia poeira nas rugas de seu rosto. Winston a seguiu pelo corredor. Esses trabalhos de consertos domésticos eram uma irritação quase diária. O Mansões Vitória era um conglomerado de apartamentos antigos, construídos por volta de 1930, e estavam caindo aos pedaços. O gesso despencava constantemente dos tetos e das paredes, os canos arrebentavam a cada geada mais forte, o telhado gotejava sempre que havia neve, o sistema de aquecimento nunca funcionava direito, quando não era totalmente fechado por motivos de economia. Os reparos, exceto aqueles que pudessem ser feitos pelos moradores, tinham de ser aprovados por comitês remotos, os quais eram capazes de atrasar o conserto de uma vidraça por até dois anos.

— Claro que só estou pedindo isso porque Tom não está em casa — disse a sra. Parsons, distraída.

O apartamento dos Parsons era maior do que o de Winston, e desbotado de uma maneira diferente. Tudo tinha uma aparência maltratada e envelhecida, como se o lugar tivesse acabado de ser visitado por algum grande e violento animal. Os apetrechos esportivos — tacos de hóquei, luvas de boxe, uma bola de futebol murcha, um par de shorts suados virados do avesso — estavam espalhados pelo chão; e, sobre

a mesa, havia uma pilha de pratos sujos e apostilas cheias de orelhas. Nas paredes, destacavam-se flâmulas vermelhas da Liga da Juventude e da Liga dos Espiões, bem como um pôster em tamanho real do Big Brother. O cheiro habitual de repolho cozido, comum a todo o prédio, era acompanhado por um fedor ainda mais forte de suor, que — sabia-se disso à primeira fungada, embora fosse difícil dizer como — era o suor de uma pessoa que sequer estava presente naquele momento. Em outro cômodo, alguém com um pente e um rolo de papel higiênico tentava acompanhar a música militar que ainda saía da teletela.

— São as crianças — comentou a sra. Parsons, lançando um olhar meio apreensivo para a porta. — Elas não saíram hoje. E, claro...

Ela tinha o hábito de deixar suas frases pela metade. A pia da cozinha, que cheirava pior do que repolho, estava cheia quase até a borda com água suja e esverdeada. Winston ajoelhou-se e examinou o sifão na junta do cano. Ele odiava usar as mãos e odiava se curvar, o que sempre o fazia começar a tossir. A sra. Parsons parecia desesperada.

— É claro que se Tom estivesse em casa, ele consertaria — disse ela. — Ele adora fazer coisas assim. Ele é muito bom com as mãos, o Tom.

Parsons era colega de trabalho de Winston no Ministério da Verdade. Ele era um homem gordo, mas ativo, de uma

estupidez paralisante, uma massa de entusiasmos imbecis — uma daquelas pessoas totalmente inquestionáveis e devotadas das quais, mais até do que a Polícia do Pensamento, a estabilidade do Partido dependia. Aos trinta e cinco anos, ele havia acabado de ser desligado involuntariamente da Liga da Juventude e, antes de se formar na Liga da Juventude, conseguira permanecer na Liga dos Espiões por um ano além da idade legal. No Ministério, ele foi empregado em algum cargo subordinado no qual inteligência não era um atributo, mas, ainda assim, ele era uma figura importante no Comitê de Esportes e em todos os outros comitês envolvidos na organização de caminhadas comunitárias, manifestações espontâneas, campanhas de poupança e atividades voluntárias em geral. Ele o informaria com orgulho silencioso, entre as baforadas de seu cachimbo, que esteve presente todas as noites no Centro Comunitário nos últimos quatro anos. Um cheiro insuportável de suor, uma espécie de testemunho inconsciente do esforço que era sua vida, o acompanhava aonde quer que fosse, permanecendo até depois que ele já havia saído.

— Você tem uma chave inglesa? — perguntou Winston, mexendo na porca da junta.

— Uma chave inglesa — repetiu a sra. Parsons, tornando-se imediatamente uma invertebrada. — Não sei, quem sabe as crianças...

Quando as crianças entraram na sala, houve um tropel de botas e outra nota alta no pente. A sra. Parsons trouxe a ferramenta. Winston esgotou a água e, enojado, removeu o chumaço de cabelo humano que obstruía o cano. Ele limpou os dedos o melhor que pôde com a água gelada da torneira e voltou para o outro cômodo.

— Mãos ao alto! — gritou uma voz selvagem.

Um belo menino de nove anos e aparência séria surgiu de trás da mesa, ameaçando-o com uma pistola semiautomática de brinquedo, enquanto sua irmãzinha, cerca de dois anos mais nova, fazia o mesmo gesto com um pedaço de madeira. Ambos estavam vestidos com shorts azuis, camisetas cinza e lenços vermelhos, o uniforme dos Espiões. Winston ergueu as mãos acima da cabeça, tendo uma sensação incômoda. O comportamento do menino era tão violento que não se tratava somente de uma brincadeira.

— Você é um traidor! — berrou o menino. — Thoughtcrime! Você é um espião da Eurásia! Vou atirar e vaporizar você. Vou mandar você para as minas de sal!

De repente, ambos estavam pulando em volta dele, gritando tanto “Traidor!” quanto “Thoughtcrime!”. A menina imitava seu irmão em cada movimento. Era um pouco assustador, como as cambalhotas de filhotes de tigre que, ao crescerem, virarão comedores de homens. Havia uma

espécie de maldade calculista nos olhos do garoto, um desejo bastante evidente de bater e chutar Winston, e a consciência de ser quase grande o suficiente para isso. Ainda bem que ele não segurava uma pistola de verdade, pensou Winston.

Os olhos da sra. Parsons voaram nervosamente de Winston para as crianças, voltando, de novo, para o primeiro. Com a luz melhor da sala, ele notou, surpreendido, que realmente havia poeira nas rugas de seu rosto.

— Estão muito barulhentos — disse ela. — Ficaram decepcionados por não poderem ir ao enforcamento, é isso. Estou ocupada demais para levá-los e Tom não voltará do trabalho a tempo.

— Por que não podemos ir ver o enforcamento? — rugiu o menino com sua voz retumbante.

— Quer ver o enforcamento! Quer ver o enforcamento! — entoou a garotinha, ainda dando cambalhotas.

Alguns prisioneiros eurásianos, culpados por crimes de guerra, seriam enforcados no parque naquela noite, lembrou-se Winston. Isso acontecia cerca de uma vez por mês e era um espetáculo popular. As crianças sempre imploravam para assistir. Ele se despediu da sra. Parsons e se dirigiu para a porta. Não tinha sequer dado seis passos no corredor quando algo atingiu sua nuca em um golpe doloroso. Foi

como se um fio incandescente tivesse sido cravado nele. Ele se virou bem a tempo de ver a sra. Parsons arrastando o filho de volta para dentro enquanto o menino guardava um estilingue no bolso.

— Goldstein! — berrou o menino, quando a porta se fechou atrás dele. No entanto, o que deixou Winston mais impressionado foi a expressão de pavor impotente no rosto acinzentado da mulher.

De volta ao apartamento, ele passou rapidamente pela teletela e voltou a se sentar à mesa, ainda coçando o pescoço. A música da teletela havia parado. Em vez disso, uma voz militar clara lia, com uma espécie de prazer grosseiro, uma descrição dos armamentos da nova Fortaleza Flutuante que acabara de ancorar entre a Islândia e as Ilhas Faroé.

Com aquelas crianças, ele pensou, aquela mulher infeliz deve levar uma vida de terror. Mais um ano ou dois, eles a estarão observando noite e dia em busca de sintomas de heterodoxia. Nos dias de hoje, quase todas as crianças eram horríveis. O pior de tudo é que, por meio de organizações como os Espiões, elas foram sistematicamente transformadas em pequenos selvagens ingovernáveis, no entanto, isso não produzia nelas nenhuma tendência de se rebelar contra a disciplina do Partido. Pelo contrário, elas adoravam o Partido e tudo o que se relacionava a ele. Os hinos,

os desfiles, as bandeiras, as passeatas, os treinamentos com rifles de brinquedo, os gritos dos slogans, a adoração ao Big Brother — tudo era uma espécie de jogo entusiasmante para elas. Toda a sua ferocidade era voltada para fora, contra os inimigos do Estado, contra os estrangeiros, traidores, sabotadores, thought-criminals. Era praticamente normal que pessoas com mais de trinta anos tivessem medo dos próprios filhos. E com bons motivos, pois raramente se passava uma semana sem que o “The Times” trouxesse um parágrafo descrevendo como algum pequeno observador — “jovem herói” era o termo geralmente usado — havia captado alguma conversa comprometedora e denunciado seus pais à Polícia do Pensamento.

A dor aguda causada pelo estilingue havia acalmado. Sem muito ânimo, ele pegou sua pena e se perguntou se encontraria algo mais para escrever no diário. De repente, ele começou a pensar em O’Brien outra vez.

Anos atrás — há quanto tempo? Uns sete anos? —, ele sonhou que caminhava em um quarto escuro como breu. E, quando ele passou, alguém sentado ao seu lado disse: “Nos encontraremos em um lugar onde não haja escuridão.” Aquilo foi dito muito baixinho, quase casualmente — uma declaração, não uma ordem. Ele não parou de caminhar. O curioso é que, na hora, no sonho, as palavras não o impressionaram

muito. Apenas mais tarde e aos poucos, elas pareceram adquirir mais significado. Ele não conseguia se lembrar se fora antes ou depois do sonho que vira O'Brien pela primeira vez, nem se lembrava de quando identificara a voz como sendo a de O'Brien. Mas, de qualquer forma, a identificação existia. O'Brien era quem falara com ele no escuro.

Winston nunca tivera certeza — mesmo depois dos olhares daquela manhã, ainda era impossível ter certeza se O'Brien era amigo ou inimigo. Não importava muito. Havia um vínculo de compreensão entre eles, mais importante do que afeto ou partidatismo. “Nos encontraremos em um lugar onde não haja escuridão”, repetiu ele. Winston não sabia o que aquilo significava, apenas que, de alguma maneira, iria se tornar realidade.

A voz da teletela fez uma pausa. Um toque de trombeta, claro e belo, invadiu o ar estagnado. A voz rouca continuou:

“Atenção! Sua atenção, por favor! Uma newsflash acaba de chegar do front de Malabar. No sul da Índia, nossas forças obtiveram uma vitória gloriosa. Estou autorizado a dizer que essa ação pode levar a guerra a uma distância mensurável de seu fim. Essa é a newsflash...”

Más notícias à vista, pensou Winston. Certamente, após uma descrição sangrenta da aniquilação de um exército eurasiático, com estupendos números de mortos e prisioneiros,

veio o anúncio de que, a partir da próxima semana, a ração de chocolate seria reduzida de trinta para vinte gramas.

Winston arrotou novamente. O efeito do gin estava passando, deixando uma sensação de desânimo. A teletela — talvez para celebrar a vitória, talvez para afogar a memória do chocolate perdido — desembocou no *Oceânia, glória a ti*. Winston deveria estar em posição de sentido. No entanto, em sua localização atual, ele estava invisível.

Oceânia, glória a ti deu lugar a uma música mais suave. Winston foi até a janela, de costas para a teletela. O dia ainda estava frio e claro. Em algum lugar distante, um bomba-foguete explodiu com um rugido surdo e reverberante. Nos dias atuais, semanalmente, cerca de vinte ou trinta delas caíam em Londres.

Na rua, o vento tremulava o pôster rasgado, a palavra INGSOC aparecia e desaparecia intermitentemente. Ingsoc. Os princípios sagrados do Ingsoc. Newspeak, doublethink, a mutabilidade do passado. Era como se ele estivesse vagando em uma floresta no fundo do mar, perdido em um mundo bizarro no qual ele próprio era um monstro. Ele estava sozinho. O passado estava morto, o futuro era inimaginável. Neste momento, que certeza ele poderia ter de que pelo menos uma única criatura humana viva estaria ao seu lado? E como saber se o domínio do Partido não duraria PARA

SEMPRE? Como uma resposta, os três slogans na fachada branca do Ministério da Verdade voltaram à cabeça dele:

GUERRA É PAZ

LIBERDADE É ESCRAVIDÃO

IGNORÂNCIA É FORÇA

Ele tirou uma moeda de vinte e cinco centavos do bolso. Ali, também, em letras minúsculas e nítidas, os mesmos slogans estavam gravados e, na outra face da moeda, a efígie do Big Brother. Até na moeda, os olhos o perseguiram. Em moedas, em selos, em capas de livros, em faixas, em cartazes e nos maços de cigarros — em toda parte. Os olhos sempre o observam e a voz o envolvia. Dormindo ou acordado, trabalhando ou almoçando, dentro de casa ou ao ar livre, no banheiro ou na cama — não havia escapatória. Nada era seu, exceto os poucos centímetros cúbicos dentro de sua caixa craniana.

O sol tinha se movido, e as infinitas janelas do Ministério da Verdade, sem a luz brilhando em suas vidraças, pareciam sombrias como as seteiras de um castelo. Seu coração estremeceu diante da enorme forma piramidal. Era muito forte, não podia ser atacada. Mil bombas-foguete não a derrubariam. Perguntou-se novamente para quem ele escrevia seu diário. Para o futuro, para o passado — para uma época que pode ser imaginária. E,

diante dele, não estava a morte, mas a aniquilação. O diário seria reduzido a cinzas e ele próprio vaporizado. Apenas a Polícia do Pensamento o leria antes de apagá-lo da existência e da memória. Como seria possível apelar para o futuro se nenhum vestígio de você, nem mesmo uma palavra anônima rabiscada em um pedaço de papel, poderia sobreviver fisicamente?

A teletela bateu quatorze. Ele devia sair em dez minutos. Precisava estar de volta ao trabalho por volta das quatorze e trinta.

Curiosamente, o soar da hora pareceu lhe dar um novo ânimo. Ele era um fantasma solitário balbuciando uma verdade que ninguém jamais ouviria. Mas, enquanto ele a balbuciasse, de alguma forma, a continuidade se prolongaria. Não era se fazendo ouvir, mas se mantendo são, que seu legado humano sobreviveria. Ele voltou para a mesa, mergulhou a caneta e escreveu:

Para o futuro ou para o passado, para um tempo em que o pensamento seja livre, quando os homens serão diferentes uns dos outros e não viverão sozinhos — para um tempo em que a verdade exista e o que é feito não possa ser desfeito:

Da era da uniformidade, da era da solidão, da era do Big Brother, da era do doublethink — saudações!

Ele já estava morto, refletiu. Parecia que só agora, ao começar a formular seus pensamentos, é que dera o primeiro passo. As consequências de cada ato estão incluídas no próprio ato. Ele escreveu:

*Thoughtcrime não acarreta morte: thoughtcrime
É morte.*

Agora que ele se via como um homem morto, tornou-se importante permanecer vivo o maior tempo possível. Dois dedos de sua mão direita estavam manchados de nanquim. Era exatamente o tipo de detalhe que poderia gerar uma delação. Algum fanático intrometido no Ministério (uma mulher, provavelmente: alguém como a mulherzinha dos cabelos de palha ou a menina de cabelos pretos do Departamento de Ficção) poderia se perguntar o que ele andou escrevendo no horário do almoço, por que ele havia usado uma velha e antiquada pena, O QUÊ ele andou escrevendo — e depois faria uma insinuação no local adequado. Ele foi ao banheiro e esfregou cuidadosamente o nanquim com o sabão marrom-escuro, o qual raspava sua pele como uma lixa e, graças a isso, servia muito bem ao seu propósito.

Ele guardou o diário na gaveta. Era inútil tentar escondê-lo, mas, ao menos, dessa forma, ele poderia ter certeza

se sua existência havia sido descoberta ou não. Um fio de cabelo entre as páginas seria muito óbvio. Com a ponta do dedo, ele pegou um grão identificável de poeira branca e o depositou no canto da capa, de onde certamente seria sacudido se o livro fosse movido.

Winston estava sonhando com sua mãe. Ele devia ter dez ou onze anos, pensou, quando sua mãe desapareceu. Ela era uma mulher alta, forte, bastante silenciosa, com movimentos lentos e magníficos cabelos louros. Ele se lembrava, mais vagamente, de seu pai como moreno e magro, sempre vestido com roupas escuras elegantes (Winston se lembrava especialmente das solas muito finas dos sapatos de seu pai) e de seus óculos. Os dois deviam, evidentemente, ter sido engolidos em um dos primeiros grandes expurgos dos anos cinquenta.

Nesse momento, sua mãe estava sentada em algum lugar bem abaixo dele, com sua irmã mais nova nos braços. Ele não se lembrava de sua irmã, exceto como um bebê pequeno e fraco, sempre em silêncio, mas com olhos grandes e atentos. Ambas olhavam para ele lá em cima. Elas estavam em algum lugar subterrâneo — o fundo de um poço ou talvez uma sepultura muito profunda —, mas era um lugar que, embora

já estivesse abaixo dele, movia-se ainda mais para baixo. Elas estavam no salão de um navio que naufragava, olhando para ele através da água escura. Ainda havia ar no salão, elas ainda podiam vê-lo e ele a elas, mas elas não paravam de afundar nas águas esverdeadas que logo as engoliriam para sempre. Ele estava de fora, exposto à luz e ao ar, enquanto elas eram sugadas para a morte; e estavam lá porque ele estava aqui em cima. Ele sabia disso e elas também, e ele podia ver que elas sabiam disso claramente. Não existia reprovação em seus rostos ou em seus corações, apenas o conhecimento de que elas deveriam morrer para que ele pudesse permanecer vivo. Isso fazia parte da ordem inevitável das coisas.

Ele não conseguia se lembrar do que havia acontecido, mas sabia em seu sonho que, de alguma forma, as vidas de sua mãe e de sua irmã tinham sido sacrificadas em troca da sua. Foi um daqueles sonhos que, embora mantivesse o cenário onírico característico, era uma continuação da vida intelectual de uma pessoa, no qual se toma consciência de fatos e ideias que ainda parecem novos e valiosos depois de acordado. A única coisa que ocorreu a Winston foi que a morte de sua mãe, quase trinta anos atrás, tinha sido trágica e dolorosa de um jeito difícil de conceber. A tragédia, ele percebeu, pertencia aos tempos antigos, a uma época em que ainda havia privacidade, amor e amizade, quando os membros de

uma família se apoiavam sem precisarem de motivo. A memória de sua mãe esgarçou seu coração, porque ela morreu o amando quando ele era muito jovem e egoísta para amá-la de volta; porque de alguma forma que ele não se lembrava como, ela havia se sacrificado em prol de uma concepção de lealdade pessoal e inabalável. Essas coisas, ele entendeu, não poderiam mais acontecer hoje. Hoje havia medo, ódio e dor, mas nenhuma dignidade de emoção, nenhuma tristeza profunda ou complexa. Ele parecia ver tudo isso nos grandes olhos de sua mãe e de sua irmã, mirando-os através da água verde, centenas de braças abaixo e ainda afundando.

De repente, ele estava sobre uma grama baixa e verdejante, em uma tarde de verão, quando os raios oblíquos do sol douravam o solo. Aquela paisagem se repetia com tanta frequência em seus sonhos que ele nunca tinha certeza se existia ou não no mundo real. Em seus pensamentos lúcidos, ele a chamava de Terra Dourada. Era um antigo pasto habitado por coelhos, com uma trilha que serpenteava entre pequenos montes esparsos. Na cerca viva irregular do lado oposto desse campo, os ramos dos olmos balançavam levemente com a brisa, as folhas se moviam em densas massas como os cabelos de uma mulher. Em algum lugar próximo, embora fora de vista, havia um riacho límpido e lento, onde os patos nadavam nas lagoas sob os salgueiros.

A garota de cabelo preto caminhava na direção deles pelo pasto. Com o que pareceu um único movimento, ela arrancou suas roupas e as jogou de lado, despreocupada. Seu corpo era pálido e suave, mas não despertou desejo nele, na verdade, ele mal o percebeu. O que o dominou naquele instante foi a admiração pelo gesto com que ela havia jogado suas roupas. Com sua graça e displicência, parecia aniquilar toda uma cultura, todo um sistema de pensamento, como se o Big Brother, o Partido e a Polícia do Pensamento pudessem todos ser varridos para o nada por um único e esplêndido movimento de seus braços. Aquele também era um gesto pertencente aos velhos tempos. Winston acordou com a palavra “Shakespeare” em seus lábios.

A teletela emitia um assobio ensurdecedor, continuando com a mesma nota por trinta segundos. Eram sete e quinze, hora dos funcionários se levantarem para o trabalho. Winston descolou seu corpo da cama — nu, pois um afiliado do Partido recebia apenas 3 mil cupons de roupas por ano; e um pijama custava 600 —, alcançou uma camiseta encardida e uma cueca que estavam sobre uma cadeira. O Exercícios Físicos começaria em três minutos. No momento seguinte, ele se viu dobrado por um violento ataque de tosse que quase sempre o atacava ao acordar. Esvaziou seus pulmões tão completamente que só voltou a respirar quando se deitou

de costas, suspirando profundamente várias vezes. Suas veias incharam com o esforço da tosse e a úlcera varicosa começou a coçar.

— Grupos de trinta a quarenta! — ganiu uma voz feminina lancinante. — Grupos de trinta a quarenta! Em seus lugares, por favor. Trinta ao quarenta!

Winston saltou para a frente da teletela, lugar em que já estava a imagem de uma mulher jovem e esquelética, porém musculosa, vestida com uma túnica e um par de tênis.

— Braços flexionados e estendidos! — ela comandou. — Comigo, vamos. Um, dois, três, quatro! Um, dois, três, quatro! Vamos, camaradas, ânimo! Um, dois, três, quatro! Um, dois, três, quatro!

A dor, ocasionada pelo acesso de tosse, não conseguiu expulsar completamente da mente de Winston a impressão causada por seu sonho, e os movimentos rítmicos a mantiveram por ainda mais tempo. Enquanto ele balançava os braços mecanicamente para frente e para trás, exibindo no rosto a austera expressão de prazer, considerada adequada durante o Exercícios Físicos, ele lutava para pensar em como retroceder ao período obscuro de sua infância. Era extraordinariamente difícil. Depois do final dos anos de 1950, tudo se tornou desbotado. Quando não havia registros externos aos quais fosse possível consultar, até mesmo o esboço de sua

própria vida perdia a nitidez. As pessoas se lembravam de grandes eventos que muito provavelmente não aconteceram; lembravam-se de detalhes dos incidentes sem serem capazes de recapturar sua atmosfera; e existiam longos períodos em branco, os quais ninguém conseguia atribuir nada. Tudo era diferente, nesse tempo. Até os nomes dos países e suas formas no mapa. A Faixa Aérea 1, por exemplo, não tinha esse nome naquela época: era chamada de Inglaterra ou Grã-Bretanha, embora Londres, ele tinha quase certeza, sempre tenha se chamado Londres.

Winston não conseguia se lembrar com clareza de uma época em que seu país não estivesse em guerra, no entanto, era evidente que tinha existido um longo intervalo de paz durante sua infância, porque uma de suas primeiras lembranças era a de um ataque aéreo que pareceu surpreender a todos. Talvez tenha sido na época em que a bomba atômica caiu em Colchester. Ele não se lembrava do ataque em si, mas tinha a memória da mão de seu pai segurando a sua enquanto, apressados, desciam, desciam mais e mais para algum lugar nas profundezas da terra, descendo em círculos e sem parar em uma escada em espiral que ressoava sob seus pés, até que, finalmente, cansou de usar suas pernas e começou a choramingar, porque precisava parar para descansar. Sua mãe, com seu jeito lento e sonhador, os seguia, muito atrás. Ela carregava

sua irmãzinha — ou talvez fosse apenas um pacote de cobertores? Ele não tinha certeza se sua irmã já havia nascido ou não. Finalmente, eles adentraram em um lugar barulhento e lotado, que ele percebeu ser uma estação de metrô.

Havia pessoas sentadas por todo o chão de concreto; outras pessoas, bem juntas, sentavam-se em beliches de metal, umas sobre as outras. Winston, sua mãe e seu pai encontraram um lugar no chão e, perto deles, um velho e uma velha estavam sentados lado a lado em um dos beliches. O velho vestia um terno escuro decente e uma boina de pano preta, jogando para trás o seu cabelo muito branco: seu rosto estava vermelho e seus olhos azuis cheios de lágrimas. Ele sentiu cheiro de gin. Parecia brotar de sua pele em vez de suor, e alguém poderia supor que as lágrimas que rolavam de seus olhos eram puro gin. Mas, embora ligeiramente bêbado, também sofria uma dor genuína e insuportável. Com seu jeito infantil, Winston percebeu que algo terrível, algo que estava além do perdão e que nunca poderia ser remediado, havia acabado de acontecer. Também lhe pareceu que sabia o que era. Alguém que o velho amava — uma netinha, talvez — havia morrido. A cada poucos minutos, o velho repetia:

— Não devíamos ter confiado neles. Eu falei, mãe, não falei? É isso o que acontece quando se confia neles. Falei isso o tempo todo. Não devíamos ter confiado nos canalhas.

Mas em quais canalhas eles não deveriam ter confiado, Winston não conseguia se lembrar agora.

Desde então, a guerra fora literalmente contínua, embora, estritamente falando, nem sempre tenha sido a mesma guerra. Por vários meses, durante a sua infância, confusas batalhas de rua ocorreram na própria Londres, algumas das quais ele se lembrava vividamente. Mas traçar a história de todo o período, dizer quem estava lutando contra quem em determinado momento, era totalmente impossível, uma vez que nenhum registro escrito e nenhuma palavra falada jamais fez menção a qualquer outro alinhamento que não o atual. Nesse momento, por exemplo, em 1984 (se é que estamos em 1984), a Oceânia estava em guerra com a Eurásia e em aliança com a Lestásia. Nenhuma declaração pública ou privada jamais admitiu que os três poderes tinham sido, algum dia, agrupados de maneira diferente. Na verdade, como Winston bem sabia, fazia apenas quatro anos que a Oceânia estava em guerra com a Lestásia e em aliança com a Eurásia. Mas isso era apenas um conhecimento furtivo que, por acaso, ele possuía, porque sua memória não estava satisfatoriamente sob controle. Oficialmente, a mudança de lados nunca havia acontecido. A Oceânia estava em guerra com a Eurásia: portanto, a Oceânia *sempre* estivera em guerra com a Eurásia. O inimigo do momento sempre representava

o mal absoluto. Daí, qualquer acordo passado ou futuro seria impossível.

O mais assustador, ele refletiu — pela milionésima vez ao forçar seus ombros dolorosamente para trás (com as mãos nos quadris, eles giravam seus corpos acima da cintura, um exercício que deveria ser bom para os músculos das costas) —, o mais assustador era que tudo poderia ser verdade. Se o Partido pudesse controlar o passado e decidir que este ou aquele evento NUNCA ACONTECEU, isso certamente seria mais aterrorizante do que a mera tortura ou a morte.

O Partido dizia que a Oceânia nunca se aliara com a Eurásia. Ele, Winston Smith, sabia que a Oceânia havia se aliado a Eurásia há apenas quatro anos. Mas onde existe essa informação? Apenas em sua própria mente, que no melhor dos casos será aniquilada em breve. E se todos os outros aceitassem a mentira imposta pelo Partido — se todos os registros contassem a mesma história —, então, a mentira passaria a ser a história e se tornaria a verdade. “Quem controla o passado”, dizia o slogan do Partido, “controla o futuro; quem controla o presente, controla o passado.” E, no entanto, o passado, embora de natureza alterável, nunca fora realmente alterado. O que quer que fosse verdade agora seria verdade por toda a eternidade. Era muito simples. Só

bastava uma série interminável de vitórias sobre a sua própria memória. “Controle da realidade”, era como o chamavam. Em newspeak: “doublethink”.

— Relaxem! — vociferou a instrutora, de maneira um pouco mais cordial.

Winston largou os braços ao longo do corpo e, lentamente, voltou a encher os pulmões de ar. Sua mente deslizou para o mundo labiríntico do doublethink. Saber e não saber, ter consciência da verdade completa contando mentiras cuidadosamente construídas; ter simultaneamente duas opiniões que se anulam, sabendo que são contraditórias e, mesmo assim, acreditar em ambas; usar a lógica contra a lógica, repudiar a moralidade enquanto a reivindica, acreditar que a democracia era impossível e que o Partido era o guardião da democracia; esquecer-se de tudo o que fosse necessário esquecer e depois trazer o fato de volta à memória quando fosse necessário, e, então, prontamente esquecê-lo de novo. E, acima de tudo, aplicar o mesmo processo ao próprio processo. Essa era a sutileza final: conscientemente induzir-se à inconsciência e, assim, mais uma vez, tornar-se inconsciente do ato de hipnose que você próprio acabou de realizar. Até mesmo para entender a palavra “doublethink” era necessário usar o doublethink.

A instrutora chamou a atenção deles novamente:

— Agora, veremos quem consegue tocar os dedos dos pés! — ela declarou com entusiasmo. — Dobrando a cintura, vamos, camaradas. Um, dois! Um, dois!

Winston detestava esse exercício, que lhe causava dores agudas dos calcanhares às nádegas e, muitas das vezes, acabava provocando nele outro ataque de tosse. A sensação quase agradável desapareceu de suas meditações. O passado, ele refletiu, não havia apenas sido alterado, mas sim destruído. Seria possível estabelecer até mesmo o fato mais óbvio quando não existia nenhum registro além de sua própria memória? Ele tentou se lembrar em que ano ouvira falar pela primeira vez do Big Brother. Talvez em algum momento dos anos 1960, mas era impossível ter certeza. Na história do Partido, é claro, o Big Brother figurava como o líder e o guardião da Revolução desde os seus primeiros dias. Suas façanhas tinham sido empurradas para trás no tempo gradualmente, até se estenderem ao mundo fabuloso dos anos 1930 e 40, quando os capitalistas em seus estranhos chapéus cilíndricos ainda andavam pelas ruas de Londres em reluzentes carros motorizados ou carruagens envidraçadas. Não havia como saber quanto dessa lenda era verdadeira e quanto fora inventada. Winston não conseguia nem se lembrar em que data o próprio partido havia surgido. Ele achava ter ouvido a palavra Ingsoc somente depois de 1960, mas talvez em sua forma oldspeak: “English Socialism”

ou “Socialismo Inglês”, sua antiga forma corrente. Tudo desaparecia na névoa. Às vezes, de fato, poderíamos apontar uma mentira definitiva. Não era verdade, por exemplo, como se afirmava nos livros de história do Partido, que o Partido havia inventado os aviões. Ele se lembrava dos aviões desde muito pequeno. Mas era impossível provar alguma coisa. Nunca existia qualquer evidência. Em toda a sua vida, apenas uma vez, ele teve nas mãos a prova documental inconfundível da falsificação de um fato histórico. E, nessa ocasião...

— Smith! — gritou a voz da megera da teletela. — 6079 Smith W.! Sim, você! Abaixese, por favor! Você pode fazer melhor que isso. Você não está tentando. Abaixese mais, por favor! ASSIM está melhor, camarada. Agora, fiquem à vontade, todo o grupo, e me observem.

Um súbito suor quente brotou em todo o corpo de Winston. Seu rosto permanecia completamente inescrutável. Nunca demonstre desânimo! Nunca demonstre ressentimento! Um mero piscar de olhos pode denunciá-lo. Ele ficou observando enquanto a instrutora erguia os braços acima da cabeça — não se poderia dizer com graça, mas com notável precisão e eficiência —, abaixava-se e colocava a primeira junta dos dedos das mãos sob os próprios pés.

— ASSIM, camaradas! É ASSIM que eu quero ver vocês fazendo. Observem novamente. Tenho trinta e nove

anos e quatro filhos. Agora, vejam. — Ela se curvou outra vez. — Vejam, MEUS joelhos não estão dobrados. Todos podem fazer isso, se quiserem. — acrescentou enquanto se endireitava: — Qualquer pessoa com menos de quarenta e cinco anos é perfeitamente capaz de tocar os dedos dos pés. Nem todos temos o privilégio de lutar na linha de frente, mas pelo menos podemos nos manter em forma. Lembrem-se de nossos meninos no front de Malabar! E os marinheiros nas Fortalezas Flutuantes! Pense no que ELES têm de suportar. Agora, tentem outra vez. Assim está melhor, camarada, MUITO melhor — acrescentou ela, encorajando-o, enquanto Winston, com uma investida violenta, conseguiu tocar os dedos dos pés sem dobrar os joelhos pela primeira vez em vários anos.

Com um suspiro profundo e distraído que nem mesmo a proximidade da teletela conseguiu refrear bem no começo do seu dia de trabalho, Winston puxou o speakwrite para si, soprou a poeira do microfone e ajeitou os óculos. Em seguida, desenrolou e alisou quatro pequenos cilindros de papel que já tinham caído do tubo pneumático do lado direito de sua mesa.

Nas paredes do cubículo, existiam três orifícios. À direita do speakwrite, havia um pequeno tubo pneumático para mensagens escritas; à esquerda, um tubo maior para jornais; e, na parede lateral, ao alcance do braço de Winston, uma grande fenda retangular protegida por uma grade de arame. Este último era o descarte de papéis. Existiam outras milhares ou dezenas de milhares de fendas semelhantes no prédio, não apenas em cada sala, mas em intervalos curtos em todos os corredores. Por alguma razão, foram apelidados de *memory holes* — ou “buracos da memória”. Quando algum documento devia ser destruído, ou mesmo quando qualquer

pedaço de papel estivesse no chão, era automático levantar a aba do buraco da memória mais próximo e jogá-lo ali dentro. Assim, ele seria levado por uma corrente de ar quente para longe, até os enormes fornos escondidos em algum lugar nas entranhas do edifício.

Winston examinou os quatro pedaços de papel que tinha desenrolado. Cada um continha mensagens de uma ou duas linhas apenas, no jargão abreviado — não era realmente newspeak, mas grande parte das palavras estava em newspeak — usado internamente no Ministério. Eles diziam:

times 17.3.84 discurso bb áfrica falha registro
retificar

times 19.12.83 prev 3a 4tri edição atual revisar
83 erros

times 14.2.84 miniplenty chocolate falha registro
retificar

times 3.12.83 relatando bb ordemdia
doubleplusungood ref despesoas reeditar integral
aval sup pré-arq

Com uma leve sensação de satisfação, Winston deixou a quarta mensagem de lado. Era um trabalho complexo e de responsabilidade, então, era melhor cuidar dele por último. Os outros três eram assuntos corriqueiros, embora o segundo

provavelmente significasse uma extenuante jornada por inúmeras planilhas.

Winston digitou “edições anteriores” na teletela e pediu os números que precisava do “The Times”, que deslizaram para fora do tubo depois de alguns minutos. As mensagens que recebera se referiam a artigos ou notícias que, por uma razão ou outra, julgava-se necessário alterar ou, como dizia o jargão oficial, retificar. Por exemplo, o “The Times” de 17 de março dizia que o Big Brother, em seu discurso do dia anterior, previra que o front sul da Índia permaneceria calmo, mas que uma ofensiva eurásiana seria lançada em breve no Norte da África. Por acaso, o Comando Superior da Eurásia lançou sua ofensiva no sul da Índia e deixou o norte da África em paz. Foi necessário, portanto, reescrever aquele trecho do discurso do Big Brother, de tal modo que fizesse com que ele realmente tivesse previsto o que aconteceria. Ou, ainda, o “The Times” de 19 de dezembro, que havia publicado as previsões oficiais da produção de várias classes de bens de consumo no quarto trimestre de 1983, sendo conhecido também como o sexto trimestre do 9º Plano Trienal. A edição continha a declaração da produção real, o que revelava que as previsões estavam totalmente erradas em todos os casos. O trabalho de Winston era retificar os números originais, fazendo-os concordar com os posteriores. Quanto à terceira

mensagem, referia-se a um erro muito simples que poderia ser corrigido em alguns minutos. Ainda a pouco, em fevereiro, o Ministério da Fatura havia feito uma promessa (uma “promessa categórica” foram as palavras oficiais) de que não haveria redução da ração de chocolate em 1984. Na verdade, como Winston sabia, a ração de chocolate deveria ser reduzida de trinta para vinte gramas no final dessa semana. Bastava substituir a promessa original por um aviso de que provavelmente seria necessário reduzir a ração em algum momento de abril.

Assim que Winston cuidou das primeiras mensagens, ele juntou suas correções ditadas no *speakwrite* para a redação apropriada do “The Times” e as encaixou no tubo pneumático. Então, movimentando-se da forma mais inconsciente possível, ele amassou a mensagem original e todas as suas anotações, jogando-as no buraco da memória para serem devoradas pelas chamas.

Ele não sabia em detalhes para qual lugar o labirinto invisível de tubos pneumáticos levava, mas tinha alguma noção. Assim que todas as correções necessárias em uma edição específica do “The Times” fossem reunidas e agrupadas, aquela edição seria reimpressa, sua cópia original seria destruída e uma cópia corrigida seria colocada nos arquivos em seu lugar. Esse processo de alteração contínua

era aplicado não apenas aos jornais, mas a livros, revistas, panfletos, cartazes, folhetos, filmes, trilhas sonoras, desenhos animados, fotografias — a todo o tipo de literatura ou documentos que pudessem ter qualquer significado político ou ideológico. Dia a dia e quase minuto a minuto, o passado era atualizado. Assim, todas as previsões feitas pelo Partido poderiam ser comprovadas como corretas por meio de provas documentais. Qualquer notícia ou qualquer expressão de opinião que entrasse em conflito com as necessidades do momento não se mantinham registradas. A história era um palimpsesto que era raspado e reesculpido sempre que necessário. Uma vez feita a reescrita, era impossível provar que alguma falsificação tivesse ocorrido. A maior seção do Departamento de Registros, muito maior do que aquela em que Winston trabalhava, consistia simplesmente de pessoas cujo dever era rastrear e coletar todas as cópias antigas dos livros, jornais e outros documentos que deveriam ser destruídos. Uma edição do “The Times” reescrita uma dúzia de vezes em razão de mudanças no alinhamento político, ou de profecias equivocadas do Big Brother, mantinha-se nos arquivos com sua data original, assim, não existia nenhuma outra cópia para contradizê-la. Havia também a apreensão de livros, reescritos repetidas vezes, e reeditados depois sem qualquer admissão de alterações. Mesmo as instruções por

escrito que Winston recebera, e das quais ele invariavelmente se livrava assim que as implementava, nunca declaravam ou sugeriam qualquer ato de falsificação: a referência era sempre endereçada a lapsos, correções, erros de impressão ou citações infelizes que deveriam ser alteradas pelo interesse da exatidão.

Mas, na verdade, ele pensou, reajustando os números do Ministério da Fartura, não se tratava nem mesmo de falsificação. Era apenas a substituição de uma bobagem por outra. A maior parte do material com o qual lidava não tinha conexão com o mundo real, nem mesmo o tipo de conexão que está dentro de uma mentira óbvia. As estatísticas eram tão fantasiosas em sua versão original quanto em sua versão retificada. Na maior parte do tempo, esperava-se até que o funcionário as inventasse. Por exemplo, a previsão do Ministério da Fartura estimou a produção de botas para o trimestre em 145 milhões de pares. A produção real foi de sessenta e dois milhões. Winston, entretanto, ao reescrever a previsão, reduziu o número para cinquenta e sete milhões, de modo que permitisse a alegação usual de que a cota havia sido superada. De qualquer maneira, sessenta e dois milhões não estavam mais perto da verdade do que cinquenta e sete milhões, ou mesmo 145 milhões. Muito provavelmente, nenhuma bota havia sido produzida. Era

mais provável ainda que ninguém soubesse quantas tinham sido produzidas, ou quem se importasse com isso. Tudo o que se sabia era que, a cada trimestre, números astronômicos de botas eram produzidos no papel ao mesmo tempo em que, talvez, metade da população da Oceânia andasse descalça. E assim era com todas as classes de fatos registrados, fossem grandes ou pequenos. Tudo se desvanecia em um mundo de sombras no qual, no final das contas, até mesmo o ano em que ocorreram se tornava incerto.

Winston olhou para o outro lado do corredor. Na baia imediatamente oposta, um homem pequeno, de aparência cartesiana e cavanhaque, chamado Tillotson, trabalhava concentrado. Ele tinha um jornal dobrado sobre os joelhos e a boca muito próxima do bocal do speakwrite. Como se contasse um segredo, o homem parecia tentar manter entre ele e a teletela o que dizia. Olhou para cima e seus óculos lançaram uma faísca hostil na direção de Winston.

Winston mal o conhecia e não tinha ideia do trabalho em que se empenhava. As pessoas do Departamento de Registros não conversavam sobre suas tarefas. No longo corredor sem janelas, com sua fileira dupla de baias e seu interminável farfalhar de papéis e murmúrios nos speakwrites, existia uma dúzia de pessoas que Winston nem conhecia pelo nome, embora diariamente as visse apressadas

pelos corredores ou gesticulando no Dois Minutos de Ódio. Ele sabia que, no cubículo ao lado dele, a pequena mulher de cabelos de palha trabalhava diariamente, simplesmente rastreando e apagando da Imprensa os nomes das pessoas que tinham sido vaporizadas e, portanto, tratadas como se nunca tivessem existido. Havia um certo sarcasmo nisso, já que seu próprio marido tinha sido vaporizado alguns anos antes. E, a algumas baias de distância, uma criatura sonhadora, suave e ineficaz, chamada Ampleforth, com orelhas muito peludas e um surpreendente talento para fazer malabarismos com rimas e métricas, empenhava-se em produzir versões deturpadas — textos definitivos, como eram chamados — de poemas que haviam se tornado ideologicamente ofensivos, mas que, por uma razão ou outra, ainda eram mantidos nas antologias. E esse corredor, com seus cinquenta e tantos operários, era apenas uma subseção, uma única célula, por assim dizer, na enorme complexidade do Departamento de Registros. Acima e abaixo, havia mais enxames de empenhados operários em uma variedade inimaginável de trabalhos. Lá, ficavam as imensas gráficas com seus subeditores, seus especialistas em tipografia e seus complexos estúdios para a falsificação de fotos. Existia a seção de teleprogramas com seus engenheiros, produtores e equipes de atores especialmente escolhidos por suas habilidades em imitar vozes. Havia exércitos de

bibliotecários cujo trabalho era simplesmente fazer listas de livros e periódicos que deviam ser trocados. Tinham vastos armazéns onde os documentos antigos eram armazenados e suas cópias originais eram destruídas em fornalhas secretas. E, em lugares estratégicos, bastante anônimos, existiam os cérebros pensantes que coordenavam todo esse esforço, os quais estabeleciam a delineação política que tornava necessária a preservação de determinado fragmento do passado, da falsificação de um e do apagamento existencial de outro.

E, afinal, o Departamento de Registros era em si apenas uma das inúmeras ramificações do Ministério da Verdade, cuja principal função não era reconstruir o passado, mas fornecer aos cidadãos da Oceânia jornais, filmes, livros didáticos, programas de teletela, peças de teatro, romances — com todo tipo concebível de informação, instrução ou entretenimento, de uma estátua a um slogan, de um poema lírico a um tratado de biologia, de um livro de caligrafia para crianças a um dicionário de newspeak. E o Ministério não tinha que suprir só as intrincadas necessidades do Partido, também precisava replicar toda a operação em um nível inferior para o benefício do proletariado. Havia toda uma variedade de departamentos independentes lidando com literatura proletária, música, drama e entretenimento popular. Ali eram produzidos jornais medonhos que continham quase

nada além de esporte, crime e astrologia, novelas sensacionalistas de cinco centavos, filmes repletos de sexo e canções sentimentais compostas inteiramente por meios mecânicos, num tipo especial de caleidoscópio conhecido como versificador. Existia até uma subseção inteira — Pornosec, como era chamada em newspeak — responsável por produzir o tipo mais baixo de pornografia, que então era enviada em pacotes lacrados e que nenhum afiliado do Partido, exceto aqueles que trabalhavam em sua produção, tinha permissão de ver.

Três mensagens tinham chegado do tubo pneumático enquanto Winston trabalhava, mas eram problemas simples, e ele as resolvera antes do Dois Minutos de Ódio começar. Quando o Ódio acabou, ele voltou à baía, pegou o dicionário de newspeak da prateleira, empurrou o speakwrite para o lado, limpou os óculos e se preparou para o principal trabalho da manhã.

O maior prazer de Winston na vida era seu trabalho. Na maior parte do tempo, era uma rotina tediosa, mas incluídos nela também existiam trabalhos tão difíceis e intrincados que era normal se perder neles, como nas profundezas de um problema matemático —delicadas peças falsas nas quais não havia nenhuma pista a seguir, exceto seu conhecimento dos princípios do Ingsoc e sua suposição do que o Partido gostaria de ver publicado. Winston era bom nesse tipo de coisa.

Ocasionalmente, ele era incumbido até mesmo de retificar artigos principais do “The Times”, escritos inteiramente em newspeak. Ele desenrolou a mensagem que havia deixado de lado antes. Dizia:

times 3.12.83 relatando bb ordemdia doubleplu-
sungood ref despessoas reeditar integral aval sup
pré-arq

Em oldspeak (ou inglês padrão), poderia ser traduzido como:

A reportagem da Ordem do Dia do Big Brother no “The Times” de 3 de dezembro de 1983 é extremamente insatisfatória e faz referências a pessoas inexistentes. Reescreva-a na íntegra e envie seu rascunho a uma autoridade superior antes de arquivá-la.

Winston leu o artigo ofensivo. A Ordem do Dia do Big Brother, ao que parecia, tinha se dedicado principalmente a elogiar o trabalho de uma organização conhecida como FFCC, que fornecia cigarros e outros agrados aos marinheiros nas Fortalezas Flutuantes. Um certo camarada Withers, um importante membro da Executiva do Partido, fora escolhido para uma menção especial e condecorado com a Ordem de Claro Mérito, Segunda Classe.

Três meses depois, a FFCC foi dissolvida repentinamente e sem nenhuma razão aparente. O que presumia Withers e seus parceiros haviam caído em desgraça, mas não havia nenhum relato sobre o assunto na Imprensa ou na teletela. Isso era de se esperar, pois não era comum que infratores políticos fossem julgados ou mesmo denunciados publicamente. Os grandes expurgos de milhares de pessoas, com julgamentos públicos de traidores e thought-criminals confessando seus crimes abjetos para depois serem executados eram encenações especiais que ocorriam somente de anos em anos. Era mais comum que as pessoas que incorressem no desagrado do Partido simplesmente desaparecessem sem nunca mais se ouvir falar delas. Nunca se fazia a menor ideia do que havia acontecido com eles. Em alguns casos, podiam nem estar mortos. Talvez trinta pessoas que Winston conhecia pessoalmente, sem contar seus pais, tivessem desaparecido ao longo de sua vida.

Winston coçou o nariz com um clipe de papel. Na baía do outro lado do corredor, o camarada Tillotson continuava curvado sobre o seu speakwrite. Ele ergueu a cabeça por um momento: novamente a sensacional faísca de hostilidade. Winston se perguntou se o camarada Tillotson realizava a mesma tarefa que ele. Era perfeitamente possível. Uma obra tão complicada nunca seria confiada a uma única pessoa: por

outro lado, entregá-la a um comitê seria admitir abertamente que um ato de fabricação estava em andamento. Uma dúzia de pessoas muito provavelmente devia estar trabalhando em versões concorrentes do que o Big Brother teria realmente dito. E, na hora certa, algum cérebro da Executiva do Partido escolheria qual versão oficializar, iria reeditá-la e colocaria em movimento os complexos processos de referência cruzada que seriam necessários, e então a mentira escolhida passaria para os registros permanentes e se tornaria verdade.

Winston não sabia por que Withers havia se desgraçado. Talvez fosse corrupção ou incompetência. Talvez o Big Brother estivesse apenas se livrando de um subordinado popular demais. Talvez Withers ou alguém próximo a ele fosse suspeito de tendências heréticas. Ou talvez — o que era mais provável — tudo tivesse acontecido simplesmente porque expurgos e vaporizações eram uma parte necessária da mecânica do governo. A única pista real estava nas palavras “ref des pessoas”, o que indicava que Withers já estava morto. Não se podia presumir, quando as pessoas eram presas, que sempre fosse esse o caso. Às vezes, eles eram soltos e podiam permanecer em liberdade por um ou dois anos antes de serem executados. Ocasionalmente, alguma pessoa que se acreditava estar morta há muito tempo fazia uma reaparição fantasmagórica em algum julgamento público, no qual denunciaria

centenas de outras pessoas com seu testemunho antes de desaparecer — desta vez, para sempre. Withers, no entanto, já era uma UNPERSON. Ele não existia: ele nunca existira. Winston decidiu que não bastaria simplesmente inverter o tema do discurso do Big Brother. Era melhor fazer com que se tratasse de algo totalmente alheio ao seu assunto original.

Ele poderia transformar o discurso na usual denúncia de traidores e thought-criminals, mas isso seria óbvio demais. Ao mesmo tempo, inventar uma vitória no front, ou algum triunfo da superprodução no 9º Plano Trienal, poderia envolver alterações em outros registros. Era preciso um toque de pura fantasia. De repente, brotou em sua mente a imagem de um certo camarada, chamado Ogilvy, que morrera recentemente em batalha, em circunstâncias heroicas. Em algumas ocasiões, o Big Brother dedicava sua Ordem do Dia para enaltecer algum humilde membro do Partido, cuja vida e morte ele considerava um exemplo digno de ser seguido. Hoje, ele comemoraria o camarada Ogilvy. Na verdade, nunca existira um tal camarada Ogilvy, mas algumas linhas e fotos falsas logo o trariam à existência.

Winston pensou por um momento, então, puxou o speakwrite para perto e começou a ditar no familiar estilo do Big Brother: um estilo fácil de imitar, ao mesmo tempo era militar e pedante, com o truque de fazer perguntas para

respondê-las em seguida (“Quais lições aprendemos com este fato, camaradas? A lição, que também é um dos princípios fundamentais do Ingsoc, é que etc. etc.).

Aos três anos, o camarada Ogilvy recusou todos os seus brinquedos, exceto um tambor, uma submetralhadora e um helicóptero de montar. Aos seis — um ano antes do prazo, por um relaxamento especial das regras —, ele se juntou aos Espiões; aos nove, ele já era um líder de tropa. Aos onze, ele denunciou seu tio à Polícia do Pensamento depois de ouvir uma conversa que parecia ter tendências criminosas. Aos dezessete, ele fora organizador distrital da Liga Juvenil Antissexo. Aos dezenove, ele projetou uma granada de mão que foi adotada pelo Ministério da Paz e que, em seu primeiro teste, matou trinta e um prisioneiros eurásianos de uma só vez. Aos vinte e três anos, ele morreu em ação. Perseguido por jatos inimigos enquanto sobrevoava o Oceano Índico com despachos importantes, ele saltou de seu helicóptero para as águas profundas com sua metralhadora, documentos e tudo o mais — um fim, conforme disse o Big Brother, impossível de contemplar sem sentimentos de inveja. O Big Brother acrescentou algumas observações sobre a pureza e a obstinação da vida do camarada Ogilvy. Ele era um abstinente total, não fumante, sem recreações, exceto uma hora diária de musculação. Havia feito voto de celibato, acreditando que

o casamento e o cuidado de uma família seriam incompatíveis com uma vida totalmente dedicada ao dever. Ele não conversava sobre nada além dos princípios do Ingsoc, e seu único objetivo na vida era a derrota do inimigo eurasiático e a caça a espões, sabotadores, thought-criminals e traidores em geral.

Winston debateu consigo mesmo se deveria conceder ao camarada Ogilvy a Ordem do Claro Mérito: no final, ele decidiu que não, em razão das referências cruzadas que isso acarretaria.

Mais uma vez, ele olhou para seu rival na baía oposta. Algo lhe dizia que Tillotson certamente estava ocupado na mesma tarefa que ele. Não havia como saber qual versão seria adotada, mas ele tinha profunda convicção de que seria a sua. O camarada Ogilvy, inexistente até uma hora atrás, agora seria um fato. Era curioso que se pudesse criar homens mortos, mas não vivos. O camarada Ogilvy, que nunca existira no presente, agora existiria no passado e, quando o ato de falsificação fosse esquecido, ele existiria com a mesma autenticidade e sob as mesmas evidências que Carlos Magno ou Júlio César.

No refeitório de teto baixo, nas profundezas do subsolo, a fila do almoço avançava lentamente. O local já estava lotado e o barulho era ensurdecedor. Do balcão aquecido subia o vapor do ensopado, com um cheiro rançoso e metálico que só era superado pelos odores do Gin Vitória. Do outro lado do salão, havia um pequeno bar, um simples buraco na parede, no qual um gin duplo podia ser comprado por dez centavos.

— Exatamente quem eu procurava — disse uma voz atrás de Winston.

Ele se virou. Era seu amigo Syme, do Departamento de Pesquisa. Talvez “amigo” não fosse exatamente a palavra. Não se tinha mais amigos hoje em dia, apenas camaradas: mas a companhia de alguns camaradas era mais agradável que a de outros. Syme era um filólogo especialista em newspeak. Na verdade, ele fazia parte da gigantesca equipe de especialistas empenhada na compilação da 11ª edição do *Dicionário de Newspeak*. Ele era uma criatura minúscula, mais baixo que

Winston, com cabelos escuros, olhos grandes e protuberantes — ao mesmo tempo tristes e curiosos, que pareciam examinar seu rosto em detalhes enquanto conversava.

— Queria perguntar se você tem lâminas de barbear — perguntou ele.

— Nenhuma! — respondeu Winston, com a pressa dos culpados. — Tentei em todos os lugares. Elas não existem mais.

Todo mundo lhe pedia lâminas de barbear. Na verdade, ele tinha duas lâminas novas que estava guardando. Houve uma escassez delas nos meses anteriores. Sempre havia algum artigo essencial que as lojas do Partido não conseguiam fornecer. Às vezes, eram botões; às vezes, linha; às vezes, cadarços. No momento, eram lâminas de barbear. Só era possível encontrá-las procurando de maneira discreta no mercado “livre”.

— Estou usando a mesma há um mês e meio — acrescentou ele, exagerando.

A fila andou mais um pouco. Quando pararam, ele se virou e olhou novamente para Syme. Ambos pegaram bandejas de metal engorduradas de uma pilha na ponta do balcão.

— Você foi ver a execução dos prisioneiros ontem? — quis saber Syme.

— Eu estava trabalhando — disse Winston com indiferença. — Acho que vou ver a gravação.

— Uma alternativa muito inadequada — observou Syme.

Seus olhos curiosos percorreram o rosto de Winston. “Eu te conheço”, os olhos pareciam dizer, “enxergo dentro de você. Sei muito bem o porquê não foi ver os prisioneiros serem enforcados”. O perfil intelectual de Syme era perigosamente ortodoxo. Ele falava com uma satisfação desagradável e empolgada sobre os ataques de helicóptero a aldeias inimigas e sobre os julgamentos, as confissões de thought-criminals e as execuções nos porões do Ministério do Amor. Basicamente, falar com ele exigia certo esforço para afastá-lo de tais assuntos e envolvê-lo, se possível, nos detalhes técnicos da newspeak, sobre os quais ele era uma sumidade. Winston virou a cabeça sutilmente para o lado, evitando assim o escrutínio dos grandes olhos escuros.

— Foi um bom enforcamento — comentou Syme, pensativo. — Acho um desperdício quando eles amarram os pés. Gosto de vê-los esperneando. E, acima de tudo, no final, a língua azul para fora, um azul bem vivo. Esse é o detalhe que me atrai.

— Próximo, por favor! — berrou o prole de avental branco com a concha.

Winston e Syme empurraram suas bandejas para fora da grade de aquecimento. Em cada uma delas, foi colocado o almoço corriqueiro: uma vasilha de metal com um ensopado

rosa-acinzentado, um pedaço de pão, um de queijo, uma caneca de Café Vitória sem leite e um cubo de açúcar.

— Tem uma mesa ali, embaixo daquela teletela — indicou Syme. — Vamos comprar um gin no caminho.

O gin foi servido em canecas de porcelana sem asas. Eles caminharam com suas bandejas pela sala lotada até uma mesa de metal, sobre a qual alguém havia deixado uma poça de ensopado, uma gosma nojenta que se parecia com vômito. Winston pegou sua caneca de gin, hesitou por um instante para reunir coragem e engoliu o líquido rançoso. Quando secou as lágrimas dos olhos, ele descobriu de repente que estava com fome. Em grandes colheradas, ele devorou o ensopado, que, preparado com o desleixo costumeiro, apresentava cubos de uma substância rosada e esponjosa que provavelmente era um tipo de carne processada. Nenhum dos dois falou antes de esvaziar suas tigelas. Na mesa à esquerda de Winston, um pouco mais atrás, alguém falava rápida e continuamente, uma tagarelice áspera que se assemelhava praticamente ao grasnar de um pato, que se sobrepunha ao alvoroço geral da sala.

— Como vai o dicionário? — perguntou Winston, erguendo a voz para vencer o barulho.

— Devagar — disse Syme. — Estou nos adjetivos. É fascinante.

Ele se animou imediatamente com a menção à newspeak. Empurrou sua bandeja para o lado, pegou o pedaço de pão com uma das mãos, o queijo com a outra, e se inclinou sobre a mesa para falar sem gritar.

— A 11ª será a edição definitiva — disse ele. — Estamos colocando a linguagem em sua forma final, a forma que ela terá quando ninguém falar mais nada. Quando terminarmos, pessoas como você terão de aprender tudo de novo. Aposto que você acha que nossa tarefa principal é inventar novas palavras. Mas não é nada disso! Nós destruimos palavras. Dezenas, centenas delas, todos os dias. Estamos reduzindo a linguagem ao mínimo. A 11ª edição não terá uma única palavra que venha a se tornar obsoleta antes do ano 2050.

Antes de continuar a falar com um toque apaixonado e pedante, ele mordeu o pão com voracidade e o engoliu em poucas mordidas. Seu rosto moreno e magro se iluminou, seus olhos perderam a expressão zombeteira e ficaram quase sonhadores.

— É uma coisa linda, a destruição das palavras. Obviamente que o grande desperdício está nos verbos e adjetivos, mas existem centenas de substantivos que também podem ser eliminados. Não apenas os sinônimos, mas também os antônimos. Afinal, qual seria a justificativa para uma palavra que é simplesmente o oposto de outra? Uma palavra

contém seu oposto em si mesma. Veja “bom”, por exemplo. Se você tem uma palavra como “bom”, qual a necessidade de uma palavra como “ruim”? “Desbom” também serve. É até melhor, porque é exatamente o oposto, o que a outra não é. Ou ainda, se você quer uma versão mais forte de “bom”, que sentido há em ter uma série de palavras vagas e inúteis como “excelente” e “sensacional” e todas as outras? “Maisbom” cobre o significado ou “duplomaibom” se precisar de algo ainda mais forte. Nós já utilizamos essas soluções, mas, na versão final do *Dicionário de Newspeak*, haverá somente elas. No final, toda a noção de bom ou mau será suprida por apenas seis palavras... na realidade, por apenas *uma* palavra. Você enxerga a beleza disso, Winston? Foi uma ideia do próprio BB, é claro — acrescentou como se fosse um detalhe.

Uma ansiedade típica cruzou o rosto de Winston com a menção ao Big Brother. Syme detectou imediatamente uma certa falta de entusiasmo.

— Você não aprecia a newspeak de verdade, Winston — comentou ele quase com tristeza. — Mesmo quando você escreve, ainda pensa em oldspeak. Eu já li algumas das matérias que você escreveu no “The Times”. Elas são até que boas, mas são traduções. Em seu coração, você prefere se ater à oldspeak, com toda a sua imprecisão e suas inúteis tonalidades de significado. Você não compreende a beleza

da destruição das palavras. Você sabia que a newspeak é a única língua do mundo cujo vocabulário diminui a cada ano?

Winston sabia disso, é claro. Ele tentou sorrir com simpatia, sem confiar em si mesmo para pronunciar palavras. Syme mordeu outro naco do pão escuro, mastigando-o brevemente para continuar:

— Você não entende que o objetivo da newspeak é estreitar a amplitude do pensamento? No final, tornaremos o thoughtcrime literalmente impossível, porque não haverá palavras para expressá-lo. Cada conceito será expressado por somente uma palavra, com seu significado rigidamente definido e todos os seus significados subsidiários obliterados e esquecidos. Nessa 11ª edição, já estamos perto disso. Mas o processo continuará muito depois que você e eu morreremos. A cada ano, cada vez menos palavras, o alcance da consciência terá sido reduzido. É claro que nunca há razão ou desculpa para se cometer um thoughtcrime. Hoje, é apenas uma questão de autodisciplina e controle da realidade. Mas, no futuro, não haverá necessidade nem disso. A Revolução estará terminada quando a linguagem for perfeita. Newspeak é Ingsoc e Ingsoc é newspeak — acrescentou com uma satisfação sinistra. — Já imaginou, Winston, que, no máximo, até 2050, nenhum ser humano vivo poderá entender esta conversa que estamos tendo agora?

— A não ser... — começou Winston em dúvida, e, então, parou.

Contendo-se, ele engoliu a frase “A não ser os proles”. Ele não se sentia totalmente seguro de que essa observação não teria certa heterodoxia. Syme, porém, adivinhou o que ele ia dizer.

— Os proles não são seres humanos — disse ele com indiferença. — Em 2050, talvez até antes, todo o conhecimento concreto da oldspeak já terá desaparecido. Toda a literatura do passado terá sido destruída. Chaucer, Shakespeare, Milton, Byron. Eles existirão apenas em versões newspeak, não apenas alterados, mas mudados para algo contrário ao que costumavam dizer. Até a literatura do Partido mudará. Até os slogans mudarão. Como se pode ter um slogan como “liberdade é escravidão” se o conceito de liberdade for abolido? O modo de pensar será completamente diferente. Na verdade, não haverá mais o pensamento como o entendemos agora. Ortodoxia significa não pensar, não precisar pensar. Ortodoxia é inconsciência.

Um dia desses, pensou Winston com súbita e profunda convicção, Syme será vaporizado. Ele é inteligente demais. Ele vê e fala tudo muito claramente. O Partido não gosta de pessoas assim. Um dia, ele vai desaparecer. Está escrito na sua testa.

Winston terminou seu pão com queijo. Ele se virou um pouco de lado na cadeira para beber seu café. Na mesa à sua esquerda, o homem com a voz estridente ainda falava sem parar. Uma jovem que talvez fosse sua secretária e que estava sentada de costas para Winston o ouvia e parecia concordar avidamente com tudo o que ele dizia. De vez em quando, Winston ouvia algum comentário como “Acho que você está certo, concordo com você”, pronunciado por uma voz feminina jovem e bastante tola. Mas a outra voz não se detinha nem por um instante, mesmo quando a garota falava. Winston conhecia o homem de vista, embora não soubesse mais nada sobre ele além de que ocupava um alto cargo no Departamento de Ficção. Ele era um homem de cerca de trinta anos, com um pescoço musculoso e uma boca grande e ágil. Sua cabeça pendia um pouco para trás e, devido ao ângulo em que estava sentado, seus óculos refletiam a luz e apresentavam a Winston dois discos brancos no lugar de olhos. O mais desconfortável era que o fluxo sonoro que saía de sua boca era quase ininteligível. Winston fisgou apenas uma frase: “Eliminação completa e cabal do Goldsteinismo”, disparada tão rapidamente que se parecia com um único bloco de palavras, sem espaços entre si. De resto, era apenas um ruído, um quem-quém-quém. E, embora não se pudesse realmente ouvir o que o homem dizia,

não restava dúvidas sobre a natureza geral do discurso. Ele poderia estar denunciando Goldstein e exigindo medidas mais severas contra thought-criminals e sabotadores, ele poderia estar metralhando as atrocidades do exército eurasiano, ele poderia estar elogiando o Big Brother ou os heróis no front de Malabar — não fazia diferença. Fosse o que fosse, o certo é que cada palavra era pura ortodoxia, puro Ingsoc. Ao observar o rosto sem olhos cuja mandíbula se movia sem parar, Winston teve a curiosa sensação de que aquele não era um ser humano real, mas uma espécie de boneco. Não era o cérebro daquele homem que falava, mas sua laringe. O que saía dele eram palavras, mas não era uma fala em sua acepção; era um ruído inconsciente, como o grasnar de um pato.

Syme calou-se por um momento. Com o cabo da colher, traçava desenhos na poça de ensopado. A voz da outra mesa continuava a grasnar, facilmente audível apesar do barulho ao redor.

— Há uma palavra em newspeak — observou Syme —, não sei se você a conhece. DUCKSPEAK, grasnar como um pato. É uma daquelas palavras interessantes que tem dois significados contraditórios. Aplicado a um oponente, é uma ofensa; aplicado a alguém com quem você concorda, é um elogio.

Sem dúvida, Syme seria vaporizado, Winston pensou novamente. Aquilo o deixava triste, embora soubesse bem que Syme sentia certo desprezo por ele, bem como seria perfeitamente capaz de o denunciar como um thought-criminal se tivesse algum motivo. Havia algo sutilmente errado com Syme. Algo ausente: discrição, indiferença, uma espécie de estupidez benéfica. Não se poderia acusá-lo de ser heterodoxo. Ele acreditava nos princípios do Ingsoc, venerava o Big Brother, alegrava-se com as vitórias, odiava os hereges, não apenas com sinceridade, mas com uma espécie de zelo atento, uma fome por informação atualizada, coisas que um membro comum do Partido não aparenta ter. No entanto, um leve ar de má reputação sempre o envolveu. Ele dizia coisas que seria melhor não dizer, tinha lido livros demais, frequentava o Chestnut Tree Café, reduto de pintores e músicos. Não havia lei, nem mesmo um direcionamento, contra frequentar o Chestnut Tree Café, mas o lugar tinha uma aura agourenta. Os velhos e desacreditados líderes do Partido costumavam se reunir ali antes de serem finalmente expurgados. O próprio Goldstein, dizia-se, fora visto lá, anos ou décadas atrás. O destino de Syme não era difícil de prever. E, no entanto, era certo que se Syme tivesse alguns segundos de acesso às opiniões secretas de Winston, ele o denunciaria instantaneamente à Polícia do Pensamento. O

mesmo aconteceria com qualquer outra pessoa, aliás. Só que Syme mais do que a maioria. O zelo não era suficiente. A ortodoxia era inconsciência.

Syme ergueu os olhos e disse:

— Lá vem o Parsons.

Algo no tom de sua voz pareceu acrescentar “aquele idiota”. Parsons, o colega e inquilino de Winston no Mansões Vitória, abria caminho pelo refeitório — um homem atarracado, de estatura média com cabelos claros e rosto de sapo. Aos trinta e cinco anos, já estava gordo no pescoço e na cintura, mas seus movimentos eram rápidos e alegres. Toda a sua aparência era a de um garotinho crescido, tanto que, embora estivesse usando o macacão padrão, era quase impossível não pensar nele vestido com o short azul, a camiseta cinza e o lenço vermelho dos Espiões. Ao avistá-lo, sempre se formava uma imagem de joelhos com covinhas e mangas dobradas nos antebraços rechonchudos. De fato, Parsons sempre usava shorts em suas caminhadas pela comunidade ou quando outra atividade física lhe dava uma boa desculpa. Ele os cumprimentou com um alegre “Oba, oba!” e sentou-se à mesa, exalando um forte cheiro de suor. Gotas de umidade se destacavam por todo o seu rosto corado. Seus poderes sudoríparos eram extraordinários. No Centro Comunitário, era fácil saber se ele havia jogando tênis de mesa pela umidade

no cabo da raquete. Syme listava palavras em uma tira de papel e as estudava com um lápis entre os dedos.

— Olhe para ele, trabalhando na hora do almoço — disse Parsons, cutucando Winston. — Que exemplo, hein? O que você tem aí, meu velho? Algo inteligente demais para mim, imagino. Smith, meu velho, vou lhe dizer por que estou perseguindo você. É aquela sub que você se esqueceu de me dar.

— Qual sub? — disse Winston, batendo as mãos nos bolsos em busca de dinheiro. Todos tinham de reservar cerca de um quarto dos salários para subscrições voluntárias, tão numerosas que era difícil controlá-las.

— Para a Semana do Ódio. Eu coletei de porta em porta, sabe como é. Sou o tesoureiro do nosso bloco. Estamos fazendo um grande esforço, vamos dar um baita show. Se o Mansões Vitória não tiver mais bandeiras que todos os outros da rua, não será por falta de esforço. Você disse que me daria dois dólares.

Winston encontrou e entregou duas notas amassadas e sujas, que Parsons meteu em um pequeno caderno e anotou com a caligrafia limpa dos analfabetos.

— A propósito, meu velho — disse ele. — Me disseram que o meu jovem vagabundo deu uma estilingada em você ontem. Eu dei uma bela bronca nele. Na verdade, até disse que tiraria o estilingue dele se fizesse de novo.

— Acho que ele estava um pouco irritado por não ir à execução — disse Winston.

— Ah, bem... o que dizer, não é? Eu me orgulho. Eles são umas pestes, os dois, mas quando se fala em dedicação! Eles só pensam nos Espiões e na guerra, é claro. Sabe o que a minha filhinha fez no sábado passado, quando sua tropa fazia uma caminhada em Berkhamsted? Ela convenceu duas outras meninas a irem com ela, escapuliram da caminhada e passaram a tarde inteira seguindo um homem estranho. Elas o seguiram por duas horas, atravessaram a floresta, e então, quando entraram em Amersham, chamaram a polícia.

— Por que elas fizeram isso? — perguntou Winston, um tanto surpreso. Parsons continuou triunfante:

— Minha filha confirmou que ele era algum tipo de agente inimigo. Podia ter descido de paraquedas, por exemplo. Mas, meu velho, o que interessa é: o que você acha que a fez começar a seguir o rastro dele? Ela notou que ele estava usando um tipo de sapato esquisito. Ela disse que nunca tinha visto sapatos como aqueles antes. Portanto, as chances eram de que ele fosse um estrangeiro. Muito inteligente para uma menina de sete, hein?

— O que aconteceu com o homem? — quis saber Winston.

— Ah, eu sei lá? Mas eu não ficaria totalmente surpreso se... — Parsons fez o movimento de apontar um rifle e estalou a língua como disparo.

— Ótimo — disse Syme distraidamente, sem levantar os olhos da tira de papel.

— É claro que não podemos nos arriscar — concordou Winston, obedientemente.

— O que quero dizer é que há uma guerra em andamento — disse Parsons.

Como se confirmando a frase, um toque de trombeta ressoou da teletela logo acima de suas cabeças. No entanto, desta vez, não seria a proclamação de uma vitória militar, mas apenas um anúncio do Ministério da Fatura.

— Camaradas! — anunciou uma voz jovem e ansiosa. — Atenção, camaradas! Temos notícias gloriosas. Vencemos a batalha da produção! As pesquisas da produção de todas as classes de bens de consumo foram concluídas e mostram que o padrão de vida aumentou não menos do que 20 por cento nos últimos doze meses. Esta manhã, em toda a Oceânia, houve manifestações espontâneas irreprimíveis, quando os trabalhadores marcharam para fora das fábricas e escritórios e desfilaram pelas ruas com faixas expressando sua gratidão ao Big Brother pela vida nova e feliz que sua sábia liderança nos concedeu. Aqui, estão alguns dos números finais. Alimentos...

A expressão “vida nova e feliz” se repetiu várias vezes. Ultimamente, vinha sendo uma das favoritas do Ministério da Fartura. Parsons, com a atenção atraída pelo toque da trombeta, ficou sentado ouvindo como se em um transe solene, uma espécie de tédio edificador. Ele não conseguia acompanhar os números, mas estava ciente de que eram, de alguma forma, motivo de satisfação. Ele havia puxado um cachimbo enorme e imundo, que já estava com tabaco carbonizado pela metade. Com a ração de tabaco de 100 gramas por semana, raramente era possível encher um cachimbo até o topo. Winston fumava um cigarro Vitória, segurando-o cuidadosamente na horizontal. A nova distribuição só começaria no dia seguinte e ele tinha apenas quatro cigarros. No momento, ele havia fechado os ouvidos para os ruídos e ouvia o conteúdo que fluía da teletela. Parecia que havia até mesmo manifestações de agradecimento ao Big Brother por aumentar a ração de chocolate para vinte gramas por semana. E, ainda ontem, refletiu, foi anunciado que a ração seria REDUZIDA para vinte gramas. Seria possível que já tinham engolido essa em apenas vinte e quatro horas? Sim, engoliram. Parsons engoliu com facilidade, com sua estupidez animal. A criatura sem olhos na outra mesa também engoliu fanática e apaixonadamente, com um desejo furioso de perseguir, denunciar e vaporizar qualquer um que sugerisse

que na semana passada a ração fora de trinta gramas. Syme também engolira, embora de maneira mais complexa, por meio do doublethink. Ele era, então, o ÚNICO que tinha aquela memória?

As estatísticas fabulosas continuaram a jorrar na teletela. Em comparação com o ano passado, havia mais comida, mais roupas, mais casas, mais móveis, mais panelas, mais combustível, mais navios, mais helicópteros, mais livros, mais bebês — mais de tudo, exceto doenças, crime e loucura. Ano após ano e minuto a minuto, tudo e todos evoluíam cada vez mais rapidamente. Como Syme havia feito antes, Winston pegou a colher e começou a mexer na gosma que escorria pela mesa, puxando veios e criando um padrão. Ele meditou contrariado sobre a textura física da vida. Sempre foi assim? A comida sempre teve esse gosto? Ele olhou o refeitório à sua volta. Um salão de teto baixo, lotado, suas paredes sujas pelo contato de inúmeros corpos; mesas e cadeiras de metal surradas, tão próximas umas das outras que os cotovelos das pessoas se tocavam; colheres tortas, bandejas amassadas, canecas brancas rústicas: tudo estava engordurado, havia poeira em cada rachadura; e um cheiro acre de gin e café ruins, ensopado metálico e roupas sem lavar. Uma sensação no estômago e na pele sempre denunciava um tipo de revolta, uma sensação de terem lhe tirado algo

a que tinha direito. Obviamente, ele não tinha lembranças de nada muito diferente daquilo. Desde quando ele podia se lembrar com precisão, nunca houvera o suficiente para comer, ninguém nunca tivera meias ou roupas de baixo sem remendos, a mobília sempre fora gasta e frágil, quartos sem aquecimento, trens lotados, casas aos pedaços, pão escuro, o chá era uma raridade, o café tinha um gosto horrível, os cigarros eram insuficientes — nada era barato e abundante, exceto gin químico. E, é claro, quanto mais velho, tudo ficava pior — e isso não seria um sinal de que essa NÃO era a ordem natural das coisas —, e o coração das pessoas fraquejava com o desconforto, a sujeira e a escassez, os invernos intermináveis, a qualidade das meias, os elevadores que nunca funcionavam, a água fria, o sabão áspero, os cigarros que se desmanchavam, a comida e seus estranhos sabores maquiavélicos. Mas como considerar isso tudo intolerável se nenhuma outra pessoa tinha lembranças anteriores, as quais mostrassem que as coisas um dia foram diferentes?

Ele olhou ao redor do refeitório novamente. Quase todos eram feios, e ainda seriam feios mesmo se não estivessem vestidos com o macacão azul do uniforme. Do outro lado do salão, sentado sozinho numa mesa, um homenzinho muito parecido com um besouro tomava seu café, seus olhinhos lançavam olhares suspeitos para os lados. Como era fácil,

pensou Winston, quando você evitava ver, quando você acreditava que o tipo físico instituído pelo Partido como ideal — rapazes altos e musculosos, moças de seios fartos, cabelos louros, cheias de vida, bronzeadas e independentes — existia e até predominava. Na verdade, ao olhar novamente, a maioria das pessoas da Faixa Aérea 1 eram baixas, escuras e desfavorecidas. Era curioso como aquele tipo de besouro proliferava nos ministérios: baixinhos atarracados, já roliços em tenra idade, com pernas curtas, movimentos rápidos e apressados, rostos redondos e inescrutáveis, com olhos muito pequenos. Era o tipo que parecia germinar melhor sob o domínio do Partido.

O anúncio do Ministério da Fartura terminou com outro toque de trompete e deu lugar a uma música estridente. Parsons, levado a um vago entusiasmo pelo bombardeio de números, tirou o cachimbo da boca.

— O Ministério da Fartura realmente fez um bom trabalho este ano — constatou ele com um sábio aceno de cabeça. — A propósito, meu velho Smith, será que você não tem uma lâmina de barbear sobrando?

— Nenhuma — disse Winston. — Estou usando a mesma há um mês e meio.

— Ah, tudo bem... só queria saber, meu velho.

— Desculpe — disse Winston.

A voz de pato da mesa ao lado, temporariamente silenciada durante o boletim do Ministério, recomeçou ainda mais alta. Por alguma razão, Winston de repente se viu pensando na sra. Parsons, com seu cabelo ralo e o pó nas rugas do rosto. Em dois anos, aquelas crianças a denunciariam à Polícia do Pensamento. A sra. Parsons seria vaporizada. Syme seria vaporizado. Winston seria vaporizado. O'Brien seria vaporizado. Parsons, por outro lado, nunca seria vaporizado. A criatura sem olhos com a voz de pato nunca seria vaporizada. Os homenzinhos semelhantes a besouros que correm agitados pelos corredores labirínticos dos ministérios também nunca seriam vaporizados. E a garota de cabelo preto, do Departamento de Ficção — ela também nunca seria vaporizada. Ele achou que sabia instintivamente quem sobreviveria e quem morreria: embora não fosse fácil dizer o que “sobreviver” significava, exatamente.

Nesse momento, ele foi tirado de seu devaneio com um puxão violento. A garota da mesa ao lado havia se virado parcialmente e olhado para ele. Era a garota de cabelo preto. Ela olhava para ele de lado, mas com certa intensidade. No instante em que seus olhares se cruzaram, ela desviou novamente.

O suor escorreu pela espinha de Winston. Uma horrível pontada de terror o atravessou. A sensação desapareceu quase

imediatamente, mas deixou uma inquietação incômoda. Por que ela estava olhando para ele? Por que ela continuava o seguindo? Infelizmente, ele não conseguia se lembrar se ela já estava à mesa quando ele chegara ou se tinha chegado depois. Mas ontem, de qualquer forma, durante o Dois Minutos de Ódio, ela se sentou imediatamente atrás dele quando não havia necessidade. É bem provável que seu verdadeiro objetivo fosse ouvi-lo e verificar se ele gritava alto o suficiente.

Seu pensamento anterior retornou: ela provavelmente não era uma agente da Polícia do Pensamento, mas sim uma espiã amadora, o maior perigo de todos. Ele não sabia há quanto tempo ela o observava, talvez já tivesse uns cinco minutos, e era possível que suas feições não estivessem perfeitamente sob controle. Era terrivelmente perigoso deixar seus pensamentos vagarem em locais públicos ou dentro do alcance de uma teletela. O menor detalhe poderia denunciá-lo. Um tique nervoso, um olhar inconsciente de ansiedade, um hábito de murmurar para si mesmo — qualquer coisa que carregasse consigo uma sugestão de anormalidade, de ter algo a esconder. O simples uso de uma expressão imprópria no rosto (parecer incrédulo quando uma vitória é anunciada, por exemplo) era em si uma ofensa punível. Havia até uma palavra para isso em newspeak: FACECRIME, como era chamada.

A garota deu as costas para ele novamente. Talvez ela não o estivesse seguindo, talvez fosse coincidência ela ter se sentado tão perto dele por dois dias seguidos. Seu cigarro havia apagado e ele o pousou cuidadosamente na beirada da mesa. Se conseguisse manter o fumo dentro dele, terminaria de fumar depois do trabalho. Muito provavelmente a pessoa na mesa ao lado era um espião da Polícia do Pensamento, e muito provavelmente ele estaria nos porões do Ministério do Amor em três dias, mas uma ponta de cigarro não devia ser desperdiçada. Syme dobrou a tira de papel e a guardou no bolso. Parsons voltou a falar.

— Eu já te contei, meu velho — disse ele, rindo pela haste de seu cachimbo —, quando aquelas minhas duas pestes botaram fogo na saia da velha da mercearia porque a viram embrulhando salsichas num pôster do BB? Foram por trás dela e atearam fogo nela com uma caixa de fósforos. Queimaduras sérias, eu imagino. Que pestinhas, né? Mas afiados como uma espada! Eles agora dão um treinamento incrível nos Espiões, melhor do que na minha época, até. Adivinha qual é a última novidade de agora? Cones de ouvido para ouvir pelas fechaduras! Minha filhinha trouxe um para casa outra noite. Experimentei na porta da sala de estar e achei que conseguia ouvir o dobro do que ouviria com a

orelha no buraco. Claro que é só um brinquito, mas, mesmo assim, já bota eles no caminho certo, né?

Nesse momento, a teletela emitiu um assobio agudo. Era o sinal para voltar ao trabalho. Os três homens se endireitaram para se juntar ao tumulto perto dos elevadores, e o resto do fumo caiu do cigarro de Winston.

Winston escreveu em seu diário:

Isso foi há três anos. Era uma noite escura, em uma rua estreita perto de uma das grandes estações de trem. Ela estava parada perto de uma porta na parede, sob um poste de luz que mal iluminava. Ela tinha um rosto jovem, muito maquiada. Foi realmente a pintura que me atraiu, a pele branca como uma máscara, e os lábios vermelhos brilhantes. Mulheres do Partido nunca pintam o rosto. Não havia mais ninguém na rua e nenhuma teletela. Ela disse dois dólares. E...

No momento, era muito difícil prosseguir. Ele fechou os olhos e pressionou os dedos contra eles, tentando espremer a visão que se repetia. Ele quase cedeu à irresistível tentação de gritar em voz alta uma série de palavrões. Ou bater a cabeça contra a parede, chutar a mesa e atirar o tinteiro

pela janela — fazer qualquer coisa violenta, barulhenta ou dolorosa que pudesse apagar a memória que o atormentava.

Seu pior inimigo, ele refletiu, era o seu próprio sistema nervoso. A qualquer momento, a tensão interna era capaz de se traduzir em algum sintoma visível. Ele pensou em um homem com quem havia cruzado na rua algumas semanas antes; um homem de aparência bastante comum, membro do Partido, entre trinta e cinco e quarenta anos, alto e magro, levando uma pasta. Eles estavam a alguns metros de distância quando o lado esquerdo do rosto do homem ficou repentinamente contorcido por uma espécie de espasmo. Aconteceu de novo no momento em que se cruzavam: foi apenas um estremelecimento, uma contração, rápido como o clique do obturador de uma câmera, obviamente algo constante. Ele se lembrou de ter pensado: “Esse pobre diabo está acabado”. E o que foi assustador é que a ação foi possivelmente inconsciente. O perigo mais mortal de todos era falar durante o sono. Não havia como se proteger contra isso, até onde ele sabia.

Ele respirou fundo e continuou a escrever:

Eu passei com ela pela porta e atravessei um quintal até uma cozinha no porão. Havia uma cama encostada na parede e um abajur na mesa, muito fraco. Ela...

Seus dentes estavam cerrados. Ele gostaria de cuspir. Simultaneamente à mulher no porão, ele pensou em Katharine, sua esposa. Winston era casado — pelo menos, fora casado; provavelmente, ainda era casado. Pelo que sabia, a sua esposa não estava morta. Ele parecia respirar o cheiro abafado e quente da cozinha no porão novamente, um odor de insetos, roupas sujas e um aroma vulgar, mas ainda assim excitante, porque nenhuma mulher do Partido jamais usaria perfume, nem em pensamento. Apenas os proles usavam perfume. Em sua cabeça, aquele cheiro se misturava inextricavelmente com sexo.

Dormir com aquela mulher foi seu primeiro lapso em dois anos ou mais. Usar os serviços de prostitutas era proibido, é claro, mas era uma daquelas regras que ocasionalmente se tinha coragem de quebrar. Era perigoso, mas não uma questão de vida ou morte. Ser pego com uma prostituta poderia significar cinco anos em um campo de trabalhos forçados, não mais, caso sua ficha fosse limpa. E era fácil, desde que não fosse pego em flagrante. Os bairros mais pobres fervilhavam de mulheres prontas para se vender. Algumas podiam até ser pagas com uma garrafa de gin, que os proles não eram autorizados a beber. Tacitamente, o partido encorajava a prostituição, como uma válvula de escape para os instintos que não podiam ser totalmente suprimidos. A

mera libertinagem não importava muito, contanto que fosse furtiva e sem fervores, e envolvesse apenas as mulheres de uma classe inferior e desprezada. O crime imperdoável era a promiscuidade entre os membros do Partido. Mas — embora esse fosse um dos crimes que os acusados invariavelmente confessavam nos grandes expurgos — era difícil imaginar algo assim acontecendo.

O objetivo do Partido não era apenas impedir que homens e mulheres formassem laços de fidelidade que talvez não fossem capazes de controlar. Seu propósito real e não declarado era eliminar todo o prazer do ato sexual. O erotismo era o inimigo, tanto dentro como fora do casamento, e não o amor em si. Todos os casamentos entre membros do Partido tinham de ser aprovados por uma comissão designada e — embora o método de decisão nunca fosse claro — a permissão era sempre recusada se o casal em questão desse a impressão de estar fisicamente atraído um pelo outro. O único propósito reconhecido do casamento era gerar filhos para servirem ao Partido. A relação sexual deveria ser vista como uma pequena operação um tanto repulsiva, como fazer uma lavagem intestinal. Mais uma vez, isso nunca era colocado em palavras claras, mas aplicado de forma indireta nos afiliados do Partido desde a infância. Havia até organizações como a Liga Jovem Antissexo, que defendia o celibato

completo para ambos os sexos. Todas as crianças deveriam ser geradas por inseminação artificial (ARTSEM, como era chamado em newspeak) e criadas em instituições públicas. Isso, Winston estava ciente, não poderia ser levado ao pé da letra, no entanto, de alguma forma se encaixava na ideologia geral do Partido. O Partido estava tentando matar o instinto sexual ou, se não pudesse ser morto, distorcê-lo e maculá-lo. Ele não sabia por que isso acontecia, mas parecia natural que fosse assim. E, no que dizia respeito às mulheres, os esforços do Partido foram amplamente bem-sucedidos.

Ele pensou novamente em Katharine. Deviam ter se passado nove, dez, talvez onze anos desde que se separaram. Era curioso como ele raramente pensava nela. Por dias a fio, ele era capaz de esquecer que já fora casado. Eles só ficaram juntos cerca de quinze meses. O Partido não permitia o divórcio, mas encorajava a separação nos casos em que não havia filhos.

Katharine era uma jovem alta, loira, muito elegante e com movimentos esplêndidos. Ela tinha um rosto aquilino e ousado, poderia chamá-lo de nobre, até descobrir que não havia nada por trás dele. Muito cedo em sua vida de casado, ele decidira — embora talvez fosse apenas porque a conhecia mais intimamente do que a maioria das pessoas — que ela tinha, sem exceção, a mente mais estúpida, vulgar e vazia que

ele já havia encontrado. Ela não tinha sequer um pensamento que não fosse um slogan, e não existia imbecilidade, absolutamente nenhuma, que ela não fosse capaz de engolir se fosse dada pelo Partido. “A repetidora humana”, ele a apelidara em sua própria mente. No entanto, ele poderia ter suportado viver com ela se não fosse por apenas uma coisa: sexo.

Assim que a tocava, ela parecia estremecer e se enrijecer. Abraçá-la era como abraçar a um boneco de madeira. E o mais estranho era que, mesmo quando ela o puxava para si, ele tinha a sensação de que ela o repelia simultaneamente com todas as forças. A rigidez de seus músculos transmitia essa impressão. Ela ficava deitada ali, com os olhos fechados, sem resistir e nem cooperar, mas se SUBMETENDO. Era extremamente embaraçoso e, depois de um tempo, horrível. Mas, mesmo assim, ele poderia ter suportado viver com ela se combinassem o celibato. Contudo, curiosamente, foi Katharine quem recusou. Eles deviam, disse ela, produzir um filho, se pudessem. Assim, os atos continuaram a acontecer regularmente uma vez por semana, exceto quando era impossível. Ela chegava a lembrá-lo pela manhã, como um compromisso a ser cumprido à noite e que não devia ser esquecido. Ela tinha dois nomes para isso: um era “fazer bebê”; e o outro era “nosso dever para com o Partido” (sim, ela realmente usava essa frase). Muito cedo, ele começou

a sentir um pavor pleno quando o dia marcado chegava. Felizmente, nenhuma criança apareceu. No final, ela concordou em desistir de tentar, e logo depois eles se separaram.

Winston suspirou em silêncio. Ele pegou a caneta novamente e escreveu:

Ela se jogou na cama e imediatamente, sem qualquer tipo de preliminar, da maneira mais grosseira e horrível que se pode imaginar, levantou a saia. E...

Ele se viu parado sob a luz fraca do abajur, com o cheiro de insetos e perfume barato em suas narinas, e em seu coração um sentimento de derrota e ressentimento que naquele mesmo momento se misturava à memória do corpo branco de Katharine, congelado para sempre pelo poder hipnótico do Partido. Por que tinha que ser assim? Por que ele não poderia ter uma mulher em vez dessas imundícies em intervalos de anos? Mas um verdadeiro caso de amor seria um acontecimento quase impensável. As mulheres do Partido eram todas iguais. A castidade era tão arraigada quanto a lealdade ao Partido. Com um cuidadoso condicionamento precoce, jogos e água fria, com o entulho que era despejado sobre elas na escola, nos Espiões e na Liga Jovem, com palestras, desfiles, canções, slogans e música marcial,

o sentimento natural era expulso delas. A lógica dizia que existiam exceções, só que elas não acreditavam em nada em seus corações. Todas eram inexpugnáveis, como o Partido pretendia que fossem. E o que ele queria, mais até do que ser amado, era derrubar aquele muro de virtude, mesmo que fosse apenas uma vez na vida. O ato sexual realizado corretamente era um ato de rebelião. O desejo era considerado thoughtcrime. Mesmo se ele tivesse despertado desejo em Katharine, se isso de fato fosse possível, teria sido uma sedução, ainda que ela fosse sua esposa.

Mas o resto da história tinha de ser escrito. Ele continuou:

Eu acendi a lâmpada. Quando eu a vi na luz...

Na escuridão, a luz fraca da lamparina de parafina parecia muito forte. Pela primeira vez, ele pôde ver a mulher com atenção. Ele deu um passo em direção a ela e então parou, cheio de luxúria e terror. Ele estava dolorosamente consciente do risco que corria ao estar ali. Era perfeitamente possível que as patrulhas o pegassem na saída: por falar nisso, eles poderiam estar esperando do lado de fora da porta naquele momento. Ele não podia ir embora sem fazer o que viera fazer...!

Aquilo precisava ser escrito, tinha de ser confessado. O que ele viu de repente à luz da lamparina foi que a mulher era VELHA. A maquiagem era tão espessa em seu rosto que poderia rachar como uma máscara de argila. Havia mechas brancas em seu cabelo; mas o detalhe realmente terrível é que sua boca se abriu um pouco, revelando nada além de uma escuridão cavernosa. Ela não tinha nenhum dente.

Ele escreveu apressadamente, em uma caligrafia irregular:

Quando a vi na luz, ela era uma mulher bastante velha, com pelo menos cinquenta anos. Mas tomei coragem e fiz assim mesmo.

Ele pressionou os dedos contra as pálpebras novamente. Ele finalmente havia escrito sobre isso, mas não fazia diferença. A terapia não tinha funcionado. O desejo de gritar palavras em voz alta continuava forte como sempre.

“ Se há esperança”, escreveu Winston, “ela está nos proles”.

Se havia esperança, ela DEVERIA estar nos proles, porque somente neles existia a força para destruir o Partido, naquelas imensas massas desprezadas (85% da população da Oceânia). O Partido não podia ser derrubado por dentro. Seus inimigos, se é que existiam, não tinham como se unir ou mesmo se identificar. Mesmo se a lendária Irmandade existisse, como era possível, era inconcebível que seus membros se reunissem em números maiores do que dois ou três. Rebelião significava um olhar nos olhos, uma inflexão de voz, no mínimo, uma palavra ocasional sussurrada. Mas os proles, se ao menos pudessem se conscientizar de sua própria força, não teriam necessidade de conspirar. Eles só precisariam se levantar e se sacudir como um cavalo espantando moscas. Se quisessem, poderiam fazer o Partido em pedaços amanhã pela manhã. Certamente, mais cedo ou mais tarde, eles enxergarão essa luz. E então...!

Ele se lembrou de uma vez em que estava andando por uma rua movimentada quando uma tremenda gritaria de centenas de vozes — vozes femininas — irrompeu de uma rua lateral um pouco mais adiante. Foi um grito formidável de raiva e desespero, um profundo e alto “Úúú-úú!” que continuou zumbindo como a reverberação de um sino. Seu coração deu um salto. Começou! Ele pensou. Uma rebelião! Os proles finalmente entraram em ação! Quando chegou ao local, viu uma multidão de duzentas ou trezentas mulheres aglomeradas em torno das barracas de uma feira de rua, com rostos tão trágicos que pareciam ser passageiras de um navio naufragando. Mas, imediatamente, o desespero geral se transformou em uma infinidade de brigas individuais. Parecia que uma das barracas estava vendendo painéis de estanho. Elas eram de má qualidade e frágeis, mas painéis de qualquer tipo sempre eram difíceis de conseguir. No momento, o suprimento havia se esgotado. As mulheres bem-sucedidas na compra, trombadas e empurradas pelas outras, tentavam fugir com suas painéis enquanto dezenas gritavam em volta da barraca, acusando o comerciante de favoritismo e de ter painéis reservados em algum lugar. Houve uma nova explosão de gritos. Duas mulheres obesas, uma delas com o cabelo solto, agarraram a mesma painel e ficaram tentando arrancá-la das mãos uma da outra. As duas

puxavam quando o cabo da panela se soltou. Winston as observou com desgosto. Mas, por um momento, um poder avassalador soou naquele grito de apenas algumas centenas de gargantas! Por que elas nunca gritavam assim por coisas mais importantes?

Ele escreveu:

Até que se tornem conscientes, eles nunca se rebelarão e, enquanto não se rebelarem, não se tornarão conscientes.

Isso, ele refletiu, era quase uma transcrição de um dos livros didáticos do Partido. O Partido alegou, é claro, ter libertado os proles da escravidão. Antes da Revolução, eles tinham sido terrivelmente oprimidos pelos capitalistas, passaram fome e foram açoitados, as mulheres eram forçadas a trabalhar nas minas de carvão (elas ainda trabalhavam nas minas de carvão, na verdade), as crianças eram vendidas às fábricas aos seis anos. Mas, simultaneamente, fiel aos princípios do doublethink, o Partido ensinava que os proletários eram naturalmente inferiores e que deviam ser mantidos em sujeição, como os animais, através de algumas regras simples. Na realidade, muito pouco se sabia sobre os proles. Não era necessário saber muito. Enquanto eles continuassem a trabalhar e a se reproduzir, suas outras atividades não tinham

importância. Abandonados à própria sorte, como gado solto nas planícies argentinas, voltaram a um estilo de vida que lhes parecia natural, uma espécie de padrão ancestral. Nasciam, cresciam nas sarjetas, começavam a trabalhar aos doze anos, passavam por um breve período de florescimento da beleza e do desejo sexual, casavam-se aos vinte, chegavam à meia-idade aos trinta, morriam, a maior parte deles, aos sessenta. O trabalho físico pesado, o cuidado da casa e dos filhos, brigas mesquinhas com os vizinhos, filmes, futebol, cerveja e, acima de tudo, jogos de azar preenchiam o horizonte de suas mentes. Mantê-los sob controle não era difícil. Alguns agentes da Polícia do Pensamento sempre se esgueiravam entre eles, espalhando boatos, marcando e eliminando os poucos indivíduos que eram julgados capazes de se tornarem perigosos. Contudo, não havia nenhuma tentativa de doutriná-los com a ideologia do Partido. Não era desejável que os proles tivessem fortes sentimentos políticos. Tudo o que se exigia deles era um patriotismo primitivo ao qual se podia recorrer sempre que fosse necessário para fazê-los aceitar mais horas de trabalho ou rações menores. E, mesmo quando ficavam descontentes, como às vezes ficavam, seu descontentamento não levava a lugar algum, porque, como não tinham uma visão geral, só podiam focalizá-la em queixas específicas e mesquinhas. Os males maiores escapavam de

sua atenção. A grande maioria dos proles nem tinha teletelas em casa. Nem a polícia civil se metia muito com eles. Havia um grande índice de criminalidade em Londres, todo um universo dentro de um mundo de ladrões, bandidos, prostitutas, traficantes e patifes de todos os tipos. Mas, como tudo acontecia entre os próprios proles, não tinha importância. Em todas as questões morais, eles eram autorizados a seguir seu código ancestral. O puritanismo sexual do Partido não era imposto a eles. A promiscuidade não era punida, o divórcio era permitido. Por falar nisso, até mesmo o culto religioso seria permitido se os proles demonstrassem qualquer sinal de necessidade ou vontade. Eles estavam abaixo da suspeita. Como dizia o slogan do Partido: “Proles e animais são livres”.

Winston se curvou e coçou levemente sua úlcera varicosa. Ela tinha começado a coçar outra vez. O que nunca saía da mente dele era a impossibilidade de saber como realmente era a vida antes da Revolução. Ele tirou da gaveta um exemplar de um livro infantil que pegara emprestado da sra. Parsons e começou a copiar um trecho no diário:

Nos velhos tempos (diziam), antes da gloriosa Revolução, Londres não era a bela cidade que conhecemos hoje. Era um lugar escuro, sujo e miserável, onde quase ninguém tinha o que comer e onde centenas e milhares de pobres

não tinham botas nos pés e nem mesmo um teto para dormir. Crianças, com menos idade que você, tinham de trabalhar doze horas por dia para patrões cruéis que as açoitavam se não trabalhassem depressa, alimentando-as apenas com farinha de rosca e água. Em meio a toda essa miséria, havia apenas algumas casas grandes e belas habitadas por homens ricos que tinham até trinta empregados para cuidar delas. Esses homens ricos eram chamados de capitalistas. Eram homens gordos e feios com rostos perversos, como o da foto na página seguinte. Você verá que ele veste um longo casaco preto, que era chamado de “sobrecasaca”; e um chapéu esquisito e brilhante em forma de chaminé, que era chamado de “cartola”. Esse era o uniforme dos capitalistas e ninguém mais tinha permissão para usá-lo. Os capitalistas possuíam tudo no mundo, e todos os outros eram seus escravos. Eles possuíam todas as terras, todas as casas, todas as fábricas e todo o dinheiro. Se alguém os desobedecesse, eles poderiam jogá-lo na cadeia, ou poderiam tirar seu emprego e matá-lo de fome. Quando qualquer pessoa comum falava com um capitalista, ela tinha de se ajoelhar e se curvar, tirar seu boné e o chamar de “Senhor”. O chefe de todos os capitalistas era chamado de Rei, e...

Mas ele conhecia o resto da história. Haveria menção aos bispos em suas mangas bufantes, aos juízes em suas togas de arminho, ao pelourinho, aos cepos, aos moedores, aos chicotes de nove pontas, ao banquete do prefeito e à prática de beijar o dedo do pé do Papa. Existia também algo chamado JUS PRIMAE NOCTIS, que provavelmente não seria mencionado em um livro didático para crianças. Era a lei pela qual todo capitalista tinha o direito de dormir com qualquer mulher que trabalhasse em uma de suas fábricas.

Como saber o quanto disso era mentira? PODERIA ser verdade que o ser humano médio estava melhor agora do que antes da Revolução. A única prova contrária era o protesto mudo em seus próprios ossos, a sensação instintiva de que as condições em que se vivia eram intoleráveis e que, em algum outro momento, deveriam ter sido diferentes. Ocorreu-lhe que a real característica da vida moderna não era sua brutalidade e insegurança, mas simplesmente sua crueza, sua sujeira, sua indiferença. A vida, se você olhasse ao redor, não tinha nenhuma semelhança com as mentiras que emanavam das teletelas, nem com os ideais que o Partido tentava alcançar. Grandes partes da vida, mesmo para um membro do Partido, eram momentos neutros e apolíticos, uma questão de se arrastar por trabalhos enfadonhos, lutar por um lugar no metrô, cerzir uma meia surrada, arranjar

um tablete de sacarina, guardar uma ponta de cigarro. O ideal estabelecido pelo Partido era algo enorme, terrível e brilhante — um mundo de aço e concreto, de máquinas monstruosas e armas aterrorizantes — uma nação de guerreiros e fanáticos marchando em perfeita unidade, todos pensando os mesmos pensamentos e gritando os mesmos slogans, trabalhando perpetuamente, lutando, triunfando e perseguindo — trezentos milhões de pessoas, todas com o mesmo rosto. A realidade era cidades decadentes e sombrias, onde pessoas desnutridas rastejavam de um lado para outro com sapatos furados, em casas vitorianas aos pedaços com cheiro de repolho e esgoto. Ele vislumbrou uma Londres vasta e decadente, a cidade com um milhão de latas de lixo; e, misturado a tudo isso, estava a figura da sra. Parsons, uma mulher com rosto enrugado e cabelos ralos, desamparada, segurando um pedaço de cano entupido.

Ele se abaixou e coçou o tornozelo novamente. As teletelas feriam seus ouvidos com estatísticas dia e noite, provando que as pessoas hoje tinham mais comida, mais roupas, melhores casas, melhor entretenimento — que viviam mais, trabalhavam menos, eram mais altas, mais saudáveis, mais fortes, mais felizes, mais inteligentes e mais educadas do que as pessoas de cinquenta anos atrás. Nenhuma palavra poderia ser provada ou refutada. O Partido afirmou, por exemplo,

que 40% dos proles adultos eram alfabetizados hoje. Antes da Revolução, dizia-se, eram apenas 15%. O Partido afirmava que a taxa de mortalidade infantil agora era de apenas 160 mil, enquanto, antes da Revolução, era de 300 — e assim por diante. Era como uma única equação de segundo grau. Pode muito bem ser que literalmente cada palavra nos livros de história, mesmo as coisas que se aceitava sem questionar, fosse pura fantasia. Até onde ele sabia, poderia nunca ter existido uma lei como a *JUS PRIMAE NOCTIS*, ou uma criatura como o capitalista ou qualquer peça de roupa como uma cartola.

Uma névoa encobria a tudo. O passado foi apagado, o apagamento foi esquecido, a mentira se tornou verdade. Apenas uma vez na vida, ele tinha possuído — *DEPOIS* do evento, isso era importante — evidências concretas e inconfundíveis de um ato de falsificação. Ele a segurou entre os dedos por uns trinta segundos. Deve ter sido em 1973, mais ou menos na época em que ele e Katharine se separaram. Mas a data realmente relevante se situava entre sete ou oito anos atrás.

A história teve início em meados dos anos de 1960, em que os líderes originais da Revolução foram eliminados de uma vez por todas no período dos grandes expurgos. Em 1970, não havia sobrado nenhum deles, exceto o próprio Big Brother. Todos os outros já tinham sido expostos como

traidores e contrarrevolucionários. Goldstein estava foragido, ninguém sabia onde; e, os restantes, alguns simplesmente desapareceram, enquanto a maioria foi executada após espetaculares julgamentos públicos em que confessaram seus crimes. Entre os últimos sobreviventes, estavam três homens chamados Jones, Aaronson e Rutherford. Eles devem ter sido presos em 1965. Antes, como sempre acontecia, eles haviam desaparecido por um ano ou mais, de modo que ninguém mais sabia se estavam vivos ou mortos; até, de repente, como sempre acontecia, serem trazidos a público para incriminarem a si mesmos. Eles haviam confessado conspirar com o inimigo (naquela data, o inimigo também era a Eurásia); desviar erário público; assassinar vários membros de confiança do Partido; criar as intrigas contra a liderança do Big Brother, que tinham começado muito antes da Revolução; e também cometer atos de sabotagem que causaram a morte de centenas de milhares de pessoas. Depois de confessarem tudo, eles foram perdoados, reintegrados ao Partido e receberam cargos que, na verdade, eram sinecuras, ainda que parecessem importantes. Todos os três escreveram artigos longos e degradantes no “The Times”, analisando os motivos de sua deserção e prometendo fazer compensações.

Algum tempo depois de serem soltos, Winston viu os três no Chestnut Tree Cafe. Ele podia se lembrar da

fascinação horrorizada com que os observava com o canto do olho. Eram homens muito mais velhos do que ele, relíquias do mundo antigo, quase as últimas grandes figuras remanescentes dos dias heroicos do Partido. O glamour da luta clandestina e da guerra civil ainda se apegava a eles vagamente. Ele tinha a sensação, embora já naquela época os fatos e as datas estivessem ficando confusos, de que ouvira seus nomes anos antes de saber sobre o Big Brother. Mas eles também eram bandidos, inimigos, abjetos, condenados à extinção certa em um ou dois anos. Ninguém que caísse uma vez nas mãos da Polícia do Pensamento escapava no final. Eles eram cadáveres esperando para serem enviados de volta ao túmulo.

Ninguém se sentava nas mesas próximas a eles. Não era sensato nem mesmo ser visto próximo a pessoas assim. Ficavam sentados em silêncio diante de copos de gin com cravo, a especialidade do café. Dos três, foi Rutherford quem mais impressionou Winston. Rutherford já fora um caricaturista famoso, cujos cartuns brutais ajudaram a inflamar a opinião pública antes e durante a Revolução. Mesmo agora, mas muito de vez em quando, seus cartuns apareciam no “The Times”. Eles não passavam de um arremedo de seu talento anterior, estranhamente sem vida e pouco convincentes. Eles revisitavam temas antigos — cortiços, crianças

famintas, conflitos de rua, capitalistas de cartola —, lugar em que, mesmo em suas barricadas, os capitalistas ainda se agarravam a suas cartolas em um esforço desesperado de voltar ao passado. Ele era um homem gigantesco, com uma juba de cabelos oleosos e acinzentados, o rosto franzido e enrugado, com grossos lábios negroides. Em sua época, ele devia ter sido imensamente forte; agora, seu grande corpo estava curvado, inclinado, inchado, despencando em todas as direções. Ele parecia estar se desmanchando a olhos vistos, como uma montanha que desmorona.

Era a hora solitária das quinze. Agora, Winston não conseguia se lembrar de como chegara ao café naquele horário. O lugar estava quase vazio. Uma música estridente gotejava das teletelas. Os três homens se sentaram quase imóveis em seu canto, calados. O garçom trouxera novos copos de gin sem que pedissem. Havia um tabuleiro de xadrez na mesa ao lado deles, com as peças arrumadas, mas nenhum jogo iniciado. Então, durante meio minuto ao todo, algo acontecera às teletelas. A melodia que elas tocavam mudou e o tom da música também. Saiu de dentro delas — mas tratava-se de algo difícil de descrever — uma canção incomum, apressada, zurrante e zombeteira. Em sua mente, Winston a chamava de nota do medo. E então uma voz da teletela começou a cantar:

Debaixo do frondoso castanheiro
Eu te vendi e você me vendeu por dinheiro:
Eles mortos janeiro, nós mortos em fevereiro
Debaixo do frondoso castanheiro.

Os três homens não se mexeram. Quando Winston olhou novamente para o rosto em ruínas de Rutherford, viu que seus olhos estavam cheios de lágrimas. E, pela primeira vez, ele percebeu, com uma espécie de calafrio interior, mas sem saber O QUÊ o congelava, que Aaronson e Rutherford estavam com o nariz quebrado.

Não muito depois, os três foram presos novamente. Parecia que eles haviam se envolvido em novas conspirações desde o momento de sua libertação. No segundo julgamento, eles confessaram todos os seus antigos crimes novamente, mais uma série de novos. Eles foram executados, seu destino fora registrado na história do Partido, uma advertência à posteridade. Cerca de cinco anos depois, em 1973, Winston desenrolava um maço de documentos que acabara de cair do tubo quando encontrou um fragmento de papel que evidentemente tinha sido colocado entre os outros e depois esquecido. No instante em que o alisou, entendeu seu significado. Era uma meia página arrancada do “The Times” de cerca de dez anos antes — era a metade

superior da página, de modo que incluía a data — e continha uma fotografia dos delegados em algum evento do Partido em Nova York. Jones, Aaronson e Rutherford estavam proeminentes no meio do grupo. Não existia a possibilidade de serem confundidos, de qualquer forma, seus nomes estavam na legenda abaixo.

A questão é que, em ambos os julgamentos, os três homens confessaram que naquela data estavam em solo eurasiático. Eles teriam voado de um campo de pouso secreto no Canadá para um ponto de encontro em algum lugar da Sibéria, bem como conversado com membros do Estado-Maior da Eurásia, a quem teriam revelado importantes segredos militares. A data ficou gravada na memória de Winston porque parecia ser o dia do Festival de Verão; mas a história devia ter sido registrada em muitos outros lugares também. Havia apenas uma conclusão possível: as confissões eram mentira.

Claro, aquilo não fora uma descoberta em si. Mesmo naquela época, Winston não imaginava que as pessoas dizimadas nos expurgos tivessem realmente cometido os crimes de que eram acusadas. Mas aquela era uma evidência concreta. Era um fragmento abolido do passado, como um fóssil que surge em uma camada errada e destrói toda uma teoria geológica. Seria o suficiente para explodir o Partido

em átomos, se de alguma forma pudesse ser divulgado o seu significado para o mundo.

Ele começou a trabalhar imediatamente. Assim que entendeu o que era e o que significava a fotografia, ele a cobriu com outra folha de papel. Felizmente, quando a desenrolou, no ângulo visto pela teletela, a foto estava de cabeça para baixo.

Ele apoiou o bloco de anotações nos joelhos e empurrou a cadeira para trás para ficar o mais longe possível da teletela. Manter o rosto inexpressivo não era difícil, e até a respiração podia ser controlada: mas ele não conseguia controlar as batidas do coração, e a teletela era delicada o suficiente para captá-las. Ele deixou passar o que julgou ser dez minutos, atormentado o tempo todo pelo medo de que algum incidente — uma súbita corrente de ar soprada sobre sua mesa, por exemplo — o denunciasse. Então, sem descobri-la novamente, ele jogou a fotografia no buraco da memória junto com outros papéis usados. Dentro de um minuto, talvez, seria desintegrada.

Isso foi há dez, onze anos. Hoje, provavelmente, ele teria guardado aquela fotografia. Mesmo agora, era curioso que o fato de a ter segurado entre seus dedos parecesse fazer diferença, quando a própria fotografia e o acontecimento que a confirmava eram apenas uma memória. Ele se perguntou

se o controle do Partido sobre o passado teria enfraquecido, porque uma evidência que não existia mais, ainda persistia.

Mas, hoje, supondo que pudesse ser de alguma forma ressuscitada das cinzas, a fotografia não seria nem mesmo uma evidência. Na época em que fez sua descoberta, a Oceânia já não estava mais em guerra com a Eurásia, e deveria ter sido aos agentes da Lestásia que os três mortos entregaram os segredos do país. Desde então, existiram outras mudanças — duas, três, ele não conseguia se lembrar quantas. Muito provavelmente, as confissões foram reescritas e reescritas até que os fatos e datas originais perdessem todo o significado. O passado não apenas mudara, mas continuava mudando continuamente. O que mais o afligia, como se estivesse em um pesadelo, era que nunca havia entendido claramente por que a enorme farsa fora forjada. As vantagens imediatas de falsificar o passado eram óbvias, mas o motivo final era misterioso. Ele pegou sua pena novamente e escreveu:

Eu sei COMO. Eu não sei POR QUÊ.

Ele se questionou, da mesma forma que tinha se perguntado muitas vezes antes, se ele próprio era louco. Talvez um único indivíduo louco formasse uma minoria. Houve um tempo em que era sinal de loucura acreditar que a terra

girava em torno do sol; hoje, é acreditar que o passado é inalterável. Ele talvez estivesse SOZINHO ao sustentar essa teoria e, quando se está sozinho, você é taxado de louco. Mas a ideia de ser um louco não o perturbava muito: o horror era de que ele estivesse errado.

Ele pegou o livro infantil e olhou para o retrato do Big Brother na folha de rosto. Os olhos hipnóticos se fixaram nos seus. Era como se uma força enorme o pressionasse — algo que penetrava em seu crânio, ricocheteava contra o seu cérebro, assustando-o até perder as suas crenças, persuadindo-o quase a negar a evidência dos seus sentidos. No final, o Partido anunciaria que dois mais dois eram cinco, e todos seriam obrigados a acreditar nisso. Era inevitável que fizessem essa afirmação mais cedo ou mais tarde: a lógica da posição do Partido exigia isso. Não apenas a validade da experiência, mas a própria existência da realidade exterior era tacitamente negada por sua filosofia. A heresia das heresias era o senso comum. E o que era mais assustador não era o fato de que eles poderiam matá-lo por pensar de outra forma, mas que eles pudessem estar certos. Afinal, como sabemos que dois mais dois são quatro? Ou que a força da gravidade existe? Ou que o passado é imutável? Se tanto o passado quanto o mundo exterior existissem somente dentro da mente, e que a mente em si é controlável, então, o que aconteceria?

Mas não! Sua coragem pareceu se fortalecer de repente por conta própria. O rosto de O'Brien, sem qualquer associação óbvia, apareceu em sua mente. Ele sabia, com mais certeza do que antes, que O'Brien estava do seu lado. Ele estava escrevendo o diário para O'Brien — PARA O'Brien: era como uma carta interminável que ninguém jamais leria, mas que era endereçada a uma determinada pessoa e se nutria desse fato.

O Partido promovia a rejeição da evidência sensorial. Era o seu comando final e mais profundo. Sentia um aperto no coração ao pensar no enorme poder apontado contra ele, na facilidade com que qualquer intelectual do Partido o derrubaria em um debate, nos argumentos sutis que ele não seria capaz de entender, muito menos responder. E ainda assim ele estaria certo! Os outros estavam errados e ele estava certo. O óbvio, o tolo e o verdadeiro precisam ser defendidos. Os truísmos são verdadeiros, agarre-se a isso! O mundo concreto existe, suas leis não mudam. As pedras são duras, a água é molhada, os objetos livres caem em direção ao centro da terra. Com a sensação de estar falando com O'Brien e também de apresentar um axioma importante, ele escreveu:

*Liberdade é poder dizer que dois mais dois são quatro.
Se isso for concedido, o resto irá bem.*

De algum lugar no fundo de um beco, o cheiro de café torrado — café de verdade, não Café Vitória — invadia a rua. Winston fez uma pausa involuntária. Por talvez dois segundos, ele estava de volta ao difuso mundo de sua infância. Então, uma porta bateu e pareceu interromper o cheiro como se ele fosse um som.

Winston havia caminhado vários quilômetros pelas calçadas e sua úlcera latejava. Era a segunda vez, em três semanas, que ele faltava a uma noite no Centro Comunitário: um ato descuidado, pois era certo de que o número de frequência no Centro era cuidadosamente conferido. Em princípio, um membro do Partido não tinha tempo livre e nunca estava sozinho, exceto ao dormir. Supunha-se que, quando ele não estivesse trabalhando, comendo ou dormindo, participaria de algum tipo de recreação comunitária: fazer qualquer coisa que sugerisse gosto pela solidão, até mesmo dar um passeio sozinho, era sempre suspeito. Havia uma palavra para isso em newspeak: OWNLIFE, era como se chamava, cujo

significado envolvia individualismo e excentricidade. Mas esta noite, ao sair do Ministério, o bálsamo do ar de abril o tentou. O céu era do azul mais quente que ele vira naquele ano e, de repente, a longa e barulhenta noite no Centro, os jogos entediantes e exaustivos, as palestras, a camaradagem estridente azeitada pelo gin lhe pareceram intoleráveis. Num impulso, ele se afastou do ponto de ônibus e vagou pelo labirinto de Londres, primeiro para o Sul, depois para o Leste, depois para o Norte novamente, perdendo-se em ruas desconhecidas e mal se importando em que direção ia.

“Se há esperança”, ele escreveu no diário, “ela está nos proles.” As palavras não saíam de sua cabeça. Era a declaração de uma verdade mística e de um absurdo palpável. Ele estava em algum lugar nas favelas sujas do Norte ou do Leste, lugar em que antes fora a estação Saint Pancras. Ele subia uma rua de paralelepípedos com pequenos sobrados de dois andares e suas portas surradas, as quais davam diretamente para a calçada e que de algum modo sugeriam tocas de rato. Havia poças de água podre por todas as rachaduras do pavimento. Entrando e saindo das portas escuras, bem como por becos estreitos que se ramificavam em ambos os lados, havia multidões em números surpreendentes — garotas em plena puberdade e com bocas grosseiramente pintadas de batom, rapazes que as seguiam, mulheres de quadris largos que

profetizavam como essas garotas seriam daqui a dez anos, velhas criaturas curvadas que arrastavam seus pés e crianças esfarrapadas e descalças que brincavam nas poças para, então, saírem correndo ao ouvir as broncas de suas mães. Talvez um quarto das janelas da rua estivessem quebradas e fechadas com tábuas. A maioria das pessoas não prestava atenção em Winston; alguns o olhavam com discreta curiosidade. Duas mulheres medonhas, com os antebraços avermelhados cruzados sobre os aventais, conversavam diante de uma porta. Winston ouviu trechos da conversa ao se aproximar.

— É, eu disse pra ela, tá tudo muito bem, eu disse. Mas se ocê tivesse no meu lugar, faria a mesma coisa. É fácil criticar, eu disse, mas ocê não tem os mesmo problema que eu.

— Ah — disse a outra —, brincadeira. É uma palhaçada.

As vozes estridentes pararam abruptamente. As mulheres o estudaram com um silêncio hostil enquanto ele passava. Mas não era exatamente hostilidade; apenas cautela, um enrijecimento momentâneo, como quando algum animal desconhecido se aproxima. O macacão azul do Partido não era uma visão comum em uma rua assim. Na verdade, não era sensato ser visto em tais lugares, a menos se tivesse algum negócio específico por lá. As patrulhas poderiam pará-lo se o vissem. “Posso ver seus papéis, camarada? O que você está fazendo aqui? A que horas você saiu do trabalho? Este

é o seu caminho para casa?” E assim por diante. Não que houvesse regras contra voltar a pé para casa por um caminho diferente, mas aquilo bastaria para chamar a atenção da Polícia do Pensamento.

De repente, toda a rua ficou em polvorosa. Gritos de advertência por todos os lados. As pessoas se escondiam como coelhos nas tocas. Uma jovem saltou de uma porta um pouco à frente de Winston, agarrou uma criancinha que brincava em uma poça, girou o avental em volta dela e saltou para trás, tudo em um movimento só. No mesmo instante, um homem, com um terno preto que o fazia parecer uma sanfona, emergiu de um beco lateral e correu em direção a Winston, apontando para o céu.

— Steamer! — ele gritou. — Cuidado, parceiro! Ataque do céu! Deita rápido!

“Steamer” era um apelido que, por algum motivo, os proles deram às bombas-foguete. Winston prontamente se jogou de cara no chão. Os proles quase sempre acertavam quando davam um aviso desses. Eles pareciam possuir algum instinto que lhes dizia com vários segundos de antecedência quando uma bomba estava chegando, embora as bombas-foguete supostamente viajassem mais rápido do que o som. Winston protegeu a cabeça com os antebraços. Ouviu-se um rugido que pareceu fazer o pavimento se erguer; uma

chuva de fragmentos tamborilou em suas costas. Quando ele se levantou, descobriu que estava coberto de cacos de vidro da janela mais próxima.

Ele seguiu em frente. A bomba havia demolido um grupo de casas duzentos metros rua acima. Uma nuvem negra de fumaça pairava no céu e, abaixo dela, uma nuvem de pó de gesso, na qual, em torno das ruínas, uma multidão já se formava. Havia um pedaço de gesso na calçada à sua frente e, no centro, ele podia ver uma faixa vermelha brilhante. Quando ele chegou mais perto, notou que era uma mão humana decepada na altura do pulso. Com exceção do coto ensanguentado, a mão estava tão embranquecida que parecia um molde de gesso.

Ele chutou a mão para a sarjeta e, para evitar a multidão, dobrou em uma rua lateral à direita. Em três ou quatro minutos, ele estava fora da área afetada pela bomba e a sórdida vida fervilhante das ruas continuava como se nada tivesse acontecido. Eram quase vinte, os bares que os proles frequentavam (“pubs”, como os chamavam) estavam lotados. Suas portas sujas, abrindo e fechando sem parar, execravam um cheiro de urina, serragem e cerveja choca. Debaixo de uma sombra formada por uma fachada saliente, três homens estavam muito próximos uns dos outros, o do meio segurava um jornal dobrado que os outros dois estudavam sobre seu

ombro. Mesmo antes de estar perto o suficiente para ver a expressão em seus rostos, Winston podia ver a tensão em cada linha de seus corpos. Obviamente, eles liam uma notícia séria. Ele estava a poucos passos deles quando, de repente, o grupo se separou e dois dos homens iniciaram uma violenta discussão. Por um momento, pareceu que iriam às vias de fato.

— Você não presta atenção no que eu falo? Estou dizendo que nenhum número terminado em sete foi sorteado nos últimos quatorze meses!

— Não, já saiu sim.

— Não saiu, não! Em casa, eu tenho anotado os números dos últimos dois anos. Eu anoto tudo direitinho no caderno, caprichado. E estou dizendo que nenhum número terminando em sete...

— Tem um sete que FOI sorteado! Quase consigo me lembrar da porra do número. Quatro zero sete, foi isso. Foi em fevereiro... segunda semana de fevereiro.

— Fevereiro é a sua vó! Eu anotei tudo certinho. Estou falando, nenhum número...

— Ah, chega disso! — disse o terceiro homem.

Eles estavam falando sobre a Loteria. Winston olhou para trás quando já havia percorrido trinta metros. Eles ainda discutiam apaixonadamente. A Loteria, com seu pagamento

semanal de enormes prêmios, era o único evento público ao qual os proles davam atenção. Provavelmente, a Loteria era a principal, senão a única razão pela qual alguns milhões de proles continuassem vivos. Era seu prazer, sua loucura, seu anódino, seu estimulante intelectual. No que dizia respeito à Loteria, mesmo as pessoas que mal sabiam ler e escrever pareciam capazes de cálculos intrincados e façanhas espantosas de memória. Havia toda uma classe de homens que ganhava a vida simplesmente vendendo sistemas, previsões e amuletos da sorte. Winston nada tinha a ver com a administração da Loteria, que era feita pelo Ministério da Fatura, mas ele estava ciente (na verdade, todos no Partido sabiam) de que os prêmios eram em grande parte imaginários. Apenas pequenas quantias eram realmente pagas, os vencedores dos grandes prêmios eram pessoas inexistentes. Na falta de comunicação verdadeira entre uma parte da Oceânia e outra, isso não era difícil de armar.

Mas se havia esperança, ela estava nos proles. Era preciso acreditar nisso. Em teoria, parecia lógico: mas quando se olhava para os seres humanos nas calçadas, aquilo se transformava em um ato de fé. A rua na qual ele havia virado era uma ladeira. Ele tinha a sensação de já conhecer aquela vizinhança e de que havia uma avenida principal não muito longe. De algum lugar à frente, veio um alarido de

vozes gritando. A rua fazia uma curva fechada e terminava em uma escadaria que descia para um beco profundo, onde ambulantes vendiam legumes de aparência passada. Nesse momento, Winston se lembrou de onde estava. O beco levava à rua principal e, na próxima curva, a menos de cinco minutos, ficava a loja de bugigangas em que ele comprara o caderno em branco que agora era seu diário. E, em uma pequena papelaria não muito longe, ele comprara seu porta-canetas e seu frasco de nanquim.

Ele parou por um momento no topo da escada. No lado oposto do beco, havia um pequeno pub sujo, cujas janelas pareciam congeladas, mas na realidade estavam apenas cobertas de poeira. Um homem muito velho, corcunda, mas ágil e com bigodes brancos eriçados para a frente como os de um camarão, empurrou a porta e entrou. Enquanto Winston observava, ocorreu-lhe que o velho, que devia ter pelo menos oitenta anos, já estaria na meia-idade quando a Revolução aconteceu. Ele e alguns outros como ele agora eram os últimos elos com o mundo desaparecido do capitalismo. No próprio Partido, não restavam muitas pessoas cujas ideias tivessem sido formadas antes da Revolução. A geração mais velha fora quase totalmente exterminada nos grandes expurgos dos anos 1950 e 1960, e os poucos sobreviventes foram aterrorizados até a rendição intelectual completa. Se

ainda tivesse alguém vivo que pudesse lhe dar um relato verdadeiro das condições no início do século, só poderia ser um prole. De repente, a passagem do livro de história que ele havia copiado no diário voltou à sua mente, tão como um impulso incontrolável tomou conta dele. Ele iria para o bar, iria estripar o conhecimento daquele velho, interrogá-lo. Ele diria: “Fale-me sobre a sua infância. Como era naquela época? As coisas eram melhores ou piores?”

Apressado, para não deixar o medo tomar conta, ele desceu os degraus e atravessou a rua estreita. Claro que era loucura. Como de costume, não havia regra definida contra falar com proles e frequentar seus pubs, mas era um ato muito incomum para passar despercebido. Se as patrulhas aparecessem, ele poderia alegar um ataque de desmaio, mas era provável que não acreditassem nele. Ele empurrou a porta e um cheiro horrível de cerveja choca o atingiu no rosto. Quando ele entrou, o barulho das vozes despencou para a metade do volume. Ele podia sentir todos olhando as costas de seu macacão azul. Um jogo de dardos que acontecia do outro lado da sala foi interrompido por cerca de trinta segundos. O velho que ele havia seguido estava em pé no balcão, discutindo com o barman, um jovem obeso, de nariz adunco e antebraços enormes. Um outro grupo de pessoas em volta, com copos nas mãos, observava a cena.

— Eu fui bem-educado, num fui? — disse o velho, endireitando os ombros belicosamente. — Você está me dizendo que não tem mais nenhum *pint* de cerveja nesta pocilga?

— E o que diabos SERIA um pint? — perguntou o barman, inclinando-se para a frente com as pontas dos dedos no balcão.

— Olha só pra você! Te chamam de barman e nem sabe o que é um pint! Ora, um pint é metade de um quarto. Tem quatro quartos em um galão. Agora, tenho que te ensinar o alfabeto?

— Nunca ouvi falar — disse o barman brevemente. — Litro ou meio litro, é só o que servimos. Os copos estão na prateleira à sua frente.

— Eu prefiro um pint — insistiu o velho. — Você poderia me tirar um pint? É muito difícil? Não tinha essa merda de “litros” quando eu era jovem.

— Quando você era jovem, nós morávamos nas árvores — disse o barman, olhando para os outros clientes.

Houve uma gargalhada e a inquietação causada pela entrada de Winston já havia desaparecido. O rosto de barba branca do velho ficou rosado. Ele se virou, murmurando para si mesmo, e esbarrou em Winston. Winston o segurou suavemente pelo braço.

— Posso lhe oferecer uma bebida? — ele disse.

— Taí um cavalheiro — disse o idoso, endireitando os ombros novamente. Ele parecia não ter notado o macacão azul de Winston. — Um pint! — acrescentou agressivamente ao barman. — Um pint de cervã.

O barman despejou dois meios litros de cerveja marrom-escura em copos grossos, os quais enxaguou em um balde embaixo do balcão. Cerveja era a única bebida servida nos pubs dos proles. Os proles não deviam beber gin, embora, na prática, conseguissem obtê-lo com bastante facilidade. O jogo de dardos estava a todo vapor novamente, e o grupo de homens no bar havia começado a discutir sobre bilhetes de loteria. A presença de Winston foi esquecida por um momento. Havia uma mesa sob a janela onde ele e o velho podiam conversar sem medo de serem ouvidos. Era terrivelmente perigoso, mas, de qualquer forma, não havia teletelas no local, coisa que ele se certificou assim que entrou.

— Ele podia ter me dado um pint — resmungou o velho enquanto se acomodava atrás do copo. — Meio litro é pouco. Não satisfaz. E um litro inteiro é muito. Me deixa com vontade de mijar. Sem falar do preço.

— Você deve ter vivido grandes mudanças desde a juventude — começou Winston, hesitante.

Os olhos azuis do velho se moveram do alvo de dardos para o bar, então, do bar para a porta do banheiro

masculino, como se fosse no bar que as mudanças tivessem acontecido.

— A cerveja era melhor — disse ele, finalmente. — E mais barata! Quando eu era moço, a gente chamava de “cerva”. O pint custava quatro pence. Isso foi antes da guerra, claro.

— Que guerra foi essa? — perguntou Winston.

— Todas as guerras — disse o velho sem interesse. Ele pegou seu copo e seus ombros se endireitaram novamente.

— Um brinde à sua saúde!

Em sua garganta magra, o pontudo pomo-de-adão fez um movimento surpreendentemente rápido para cima e para baixo, e a cerveja desapareceu. Winston foi ao bar e voltou com mais dois meios litros. O velho demonstrava ter se esquecido do seu preconceito de beber um litro inteiro.

— Você é muito mais velho do que eu — comentou Winston. — Já devia ser adulto antes de eu nascer. Você se lembra de como era nos velhos tempos, antes da Revolução. As pessoas da minha idade não sabem nada daquela época. Só podemos ler sobre isso em livros, e o que está nos livros pode não ser verdade. Eu gostaria de ouvir a sua opinião. Os livros de história dizem que a vida antes da Revolução era completamente diferente do que é agora. Houve a mais terrível opressão, injustiça, pobreza pior do que qualquer coisa que possamos imaginar. Aqui em Londres, a grande

massa do povo nunca tinha o suficiente para comer desde que nascia até morrer. Metade deles nem tinham botas nos pés. Eles trabalhavam doze horas por dia, estudavam só até os nove anos, dormiam dez no mesmo quarto. E, ao mesmo tempo, havia muito poucas pessoas, apenas alguns milhares — os capitalistas, como eram chamados — que eram ricos e poderosos. Eles eram os donos de tudo. Eles moravam em lindas casas com trinta empregados cada, andavam em carros à gasolina, tinham carruagens de quatro cavalos, bebiam champanhe, usavam cartolas...

O velho se iluminou de repente.

— Cartolas! — ele completou. — Engraçado você se lembrar disso. Eu pensei a mesma coisa ontem, não sei por quê: “Faz tempo que não vejo uma cartola”. Elas foram banidas, isso sim. A última vez que eu usei uma foi no enterro da minha cunhada. E isso foi, bem, não me lembro a data, mas deve ter sido uns cinquenta anos atrás. É claro que eu só aluguei para a ocasião, sabe?

— As cartolas não são o ponto — disse Winston, pacientemente. — O ponto é que esses capitalistas, eles e alguns advogados, padres e outros que viviam às custas de vocês, eram os donos da terra. Tudo existia para seu benefício. Vocês, as pessoas comuns, os trabalhadores, eram seus escravos. Eles podiam fazer o que quisessem com você. Eles

poderiam mandar você para o Canadá como gado. Eles poderiam dormir com suas filhas, se quisessem. Eles poderiam mandar chicotear você com uma coisa chamada de gato de nove rabos. Você tinha de tirar o chapéu quando passava por eles. Todo capitalista andava com uma turma de lacaios que...

O velho se iluminou novamente.

— Lacaios! — ele disse. — Aí está uma palavra que não ouço há muito tempo. Lacaios! Essa sempre me leva de volta, sim. Eu me lembro que às vezes eu ia, sei lá quanto tempo faz... ia pro Hyde Park nas tardes de domingo pra ouvir os caras que faziam discursos. Exército de Salvação, católicos apostólicos, judeus, indianos: gente de todos os tipos. E tinha um cara, mas não consigo me lembrar do nome, que era um orador muito poderoso. Ele não tinha papas na língua! “Lacaios!”, ele dizia, “Lacaios da burguesia! Lacaios da classe dominante!” E parasitas. Esse era outro nome para eles. E hienas, sim, ele os chamava de hienas. Claro que estava se referindo ao Partido Trabalhista, sabe?

Winston teve a sensação de que eles estavam conversando sobre coisas diferentes.

— O que eu realmente queria saber é — disse ele — se você sente que tem mais liberdade agora do que naquela época. Você é tratado mais como um ser humano? Antigamente, as pessoas ricas, as pessoas no topo...

— A Câmara dos Lordes — interrompeu o velho com reminiscência.

— A Câmara dos Lordes, também. O que estou perguntando é se essas pessoas o tratavam com inferioridade simplesmente porque eram ricas e você era pobre. É verdade, por exemplo, que você tinha de chamá-los de “Sir” e tirar o chapéu ao passar por eles?

O velho pareceu refletir profundamente. Ele bebeu cerca de um quarto de sua cerveja antes de responder.

— Sim, eles gostavam que você tirasse seu chapéu para eles. Era um sinal de respeito. Eu não concordava com isso, mas fazia a toda hora. Era obrigado a fazer, por assim dizer.

— E era normal? Estou apenas citando o que li nos livros de história. Era comum essas pessoas e seus criados empurrarem você da calçada para a sarjeta?

— Um deles me empurrou uma vez — recordou o velho. — Eu me lembro como se fosse ontem. Era a noite da corrida de barcos, uma bagunça, como costumava ser na noite da corrida. Eu me deparei com um jovem na Shaftesbury Avenue. Muito cavalheiro, vestia uma camisa social, cartola e sobretudo preto. Ele caminhava pela calçada e esbarrei nele sem querer. Ele disse: “Por que não olha por onde anda?” E eu disse: “Cê acha que é dono da calçada?” E ele: “Destronco seu pescoço se quiser encrenca”. E eu: “Você tá bêbado. Te

coloco na linha em um minuto”. Então, ele colocou a mão no meu peito e me deu um empurrão tão forte que quase me mandou para debaixo de um ônibus. Bom, eu era jovem naquela época e ia revidar, mas...

Uma sensação de impotência tomou conta de Winston. A memória do velho não passava de um monte de detalhes inúteis. Alguém poderia interrogá-lo o dia todo sem obter nenhuma informação real. As histórias do Partido podiam ser verdadeiras, até completamente verdadeiras. Ele fez uma última tentativa.

— Talvez eu não tenha sido claro — disse ele. — O que estou tentando dizer é que você está vivo há muito tempo; você viveu metade de sua vida antes da Revolução. Em 1925, por exemplo, você já era adulto. Você diria, pelo que você consegue se lembrar, que a vida em 1925 era melhor ou pior do que é agora? Se pudesse escolher, preferiria viver naquela época ou agora?

O velho olhou pensativo para o tabuleiro de dardos. Ele terminou sua cerveja, mais devagar do que antes. Quando ele falou, usou um tom filosófico e tolerante, como se a cerveja o tivesse amadurecido.

— Eu sei o que você espera que eu diga — disse ele. — Você quer que eu diga que eu queria ser jovem de novo. A maioria das pessoas diria sim, se quer saber. Você tem saúde

e força quando é jovem. Quando você chega no fim da vida, nunca está bem. Eu sofro muito com os meus pés, a minha bexiga é uma piada de mau gosto. Eu tenho de me levantar seis, sete vezes por noite da cama. Por outro lado, há grandes vantagens em ser velho. Você não tem as mesmas preocupações. Não tem mais mulheres, e isso é ótimo. Não tenho uma mulher há quase trinta anos, se quer saber. E nem quero.

Winston recostou-se no parapeito da janela. Era inútil continuar. Ele estava prestes a pegar mais cerveja quando o velho de repente se levantou e se arrastou para o mictório fedorento ao lado. O meio litro extra já fazia efeito sobre ele. Winston continuou sentado por um ou dois minutos olhando para o copo vazio e mal percebeu quando seus pés o levaram novamente para a rua. Dentro de vinte anos, no máximo, ele refletiu, a grande e simples pergunta “A vida era melhor antes da Revolução do que é agora?” deixaria definitivamente de ter uma resposta. Mas, na verdade, respondê-la até mesmo agora era impossível, pois os poucos sobreviventes do mundo antigo eram incapazes de comparar uma época com a outra. Eles se lembravam de um milhão de coisas inúteis, uma briga com um colega de trabalho, a procura por uma bomba de bicicleta, a expressão no rosto de uma irmã morta há muito tempo, os redemoinhos de poeira em uma manhã de ventania setenta anos atrás. Mas todos

os fatos relevantes estavam fora do alcance de sua memória. Eles eram como formigas, que podem ver objetos pequenos, mas não grandes. E quando a memória falha e registros escritos são falsificados — quando isso aconteceu, a afirmação do Partido de ter melhorado as condições da vida humana teve de ser aceita, porque não existia, e nunca mais existiria, qualquer parâmetro de comparação.

Nesse momento, a sua linha de pensamento parou abruptamente. Ele estancou e ergueu os olhos. Era uma rua estreita, com lojinhas escuras espalhadas entre as residências. Imediatamente acima de sua cabeça, três bolas de metal desbotadas, que um dia pareciam ter sido douradas, estavam penduradas. Ele reconhecia o lugar. Claro! Ele estava na frente da loja de bugigangas onde havia comprado o diário.

Uma pontada de medo o atravessou. Comprar o caderno já havia sido algo arriscado, e ele jurou nunca mais se aproximar dali novamente. Mesmo assim, no instante em que ele permitiu que seus pensamentos vagassem, seus pés o trouxeram de volta para cá por conta própria. Era precisamente contra impulsos suicidas desse tipo que ele esperava se proteger iniciando o diário. Ao mesmo tempo, notou que, embora fossem quase vinte e uma, a loja continuava aberta. Com a sensação de que ficaria menos visível lá dentro do que exposto na calçada, ele entrou. Se questionado, poderia

dizer de forma plausível que estava tentando comprar lâminas de barbear.

O proprietário tinha acabado de acender uma lamparina a óleo, da qual exalava um cheiro fuliginoso, mas agradável. Ele era um homem de uns sessenta anos, frágil e curvado, com um nariz longo e simpático e olhos gentis distorcidos por seus óculos grossos. Seu cabelo era quase branco, mas suas sobrancelhas eram espessas e ainda pretas. Seus óculos, seus movimentos fluidos e precisos e o fato de estar usando uma velha jaqueta de veludo preto lhe conferiam um certo ar de intelectualidade, como algum tipo de acadêmico, ou talvez um músico. Sua voz era tranquila, quase inaudível, e seu sotaque menos degradado do que o da maioria dos proles.

— Eu reconheci você na calçada — disse ele, imediatamente. — Você é o cavalheiro que comprou o caderno de anotações da menina. Era um lindo caderno. Creme, como costumavam dizer. Não fazem mais papel assim há... ah, arrisco dizer que há cinquenta anos. — Ele olhou para Winston por cima dos óculos. — Posso fazer algo por você? Ou só veio dar uma olhada?

— Eu estava passando — disse Winston, distraidamente. — Só estou olhando. Não quero nada em especial.

— Tudo bem — disse o velho. — Porque acho que não poderia atendê-lo.— Ele fez um gesto de desculpas com a

palma da mão macia. — Olhe só em volta, é uma loja quase vazia. Cá entre nós, o comércio de antiguidades está praticamente extinto. Não há mais demanda e também não há mais estoque. Móveis, porcelanas, vidros, tudo isso foi quebrando aos poucos. E, claro, a maior parte dos metais foi derretido. Não vejo um castiçal de latão há anos.

O minúsculo interior da loja estava desconfortavelmente abarrotado, mas não havia nada ali que demonstrasse algum valor. O corredor era muito estreito, porque, ao redor, havia pilhas de molduras empoeiradas. Na janela, recipientes com porcas e parafusos, cinzéis gastos, canivetes com lâminas quebradas, relógios embaçados que nem mesmo dava para fingir que funcionavam e outras porcarias. Em apenas uma pequena mesa no canto, havia uma pilha de miudezas: caixas de rapé laqueadas, broches de ágata e coisas do gênero — prometia esconder algo interessante. Enquanto Winston se dirigia à mesa, sua atenção foi atraída por uma coisa redonda e lisa que brilhava suavemente à luz da lamparina, e ele a pegou.

Era um grande pedaço de vidro, arredondado de um lado e plano do outro, quase formando um hemisfério. Havia uma certa suavidade, como água da chuva, tanto na cor como na textura do vidro. Em seu centro, ampliado pela superfície curva, havia um objeto estranho, rosado e complexo que lembrava uma rosa ou uma anêmona do mar.

— O que é isto? — perguntou Winston, fascinado.

— É um coral — disse o velho. — Deve ter vindo do Índico. Eles costumavam botar isso dentro do vidro. Já não se faz mais desses há pelo menos cem anos. Mais, pelo que parece.

— É uma coisa linda — disse Winston.

— É uma coisa linda — repetiu o senhor com carinho. — Mas não há muitos que diriam isso hoje em dia. — Ele tossiu. — Se você quiser comprá-lo, custaria uns quatro dólares. Eu me lembro de quando uma coisa dessas renderia oito libras e oito libras eram... bem, não consigo converter, mas era muito dinheiro. Ninguém mais se importa com antiguidades genuínas hoje em dia, mesmo as poucas que sobraram.

Winston pagou imediatamente os quatro dólares e colocou o cobiçado objeto no bolso. O que o atraía não era tanto sua beleza, mas o ar que parecia possuir de pertencer a uma época bem diferente da atual. O vidro liso e brilhante não era como nenhum vidro que ele já vira. A coisa era duplamente atraente em razão de sua aparente inutilidade, embora ele pudesse supor que deve ter sido concebida para ser um peso de papel. Aquilo pesava muito em seu bolso, mas felizmente não fazia tanto volume. Era algo esquisito, até mesmo comprometedor para um membro do Partido ter em seu poder. Qualquer coisa velha e, por falar nisso,

qualquer coisa bonita, sempre seria suspeita. O velho ficou visivelmente mais alegre depois de receber os quatro dólares. Winston percebeu que teria aceitado três ou mesmo dois dólares.

— Há um outro cômodo no andar de cima que você pode dar uma olhada — disse ele. — Não há muito nele, apenas algumas peças. Se formos subir, vamos precisar de luz.

Ele acendeu outra lamparina e, com as costas curvadas, liderando o caminho lentamente, subiu a escada íngreme e gasta. Ao longo de uma passagem minúscula, levou Winston até uma sala que não dava para a rua, mas para um pátio de paralelepípedos e uma floresta de chaminés. Winston notou que a mobília ainda estava arrumada como se o cômodo fosse habitável. Havia uma tira de carpete no chão, um quadro ou dois nas paredes e uma poltrona funda e desajeitada ao lado da lareira. Um antigo relógio de vidro com mostrador de doze horas fazia tique-taque sobre o beiral. Debaixo da janela, e ocupando quase um quarto do quarto, havia uma enorme cama com colchão.

— Moramos aqui até a morte de minha esposa — contou o velho, quase se desculpando. — Estou vendendo a mobília aos poucos. É uma bela cama de mogno, ou pelo menos seria se não fossem os percevejos. Talvez o senhor a ache um pouco grande demais.

Ele segurava a lamparina bem no alto, de modo a iluminar todo o aposento. Na penumbra morna, o lugar parecia curiosamente convidativo. Winston pensou que talvez pudesse alugar o quarto por alguns dólares por semana, se tivesse coragem. Era uma ideia audaciosa e impossível, que deveria ser abandonada assim que nascesse. Mas o quarto despertou nele uma espécie de nostalgia, uma memória ancestral. Pareceu-lhe que sabia exatamente o que era se sentar em uma sala como essa, em uma poltrona ao lado de uma lareira, com os pés perto da grelha e uma chaleira no fogão; totalmente sozinho, totalmente seguro, sem ninguém para vigiá-lo, nenhuma voz inquisidora, nenhum som, exceto o canto da chaleira e o tranquilo tique-taque do relógio.

— Não há teletela! — ele não pôde deixar de murmurar.

— Ah — observou o velho —, nunca tive essas coisas. Muito caro. E eu nunca quis, não mesmo. Tem uma bela mesa dobrável ali no canto. Embora, é claro, você tenha de colocar novas dobradiças se quiser usar os apoios.

Havia uma pequena estante de livros no outro canto e Winston já gravitava em sua direção. Não continha nada que prestasse. A caça e a destruição de livros tinham sido feitas com o mesmo rigor nas casas dos proles, assim como em todos os outros lugares. Era muito improvável que existisse, em qualquer lugar da Oceânia, uma cópia de um

livro impresso antes de 1960. O velho, ainda carregando a lamparina, estava diante de um quadro com moldura de jacarandá pendurado do lado oposto da lareira, na frente da cama.

— Agora, caso você se interesse por gravuras antigas...

— começou ele, delicadamente.

Winston foi examinar a imagem. Era uma gravura em metal de um edifício oval, com janelas retangulares e uma pequena torre na fachada. Existia uma balaustrada em volta do prédio e, na parte de trás, parecia que tinha uma estátua. Winston olhou para ele por alguns momentos. Parecia vagamente familiar, embora ele não se lembrasse da estátua.

— Está na moldura — disse o velho —, mas posso desparafusá-la para você.

— Eu conheço esse prédio — disse Winston, finalmente. — Está em ruínas agora. Fica na rua em frente ao Palácio da Justiça.

— Isso mesmo. Perto dos Tribunais de Justiça. Foi bombardeado em... ah, muitos anos atrás. Também já foi uma igreja, St. Clement dos Dinamarqueses, como se chamava. — Ele sorriu se desculpando, como se consciente de ter dito algo um tanto ridículo, e acrescentou: — “Laranjas, limões e sementes, é o que dizem os sinos de St. Clement!”

— O que é isso? — perguntou Winston.

— Ah! “Laranjas, limões e sementes, é o que dizem os sinos de St. Clement”? É uma rima de quando eu era pequeno. Não me lembro dela inteira, mas o final era: “Uma vela para te levar até o seu quarto, e sua cabeça será cortada com um machado.” Era uma espécie de dança. Eles estendiam os braços para você passar por baixo e, quando diziam “e sua cabeça será cortada com um machado”, baixavam os braços e nos agarravam. Eram vários nomes de igrejas. Todas as igrejas de Londres. As principais, pelo menos.

Winston se perguntou vagamente a qual século pertencia a igreja. Sempre fora difícil determinar a idade de um edifício em Londres. Qualquer coisa grande e impressionante, se tivesse uma aparência razoavelmente nova, era automaticamente declarada como tendo sido construída após a Revolução; e quando era alguma coisa obviamente anterior, era atribuída a algum período obscuro chamado Idade Média. Considerava-se que os séculos do capitalismo não haviam produzido nada de valor. Não se podia aprender história por meio da arquitetura, assim como não se podia aprender com os livros. Estátuas, inscrições, marcos, nomes de ruas... Qualquer coisa que pudesse lançar luz sobre o passado tinha sido sistematicamente alterada.

— Eu nunca soube que tinha sido uma igreja — disse ele.

— Sobraram muitas delas, na verdade — disse o velho —, embora tenham sido usadas para outros fins. Mas como era mesmo essa rima? Ah! Lembrei! “Laranjas, limões e sementes, é o que dizem os sinos de St. Clement; Você me deve três farthings, é o que dizem os sinos de St. Martin.” Pronto, é o máximo que consigo. Um *farthing* era uma pequena moeda de cobre, parecia com uma de um centavo.

— Onde ficava a St. Martin? — perguntou Winston.

— A St. Martin? Ainda está de pé. Fica na Praça Vitória, ao lado da galeria de arte. É um prédio com um alpendre triangular e pilares na fachada, e um grande lance de escadas.

Winston conhecia bem o lugar. Era um museu usado para exposições de propaganda de vários tipos: modelos em escala de foguetes e fortalezas flutuantes, quadros de cera ilustrando atrocidades inimigas e assim por diante.

— St. Martin dos Campos, era como costumava ser chamada — complementou o velho —, embora eu não me lembre de nenhum campo naquela região.

Winston não comprou a gravura. Teria sido uma posse ainda mais comprometedora do que o peso de vidro, além de ser impossível de transportar para casa, a menos que fosse retirada de sua moldura. Mas ele ficou por mais alguns minutos conversando com o velho, cujo nome, ele descobriu, não era Weeks — como se poderia deduzir graças a inscrição

na fachada da loja —, mas Charrington. O sr. Charrington, ao que parecia, era um viúvo de sessenta e três anos que morava na loja há trinta. Durante todo esse tempo, ele pretendia alterar o nome da vitrine, mas nunca o fez. Enquanto conversavam, a rima lembrada parcialmente não parava de se repetir na cabeça de Winston. “Laranjas, limões e sementes, é o que dizem os sinos de St. Clement; Você me deve três farthings, é o que dizem os sinos de St. Martin!” Era curioso, pois recitar esses versos criava a ilusão de realmente se ouvir sinos, os sinos de uma Londres perdida, mas que ainda existia em algum lugar, camuflada e esquecida. De uma torre fantasmagórica após a outra, ele parecia ouvi-los ressoando. Mesmo assim, até onde conseguia se lembrar, nunca tinha ouvido sinos de igreja na vida real.

Ele se afastou do sr. Charrington e desceu sozinho as escadas, para não deixar que o velho o visse fazendo o reconhecimento da rua antes de sair pela porta. Ele já havia decidido que, após um intervalo adequado — talvez um mês —, ele se arriscaria a visitar a loja novamente. Seria o mesmo risco de não aparecer uma noite no Centro. A grande loucura havia sido voltar lá depois de comprar o diário e sem saber se o dono da loja era de confiança. Contudo...

Sim, ele pensou novamente. Ele voltaria. Ele compraria mais cacarecos bonitos. Ele compraria a gravura de

St. Clement dos Dinamarqueses sem a moldura e a levaria para casa escondida sob o casaco. Ele extrairia o resto do poema da memória do sr. Charrington. Até mesmo a ideia maluca de alugar o quarto no andar de cima passou por sua cabeça outra vez. Por talvez cinco segundos, a exaltação o deixou descuidado. Ele saiu para a calçada sem sequer dar uma olhada preliminar pela janela. Até começou a cantarolar uma melodia improvisada:

*Laranjas, limões e sementes, é o que dizem os sinos de
St. Clement,
Você me deve três farthings, é o que dizem...*

De repente, seu coração pareceu congelar e suas entranhas amoleceram. Uma figura de macacão azul descia pela calçada, a menos de dez metros de distância. Era a garota do Departamento de Ficção, a garota de cabelo preto. A luz estava fraca, mas não houve dificuldade em reconhecê-la. Ela o olhou diretamente no rosto, depois continuou como se não o tivesse visto.

Por alguns segundos, Winston ficou paralisado. Então, ele virou à direita e se afastou pesadamente, sem perceber que agora ia na direção errada. De qualquer forma, uma questão fora resolvida. Não havia mais dúvidas de que a garota o

estava espionando. Ela devia tê-lo seguido até lá, porque não era possível acreditar que estivesse andando na mesma noite pela mesma rua obscura por acaso, a quilômetros de distância de qualquer bairro dos membros do Partido. Era uma coincidência muito grande. Se ela era realmente uma agente da Polícia do Pensamento, ou simplesmente uma espiã amadora movida pela proatividade, pouco importava. Era o suficiente ela ter olhado para ele. Provavelmente, ela o tinha visto entrar no pub também.

Caminhar era difícil. A peça de vidro em seu bolso batia em sua coxa a cada passo, quase decidiu jogá-la fora. O pior era a dor na barriga. Por alguns minutos, ele teve a sensação de que morreria se não chegasse logo ao banheiro. Mas não havia banheiros públicos em um bairro como esse. Então, o espasmo passou, deixando um latejar em seu lugar.

A rua era um beco sem saída. Winston parou, ficou vários segundos pensando vagamente no que fazer, depois, voltou-se à direção contrária. Quando se virou, ocorreu-lhe que a garota havia passado por ele há apenas três minutos e que, correndo, ele provavelmente a alcançaria. Ele poderia segui-la até algum lugar mais tranquilo e, então, quebraria seu crânio com um paralelepípedo. O vidro em seu bolso seria suficiente para o trabalho. Mas ele logo abandonou a ideia, porque a própria ideia de fazer algum esforço físico era

insuportável. Ele não poderia correr, ele não poderia desferir um golpe. Além disso, ela era jovem e vigorosa e se defenderia. Pensou também em correr para o Centro Comunitário e ficar lá até o final do expediente, a fim de estabelecer um álibi parcial para a noite. Mas isso também seria impossível. Uma incapacidade mortal se apoderou dele. Tudo o que ele queria era chegar em casa, sentar-se e ficar quieto.

Já passava das vinte e duas quando chegou ao apartamento. As luzes seriam apagadas na central às vinte e três e trinta. Ele foi até a cozinha e engoliu quase uma xícara de chá inteira de Gin Vitória. Em seguida, foi até a pequena mesa, sentou-se e tirou o diário da gaveta. Mas ele não o abriu imediatamente. Da teletela, uma abrasiva voz feminina gritava uma canção patriótica. Ele ficou sentado, olhando para a capa marmorizada do livro e tentando sem sucesso bloquear a voz de sua consciência.

Era à noite que eles vinham atrás de você, sempre à noite. O correto era se matar antes que eles o pegassem. Sem dúvida, algumas pessoas conseguiram. Muitos dos desaparecimentos foram, na verdade, suicídios. Mas era preciso uma coragem desesperada para se matar em um mundo em que armas de fogo, ou qualquer veneno rápido e certo, eram completamente impossíveis de serem encontrados. Ele pensou, com algum espanto, na inutilidade biológica

da dor e do medo, a traição do corpo humano que sempre se congela na inércia exatamente no momento em que um esforço especial é necessário. Ele poderia ter silenciado a garota de cabelos pretos se ao menos tivesse agido rápido o suficiente, mas exatamente em razão do extremo perigo, ele perdera o poder de ação. Percebeu que, em momentos de crise, nunca se luta contra um inimigo externo, mas sempre contra o próprio corpo. Mesmo agora, apesar do gin, a dor em seu estômago tornava o pensamento lógico impossível. E acontece o mesmo, ele percebeu, em todas as situações aparentemente heroicas ou trágicas. No campo de batalha, na câmara de tortura, em um navio naufragando, as questões pelas quais se está lutando são sempre esquecidas, porque o corpo se expande até preencher o universo; e, mesmo quando não se está paralisado de medo ou berrando de dor, a vida é uma luta momento a momento contra a fome, o frio ou a insônia, contra a azia no estômago ou uma dor de dente.

Ele abriu o diário. Era importante escrever algo. A mulher na teletela iniciou uma nova música. Sua voz parecia afundar em seu cérebro como estilhaços de vidro. Ele tentou pensar em O'Brien, o motivo pelo qual seu diário estava sendo escrito, mas, em vez de fazer isso, começou a pensar nas coisas que aconteceriam com ele depois que a Polícia do Pensamento o levasse. Não importava se o matariam de uma

vez. Ser morto era o que se esperava. Mas antes da morte (ninguém falava dessas coisas, mas todos sabiam) havia a rotina da confissão a ser cumprida: rastejar no chão e berrar por misericórdia, o estalar de ossos quebrados, os dentes esmagados e coágulos de sangue nos cabelos.

Por que aguentar tudo isso se o fim era sempre o mesmo? Por que não era possível apagar alguns dias ou semanas de sua vida? Ninguém jamais escapava impune e ninguém deixava de confessar. Quando alguém sucumbia ao thought-crime, era certo que, em uma determinada data, você estaria morto. Por que então aquele horror, que não ajudava em nada, tinha de estar embutido no tempo futuro?

Ele tentou, com um pouco mais de sucesso do que antes, invocar a imagem de O'Brien. "Nos encontraremos em um lugar onde não haja escuridão", O'Brien disse a ele. Ele sabia o que significava, ou pensava que sabia. O lugar sem escuridão era o futuro imaginado, que ninguém veria, mas que, por presciência, poderia ser compartilhado misticamente. Mas com a voz da teletela incomodando seus ouvidos, ele não conseguia seguir sua linha de pensamento. Ele colocou um cigarro na boca. Metade do tabaco caiu em sua língua, um pó amargo difícil de cuspir. O rosto do Big Brother surgiu em sua mente, substituindo o de O'Brien. Exatamente como havia feito dias antes, ele tirou uma moeda do bolso e olhou

para ela. O rosto ergueu os olhos para ele, pesado, calmo e protetor: mas que tipo de sorriso se escondia sob o denso bigode? Como um sino de chumbo, as palavras voltaram para ele:

GUERRA É PAZ

LIBERDADE É ESCRAVIDÃO

IGNORÂNCIA É FORÇA

DOIS

No meio da manhã, Winston saiu de sua baia para ir ao banheiro.

Em sua direção, vinha pelo corredor comprido e bem iluminado uma figura solitária. Era a garota de cabelo preto. Quatro dias se passaram desde a noite em que ele a viu do lado de fora da loja de bugigangas. Quando ela se aproximou, ele viu que ela tinha uma tipoia em seu braço direito, imperceptível à distância, porque era da mesma cor de seu macacão. Provavelmente, ela havia machucado a mão ao girar um dos grandes caleidoscópios em que os enredos dos romances eram “desenrolados”. Era um acidente comum no Departamento de Ficção.

Eles estavam a quatro metros de distância quando a garota tropeçou e caiu quase de cara no chão. Ela disparou um grito agudo de dor. Talvez tivesse caído sobre o braço ferido. Winston parou abruptamente. A garota ficou de joelhos. Seu rosto adquirira uma cor amarelada, em contraste, sua boca se destacou e ficou ainda mais vermelha. Seus olhos

estavam fixos nos dele, com uma expressão que parecia ser mais de medo do que de dor.

Uma curiosa sensação se agitou no coração de Winston. À sua frente, estava um inimigo que tentava matá-lo; à sua frente, também, estava uma criatura humana, sofrendo e talvez com um osso quebrado. Ele já havia instintivamente se adiantado para ajudá-la. No momento em que a viu cair sobre o braço enfaixado, foi como se sentisse a dor em seu próprio corpo.

— Você se machucou? — ele disse.

— Não é nada. Meu braço. Vai melhorar logo.

Ela falou como se seu coração estivesse disparado. Ela realmente estava muito pálida.

— Você não quebrou nada?

— Não, estou bem. Doeu um pouco, só isso.

Ela estendeu a mão livre para que ele a ajudasse a se levantar, recuperando um pouco de sua cor e parecendo melhor.

— Não foi nada — ela continuou. — Foi apenas uma batida no meu pulso. Obrigada, camarada!

Com isso, ela seguiu seu caminho, como se nada tivesse acontecido. Todo o incidente não durou sequer meio minuto. Não deixar os sentimentos transparecerem era um hábito, contudo, havia adquirido o status de instinto. De

qualquer forma, estavam diante de uma teletela quando tudo aconteceu. No entanto, seria muito difícil não revelar uma surpresa momentânea, pois, nos dois ou três segundos em que ele a ajudava a se levantar, a garota havia colocado algo em sua mão. Não havia dúvida de que ela fizera isso intencionalmente. Era algo pequeno e liso. Ao passar pela porta do banheiro, ele o transferiu para o bolso e o apalpou com a ponta dos dedos. Era um pedaço de papel dobrado.

Enquanto estava no mictório, ele conseguiu desdobrá-lo dentro do bolso. Obviamente, devia ser alguma mensagem. Por um momento, ele se sentiu tentado a ler imediatamente. Mas isso seria uma insanidade, como ele bem sabia. Ali era um lugar onde certamente as teletelas eram observadas sem descanso.

Ele voltou ao seu cubículo, sentou-se, jogou o pedaço de papel casualmente entre os outros papéis sobre a mesa, colocou os óculos e puxou o speakwrite. “Cinco minutos”, disse a si mesmo. “No mínimo, cinco minutos!” Seu coração batia no peito de maneira assustadora. Felizmente, o trabalho atual era mera rotina, a retificação de uma longa lista de números, que não precisava de muita atenção.

O que quer que estivesse escrito no papel, deveria ter algum significado político. Pelo que ele podia ver, havia duas possibilidades. Uma delas, muito mais provável, era

que a garota fosse uma agente da Polícia do Pensamento, exatamente como ele temia. Ele não sabia por que a Polícia do Pensamento decidia entregar suas mensagens dessa maneira, mas deviam ter seus motivos. O que estava escrito no papel podia ser uma ameaça, uma intimação, uma ordem de suicídio, uma armadilha. Mas havia outra possibilidade, mais absurda, que continuava a martelar em sua cabeça, embora tentasse suprimi-la. Talvez a mensagem não fosse da Polícia do Pensamento, mas de alguma organização clandestina. Talvez a Irmandade existisse afinal! Talvez a garota fizesse parte dela! Sem dúvida, a ideia era absurda, mas surgiu em sua mente no exato momento em que sentiu o pedaço de papel em sua mão. Só minutos depois é que a outra explicação mais provável lhe ocorreu. E, mesmo agora, embora o seu intelecto lhe dissesse que a mensagem provavelmente significava morte — ainda assim, não era nisso que ele acreditava, a esperança irracional persistia, seu coração continuava a bater forte —, foi com dificuldade que ele evitou que sua voz tremesse enquanto murmurava os números no speakwrite.

Ele enrolou o pacote do trabalho finalizado e o deslizou para dentro do tubo pneumático. Oito minutos tinham passado. Ele reajustou os óculos no nariz, suspirou e puxou o próximo lote de trabalho em sua direção, com o pedaço de

papel sobre ele. Ele o alisou. Nele estava escrito, em grandes letras irregulares:

EU AMO VOCÊ.

Por vários segundos, ele ficou muito atordoado, até mesmo para jogar o papel incriminador no buraco da memória. Ao fazê-lo, embora conhecesse muito bem o perigo de demonstrar muito interesse, não resistiu a lê-lo mais uma vez, apenas para se certificar de que as palavras estavam mesmo ali.

Durante o resto da manhã, foi muito difícil trabalhar. O que era ainda pior do que ter que focar sua mente em uma série de tarefas enfadonhas, era a necessidade de esconder sua agitação da teletela. Ele sentia como se um fogo queimasse em seu estômago. O almoço na cantina abafada, lotada e barulhenta foi um tormento. Ele queria ficar sozinho durante o almoço, mas, por azar, o imbecil do Parsons ficou grudado nele, o cheiro forte de suor quase derrotava o cheiro rançoso do ensopado, e ele se ateu a uma conversa sobre os preparativos para a Semana do Ódio. Ele estava particularmente entusiasmado com a réplica em papel machê de dois metros da cabeça do Big Brother, que estava sendo esculpida para a ocasião pela tropa de espões de sua filha. O irritante era

que, no burburinho, Winston mal conseguia ouvir o que Parsons dizia e a todo momento precisava pedir que algum comentário estúpido fosse repetido. Ele teve um vislumbre da garota apenas uma vez, em uma mesa com duas outras moças no outro lado do refeitório. Aparentemente, ela não o viu e ele não olhou em sua direção novamente.

A tarde foi mais suportável. Imediatamente após o almoço, recebeu um trabalho delicado e difícil, o qual levaria várias horas e exigiria que todo o resto fosse deixado de lado. Consistia em falsificar uma série de relatórios de produção de dois anos atrás, de forma a lançar descrédito sobre um proeminente executivo do Partido, que agora estava em maus lençóis. Esse era o tipo de coisa em que Winston era bom e, por mais de duas horas, conseguiu ficar sem pensar na garota. Então, a imagem de seu rosto voltou e, com isso, um desejo furioso e incontrolável de ficar sozinho. Até que ele pudesse ficar sozinho, era impossível pensar nesse novo acontecimento. À noite, ele deveria ir ao Centro Comunitário. Ele devorou mais uma refeição insípida na cantina, correu para o Centro, participou do teatro social de um “grupo de discussão”, jogou duas partidas de tênis de mesa, tomou vários copos de gin e sentou-se durante meia hora para uma palestra intitulada “Ingsoc e sua relação com o xadrez”. Sua alma se retorcia de tédio, mas, pela primeira

vez, ele não teve nenhum impulso de se esquivar de sua noite no Centro. Ao ver as palavras EU AMO VOCÊ, o desejo de permanecer vivo cresceu dentro dele, e correr riscos banais de repente pareceu estúpido. Só depois das vinte e três, quando já estava deitado — na escuridão, desde que ficasse em silêncio, estava seguro até mesmo da teletela—, ele foi capaz de pensar sem interrupções.

Era um problema físico que precisava ser resolvido: como entrar em contato com a garota e marcar um encontro. Ele deixou de considerar a possibilidade de que ela pudesse estar preparando algum tipo de armadilha. Ele sabia que não, a agitação inconfundível dela, quando ela lhe entregou o bilhete, deixava isso claro. Como seria óbvio e natural, ela estava morrendo de medo. Nem a ideia de recusar seus avanços passou por sua mente. Apenas cinco noites antes, ele havia pensado em rachar o crânio dela com um paralelepípedo, mas isso agora não tinha importância. Ele pensou no corpo nu e jovem dela, como tinha vislumbrado em seu sonho. Ele a tinha imaginado uma tola como todos os outros, sua cabeça cheia de mentiras e ódio, suas entranhas congeladas. Uma espécie de febre se apoderou dele ao pensar que poderia perdê-la, o corpo jovem e branco poderia escapar dele! O que ele temia mais do que qualquer outra coisa era que ela simplesmente mudasse de ideia se ele não fizesse contato

logo. Mas a dificuldade física de se encontrarem era imensa. Era como tentar fazer um movimento no xadrez quando já se está em xeque. Para qualquer lado que olhassem, a teletela estaria atenta. Na verdade, todas as maneiras possíveis de se comunicar com ela lhe ocorreram cinco minutos depois de ler o bilhete; mas, agora, com tempo para pensar, ele as examinava uma a uma, da mesma forma que faria se tivesse um conjunto de ferramentas sobre a mesa.

Obviamente, o tipo de encontro que acontecera pela manhã não poderia se repetir. Se ela trabalhasse no Departamento de Registros, poderia ser relativamente simples, mas ele tinha apenas uma vaga ideia de onde ficava o Departamento de Ficção e não tinha nenhum pretexto para ir até lá. Se ele soubesse onde ela morava e a que horas saía do trabalho, poderia planejar um encontro no caminho de casa; no entanto, tentar segui-la não era seguro, pois significaria que estava vagando do lado de fora do Ministério, algo que certamente seria notado. Quanto ao envio de uma carta pelo correio, estava fora de questão. Graças a uma rotina, que nem sequer era secreta, todas as cartas eram violadas. Na verdade, poucas pessoas escreviam cartas. Para mensagens ocasionais, existiam cartões-postais impressos com longas listas de frases, e o remetente eliminava as que não eram aplicáveis. Além do mais, ele não sabia o nome da garota, muito menos o seu

endereço. Finalmente, ele decidiu que o lugar mais seguro era a cantina. Se ele pudesse avistá-la sozinha em uma mesa, em algum lugar no meio da sala, o mais distante possível das teletelas e com o alarido corriqueiro — se essas condições durassem, digamos, trinta segundos, seria possível trocar algumas palavras.

A semana se passou como um sonho inquieto. No dia seguinte, ela só apareceu na cantina quando ele saiu, o sinal já tinha soado. Presumivelmente, ela havia mudado para um turno posterior. Eles se cruzaram sem olhares. Um dia depois do outro, ela estava na cantina no horário de costume, mas junto com outras três meninas e, imediatamente, debaixo de uma teletela. Então, por mais outros três longos dias, ela não apareceu. Todo o seu corpo e mente eram assolados por uma sensibilidade insuportável, que tornava cada movimento, cada som, cada contato, cada palavra que ele tinha de falar ou ouvir em algo agonizante. Mesmo dormindo, ele não conseguia escapar totalmente da imagem dela. Ele não tocou no diário durante aqueles dias. Se existia algum alívio, era em seu trabalho, no qual, às vezes, conseguia se esquecer de si mesmo por dez minutos seguidos. Ele não tinha absolutamente nenhuma ideia do que havia acontecido com ela. Não havia nenhuma investigação que pudesse fazer. Ela poderia ter sido vaporizada, poderia ter cometido suicídio,

poderia ter sido transferida para o outro lado da Oceânia: o pior e o mais provável era que ela poderia simplesmente ter mudado de ideia e decidido evitá-lo.

No dia seguinte, ela reapareceu. Seu braço não estava mais com apoio, tinha só uma faixa de esparadrapo em volta do pulso. O alívio de vê-la foi tão grande que ele não pôde resistir de olhá-la diretamente por vários segundos. Um dia depois, ele quase conseguiu falar com ela. Quando ele entrou na cantina, ela estava sentada em uma mesa bem afastada da parede e sozinha. Era cedo e o local não estava muito cheio. A fila avançou, Winston estava chegando próximo ao balcão, então, durante dois minutos, alguém na frente começou a reclamar de não ter recebido seu tablete de sacarina. Quando Winston pegou sua bandeja, a garota ainda estava sozinha e, por isso, começou a ir na direção da mesa dela. Ele caminhou casualmente em sua direção, seus olhos procuravam por um lugar em alguma mesa próxima. Ela estava a três metros de distância. Outros dois segundos bastariam. Então, uma voz atrás dele chamou, “Smith!” Ele fingiu não ouvir. “Smith!”, repetiu a voz, mais alto. Não adiantava ignorar. Ele se virou. Um jovem loiro com cara de bobo, chamado Wilsher, que ele mal conhecia, estava o convidando, com um sorriso, para se sentar em um lugar vago na sua mesa. Não era seguro recusar. Depois de

ser reconhecido, ele não poderia sentar-se à mesa com uma garota sozinha. Seria muito evidente. Ele se sentou com um sorriso amigável. O rosto bobo sorriu para ele. Winston teve uma alucinação de si mesmo esmagando o rosto dele com uma marreta. A mesa da garota se encheu alguns minutos depois.

Mas ela devia tê-lo visto indo em sua direção e, talvez, ela tenha entendido a indireta. No dia seguinte, ele teve o cuidado de chegar cedo. De maneira certa, ela estava em uma mesa mais ou menos no mesmo lugar, e novamente sozinha. A pessoa imediatamente à sua frente na fila era um homem pequeno e rápido, parecido com um besouro, com um rosto achatado e olhos minúsculos e desconfiados. Quando Winston se afastou do balcão com sua bandeja, viu que o homenzinho ia direto para a mesa das garotas. Suas esperanças afundaram novamente. Tinha um lugar vago em uma mesa mais distante, mas algo na aparência do homenzinho sugeria que ele escolheria a mesa mais vazia. Com o coração congelado, Winston o seguiu. Não adiantaria nada se não pudesse ficar sozinho com a garota. Nesse momento, houve um grande estrondo. O homenzinho caiu de quatro, sua bandeja tinha voado, dois riachos de sopa e café escorriam pelo chão. Ele se pôs em pé, olhando malignamente para Winston, e era evidente que suspeitava que o outro o

fez tropeçar. Ele estava bem. Cinco segundos depois, com o coração disparado, Winston se sentou à mesa da garota.

Ele não olhou para ela. Ele desembrulhou sua refeição e imediatamente começou a comer. Era muito importante que se falassem rápido, antes que mais alguém viesse, mas um medo indescritível se apoderou dele. Uma semana se passara desde que ela o abordara pela primeira vez. Ela podia ter mudado de ideia, ela deveria ter mudado de ideia! Era impossível que esse caso terminasse bem; tais coisas não aconteciam na vida real. Ele talvez tivesse desistido de falar naquele momento, se não tivesse visto Ampleforth, o poeta das orelhas peludas, vagando languidamente com sua bandeja e procurando um lugar para se sentar. À sua maneira, Ampleforth era apegado a Winston e, certamente, iria se sentar à sua mesa se o visse. Talvez tivesse apenas um minuto para agir. Tanto Winston quanto a garota comiam sem parar. A coisa que eles estavam comendo era um ensopado ralo, na verdade, estava mais para uma sopa de feijão branco. Em um murmúrio baixo, Winston começou a falar. Nenhum deles ergueu os olhos; constantemente, colocavam o líquido aguado na boca e, entre colheradas e vozes baixas e inexpressivas, trocavam as poucas palavras necessárias.

— Que horas você sai do trabalho?

— Dezoito e trinta.

— Onde podemos nos encontrar?

— Na Praça Vitória, perto do monumento.

— Está cheio de teletelas.

— Tudo bem se tiver muita gente.

— Algum sinal?

— Não. Não venha até mim se eu não estiver no meio de muitas pessoas. E não olhe para mim. Apenas fique perto.

— Que horas?

— Dezenove.

— Está bem.

Ampleforth não viu Winston e se sentou em outra mesa. Não voltaram a conversar. E, na medida do possível, para duas pessoas sentadas em lados opostos da mesma mesa, não se olharam. A garota terminou seu almoço rapidamente e foi embora, Winston ficou para fumar um cigarro.

Winston estava na Praça Vitória antes da hora marcada. Ele vagou ao redor da enorme base da coluna que, no topo, sustentava a estátua do Big Brother, cujo olhar mirava o Sul na direção do céu, lugar no qual havia derrotado os aviões eurásianos (os quais haviam sido da Lestásia, alguns anos atrás) na Batalha da Faixa Aérea 1. Na rua em frente, havia uma estátua de um homem a cavalo que supostamente representava Oliver Cromwell. Cinco minutos depois da hora marcada, a garota ainda não havia aparecido. Mais uma vez,

o terrível medo se apoderou de Winston. Ela não viria, ela mudou de ideia! Ele caminhou lentamente até o lado Norte da praça e teve certo prazer ao identificar a igreja de St. Martin, cujos sinos, quando ainda os tinha, tocavam “Você me deve três farthings”. Então, ele viu a garota parada na base do monumento, lendo ou fingindo ler um pôster colado na coluna. Não era seguro chegar perto dela até que mais pessoas se acumulassem. Havia teletelas por todos os lados. Mas, de repente, de algum lugar à esquerda, houve um alarido de gritos e um zumbido de veículos pesados. Então, todos pareciam correr pela praça. A garota deu a volta agilmente em torno dos leões na base do monumento e juntou-se à corrida. Winston a seguiu. Ele deduziu, de alguns comentários, enquanto corria, que os veículos passando eram um comboio de prisioneiros eurásianos.

Uma massa densa de pessoas já bloqueava o lado Sul da praça. Winston, que em situações normais era do tipo de pessoa que gravitava até o limite externo de qualquer tipo de aglomeração, empurrou, deu cabeçadas e se contorceu para chegar ao coração da multidão. Logo, ele se viu à distância de um braço da garota, mas o caminho estava bloqueado por um enorme prole e uma mulher quase igualmente grande, talvez sua esposa. Eles formavam uma parede impenetrável de carne. Winston se contorceu para o lado e, com uma

investida violenta, conseguiu enfiar o ombro entre eles. Por um momento, teve a sensação de que suas entranhas seriam reduzidas a mingau entre os dois quadris musculosos; então, ele irrompeu, suando. Ele estava ao lado da garota. Ombro a ombro, ambos olhavam fixamente para frente.

Uma longa fila de caminhões, repleta de guardas sisudos armados com submetralhadoras em tripés, passava lentamente pela rua. Nos caminhões, homenzinhos amarelos em surrados uniformes esverdeados estavam agachados, amontoados uns contra os outros. Seus rostos tristes de feições asiáticas olhavam para fora das laterais dos caminhões. Ocasionalmente, quando um caminhão sacudia, ouvia-se um clack-clack de metal: todos os prisioneiros usavam grilhões de ferro. Caminhão após caminhão, o carregamento dos rostos tristes passou. Winston sabia que eles estavam lá, mas os via apenas de relance. Ambos estavam lado a lado, tocavam-se dos ombros aos cotovelos. A bochecha dela estava quase perto o bastante para que ele sentisse seu calor. Ela imediatamente assumiu o controle da situação, assim como fizera na cantina. Começou a falar com a mesma voz inexpressiva de antes, os lábios mal se movendo, um mero murmúrio facilmente abafado pelo som das vozes e pelo bramir dos caminhões.

— Você pode me ouvir?

— Ouço.

— Você pode tirar folga no domingo à tarde?

— Posso.

— Então, ouça com atenção. Você terá que se lembrar disso. Vá à estação Paddington.

Com uma espécie de precisão militar que o surpreendeu, ela descreveu o caminho que ele deveria seguir. Meia hora no trem; vire à esquerda fora da estação; dois quilômetros ao longo da estrada; um portão sem a barra superior; uma trilha através de um campo; um gramado; uma trilha entre arbustos; uma árvore morta com musgo. Era como se ela tivesse um mapa em sua cabeça.

— Consegue se lembrar de tudo isso? — ela murmurou, no final.

— Consigo.

— Vire à esquerda, depois à direita e novamente à esquerda. E o portão não tem barra superior.

— Sim. Que horas?

— Cerca de quinze. Talvez eu me atrase. Vou chegar lá por outro caminho. Tem certeza de que se lembra de tudo?

— Lembro.

— Então, afaste-se de mim o mais rápido que puder.

Ela não precisava ter dito isso. Mas, no momento, eles não conseguiam se livrar da multidão. Os caminhões ainda estavam passando, as pessoas ainda boquiabertas. No

início, houve algumas vaias e assobios, mas vieram apenas dos membros do Partido e logo pararam. A emoção predominante era de simples curiosidade. Os estrangeiros, fossem da Eurásia ou da Lestásia, eram uma espécie de animal estranho. Literalmente, ninguém os via, exceto sob a forma de prisioneiros; e, mesmo como prisioneiros, nunca se conseguia mais do que um vislumbre momentâneo deles. Ninguém sabia o que acontecia com eles, exceto os poucos que eram enforcados como criminosos de guerra; os outros simplesmente desapareciam, provavelmente, jogados em campos de trabalhos forçados. Os rostos asiáticos redondos haviam dado lugar a rostos de origem mais europeia: sujos, barbudos e exaustos. Acima das maçãs do rosto pontudas, os olhos miravam Winston, às vezes com estranha intensidade, e voltavam a desaparecer. O comboio chegara ao fim. No último caminhão, ele viu um homem idoso, seu rosto era uma massa de cabelos grisalhos. Ele estava em pé e com os pulsos cruzados à frente, como se estivesse acostumado a tê-los amarrados. Já passava da hora de Winston e a garota se separarem. Mas, no último momento, enquanto a multidão ainda os cercava, a mão da garota procurou a dele em um aperto fugaz.

Não durou nem sequer dez segundos, mas, ainda assim, pareceu que suas mãos ficaram entrelaçadas por um longo

tempo. Ele conseguiu assimilar cada detalhe de sua mão. Ele explorou os dedos longos, as unhas bem cuidadas, a palma endurecida pelo trabalho e, por isso, com uma fileira de calosidades, a pele lisa sob o pulso. Meramente por sentir, ele conseguiu vislumbrar. No mesmo instante, ocorreu-lhe que não sabia de que cor eram os olhos da garota. Eles provavelmente eram castanhos, mas as pessoas com cabelos escuros às vezes tinham olhos azuis. Virar a cabeça e olhar para ela seria inconcebível. Com as mãos entrelaçadas, invisíveis entre a massa de corpos, eles olharam fixamente à sua frente. E, em vez de receber um olhar da garota, foram os olhos do prisioneiro idoso que fitaram Winston, cheios de tristeza por entre os cabelos embaraçados.

Winston pegou a trilha em meio a um mosaico de luzes e sombras, pisando em poças douradas onde quer que a vegetação se abrisse.

Sob as árvores à sua esquerda, o chão estava forrado de jacintos. O vento parecia beijar sua pele. Era 2 de maio. De algum lugar mais profundo, no coração da floresta, veio o ruflar de pombas.

Ele estava um pouco adiantado. Não houve dificuldades na viagem, a garota era tão evidentemente experiente que ele ficou menos assustado do que o normal. Era provável que ela soubesse como encontrar um lugar seguro. Em geral, não se presumia que estar no campo era mais seguro do que em Londres. Não havia teletelas, é claro, mas sempre havia o perigo de microfones ocultos pelos quais sua voz pudesse ser captada e reconhecida. Além disso, não era fácil fazer uma viagem sozinho sem chamar a atenção. Para distâncias inferiores a 100 quilômetros, não era necessário endossar o passaporte; mas às vezes havia patrulhas rondando as estações

ferroviárias, examinando os papéis de qualquer afiliado do Partido que se encontrasse por ali, além de fazer perguntas incômodas. No entanto, nenhuma patrulha aparecera e, a caminho da estação, ele se certificou, com cautelosos olhares sobre os ombros, de que não estava sendo seguido. O trem estava cheio de proles, em clima de férias de verão. O vagão com assento de madeira, no qual viajava, estava tomado por uma única família enorme, desde uma bisavó desdentada até um bebê de um mês de idade, todos indo passar uma tarde com os “parentes” no campo; e, como explicaram livremente a Winston, para conseguir um pouco de manteiga do mercado negro.

A estrada se alargou e, em seguida, ele chegou à trilha que ela descrevera, uma mera trilha de gado que sumia por entre os arbustos. Ele não tinha relógio, mas ainda não podia ser quinze. Os jacintos estavam tão volumosos sob seus pés que era impossível não pisar neles. Ele se ajoelhou e pegou alguns, em parte para passar o tempo, mas também por ter uma vaga ideia de que gostaria de ter um arranjo de flores para oferecer à garota quando se encontrassem. Ele havia reunido muitas e já sentia o cheiro suave e enjoativo das flores quando um som às suas costas o congelou, um estalar de pés sobre gravetos. Ele continuou apanhando os jacintos. Era o melhor a se fazer. Podia ser a garota, ou ele podia ter

sido seguido. Olhar em volta seria demonstrar culpa. Ele continuou colhendo as flores sem parar. Uma mão pousou de leve em seu ombro.

Ele olhou para cima. Era ela. A garota balançou a cabeça, um aviso evidente de que ele deveria ficar em silêncio. Então, separou os arbustos e, rapidamente, apontou para uma trilha estreita que os guiava para dentro da floresta. Obviamente, ela já conhecia o lugar, pois se esquivava dos trechos pantanosos como que por hábito. Winston a seguiu, ainda segurando seu ramalhete de flores. O primeiro sentimento foi de alívio, mas enquanto observava o corpo forte e esguio se movendo à sua frente, com a faixa vermelha que era justa o suficiente para realçar a curva de seus quadris, a sensação de sua própria inferioridade pesou sobre ele. Mesmo agora, parecia bastante provável que, quando ela se virasse e olhasse para ele, recuaria. A doçura do ar e o verde das folhas o assustavam. Já na caminhada da estação, o sol de maio o fizera se sentir sujo e desvalido, uma criatura doméstica, com a poeira fuliginosa de Londres nos poros da pele. Ocorreu-lhe que, até então, ela provavelmente nunca o tinha visto em plena luz do dia, ao ar livre. Eles foram até a árvore caída da qual ela tinha mencionado. A garota saltou e apartou os arbustos, onde não parecia ter nenhuma abertura. Quando Winston a seguiu, ele descobriu que estavam em uma clareira natural,

uma pequena colina gramada cercada por mudas altas que os escondiam completamente. A garota parou e se virou.

— É aqui — disse ela.

Ele estava de frente para ela, mas a vários passos de distância. Por enquanto, ele não ousava se aproximar.

— Eu não queria dizer nada no caminho — ela continuou —, no caso de haver algum microfone escondido. Acho que não tem, mas poderia ter. Sempre existe a chance de um daqueles porcos reconhecer sua voz. Estamos protegidos aqui.

Ele ainda não tinha coragem de se aproximar dela.

— Estamos protegidos aqui? — ele repetiu estupidamente.

— Sim, olhe para as árvores. — Elas eram pequenas, em algum momento foram cortadas e voltaram a brotar como uma floresta de estacas, nenhuma delas mais grossa do que um pulso. — Não há nada grande o suficiente para esconder um microfone. Além disso, eu já estive aqui antes.

Eles seguiram conversando até que Winston conseguiu se aproximar dela. Ela parou diante dele muito ereta, com um sorriso que parecia levemente irônico, como se perguntasse por que ele demorava tanto para agir. Os jacintos azuis caíram em cascata no chão. Pareciam ter caído por conta própria. Ele pegou a mão dela.

— Você acredita — ele disse — que até este momento eu não sabia qual era a cor dos seus olhos? — Eles eram

castanhos, notou, de um tom bastante claro e com cílios escuros. — Agora que você viu como eu realmente sou, ainda aguenta olhar para mim?

— Sim, facilmente.

— Tenho trinta e nove anos. Tenho uma esposa da qual não posso me livrar. Tenho varizes. Já perdi cinco dentes.

— Eu não ligo — disse a garota.

No momento seguinte, ela estava em seus braços e era impossível definir quem tinha começado. De início, ele não tinha nenhum sentimento, exceto pura incredulidade. A jovem pressionava o corpo contra o seu, a massa de cabelo preto estava contra seu rosto e sim!, ela tinha levantado o rosto e agora ele beijava sua boca grande e vermelha. Com os braços em volta do pescoço dele, ela o chamava de querido, amor, meu bem. Ele a puxou para o chão, ela não apresentou resistência, e ele poderia fazer o que quisesse com ela. Mas a verdade é que ele não sentia nenhuma sensação física, exceto a do mero contato. Tudo o que ele sentia era incredulidade e orgulho. Ele estava feliz com aquilo, mas não tinha nenhum desejo físico. Foi rápido demais, a juventude e a beleza dela o assustavam, ele já estava acostumado a viver sem mulher — não sabia bem o porquê. A garota se levantou e tirou um jacinto do cabelo. Ela se sentou contra ele e o abraçou pela cintura.

— Tudo bem, querido. Não temos pressa. Temos a tarde inteira. Não é um esconderijo esplêndido? Eu o descobri quando me perdi em uma caminhada da comunidade. Se alguém vier, dá para ouvir a cem metros de distância.

— Qual o seu nome? — perguntou Winston.

— Julia. Eu sei o seu. É Winston. Winston Smith.

— Como descobriu?

— Acho que sou melhor em descobrir coisas do que você. Diga-me, o que você pensava sobre mim antes do dia em que lhe entreguei o bilhete?

Ele não sentia nenhuma vontade de mentir para ela. Era até um modo de demonstrar amor começar pelo pior.

— Odiava olhar você — disse ele. — Queria esturpar você e depois assassiná-la. Há duas semanas, pensei seriamente em rachar sua cabeça com um paralelepípedo. Se realmente quer saber, imaginei que você tivesse algo a ver com a Polícia do Pensamento.

A garota riu, deliciada. Evidentemente, tomou aquilo como um elogio à perfeição de sua atuação.

— Não! A Polícia do Pensamento? Você achou isso de verdade?

— Bem, talvez não fosse exatamente isso. Mas graças a sua aparência, considerando que você é jovem e saudável, você sabe, pensei que provavelmente...

— Você achou que eu era uma afiliada exemplar do Partido. Pura em ações e palavras. Faixas, desfiles, slogans, jogos, caminhadas comunitárias, tudo isso. E você pensou que, se eu tivesse uma chance, o denunciaria como um thought-criminal e o mataria?

— Sim, algo assim. Muitas jovens são assim, você sabe.

— A culpa é dessa maldita coisa — disse ela, arrancando a faixa vermelha da Liga Jovem Antissexo e jogando-a em um galho. Então, como se tocar na cintura a tivesse lembrado de algo, ela apalpou o bolso do macacão e tirou uma pequena barra de chocolate. Ela a quebrou ao meio e deu um pedaço para Winston. Mesmo antes de pegá-lo, ele sabia pelo cheiro que era um chocolate muito incomum. Era escuro e brilhante, embrulhado em papel alumínio. O chocolate normalmente era uma coisa esfarelenta e marrom-opaco, com gosto — o mais próximo que poderia dizer para descrevê-lo — de fumaça de uma fogueira de lixo. Ele provou, em algum outro momento, um chocolate similar ao pedaço que ela lhe dera. Inicialmente, o aroma despertou alguma memória que ele não conseguiu identificar, mas bastante poderosa e perturbadora.

— Onde você consegue essas coisas? — ele perguntou.

— Mercado negro — ela respondeu com indiferença. — Na verdade, sou uma garota exemplar. Eu sou boa em jogos.

Fui líder de Tropa nos Espiões. Faço trabalho voluntário três noites por semana para a Liga Jovem Antissexo. Passo horas colando aquela maldita nojeira por toda Londres. Sempre carrego alguma faixa nos desfiles. Sempre pareço alegre e nunca me esquivo de nada. ‘Sempre grite com a multidão’, é o meu lema. É a única maneira de se manter seguro.

O primeiro fragmento de chocolate derreteu na língua de Winston. O sabor era delicioso. Mas ainda tinha essa memória viva nas bordas de sua consciência, algo muito poderoso, mas impossível de ser descrito com clareza, como um objeto visto com o canto do olho. Ele a empurrou, ciente de que era a memória de alguma ação que ele gostaria de desfazer, mas não poderia.

— Você é bem jovem — disse ele. — Você é dez ou quinze anos mais nova do que eu. Por que se atrairia por um homem como eu?

— Foi algo no seu rosto. Arrisquei. Eu sou boa em identificar pessoas que não se encaixam. Assim que te vi, soube que você estava contra ELES.

ELES, ao que parecia, significava o Partido e, acima de tudo, a Executiva, de quem ela falava com um ódio tão abertamente sarcástico que deixava Winston inquieto, embora soubesse que estariam mais seguros ali do que em qualquer outro lugar. Uma coisa que o surpreendeu nela foi

sua linguagem rasteira. Os membros do partido não deviam xingar, o próprio Winston raramente o fazia — em voz alta, pelo menos. Julia, entretanto, parecia incapaz de mencionar o Partido, e especialmente a Executiva, sem usar o tipo de palavras escritas encontrado com carvão nos becos. Não que ele não gostasse disso. Era apenas um sintoma de sua revolta contra o Partido e todos os seus costumes, e de alguma forma parecia natural e saudável, como o espirro de um cavalo que cheira feno ruim. Eles haviam deixado a clareira e, nesse momento, vagavam pelas sombras quadriculadas, com os braços em volta da cintura um do outro quando o caminho era largo o suficiente para um casal. Ele percebeu como a cintura dela parecia mais suave sem a faixa. Eles não falaram alto. Fora da clareira, Julia explicou, era melhor o silêncio. Logo alcançaram o limite do pequeno bosque. Ela o deteve.

— Não saia para o ar livre. Pode ter alguém observando. É mais seguro se ficarmos atrás dos galhos.

Eles estavam parados à sombra de aveleiras. A luz do sol, filtrada por inúmeras folhas, ainda batia quente em seus rostos. Winston olhou para o campo e foi tomado por um choque lento e curioso de lembranças. Ele o conhecia de vista. Um antigo pasto cercado, com uma trilha que serpenteava por ele, salpicado de pequenos morros. Na cerca-viva irregular do lado oposto, os ramos dos olmos balançavam com

a brisa, e suas folhas se agitavam em densas massas como cabelos de mulher. Certamente, em algum lugar próximo, mas fora da vista, devia existir um riacho com remansos verdes e lambaris. Ou não?

— Há um riacho em algum lugar perto daqui? — ele sussurrou.

— Tem sim um riacho. Fica no final do outro pasto. Tem peixes nele, dos grandes. Dá pra vê-los nas lagoas sob os salgueiros, agitando o rabo.

— É a Terra Dourada. Quase — ele murmurou.

— Terra Dourada?

— Não é nada, esquece. Uma paisagem que às vezes vejo nos sonhos.

— Olhe! — Julia sussurrou.

Um tordo pousou em um galho a menos de cinco metros de distância, quase na altura dos olhos. Talvez ele não os tivesse visto. Ele estava no sol, eles na sombra. O animal estendeu e depois recolheu suas asas cuidadosamente, abaixou a cabeça por um momento, como se fizesse uma reverência ao sol e, em seguida, derramou uma sonata. No silêncio da tarde, o volume do som era surpreendente. Winston e Julia ficaram juntos, fascinados. A música continuou e continuou, minuto após minuto, com variações surpreendentes, nunca se repetindo, quase como se o pássaro estivesse deliberadamente

exibindo seu virtuosismo. Às vezes, ele parava por alguns segundos, abria e fechava suas asas, depois, estufava seu peito salpicado e recomeçava seu canto. Winston assistia a tudo com uma vaga reverência. Para quem ou por qual motivo aquele pássaro cantava? Nenhuma parceira e nenhum rival o assistia. O que o fez sentar-se à beira da floresta solitária e despejar sua música no nada? Ele se perguntou se haveria um microfone escondido em algum lugar próximo. Ele e Julia haviam falado apenas em sussurros, os quais eram impossíveis de serem captados, mas não o tordo. Talvez, na outra extremidade do instrumento, algum homenzinho parecido com um besouro estivesse ouvindo atentamente — ouvindo aquilo. Mas, aos poucos, a torrente de música afastou todas as especulações de sua mente. Era como um líquido que se derramava sobre ele, misturado com a luz do sol filtrada pelas folhas. Parou de pensar e apenas sentiu. A cintura da garota em seu braço era quente e macia. Ele a puxou para que ficassem frente a frente; o corpo dela parecia se derreter no dele. Onde quer que suas mãos tocassem, era como se tocassem em água. Suas bocas se uniram, de forma bem diferente dos beijos rudes de antes. Quando eles separaram seus lábios, ambos suspiraram. O pássaro se assustou e fugiu com um bater de asas.

Winston colocou os lábios contra o ouvido dela:

— AGORA — sussurrou.

— Não aqui — ela sussurrou de volta. — Vamos para o esconderijo. É mais seguro.

Rapidamente, com um estalar ocasional de gravetos, eles abriram caminho de volta à clareira. Uma vez dentro do círculo de mudas, ela se virou e o encarou. Ambos respiravam ofegantes, mas o sorriso reapareceu nos cantos de sua boca. Ela ficou olhando para ele por um instante, depois abriu o zíper de seu macacão. E sim! Foi quase como em seu sonho. Quase tão rápido quanto ele imaginava, ela havia arrancado suas roupas e, quando as jogou de lado, fez o mesmo gesto magnífico que poderia aniquilar toda uma civilização. Seu corpo branco brilhava ao sol. Mas, por um momento, ele não olhou para o corpo dela; seus olhos estavam ancorados no rosto sardento, com seu sorriso sutil e ousado. Ele se ajoelhou diante dela e pegou suas mãos.

— Você já fez isso antes?

— Claro. Centenas de vezes... bem, dezenas de vezes, pelo menos.

— Com afiliados do Partido?

— Sim, sempre com afiliados.

— Com membros da Executiva?

— Não. Com aqueles porcos, não. Mas há muitos que GOSTARIAM se tivessem a chance. Eles não são tão santos como parecem.

Seu coração deu um salto. Ela tinha feito isso muitas vezes: ele desejou que tivesse sido centenas, milhares. Qualquer coisa que sugerisse corrupção sempre o enchia de uma esperança selvagem. Quem sabe, talvez o Partido estivesse podre por dentro, seu culto ao comedimento e à abnegação era uma simples farsa para ocultar a bandalheira. Se ele pudesse infectar todos eles com lepra ou sífilis, seria um grande prazer! Qualquer coisa para apodrecer, para enfraquecer, para minar! Ele a puxou para baixo, ficaram ajoelhados cara a cara.

— Ouça. Quanto mais homens você teve, mais eu te amo. Você entende isso?

— Sim, perfeitamente.

— Eu odeio a pureza, eu odeio a bondade! Não quero que exista nenhuma virtude em lugar nenhum. Eu quero que todos sejam corruptos da cabeça aos pés.

— Pois bem, talvez você goste de mim, então. Sou corrupta da cabeça aos pés, meu amor.

— Você gosta de fazer isso? Não me refiro simplesmente a mim: quero dizer a coisa em si?

— Adoro.

Isso era o que ele queria ouvir mais que tudo. Não apenas o amor de uma pessoa, mas o instinto animal, o simples desejo descompromissado: essa era a força que faria o Partido

em pedaços. Ele a pressionou contra a grama, entre os jacintos caídos. Dessa vez, não houve dificuldade. Em seguida, o subir e descer de seus seios desacelerou para a velocidade normal e, em uma espécie de grato desamparo, eles se separaram. O sol parecia ter esquentado. Ambos estavam com sono. Ele estendeu a mão para o macacão jogado e a cobriu com ele. Quase imediatamente, eles adormeceram e assim ficaram por cerca de meia hora.

Winston acordou primeiro. Ele se sentou e observou o rosto sardento, ainda dormindo pacificamente, apoiado na palma da própria mão dela. Exceto por sua boca, não se podia chamá-la de bela. Havia uma ou duas linhas de expressão ao redor dos olhos, quando se olhava de perto. O cabelo curto e preto era extraordinariamente espesso e macio. Ocorreu-lhe que ainda não sabia o sobrenome dela, nem sequer onde morava.

O corpo jovem e forte, agora adormecido e indefeso, despertou nele um sentimento de pena e proteção. Mas a ternura indescritível que sentira sob a aveleira, enquanto o tordo cantava, não se repetiu. Puxou o macacão de lado e estudou suas formas brancas e macias. Antigamente, pensou ele, um homem olhava para o corpo de uma menina e via que era desejável, e esse era o fim da história. Contudo, hoje em dia, não se pode mais ter amor puro ou luxúria pura.

Nenhuma emoção era pura, porque tudo se mistura com medo e ódio. O abraço deles fora uma batalha; o clímax, uma vitória. Fora um golpe desferido contra o Partido. Fora um ato político.

Podemos voltar de novo — disse Julia. — Geralmente, é seguro usar um esconderijo duas vezes. Mas não antes de um mês ou dois, é claro.

Assim que ela acordou, seu comportamento mudou. Ela se tornou alerta e profissional, vestiu-se, amarrou a faixa escarlate em volta da cintura e começou a organizar os detalhes da viagem de volta. Parecia natural para ela. Obviamente, era uma astúcia prática que faltava a Winston. Ela também parecia ter um conhecimento completo dos pastos ao redor de Londres, armazenado depois de inúmeras caminhadas comunitárias. A rota que ela deu a ele era bem diferente daquela pela qual ele tinha vindo, levando-o a outra estação ferroviária.

— Nunca volte para casa pelo mesmo caminho — alertou ela, como se enunciasse um importante princípio geral. Ela partiria primeiro, Winston teria de esperar mais meia hora antes de segui-la.

Ela havia dito o nome de um lugar onde eles poderiam se encontrar depois do trabalho, dali a quatro noites. Era

uma rua de um dos bairros mais pobres, na qual havia uma feira geralmente lotada e barulhenta. Ela ficaria olhando as barracas, fingindo estar em busca de cadarços ou linha de costura. Se ela julgasse que a barra estava limpa, assoaria o nariz quando ele se aproximasse; caso contrário, ele passaria por ela sem ser reconhecido. Mas, com sorte, no meio da multidão, seria seguro conversar por uns quinze minutos e marcar outro encontro.

— E agora preciso ir — disse ela, assim que ele entendeu suas instruções. — Preciso estar de volta às dezenove e trinta. Preciso dedicar duas horas para a Liga Jovem Antissexo, distribuir panfletos, essas coisas. Não é um saco? Onde está minha escova? Tenho algum graveto no cabelo? Tem certeza? Então, adeus, meu amor, adeus!

Ela se jogou nos braços dele, beijou-o quase com violência e, em seguida, abriu caminho por entre a vegetação e desapareceu na floresta com muito pouco barulho. Até agora, ele não sabia seu sobrenome ou endereço. No entanto, não fazia diferença, pois era inconcebível que eles pudessem se encontrar em casa ou trocar qualquer tipo de comunicação por escrito.

Acontece que eles nunca mais voltariam para a clareira na floresta. Durante o mês de maio, houve apenas mais uma ocasião em que eles realmente conseguiram fazer amor. Isso aconteceu em outro esconderijo conhecido por Julia, o

campanário de uma igreja em ruínas num trecho quase deserto do país, lugar no qual uma bomba atômica havia caído trinta anos antes. Era um bom esconderijo, mas chegar lá foi muito perigoso. De resto, eles só podiam se encontrar nas ruas, em um lugar diferente a cada noite e nunca por mais de meia hora. Na rua, geralmente era possível conversar, por assim dizer. Enquanto andavam pelas calçadas lotadas, incógnitos e sem nunca olharem um para o outro, eles mantinham conversas curiosas e intermitentes que se acendiam e se apagavam como a luz de um farol, repentinamente silenciada pela aproximação de um uniforme do Partido ou a proximidade de uma teletela. E, em seguida, retomada minutos depois, então, abruptamente interrompida quando eles se separavam no local combinado. Aí, continuava quase sem recapitulação no dia seguinte. Julia parecia estar bastante acostumada com esse modo de comunicação, que ela chamava de “conversa à prestação”. Ela também era surpreendentemente hábil em falar sem mover os lábios. Apenas uma vez em quase um mês de reuniões noturnas, eles conseguiram trocar um beijo. Eles caminhavam em silêncio por uma rua menos movimentada (Julia nunca falava fora das avenidas principais), quando houve um rugido ensurdecedor, a terra se ergueu e tudo ficou escuro. Winston se viu deitado de lado, machucado e apavorado. Uma bomba-foguete devia ter

caído bem perto. De repente, ele percebeu o rosto de Julia a alguns centímetros do seu, mortalmente branco, branco como giz. Até seus lábios estavam brancos. Ela estava morta! Ele a apertou contra seu peito e descobriu que beijava um rosto quente e vivo. Mas havia poeira entre os seus lábios. Ambos estavam cobertos de pó de gesso.

Havia noites em que chegavam ao ponto de encontro e, então, tinham de passar um pelo outro sem interação, porque uma patrulha acabara de dobrar a esquina ou um helicóptero pairava sobre suas cabeças. Mesmo que fosse menos perigoso, ainda seria difícil encontrar tempo para mais encontros. A semana de trabalho de Winston era de 60 horas; a de Julia era ainda mais longa. Seus dias livres variavam de acordo com a pressão do trabalho e nem sempre coincidiam. Ainda, Julia raramente tinha uma noite totalmente livre. Ela passava uma quantidade surpreendente de tempo assistindo a palestras e demonstrações, distribuindo literatura para a Liga Jovem Antissexo, preparando faixas para a Semana do Ódio, fazendo cobranças para a campanha de arrecadação e atividades afins. Ela dizia que essa camuflagem valia a pena: “Se você respeitar as pequenas regras, poderá quebrar as maiores”. Ela até induziu Winston a doar mais uma de suas noites, inscrevendo-se no trabalho de meio período com munições, feito voluntariamente por zelosos afiliados do Partido. Assim, uma noite por

semana, Winston passava quatro horas de tédio completo, aparafusando pequenas peças de metal que provavelmente eram partes de detonadores de bombas, em uma oficina mal iluminada e abafada, onde o bater de martelos se misturava tristemente com a música das teletelas.

Quando se encontraram na torre da igreja, as lacunas das conversas foram preenchidas. Foi uma tarde escaldante. O ar na pequena câmara quadrada acima dos sinos estava quente e estagnado e cheirava a esterco de pombo. Eles ficaram sentados conversando no chão empoeirado e coberto de gravetos por horas, às vezes, um deles se levantava para lançar um olhar através das seteiras para o caso de alguém estar se aproximando.

Julia tinha 26 anos. Ela morava em um albergue com trinta outras meninas (“Convivendo com fedor de mulher! Como eu odeio as mulheres!”, dizia ela eventualmente) e trabalhava, como ele havia adivinhado, nas máquinas de escrever romances do Departamento de Ficção. Ela gostava do próprio trabalho, que consistia principalmente em operar e fazer a manutenção de um motor elétrico potente, mas complicado. Ela “não era inteligente”, mas gostava de usar as mãos e sentia-se à vontade com as máquinas. Ela poderia descrever todo o processo de composição de um romance, desde a diretriz geral emitida pelo Comitê de Planejamento

até o retoque final do Grupo de Reescrita. Mas ela não se interessava pelo produto final. Ela “não ligava muito para a literatura”, explicou ela. Os livros eram apenas uma mercadoria que precisava ser produzida, como geleia ou cadarços.

Ela não tinha lembranças de nada antes do início dos anos 1960 e a única pessoa conhecida que falava dos dias anteriores à Revolução foi um avô que desapareceu quando ela tinha oito anos. Na escola, ela havia sido capitã do time de hóquei e vencera o torneio de ginástica por dois anos seguidos. Ela tinha sido líder de tropa nos Espiões e secretária de repartição na Liga Jovem antes de ingressar na Liga Jovem Antissexo. Ela sempre ostentou um excelente caráter. Ela até mesmo (uma marca infalível de boa reputação) fora escolhida para trabalhar no Pornosec, a subseção do Departamento de Ficção que produzia pornografia barata para distribuir entre os proles. Era apelidado de Casa da Secreção pelas pessoas que trabalhavam lá, ela contou. Ela fez esse trabalho por um ano, ajudando a produzir livretos em pacotes lacrados com títulos como *Histórias de espancamento* ou *Uma noite na escola das meninas*, os quais seriam comprados furtivamente por jovens proles, no intuito de fazê-los ter a impressão de que estavam adquirindo algo ilegal.

— Como são essas revistas? — perguntou Winston com curiosidade.

— Um lixo completo. São ruins, de verdade. Eles têm apenas seis roteiros, que são misturados entre si. Claro que eu ficava apenas nos caleidoscópios. Nunca estive no Grupo de Reescrita. Não sou literata, meu amor, nem perto disso.

Ele ficou surpreso ao saber que todos os funcionários do Pornosec, exceto os chefes dos departamentos, eram garotas jovens. A teoria era de que os homens, cujos instintos sexuais eram menos controláveis do que os das mulheres, corriam maior risco de serem corrompidos pela nojeira que manuseavam.

— Eles nem gostam de ter mulheres casadas lá — acrescentou ela. — As meninas devem ser puras. E aqui está uma que não é.

Ela teve seu primeiro caso de amor aos dezesseis, com um membro do Partido de sessenta, que mais tarde cometeu suicídio para evitar a prisão.

— E ainda bem que fizeram um bom trabalho — disse Julia. — Caso contrário, ele teria me entregado na confissão.

Desde então, estivera com vários outros. A vida, como ela a via, era muito simples. Se alguém quisesse se divertir um pouco, “eles” — o que significava o Partido — tentariam impedir; então, as regras eram quebradas conforme a oportunidade. Ela parecia pensar que era natural que “eles” quisessem roubar seus prazeres tanto quanto as pessoas

tentavam não serem pegas. Ela odiava o Partido e dizia isso com as palavras mais cruas possíveis, mas não o criticava de maneira geral. Exceto quando sua própria vida era invadida, ela não tinha nenhum interesse na doutrina do Partido. Ele percebeu que ela nunca usava palavras em newspeak, exceto aquelas usadas no dia a dia. Ela nunca tinha ouvido falar da Irmandade e se recusava a acreditar em sua existência. Qualquer tipo de revolta organizada contra o Partido estava fadada ao fracasso e lhe parecia estúpida. O mais inteligente era quebrar as regras e continuar vivo. Ele se perguntou vagamente quantos outros como ela existiam na geração mais jovem, cujo crescimento se deu no mundo da Revolução, sem saber de mais nada, aceitando o Partido como algo imutável como o céu, sem se rebelar contra sua autoridade, simplesmente fugindo como um coelho se esquivava de um cão.

Eles não discutiram a possibilidade de se casar. Era algo muito distante ainda. Nenhum comitê imaginável sancionaria um casamento assim, mesmo que Katharine, a esposa de Winston, pudesse de alguma forma ter sido eliminada. Era inútil como um sonho.

— Como ela era? A sua esposa? — perguntou Julia.

— Ela era... você conhece a palavra em newspeak GOODTHINKFUL? Quer dizer, naturalmente ortodoxa, incapaz de ter um pensamento ruim?

— Não, eu não conhecia a palavra, mas conheço o tipo de pessoa, com certeza.

Ele começou a contar para ela a história de sua vida de casado, mas, curiosamente, ela parecia já saber das partes essenciais. Ela descreveu a ele, quase como se tivesse visto ou sentido, o enrijecimento do corpo de Katharine assim que ele a tocava, a maneira como parecia o empurrar com todas as suas forças, mesmo quando ela abraçava seu corpo. Com Julia, ele não sentia dificuldade em falar sobre essas coisas. Contudo, Katharine há muito tempo tinha deixado de ser uma memória dolorosa para se tornar apenas uma lembrança desagradável.

— Eu poderia ter aguentado se não fosse por uma coisa — disse ele, contando a ela sobre o ritual impessoal que Katharine o forçara a realizar todas as semanas. — Ela odiava, mas nada a faria parar de fazer aquilo. Ela costumava chamar aquilo de... você nunca vai adivinhar.

— Nosso dever para com o Partido — disse Julia prontamente.

— Como você sabe disso?

— Também estive na escola, meu amor. Conversas sobre sexo uma vez por mês para maiores de dezesseis. E no Movimento Juvenil. Eles esfregam isso na sua cara por anos. Ouso dizer que funciona em muitos casos. Mas é claro que nunca se tem certeza; as pessoas são muito hipócritas.

Ela começou a ampliar o assunto. Com Julia, tudo se voltava à sua própria sexualidade. Assim que o assunto era despertado de alguma forma, ela era capaz de grandes análises. Ao contrário de Winston, ela havia compreendido o significado interno do puritanismo sexual do Partido. Não se tratava apenas do instinto sexual criar um mundo próprio fora do controle do Partido e que, por causa disso, deveria ser destruído. O mais importante era que a privação sexual induzia à histeria, o que era desejável porque podia se transformar em febre de guerra e em adoração ao líder. A maneira como ela colocou isso foi:

— Quando você faz sexo, gasta energia; e, depois de fazê-lo, você se sente feliz e não dá a mínima para nada. Eles não suportam que você se sinta assim. Eles querem que você esteja explodindo de energia o tempo todo. Esses desfiles para cima e para baixo, aplausos e bandeiras agitadas são simplesmente sexo reprimido. Se você está feliz por dentro, por que se animar com o Big Brother, os planos trienais, o Dois Minutos de Ódio e toda essa porcaria?

Aquilo era verdade, ele pensou. Havia uma conexão direta e íntima entre castidade e ortodoxia política. Pois como o Partido poderia manter o volume de medo, ódio e credulidade cega que precisava de seus membros se não fosse reprimindo algum instinto poderoso e direcionando-o como força motriz?

O impulso sexual era perigoso para o Partido, e o Partido o criminalizou. Eles haviam pregado uma peça semelhante no instinto de paternidade. A família não podia realmente ser abolida e, de fato, as pessoas eram encorajadas a gostar de seus filhos, quase da mesma forma que antigamente. Os filhos, por outro lado, eram sistematicamente voltados contra os pais, ensinados a espioná-los e a relatar seus desvios. A família havia se tornado uma extensão da Polícia do Pensamento. Era um dispositivo por meio do qual todos podiam ser vigiados noite e dia por informantes que os conheciam intimamente.

De repente, sua mente estava de novo em Katharine. Katharine, sem dúvida, o teria denunciado à Polícia do Pensamento se não fosse burra demais para detectar a falta de ortodoxia de suas opiniões. Mas o que realmente despertou sua lembrança naquele momento foi o calor sufocante da tarde, que fez com que o suor escorresse de sua testa. Ele começou a contar a Julia algo que havia acontecido, ou melhor, que não havia acontecido, em outra tarde sufocante de verão, onze anos antes.

Três ou quatro meses depois do casamento, eles se perderam em uma caminhada comunitária nos rincões de Kent. Eles estavam atrás dos outros apenas alguns minutos, mas pegaram o caminho errado e logo se viram à beira de uma velha pedreira de calcário. Era um penhasco brusco de dez ou

vinte metros, com pedras na base. Não havia ninguém a quem eles pudessem perguntar o caminho. Assim que ela percebeu que estavam perdidos, Katharine ficou muito nervosa. Ficar longe da multidão barulhenta, mesmo que por um momento, fazia com que ela tivesse a sensação de estar agindo errado. Ela queria voltar pelo caminho e procurar na outra direção. Mas, naquele momento, Winston notou alguns tufos de erva-salgueira crescendo nas fendas do barranco abaixo deles. Um tufo tinha duas cores, magenta e vermelho-tijolo, aparentemente crescendo da mesma raiz. Ele nunca tinha visto nada parecido antes e chamou Katharine para dar uma olhada.

— Veja, Katharine! Aquelas flores! Aquela touceira lá embaixo. Você vê que são de duas cores diferentes?

Ela já tinha se virado para ir embora, mas voltou um pouco apressada. Ela até se inclinou sobre a borda do penhasco para ver o que ele estava apontando. Winston estava parado um pouco atrás dela, então colocou a mão em sua cintura para firmá-la. Nesse momento, de repente, ocorreu-lhe que estavam completamente sozinhos. Não havia uma criatura humana em lugar nenhum, nem uma folha se mexendo, nem mesmo um pássaro acordado. Em um lugar como aquele, o perigo de haver um microfone oculto era ínfimo e, mesmo que houvesse um microfone, ele captaria apenas sons. Era a hora mais quente e preguiçosa da tarde.

O sol brilhava no alto, o suor fazia cócegas em seu rosto. E o pensamento o atingiu...

— Por que você não deu um bom empurrão nela? — adiantou-se Julia. — Eu empurraria.

— Sim, meu amor, você empurraria. Eu também, caso eu fosse como sou agora. Ou talvez não... não sei.

— Você lamenta não ter feito?

— Lamento. Hoje, sinto muito por não ter feito.

Eles estavam sentados lado a lado no chão. Ele a puxou para mais perto. A cabeça dela repousou em seu ombro, o cheiro agradável de seu cabelo sobressaía em relação ao de esterco de pombo. Ela era muito jovem, pensou ele, ainda esperava alguma coisa da vida, não entendia que empurrar uma pessoa inconveniente do penhasco não resolve nada.

— Na verdade, não teria feito diferença — observou ele.

— Então por que você lamenta?

— Só porque prefiro um resultado positivo a um negativo. O jogo que estamos jogando não pode ser vencido. Alguns tipos de fracasso são melhores do que outros, só isso.

Ele sentiu os ombros dela se contorcerem em discordância. Ela sempre o contradizia quando ele dizia algo assim. Ela não aceitaria, como uma lei da natureza, que o indivíduo sempre era derrotado. De certa forma, ela mesma percebia que estava condenada, que mais cedo ou mais tarde a Polícia

do Pensamento iria pegá-la e matá-la, mas, em outra parte de sua mente, ela acreditava que talvez fosse possível construir um mundo secreto no qual viver em livre arbítrio era uma possibilidade plausível. Só era preciso sorte, astúcia e ousadia. Ela não entendia que a felicidade não existia, que a única vitória estava num futuro distante, muito depois de todos estarem mortos, que a partir do momento em que se declarasse guerra ao Partido era melhor pensar em si mesmo como um cadáver.

— Estamos todos mortos — disse ele.

— Ainda não — disse Julia, prosaicamente.

— Não fisicamente. Seis meses, um ano... cinco, no máximo. Eu tenho medo da morte. Você é jovem, então provavelmente tem mais medo disso do que eu. Obviamente, precisamos adiar o quanto pudermos. Mas isso faz muito pouca diferença. Enquanto os seres humanos permanecerem humanos, morte e vida serão a mesma coisa.

— Ah, besteira! Com quem você preferiria dormir? Comigo ou com um esqueleto? Você não gosta de estar vivo? Você não gosta de sentir? Isto sou eu, esta é a minha mão, esta é a minha perna, sou real, sou matéria, estou viva! Você não gosta DISTO?

Ela se virou e apertou o peito contra o dele. Ele podia sentir seus seios macios, mas firmes, através do macacão. Seu corpo parecia despejar um pouco de sua juventude e vigor.

— Sim, gosto muito — disse ele.

— Então, pare de falar de morte. E ouça, meu amor, temos de nos preparar para a próxima vez que nos encontrarmos. Também podemos voltar para o esconderijo na floresta. Demos a ele um bom e longo descanso. Mas você deve chegar lá por um caminho diferente desta vez. Tenho tudo planejado. Você pega o trem... olhe, vou desenhar para você.

De maneira prática, ela alisou um pequeno quadrado de areia com a mão e, com um graveto de um ninho de pombos, começou a desenhar um mapa no chão.

Winston escrutinou o cômodo miserável que ficava na sobreloja do sr. Charrington. Ao lado da janela, a enorme cama estava arrumada, com cobertores esfarrapados e um travesseiro sem fronha. O relógio antigo com mostrador de doze horas tiquetaqueava na lareira. No canto, na mesa dobrável, o peso de papel de vidro que comprara na última visita brilhava suavemente na penumbra.

Na grade, havia um velho fogareiro de latão a óleo, uma panela e duas xícaras, providenciadas pelo sr. Charrington. Winston acendeu o fogo e pôs a água para ferver. Ele trouxera um saco de Café Vitória e alguns cubos de sacarina. Os ponteiros do relógio marcavam dezessete e vinte: eram dezenove e vinte, na verdade. Ela viria às dezenove e trinta.

Loucura, loucura, dizia seu coração: loucura consciente, gratuita e suicida. De todos os crimes que um membro do Partido poderia cometer, este era o mais difícil de esconder.

Na verdade, a ideia primeiro brotou em sua cabeça na forma de uma visão: o peso de papel de vidro espelhado na superfície da mesa dobrável. Conforme previra, o sr. Charrington não criou problemas para o aluguel do quarto. Ele ficou obviamente feliz com os poucos dólares dessa operação. Nem pareceu chocado ou ofendido ao saber que Winston queria o quarto para um encontro amoroso. Em vez disso, olhou para longe e falou amenidades, com um ar tão delicado que deu a impressão de que se tornara quase etéreo. A privacidade, disse ele, é algo muito valioso. Todos gostariam de um lugar onde pudessem ficar sozinhos de vez em quando. E, quando ele alugava esse quarto, era cortesia guardar segredo. Antes de ir, ele acrescentou que havia duas entradas para a casa; a porta que ficava no quintal dava para um beco.

Debaixo da janela, alguém cantava. Winston espiou, protegido pela cortina de musselina. O sol de junho ainda estava alto no céu e, no pátio iluminado abaixo, uma mulher monstruosa, sólida como um pilar normando, com fortes antebraços vermelhos e um avental de saco amarrado na cintura, cambaleava de um lado para outro entre uma banheira e um varal, prendendo uma série de tecidos quadrados brancos que Winston deduziu serem fraldas. Sempre que sua boca não estava ocupada com os pregadores, ela cantava em um poderoso contralto:

*Um simples sonho impossível,
Como um lindo dia de verão.
Despertou o amor em mim,
Mas quebrou o meu coração!*

A música vinha assombrando Londres há semanas. Era uma das incontáveis canções publicadas para os proles por uma subseção do Departamento de Música. As palavras dessas canções eram compostas sem qualquer intervenção humana, feitas por um instrumento conhecido como versificador. Mas a mulher cantava com tanta melodia que transformou a terrível porcaria em algo quase agradável. Ele podia ouvir o canto e o raspar de seus sapatos na laje, os gritos das crianças na rua e, em algum lugar ao longe, o fraco rugido do tráfego. Ainda assim, a sala parecia curiosamente silenciosa, graças à ausência de uma teletela.

Loucura, loucura, loucura! Ele pensou novamente. Era inconcebível que pudessem frequentar aquele lugar por mais do que algumas semanas sem serem pegos. Mas a tentação de ter um esconderijo que fosse realmente seu, sob um teto e próximo de casa, era tentador demais para os dois. Por algum tempo, depois da visita ao campanário da igreja, foi impossível marcar encontros. As horas de trabalho aumentaram drasticamente em antecipação à Semana do Ódio. Faltava mais de um mês, mas os enormes e complexos

preparativos geravam trabalho extra para todos. Por fim, os dois conseguiram garantir uma tarde livre no mesmo dia. Eles concordaram em voltar para a clareira na floresta. Na noite anterior, encontraram-se brevemente na rua. Como de costume, Winston mal olhou para Julia ao se aproximarem na multidão, mas, no breve instante em que ele a olhou, ela parecia estar mais pálida do que de costume.

— Está tudo cancelado — ela murmurou, assim que julgou seguro falar. — Estou falando de amanhã.

— Qué?

— Amanhã à tarde. Não vou poder.

— Por que não?

— O motivo de sempre. Desta vez, começou cedo.

Por um momento, ele sentiu uma raiva violenta. Ao longo do mês em que haviam se conhecido, a natureza do seu desejo por ela tinha mudado. No começo, Winston não sentia um desejo real por aquela situação. Na primeira vez que fizeram amor, tinha sido simplesmente um ato de vontade. Mas, depois da segunda vez, foi diferente. O cheiro do seu cabelo, o sabor de sua boca e a sensação de sua pele pareciam ter dominado algo dentro dele, ou nos seus sentidos. Ela se tornara uma necessidade física, algo que ele não só queria, mas sentia que tinha direito. Quando ela disse que não poderia ir, ele se sentiu traído. Mas, no mesmo momento, a multidão os pressionou e

suas mãos se encontraram acidentalmente. O delicado aperto que ela deu na ponta de seus dedos parecia mais um ato de carinho do que de desejo. Ocorreu-lhe que aquela decepção fosse algo normal, quando se vivia com uma mulher cotidianamente. Uma profunda ternura, como ele ainda não havia sentido por ela antes, se apossou dele. Ele desejou que fossem um casal já casado há dez anos. Ele desejou que andassem juntos pelas ruas, assim como faziam agora, mas abertamente e sem medo, falando de trivialidades e comprando bugigangas para a casa. Acima de tudo, desejou que tivessem um lugar onde pudessem ficar sozinhos, sem a obrigação de fazer amor a cada vez que se encontrassem. Na verdade, não foi naquele momento, mas somente no dia seguinte, que a ideia de alugar o quarto do sr. Charrington lhe ocorreu. Quando ele sugeriu isso a Julia, ela concordou com um imediatismo inesperado. Ambos sabiam que era loucura. Era como se estivessem intencionalmente se aproximando de suas covas. Enquanto esperava sentado na beira da cama, ele pensou novamente nos recônditos do Ministério do Amor. Era curioso como esse terror premonitório ia e vinha de sua consciência. Ele continuava lá, fixado em tempos futuros que precedem a morte, tão certo como 99 precede a 100. Não se podia evitar, mas talvez pudesse ser adiado. Em vez disso, de vez em quando, com atos conscientes e intencionais, escolhia-se encurtar o intervalo antes daquilo acontecer.

Nesse momento, ele ouviu passos rápidos na escada. Julia irrompeu no quarto. Ela trazia uma sacola de lona marrom grossa com ferramentas, a mesma que ele, às vezes, a via carregar de um lado para o outro no Ministério. Ele avançou para tomá-la nos braços, mas ela se desvencilhou apressadamente, em parte porque ainda segurava a bolsa.

— Um segundo — disse ela. — Deixe-me mostrar o que eu trouxe. Você trouxe um pouco daquele Café Vitória nojento? Achei que sim. Pode jogar fora, porque não precisaremos dele. Veja isto.

Ela caiu de joelhos, abriu a bolsa e tirou algumas chaves inglesas e de fenda que escondiam vários embrulhos bem organizados. O primeiro pacote que ela passou para Winston lhe deu uma sensação estranha, mas vagamente familiar. Estava cheio de algo pesado, parecido com areia por ceder quando tocado.

— É açúcar? — ele perguntou.

— Açúcar de verdade. Não sacarina, açúcar. E aqui está um pedaço de pão. Pão branco de verdade, não a nossa maldita coisa. E um potinho de geleia. E uma lata de leite. Mas espere! É desse que estou mais orgulhosa. Tive de embrulhar com mais cuidado, porque...

Mas ela não precisava dizer a ele por que tinha embrulhado tão bem. O cheiro já tinha preenchido a sala, um cheiro

forte e quente, que parecia levar Winston a uma emanção de sua infância. Agora, só era sentido discretamente em alguma rua antes de uma porta bater, ou por alguns segundos em uma rua lotada. Exalava por um instante e depois se perdia novamente.

— É café — ele murmurou. — Café de verdade.

— É café da Executiva. Tem um quilo inteiro aqui — disse ela.

— Como você conseguiu todas essas coisas?

— É tudo coisa da Executiva. Não há nada que aqueles porcos não tenham, nada. Mas é claro que garçons, empregados e outros tiram uma lasca... veja, também trouxe um pacotinho de chá.

Winston se agachou ao lado dela. Ele rasgou uma ponta do pacote.

— É chá de verdade. Não folhas de amora.

— Tem havido muito chá ultimamente. Eles capturaram a Índia ou algo assim — explicou ela, de maneira vaga. — Mas escute, meu amor. Quero que você fique de costas por três minutos. Vá e sente-se do outro lado da cama. Não chegue muito perto da janela. E não se vire até eu mandar.

Winston olhou distraidamente através da cortina de musselina. No pátio, a mulher de braços vermelhos ainda marchava de um lado para o outro entre a banheira e o

varal. Ela tirou mais dois pregadores da boca e cantou com profundo sentimento:

*Dizem que o tempo cura a tudo,
Dizem que sempre dá pra esquecer;
Mas a alegria e a tristeza do mundo
Ainda fazem meu coração doer!*

Aparentemente, ela sabia toda a música de cor. Sua voz melodiosa flutuava para cima com o doce ar de verão, carregada com uma melancolia feliz. Dava a impressão de que ela seria feliz se aquela tarde de junho nunca terminasse, assim como o seu estoque de roupas, e permaneceria ali por mil anos, pendurando fraldas e cantando porcarias. Pareceu-lhe curioso o fato de nunca ter ouvido um membro do Partido cantando sozinho e espontaneamente. Talvez isso até fosse pouco heterodoxo, uma excentricidade perigosa, como falar sozinho. Talvez as pessoas só tivessem vontade de cantar quando estivessem em algum lugar perto de morrer de fome.

— Você pode se virar agora — anunciou Julia.

Ele se virou e, por um segundo, quase não conseguiu reconhecê-la. O que ele realmente esperava era vê-la nua. Mas ela não estava nua. A transformação ocorrida foi muito mais surpreendente. Ela havia se maquiado.

Ela havia comprado um conjunto completo de maquiagem em uma loja no bairro proletário. Seus lábios estavam muito vermelhos, suas bochechas coradas, seu nariz com pó; havia também algo sob os olhos para torná-los mais brilhantes. Ela não parecia ter muita habilidade, mas os padrões de Winston nesse quesito não eram elevados. Ele nunca tinha visto ou imaginado uma mulher do Partido maquiada. A diferença em sua aparência era surpreendente. Com apenas alguns toques de cor nos lugares certos, ela se tornou não apenas muito mais bonita, mas, acima de tudo, muito mais feminina. Seu cabelo curto e o macacão masculino apenas aumentavam esse efeito. Quando ele a tomou nos braços, uma onda de violetas sintéticas inundou suas narinas. Ele se lembrou da penumbra de uma cozinha no porão e da boca cavernosa de uma mulher. Era o mesmo perfume que ela havia usado, mas no momento não importava.

— Perfume também! — ele observou.

— Sim, meu amor, perfume também. E você sabe o que vou fazer agora? Vou conseguir um vestido de mulher de verdade e usá-lo em vez destas malditas calças. Vou usar meias de seda e sapatos de salto alto! Nesta sala, serei uma mulher, não uma camarada do Partido.

Eles tiraram as roupas e se deitaram na enorme cama de mogno. Foi a primeira vez que ele se despiu na presença

dela. Até esse momento, ele tinha muita vergonha do seu corpo pálido e magro, com as veias varicosas marcadas em suas panturrilhas e a mancha desbotada no tornozelo. Não havia lençóis, o cobertor em que estavam deitados era puído, mas o tamanho e a maciez da cama surpreenderam aos dois.

— Com certeza está cheia de percevejos, mas quem se importa? — disse Julia.

Camas de casal eram uma raridade, exceto nas casas dos proles. Winston dormira em uma na infância; Julia nunca havia dormido em uma antes, até onde ela se lembrava.

Logo adormeceram. Quando Winston acordou, os ponteiros do relógio marcavam quase nove. Ele não se mexeu, porque Julia dormia com a cabeça em seu braço. A maior parte da maquiagem dela havia se transferido para o rosto dele ou para o travesseiro, mas um leve toque de ruge ainda realçava a beleza de suas bochechas. Um raio amarelado do sol poente caiu sobre o pé da cama e iluminou a lareira, onde a panela de água fervia. No pátio, a mulher havia parado de cantar, mas os gritos distantes das crianças ainda vinham da rua. Ele se perguntou se no passado obliterado teria sido uma experiência normal deitar-se na cama assim, no frescor de uma noite de verão, um homem e uma mulher sem roupas, fazendo amor quando queriam, conversando sobre o que queriam, sem sentir nenhuma obrigação de se

levantar, simplesmente deitados e ouvindo os sons pacíficos da vizinhança. Será que nunca houve um tempo em que isso fora normal? Julia acordou, esfregou os olhos e se apoiou no cotovelo para olhar o fogareiro.

— Metade daquela água evaporou — disse ela. — Daqui a pouco vou me levantar e fazer um café. Ainda temos uma hora. A que horas eles desligam as luzes no seu apartamento?

— Vinte e três e trinta.

— No albergue, é às vinte e três. Mas tenho de entrar antes disso, porque... Ah! Sai, seu bicho imundo!

De repente, ela se contorceu na cama, pegou um sapato do chão e o atirou no canto com um movimento masculino, do mesmo modo como havia atirado o dicionário em Goldstein, naquela manhã durante o Dois Minutos de Ódio.

— O que foi? — ele perguntou, surpreso.

— Um rato. Ele meteu seu focinho nojento para fora do lambril. Tem um buraco ali. Mas dei um susto nele.

— Ratos! — murmurou Winston. — Neste quarto!

— Eles estão por todo lado — disse Julia, com indiferença, ao se deitar novamente. — Estão até na cozinha do albergue. Algumas partes de Londres estão tomadas. Você sabia que eles atacam crianças? É verdade. Tem lugares que uma mãe não deixa seu bebê sozinho nem por dois minutos. São os grandes e marrons que fazem isso. E o pior é que eles sempre...

— NÃO CONTINUE! — disse Winston, com os olhos bem fechados.

— Meu amor, você ficou pálido. Qual é o problema? Eles fazem você se sentir mal?

— De todos os horrores do mundo, um rato!

Ela se apertou contra ele e o abraçou, como se para tranquilizá-lo com o calor de seu corpo. Ele não reabriu os olhos imediatamente. Por vários segundos, ele teve a sensação de estar de volta a um pesadelo que sempre se repetiu ao longo de sua vida. Era sempre igual. Ele estava parado diante de um muro de sombras e, do outro lado, havia algo insuportável, algo terrível demais para ser enfrentado. No sonho, seu sentimento mais profundo sempre foi de autossabotagem, porque ele sabia de fato o que estava por trás da parede de sombras. Com um esforço inumano, como arrancar um pedaço do próprio cérebro, ele poderia arrastar aquilo para fora. Ele sempre acordava sem descobrir o que era: mas, de alguma forma, estava relacionado com o que Julia dissera quando ele a interrompeu.

— Sinto muito — disse ele. — Não é nada. Não gosto de ratos, só isso.

— Não se preocupe, meu amor, não vamos permitir esses imundos aqui. Vou tampar o buraco com o papel dos embrulhos quando sairmos. E, da próxima vez, vou trazer um pouco de gesso e fechá-lo de vez.

O instante sombrio de pânico já estava quase esquecido. Ainda um pouco envergonhado de si mesmo, ele se sentou contra a cabeceira da cama. Julia se levantou, vestiu o macacão e fez o café. O cheiro que subia da panela era tão forte e excitante que eles fecharam a janela para que ninguém lá fora ficasse curioso. Ainda melhor do que o sabor do café, era a textura sedosa que o açúcar produzia, algo que Winston quase se esquecera após tantos anos sem açúcar. Com uma das mãos no bolso e um pedaço de pão e geleia na outra, Julia vagou pela sala, olhando indiferentemente para a estante, apontando a melhor maneira de consertar a mesa dobrável. Ela se jogou na poltrona esfarrapada para testar seu conforto e examinar o absurdo relógio de doze horas com um ar curioso e tolerante. Ela levou o peso de papel de vidro até a cama para vê-lo sob uma luz mais clara. Ele o tirou da mão dela, fascinado, como sempre, pela aparência macia e aquosa do vidro.

— O que você acha que é isso? — perguntou Julia.

— Acho que nada. Quero dizer, acho que nunca foi usado. Gosto disso. É um pequeno pedaço de história que eles se esqueceram de alterar. É uma mensagem de cem anos, caso alguém a decifre.

— E aquela foto ali? — Ela apontou para a gravura na parede oposta. — Também tem cem anos?

— Mais. Duzentos, eu acho. Impossível calcular. É impossível descobrir a idade de qualquer coisa hoje em dia.

Ela se aproximou para olhar.

— Foi aqui que aquele rato enfiou o nariz para fora — disse ela, chutando o lambril logo abaixo da imagem. — Que lugar é esse? Eu o reconheço.

— É uma igreja, ou pelo menos costumava ser. Seu nome era St. Clement dos Dinamarqueses. — O trecho da rima que o sr. Charrington lhe ensinara voltou à sua cabeça e ele repetiu, meio nostalgicamente: — Laranjas, limões e sementes, é o que dizem os sinos de St. Clement!

Para seu espanto, ela continuou a música:

*Você me deve três farthings, é o que dizem os sinos
de St. Martin,
Quando pagará o que me deve? É o que dizem os
sinos do Old Bailey...*

— Não me lembro do resto. Só me lembro que termina assim: “Uma vela para te levar até o seu quarto, e sua cabeça será cortada com um machado!”

Eram como duas metades de uma contrassenha. Mas deveria existir outro verso depois de “os sinos do Old Bailey”.

Talvez esse verso pudesse ser extraído da memória do sr. Charrington com uma investigação apropriada.

— Quem te ensinou isso? — ele quis saber.

— Meu avô. Ele costumava cantar esses versos quando eu era pequena. Ele foi vaporizado quando eu tinha oito anos, ele sumiu. Nunca vi um limão... — acrescentou ela, desanimada. — Eu já vi laranjas. É uma fruta meio amarelada, redonda e com a casca grossa.

— Eu me lembro dos limões — disse Winston. — Eles eram bastante comuns nos anos 1950. Eles eram tão azedos que só de cheirar os dentes se arrepiavam.

— Aposto que tem percevejos atrás desta foto — disse Julia. — Vou tirá-la e limpá-la um dia desses. Acho que está quase na hora de sairmos. Vou tirar a maquiagem. Que saco! Depois eu limpo o batom do seu rosto.

Winston não se levantou por mais alguns minutos. A sala estava escurecendo. Ele se virou para a luz e fitou o peso de vidro. O elemento que gerava aquele seu interesse inesgotável não era o fragmento de coral, mas o interior do próprio vidro. Havia uma enorme profundidade nele, no entanto, era quase tão transparente quanto o ar. Era como se a superfície do vidro fosse o arco do céu, encerrando um mundo minúsculo com sua atmosfera completa. Winston tinha a sensação de que poderia entrar e, de fato ele estava

dentro dele, junto com a cama de mogno, a mesa de dobrar, o relógio, a gravura e o próprio peso de papel. O peso de papel era a sala em que ele estava; e o coral era a vida de Julia e a dele, presas em uma espécie de eternidade no coração do cristal.

Syme foi vaporizado. Certa manhã, ele faltou ao trabalho. Alguns descuidados comentaram sua ausência. No dia seguinte, ninguém mais o mencionou. No terceiro dia, Winston foi ao saguão do Departamento de Registros para checar o quadro de avisos. Um deles trazia a lista impressa dos membros do Comitê de Xadrez, do qual Syme fazia parte. Parecia quase exatamente como antes — sem rasuras — mas tinha um nome a menos. Era isso. Syme deixou de existir; ou melhor, ele nunca existiu.

O dia estava quente demais. No labiríntico Ministério, as salas sem janelas e com ar-condicionado mantinham sua temperatura normal, mas, do lado de fora, as calçadas queimavam os pés e o fedor do metrô nas horas de pico era insuportável. Os preparativos para a Semana do Ódio seguiam a todo vapor, as equipes dos Ministérios faziam hora extra. Desfiles, reuniões, paradas, palestras, estátuas de cera, exposições, mostras de filmes, programas de teletela, tudo devia ser organizado; estandes foram erguidos, efígies construídas,

slogans cunhados, canções escritas, rumores circulados, fotografias falsificadas. A unidade de Julia no Departamento de Ficção havia sido retirada da produção de romances e, nesse momento, cuidava da publicação de uma série de panfletos sobre atrocidades. Winston, além de seu trabalho normal, passava longos períodos todos os dias revisando arquivos do “The Times” e alterando e embelezando notícias que seriam citadas em discursos. Tarde da noite, quando multidões de proles desordeiros vagavam pelas ruas, a cidade tinha um ar curiosamente intenso. As bombas-foguete bombardeavam com mais frequência do que nunca e, às vezes, ao longe, ocorriam grandes explosões inexplicáveis, sobre as quais surgiam rumores absurdos.

A nova melodia que viria a ser o tema da Semana do Ódio (a *Canção do Ódio*, como se chamava) já tinha sido composta e estava sendo executada sem restrições nas teletelas. Tinha um ritmo selvagem, quase um latido, e não poderia ser exatamente chamado de música, mas lembrava o bater de um tambor. Era aterrorizante, rugida por centenas de vozes ao som de pés marchando. Os proles gostavam desse estilo e, nas ruas tarde da noite, ela competia com a ainda popular “Mais um sonho sem esperança”. Os filhos dos Parsons a tocavam dia e noite, insuportavelmente, usando pente e o rolo de papel. As noites de Winston estavam mais cheias

do que nunca. Esquadrões de voluntários organizados por Parsons preparavam a rua para a Semana do Ódio, costurando faixas, pintando cartazes, erguendo mastros nos telhados e arremessando perigosamente cabos entre os postes da rua para a decoração de serpentinas. Parsons se gabava de que só o Mansões Vitória exibia quatrocentos metros de bandeirolas. Ele estava em seu elemento nativo e feliz como uma criança. O calor e o trabalho manual deram a ele pretexto suficiente para voltar a usar seu calção e a camisa aberta à noite. Ele estava em toda parte ao mesmo tempo, empurrando, puxando, serrando, martelando, improvisando, sacudindo a todos com exortações de camaradagem e emitindo de cada dobra de seu corpo o que parecia um suprimento inesgotável de suor azedo.

Um novo pôster apareceu de repente por toda Londres. Não tinha legenda e representava simplesmente a figura monstruosa de um soldado eurasiático, de três ou quatro metros de altura, avançando com seu rosto asiático inexpressivo e botas enormes, empunhando uma submetralhadora. De qualquer ângulo que se olhasse, o cano da arma, ampliado pelo ponto de fuga, parecia apontar diretamente para o observador. A coisa tinha sido colada em cada espaço vago de parede, superando até mesmo os retratos do Big Brother. Os proles, normalmente apáticos em relação à guerra, estavam

sendo incitados a terem um de seus periódicos frenesis patrióticos. Como que para se harmonizar com o clima geral, as bombas-foguete estavam matando mais que o normal. Um caiu sobre um cinema lotado em Stepney, soterrando centenas de vítimas nas ruínas. Toda a população local compareceu a um funeral longo e lento que durou horas e foi, na verdade, um encontro de indignação. Outra bomba caiu em um terreno baldio usado como playground e várias dezenas de crianças foram esfaqueadas. Houve mais demonstrações de raiva, a efígie de Goldstein foi queimada, centenas de cópias do pôster do soldado eurasiático foram arrancadas e jogadas às chamas, e várias lojas foram saqueadas no tumulto; então, correu o boato de que espões estavam dirigindo as bombas-foguete por meio de ondas de rádio. Um velho casal suspeito de ser estrangeiro teve sua casa incendiada e morreu asfixiado.

No quarto acima da loja do sr. Charrington, quando tiveram a chance, Julia e Winston se deitaram na cama sob a janela aberta, nus para ficarem frescos. O rato nunca mais voltou, mas os insetos se multiplicavam terrivelmente no calor. Eles não pareciam se importar. Sujo ou limpo, o quarto era o paraíso. Assim que chegavam, borrifavam tudo com pimenta comprada no mercado negro, arrancavam as roupas e faziam amor com os corpos suados, depois adormeciam e

acordavam para descobrir que os insetos haviam se recuperado e se reuniam para o contra-ataque.

Quatro, cinco, seis... sete vezes, eles se encontraram durante junho. Winston havia abandonado o hábito de beber gin o tempo todo. Ele parecia ter perdido essa necessidade. Também tinha engordado e sua úlcera varicosa havia diminuído, deixando apenas uma mancha marrom na pele acima do tornozelo. Seus acessos de tosse matinal haviam cessado. O processo da vida havia deixado de ser insuportável, ele não tinha mais impulso de fazer caretas para a teletela ou de berrar palavrões. Agora que tinham um esconderijo seguro, quase um lar, nem parecia ruim que só pudessem se encontrar eventualmente e somente por algumas horas. O que importava era que o quarto sobre a loja de bugigangas existia. Saber que ele estava ali, intacto, era quase o mesmo que estar nele. O quarto era um mundo, um bolsão do passado onde animais extintos podiam caminhar. O sr. Charrington, pensou Winston, era outro animal extinto. Ele geralmente parava para conversar com o sr. Charrington por alguns minutos no caminho para o andar de cima. O velho parecia não sair de casa, só raramente ou nunca. Além disso, quase não tinha clientes. Ele levava uma existência fantasmagórica entre a lojinha minúscula e escura e uma cozinha nos fundos ainda mais minúscula, lugar no qual preparava suas refeições e que

continha, entre outras coisas, um gramofone incrivelmente antigo com um cone enorme. Ele parecia feliz em conversar. Vagando por entre seu estoque sem valor, com seu nariz comprido, seus óculos grossos e seus ombros curvados no casaco de veludo, ele sempre dava mais a impressão de ser um colecionador do que um comerciante. Com uma espécie de entusiasmo já abatido, ele dedilhava um ou outro objeto — uma rolha de garrafa de porcelana, a tampa pintada de uma caixa de rapé quebrada, um medalhão contendo uma mecha de cabelo de algum bebê morto há muito tempo — ele nunca pedia que Winston comprasse: apenas que admirasse. Falar com ele era como ouvir o tilintar de uma caixa de música gasta. Ele havia arrancado do fundo de sua memória mais alguns fragmentos de rimas esquecidas. Havia uma sobre vinte e quatro graúnas, outra sobre uma vaca com um chifre amassado e outra sobre a morte do pobre Cock Robin. “Me ocorreu que você poderia se interessar”, dizia ele com um sorriso desprezioso sempre que reproduzia um novo verso. Mas ele nunca conseguia se lembrar de mais do que algumas linhas de uma rima.

Ambos sabiam, de certa forma, que o que tinham agora não duraria muito. Houve momentos em que a morte iminente parecia tão palpável quanto a cama em que se deitavam. Eles se agarraram a uma espécie de sensualidade

desesperada, como uma alma condenada se agarra ao último prazer antes das badaladas do relógio. Mas também havia momentos em que tinham a ilusão não apenas de segurança, mas de permanência. Enquanto estivessem naquele quarto, ambos sentiam que nenhum mal poderia lhes acontecer. Chegar lá era difícil e perigoso, mas o quarto em si era um santuário. Era o mesmo de quando Winston olhava para o interior do peso de papel, a sensação de que seria possível adentrar aquele mundo vítreo e que, uma vez lá dentro, o tempo poderia ser detido. Frequentemente, eles se entregavam a devaneios de fuga. Sua sorte duraria para sempre e eles continuariam sua farsa, exatamente igual, pelo resto de suas vidas. Ou Katharine morreria e, por manobras sutis, Winston e Julia conseguiriam se casar. Ou então cometeriam suicídio juntos. Ou então desapareceriam, se transformariam em outras pessoas, aprenderiam a falar com sotaque proletário, conseguiriam empregos em uma fábrica e viveriam suas vidas sem serem abordados em uma rua escura. Era tudo bobagem, eles sabiam. Na realidade, não havia escapatória. Eles não tinham a intenção de realizar nem mesmo o único plano plausível, o suicídio. Continuar em frente, dia a dia e semana a semana, em um presente que não tinha futuro, era um instinto invencível, assim como os pulmões sempre irão respirar mais uma vez, enquanto ainda tiver ar disponível.

Às vezes, também, falavam em se rebelar ativamente contra o Partido, mas sem ideia de como dar o primeiro passo. Mesmo se a fabulosa Irmandade fosse real, ainda permanecia a dificuldade de encontrar o caminho até ela. Ele comentou sobre a estranha intimidade que sentia — ou parecia existir — com O'Brien, e do impulso que tinha de simplesmente caminhar até ele, anunciar-se como inimigo do Partido e pedir a sua ajuda. Curiosamente, ela não recebeu essa ideia como absurda. Ela estava acostumada a julgar as pessoas por seus rostos, parecia natural para ela que Winston acreditasse que O'Brien fosse digno de confiança somente com um olhar de relance. Além disso, ela tinha como certo que todos, ou quase todos, secretamente odiavam o Partido e que quebrariam as regras se achassem seguro. Mas ela se recusava a acreditar que uma oposição geral e organizada existisse ou pudesse existir. As histórias sobre Goldstein e seu exército secreto, ela disse, não passavam de lixo que o Partido inventara para seus próprios fins e que todos tinham de fingir acreditar. Inúmeras vezes, em comícios do Partido e manifestações espontâneas, ela berrou pedindo a execução de pessoas cujos nomes ela nunca tinha ouvido falar, ou de pessoas acusadas de terem cometido crimes nos quais ela não acreditava. Quando julgamentos públicos estavam em curso, ela acampava com grupos da Liga Juvenil em frente

aos tribunais, gritando sem parar “Morte aos traidores!” Durante o Dois Minutos de Ódio, ela sempre se destacava por seus gritos e insultos a Goldstein. No entanto, ela não tinha a menor ideia de quem fosse Goldstein ou quais doutrinas ele representava. Ela havia crescido depois da Revolução e era muito jovem para se lembrar das batalhas ideológicas dos anos 1950 e 1960. Algo como um movimento político independente não passava em sua imaginação, e em todos os casos, o Partido era invencível. Sempre existiria, e se manteria sempre o mesmo. Só era possível se rebelar pela desobediência secreta ou, no máximo, por atos isolados de violência, como matar alguém ou explodir alguma coisa.

Em alguns aspectos, ela era muito mais perspicaz do que Winston e muito menos suscetível à propaganda do Partido. Uma vez, ele mencionou a guerra contra a Eurásia, e ela o deixou perplexo dizendo casualmente que, em sua opinião, a guerra não estava acontecendo. As bombas-foguete que caíam diariamente sobre Londres eram provavelmente disparadas pelo próprio governo da Oceânia: “apenas para manter as pessoas com medo”. Essa foi uma ideia que literalmente nunca lhe ocorrera. Ela também despertou uma espécie de inveja nele ao revelar que durante o Dois Minutos de Ódio sua grande dificuldade era não gargalhar. Ela só questionava os ensinamentos do Partido quando eles, de alguma forma,

invadiam sua própria vida. Muitas vezes, ela se prestava a aceitar a mitologia oficial simplesmente porque a diferença entre a verdade e a mentira não importava para ela. Ela acreditava, por exemplo, no que a escola a ensinara, que o Partido havia inventado os aviões. (Em seus tempos de escola, no final dos anos de 1950, Winston se lembrava de que o Partido alegava ter inventado apenas o helicóptero; uma década depois, quando Julia estava na escola, já reivindicavam o avião; mais uma geração, eles se apropriariam do motor a vapor.) Mesmo quando ele explicou a ela que já existiam aviões antes mesmo de ele nascer, muito antes da Revolução, ela pareceu totalmente desinteressada. Afinal, que diferença faz quem inventou o avião? Foi um choque muito maior para ele quando descobriu, por algum comentário comum, que ela não se lembrava de que a Oceânia, quatro anos antes, estivera em guerra com a Lestásia e em paz com a Eurásia. Era verdade que ela considerava toda a guerra uma farsa: mas, aparentemente, ela nem havia notado que o nome do inimigo havia mudado.

— Sempre achei que nossa guerra foi contra a Eurásia
— comentou ela, vagamente.

Isso o assustou um pouco. A invenção de aviões datava de muito antes de seu nascimento, mas a transição da guerra acontecera há menos de quatro anos, quando ela já era adulta.

Ele discutiu com ela por quinze minutos. No final, ele conseguiu forçar sua memória de volta, até que ela vagamente se lembrou de que uma vez a Lestásia, e não a Eurásia, fora a inimiga. Mas o problema ainda não parecia importante.

— E daí? — ela disse impacientemente. — É sempre uma guerra atrás da outra, e todos sabem que os jornais só mentem.

Às vezes, falava com ela sobre o Departamento de Registros e sobre as falsificações ousadas que ele cometia lá. Essas coisas não pareciam horrorizá-la. Ela não sentia o abismo se abrindo sob seus pés com o pensamento de que mentiras se transformavam em verdades. Ele contou a ela a história de Jones, Aaronson e Rutherford e a importante fotografia que teve nas mãos. Isso não a impressionou muito. A princípio, de fato, ela sequer entendeu a importância do caso.

— Eles eram seus amigos? — ela quis saber.

— Não, eu nunca os conheci. Eles eram membros da Executiva. Além disso, eles eram homens muito mais velhos do que eu. Eles pertenciam aos velhos tempos, antes da Revolução. Eu os conhecia de vista.

— Então, qual é o problema? Pessoas são mortas o tempo todo, não?

Ele tentou fazê-la entender.

— Este foi um caso excepcional. Não era apenas uma questão de matar alguém. Você entende que o passado, desde

de ontem, foi abolido? Se ele sobrevive em algum lugar, isso ocorreria através de alguns objetos sólidos sem palavras ligadas a eles, como aquele pedaço de vidro ali. Já não sabemos, literalmente, quase nada sobre a Revolução e os anos anteriores a ela. Os registros foram destruídos ou falsificados, os livros foram reescritos, as imagens foram retocadas, as estátuas, as ruas e os prédios trocaram de nome, as datas foram alteradas. E esse processo continua a cada dia, a cada minuto. A história parou. Nada existe, exceto um presente infinito no qual o Partido sempre tem o poder. Eu sei, é claro, que o passado é falsificado, mas eu nunca poderia provar, mesmo sendo eu mesmo o falsificador. Depois que a coisa é feita, toda evidência desaparece. A única prova está dentro da minha própria cabeça, e eu não tenho certeza se algum outro ser humano compartilha das minhas memórias. Só naquele caso, em toda a minha vida, eu tive evidências concretas após o evento, anos depois.

— E de que adiantou?

— De nada, porque joguei aquilo no lixo minutos depois. Mas se a mesma coisa acontecesse hoje, eu ficaria com ela.

— Bem, eu não faria isso! — retrucou Julia. — Estou pronta a correr riscos, mas apenas por algo que valha a pena, não por pedaços de jornais velhos. O que você poderia ter feito, mesmo que o tivesse guardado?

— Não muito, talvez. Mas seria uma evidência. Poderia semear algumas dúvidas aqui e ali, supondo que eu ousasse mostrar a alguém. Não acho que mudaria nossas vidas em nada. Mas consigo imaginar pequenos núcleos de resistência aqui e ali, pequenos grupos de pessoas se unindo e crescendo gradualmente, até mesmo deixando alguns registros para trás, para que as próximas gerações possam continuar de onde paramos.

— Não estou interessada na próxima geração, meu amor. Estou interessada em nós.

— Você é rebelde só da cintura para baixo — ele disse a ela.

Ela achou aquilo muito sagaz e jogou os braços ao redor dele, encantada.

Ela não tinha o menor interesse nas ramificações da doutrina partidária. Sempre que ele começava a falar dos princípios do Ingsoc, do doublethink, da mutabilidade do passado e da negação da realidade objetiva, bem como usar palavras em newspeak, ela ficava entediada e confusa e dizia que nunca prestava atenção a esse tipo de coisa. Era tudo lixo, então, para que se preocupar? Ela sabia quando torcer e quando vaiar, e só isso era necessário. Se ele insistia na conversa, ela tinha o desconcertante hábito de adormecer. Ela era daquelas pessoas capazes de dormir a qualquer hora

e em qualquer posição. Ao conversar com ela, ele via como era fácil apresentar uma aparência ortodoxa sem ter nenhuma compreensão do que significava a ortodoxia. De certa forma, a visão de mundo do Partido se impunha com muito sucesso às pessoas incapazes de compreendê-lo. Eles podiam ser levados a aceitar as violações mais flagrantes da realidade, porque nunca compreendiam totalmente a grandiosidade do que lhes era tirado e não estavam suficientemente interessados em eventos públicos para perceber o que acontecia de verdade. Por pura ignorância, eles permaneciam sãos. Eles simplesmente engoliam tudo, e o que engoliam não lhes fazia mal, porque não deixava nenhum resíduo para trás, assim como um grão de milho passa intacto pelo intestino de um pássaro.

Finalmente aconteceu. A mensagem esperada havia chegado. Parecia que ele tinha esperado a vida inteira.

Ele caminhava pelo longo corredor do Ministério, quase no local em que Julia colocara o bilhete em sua mão, quando percebeu que um grande vulto vinha logo atrás. A pessoa, seja quem fosse, ensaiou uma pequena tosse, evidentemente um prelúdio. Winston parou abruptamente e se virou. Era O'Brien.

Então, eles ficaram cara a cara e parecia que seu único impulso era fugir. Seu coração bateu violentamente. Ele seria incapaz de falar. O'Brien, entretanto, continuou avançando e colocou uma mão amiga no braço de Winston, de modo que os dois andassem lado a lado. Ele começou a falar em um tom cortês, grave e peculiar, que o diferenciava da maioria dos membros da Executiva.

— Eu esperava uma oportunidade de conversar com você — começou ele. — Outro dia, eu li um dos seus artigos sobre a newspeak no “The Times”. Você tem um interesse acadêmico em newspeak, não é?

Winston havia recuperado parte de seus sentidos.

— Nada erudito — disse ele. — Não passo de um amador. Não é minha área. Eu nunca tive nada a ver com a construção real da linguagem.

— Mas você escreve com muita elegância — insistiu O'Brien. — Essa não é apenas a minha opinião. Conversei recentemente com um amigo seu, ele certamente é um especialista. O nome dele me escapa agora.

Mais uma vez, o coração de Winston se agitou dolorosamente. Era inconcebível ser outra coisa que não uma referência a Syme. Mas Syme não estava apenas morto, ele fora vaporizado, era uma despesa. Qualquer referência identificável a ele era mortalmente perigosa. A observação de O'Brien obviamente pretendia ser um sinal, uma senha. Ao compartilhar um pequeno ato de thoughtcrime, ele havia transformado os dois em cúmplices. Continuaram a caminhar pelo corredor, mas, então, O'Brien parou. Com a simpatia curiosa e desconcertante que sempre conseguia com seu gesto, ele ajeitou os óculos no nariz e continuou:

— O que eu realmente quero dizer é que percebi em seu artigo o uso de duas palavras que se tornaram obsoletas. Mas elas só caíram em desuso recentemente. Você viu a 10ª edição do *Dicionário de Newspeak*?

— Não — confessou Winston. — Achei que ainda não tivesse sido publicada. No Departamento de Registros, ainda usamos a 9ª edição.

— Acho que a 10ª só deve sair daqui a alguns meses. Mas algumas cópias já foram distribuídas. Eu tenho uma. Pode ser do seu interesse dar uma olhada, talvez?

— Muito — respondeu Winston, entendendo logo no que aquilo resultaria.

— Algumas das novas propostas são muito inteligentes. A redução no número de verbos... acho que esse é o ponto que vai lhe agradar. Como fazemos? Posso enviar um mensageiro para você com o dicionário? Mas sempre me esqueço de fazer essas coisas. Ou talvez você possa passar no meu apartamento quando lhe for mais conveniente? Aqui. Vou lhe dar o meu endereço.

Eles estavam em frente a uma teletela. Um tanto distraído, O'Brien apalpou dois de seus bolsos e, em seguida, tirou um pequeno caderno com capa de couro e uma caneta dourada. Bem abaixo da teletela, em uma posição que qualquer um do outro lado pudesse ler o que ele escrevia, rabiscou um endereço, arrancou a página e a entregou a Winston.

— Geralmente estou em casa à noite — disse ele. — Do contrário, meu funcionário lhe dará o dicionário.

Ele se foi e Winston ficou com o pedaço de papel. Desta vez, não havia necessidade de esconder. Mesmo assim, ele memorizou cuidadosamente o que estava escrito e, algumas horas depois, jogou-o no buraco da memória junto com um pacote de outros papéis.

Eles tinham conversado por dois minutos, no máximo. O episódio só poderia ter um significado. Fora planejado para informar o endereço de O'Brien a Winston. Aquilo parecia ser necessário porque, exceto por investigação direta, nunca era possível descobrir onde alguém morava. Não havia arquivos sobre isso. "Se quiser me ver, é aqui que posso ser encontrado", era o que O'Brien havia dito. Talvez o dicionário viesse com uma mensagem escondida entre as suas folhas. Mas, de qualquer forma, uma coisa era certa: a conspiração com a qual ele sonhava existia, e ele havia alcançado o perímetro externo dela.

Ele sabia que, mais cedo ou mais tarde, obedeceria à convocação de O'Brien. Talvez no dia seguinte, talvez depois de muito tempo. Ele não tinha certeza. O que estava acontecendo era apenas o desenrolar de um processo iniciado anos atrás. O primeiro passo foi um pensamento secreto e involuntário; o segundo foi a inauguração do diário. Ele passou dos pensamentos às palavras; e agora, das palavras às ações. A última etapa aconteceria no Ministério do Amor.

Ele já havia aceitado isso. O fim estava começando. Mas era assustador ou, mais exatamente, era como um antegozo da morte: era como estar um pouco menos vivo. Mesmo enquanto falava com O'Brien, quando ele entendeu o significado daquelas palavras, um calafrio tomou conta de seu corpo. Era a sensação de estar entrando na umidade de um túmulo, embora não fosse uma grande mudança, pois ele sempre soube que o túmulo estava ali, esperando por ele.

Winston acordou com os olhos cheios de lágrimas. Julia rolou sonolenta até ele, murmurando algo que poderia ser “O que foi?”

— Eu sonhei — ele começou e parou abruptamente. Era muito complexo para colocar em palavras. Havia o sonho em si e uma memória ligada a ele, que surgira em sua mente poucos segundos depois de acordar.

Ele se deitou com os olhos fechados, ainda imerso na atmosfera do sonho. Era um sonho vasto e luminoso no qual toda a sua vida parecia se estender diante dele como uma paisagem em uma noite de verão depois da chuva. Tudo tinha ocorrido dentro do peso de papel de vidro, a superfície do vidro era a cúpula do céu e, dentro da cúpula, tudo estava inundado com uma luz suave e clara pela qual se podia ver distâncias intermináveis. O sonho também havia sido alcançado por — na verdade, em certo sentido consistia nisso — um gesto dos braços de sua mãe, repetido trinta anos depois pela mulher judia que tinha aparecido no noticiário

após proteger o garotinho das balas, antes que o helicóptero os fizesse em pedaços.

— Acredita — começou ele — que até agora eu acreditava ter assassinado a minha mãe?

— Por que você a matou? — perguntou Julia, quase dormindo.

— Eu não a matei. Não fisicamente.

No sonho, ele se lembrou do último vislumbre de sua mãe e, poucos minutos depois de acordar, o aglomerado de pequenos eventos que o cercava voltara. Era uma memória que ele talvez tivesse eliminado deliberadamente de sua consciência há muitos anos. Ele não tinha certeza da data, mas tinha uns dez, no máximo doze anos, quando aquilo aconteceu.

Seu pai havia desaparecido algum tempo antes, o quanto ele não conseguia se lembrar. Ele se lembrava melhor das circunstâncias turbulentas da época: os pânicois periódicos sobre os ataques aéreos e os abrigos antibomba nas estações de metrô; as pilhas de entulho por toda parte; as mensagens ininteligíveis escritas nas esquinas; as gangues de jovens com camisetas da mesma cor; as enormes filas do lado de fora das padarias; e os disparos intermitentes de metralhadoras à distância — acima de tudo, o fato de que nunca havia comida suficiente. Lembrou-se das longas tardes que passava

com outros meninos vasculhando latas e depósitos de lixo, recolhendo talos de repolho, cascas de batata e, às vezes, até migalhas de pão velho, das quais deviam raspar cuidadosamente as cinzas; também ficavam à espera da passagem dos caminhões, percorrendo determinado caminho — e sendo conhecidos por isso —, transportavam ração para o gado. Ao se sacudirem nas estradas esburacadas, às vezes, os caminhões deixavam cair placas de bagaços.

Quando seu pai desapareceu, sua mãe não demonstrou nenhuma surpresa ou dor violenta, mas ocorreu nela uma mudança repentina. Ela parecia ter ficado completamente desalmada. Era evidente até para Winston que ela sabia que algo estava para acontecer. Ela fazia tudo o que era necessário — cozinhava, lavava, remendava, arrumava as camas, varria o chão, espanava o lintel da lareira — sempre muito devagar e sem movimentos supérfluos, como uma figura em movimento que um pintor amador tenta expressar em uma tela. Seu corpo grande e forte parecia recair naturalmente na imobilidade. Por horas a fio, ela ficava sentada imóvel na cama enquanto amamentava a sua irmã mais nova, uma criancinha de dois ou três anos pequena, doente e muito quieta, com um rosto quase simiesco devido a magreza. Às vezes, ela abraçava Winston e o pressionava contra ela por um longo tempo sem dizer nada. Ele sabia, apesar de sua

idade e egoísmo, que aquilo estava relacionado a uma coisa nunca mencionada, mas que estava para acontecer.

Ele se lembrou do quarto em que moravam, um cômodo escuro e fedorento cuja metade do espaço era tomada por uma cama com uma colcha branca. Havia um fogareiro e uma prateleira onde os alimentos eram guardados. No patamar externo, havia uma pia de barro que servia a vários cômodos. Ele se lembrou do corpo escultural de sua mãe curvado sobre a boca de gás, mexendo algo em uma panela. Acima de tudo, ele se lembrava de sua fome contínua e das ferozes batalhas na hora das refeições. Ele perguntava irritado à mãe, sem parar, por que não havia mais comida. Gritava e brigava com ela (ele até se lembrava do tom de sua própria voz, que começava a engrossar prematuramente e por vezes soava esquisita); ou então tentava um choramingo patético, esforçando-se para obter mais do que a sua parte. Sua mãe sempre estava pronta para dar a ele um pouco mais. Ela presumia que ele, “o menino”, deveria ficar com a maior parte; no entanto, por mais que ela lhe desse, ele sempre exigia mais. A cada refeição, ela implorava para que ele não fosse egoísta e que se lembrasse de que sua irmãzinha estava doente e também precisava de comida, mas não adiantava. Ele gritava de raiva quando ela parava de servir a sopa, tentava arrancar a panela e a colher de suas mãos, roubava do prato da irmã. Ele sabia que estava

fazendo as duas morrerem de fome, mas era impossível evitar; ele até sentia que era seu direito fazer aquilo. A fome em seu estômago era sua justificativa. Entre as refeições, se sua mãe não ficasse de guarda, ele constantemente roubava o miserável estoque de comida na prateleira.

Um dia, distribuíram uma ração de chocolate. Fazia alguns meses que aquilo não acontecia. Ele se lembrava com bastante clareza daquele precioso pedacinho de chocolate. Era uma barra de duas onças (eles ainda pesavam em onças naquela época) para os três. Era óbvio que deveria ser dividido em três partes iguais. De repente, como se outra pessoa falasse, Winston se ouviu exigindo em voz alta e estrondosa que recebesse a peça inteira. Sua mãe lhe pediu para que não fosse ganancioso. Houve uma longa discussão inútil, com gritos, berros, lágrimas, protestos, barganhas. Sua irmãzinha, agarrada à mãe com as duas mãos, exatamente como um bebê macaco, olhava para ele por cima do ombro com olhos grandes e tristes. No final, sua mãe partiu três quartos do chocolate e deu a Winston; e o outro quarto para sua irmã. A menina segurou e olhou estupidamente para aquilo, talvez sem saber o que era. Winston olhou para ela por um momento. Então, com um salto repentino e rápido, ele arrancou o chocolate da mão de sua irmãzinha e fugiu pela porta.

— Winston, Winston! — sua mãe o chamou. — Volte! Devolva o chocolate para sua irmã!

Ele parou, mas não voltou. Os olhos ansiosos de sua mãe se fixaram em seu rosto. Mesmo relembrando disso agora, ele não saberia o que estava prestes a acontecer. Sua irmãzinha, consciente de ter sido roubada de alguma forma, começou a gemer baixo. A mãe envolveu a criança com o braço e encostou o rosto da menina em seu peito. Algo daquele gesto disse a ele que a sua irmã estava morrendo. Ele se virou e desceu correndo as escadas, com o chocolate começando a derreter em sua mão.

Ele nunca mais viu sua mãe. Depois de ter devorado o chocolate, ele se sentiu um pouco envergonhado e vagou pelas ruas por várias horas, até que a fome o levou de volta para casa. Quando chegou, sua mãe havia desaparecido. Aquilo estava se tornando normal naquela época. Nada havia desaparecido do cômodo, exceto sua mãe e sua irmã. Elas não tinham levado nenhuma roupa, nem mesmo o sobretudo. Até hoje, ele não saberia dizer com certeza se sua mãe estava morta. Era perfeitamente possível que ela simplesmente tivesse sido enviada para um campo de trabalhos forçados. Quanto à sua irmã, ela poderia ter sido removida, como o próprio Winston foi, para uma das colônias para crianças sem-teto (Centros de Recuperação, como eram chamados)

que apareceram durante a guerra civil; ou ela pode ter sido enviada para o campo de trabalho junto com sua mãe, ou simplesmente fora deixada em algum lugar para morrer.

O sonho ainda estava vívido em sua mente, em especial o gesto do braço no qual todo o significado se concentrava. Sua mente regressou para o outro sonho de dois meses atrás. Da mesma forma que a sua mãe se sentava na velha cama de colcha branca, com a filha agarrada nela, ela estava sentada no navio que naufragava, bem abaixo dele, afundando mais e mais, sem desviar os olhos dele através da água turva.

Ele contou a Julia sobre o desaparecimento de sua mãe. Sem abrir os olhos, ela se virou e se acomodou numa posição mais confortável.

— Você era um porquinho nojento naquela época — disse ela, indistintamente. — As crianças são assim mesmo.

— Tem razão. Mas o verdadeiro ponto da história..

Pela respiração dela, era evidente que caíra no sono novamente. Mas ele gostaria de continuar falando sobre sua mãe. Ele não supunha, pelo que podia se lembrar, que ela tivesse sido uma mulher fora do comum, muito menos inteligente. Mesmo assim, ela possuía uma espécie de nobreza, uma espécie de pureza, simplesmente porque seguia suas próprias regras. Seus sentimentos eram seus e não podiam ser alterados externamente. Não ocorria a ela que

uma ação ineficaz era inútil. Quando se ama alguém, realmente se ama; e, quando não se tem mais nada para dar, ainda resta o amor. Quando o último pedaço de chocolate se foi, sua mãe se agarrou a criança no colo dela. Não adiantava, aquilo não mudaria nada, aquilo não produziria mais chocolate, não evitaria a morte da criança, nem mesmo a dela; mas lhe pareceu natural fazer aquilo. A refugiada no barco também havia protegido o menino com os braços, inúteis contra as balas como uma folha de papel. O mais terrível que o Partido fazia era persuadir as pessoas de que meros impulsos, meros sentimentos, não importavam, ao mesmo tempo em que roubava das pessoas todo o poder sobre o mundo material. Uma vez nas garras do Partido, o que se sentia ou não se sentia, o que era feito ou deixado de fazer, literalmente não fazia diferença. O que quer que acontecesse, você desaparecia e nunca mais se ouviria falar de você ou de suas ações. Você era retirado do fluxo da história. E, no entanto, para as pessoas de apenas duas gerações atrás, aquilo não pareceria tão importante, porque elas não queriam alterar a história. Elas eram governadas por códigos privados que não questionavam. O que importava a essas pessoas eram os relacionamentos individuais, e um gesto completamente impotente, um abraço, uma lágrima, uma palavra dita a um moribundo poderia ter algum valor em si mesmo. Os proles,

de repente lhe ocorreu, haviam permanecido nessa condição. Eles não eram leais a um partido, a um país ou a uma ideia. Eles eram leais uns aos outros. Pela primeira vez em sua vida, ele não desprezou os proles, nem os considerou meramente como uma força inerte que um dia voltaria à vida e regeneraria o mundo. Os proles tinham permanecido humanos. Eles não se endureceram por dentro. Eles se apegaram às emoções primitivas que ele mesmo reaprendeu por meio de um esforço consciente. E, ao pensar nisso, lembrou-se, sem dar muita importância, de como algumas semanas atrás vira uma mão decepada caída na calçada e a chutara para a sarjeta como se fosse um talo de repolho.

— Os proles são humanos — disse ele em voz alta. — Nós não.

— Por que não? — quis saber Julia, que havia acordado novamente.

Ele pensou um pouco.

— Você já pensou — disse ele — que a melhor coisa a fazer é simplesmente sair daqui antes que seja tarde demais e nunca mais nos vermos?

— Sim, meu amor, já. Várias vezes. Mas eu não vou fazer isso mesmo assim.

— Tivemos sorte até agora — disse ele —, mas não vai durar muito. Você é jovem. Você parece normal e inocente.

Se ficar longe de pessoas como eu, pode viver mais cinquenta anos.

— Não. Já pensei em tudo. O que você fizer, eu vou fazer. E não desanime. Sou muito boa em me manter viva.

— Podemos ficar juntos por mais seis meses, um ano... não há como saber. No final, é certo que vamos acabar separados. Você entende como estamos totalmente sozinhos? Quando eles nos pegarem, não haverá nada, literalmente nada, que nós possamos fazer um pelo outro. Se eu confessar, eles vão matar você; e, se eu me recusar a confessar, eles vão matar você do mesmo jeito. Tudo o que eu possa fazer ou dizer, ou não dizer, adiará sua morte por no máximo cinco minutos. Nenhum de nós saberá se o outro está vivo ou morto. Estaremos totalmente impotentes. O que importa é que não devemos nos trair, ainda que isso não faça a menor diferença.

— Você quer dizer confessar? — disse ela. — Certamente, faremos isso. Todo mundo confessa. Não se pode evitar. Eles torturam você.

— Eu quis dizer confessar. Confissão não é traição. As palavras ou o silêncio não importam; só os sentimentos importam. Se eles pudessem me fazer parar de amar você, essa seria a verdadeira traição.

Ela ruminou aquela frase.

— Eles não são capazes de fazer isso — disse ela, finalmente. — É a única coisa que eles não conseguem fazer. Eles podem fazer você dizer qualquer coisa. QUALQUER COISA. Mas não podem forçar você a acreditar. Eles não podem entrar dentro de você.

— Não — disse ele, com um pouco mais de esperança. — Não podem, isso é verdade. Eles não podem entrar dentro de você. Se você puder SENTIR que vale a pena permanecer humano, mesmo quando tudo estiver perdido, você os derrotou.

Ele pensou na teletela, a orelha que nunca dorme. Eles podiam espionar as pessoas noite e dia, mas se ninguém perdesse a cabeça, era possível enganá-los. Com toda sua espreiteza, eles nunca tinham descoberto como saber o que outro ser humano pensava. Talvez isso fosse menos verdadeiro quando se caía nas mãos deles. Não se sabia o que acontecia dentro do Ministério do Amor, mas dava para adivinhar: torturas, drogas, delicados instrumentos que registravam suas reações nervosas, privação de sono, confinamento e interrogatórios sem fim. Os fatos, de qualquer forma, não podiam ser ocultados. Eles podiam ser revelados nos interrogatórios, arrancados pelas torturas. Mas se o objetivo não fosse permanecer vivo, mas permanecer humano, que diferença fazia? Eles não podiam alterar seus sentimentos:

nesse caso, nem mesmo você poderia alterá-los, mesmo que quisesse. Eles poderiam revelar nos mínimos detalhes tudo o que você fez, disse ou pensou; mas o que morava no fundo do seu coração, cujo funcionamento era misterioso até para você, permaneceria inexpugnável.

Eles tinham conseguido, finalmente conseguiram! Estavam em uma sala comprida e parcamente iluminada. A teletela estava reduzida a um murmúrio baixo; a riqueza do tapete azul-escuro dava a impressão de se pisar em veludo. No outro extremo da sala, O'Brien estava sentado a uma mesa sob um abajur verde, com uma pilha de papéis de cada lado. Ele não se preocupou em erguer os olhos quando o criado conduziu Julia e Winston para dentro.

O coração de Winston batia tão forte que ele duvidou que fosse capaz de falar. “Eles tinham conseguido, finalmente!” Era tudo o que ele conseguia pensar. Tinha sido um ato precipitado vir até aqui, e foi pura loucura terem chegado juntos — embora fosse verdade que tivessem vindo por caminhos diferentes e só se encontrado na porta de O'Brien. Mas entrar em um lugar como esse era simplesmente um exercício de coragem. Eram raras as ocasiões em que se podia ver o interior das residências da Executiva, ou mesmo penetrar no bairro em que moravam. Toda a atmosfera do

enorme bloco de apartamentos, a riqueza e amplitude de tudo, os cheiros estranhos de boa comida e bom tabaco, os elevadores silenciosos e incrivelmente rápidos que deslizavam para cima e para baixo, os servos de paletó branco correndo para lá e para cá — tudo era intimidador. Embora houvesse um bom pretexto para estar aqui, cada passo era assombrado pelo medo de que um guarda de uniforme preto apareceria na esquina, exigindo seus papéis e ordenando que o seguisse. O criado de O'Brien, entretanto, admitiu os dois sem objeções. Ele era um homem baixo, de cabelos escuros e paletó branco, com um rosto em forma de diamante, completamente inexpressivo. Talvez ele fosse chinês. A passagem pela qual ele os conduziu era acarpetada, com papel de parede creme e lambris brancos, tudo perfeitamente limpo. Aquilo também era intimidador. Winston não se lembrava de um dia ter visto uma passagem cujas paredes não estivessem sujas pelo contato de corpos humanos.

O'Brien parecia estudar atentamente um pedaço de papel que tinha nas mãos. Seu rosto pesado e inclinado permitia que se visse o contorno do nariz, o que o fazia parecer formidável e inteligente. Por cerca de vinte segundos, ele se manteve sentado e imóvel. Em seguida, ele puxou o *speakwrite* para si e emitiu uma mensagem no jargão híbrido dos Ministérios:

— Os itens um vírgula cinco vírgula sete aprovados full-wise ponto sugestão contida item seis doubleplus ridícula beira crimethink cancelar ponto desproceder desconstrução plusfull estimativa excesso de maquinário ponto final mensagem.

Ele se levantou de sua cadeira sem rodeios e foi em direção a eles sobre o tapete silencioso. Um pouco da atmosfera oficial parecia ter se desprendido dele junto com as palavras em newspeak, mas sua expressão estava mais sombria do que de costume, como se contrariado por ser perturbado. O terror que Winston já sentia foi subitamente transpassado por uma onda de vergonha. Parecia bem possível que haviam cometido um erro estúpido. Que evidência real ele tinha de que O'Brien fosse algum tipo de conspirador político? Nada além de um brilho no olhar e uma única observação: além disso, apenas suas próprias conjeturas com alicerces oníricos. Ele não podia nem fingir que viera pedir o dicionário emprestado, porque, nesse caso, a presença de Júlia seria impossível de explicar. Quando O'Brien passou pela teletela, um pensamento pareceu atingi-lo. Ele parou, virou-se para o lado e apertou um botão na parede. Houve um estalo agudo. A voz parou.

Julia soltou um pequeno som, uma espécie de guincho de surpresa. Mesmo em meio ao pânico, Winston estava surpreso demais para segurar a língua:

— Você pode desligar! — ele disse.

— Sim — disse O'Brien —, podemos. Temos esse privilégio.

Agora, ele estava diante deles. Sua forma sólida se elevou sobre os dois, a expressão em seu rosto ainda era indecifrável. Ele estava esperando, com certa severidade, que Winston falasse, mas o quê? Mesmo agora, era perfeitamente concebível que ele fosse simplesmente um homem ocupado se perguntando irritado por que havia sido interrompido. Ninguém falou. Com a teletela desligada, a sala parecia mortalmente silenciosa. Os segundos se passaram, intermináveis. Com dificuldade, Winston manteve os olhos fixos nos de O'Brien. Então, de repente, o rosto sombrio se transformou no que poderia ser o início de um sorriso. Com seu gesto característico, O'Brien ajustou os óculos no nariz.

— Eu digo ou você? — ele perguntou.

— Eu direi — disse Winston, prontamente. — Esta coisa está mesmo desligada?

— Sim, tudo desligado. Estamos sozinhos.

— Viemos aqui porque...

Ele fez uma pausa, percebendo a imprecisão de seus próprios motivos pela primeira vez. Como ele de fato não sabia qual tipo de ajuda esperava de O'Brien, não era fácil dizer por que estava aqui. Ele continuou, consciente de que

o que estava dizendo deveria soar frágil e pretensioso ao mesmo tempo:

— Desconfiamos de uma conspiração, algum tipo de organização secreta que trabalha contra o Partido, e que você esteja envolvido nisso. Queremos nos juntar e ajudar. Somos inimigos do Partido. Não acreditamos nos princípios do Ingsoc. Somos thought-criminals. Também somos adúlteros. Digo isso porque queremos nos colocar à sua disposição. Nós podemos nos incriminar se você quiser, estamos prontos.

Ele parou e olhou por cima do ombro, com a sensação de que a porta havia se aberto. O pequeno criado de rosto asiático tinha entrado sem bater. Winston viu que ele carregava uma bandeja com uma garrafa e taças.

— Martin é um de nós — disse O'Brien, impassível. — Traga as bebidas aqui, Martin. Leve-os até a mesa redonda. Temos cadeiras suficientes? Vamos nos sentar e conversar confortavelmente. Traga uma cadeira para você, Martin. Isso é trabalho. Não precisa agir como empregado nos próximos dez minutos.

O homenzinho sentou-se à vontade, mas ainda com ar de servo, o ar de um criado que desfruta de um privilégio. Winston o observou com o canto do olho. Ocorreu-lhe que toda a vida do homem não passava de uma representação, e que ele devia achar perigoso abandonar sua personalidade

dissimulada, mesmo que por um momento. O'Brien pegou a garrafa pelo gargalo e encheu as taças com um líquido vermelho-escuro. Aquilo despertou em Winston vagas lembranças de algo visto há muito tempo em um muro ou em um depósito — uma grande garrafa composta de lâmpadas elétricas que pareciam se mover para cima e para baixo e derramar seu conteúdo em um copo. Vista de cima, a coisa parecia quase preta, mas na garrafa brilhava como um rubi. Tinha um cheiro agridoce. Ele viu Julia pegar sua taça e cheirá-la com franca curiosidade.

— Chama-se vinho — disse O'Brien, com um leve sorriso. — Você deve ter lido sobre isso em livros, aposto. Receio que não chegue muito disso aos outros afiliados do Partido. — Seu rosto tornou-se solene de novo, e ele ergueu a taça: — Acho que é apropriado começarmos com um brinde à saúde. Ao nosso líder. Emmanuel Goldstein.

Winston pegou sua taça com certa ansiedade. Vinho era algo sobre o que ele havia lido e sonhado. Como o peso de papel de vidro ou as rimas quebradas do sr. Charrington, aquilo pertencia ao passado romântico e desaparecido, aos velhos tempos, como ele gostava de dizer em seus pensamentos secretos. Por alguma razão, ele sempre imaginara o vinho com um sabor intensamente doce, como geleia de amora, e com um efeito inebriante imediato. Na verdade,

quando ele começou beber, a sensação foi decepcionante. A verdade é que depois de anos bebendo gin, mal conseguia sentir o gosto. Ele colocou a taça vazia na mesa.

— Então existe uma pessoa como Goldstein? — ele perguntou.

— Sim, existe tal pessoa, e ela está viva. Onde, eu não sei.

— E a conspiração? A organização? É real? Não é simplesmente uma invenção da Polícia do Pensamento?

— Não, é real. A Irmandade, como nós a chamamos. Você nunca saberá muito mais sobre a Irmandade além de que ela existe e de que você pertence a ela. Voltarei a isso em breve. — Ele olhou para o relógio de pulso. — Não é sensato, até mesmo para membros da Executiva, desligar a teletela por mais do que meia hora. Vocês não deviam ter vindo aqui juntos e terão de partir separadamente. Você, camarada — ele apontou a cabeça para Julia —, vai sair primeiro. Temos cerca de vinte minutos à nossa disposição. Vocês compreendem que eu devo começar fazendo algumas perguntas. Em termos gerais, o que vocês estão preparados para fazer?

— Tudo o que pudermos — disse Winston.

O'Brien se virou na cadeira para encarar Winston. Ele quase ignorou Julia, parecendo saber que Winston falava por ela. Por um momento, suas pálpebras desceram sobre seus olhos. Ele começou a fazer as suas perguntas em uma voz

baixa e inexpressiva, como se fosse uma rotina, uma espécie de catecismo, cuja maioria das respostas ele já conhecia.

— Vocês estão preparados para dar suas vidas?

— Estamos.

— Estão preparados para cometer assassinatos?

— Estamos.

— Cometer atos de sabotagem que podem causar a morte de centenas de inocentes?

— Estamos.

— Entregar seu país para potências estrangeiras?

— Estamos.

— Estão preparados para trair, forjar, chantagear, corromper mentes infantis, distribuir drogas viciantes, encorajar a prostituição, disseminar doenças venéreas... fazer tudo o que possa causar desmoralização e enfraquecer o poder do Partido?

— Estamos.

— Se, por exemplo, de alguma forma servir aos nossos interesses jogar ácido no rosto de uma criança, vocês estariam preparados?

— Sim.

— Estão preparados para perder sua identidade e viver o resto de suas vidas como um garçom ou um estivador?

— Estamos.

— Estão preparados para cometer suicídio, se e quando ordenarmos?

— Estamos.

— Estão preparados para se separarem e nunca mais se verem?

— Não! — interrompeu Julia.

Pareceu a Winston que muito tempo se passou antes que ele conseguisse responder. Por um momento, ele parecia ter sido privado da capacidade de falar. Sua língua trabalhou silenciosamente, formando as sílabas iniciais primeiro de uma palavra, depois de outra e ainda outra vez mais. Até proferi-la, ele não sabia que palavra iria dizer.

— Não — ele disse, finalmente.

— Fizeram bem em me contar — observou O'Brien. — Nós precisamos saber de tudo.

Ele se virou para Julia e acrescentou com um pouco mais de ênfase:

— Você entende que mesmo que ele sobreviva, pode ser como uma pessoa diferente? Podemos ser obrigados a dar a ele uma nova identidade. Seu rosto, seus movimentos, a forma de suas mãos, a cor dos cabelos... até sua voz poderia ser diferente. E você também pode se tornar uma pessoa diferente. Nossos cirurgiões podem alterar as pessoas além do reconhecimento. Às vezes, é necessário. Às vezes, até amputamos um membro.

Winston não pôde deixar de lançar outro olhar para o rosto asiático de Martin. Não havia cicatrizes. Julia tinha ficado um pouco mais pálida, de modo que suas sardas se destacaram, mas ela enfrentou O'Brien com ousadia. Ela murmurou algo como se concordasse.

— Bom. Então isso está resolvido.

Havia uma caixa de cigarros prateada sobre a mesa. Com ar um tanto distraído, O'Brien a empurrou na direção dos outros, pegou um para si, levantou-se e começou a andar devagar de um lado para o outro, como se pensasse melhor em pé. Eram cigarros muito bons, muito grossos e enrolados com uma seda nobre. O'Brien olhou para o relógio de pulso novamente.

— É melhor você voltar para a despensa, Martin — disse ele. — Devo ligar novamente em quinze minutos. Dê uma boa olhada nos rostos desses camaradas antes de ir. Você os verá novamente. Eu, talvez não.

Exatamente como tinham feito na porta da frente, os olhos escuros do homenzinho piscaram diante de seus rostos. Não havia o menor traço de cordialidade em suas maneiras. Ele estava memorizando suas aparências, mas não demonstrava nenhum interesse por eles. Ocorreu a Winston que talvez um rosto sintético fosse incapaz de mudar de expressão. Sem falar ou dar qualquer tipo de saudação, Martin saiu, fechando a porta silenciosamente atrás de si. O'Brien caminhava em

círculos, com uma das mãos no bolso do macacão preto e a outra segurando o seu cigarro.

— Vocês sabem — disse ele — que lutarão no escuro. Vocês sempre estarão no escuro. Vocês receberão ordens e irão obedecê-las, sem saber o porquê. Mais tarde, enviarei um livro com o qual vocês aprenderão a verdadeira natureza da sociedade em que vivemos e a estratégia pela qual a destruiremos. Depois de ler o livro, serão membros plenos da Irmandade. Mas, além dos objetivos gerais pelos quais lutamos e as tarefas imediatas, não saberão de mais nada. Sei que a Irmandade existe, mas não sei dizer se ela conta com cem membros ou dez milhões. Com base no seu conhecimento pessoal, vocês nunca poderão dizer que ela chega a mais de uma dúzia. Vocês terão três ou quatro contatos, que serão renovados de vez em quando à medida em que desaparecem. Como este foi seu primeiro contato, ele será preservado. Quando vocês receberem pedidos, eles virão de mim. Se acharmos necessário nos comunicar com vocês, será através de Martin. Quando vocês finalmente forem pegos, vocês vão confessar. Isso é inevitável. Mas vocês terão muito pouco a confessar, a não ser suas próprias ações. Vocês não serão capazes de trair mais do que um punhado de pessoas sem importância. Provavelmente, nem irão me trair. A essa altura, eu posso já estar morto ou terei me tornado uma pessoa diferente, com um rosto diferente.

Ele continuou a andar em círculos sobre o tapete macio. Apesar do tamanho de seu corpo, havia certa graça em seus movimentos. Isso transparecia até quando metia sua mão no bolso ou manipulava um cigarro. Mais do que força, dava impressão de confiança e de compreensão marcada pela ironia. Por mais sério que ele parecesse ser, não apresentava a obstinação de um fanático. Quando ele falou de assassinato, suicídio, doenças venéreas, membros amputados e rostos transformados foi com um leve ar de galhofa. “Isso é inevitável”, sua voz parecia dizer. “Isso é o que definitivamente faremos. Mas não é isso o que faremos quando valer a pena viver novamente.” Uma onda de admiração, quase de adoração, fluiu de Winston para O’Brien. Por enquanto, ele havia se esquecido da figura sombria de Goldstein. Quando se olhava para os ombros poderosos de O’Brien e seu rosto cheio, tão feio e, no entanto, tão civilizado, era impossível acreditar que ele pudesse ser derrotado. Não havia estratégia no qual ele não fosse páreo, nenhum perigo que ele não pudesse prever. Até Julia parecia impressionada. Ela havia pousado seu cigarro e ouvia com atenção. O’Brien continuou:

— Vocês devem ter ouvido rumores sobre a existência da Irmandade. Sem dúvida, vocês formaram sua própria imagem dela. Imaginaram um enorme submundo de conspiradores, reunidos em porões secretos, pichando mensagens nos

muros, reconhecendo-se por palavras-código ou por gestos das mãos. Não existe nada disso. Os membros da Irmandade não têm como se reconhecer, e é impossível para qualquer um dos membros saber da identidade de mais do que alguns outros. O próprio Goldstein, se caísse nas mãos da Polícia do Pensamento, não poderia lhes dar uma lista completa de membros, nem qualquer informação que os levasse a uma lista completa. Essa lista não existe. A Irmandade não pode ser eliminada porque não é uma organização no sentido comum. Nada a mantém unida, exceto uma ideia que é indestrutível. Vocês nunca terão nada para se sustentar, exceto essa ideia. Vocês não terão camaradagem, nem incentivo. Quando finalmente vocês forem pegos, ninguém os ajudará. Nunca ajudamos nossos membros. No máximo, quando é absolutamente necessário que alguém seja silenciado, ocasionalmente podemos introduzir uma lâmina de barbear na cela de um prisioneiro. Vocês terão de se acostumar a viver sem resultados e sem esperança. Vocês trabalharão por um tempo, serão pegos, confessarão e, por fim, morrerão. Esses são os únicos resultados possíveis. Não há possibilidade de que qualquer mudança perceptível aconteça durante durante a nossa geração. Nós somos os mortos. Nossa vida única e verdadeira está no futuro. Participaremos dela como punhados de pó e estilhaços de ossos. Mas quão longe esse futuro

pode estar, não há como saber. Pode levar mil anos. No momento, nada é possível, exceto ampliar pouco a pouco a área de sanidade. Não podemos agir coletivamente. Só podemos espalhar nosso conhecimento de indivíduo para indivíduo, geração após geração. Diante da Polícia do Pensamento, não há outra maneira.

Ele parou e olhou pela terceira vez para o relógio de pulso.

— Está quase na hora de você ir embora, camarada — disse ele a Julia. — Espere. A garrafa ainda está pela metade.

Ele encheu as taças e ergueu a sua pela haste.

— Ao que será dessa vez? — disse ele, com certa sugestão de ironia. — À confusão da Polícia do Pensamento? À morte do Big Brother? À humanidade? Ao futuro?

— Ao passado — disse Winston.

— O passado é o mais importante — concordou O'Brien gravemente.

Eles esvaziaram as taças e, um momento depois, Julia se levantou para sair. O'Brien pegou uma caixinha de cima de um armário, entregando a ela um comprimido branco para que o colocasse na língua. Era importante, disse ele, não sair cheirando a vinho: os ascensoristas eram muito observadores. Assim que a porta se fechou atrás dela, ele pareceu se esquecer de sua existência. Ele deu mais um ou dois passos e, então, parou.

— Há detalhes a serem acertados — disse ele. — Presumo que você tenha algum tipo de esconderijo.

Winston falou do quarto sobre a loja do sr. Charrington.

— Deve servir por enquanto. Mais tarde, providenciaremos outra coisa para você. É importante mudar frequentemente de esconderijo. Enquanto isso, enviarei a você uma cópia do LIVRO — até O'Brien, Winston notou, parecia pronunciar as palavras como se estivessem em destaque —, o livro de Goldstein, o mais rápido possível. Pode levar alguns dias até que eu consiga um. Não existem muitos, como você pode imaginar. A Polícia do Pensamento os caça e os destrói quase tão rápido quanto podemos produzi-los. Faz muito pouca diferença. O livro é indestrutível. Se a última cópia sumisse, poderíamos reproduzi-la quase palavra por palavra. Você carrega uma pasta quando vai trabalhar? — ele adicionou.

— Normalmente, sim.

— Como ela é?

— Preta, bem surrada. Com duas alças.

— Preta, duas alças, muito surrada. Bom. Um dia, num futuro bastante próximo que ainda não sei a data, uma das mensagens do seu trabalho matinal trará uma palavra errada e você terá de pedir que a enviem novamente. No dia seguinte, você irá trabalhar sem a pasta. Em algum momento do dia, na rua, um homem vai tocar em seu braço e dizer: "Acho que você

deixou cair sua pasta”. A pasta que ele lhe dará contém uma cópia do livro de Goldstein. Você o devolverá em quatorze dias.

Eles ficaram em silêncio por um momento.

— Ainda faltam alguns minutos para você ir embora — disse O’Brien. — Nós nos encontraremos novamente... se nos encontrarmos novamente...

Winston ergueu os olhos para ele:

— No lugar onde não há escuridão? — ele hesitou.

O’Brien acenou com a cabeça sem parecer surpreso:

— No lugar onde não há escuridão — repetiu ele, como se tivesse reconhecido a alusão. — Enquanto isso, há algo que você gostaria de dizer antes de partir? Alguma mensagem? Alguma pergunta?

Winston pensou. Não parecia haver mais nenhuma pergunta, muito menos qualquer impulso de proferir generalidades pomposas. Em vez de qualquer coisa diretamente ligada a O’Brien ou à Irmandade, veio à sua mente uma espécie de imagem composta do quarto escuro em que sua mãe havia passado seus últimos dias, o quartinho sobre a loja do sr. Charrington, o peso de papel de vidro e a gravura de aço em sua moldura de jacarandá. Quase ao acaso, ele disse:

— Você já ouviu uma velha rima que começa com “Laranjas, limões e sementes, é o que dizem os sinos de St. Clement?”

O'Brien assentiu novamente. Com uma espécie de cortesia grave, ele completou a estrofe:

— Laranjas, limões e sementes, é o que dizem os
sinos de St. Clement,
Você me deve três farthings, é o que dizem os
sinos de St. Martin,
Quando pagará o que me deve? É o que dizem
os sinos do Old Bailey,
Quando eu ficar rico, é o que dizem os sinos de
Shoreditch.

— Você sabe o último verso! — disse Winston.

— Sim, eu sei. E agora acho que é hora de você ir. Mas espere. Pegue um desses comprimidos.

Quando Winston se levantou, O'Brien estendeu a mão. Seu aperto poderoso esmagou os ossos de Winston. À porta, Winston olhou para trás, mas O'Brien parecia já estar prestes a tirá-lo de sua cabeça. Sua mão estava pousada no interruptor que controlava a teletela. Atrás dele, Winston podia ver a escrivaninha com a lamparina verde, o speakwrite e as cestas de arame lotadas de papéis. O encontro estava encerrado. Em trinta segundos, ele pensou, O'Brien estaria de volta ao seu trabalho tão essencial para o Partido.

Winston estava gelatinoso por causa da fadiga. Gelatinoso era a palavra certa. Ela tinha surgido em sua cabeça espontaneamente.

Seu corpo parecia não apenas mole como uma gelatina, mas também estava translúcido. Ele sentiu que, se erguesse a mão, veria a luz através dela. Todo o sangue e a linfa haviam sido drenados dele por uma enorme quantidade de trabalho, deixando apenas uma frágil estrutura de nervos, ossos e pele. Todas as sensações pareciam estar amplificadas. Seu macacão incomodava nos ombros, a calçada raspava a sola dos pés, e até mesmo abrir e fechar as mãos era um esforço que fazia as juntas rangerem.

Ele tinha trabalhado mais de noventa horas em cinco dias. O mesmo aconteceu com os outros no Ministério. Agora estava tudo acabado e ele literalmente não tinha nada para fazer, nenhum trabalho do Partido, até amanhã pela manhã. Ele poderia passar seis horas no esconderijo e outras nove em sua própria cama. Lentamente, sob o sol ameno

da tarde, ele caminhou por uma rua suja na direção da loja do sr. Charrington, de olho nas patrulhas, mas irracionalmente convencido de que naquela tarde não haveria perigo de interferência. A pasta pesada que carregava batia em seu joelho a cada passo, criando uma sensação de formigamento em sua perna. Dentro dela, estava o Livro. Ele já possuía o exemplar fazia seis dias, mas ainda não o tinha aberto, nem mesmo folheado.

No sexto dia da Semana do Ódio, após os desfiles, os discursos, os gritos, os cantos, as bandeiras, os cartazes, os filmes, os trabalhos com cera, o rufar dos tambores e o guincho das trombetas, o bater de pés marchando, o rangido das lagartas dos tanques, o rugido dos muitos aviões, o estrondo dos canhões — depois de seis dias disso, quando o grande orgasmo chegava ao clímax e o ódio geral à Eurásia fervia em um delírio imenso, ao ponto que se a multidão conseguisse pôr as mãos nos dois mil criminosos de guerra eurásianos, destinados a serem enforcados publicamente no último dia dos festejos, com certeza os deixaria em pedaços — foi, nesse exato momento, anunciado que a Oceânia na verdade não estava em guerra com a Eurásia. A Oceânia estava em guerra com a Lestásia. A Eurásia era sua aliada.

É claro que não se admitia que qualquer mudança tivesse ocorrido. Apenas foi divulgado, com extrema rapidez e em

todos os lugares ao mesmo tempo, que a Lestásia, e não a Eurásia, era o inimigo. Winston participava de uma manifestação em uma das praças centrais de Londres no momento em que isso aconteceu. Era noite e os holofotes iluminavam de maneira sinistra os rostos brancos e as bandeiras escarlates. A praça estava lotada com milhares de pessoas, incluindo um bloco de cerca de mil crianças em idade escolar com o uniforme dos Espiões. Em um palanque coberto de vermelho, um orador da Executiva, um homem pequeno e magro com braços desproporcionalmente longos e um grande crânio careca sobre o qual algumas mechas desgrenhadas caíam, incitava a multidão. Como um pequeno Rumpelstiltskin, contorcido de ódio, ele se agarrava ao pedestal do microfone com uma das mãos enquanto a outra, enorme, na ponta do braço ossudo, arranhava o ar ameaçadoramente acima de sua cabeça. Sua voz, tornada metálica pelos amplificadores, ecoava um catálogo interminável de atrocidades, massacres, deportações, saques, estupros, torturas, bombardeios de civis, propaganda mentirosa, agressões injustas e tratados violados. Era quase impossível ouvi-lo sem primeiro ser convencido e depois enlouquecido pela raiva. De momento a momento, a fúria da multidão crescia e a voz do orador começava a ficar abafada pelo rugido feroz que subia incontrolavelmente de milhares de gargantas. Os gritos mais agressivos vinham dos

alunos. O discurso já durava cerca de vinte minutos quando um mensageiro correu até o palanque e deixou cair um pedaço de papel nas mãos do palestrante. Ele o desenrolou e leu sem parar seu discurso. Nada mudou em sua voz ou trejeitos, ou no conteúdo que ele comunicava, mas, de repente, os nomes ficaram diferentes. Sem palavras, uma onda de compreensão percorreu a multidão. A Oceânia estava em guerra com a Lestásia! No momento seguinte, houve uma comoção tremenda. As faixas e cartazes que decoravam a praça estavam todos errados! Mais da metade deles estava com os rostos errados. Foi sabotagem! Os agentes de Goldstein estavam em ação! Houve um interlúdio tumultuoso enquanto pôsteres eram arrancados das paredes, faixas rasgadas em pedaços e pisoteadas. Os espões realizaram prodigiosos feitos, escalando telhados e cortando fitas que esvoaçavam das chaminés. Em dois ou três minutos, tudo aquilo terminou. O orador, ainda segurando o pedestal do microfone, com seus ombros curvados para a frente, sua mão arranhando o ar, prosseguiu com o seu discurso. Mais um minuto, os rugidos ferozes de raiva da multidão explodiram novamente. O ódio continuou exatamente como antes, exceto que o alvo agora era outro.

Ao olhar para trás, o que impressionou Winston foi que o locutor na verdade mudara seu discurso no meio da frase, sem qualquer pausa, sem nem violar a sintaxe. Mas,

no momento, ele tinha outras coisas com que se preocupar. Foi durante o momento de desordem, enquanto os cartazes estavam sendo rasgados, que um homem cujo rosto ele não viu deu um toque no seu ombro e disse: “Com licença, acho que você deixou cair a sua pasta.” Ele pegou a pasta distraidamente, sem dizer nada. Winston sabia que demoraria dias até que tivesse a oportunidade de olhar dentro dela. No instante em que a demonstração terminou, ele foi direto para o Ministério da Verdade, embora agora já fosse quase vinte e três. Todo o pessoal do Ministério fez o mesmo. As ordens emitidas pela teletela, que os chamava de volta aos seus postos, foram quase desnecessárias.

A Oceânia estava em guerra com a Lestásia: a Oceânia sempre estivera em guerra com a Lestásia. Uma grande parte da literatura política dos últimos cinco anos estava agora completamente obsoleta. Relatórios e registros de todos os tipos, jornais, livros, panfletos, filmes, trilhas sonoras, fotografias — tudo deveria ser retificado na velocidade da luz. Embora nenhuma diretiva jamais tenha sido emitida, sabia-se que os chefes do Departamento pretendiam que, em uma semana, nenhuma referência à guerra com a Eurásia, ou à aliança com a Lestásia, sobrevivesse. O trabalho foi absurdo, ainda mais porque os processos envolvidos não podiam ser chamados pelos seus verdadeiros nomes. Todos no Departamento de

Registros trabalharam dezoito horas por dia, sem parar, somente com dois intervalos de três horas de sono. Colchões foram trazidos dos porões e armados pelos corredores: as refeições consistiam em sanduíches e Café Vitória distribuídos em carrinhos pelos funcionários da cantina. Cada vez que Winston parava para um de seus períodos de sono, ele tentava deixar sua mesa livre do trabalho, e, cada vez que ele rastejava de volta com os olhos pegajosos e doloridos, descobria que outra chuva de cilindros de papel cobria sua mesa como um monte de neve, soterrando o speakwrite e escorregando para o chão, de modo que a primeira tarefa sempre era empilhá-los e organizá-los o suficiente para que tivesse espaço para trabalhar. O pior de tudo é que o trabalho não era puramente mecânico. Muitas vezes, bastava apenas substituir um nome por outro; mas qualquer relato detalhado de eventos exigia cuidado e imaginação. Até o conhecimento geográfico necessário para transferir a guerra de uma parte do mundo para outra era considerável.

No terceiro dia, seus olhos doíam insuportavelmente e seus óculos precisavam ser limpos a cada poucos minutos. Era como lutar contra uma tarefa física avassaladora, algo que se teria o direito de recusar e que, no entanto, ficava-se neuroticamente ansioso para realizar. Na medida em que teve tempo de se lembrar, não se incomodou com o fato de

que cada palavra que murmurava no speakwrite, cada risco de sua caneta, fosse uma mentira deliberada. Ele estava tão ansioso quanto qualquer outra pessoa do departamento para que a falsificação ficasse perfeita. Na manhã do sexto dia, a goteira de cilindros amenizou. Durante meia hora, nada saiu do tubo; então, mais um cilindro, depois mais nada. Em todos os lugares, mais ou menos ao mesmo tempo, o trabalho já diminuía. Um suspiro profundo e, por assim dizer, secreto percorreu o departamento. Uma tarefa poderosa, que nunca poderia ser mencionada, fora realizada. Agora era impossível para qualquer ser humano provar por evidências documentais que a guerra com a Eurásia um dia acontecera. Às doze, foi anunciado inesperadamente que todos os trabalhadores do Ministério teriam folga até a manhã do dia seguinte. Winston, tendo ainda a pasta com o livro, que ficara entre seus pés enquanto ele trabalhava e sob seu corpo enquanto ele dormia, foi para casa, fez a barba e quase adormeceu no banho, embora a água estivesse um pouco mais do que morna.

Com uma espécie de rangido empolgado nas juntas, ele subiu a escada sobre a loja do sr. Charrington. Ele estava cansado, mas não tinha mais sono. Ele abriu a janela, acendeu o pequeno fogareiro e colocou água para o café. Julia chegaria em breve. Enquanto isso, havia o livro. Ele se sentou na poltrona e abriu a pasta.

Era um pesado volume preto, encadernado de maneira amadora, sem nome ou título na capa. A impressão também parecia ligeiramente irregular. As páginas estavam gastas nas bordas e se soltavam facilmente, como se o livro tivesse passado por muitas mãos. A inscrição na página de rosto dizia:

*TEORIA E PRÁTICA DO COLETIVISMO
OLIGÁRQUICO, de Emmanuel Goldstein*

Winston começou a ler:

Capítulo I

Ignorância é Força

Desde o início da história registrada, provavelmente já desde o final do Neolítico, três tipos básicos de pessoas habitam o mundo: os do Alto, os do Meio e os de Baixo. Eles foram subdivididos de muitas outras maneiras, receberam diversos nomes e classificações diferentes, bem como sua atitude em relação ao outro variou de época para época. Mas essa estrutura essencial da sociedade nunca mudou. Mesmo depois de grandes

convulsões e mudanças aparentemente irrevogáveis, o mesmo padrão sempre se reafirmou, assim como um giroscópio sempre retorna ao seu equilíbrio, por mais que seja manipulado de um lado ou outro.

Os objetivos desses grupos, porém, são totalmente inconciliáveis...

Winston parou de ler, principalmente para valorizar o fato de estar lendo com conforto e segurança. Ele estava sozinho: nenhuma teletela, nenhum cone na fechadura, nenhum impulso nervoso de olhar por cima do ombro ou cobrir a página com a mão. O doce ar do verão tocou sua face. De algum lugar distante, chegavam os gritos fracos de crianças; na própria sala, não havia nenhum som, exceto a voz de inseto do relógio. Ele se acomodou melhor na poltrona e colocou os pés na grade. Era uma bênção, era a eternidade. De repente, como às vezes acontece com um livro do qual sabemos que, no final, leremos e releremos cada palavra, ele o abriu em outra página e se viu no Capítulo III. Winston continuou lendo:

Capítulo III

Guerra é Paz

A divisão do mundo em três grandes superestados foi um evento que poderia ser e de fato foi previsto antes da metade do século 20. Com a absorção da Europa pela Rússia e do Império Britânico pelos Estados Unidos, duas das três potências existentes, respectivamente, a Eurásia e a Oceânia, já existiam efetivamente. A terceira, Lestásia, só emergiu como uma unidade distinta depois de mais de uma década de combates confusos. As fronteiras entre os três superestados são arbitrárias em alguns lugares e, em outros, flutuam de acordo com os caminhos da guerra, mas, como regra geral, seguem linhas geográficas. A Eurásia compreende toda a parte norte da massa terrestre europeia e asiática, de Portugal ao estreito de Bering. A Oceânia compreende as Américas, as ilhas atlânticas, incluindo as Ilhas Britânicas, a Australásia e a parte sul da África. A Lestásia, menor que as outras e com uma fronteira ocidental menos definida, compreende a China e os países ao sul dela, as ilhas japonesas e uma grande, mas flutuante, porção da Manchúria, Mongólia e Tibete. Em uma combinação ou outra, esses três superestados estão permanentemente em guerra, estando assim pelos últimos vinte e cinco anos. A guerra, entretanto, não é mais a mesma luta desesperada e aniquiladora

das primeiras décadas do século 20. É uma guerra de objetivos limitados entre combatentes incapazes de se destruir, que não têm causa material para lutar e que não estão divididos por nenhuma diferença ideológica genuína. Isso não quer dizer que a conduta da guerra, ou a atitude prevalecente em relação a ela, tenha se tornado menos sanguinária ou mais cavalheiresca. Pelo contrário, a histeria da guerra é contínua e universal em todos os países. Atos como estupros, saques, massacres de crianças, redução de populações inteiras à escravidão e represálias contra prisioneiros — que chegam até mesmo a penas como fervê-los ou enterrá-los vivos — são vistos como normais, e, quando cometidos por seu próprio lado e não pelo inimigo, até meritórios. Mas, no sentido físico, a guerra envolve um número muito pequeno de pessoas, principalmente especialistas altamente capacitados, e causa comparativamente poucas baixas. A luta, quando existe, ocorre nas vagas fronteiras cujo paradeiro o homem comum só pode adivinhar, ou ao redor das Fortalezas Flutuantes, as quais guardam pontos estratégicos nas rotas marítimas. Nos centros civilizados, a guerra não significa mais do que uma escassez contínua de bens de consumo e a queda ocasional de uma bomba-foguete, que pode

causar algumas dezenas de mortes. A guerra mudou seu caráter de fato. Mais exatamente, as razões pelas quais a guerra é travada tiveram sua ordem de importância alteradas. Motivos que já estavam presentes em certa medida nas grandes guerras do início do século 20 se tornaram dominantes e são conscientemente reconhecidos e postos em prática.

Para compreender a natureza da guerra atual — pois apesar do reagrupamento que ocorre a cada poucos anos, trata-se sempre da mesma guerra —, é preciso compreender em primeiro lugar que é impossível que ela seja decisiva. Nenhum dos três superestados poderia ser definitivamente conquistado, mesmo pelos outros dois em combinação. Eles se equilibram entre si muito bem e suas defesas naturais são formidáveis. A Eurásia é protegida por seus grandes espaços terrestres, a Oceânia pela vastidão do Atlântico e do Pacífico, a Lestásia pela fertilidade e perseverança de seus habitantes. Em segundo lugar, não há mais, no sentido material, nada pelo que lutar. Com o estabelecimento de economias autossuficientes, nas quais a produção e o consumo se articulam, a disputa por mercados, principal causa das guerras anteriores, chegou ao fim, enquanto a competição por matérias-primas não é mais

uma questão de vida e morte. Em qualquer caso, cada um dos três superestados é tão vasto que pode obter quase todos os materiais de que necessita dentro de seus próprios limites. Assim, se a guerra tem um propósito econômico direto, trata-se de uma guerra pela força de trabalho. Entre as fronteiras dos superestados, sem que permaneçam na posse de algum deles, existe um quadrilátero esboçado cujos vértices se localizam em Tânger, Brazzaville, Darwin e Hong Kong, no qual há cerca de um quinto da população do planeta. É pela posse dessas regiões densamente povoadas e da calota polar ao Norte que as três potências lutam constantemente. Na prática, nenhum poder jamais controla toda a área disputada. Partes dela constantemente mudam de mãos, então, vê-se a chance de apreender este ou aquele fragmento por um golpe repentino de traição, sendo o catalizador das infinitas mudanças de alinhamento. Todos os territórios disputados contêm minerais valiosos, além de alguns deles produzirem importantes produtos vegetais, como borracha, cuja produção em climas mais frios é comparativamente mais cara. Mas, acima de tudo, trata-se de uma reserva infinita de mão de obra barata. Qualquer que seja o poder que controle a África Equatorial, ou os países do Oriente Médio, ou

o sul da Índia, ou o arquipélago indonésio, também dispõe das mãos de dezenas ou centenas de milhões de coolies [trabalhadores nativos] mal pagos. Os habitantes dessas áreas, reduzidos abertamente à condição de escravos, passam continuamente de conquistador a conquistador, sendo queimados como carvão ou petróleo na corrida, para produzir mais armamentos, para conquistar mais territórios, para controlar mais força de trabalho, para produzir mais armamentos, para conquistar mais territórios e assim por diante indefinidamente. Deve-se notar que a luta nunca realmente ultrapassa os limites das áreas disputadas. As fronteiras da Eurásia vão e vêm entre a bacia do Congo e a costa norte do Mediterrâneo; as ilhas do Oceano Índico e do Pacífico são constantemente capturadas e recapturadas pela Oceânia ou pela Lestásia; na Mongólia, nunca há estabilidade na linha divisória entre a Eurásia e a Lestásia; em volta do Polo, todas as três potências reivindicam enormes territórios que, na verdade, são em grande parte desabitados e inexplorados: mas o equilíbrio de poder sempre permanece quase uniforme e o território que forma o coração de cada superestado sempre permanece inviolado. Além disso, o trabalho dos povos explorados ao redor do Equador não é realmente

necessário para a economia mundial. Eles nada acrescentam à riqueza do mundo, uma vez que tudo o que produzem é usado para fins de guerra, e o objetivo de travar uma guerra é sempre estar em melhor posição para travar outra guerra. Com seu trabalho, as populações escravizadas permitem que o ritmo da guerra contínua seja acelerado. Mas se eles não existissem, a estrutura da sociedade mundial e o processo pelo qual ela se mantém não seriam essencialmente diferentes. O objetivo principal da guerra moderna (de acordo com os princípios do DOUBLETHINK, cujo objetivo é simultaneamente reconhecido e não reconhecido pelas cabeças dirigentes da Executiva) é usar os produtos da máquina sem elevar o padrão geral de vida. Desde o final do século 19, o problema do que fazer com o excedente dos bens de consumo se manteve latente na sociedade industrial. Atualmente, quando poucos seres humanos têm o suficiente para comer, esse problema obviamente não é urgente, e poderia não ter se tornado assim, mesmo que nenhum processo artificial de destruição entrasse em ação. O mundo de hoje é um lugar vazio, faminto e dilapidado em comparação com o mundo que existia antes de 1914, e ainda mais se comparado com o futuro imaginário que o povo daquela

época esperava. No início do século 20, a visão de uma sociedade futura incrivelmente rica, ociosa, ordeira e eficiente — um mundo antisséptico cintilante feito de vidro, aço e concreto branco como a neve — fazia parte da consciência de quase todas as pessoas letradas. A ciência e a tecnologia estavam se desenvolvendo a uma velocidade prodigiosa e parecia natural supor que continuariam daquele modo. Isso não aconteceu, em parte por causa do empobrecimento causado por uma longa série de guerras e revoluções, em parte porque o progresso científico e técnico dependia do hábito empírico do pensamento, que não poderia sobreviver em uma sociedade estritamente regulamentada. Como um todo, o mundo é mais primitivo hoje do que há cinquenta anos. Certas áreas atrasadas avançaram e vários dispositivos, sempre de alguma forma ligados à guerra e à espionagem policial, foram desenvolvidos, mas a experiência e a invenção em grande parte foram detidas, bem como as devastações da guerra atômica dos anos de 1950 nunca foram totalmente reparadas. No entanto, os perigos inerentes à máquina ainda estão lá. Desde o momento em que a máquina apareceu pela primeira vez, ficou claro para todas as pessoas pensantes que a necessidade do trabalho penoso humano e, portanto,

em grande parte da desigualdade humana, havia desaparecido. Se a máquina fosse usada deliberadamente para esse fim, a fome, o excesso de trabalho, o lixo, o analfabetismo e as doenças poderiam ser eliminados em algumas gerações. E, de fato, sem ser usada para tal propósito, mas por uma espécie de processo automático — por ser capaz de produzir riqueza que às vezes era impossível não distribuir — a máquina aumentou em muito os padrões de vida do ser humano médio durante um período de cerca de cinquenta anos, entre o final do século 19 e o início do 20.

Mas também estava claro que um aumento geral da riqueza ameaçaria gerar a destruição — na verdade, em certo sentido seria a real destruição — de uma sociedade hierárquica. Em um mundo em que todos trabalhariam poucas horas, teriam o que comer, viveriam em uma casa com banheiro e geladeira e possuiriam carro ou mesmo avião, a forma mais óbvia e talvez a mais importante de desigualdade teria desaparecido. Uma vez que se tornasse comum, a riqueza não mais conferiria distinção. Era possível, sem dúvida, imaginar uma sociedade em que a RIQUEZA, no sentido de bens pessoais e luxos, deveria ser distribuída uniformemente, enquanto o PODER permaneceria nas mãos de uma pequena

casta privilegiada. Mas, na prática, tal sociedade não poderia permanecer estável por muito tempo. Pois, se o lazer e a segurança fossem desfrutados por todos da mesma forma, a grande massa de seres humanos que normalmente se mantém entorpecida pela pobreza se tornaria alfabetizada e aprenderia a pensar por si mesma; e, uma vez que tivessem feito isso, mais cedo ou mais tarde, perceberiam que a minoria privilegiada não tinha função, e eles a varreriam. No longo prazo, uma sociedade hierárquica só seria possível com base na pobreza e na ignorância. Voltar ao passado agrícola, como sonhavam alguns pensadores do início do século 20, não era uma solução viável. Isso entrava em conflito com a tendência para a mecanização que se tornara praticamente instintiva em quase todo o mundo e, além disso, qualquer país que permanecesse industrialmente atrasado estaria indefeso no sentido militar e fadado a ser dominado, direta ou indiretamente, por seus rivais mais avançados.

Tampouco era uma solução satisfatória manter as massas na pobreza ao restringir a produção de bens. Isso aconteceu em grande medida durante a fase final do capitalismo, entre os anos 1920 e 1940. A economia de muitos países se estagnou, a terra deixou de ser

cultivada, o equipamento essencial não foi produzido, grandes blocos da população foram impedidos de trabalhar e eram mantidos apenas pela caridade do Estado. Mas isso também acarretava fraqueza militar e, como as privações infligidas eram obviamente desnecessárias, a oposição se tornou inevitável. O problema era como manter as rodas da indústria girando sem aumentar a riqueza real do mundo. Os bens deviam ser produzidos, mas não deviam ser distribuídos. E, na prática, a única maneira de conseguir isso seria por meio de uma guerra contínua.

O ato essencial da guerra é a destruição, não necessariamente de vidas humanas, mas dos produtos do trabalho humano. A guerra é uma maneira de despedaçar, ou de derramar na estratosfera, ou de afundar nas profundezas do mar, materiais que poderiam ser usados para tornar as massas muito mais confortáveis e, portanto, a longo prazo, muito mais inteligentes. Mesmo quando as armas de guerra não são realmente destruídas, sua fabricação ainda é uma maneira conveniente de gastar a força de trabalho, não produzindo nada que possa ser consumido. Uma Fortaleza Flutuante, por exemplo, concentra nela a mão de obra que construiria várias centenas de navios de carga. No final das contas,

ela é descartada como obsoleta, sem nunca ter trazido qualquer benefício material a ninguém, e com outros enormes esforços, uma nova Fortaleza Flutuante é construída. Em princípio, o esforço de guerra é sempre planejado de forma a consumir qualquer excedente que possa existir depois de atender às necessidades básicas da população. Na prática, as necessidades da população são sempre subestimadas, resultando em uma carência crônica de metade das necessidades cotidianas; mas isso é visto como uma vantagem. Trata-se de política deliberada manter até mesmo os grupos favorecidos em algum tipo de privação, porque um estado geral de escassez aumenta a importância de pequenos privilégios e, portanto, amplia a distinção entre um grupo e outro. Pelos padrões do início do século 20, até mesmo um membro da Executiva leva uma vida austera e laboriosa. No entanto, os poucos luxos que ele desfruta em seu apartamento grande e bem equipado, como roupas de melhor qualidade, comida de melhor qualidade, bebida e cigarros, seus dois ou três empregados, seu carro particular ou helicóptero — o colocam em um mundo diferente de um afiliado comum do Partido; e os afiliados comuns têm uma vantagem semelhante em comparação às massas submersas que chamamos de

“proles”. A atmosfera social é a mesma de uma cidade sitiada, na qual a posse de um naco de carne de cavalo faz a diferença entre o rico e o pobre. E, ao mesmo tempo, a consciência de estar em guerra e, portanto, em perigo, faz com que a entrega de todo o poder a uma pequena casta pareça uma condição natural e inevitável para a sobrevivência.

A guerra, como se verá, realiza a destruição necessária, mas a realiza de maneira psicologicamente aceitável. Em princípio, seria muito simples desperdiçar o excedente de trabalho do mundo construindo templos e pirâmides, cavando buracos e enchendo-os novamente, ou mesmo produzindo grandes quantidades de mercadorias e depois ateando fogo nelas. Mas isso forneceria apenas a base econômica e não emocional para uma sociedade hierárquica. O que está em questão aqui não é o moral das massas, cuja atitude não é importante enquanto forem mantidas firmemente no trabalho, mas o moral do próprio Partido. Espera-se que mesmo o afiliado mais humilde do Partido seja competente, trabalhador e até inteligente dentro de limites bem definidos, mas também é necessário que ele seja um crédulo fanático e ignorante cujos estados de espírito predominantes são o medo, o ódio, a adulação e o triunfo em clímax. Em

outras palavras, é necessário que tenha a mentalidade adequada para um estado de guerra. Não importa se a guerra está realmente acontecendo e, uma vez que nenhuma vitória decisiva é possível, não importa se a guerra vai bem ou mal. Tudo o que é necessário é que exista um estado de guerra. A redução da inteligência que o Partido prescinde de seus afiliados, e que é mais facilmente alcançada em um clima de guerra, é agora quase universal, mas quanto mais alto se sobe na hierarquia, mais marcante ela se torna. É precisamente na Executiva onde a histeria da guerra e o ódio ao inimigo são mais fortes. Na sua qualidade de administrador, muitas vezes é necessário que um membro da Executiva do Partido saiba que esta ou aquela notícia de guerra é falsa; e muitas vezes ele pode estar ciente de que toda a guerra é espúria e que ou ela não está acontecendo ou que está sendo travada para fins diferentes dos declarados: mas tal conhecimento é facilmente neutralizado pela técnica do DOUBLETHINK. Enquanto isso, nenhum membro da Executiva vacila nem por um instante em sua crença mística de que a guerra é real e de que está fadada a terminar vitoriosamente, sendo a Oceânia o senhor indiscutível de todo o mundo.

Todos os membros da Executiva acreditam nessa conquista que se aproxima como um artigo de fé. Ela será alcançada seja adquirindo gradualmente mais e mais território e, assim, acumulando uma preponderância avassaladora de poder, seja pela descoberta de alguma arma nova e sem precedentes. A busca por novas armas continua incessantemente e é uma das poucas atividades restantes em que a mente inventiva ou especulativa pode encontrar alguma utilidade. Hoje, na Oceânia, a Ciência, no sentido antigo, quase deixou de existir. Em newspeak, não existe uma palavra para “ciência”. O método empírico de pensamento, no qual todas as conquistas científicas do passado foram fundadas, opõe-se aos princípios mais fundamentais do Ingsoc. E mesmo o progresso tecnológico só acontece quando seus produtos podem de alguma forma ser usados para diminuir a liberdade humana. O mundo está parado ou retrocedendo em todas as artes úteis. Os campos são cultivados com arados puxados por cavalos, enquanto os livros são escritos por máquinas. Mas em questões de importância vital — ou seja, na verdade, guerra e espionagem policial —, a abordagem empírica ainda é encorajada, ou pelo menos tolerada. Os dois objetivos do Partido são: conquistar toda a superfície da Terra;

e extinguir de uma vez por todas a possibilidade de um pensamento independente. Existem, portanto, dois grandes problemas que o Partido se preocupa em resolver. Um é como descobrir, contra sua vontade, o que outro ser humano está pensando; e a outra é como matar várias centenas de milhões de pessoas em poucos segundos sem aviso prévio. Na medida em que a pesquisa científica ainda continua, esse é o seu único assunto. O cientista de hoje é uma mistura de psicólogo e inquisidor, estudando com real minúcia o significado das expressões faciais, gestos e tons de voz, testando os efeitos das drogas da verdade, terapia de choque, hipnose e tortura física; ou então ele é um químico, físico ou biólogo preocupado apenas com os ramos de um assunto em questão: tirar uma vida. Nos vastos laboratórios do Ministério da Paz e nas estações experimentais escondidas nas florestas brasileiras, ou no deserto australiano, ou em ilhas perdidas da Antártida, equipes de especialistas trabalham incansavelmente. Alguns estão preocupados simplesmente em planejar a logística de guerras futuras; outros inventam bombas cada vez maiores, explosivos cada vez mais poderosos e blindagens cada vez mais impenetráveis; outros procuram gases novos e mais mortais, ou venenos solúveis capazes de serem

produzidos em quantidades que destruam a vegetação de continentes inteiros, ou raças de germes de doenças imunizadas contra todos os anticorpos possíveis; outros se esforçam para produzir um veículo que perfure o solo como um submarino sob a água, ou um avião tão independente de sua base quanto um navio à vela; outros exploram possibilidades ainda mais remotas, como focalizar os raios do sol através de lentes suspensas a milhares de quilômetros de distância no espaço, ou produzir terremotos artificiais e maremotos ao canalizar o calor do centro da Terra.

Mas nenhum desses projetos chega perto da realização, bem como nenhum dos três superestados obtém uma vantagem significativa sobre os outros. O mais notável é que todos os três poderes já possuem, na bomba atômica, uma arma muito mais poderosa do que qualquer outra que suas pesquisas atuais possam descobrir. Embora o Partido, de acordo com seu hábito, reivindique a invenção para si, as bombas atômicas apareceram na década de 1940 e foram usadas pela primeira vez em grande escala cerca de dez anos depois. Naquela época, algumas centenas de bombas foram lançadas sobre centros industriais, principalmente na Rússia Europeia, Europa Ocidental e América do Norte. O efeito foi convencer os

grupos governantes de todos os países de que mais algumas bombas atômicas significariam o fim da sociedade organizada e, portanto, de seu próprio poder. Depois disso, embora nenhum acordo formal tenha sido feito ou sugerido, nenhuma outra bomba foi lançada. Todas as três potências simplesmente continuam a produzir bombas atômicas e a armazená-las para a oportunidade decisiva que todos acreditam que virá mais cedo ou mais tarde. Enquanto isso, a arte da guerra permaneceu quase estagnada por trinta ou quarenta anos. Os helicópteros são mais usados do que antes, os aviões de bombardeio foram em grande parte substituídos por projéteis autimpulsionados e o frágil navio de guerra deu lugar à Fortaleza Flutuante quase impossível de ser afundada; mas, fora isso, tem existido pouco desenvolvimento. O tanque, o submarino, o torpedo, a metralhadora e até o rifle e a granada de mão ainda estão em uso. E, apesar dos massacres intermináveis relatados na imprensa e nas teletelas, as batalhas desesperadas das guerras anteriores, nas quais centenas de milhares ou mesmo milhões de homens foram mortos em poucas semanas, nunca mais se repetiram.

Nenhum dos três superestados jamais arrisca qualquer manobra que envolva o risco de uma derrota

séria. Quando qualquer operação grande é realizada, geralmente é um ataque surpresa contra um aliado. A estratégia que todas as três potências estão seguindo, ou fingem para si mesmas que estão seguindo, é a mesma. O plano é, por uma combinação de luta, barganha e golpes de traição, construir um círculo de bases que envolva completamente um ou outro dos estados rivais, e, em seguida, assinar um pacto de amizade com um dos rivais e permanecer em termos pacíficos por tantos anos que as suspeitas dormem tranquilamente. Durante esse tempo, foguetes carregados com bombas atômicas são montados em pontos estratégicos a fim de serem disparados simultaneamente, com efeitos tão devastadores que impossibilitarão uma retaliação. Então, nessa hora, será assinado um pacto de amizade com a potência mundial restante, em preparação para outro ataque. Esse esquema, nem é necessário dizer, é um mero devaneio, impossível de ser realizado. Além disso, nenhuma luta ocorre, exceto nas áreas disputadas ao redor do Equador e do Polo: nenhuma invasão de território inimigo é jamais empreendida. Isso explica o fato de que em alguns lugares as fronteiras entre os superestados são arbitrárias. A Eurásia, por exemplo, poderia facilmente conquistar as Ilhas Britânicas, que

geograficamente fazem parte da Europa, ou, por outro lado, seria possível à Oceânia empurrar suas fronteiras para o Reno ou mesmo para o Vístula. Mas isso violaria o princípio, seguido por todos os lados, embora nunca formulado, de integridade cultural. Se a Oceânia conquistasse as áreas que antes eram conhecidas como França e Alemanha, seria necessário exterminar seus habitantes, tarefa de grande dificuldade física, ou assimilar uma população de cerca de cem milhões de pessoas, que, no que diz respeito ao desenvolvimento técnico, estão aproximadamente no nível oceânico. O problema é o mesmo para os três superestados. É absolutamente necessário para sua estrutura que não haja contato com estrangeiros, exceto, até certo ponto, com prisioneiros de guerra e pessoas escravizadas. Mesmo o aliado oficial do momento é sempre visto com a mais sombria suspeita. Exceto pelos prisioneiros de guerra, o cidadão comum da Oceânia nunca vê um cidadão da Eurásia ou da Lestásia e está proibido de falar línguas estrangeiras. Se lhe fosse permitido o contato com estrangeiros, ele descobriria que são criaturas semelhantes a ele e que a maior parte do que ouviram sobre eles não passa de mentiras. O mundo selado em que ele vive seria destruído, e o medo, o ódio e a justiça própria dos

quais seu moral depende poderiam evaporar. Portanto, todos os lados percebem que, por mais que a Pérsia, o Egito, a Java ou o Ceilão mudem de mãos, as principais fronteiras nunca devem ser cruzadas por nada, exceto por bombas.

A respeito disso, está um fato nunca mencionado em voz alta, mas tacitamente entendido e posto em prática: a saber, que as condições de vida em todos os três superestados são praticamente as mesmas. Na Oceânia, a filosofia predominante é chamada de Ingsoc; na Eurásia é chamada de Neo-bolchevismo; e na Lestásia é chamada por um nome chinês geralmente traduzido como Adoração à Morte, mas talvez um termo melhor fosse Obliteração de Si Mesmo. O cidadão da Oceânia não tem permissão para saber nada dos princípios das outras duas filosofias, mas ele é ensinado a execrá-las como ultrajes bárbaros à moralidade e ao bom senso. Na verdade, as três filosofias mal podem ser distinguidas, os sistemas sociais que elas sustentam também são absolutamente indistinguíveis. Em todos os lugares, há a mesma estrutura piramidal, o mesmo culto ao líder semidivino, a mesma economia existente por e para a guerra contínua. Segue-se que os três superestados não apenas não podem conquistar um ao outro,

como também não ganhariam nenhuma vantagem com isso. Pelo contrário, enquanto permanecem em conflito, sustentam-se mutuamente, como três feixes de milho após a colheita no campo. E, como de costume, os grupos governantes de todas as três potências estão simultaneamente cientes e inconscientes do que estão fazendo. Suas vidas são dedicadas à conquista do mundo, mas eles também sabem que é necessário que a guerra continue para sempre, sem vitoriosos. Enquanto isso, o fato de não haver perigo de conquista torna possível a negação da realidade, que é a característica destacada do Ingsoc e de seus sistemas rivais de pensamento. Aqui é necessário repetir o que foi dito antes, que por ter se tornado uma guerra contínua, seu caráter foi fundamentalmente alterado.

Em épocas passadas, uma guerra, quase por definição, era algo que mais cedo ou mais tarde chegava ao fim, geralmente com uma vitória ou derrota bastante clara. No passado, também, a guerra era um dos principais instrumentos pelos quais as sociedades humanas foram mantidas em contato com a realidade física. Todos os governantes em todas as épocas tentaram impor uma falsa visão de mundo a seus seguidores, mas não podiam se dar ao luxo de encorajar qualquer ilusão que

tendesse a prejudicar a eficiência militar. Enquanto a derrota significasse a perda da independência, ou algum outro resultado geralmente considerado indesejável, as precauções contra a derrota deveriam ser sérias. Os fatos físicos não podiam ser ignorados. Na filosofia, religião, ética ou na política, dois mais dois podem ser cinco, mas enquanto estivesse projetando uma arma ou um avião, o resultado tinha de ser quatro. Nações ineficientes sempre eram conquistadas, mais cedo ou mais tarde, e a luta pela eficiência era inimiga das ilusões. Além disso, para ser eficiente, era necessário saber aprender com o passado, o que significava ter uma ideia bastante precisa do que havia acontecido antes. Jornais e livros de história foram, é claro, sempre coloridos e tendenciosos, mas a falsificação como a que é praticada hoje teria sido impossível. A guerra era uma salvaguarda segura da sanidade e, no que dizia respeito às classes dominantes, era provavelmente a mais importante de todas as salvaguardas. Embora as guerras possam ser vencidas ou perdidas, nenhuma classe dominante pode ser completamente isenta da responsabilidade.

Mas quando a guerra se torna literalmente contínua, também deixa de ser perigosa. Quando a guerra é contínua, não existe necessidade militar. O progresso

técnico pode cessar e os fatos mais palpáveis podem ser negados ou desconsiderados. Como vimos, as pesquisas que poderiam ser chamadas de científicas ainda são realizadas para fins de guerra, mas são essencialmente uma espécie de devaneio, e o fato de não apresentarem resultados não é importante. A eficiência, mesmo a eficiência militar, não é mais necessária. Nada é eficiente na Oceânia, exceto a Polícia do Pensamento. Visto que cada um dos três superestados é invencível, cada um é, na verdade, um universo separado dentro do qual quase qualquer perversão do pensamento pode ser praticada com segurança. A realidade só exerce sua pressão por meio das necessidades da vida cotidiana — a necessidade de comer e beber, de se abrigar e de se vestir, de evitar tomar veneno ou de pular das janelas dos andares mais altos e assim por diante. Entre a vida e a morte, entre o prazer físico e a dor física, ainda há uma distinção, mas acaba por aí. Desligado do contato com o mundo exterior e com o passado, o cidadão da Oceânia é como um homem no espaço sideral, que não tem como saber qual direção é para cima e qual é para baixo. Os governantes de tal estado são absolutos, o que nem os faraós ou os céсарes poderiam ser. Para que não se torne uma situação inconveniente, eles são obrigados a evitar que

seus seguidores morram de fome em números elevados; e são obrigados a permanecer no mesmo baixo nível de técnica militar que seus rivais. No entanto, uma vez que esse mínimo seja alcançado, eles podem distorcer a realidade como desejarem.

A guerra, portanto, se a julgarmos pelos padrões das guerras anteriores, é apenas uma dissimulação. É como as batalhas entre certos animais ruminantes cujos chifres são colocados em um ângulo tal que são incapazes de ferir uns aos outros. Mas embora ela seja irreal, não é sem sentido. Ela consome o excedente dos bens de consumo e ajuda a preservar a atmosfera mental específica de que uma sociedade hierárquica precisa. A guerra, como se verá, agora é um assunto estritamente doméstico. No passado, os grupos governantes de todos os países, embora pudessem reconhecer seu interesse em comum e, portanto, limitar a destrutividade da guerra, lutaram uns contra os outros; então, o vencedor sempre saqueou os vencidos. Em nossos dias, eles não estão lutando uns contra os outros. A guerra, na verdade, é travada pelos grupos dominantes contra seus próprios súditos, e o objetivo da guerra não é conquistar ou defender territórios, mas manter intacta a estrutura da sociedade. A própria palavra “guerra”, portanto,

tornou-se enganosa. Talvez fosse correto dizer que, ao se tornar contínua, a guerra deixou de existir. A pressão peculiar que ela exerceu sobre os seres humanos entre o Neolítico e o início do século 20 desapareceu e foi substituída por algo muito diferente. O efeito seria o mesmo se os três superestados, em vez de lutarem entre si, concordassem em viver em paz perpétua, cada um inviolado dentro de seus próprios limites. Nesse caso, cada um ainda seria um universo autocontido, livre para sempre da perigosa influência externa. Uma paz verdadeiramente permanente seria o mesmo que uma guerra permanente. Este — embora a vasta maioria dos membros do Partido o entenda apenas em um sentido mais superficial — é o significado interno do slogan do Partido: GUERRA É PAZ.

Winston parou de ler por um momento. Em algum lugar distante, uma bomba-foguete trovejou. A feliz sensação de estar sozinho com o livro proibido, em uma sala sem teletela, persistia. Solidão e segurança eram sensações físicas, misturadas de alguma forma com o cansaço, a maciez da cadeira, o toque da brisa suave da janela que tocava sua face. O livro o fascinou ou, mais exatamente, tranquilizou. Em certo sentido, não lhe dissera nada de novo, mas era parte

da atração. Dizia o que ele teria dito, se ele tivesse sido capaz de organizar seus pensamentos dispersos. Era o produto de uma mente semelhante à sua, mas enormemente mais poderosa, mais sistemática, menos dominada pelo medo. Os melhores livros, ele percebeu, são aqueles que contam o que você já sabe. Ele tinha acabado de voltar ao Capítulo I quando ouviu os passos de Julia na escada e se levantou para encontrá-la. Ela jogou a bolsa de ferramentas no chão e se jogou nos braços dele. Fazia mais de uma semana que não se viam.

— Estou com O LIVRO — disse ele enquanto se desemaranhavam.

— Ah, é? Ótimo — disse ela sem muito interesse, e quase imediatamente se ajoelhou ao lado do fogareiro para fazer o café.

Só depois de estarem há meia hora na cama é que retomaram o assunto. A noite estava fria o suficiente para valer a pena puxar o edredom. De baixo, vinha o som familiar das cantorias e o arrastar de botas nas lajes. A mulher robusta com braços vermelhos que Winston vira em sua primeira visita era quase um acessório fixo no quintal. Parecia não ter nenhuma hora do dia em que ela não marchasse de um lado para o outro entre a sua banheira e o varal, alternadamente, amordaçava-se com pregadores de roupa e cantava

uma música maliciosa. Julia se acomodou de lado e parecia estar a ponto de adormecer. Ele estendeu a mão para o livro, que estava no chão, e sentou-se contra a cabeceira da cama.

— Precisamos ler — disse ele. — Você também. Todos os membros da Irmandade precisam ler isto.

— Você lê — disse ela com os olhos fechados. — Leia em voz alta. É melhor. Você vai me explicando enquanto lê.

Os ponteiros do relógio marcavam seis, ou seja, dezoito. Eles ainda tinham três ou quatro horas. Winston apoiou o livro nos joelhos e começou a ler:

Capítulo I

Ignorância é Força

Desde o início da história registrada, provavelmente já desde o final do Neolítico, três tipos básicos de pessoas habitam o mundo: os do Alto, os do Meio e os de Baixo. Eles foram subdivididos de muitas outras maneiras, receberam diversos nomes e classificações diferentes, bem como sua atitude em relação ao outro variou de época para época. Mas essa estrutura essencial da sociedade nunca mudou. Mesmo depois de grandes convulsões e mudanças aparentemente irrevogáveis, o

mesmo padrão sempre se reafirmou, assim como um giroscópio sempre retorna ao seu equilíbrio, por mais que seja manipulado de um lado ou outro.

— Julia, está acordada? — perguntou Winston.

— Sim, meu amor, estou ouvindo. Continue. É maravilhoso.

Ele continuou lendo:

Os objetivos desses grupos, porém, são totalmente inconciliáveis. O objetivo dos do Alto é permanecer onde estão. O objetivo dos do Meio é trocar de lugar com os do Alto. O objetivo dos de Baixo, quando têm algum — pois é uma característica permanente dos de Baixo serem muito oprimidos pelo trabalho duro para estarem mais do que eventualmente conscientes de qualquer outra coisa fora de sua vida diária —, é abolir todas as distinções e criar uma sociedade na qual todos os homens sejam iguais. Assim, ao longo da história, uma mesma luta com os mesmos contornos principais se repete continuamente. Por longos períodos, os do Alto parecem estar seguramente no poder, mas, mais cedo ou mais tarde, sempre chega um momento em que eles perdem a crença em si mesmos ou a capacidade

de governar com eficiência, ou ambos. Então, eles são derrubados pelos do Meio, que alista os de Baixo para o seu lado, fingindo que estão lutando pela Liberdade e pela Justiça. Assim que alcançam seu objetivo, os do Meio empurram os de Baixo de volta para sua antiga posição de servidão, e eles próprios se tornam os do Alto. Logo, um outro grupo dos do Meio se separa de algum dos outros grupos, ou de ambos, e a luta recomeça. Dos três grupos, apenas os de Baixo nunca são, nem mesmo temporariamente, bem-sucedidos em alcançar seus objetivos. Seria um exagero dizer que ao longo da história não houve nenhum progresso material efetivo. Mesmo hoje, em um período de declínio, o ser humano médio é fisicamente melhor do que há alguns séculos. Mas nenhum avanço na riqueza, nenhum abrandamento das maneiras, nenhuma reforma ou revolução jamais avançou um milímetro na igualdade humana. Do ponto de vista dos de Baixo, nenhuma mudança histórica significou muito mais do que uma mudança no nome de seus senhores. No final do século 19, a recorrência desse padrão tornou-se óbvia para muitos observadores. Surgiram as escolas de pensadores que interpretaram a história como um processo cíclico e afirmaram que a desigualdade era a

lei inalterável da vida humana. Essa doutrina, é claro, sempre teve seus adeptos, mas havia uma mudança significativa na maneira como fora até então apresentada. No passado, a necessidade de uma forma hierárquica de sociedade era uma doutrina especificamente dos do Alto. Tinha sido pregada por reis, aristocratas e pelos padres, advogados e semelhantes que eram seus parasitas e, geralmente, era suavizada por promessas de compensação em um mundo imaginário além-túmulo. Os do Meio, enquanto lutavam pelo poder, sempre faziam uso de termos como liberdade, justiça e fraternidade. Agora, no entanto, o conceito de fraternidade humana começava a ser atacado por pessoas que ainda não estavam em posições de comando, mas apenas esperavam chegar nelas em algum momento. No passado, os do Meio tinham feito revoluções sob a bandeira da igualdade para, em seguida, estabelecerem uma nova tirania assim que a antiga era derrubada. Com efeito, os novos grupos daqueles que eram do Meio proclamavam sua tirania de antemão. O Socialismo, teoria que surgiu no início do século 19 e que foi o último elo de uma corrente de pensamento que remonta às rebeliões de escravos da Antiguidade, ainda estava profundamente infectado pelo Utopismo de épocas passadas. Mas em cada variante

do socialismo que apareceu a partir de 1900, o objetivo de estabelecer a liberdade e a igualdade foi cada vez mais abertamente abandonado. Os novos movimentos que surgiram em meados do século 20 — Ingsoc na Oceânia, Neo-Bolchevismo na Eurásia, Adoração à Morte, como é comumente chamado, na Lestásia — tinham o objetivo consciente de perpetuar a Desliberdade e a Desigualdade. Esses novos movimentos, é claro, surgiram a partir dos antigos e tendiam a manter seus nomes e a defender suas ideologias da boca para fora. Mas o objetivo de todos era deter o progresso e congelar a história em um momento determinado. O familiar balanço do pêndulo aconteceria mais uma vez para, então, parar. Como de costume, os do Alto deveriam ser eliminados pelos do Meio, que então se tornariam os do Alto; mas, desta vez, por estratégia consciente, os do Alto seriam capazes de manter sua posição permanentemente.

As novas doutrinas surgiram em parte devido ao acúmulo de conhecimento histórico e ao crescimento do sentido histórico, que mal existia antes do século 19. O movimento cíclico da história era agora inteligível, ou parecia ser; e se fosse inteligível, então, era alterável. Mas a principal causa subjacente era que, já no início do século 20, a igualdade humana havia se tornado

tecnicamente possível. Ainda era verdade que os homens não eram iguais em seus talentos inatos e que as funções tinham de ser especializadas de forma a favorecer alguns indivíduos em prol de outros; mas não havia mais nenhuma necessidade real de distinções de classe ou de grandes diferenças de riqueza. Em épocas anteriores, as distinções de classe não eram apenas inevitáveis, mas também desejáveis. A desigualdade era o preço da civilização. Com o desenvolvimento da produção de máquinas, o caso foi alterado. Mesmo que ainda fosse necessário que os seres humanos realizassem diferentes tipos de trabalho, não era mais necessário que vivessem em níveis sociais ou econômicos diferentes. Portanto, do ponto de vista dos novos grupos que estavam a ponto de tomar o poder, a igualdade humana não era mais um ideal a ser perseguido, mas um perigo a ser evitado. Em épocas mais primitivas, quando uma sociedade justa e pacífica não era de fato possível, era bastante fácil acreditar nisso. A ideia de um paraíso terrestre no qual os homens deveriam viver juntos em um estado de fraternidade, sem leis e sem trabalho bruto, tinha ocupado a imaginação humana por milhares de anos. E essa visão teve certo domínio até mesmo sobre os grupos que realmente lucravam com cada mudança histórica. Os

herdeiros das revoluções francesa, inglesa e americana acreditaram parcialmente em suas próprias frases sobre os direitos do homem, liberdade de expressão, igualdade perante a lei e semelhantes, e até permitiram que sua conduta fosse influenciada por eles, mas só até certo ponto. Na quarta década do século 20, todas as principais correntes do pensamento político eram autoritárias. O paraíso terrestre fora desacreditado exatamente no momento em que se tornou possível. Cada nova teoria política, por qualquer nome que se chamasse, levava de volta à hierarquia e à arregimentação. E, no endurecimento geral da perspectiva que se estabeleceu por volta de 1930, as práticas que haviam sido abandonadas por muito tempo, em alguns casos por centenas de anos — prisão sem julgamento, o uso de prisioneiros de guerra como escravos, execuções públicas, tortura para extrair confissões, o uso de reféns e a deportação de populações inteiras —, não apenas voltaram a ser comuns, mas foram toleradas e até defendidas por pessoas que se consideravam esclarecidas e progressistas. Foi somente depois de uma década de guerras nacionais, guerras civis, revoluções e contrarrevoluções em todas as partes do mundo, que o Ingsoc e seus rivais emergiram como teorias políticas totalmente elaboradas. Mas elas

foram renunciadas por vários sistemas, geralmente chamados de totalitários, surgidos no início do século, e os principais contornos do mundo emergidos desse caos que predominaria já eram óbvios há um bom tempo. Qual tipo de pessoa controlaria tal tipo de mundo era igualmente óbvio. A nova aristocracia era composta em sua maioria por burocratas, cientistas, técnicos, sindicalistas, publicitários, sociólogos, professores, jornalistas e políticos profissionais. Essas pessoas, cujas origens estavam na classe média assalariada e nas classes mais altas da classe trabalhadora, foram moldadas e reunidas pelo mundo árido da indústria monopolista e do governo centralizado. Comparados com seus opositos de épocas anteriores, eles eram menos avarentos, menos tentados pelo luxo, mais famintos por puro poder e, acima de tudo, mais conscientes do que estavam fazendo e mais dispostos a esmagar a oposição. Esta última diferença foi fundamental. Em comparação com o que existe hoje, todas as tiranias do passado eram indiferentes e ineficientes. Os grupos dominantes sempre foram infectados até certo ponto pelas ideias liberais e se contentaram em deixar pontas soltas em seu rastro, considerando apenas o ato franco e não se interessando pelo que seus súditos estavam pensando. Mesmo a Igreja Católica da Idade

Média seria tolerante para os padrões modernos. Parte da razão para isso foi que, no passado, nenhum governo tinha o poder de manter seus cidadãos sob vigilância constante. A invenção da imprensa, entretanto, tornou mais fácil manipular a opinião pública, e o filme e o rádio levaram o processo adiante. Com o desenvolvimento da televisão e o avanço técnico que permitiu receber e transmitir simultaneamente no mesmo dispositivo, a vida privada chegou ao fim. Todo cidadão, ou pelo menos todo cidadão importante o suficiente para valer a pena ser assistido, podia ser mantido 24 horas por dia sob os olhos da polícia e ao som da propaganda oficial, com todos os outros canais de comunicação fechados. A possibilidade de impor não apenas a obediência completa à vontade do Estado, mas a total uniformidade de opinião sobre todos os assuntos existia agora pela primeira vez.

Após o período revolucionário dos anos cinquenta e sessenta, a sociedade se reagrupou, como sempre, em Altos, Médios e Baixos. Mas o novo grupo dos do Alto, ao contrário de todos os seus precursores, não agia por instinto, mas sabia o que era necessário para salvaguardar a sua posição. Há muito tinham percebido que a única base segura para a oligarquia era o coletivismo.

Riqueza e privilégios são mais facilmente defendidos quando possuídos em grupos. Com efeito, a chamada “abolição da propriedade privada”, que ocorreu em meados do século 20, significou a concentração da propriedade em muito menos mãos do que antes, mas com uma diferença: de que os novos proprietários eram um grupo em vez de uma massa de indivíduos. Individualmente, nenhum membro do Partido possui nada, exceto pertences pessoais insignificantes. Coletivamente, o Partido é o dono da Oceânia, porque controla tudo e dispõe dos produtos como achar melhor. Nos anos que se seguiram à Revolução, ele foi capaz de assumir essa posição de comando quase sem oposição, porque todo o processo foi representado como um ato de coletivização. Sempre se presumiu que se a classe capitalista fosse expropriada, o socialismo deveria segui-la: e inquestionavelmente os capitalistas foram expropriados. Fábricas, minas, terrenos, casas, transportes — tudo lhes foi tirado: e como essas coisas não eram mais propriedade privada, deveriam ser de propriedade pública. O Ingsoc, que surgiu do movimento socialista anterior e herdou sua fraseologia, de fato executou o item principal do programa socialista;

como resultado, previsto e pretendido de antemão, a desigualdade econômica se tornou permanente.

Mas os problemas de se perpetuar uma sociedade hierárquica são mais profundos do que isso. Existem apenas quatro maneiras pelas quais um grupo dominante pode ser deposto do poder: ou é conquistado por uma força exterior; ou governa tão ineficientemente que as massas se revoltam; ou permite que um grupo forte e descontente dos do Meio floresça; ou perde sua própria autoconfiança e vontade de governar. Essas causas não atuam isoladamente e, via de regra, todas as quatro estão presentes em algum grau. Uma classe dominante que pudesse se proteger contra todos esses cenários permaneceria no poder permanentemente. Em última análise, o fator determinante é a atitude mental da própria classe dominante.

Depois de meados do século 20, o primeiro perigo havia, na realidade, desaparecido. Cada um dos três poderes que agora divide o mundo é, de fato, invencível e só poderia se tornar conquistável por meio de lentas mudanças demográficas que um governo com amplos poderes pode facilmente evitar. O segundo perigo, também, é apenas teórico. As massas nunca se revoltam por conta própria, e nunca se revoltam simplesmente porque são

oprimidas. Na verdade, enquanto não lhes é permitido ter padrões de comparação, elas nunca se dão conta de que são oprimidas. As recorrentes crises econômicas de outros tempos eram totalmente desnecessárias e agora não podem mais acontecer, mas outros deslocamentos igualmente grandes podem acontecer e acontecem sem resultados políticos, porque o descontentamento não tem como se articular. Quanto ao problema da superprodução, que tem estado latente em nossa sociedade desde o desenvolvimento da técnica das máquinas, é resolvido pelo dispositivo da guerra contínua (ver Capítulo III), que também é útil para ajustar a moral pública ao tom necessário. Do ponto de vista de nossos governantes atuais, portanto, os únicos perigos genuínos são a divisão de um novo grupo de pessoas capazes, subempregadas e famintas por poder; e o crescimento do liberalismo e do ceticismo em suas próprias fileiras. Ou seja, o problema é educacional. É um problema de modelagem contínua da consciência tanto do grupo diretor quanto do grupo executivo mais amplo imediatamente abaixo dele. A consciência das massas precisa apenas ser influenciada de forma negativa.

Diante desse contexto, pode-se inferir, caso ainda não conheça, a estrutura geral da sociedade oceânica. No

ápice da pirâmide, está o Big Brother. O Big Brother é infalível e todo poderoso. Todo sucesso, toda conquista, toda vitória, toda descoberta científica, todo conhecimento, toda sabedoria, toda felicidade e toda virtude são considerados como resultado direto de sua liderança e inspiração. Ninguém nunca viu o Big Brother. Ele é um rosto nos cartazes, uma voz na teletela. Podemos estar razoavelmente seguros de que ele nunca morrerá, e já existe uma incerteza considerável sobre quando ele nasceu. O Big Brother é o disfarce com o qual o Partido optou por se exhibir para o mundo. Sua função é atuar como um ponto focal para o amor, o medo e a reverência, emoções que são mais facilmente sentidas por um indivíduo do que por uma organização. Abaixo do Big Brother vem a Executiva do Partido. Seus números são limitados a seis milhões, ou algo menos que 2 por cento da população da Oceânia. Abaixo da Executiva vêm os Afiliados do Partido, que, se a Executiva é descrita como o cérebro do Estado, eles podem ser justamente comparados às suas mãos. Abaixo disso, vêm as massas mudas à qual habitualmente nos referimos como “os proles”, chegando a cerca de 85% da população. Nos termos de nossa classificação anterior, os proles são os de Baixo. A população escrava das terras equatoriais,

que passam constantemente de conquistador para conquistador, não são uma parte permanente ou necessária dessa estrutura.

Em princípio, a participação nesses três grupos não é hereditária. O filho de pais da Executiva, em teoria, não nasceu dentro da Executiva. A admissão em qualquer um dos ramos do Partido é feita por meio de testes realizados aos dezesseis anos de idade. Também não existe qualquer discriminação racial ou qualquer dominação óbvia de uma província sobre outra. Judeus, negros, sul-americanos de pura linhagem indígena encontram-se nos escalões mais altos do Partido, e os administradores de todas as áreas são sempre escolhidos entre os habitantes em geral. Em nenhuma parte da Oceânia, os habitantes têm a sensação de serem uma população colonial governada por uma capital distante. A Oceânia não tem capital e seu principal representante executivo é uma pessoa cujo paradeiro ninguém conhece. Exceto pelo inglês ser sua principal LÍNGUA FRANCA e o Newspeak ser sua língua oficial, isso não é institucionalizado de forma alguma. Seus governantes não são mantidos unidos por laços de sangue, mas pela adesão a uma doutrina em comum. É verdade que nossa sociedade é estratificada, e de maneira extremamente

rígida, no que à primeira vista podem parecer ser linhas hereditárias. Há muito menos movimento social entre os diferentes grupos do que acontecia no capitalismo ou mesmo na era pré-industrial. Entre os dois ramos do Partido, há certo intercâmbio, mas apenas o suficiente para garantir que os fracos sejam excluídos da Executiva e que afiliados ambiciosos sejam tornados inofensivos, permitindo-lhes subir. Os proletários, na prática, são proibidos de se graduar no Partido. Os mais talentosos entre eles, que possivelmente se tornariam núcleos de descontentamento, são simplesmente marcados pela Polícia do Pensamento e eliminados. Mas esse estado de coisas não é necessariamente permanente, nem é uma questão de princípios. O Partido não é uma classe no antigo sentido da palavra. Não visa transmitir poder aos seus próprios filhos, somente por esse simples fato; e se não houvesse outra maneira de manter as pessoas mais capazes no topo, ele estaria perfeitamente preparado para recrutar toda uma nova geração das fileiras do proletariado. Nos anos cruciais, o fato de o Partido não ser um órgão hereditário ajudou muito a neutralizar a oposição. O tipo mais antigo de socialista, treinado para lutar contra algo chamado “privilégio de classe”, presumia que o que não fosse hereditário não poderia

ser permanente. Ele não entendeu que a continuidade de uma oligarquia não precisava ser física, nem parou para refletir que as aristocracias hereditárias sempre tiveram vida curta, enquanto organizações adotivas como a Igreja Católica eventualmente já existiam por centenas ou milhares de anos. A essência do governo oligárquico não é a herança de pai para filho, mas a persistência de certa visão de mundo e certo modo de vida, impostos pelos mortos aos vivos. Um grupo governante é um grupo governante desde que possa nomear seus sucessores. O Partido não se preocupa em perpetuar seu sangue, mas em se perpetuar. QUEM exerce o poder não é importante, desde que a estrutura hierárquica permaneça sempre a mesma.

Todos os hábitos, crenças, preferências, emoções, atitudes mentais que caracterizam nosso tempo são realmente projetados para sustentar a mística do Partido e impedir que a verdadeira natureza da sociedade atual seja percebida. A rebelião física, ou qualquer movimento preliminar em direção à rebelião, atualmente não é possível. Dos proletários nada deve ser temido. Abandonados à própria sorte, eles continuarão, de geração em geração e de século em século, trabalhando, procriando e morrendo, não apenas sem qualquer

impulso de rebelião, mas sem o poder de compreensão de que o mundo poderia ser outro além do que é. Eles só poderiam se tornar perigosos se o avanço da técnica industrial tornasse necessário dar a eles uma educação de melhor qualidade; mas, uma vez que a rivalidade militar e comercial não é mais importante, o nível de educação popular na verdade tende a diminuir. As opiniões que as massas têm, ou não, são vistas com indiferença. Elas podem gozar de liberdade intelectual porque não têm intelecto. Por outro lado, em um membro do Partido, nem mesmo o menor desvio de opinião sobre o assunto menos importante de todos pode ser tolerado. Um membro do Partido vive do nascimento à morte sob a supervisão da Polícia do Pensamento. Mesmo quando está sozinho, ele nunca poderá ter certeza de que está sozinho. Onde quer que esteja, dormindo ou acordado, trabalhando ou descansando, no banho ou na cama, ele pode ser inspecionado sem ser avisado e sem saber que está sendo inspecionado. Nada do que ele faz é indiferente. Suas amizades, seus entretenimentos, seu comportamento em relação à esposa e aos filhos, a expressão de seu rosto quando está sozinho, as palavras que ele murmura durante o sono, até mesmo os movimentos característicos de seu corpo, são todos examinados nos

mínimos detalhes. Não apenas qualquer contravenção real, mas qualquer excentricidade, por menor que seja, qualquer mudança de hábitos ou qualquer maneirismo nervoso que poderia ser um sintoma de uma luta interior, certamente será detectado. Ele não tem qualquer liberdade de escolha. Por outro lado, suas ações não são reguladas por lei ou por qualquer código de comportamento claramente formulado. Na Oceânia, não existe lei. Pensamentos e ações que, quando detectados, significam morte certa não são formalmente proibidos, e os infinitos expurgos, prisões, torturas, interrogatórios e vaporizações não são infligidos como punição por crimes que realmente foram cometidos, mas são apenas a extinção de pessoas que talvez possam cometer um crime em algum momento no futuro. Um membro do Partido não apenas deve ter as opiniões corretas, mas os instintos corretos. Muitas das crenças e atitudes exigidas dele nunca devem ser declaradas formalmente, e nem poderiam sem revelar as contradições inerentes ao Ingsoc. Se ele é uma pessoa naturalmente ortodoxa (em newspeak, um GOODTHINKER), ele saberá em todas as circunstâncias, sem pensar, qual é a verdadeira crença ou a emoção desejável. Mas, por outro lado, graças a um elaborado treinamento mental sofrido na

infância cuja organização se deu em torno de palavras em newspeak, como CRIMESTOP, BLACKWHITE e DOUBLETHINK, o Partido foi capaz de criar uma pessoa indisposta e incapaz de pensar muito profundamente sobre qualquer assunto.

Espera-se que um membro do Partido não tenha emoções particulares, bem como não evite o entusiasmo. Ele deve viver em um frenesi contínuo de ódio aos inimigos estrangeiros e traidores internos, triunfante sobre as vitórias e humilhado perante o poder e a sabedoria do Partido. Os descontentamentos produzidos por sua vida simples e insatisfatória são deliberadamente voltados para o exterior e dissipados por artifícios como o Dois Minutos de Ódio, assim, as especulações que poderiam induzir uma atitude cética ou rebelde são eliminadas antecipadamente por sua disciplina interna adquirida desde o início. A primeira e mais simples etapa da disciplina, que pode ser ministrada em crianças desde a sua infância, é chamada, em newspeak, de CRIMESTOP. CRIMESTOP significa a faculdade de parar de pensar, como que por instinto, no limiar de qualquer pensamento perigoso. Isso inclui o poder de não captar analogias, de deixar de perceber erros lógicos, de interpretar mal os argumentos mais simples se forem hostis ao Ingsoc

e de ficar entediado ou repellido por qualquer linha de pensamento capaz de conduzir a uma direção herética. Em resumo, CRIMESTOP significa estupidez protetora. Mas somente estupidez não é suficiente. Pelo contrário, a ortodoxia em sentido pleno exige um controle sobre os próprios processos mentais tão completo quanto o de um contorcionista sobre seu corpo. A sociedade oceânica repousa, em última instância, na crença de que o Big Brother é onipotente e de que o Partido é infalível. Mas como na realidade o Big Brother não é onipotente e o partido não é infalível, há a necessidade de uma flexibilidade incansável, momento a momento, no tratamento dos fatos. A palavra-chave nesse sentido é BLACKWHITE. Como tantas palavras em newspeak, essa palavra tem dois significados mutuamente contraditórios. Aplicado a um oponente, significa o hábito de afirmar descaradamente que preto é branco, em contradição a fatos simples. Aplicado a um membro do Partido, significa uma disposição leal de dizer que o preto é branco quando a disciplina do Partido exigir. Mas significa também a capacidade de ACREDITAR que o preto é branco e, mais, de SABER que o preto é branco e de se esquecer de que alguma vez se acreditou no contrário. Isso exige uma alteração contínua do

passado, possibilitada pelo sistema de pensamento que realmente abarca todo o resto, conhecido em newspeak como DOUBLETHINK.

A alteração do passado é necessária por dois motivos, um dos quais subsidiário e, por assim dizer, paliativo. A razão subsidiária é que o membro do Partido, assim como os proles, tolera as condições atuais em parte porque não tem padrões de comparação. Ele deve ser isolado do passado, assim como deve ser isolado dos países estrangeiros, porque é necessário que ele acredite que está em melhor situação do que seus ancestrais e que o nível médio de conforto material está constantemente em evolução. Mas, de longe, a razão mais importante para o reajuste do passado é a necessidade de salvaguardar a infalibilidade do Partido. Não basta apenas que discursos, estatísticas e registros de todo tipo sejam constantemente atualizados, a fim de provar que as previsões do Partido estavam corretas em todos os casos. É também para que nenhuma mudança na doutrina ou no alinhamento político possa ser admitida. Afinal, mudar de ideia ou mesmo de política, é uma confissão de fraqueza. Se, por exemplo, a Eurásia ou a Lestásia (tanto faz) é o inimigo hoje, então, esse país sempre deve ter sido o inimigo. E se

os fatos dizem o contrário, os fatos é que devem ser alterados. Assim, a história é continuamente reescrita. Essa falsificação quotidiana do passado, realizada pelo Ministério da Verdade, é tão necessária à estabilidade do regime como o trabalho de repressão e espionagem realizados pelo Ministério do Amor.

A mutabilidade do passado é o princípio central do Ingsoc. Os eventos passados, argumenta-se, não têm existência objetiva, mas sobrevivem apenas em registros escritos e em memórias humanas. O passado é tudo o que os registros e as memórias concordarem. E uma vez que o Partido tem controle total sobre todos os registros e igualmente controle total sobre as mentes de seus afiliados: o passado é somente o que o Partido decidir que ele é. Segue-se que, embora o passado seja alterável, ele nunca foi alterado em qualquer instância específica. Pois quando foi recriado em qualquer forma que seja necessária no momento, essa sua nova versão SERÁ o passado, e nenhum passado diferente pode ter existido. Isso é válido mesmo quando, como costuma acontecer, o mesmo evento precisa ser alterado — e desfigurado — várias vezes no decorrer de um ano. Em todos os momentos, o Partido está de posse da verdade absoluta e, evidentemente, o absoluto nunca pode ter

vido diferente do que é agora. Então, é perceptível que o controle do passado depende sobretudo do treinamento da memória. Garantir que todos os registros escritos estejam de acordo com a ortodoxia do momento é apenas um ato mecânico. Mas também é necessário se *LEMBRAR* de que os eventos aconteceram da maneira desejada. E, se for necessário, deve-se reorganizar a memória ou adulterar os registros escritos. Para isso é necessário se *ESQUECER* de que isso foi feito. O truque para realizar essa tarefa pode ser aprendido como qualquer outra técnica mental. Ele é aprendido pela maioria dos membros do Partido e, certamente, por todos os que são inteligentes e também ortodoxos. Em *oldspeak*, é chamado abertamente de “controle da realidade”. Em *newspeak*, chama-se *DOUBLETHINK*, embora *DOUBLETHINK* abranja muitos outros significados.

DOUBLETHINK significa o poder de manter duas crenças contraditórias em sua mente simultaneamente e aceitar ambas. O intelectual do Partido sabe em qual direção suas memórias devem ser alteradas; ele, portanto, sabe que está pregando peças na realidade; mas, pelo exercício do *DOUBLETHINK*, ele também se satisfaz com o fato de que a realidade não foi violada.

O processo precisa ser consciente, ou não seria realizado com a precisão que exige, mas também tem de ser inconsciente, ou traria consigo um sentimento de falsidade e, portanto, de culpa. O DOUBLETHINK mora no cerne do Ingsoc, uma vez que o ato essencial do Partido é usar o engano consciente enquanto retém a firmeza de propósito que acompanha a honestidade completa. Contar mentiras deliberadas acreditando genuinamente nelas, esquecer-se de qualquer fato que se tornou inconveniente e, então, quando for necessário novamente, retirá-lo do esquecimento pelo tempo que for necessário, negar a existência da realidade objetiva e ao mesmo tempo levar em conta a realidade que se nega — tudo isso é indispensavelmente necessário. Mesmo ao usar a palavra DOUBLETHINK, é necessário exercitar o DOUBLETHINK. Pois, ao usar a palavra, admite-se que há uma adulteração da realidade; por um novo ato de DOUBLETHINK, apaga-se esse conhecimento; e assim por diante indefinidamente, com a mentira sempre um salto à frente da verdade. Em última análise, é por meio do DOUBLETHINK que o Partido conseguiu — e pode, pelo que sabemos, perpetuar isso por milhares de anos — sequestrar o curso da história.

Todas as oligarquias do passado caíram do poder porque se calcificaram ou porque amoleceram. Ou eles se tornaram estúpidos e arrogantes, e não conseguiram se ajustar às novas circunstâncias — e, portanto, foram derrubados —; ou tornaram-se liberais e covardes, fizeram concessões quando deveriam ter usado a força — e, mais uma vez, foram derrubados. Eles caíram, por assim dizer, pela consciência ou pela inconsciência. É uma conquista do Partido ter produzido um sistema de pensamento no qual as duas condições podem existir simultaneamente. E em nenhuma outra base intelectual o domínio do Partido poderia se tornar permanente. Se alguém deve governar e continuar governando, também deve ser capaz de controlar o senso de realidade. Afinal, o segredo do governo é combinar a crença na própria infalibilidade com o poder de aprender com os erros do passado.

Nem é preciso dizer que os praticantes mais sutis do DOUBLETHINK são aqueles que inventaram o DOUBLETHINK e sabem que é um vasto sistema de trapaga mental. Em nossa sociedade, aqueles que têm o conhecimento mais puro do que está acontecendo são também aqueles que estão mais longe de ver o mundo como ele é. Em geral, quanto maior a compreensão,

maior a ilusão; quanto mais inteligente, menos sensato. Uma ilustração clara disso é o fato de que a histeria da guerra aumenta de intensidade à medida em que se sobe na escala social. Aqueles cuja atitude em relação à guerra é a mais racional são os povos dos territórios subjugados à disputa. Para essas pessoas, a guerra é simplesmente uma calamidade contínua que varre seus corpos de um lado para o outro como um maremoto. Qual lado está ganhando é uma questão de total desinteresse para eles. Eles estão cientes de que uma mudança de soberania significa simplesmente que farão o mesmo trabalho de antes para novos senhores que os tratam da mesma maneira que os antigos. Os trabalhadores um pouco mais favorecidos, que chamamos de “proles”, têm consciência da guerra apenas de forma intermitente. Quando necessário, podem ser impelidos ao frenesi de medo e de ódio, mas quando abandonados a si mesmos são capazes de se esquecerem por longos períodos que a guerra está acontecendo. É nas fileiras do Partido, e sobretudo na Executiva, que se encontra o verdadeiro entusiasmo da guerra. A conquista do mundo é acreditada com mais firmeza por aqueles que sabem que ela é impossível. Essa ligação peculiar de opostos — conhecimento com ignorância,

cinismo com fanatismo — é uma das principais marcas distintivas da sociedade oceânica. A ideologia oficial está repleta de contradições, mesmo quando não há razão prática para elas. Assim, o Partido rejeita e difama todos os princípios que o movimento socialista originalmente defendia, e escolhe fazer isso em nome do próprio socialismo. Ele prega um desprezo sem precedentes pela classe trabalhadora dos séculos passados, veste seus membros com um uniforme próprio dos antigos trabalhadores manuais, cuja adoção se deu por esse exato motivo. Ele mina sistematicamente a solidariedade da família e chama seu líder por um nome que é um apelo direto ao sentimento de lealdade familiar. Mesmo os nomes dos quatro ministérios, pelos quais somos governados, exibem uma espécie de atrevimento em sua deliberada reversão dos fatos. O Ministério da Paz se ocupa da guerra; o Ministério da Verdade, das mentiras; o Ministério do Amor, da tortura; e o Ministério da Abundância, da fome. Essas contradições não são acidentais, nem resultam da pura hipocrisia; são exercícios deliberados de DOUBLETHINK. Somente conciliando contradições é que o poder pode ser retido indefinidamente. De nenhuma outra maneira o antigo ciclo poderia ser

quebrado. Se a igualdade humana deve ser evitada para sempre — se os do Alto, como os chamamos, devem manter seus lugares permanentemente —, então, a condição mental prevalecente deve ser a insanidade controlada.

Mas há uma questão que até agora quase foi ignorada. Isto é: POR QUE a igualdade humana deve ser evitada? Supondo que a mecânica do processo tenha sido corretamente descrita, qual é o motivo desse enorme esforço planejado com extrema precisão para congelar a história em um determinado momento do tempo? Aqui chegamos ao segredo central. Como vimos, a mística do Partido, e acima de tudo da Executiva, depende do DOUBLETHINK, porém, mais profundo do que isso está o motivo original, o primeiro instinto nunca questionado que levou à tomada do poder e criou o DOUBLETHINK, a Polícia do Pensamento, a guerra contínua, e toda a parafernália necessária que se seguiu. Este motivo na verdade consiste de...

Winston percebeu o silêncio, como alguém que ouve um som diferente. Pareceu-lhe que Julia já estava imóvel há muito tempo. Ela estava deitada de lado, nua da cintura para cima, com a face apoiada na mão e com uma mecha de

cabelo caída sobre os olhos. Seu peito subia e descia lenta e regularmente.

— Julia.

Sem resposta.

— Julia, você está acordada?

Nada. Ela estava dormindo. Ele fechou o livro, colocou-o cuidadosamente no chão, deitou-se e puxou a coberta sobre os dois.

Ele ainda não aprendera, refletiu, o segredo final. Ele entendia COMO; mas não entendia POR QUÊ. O Capítulo I, assim como o Capítulo III, na verdade, não revelavam nada que ele não soubesse, apenas sistematizavam o conhecimento que ele já possuía. Mas, depois da leitura, ele entendia melhor do que antes que não estava louco. Estar em minoria, mesmo uma minoria de um, não o fazia um louco. Havia verdade e inverdade, e se você se apegasse à verdade mesmo contra o mundo inteiro, você não estava louco. Um raio amarelo do sol poente entrou diagonalmente pela janela e caiu sobre o travesseiro. Ele fechou os olhos. O sol em seu rosto e o corpo macio da garota criavam uma sensação intensa, tranquilizadora e confiante. Ele estava seguro, tudo estava bem. Ele adormeceu murmurando “sanidade não é estatística”, com a sensação de que essa observação continha uma sabedoria profunda.

Ele acordou com a sensação de ter dormido muito, mas uma olhada no velho relógio lhe informou que eram apenas vinte e trinta. Ficou deitado cochilando mais um pouco; em seguida, o canto profundo de costume começou no quintal abaixo:

*Um simples sonho impossível,
Como um lindo dia de verão.
Despertou o amor em mim,
Mas quebrou o meu coração!*

A estimulante canção parecia continuar fazendo sucesso. Ela ainda era ouvida em todo lugar. Tinha sobrevivido à *Canção do ódio*. Julia acordou com a música, espreguiçou-se languidamente e saiu da cama.

— Estou com fome — disse ela. — Vamos fazer mais café. Droga! O fogo apagou e a água está fria. — Ela pegou o fogareiro e o sacudiu. — Acabou o óleo.

— Podemos pedir um pouco para o velho Charrington, que tal?

— O engraçado é que eu conferi antes e estava bem cheio. Vou me vestir — acrescentou ela. — Parece que esfriou.

Winston também se levantou e se vestiu. A infatigável voz cantava:

*Dizem que o tempo cura a tudo,
Dizem que sempre dá pra esquecer;
Mas a alegria e a tristeza do mundo
Ainda fazem meu coração doer!*

Ele foi até a janela enquanto fechava o cinto do macacão. O sol já havia se posto atrás das casas e não brilhava mais no quintal. As lajes estavam molhadas como se tivessem acabado de ser lavadas, e Winston teve a sensação de que o céu também tinha sido lavado, de tão fresco e pálido que era o azul entre as chaminés. Incansavelmente, a mulher marchava de um lado para outro, torcendo e se retorcendo, cantando e se calando, sem deixar de tirar mais e mais fraldas. Ele se perguntou se ela ganhava a vida como lavadeira ou se era escrava de uns trinta netos. Julia parou ao seu lado; juntos, eles olharam com uma espécie de fascínio à figura robusta abaixo. Quando ele olhou para a mulher em sua atitude característica, seus braços grossos alcançando o varal, suas nádegas poderosas se projetando como as de éguas, ele percebeu pela primeira vez que ela era bonita. Nunca lhe ocorrera que o corpo de uma mulher de cinquenta anos, elevado a

dimensões monstruosas por conta da gravidez, depois, como um nabo maduro demais, enrijecido e tornado áspero pelo trabalho que beirava ao exagero, pudesse ser belo. Mas era assim e, afinal, ele pensou, por que não seria? O corpo sólido e sem contornos era como um bloco de granito, a pele áspera e vermelha tinham a mesma relação com o corpo de uma menina que um abacate tem com uma roseira. Por que o fruto deve ser considerado inferior à flor?

— Ela é linda — murmurou ele.

— Ela tem um metro de cintura, fácil — observou Julia.

— É essa a beleza dela — disse Winston.

A cintura de Julia foi facilmente envolvida por seu braço. Do quadril ao joelho, seu flanco se encostou contra o dele. Nenhuma criança sairia de seus corpos. Essa era a única coisa que eles nunca poderiam fazer. Apenas de boca em boca, de mente para mente, eles poderiam transmitir o segredo. A mulher lá embaixo não tinha mente, ela tinha apenas braços fortes, um coração quente e um ventre fértil. Ele se perguntou quantos filhos ela teria dado à luz. Poderia facilmente ter sido uns quinze. Ela deve ter tido seu momento de fulgor, um ano, talvez, da beleza de rosa silvestre; e então ela de repente inchou como uma fruta. Inchou, ficou dura, madura e grosseira. Em seguida, a sua vida se transformou em lavar, esfregar, cerzir, cozinhar,

varrer, arear, consertar, limpar, lavar para os filhos e, agora, para os netos. Mais de trinta anos sem parar. No final, ela ainda cantava. A reverência mística que ele sentia por ela estava de alguma forma ligada ao aspecto do céu claro e sem nuvens cuja extensão ia para além das chaminés, numa distância infinita. Era curioso pensar que o céu era o mesmo para todos, na Eurásia, na Lestásia e aqui. E as pessoas sob o céu também eram muito parecidas — em todos os lugares, em todo o mundo, centenas de milhares de milhões de pessoas eram assim, ignorantes da existência umas das outras, mantidas separadas por paredes de ódio e mentiras, e ainda assim quase exatamente as mesmas — eram pessoas que nunca aprenderam a pensar, mas que armazenavam o poder que um dia mudaria o mundo em seus corações, vísceras e músculos. Se havia esperança, ela estava nos proles! Mesmo sem ter chegado ao final do LIVRO, ele sabia que essa seria a mensagem final de Goldstein. O futuro pertencia aos proles. Ele sabia que quando chegasse a hora deles, o mundo que construiriam não seria tão estranho para ele, Winston Smith, quanto era o mundo do Partido. Sim, porque pelo menos seria um mundo de sanidade. Onde há igualdade, viceja a sanidade. Mais cedo ou mais tarde isso aconteceria, força se transformaria em consciência. Os proles eram imortais,

não se podia duvidar disso ao observar aquela valente figura no quintal. No final, seu despertar viria. E até que isso acontecesse, embora pudesse demorar mil anos, eles permaneceriam vivos contra todas as probabilidades, como pássaros, passando de um para o outro a vitalidade que o Partido não tinha e era incapaz de matar.

— Você se lembra — perguntou ele — do tordo que cantou para nós, naquele primeiro dia, na entrada do bosque?

— Ele não cantou para nós — disse Julia. — Ele estava cantando para agradar a si mesmo. Acho que nem isso. Ele estava apenas cantando.

Os pássaros cantavam, os proles cantavam. O Partido não cantava. Em todo o mundo, em Londres e Nova York, na África e no Brasil, nas terras misteriosas e proibidas além das fronteiras, nas ruas de Paris e de Berlim, nas aldeias da interminável planície russa, nos bazares da China e Japão — em todos os lugares estava a mesma figura sólida e invencível, tornada monstruosa pelo trabalho e pela gravidez, labutando do nascimento até a morte e ainda assim cantando. Desses lombos poderosos, uma raça de seres conscientes deveria surgir um dia. Você estava morto, o futuro era deles. Mas você poderia compartilhar esse futuro se mantivesse a mente viva, assim como eles mantinham o corpo vivo, e transmitisse a doutrina secreta de que dois mais dois são quatro.

— Nós somos os mortos — disse ele.

— Nós somos os mortos — repetiu Julia, obedientemente.

— Vocês são os mortos — disse uma voz de ferro atrás deles.

Eles se separaram. As entranhas de Winston pareciam ter se transformado em gelo. Ele podia ver o branco em toda a íris dos olhos de Julia. Seu rosto ficou pálido. A mancha de rugue que ainda estava nas maçãs do seu rosto se destacou mais nitidamente, quase como se não tivesse nenhuma ligação com a pele debaixo.

— Vocês são os mortos — repetiu a voz de ferro.

— Veio de trás da gravura — suspirou Julia.

— Veio de trás da foto — disse a voz. — Permaneçam exatamente onde estão. Não façam nenhum movimento até que seja ordenado.

Estava começando, finalmente estava começando! Eles não podiam fazer nada, exceto olhar nos olhos um do outro. Correr em desespero, sair da casa antes que fosse tarde demais — tal pensamento não lhes ocorreu. Era impensável desobedecer à voz de ferro da parede. Houve um estalo, como se um trinco tivesse sido destravado, e o som de vidro se quebrando. A gravura havia caído no chão, revelando a teletela por detrás.

— Agora eles podem nos ver — disse Julia.

— Agora podemos ver você — disse a voz. — Fiquem em pé no meio da sala. Fiquem de costas um para o outro. Juntem as mãos atrás da cabeça. Não se toquem.

Eles não estavam se tocando, mas ele tinha a impressão de sentir o corpo de Julia tremer. Ou talvez fosse apenas o seu próprio tremor. Ele conseguia impedir que seus dentes batessem, mas seus joelhos estavam fora de controle. Houve um som de botas correndo lá embaixo, dentro e fora da casa. O pátio parecia estar cheio de homens. Algo era arrastado sobre as pedras. O canto da mulher parou abruptamente. Ouviu-se um estrondo longo e contínuo, como se a banheira tivesse sido atirada para o outro lado do quintal. Em seguida, uma confusão de berros irritados terminou em um grito de dor.

— A casa está cercada — disse Winston.

— A casa está cercada — disse a voz.

Ele ouviu Julia bater os dentes.

— Acho que já podemos nos despedir — disse ela.

— Vocês podem se despedir — disse a voz.

Outra voz bem diferente, uma voz fina e culta que Winston teve a impressão de já ter ouvido antes, manifestou-se:

— E por falar nisso, já que estamos no assunto, “Uma vela para te levar até o seu quarto, e sua cabeça será cortada com um machado”!

Algo despencou sobre a cama atrás de Winston. A ponta de uma escada tinha atravessado o vidro e quebrado a janela. Alguém invadia por ali. Houve uma correria de botas escada acima. O quarto se encheu de homens grandes em uniformes pretos, com botas de bico de aço nos pés e tonfas nas mãos.

Winston não tremia mais. Mal movia seus olhos. Só uma coisa importava: ficar quieto, ficar quieto e não dar a eles uma desculpa para baterem em você! Um homem que tinha um pescoço de lutador e uma boca que era apenas uma fenda parou diante dele, balançando o cassetete entre o polegar e o indicador, pensativo. Winston encontrou seus olhos. A sensação de nudez, com as mãos atrás da cabeça, rosto e corpo expostos, era quase insuportável. O homem projetou a ponta de uma língua branca para fora, umedeceu sua boca sem lábios e então avançou. Houve outro estrondo. Alguém havia pegado o peso de papel de vidro sobre a mesa e o feito em pedaços na pedra da lareira.

O fragmento de coral, uma minúscula ruga vermelha como um botão de rosa de açúcar de confeitiro, rolou pelo tapete. Que pequeno, pensou Winston. Ele sempre foi pequeno assim! Houve um suspiro e um baque atrás dele, e ele recebeu um chute violento no tornozelo que quase o desequilibrou. Um dos homens bateu com o punho no plexo solar de Julia, dobrando-a como uma régua. Ela se debatia

no chão, lutando para respirar. Winston não ousava virar a cabeça nem um milímetro, mas, às vezes, seu rosto lívido e ofegante aparecia em seu ângulo de visão. Mesmo em seu terror, era como se ele pudesse sentir a dor em seu próprio corpo, a dor mortal que, no entanto, era menos urgente do que a luta para recuperar o fôlego. Ele sabia como era; a dor terrível e agonizante que estava lá o tempo todo, mas que ainda não podia ser sofrida, porque antes de tudo era preciso respirar. Então, dois dos homens a içaram pelos joelhos e ombros, carregando-a para fora da sala como um saco. Winston teve um vislumbre de seu rosto, de cabeça para baixo, pálido e retorcido, com os olhos fechados e uma mancha de ruge em cada bochecha. Essa foi a última vez que ele a viu.

Ele ficou imóvel. Ninguém o havia atingido ainda. Pensamentos que surgiam espontaneamente, mas que pareciam totalmente desinteressantes, começaram a povoar sua mente. Ele se perguntou se teriam pego o sr. Charrington. Ele se perguntou o que teriam feito com a mulher no quintal. Ele percebeu que estava com muita vontade de urinar e se surpreendeu, porque havia urinado duas ou três horas antes. Ele reparou que o relógio da lareira marcava nove, ou seja, vinte e uma. Mas a luz parecia muito forte. A luz já não deveria ter diminuído às vinte e uma em uma noite

de agosto? Ele se perguntou se, afinal, ele e Julia haviam se enganado sobre a hora — teriam dormido a noite toda e pensado que eram vinte e trinta quando, na verdade, eram oito e trinta da manhã seguinte? Mas ele não prosseguiu com o pensamento. Não tinha importância.

Houve passos mais leves no corredor. O sr. Charrington entrou na sala. O comportamento dos homens de uniforme preto de repente tornou-se mais moderado. Algo também havia mudado na aparência do sr. Charrington. Seus olhos pousaram nos fragmentos do peso de papel de vidro.

— Recolha esses cacos — disse ele, bruscamente.

Um homem se abaixou para obedecer. Seu sotaque cockney havia desaparecido. Winston de repente percebeu de quem era a voz que ele ouvira momentos antes na teletela. O sr. Charrington ainda usava sua velha jaqueta de veludo, mas seu cabelo, que era quase branco, agora estava negro. Além disso, não estava mais usando seus óculos. Ele deu a Winston um único olhar penetrante, como se verificasse sua identidade, e então não prestou mais atenção nele. Ele ainda era reconhecível, mas não era mais a mesma pessoa. Seu corpo havia se endireitado e parecia maior. Seu rosto havia sofrido apenas pequenas mudanças que, no entanto, resultavam em uma transformação completa. As sobrancelhas pretas estavam menos espessas, as rugas haviam sumido, todas as

linhas de expressão do rosto pareciam ter se alterado; até o nariz parecia menor. Era o rosto alerta e frio de um homem de cerca de trinta e cinco anos. Ocorreu a Winston que, pela primeira vez em sua vida, ele encarava, conscientemente, um membro da Polícia do Pensamento.

TRÈS

Ele não sabia onde estava. Provavelmente no Ministério do Amor, mas não havia como ter certeza. Era uma cela de teto alto, sem janelas, com paredes de azulejos brancos. Lâmpadas ocultas inundavam o lugar com luz fria, e havia um zumbido baixo e constante que ele supôs ter algo a ver com o suprimento de ar. Um banco, ou bancada, com largura suficiente apenas para se sentar, corria ao longo da parede, interrompido apenas pela porta e, na extremidade oposta, estava um vaso sanitário sem assento. Havia uma teletela em cada parede.

Ele sentia uma dor profunda em sua barriga. Estava lá desde que o colocaram na van fechada e o levaram. Mas ele também estava com fome, um tipo de fome corrosiva e desesperada. Talvez fizesse vinte e quatro horas desde sua última refeição, ou até trinta e seis. Ele ainda não sabia, provavelmente nunca saberia, se era manhã ou noite quando o prenderam. Ele não comeu desde que fora preso.

Ele se sentou o mais quieto que pôde no banco estreito, com as mãos sobre os joelhos. Ele já havia aprendido a ficar sentado e quieto. Quando fazia movimentos inesperados, eles gritavam através da teletela. Mas seu desejo por comida crescia. O que ele ansiava acima de tudo era um pedaço de pão. Ele achou que tinha algumas migalhas de pão no bolso do macacão. Era até provável — ele pensou nisso porque de vez em quando algo fazia cócegas em sua perna — que houvesse um pedaço considerável de casca. No final, a tentação de descobrir venceu seu medo. Ele enfiou a mão no bolso.

— Smith! — gritou uma voz da teletela. — 6079 Smith W.! Mãos fora dos bolsos nas celas!

Ele ficou quieto novamente, suas mãos sobre os joelhos. Antes de ser trazido para a cela atual, ele fora levado para outro lugar, talvez uma prisão comum ou uma carceragem temporária das patrulhas. Ele não sabia há quanto tempo estivera ali; algumas horas, certamente. Sem relógios e sem luz do dia, ficava difícil avaliar a hora. Era um lugar barulhento e fedido. Eles o colocaram em uma cela semelhante a que estava agora, mas muito mais suja e lotada por dez ou quinze pessoas. A maioria deles eram criminosos comuns, mas entre eles também havia prisioneiros políticos. Ele ficara sentado em silêncio contra a parede, fora empurrado por corpos sujos, com medo e dor na barriga demais para

se interessar pelo ambiente, mas ainda notando a surpreendente diferença de comportamento entre os prisioneiros do Partido e os outros. Os prisioneiros do Partido estavam sempre calados e aterrorizados, mas os criminosos comuns pareciam não se importar com nada. Eles gritavam insultos aos guardas, lutavam ferozmente quando seus pertences eram apreendidos, escreviam palavrões no chão, comiam coisas que tiravam de misteriosos esconderijos em suas roupas e até gritavam para teletela quando ela tentava restaurar a ordem. Por outro lado, alguns pareciam se dar bem com os guardas, chamavam-nos por apelidos e tentavam contrabandear cigarros pela passagem da porta. Os guardas também tratavam os criminosos comuns com certa paciência, mesmo quando tinham de lidar com mais rudeza. Muito se falava sobre os campos de trabalhos forçados para os quais a maioria dos prisioneiros esperava ser enviada. Ficaria “tudo bem” nos campos, concluiu ele, contanto que você tivesse bons contatos e se adaptasse. Havia suborno, favoritismo e extorsão de todo tipo, havia homossexualidade e prostituição, havia até álcool ilícito destilado de batata. Os cargos mais altos eram atribuídos apenas aos criminosos comuns, especialmente aos gangsters e aos assassinos, que formavam uma espécie de aristocracia. Todos os trabalhos sujos eram feitos pelos presos políticos.

Havia um constante vaivém de prisioneiros de todos os tipos: traficantes de drogas, ladrões, bandidos, comerciantes do mercado negro, bêbados e prostitutas. Alguns dos bêbados estavam tão violentos que os outros prisioneiros tiveram de se unir para reprimi-los. Um enorme destroço de mulher, de cerca de sessenta anos, seios grandes e caídos e com grossas mechas de cabelo branco desgrenhadas pela sua luta, foi trazida, chutando e gritando, por quatro guardas, que seguravam cada um de seus membros. Eles arrancaram as botas com as quais ela tentava chutá-los e a jogaram no colo de Winston, quase quebrando os ossos de sua coxa. A mulher se levantou e os seguiu, berrando “Filhos da puta!” Então, ao perceber que estava sentada em algo irregular, ela escorregou dos joelhos de Winston para o banco.

— Perdão, querido — disse ela. — Eu num teria me sentado em você, mas os imbecis me colocaram aqui. Eles num sabem tratar uma dama, né? — Ela fez uma pausa, deu um tapinha no peito e arrotou. — Perdão — disse ela —, ando muito esquisita ultimamente.

Ela se inclinou para frente e vomitou copiosamente no chão.

— Melhor agora — disse ela, recostando-se com os olhos fechados. — Nunca guarde as coisas dentro de você, é o que eu sempre digo. Bote tudo pra fora enquanto ainda está fresco na barriga, entendeu?

Ela se recompôs, virou-se para dar outra olhada em Winston e pareceu gostar dele. Ela colocou seu grande braço em volta do ombro dele e o puxou para si, exalando cheiro de cerveja e vômito em seu rosto.

— Qual é o seu nome, meu lindo? — ela perguntou.

— Smith — disse Winston.

— Smith? — disse a mulher. — Engraçado. O meu também. Oras — acrescentou ela sentimentalmente — será que eu sou a sua mãe?

Ela poderia ser sua mãe, pensou Winston. Ela tinha a idade e o físico, era provável que as pessoas mudassem um pouco depois de vinte anos em um campo de trabalhos forçados.

Ninguém mais falou com ele. De forma surpreendente, os criminosos comuns ignoravam os prisioneiros do Partido. Eles os chamavam de “parasíticos”, com um certo desprezo. Os prisioneiros do Partido pareciam ter medo de falar e, acima de tudo, de conversarem entre si. Apenas uma vez, quando duas afiliadas foram pressionadas no banco, ele ouviu algumas palavras sussurradas apressadamente em meio ao vozerio — eram alguma referência a algo chamado “sala um-a-um”, que ele não entendeu.

Já fazia duas ou três horas que ele estava lá. A dor aguda de barriga não passava, só melhorava e piorava entre intervalos, e seus pensamentos se expandiam e se contraíam de

acordo. Quando piorava, ele pensava apenas na própria dor e em seu desejo de comer. Quando melhorava, o pânico tomava conta dele. Havia momentos em que previa as coisas que lhe aconteceriam com tal realidade que seu coração disparava e sua respiração parava. Ele sentia o som dos cassetetes em seus cotovelos e as botas de pontas de ferro em suas canelas. Ele se via rastejando no chão, gritando por misericórdia por entre dentes quebrados. Ele quase não pensava em Julia, não conseguia fixar seus pensamentos nela. Ele a amava e não a trairia; mas isso era um simples fato, como as regras da matemática. Ele não sentia amor e nem mesmo se perguntava o que estaria acontecendo com ela. Ele pensava mais em O'Brien, com um misto de esperança e dúvida. O'Brien poderia já saber que ele fora preso. A Irmandade, ele havia dito, nunca tentava salvar seus membros. Mas havia a lâmina de barbear. Eles enviariam a lâmina de barbear se pudessem. Levaria talvez cinco segundos até o guarda entrar correndo na cela. A lâmina o abriria com uma espécie de frieza ardente, mesmo os dedos que a seguravam seriam cortados até o osso. Seu corpo doente pressentiu essa dor e se encolheu trêmulo. Ele não tinha certeza se realmente usaria a lâmina de barbear, mesmo se tivesse a chance. Era mais natural existir a cada momento, aceitar mais dez minutos de vida, ainda que soubesse da tortura no final.

Às vezes, ele tentava calcular o número de azulejos nas paredes da cela. Deveria ser fácil, mas ele sempre perdia a conta. Com mais frequência, ele se perguntava onde estava e que horas eram. Em certo momento, ele teve certeza de que era dia do lado de fora; e, no seguinte, também teve certeza de que estava totalmente escuro. Ele sabia instintivamente que as luzes nunca seriam apagadas naquele lugar. Era o lugar sem escuridão: agora, ele entendia por que O'Brien reconheceu a menção. No Ministério do Amor, não havia janelas. Sua cela poderia estar no centro do edifício ou contra a parede externa. Talvez até dez andares no subsolo, ou trinta acima dele. Ele se movia mentalmente de um lugar para outro, tentando determinar se estava no alto ou enterrado profundamente pela sensação de seu corpo.

Ouviu-se o som de botas do lado de fora. A porta de aço se abriu com um estrondo. Um jovem oficial, uma figura esguia em uniforme preto de couro lustrado, cujo rosto pálido e de feições retas era como uma máscara de cera, avançou pela porta. Ele acenou para os guardas do lado de fora com o intuito de que trouxessem o prisioneiro que conduziam. O poeta Ampleforth entrou cambaleando na cela. A porta se fechou novamente.

Ampleforth fez movimentos incertos de um lado para o outro, como se procurasse a outra porta de saída, e então começou a caminhar por toda a cela. Ele ainda não havia

notado a presença de Winston. Seus olhos nervosos estavam a cerca de um metro acima do topo da cabeça de Winston. Ele estava descalço, seus dedos grandes e sujos se projetavam por buracos em suas meias. Ele também estava a vários dias sem se barbear. Uma barba desgrenhada cobria todo o seu rosto, dando a ele um ar de arruaceiro e fazendo um estranho conjunto com seu corpo grande e magro, bem como com seus movimentos inquietos.

Winston despertou um pouco de sua letargia. Ele devia falar com Ampleforth e arriscar o grito da teletela. Era até concebível que Ampleforth fosse o portador da lâmina.

— Ampleforth — disse ele.

Não houve nenhum grito da teletela. Ampleforth fez uma pausa, ligeiramente assustado. Seus olhos se focaram lentamente em Winston.

— Ah, Smith! — ele disse. — Você também!

— No que você se meteu?

— Para falar a verdade... — Ele se sentou desajeitadamente no banco diante de Winston. — Só existe um tipo de crime, não é?

— E você o cometeu?

— Aparentemente, sim.

Ele colocou a mão na testa e pressionou as têmporas ligeiramente, como se tentasse se lembrar de algo.

— Coisas da vida — ele começou, de maneira vaga. — Acho que sei qual foi o problema... o possível problema. Foi um deslize, sem dúvida. Estávamos produzindo uma edição definitiva dos poemas de Kipling. Eu permiti que a palavra “God” ficasse no final de um verso. Não pude evitar! — ele acrescentou quase indignado, erguendo o olhar para Winston. — Era impossível mudar o verso. A rima era com “rod”. Você sabia que deve haver apenas doze rimas para “rod” que façam sentido nesse contexto em toda a língua inglesa? Durante dias, eu fritei a cabeça. Não HAVIA outra rima.

A expressão em seu rosto mudou. A irritação passou e, por um momento, ele pareceu quase satisfeito. Uma espécie de calor intelectual, a alegria do pedante que descobriu um fato inútil, brilhava por entre os cabelos oleosos e desgrehados.

— Você já parou para pensar — continuou — que toda a história da poesia inglesa se concentra no fato de que nossa língua quase não tem rimas?

Não, esse pensamento em particular nunca ocorrera a Winston. Nas atuais circunstâncias, aquilo lhe pareceu ainda menos importante ou interessante.

— Você sabe que horas são? — ele perguntou.

Ampleforth pareceu se assustar novamente:

— Eu nem tinha pensado nisso. Eles me prenderam... talvez há dois, talvez três. — Seus olhos percorreram as

paredes, como se esperasse encontrar uma janela. — Não há diferença entre noite e dia neste lugar. Não se pode calcular o tempo.

Eles conversaram desordenadamente por alguns minutos, então, sem razão aparente, um grito da teletela os mandou ficar em silêncio. Winston ficou quieto, com as mãos nos joelhos. Ampleforth, grande demais para se acomodar no banco estreito, mexia-se de um lado para o outro, cruzando as mãos magras primeiro em torno de um joelho, depois do outro. A teletela ganiu para ele ficar quieto. Mais tempo se passou. Vinte minutos, uma hora — era difícil calcular. Mais uma vez, ouviu-se o som de botas do lado de fora. As entranhas de Winston se contraíram. Logo, muito em breve, talvez em cinco minutos, talvez agora, o barulho das botas significaria que sua vez havia chegado.

A porta se abriu. O jovem oficial de rosto frio entrou na cela. Com um breve movimento da mão, ele indicou Ampleforth.

— Sala 101 — disse ele.

Ampleforth marchou desajeitadamente entre os guardas, o rosto vagamente perturbado, mas sem compreender nada.

Passou-se o que pareceu muito tempo. A dor na barriga de Winston voltara. Sua mente girava e girava com o mesmo ritmo, como uma bola que desce quicando uma mesma série

de degraus. Ele tinha apenas seis pensamentos: a dor em sua barriga; um pedaço de pão; o sangue e os gritos; O'Brien; Julia; e a lâmina. Houve outro espasmo em suas entranhas, botas pesadas se aproximavam. Quando a porta se abriu, a onda de ar que ela criou trouxe um cheiro poderoso de suor frio. Parsons entrou na cela. Ele vestia shorts cáqui e uma camisa polo.

Desta vez, Winston foi surpreendido a ponto de se esquecer de sua situação.

— VOCÊ aqui? — ele disparou.

Parsons lançou um olhar para Winston sem interesse ou surpresa, apenas com tristeza. Ele começou a andar em círculos, incapaz de ficar parado. Cada vez que ele endireitava os joelhos rechonchudos, ficava evidente que estavam tremendo. Seus olhos estavam arregalados e fixos, como se olhasse algo a certa distância.

— No que você se meteu? — perguntou Winston.

— Thoughtcrime — respondeu Parsons, quase chorando.

O tom de sua voz implicava ao mesmo tempo uma admissão completa de culpa e uma espécie de horror incrédulo de que tal palavra pudesse ser aplicada a si mesmo. Ele parou diante de Winston e implorou para ele:

— Você não acha que eles vão me executar, acha, meu velho? Eles não te executam se você não tiver feito nada. São

só pensamentos, como a gente pode evitar? Eu sei que eles nos dão uma audiência justa. Ah, nisso eu confio neles! Eles vão analisar o meu histórico, não é? VOCÊ sabe que tipo de pessoa eu era. Um cara do bem, com o meu jeitão. Não muito inteligente, tudo bem, mas esperto. Sempre dei o meu melhor pelo Partido, sabia? Vão me dar uns cinco anos, não acha? Ou dez, talvez? Alguém como eu pode ser muito útil em um campo de trabalhos forçados. Eles não vão me executar por ter saído dos trilhos só uma vez, não é?

— Você é culpado? — perguntou Winston.

— Claro que sou! — gritou Parsons com um olhar servil para a teletela. — Você acha que o Partido iria prender um homem inocente, é? — Seu rosto de sapo ficou mais calmo e até assumiu uma expressão ligeiramente hipócrita. — Thoughtcrime é uma coisa horrível, meu velho — disse ele, sentenciosamente. — É insidioso. Ele toma conta de você sem que você perceba. Você sabe como ele me pegou? Dormindo! Sim, a verdade é essa. Eu estava lá, trabalhando, fazendo minha parte, sem nunca desconfiar que tinha alguma coisa ruim na minha cabeça. Então, eu comecei a falar dormindo. Sabe o que eles me ouviram dizer?

Ele abaixou a voz, como quem é obrigado por razões médicas a proferir uma obscenidade.

— Abaixo o Big Brother! Sim, eu disse! Disse isso várias vezes, parece. Cá entre nós, meu velho, estou feliz que

me pegaram antes que eu fosse mais longe. Sabe o que eu vou dizer no tribunal? Obrigado! É isso o que eu vou dizer. Obrigado por me salvarem antes que fosse tarde demais.

— Quem denunciou você? — perguntou Winston.

— A minha filhinha — disse Parsons, com um certo orgulho melancólico. — Ela ouviu pelo buraco da fechadura. Ouviu o que eu disse e correu para contar às patrulhas no dia seguinte. Muito inteligente para uma criança de sete, né? Não guardo rancor dela por isso. Na verdade, tenho orgulho. Isso mostra que eu a criei do jeito certo.

Ele fez mais alguns movimentos bruscos para cima e para baixo, várias vezes, lançando um olhar ansioso para o vaso sanitário. Então, de repente, desceu seu short.

— Me desculpe, meu velho — disse ele. — Não consigo evitar. É a ansiedade.

Ele encaixou sua grande bunda no vaso. Winston cobriu o rosto com as mãos.

— Smith! — gritou a voz da teletela. — 6079 Smith W.! Descubra seu rosto. Nenhum rosto coberto nas celas.

Winston descobriu o rosto. Parsons usava o vaso em alto e bom som. Descobriu-se que o sifão estava com defeito e a cela fedeu abominavelmente por horas.

Parsons foi removido. Mais prisioneiros iam e vinham, misteriosamente. Uma mulher foi enviada para a “Sala 101”

e Winston percebeu que ela pareceu murchar e adquirir uma cor diferente ao ouvir esses números. Em certo ponto, pareceu que se o tinham trazido de manhã, agora, seria de tarde; ou se o tivessem trazido à tarde, então, seria meia-noite. Havia seis prisioneiros na cela, homens e mulheres. Todos sentados e quietos. Em frente a Winston, estava um homem com um rosto sem queixo e cheio de dentes, como um roedor grande e inofensivo. Suas bochechas gordas e coradas eram tão protuberantes na parte inferior que era difícil não acreditar que ele tinha estoques de comida guardados ali. Seus olhos cinza-claros voavam timidamente de um rosto para outro e se desviavam rapidamente quando cruzavam com outro olhar.

A porta se abriu e outro prisioneiro foi trazido, cuja aparência causou arrepios em Winston. Ele era um homem de aparência comum, poderia ser um engenheiro ou um técnico. Mas o que de fato o surpreendeu foi seu rosto desfigurado. Era como uma caveira. Por causa de sua magreza, a boca e os olhos pareciam desproporcionalmente grandes, e os olhos estavam cheios de um ódio assassino e implacável, destinados a alguém ou alguma coisa.

O homem se sentou no banco a certa distância de Winston. Winston não olhou para ele de novo, mas o rosto atormentado e semelhante a uma caveira se manteve vívido

em sua mente como se ainda estivesse diante de seus olhos. De repente, ele entendeu. O homem estava morrendo de fome. O mesmo pensamento pareceu ocorrer quase simultaneamente a todos na cela. Houve uma agitação tênue ao longo do banco. Os olhos do homem sem queixo continuavam a se voltar para o homem com cara de caveira, desviando-se com culpa, acabavam se arrastando de volta por causa de uma atração irresistível. Logo ele começou a se remexer em seu assento. Por fim, ele se levantou, cambaleou desajeitadamente pela cela, enfiou a mão no bolso do macacão e, com ar envergonhado, estendeu um pedaço de pão velho para o homem com cara de caveira.

Ouviu-se um rugido ensurdecedor e furioso da teletela. O homem sem queixo sobressaltou-se no meio do caminho. O homem com cara de caveira rapidamente colocou as mãos nas costas, como se quisesse demonstrar a todos que recusava o presente.

— Bumstead! — rugiu a voz. — 2713 Bumstead J.! Solte esse pedaço de pão!

O homem sem queixo soltou o pedaço de pão no chão.

— Fique onde está — ordenou a voz. — Encare a porta. Não faça nenhum movimento.

O homem sem queixo obedeceu. Suas grandes bochechas carnudas tremiam incontrolavelmente. A porta se abriu

com um estrondo. Quando o jovem oficial entrou e deu um passo para o lado, surgiu atrás dele um guarda atarracado com braços e ombros enormes. Ele se posicionou diante do homem sem queixo e, então, a um sinal do oficial, deu um golpe terrível, com todo o peso do corpo, bem na boca do homem sem queixo. A força o fez decolar do chão. Seu corpo foi lançado pela cela até se chocar contra a base do vaso sanitário. Por um momento, ele ficou ali, atordoado, com sangue escuro escorrendo de sua boca e nariz. Um gemido ou guincho muito fraco, que parecia inconsciente, saía dele. Em seguida, ele rolou e se ergueu vacilante sobre as mãos e os joelhos. Em meio a um fluxo de sangue e saliva, as duas metades de uma dentadura caíram de sua boca.

Os prisioneiros sentaram-se muito quietos, suas mãos cruzadas sobre os joelhos. O homem sem queixo escalou de volta para seu lugar no banco. A pele de um lado do rosto já escurecia. Sua boca havia inchado na forma de uma massa disforme cor de cereja com um buraco negro no meio dela.

De vez em quando, uma gota de sangue pingava no peito do macacão. Seus olhos cinzentos ainda passavam rapidamente de um rosto para outro, mais culpados do que nunca, como se estivesse tentando descobrir o quanto os outros o desprezavam por sua humilhação nesse momento.

A porta se abriu. Com um pequeno gesto, o oficial indicou o homem com cara de caveira.

— Sala 101 — disse ele.

Houve um suspiro e uma agitação ao lado de Winston. O homem realmente se jogou de joelhos no chão, com as mãos entrelaçadas.

— Camarada! Policial! — ele chorou. — Você não tem que me levar àquele lugar! Já contei tudo! O que mais querem saber? Não há nada que eu não confessaria, nada! Me diga o que eu devo confessar. Escreva e eu assino. Qualquer coisa! Menos a sala 101!

— Sala 101 — disse o oficial.

O rosto do homem, já muito pálido, adquiriu uma cor que Winston não acreditava ser possível. Era definitivamente, inconfundivelmente, um tom esverdeado.

— Faça o que quiser comigo! — ele gritou. — Você está me matando de fome há semanas. Acabe logo com isso e me deixe morrer. Me execute. Me enforque. Me condene a vinte e cinco anos. Tem mais alguém que você quer que eu delate? É só dizer quem é e eu farei o que você quiser. Não me importa quem seja ou o que vocês façam com eles. Tenho mulher e três filhos. O maior não tem seis anos. Você pode pegar todos eles e cortar suas gargantas na minha frente, e eu ficarei observando. Mas não a sala 101!

— Sala 101 — repetiu o oficial.

O homem olhou freneticamente para os outros prisioneiros, como se pensasse que poderia colocar outra vítima em seu próprio lugar. Seus olhos pousaram no rosto esmagado do homem sem queixo. Ele estendeu um braço magro.

— É ele que você deveria levar, não eu! — ele gritou. — Você não ouviu o que ele disse depois que bateram nele. Me dê a chance e eu contarei a você cada palavra. É ele que está contra o Partido, não eu. — Os guardas deram um passo à frente. A voz do homem se tornou um berro. — Você não sabe! — ele repetiu. — A teletela estava com defeito. É ELE que você quer. Leve ele, não eu!

Os dois grandes guardas se abaixaram para pegá-lo pelos braços. Mas, nesse exato momento, ele se atirou no chão da cela e agarrou uma das pernas de ferro que sustentava o banco. Ele uivava sem palavras, como um animal. Os guardas o puxaram para soltá-lo, mas ele se segurava com uma força surpreendente. Eles o puxaram por cerca de vinte segundos. Os prisioneiros ficaram todos sentados em silêncio, suas mãos cruzadas sobre os joelhos, olhando diretamente para a frente. O uivo parou. O homem não tinha mais fôlego para nada, exceto para se agarrar. Então, houve um tipo diferente de grito. Com um chute, a bota de um guarda quebrou os dedos de uma de suas mãos. Eles o colocaram de pé.

— Sala 101 — disse o oficial.

O homem foi conduzido para fora, cambaleante. Sua cabeça pendia e ele segurava a mão esmagada. Toda a força o havia abandonado.

Muito tempo se passou. Se fosse meia-noite quando o homem com cara de caveira foi levado, agora, já deveria ser de manhã; se tivesse sido de manhã, agora, seria de tarde. Winston estava sozinho, já estava assim há horas. A dor de ficar sentado no banco estreito era tanta que ele se levantou e andou muitas vezes, sem ser repreendido pela teletela. O pedaço de pão ainda estava no mesmo lugar em que o homem sem queixo o soltara. No início, foi preciso muito esforço para não olhar para ele, mas logo a fome deu lugar à sede. Sua boca estava pegajosa e tinha um gosto ruim. O zumbido e a luz branca constante induziam a uma espécie de desmaio, uma sensação de vazio dentro da cabeça. Ele se levantava porque a dor nos ossos não era mais suportável e se sentava de novo quase imediatamente porque ficava tonto demais para se manter em pé. Sempre que suas sensações físicas ficavam mais controladas, o terror voltava. Às vezes, com uma esperança desbotada, ele pensava em O'Brien e na lâmina de barbear. Era imaginável que a lâmina pudesse chegar escondida em sua comida, caso ele fosse alimentado. Mais vagamente, ele pensou em Julia. Em algum outro

lugar, talvez ela estivesse sofrendo muito mais do que ele. Ela podia estar gritando de dor nesse momento. Ele pensou: “Se eu pudesse salvar Julia duplicando minha própria dor, eu o faria? Sim, faria.” Mas essa era uma decisão meramente intelectual, tomada porque ele sabia que deveria tomá-la. Ele não sentia isso. Nesse lugar, não se podia sentir nada, exceto a dor e a presciência da dor. Além disso, era possível, quando se estava realmente sofrendo, desejar qualquer outro motivo que aumentasse sua própria dor? Essa pergunta ainda não tinha resposta.

As botas se aproximaram novamente. A porta se abriu. O’Brien entrou.

Winston se pôs de pé. O choque da visão o privou de toda a cautela. Pela primeira vez em muitos anos, ele se esqueceu da presença da teletela.

— Eles também pegaram você! — ele gritou.

— Eles já me pegaram há muito tempo — disse O’Brien com uma ironia branda, quase arrependida. Ele deu um passo para o lado. Atrás dele, surgiu um guarda de peito largo com um longo cassetete preto na mão.

— Você já sabia disso, Winston — disse O’Brien. — Não se engane. Você sabia e você sempre soube.

Sim, agora ele entendia que sim. Mas não havia tempo para pensar nisso. Tudo o que seus olhos viam era o cassetete

na mão do guarda. Ele poderia o atingir em qualquer lugar: na testa, na orelha, na parte superior do braço, no cotovelo...

No cotovelo! Ele caiu de joelhos, quase paralisado, segurando o cotovelo ferido com a outra mão. Tudo explodiu em uma luz amarela. Inconcebível, era inconcebível que um golpe pudesse causar tanta dor! A luz clareou e ele pôde ver os dois olhando em sua direção. O guarda ria de suas contorções. De qualquer forma, uma pergunta foi respondida. Nunca, por nenhuma razão terrena, você deveria desejar o aumento da dor. Da dor, você só pode desejar uma coisa: que ela pare. Nada no mundo é tão ruim como a dor física. Diante da dor, não há heróis, não existem heróis, era o que ele pensava sem parar ao se contorcer no chão, agarrando-se inutilmente ao braço esquerdo incapacitado.

Ele estava deitado em algo que se parecia uma cama de armar, mais alta do que o normal e presa ao chão para que não se movesse. Uma luz muito forte caía em seu rosto. O'Brien o olhava com atenção de um lado; do outro, havia um homem de jaleco branco, com uma seringa hipodérmica.

Depois que seus olhos se abriram, ele gradualmente avaliou o ambiente. Tinha a impressão de estar entrando neste cenário como se tivesse nadado até ele, vindo de um mundo totalmente diferente, uma espécie de mundo subaquático abaixo dele. Quanto tempo ele tinha ficado lá embaixo era impossível dizer. Desde o momento em que o prenderam, não tinha visto o escuro da noite ou a luz do dia. Além disso, suas memórias não eram contínuas. Havia momentos em que a consciência, até mesmo o tipo de consciência que se tem durante o sono, parava e recomeçava após um intervalo de vazio. Mas se esses intervalos eram de dias, semanas ou apenas segundos, não havia como saber.

O pesadelo começara com aquele primeiro golpe no cotovelo. Mais tarde, ele perceberia que tudo o que havia acontecido era meramente preliminar, um interrogatório de rotina a que quase todos os prisioneiros eram submetidos. Havia uma longa lista de crimes — espionagem, sabotagem e coisas do gênero — que todos tinham de confessar antes de mais nada. A confissão era uma formalidade, embora a tortura fosse real. Quantas vezes ele havia sido espancado, quanto tempo os espancamentos duraram, não era possível se lembrar. Sempre havia cinco ou seis homens em uniformes pretos simultaneamente. Às vezes, eram punhos; às vezes, cassetetes; às vezes, canos de ferro, às vezes, botas. Havia momentos em que ele rolava pelo chão, indefeso como um animal, contorcendo-se de um lado para outro, num esforço infinito e sem esperança de se desviar dos chutes, o que simplesmente era um convite para mais e mais chutes nas costelas, na barriga, nos cotovelos, nas canelas, na virilha, nos testículos, na base da coluna. Tiveram momentos em que a surra continuou por tanto tempo que a coisa cruel, perversa e imperdoável disso tudo não era nem que os guardas continuassem a espancá-lo, mas sim o fato de ele não conseguir se forçar a perder a consciência. Houve momentos em que a sua coragem o abandonou de tal maneira que ele começou a gritar por misericórdia antes mesmo da surra

começar, quando a mera visão de um punho pronto em suspensão era suficiente para fazê-lo confessar crimes reais e imaginários. Houve outras vezes em que ele começou decidido a não confessar nada, quando cada palavra teve de ser arrancada entre suspiros de dor; e houve vezes em que ele tentou debilmente se comprometer, dizendo a si mesmo: “Vou confessar, mas não ainda. Preciso resistir até que a dor se torne insuportável. Mais três chutes, mais dois chutes, e então direi a eles o que querem”. Às vezes, ele era espancado até quase não conseguir ficar de pé, e, então, era jogado como um saco de batatas em alguma cela, dando-lhe tempo para se recuperar por algumas horas e começar o processo todo de novo. Houve períodos mais longos de recuperação também. Ele se lembrava deles vagamente, porque se passavam principalmente no sono ou no estupor. Ele se lembrou de uma cela com uma cama de tábuas, uma espécie de prateleira que saía da parede e de uma pia de latão; de refeições de sopa quente, pão e, às vezes, café. Ele se lembrou de um barbeiro mal-humorado que veio fazer sua barba e cortar seus cabelos, os profissionais antipáticos em jalecos brancos que mediam sua pulsação, testavam seus reflexos, levantavam suas pálpebras, deslizavam dedos ásperos sobre ele em busca de ossos quebrados e, por fim, lembrava das agulhas que enfiavam em seu braço para fazê-lo dormir.

As surras agora eram menos frequentes e foram transformadas em ameaças, um horror para o qual ele poderia ser mandado de volta a qualquer momento se suas respostas fossem insatisfatórias. Agora, os seus inquisidores não eram valentões em uniformes pretos, mas intelectuais do Partido, homens gordinhos com movimentos rápidos e óculos lustrosos, que se revezavam com ele em períodos que duravam — ele calculava, mas não tinha certeza — dez ou doze horas ininterruptas. Esses outros inquisidores cuidavam para que ele sofresse uma dor leve e constante, mas eles não confiavam somente na dor. Eles batiam em sua cara, torciam suas orelhas, puxavam seus cabelos, o forçavam a ficar em uma perna só, não lhe davam permissão para urinar, acendiam luzes diante da cara dele até que seus olhos lacrimejassem. O objetivo daquilo tudo era simplesmente humilhar e destruir seu poder de argumento e raciocínio. A verdadeira arma deles era o interrogatório implacável que continuava sem parar, hora após hora, fazendo-o se contradizer, deixando armadilhas para ele, distorcendo tudo o que ele dizia, convencendo-o a cada passo de mentiras e incongruências até que ele começasse a chorar de vergonha ou de fadiga nervosa. Às vezes, ele chorava meia dúzia de vezes em uma única sessão. Quase sempre, gritavam insultos contra ele e ameaçavam entregá-lo aos guardas novamente; mas, às

vezes, eles mudavam repentinamente de tom, chamando-o de camarada, apelando para ele em nome do Ingsoc e do Big Brother. Eles perguntavam com tristeza se mesmo agora ele não teria lealdade suficiente para com o Partido para desejar desfazer o mal que havia feito. Quando seus nervos estavam em frangalhos após horas de interrogatório, até esse apelo era capaz de reduzi-lo a lágrimas incontroláveis. No final, as vozes irritantes o derrubavam de forma muito mais completa do que as botas e os punhos dos guardas. Ele se tornou simplesmente uma boca que dizia, uma mão que assinava, tudo o que era exigido dele. Sua única preocupação era descobrir o que eles queriam que ele confessasse, e, em seguida, confessar rapidamente antes que a tortura começasse de novo. Ele confessou o assassinato de eminentes membros do Partido, a distribuição de panfletos revolucionários, o desvio de verbas públicas, a venda de segredos militares, sabotagens de todo tipo. Ele confessou que era um espião pago pelo governo da Lestásia desde 1968. Ele confessou que era um crente, um fã do capitalismo e um pervertido sexual. Ele confessou que havia assassinado sua esposa, embora ele e seus inquisidores soubessem que sua esposa ainda estava viva. Ele confessou que, durante anos, estivera em contato pessoal com Goldstein e que fora membro de uma organização clandestina que incluía quase todos os seres humanos

que ele conheceu. Era mais fácil confessar tudo e envolver a todos. Além disso, em certo sentido, era tudo verdade. Era verdade que ele tinha sido inimigo do Partido e, aos olhos do Partido, não havia distinção entre o pensamento e a ação.

Também havia memórias de outro tipo. Elas se destacavam em sua mente de forma desconexa, como imagens de escuridão sólida ao seu redor.

Ele estava em uma cela que poderia ser tanto escura quanto clara, já que não conseguia ver nada, exceto um par de olhos. Bem próximo, algum tipo de instrumento tique-taqueava lenta e regularmente. Os olhos ficavam maiores e mais brilhantes. De repente, ele flutuou para fora de sua cadeira, mergulhou nos olhos e foi engolido.

Ele estava amarrado a uma cadeira rodeada de monitores, sob luzes ofuscantes. Um homem de jaleco branco lia os dados no painel. Havia o som de botas pesadas do lado de fora. A porta se abriu com estrépito. O oficial de rosto encerado entrou, seguido por dois guardas.

— Sala 101 — disse o oficial.

O homem de jaleco branco não se virou, nem sequer olhou para Winston. Ele não tirava os olhos dos mostradores.

Ele agora rolava por um corredor portentoso, de um quilômetro de largura, cheio de uma gloriosa luz dourada, gargalhando e gritando confissões a plenos pulmões. Ele

estava confessando tudo, até as coisas que tinha escondido sob tortura. Ele estava contando toda a história de sua vida para um público que já a conhecia. Com ele, estavam: os guardas, os outros interrogadores, os homens de jaleco branco, O'Brien, Julia, o sr. Charrington; todos rolavam juntos corredor abaixo e berravam de tanto gargalhar. Alguma coisa terrível tinha ficado incrustada no futuro e, de alguma forma, foi ignorada e não acontecera. Tudo estava bem, não havia mais dor, o último detalhe de sua vida fora desnudado, compreendido e perdoado.

Com a certeza de ter ouvido a voz de O'Brien, ele se levantou da cama de tábuas. Durante todo o interrogatório, embora nunca o tivesse visto, teve a sensação de que O'Brien estava ao seu lado, na escuridão. Era O'Brien quem dirigia tudo. Foi ele quem mandou os guardas e também quem os impediu de matá-lo. Era ele quem decidia quando Winston deveria gritar de dor, quando deveria ter uma pausa, quando deveria ser alimentado, quando deveria dormir, quando as drogas deveriam ser injetadas em seu braço. Era ele quem fazia as perguntas e sugeria as respostas. Ele era o almoz, ele era o protetor, ele era o inquisidor, ele era o amigo. E uma vez — Winston não conseguia se lembrar se fora no sono sedado, no sono normal ou mesmo em um momento de vigília — uma voz murmurou em seu ouvido: “Não se

preocupe, Winston, você é meu protegido. Por sete anos, cuidei de você. Agora, é a hora da virada. Vou salvá-lo, vou torná-lo perfeito.” Ele não tinha certeza se era a voz de O’Brien, mas foi a mesma voz que lhe disse, naquele outro sonho, sete anos atrás: “Nós nos encontraremos em um lugar onde não haja escuridão”.

Ele não se lembrava quando foi o final de seu interrogatório. Houve um período de escuridão e então a cela, ou quarto, em que ele agora estava, aos poucos, materializou-se em torno dele. Ele estava deitado de costas e incapaz de se mover. Seu corpo estava preso em todos os pontos essenciais. Até sua nuca estava presa de alguma maneira. O’Brien olhava para ele com gravidade e bastante tristeza. Seu rosto, visto de baixo, parecia desgastado e cansado, com bolsas sob os olhos e linhas de expressão do nariz ao queixo. Ele era mais velho do que Winston pensava; ele tinha talvez quarenta e oito ou cinquenta anos. Em sua mão, havia um aparelho com uma alavanca no topo e, ao redor do mostrador, números.

— Eu disse a você — começou O’Brien — que se nos encontrássemos de novo, seria aqui.

— Sim — disse Winston.

Sem qualquer aviso, exceto um leve movimento da mão de O’Brien, uma onda de dor inundou seu corpo. Era uma dor assombrosa, porque ele não conseguia ver o que

estava acontecendo e tinha a sensação de que sofria algum ferimento mortal. Ele não sabia se aquilo realmente estava acontecendo ou se o efeito era produzido eletricamente, mas seu corpo se retorcia e suas juntas estavam sendo lentamente rasgadas. Embora a dor fizesse sua testa suar, o pior era o medo de que sua coluna estivesse a ponto de se partir. Ele cerrou os dentes e respirou fundo pelo nariz, tentando ficar em silêncio o máximo possível.

— Você está com medo — disse O'Brien, observando seu rosto — de que em algum momento algo vai se quebrar. Seu medo em especial é de que seja sua coluna. Você tem uma imagem mental vívida das vértebras se partindo e o fluido espinhal pingando delas. É isso o que você está pensando, não é, Winston?

Winston não respondeu. O'Brien soltou a alavanca do mostrador. A onda de dor diminuiu quase tão rapidamente quanto havia surgido.

— Foi a quarenta — disse O'Brien. — Os números neste mostrador chegam a cem. Por favor, lembre-se, enquanto conversamos, de que eu tenho o poder de infligir dor a qualquer momento e em qualquer grau que eu escolher. Se você disser alguma mentira, ou tentar prevaricar de alguma forma, ou mesmo reduzir seu grau normal de inteligência, você gritará de dor instantaneamente. Você entende isso?

— Sim — disse Winston.

Os modos de O'Brien tornaram-se menos severos. Ele ajustou os óculos pensativamente e deu um ou dois passos pela sala. Quando ele falava, sua voz era gentil e paciente. Ele tinha o ar de um médico, um professor, até mesmo de um padre, ansioso para explicar e persuadir em vez de punir.

— Estou tendo problemas com você, Winston — disse ele —, porque vale a pena ter problemas. Você sabe perfeitamente bem qual é o seu problema. Você sabe disso há anos, embora tenha lutado contra esse fato. Você está mentalmente perturbado. Você sofre de uma memória defeituosa. Você é incapaz de se lembrar de eventos reais e acha que se lembra de eventos que nunca aconteceram. Felizmente, é curável. Você nunca se curou disso porque não tomou a decisão. Há um pequeno exercício de vontade que você não está pronto para fazer. Mesmo agora, estou bem ciente de que você está se apegando à sua doença com a impressão de que é uma virtude. Agora, vamos dar um exemplo. Neste momento, contra qual potência a Oceânia está em guerra?

— Quando fui preso, a Oceânia estava em guerra com a Lestásia.

— Com a Lestásia. Bom. E a Oceânia sempre esteve em guerra com a Lestásia, não é?

Winston prendeu a respiração. Ele abriu a boca para falar, mas não falou. Ele não conseguia tirar os olhos do mostrador.

— A verdade, por favor, Winston. A SUA verdade. Diga-me o que você acha que se lembra.

— Eu me lembro de que, uma semana antes de ser preso, não estávamos em guerra com a Lestásia. Éramos seus aliados. A guerra era contra a Eurásia. Isso durou quatro anos. Antes disso...

O'Brien o deteve com um movimento da mão.

— Outro exemplo — disse ele. — Há alguns anos, você teve uma ilusão muito séria. Você acreditava que três homens, três ex-membros do Partido, chamados Jones, Aaronson e Rutherford, executados por traição e sabotagem depois da mais completa confissão... você acreditava que eles não eram culpados dos crimes dos quais foram acusados. Você acreditava ter visto evidências documentais que provavam que suas confissões foram falsas. Você teve uma alucinação sobre certa fotografia. Você acreditou que realmente a teve em mãos. Era uma fotografia mais ou menos assim.

Um pedaço de jornal retangular apareceu entre os dedos de O'Brien. Ficou dentro do campo de visão de Winston por cinco segundos. Era uma fotografia e não havia dúvida de sua identidade. Era a fotografia. Era outra cópia da fotografia de

Jones, Aaronson e Rutherford em Nova York, a serviço do Partido. A mesma que ele encontrou por acaso onze anos atrás e prontamente destruiu. Ela ficou diante de seus olhos por apenas um instante, e então novamente saiu de vista. Mas ele a tinha visto, sem dúvida ele a vira! Ele fez um esforço desesperado e agonizante para libertar a metade de cima do seu corpo. Era impossível se mover em qualquer direção. No momento, ele tinha até se esquecido do mostrador. Tudo o que ele queria era segurar a fotografia outra vez ou, pelo menos, revê-la.

— Ela existe! — ele chorou.

— Não — disse O'Brien.

Ele atravessou a sala. Havia um buraco da memória na parede oposta. O'Brien ergueu a grade. Sem ser visto, o frágil pedaço de papel girou na corrente de ar quente e se dissipou em chamas. O'Brien se afastou da parede.

— Cinzas — disse ele. — Nem mesmo cinzas identificáveis. Poeira. Isso não existe. Nunca existiu.

— Mas existia! Existe! Ele existe na memória. Eu me lembro. Você se lembra.

— Eu não me lembro — disse O'Brien.

O peito de Winston se apertou. Aquilo era doublethink. Ele teve uma sensação mortal de impotência. Mesmo se tivesse certeza de que O'Brien mentia, não faria diferença. Mas era perfeitamente possível que O'Brien realmente tivesse se

esquecido da fotografia. E, se assim fosse, ele já teria esquecido sua negação de se lembrar; e esquecido o ato de esquecer. Ninguém poderia dizer que aquilo era uma simples trapaça. Talvez aquele insano deslocamento da mente realmente pudesse acontecer: foi esse o pensamento que o derrotou.

O'Brien olhava para ele de maneira especulativa. Ele tinha, mais do que nunca, o ar de um professor que se empenha com uma criança rebelde, mas promissora.

— Há um slogan do partido sobre o controle do passado — disse ele. — Repita, por favor.

— Quem controla o passado, controla o futuro; quem controla o presente, controla o passado — repetiu Winston, obedientemente.

— Quem controla o presente, controla o passado — repetiu O'Brien, balançando a cabeça com lenta aprovação. — Você acha, Winston, que o passado tem uma existência real?

Mais uma vez, a sensação de impotência recaiu sobre Winston. Seus olhos voaram em direção ao mostrador. Além de não saber se o “sim” ou se o “não” o salvaria da dor, ele sequer sabia qual resposta acreditava ser verdadeira.

O'Brien sorriu levemente.

— Você não é um metafísico, Winston — disse ele. — Até este momento, você nunca havia considerado o que a palavra existência realmente significa. Vou colocar de forma

mais direta. O passado existe concretamente, no espaço? Existe um outro lugar, um mundo de objetos sólidos, em que o passado ainda está acontecendo?

— Não.

— Então, onde existe o passado, se é que existe?

— Nos registros. Está escrito.

— Nos registros. E...?

— Na mente. Nas memórias humanas.

— Na memória. Muito bem, então. Nós, o Partido, controlamos todos os registros e controlamos todas as memórias. Então controlamos o passado, certo?

— Mas como você pode impedir as pessoas de se lembrarem das coisas? — gritou Winston, esquecendo-se momentaneamente do botão. — É involuntário. Está além de nós mesmos. Como se pode controlar a memória? Você não controlou a minha!

Os modos de O'Brien tornaram-se severos novamente. Ele colocou a mão no aparelho.

— Pelo contrário — disse ele. — VOCÊ não a controlou. Foi isso que o trouxe aqui. Você está aqui porque sua humildade e autodisciplina falharam. Você não realizou o ato de submissão que é o preço da sanidade. Você preferiu ser um louco, uma minoria de um. Apenas a mente disciplinada pode ver a realidade, Winston. Você acredita que a realidade é algo

objetivo, externo, que existe por si só. Você também acredita que a natureza da realidade é evidente por si mesma. Quando você se ilude pensando que vê algo, você assume que todos os outros veem o mesmo que você. Mas aprenda, Winston, que a realidade não é externa. A realidade existe na mente humana e em nenhum outro lugar. Ela não existe na mente individual, que pode se equivocar e, em todo caso, é mortal. Ela só existe na mente do Partido, que é coletivo e imortal. O que quer que o Partido considere ser verdade, será verdade. É impossível ver a realidade, exceto quando se olha pelos olhos do Partido. Esse é o fato que você precisa reaprender, Winston. É necessário um ato de autodestruição, um esforço de vontade. Você precisa se humilhar antes de se tornar são.

Ele parou por alguns momentos, como se tivesse a intenção de esperar para ver se o que ele disse foi absorvido.

— Você se lembra — continuou ele — quando escreveu em seu diário: “Liberdade é poder dizer que dois mais dois são quatro”?

— Lembro — disse Winston.

O'Brien ergueu as costas de sua mão esquerda para Winston, com o polegar escondido e os outros quatro dedos estendidos.

— Quantos dedos estou segurando, Winston?

— Quatro.

— E se o Partido disser que não são quatro, mas cinco?
Então quantos são?

— Quatro.

A palavra terminou em um suspiro de dor. O ponteiro do mostrador disparou para cinquenta e cinco. O suor brotou por todo o corpo de Winston. O ar invadiu seus pulmões e saiu novamente em gemidos profundos que, mesmo com os dentes cerrados, ele não conseguia evitar. O'Brien o observava, seus quatro dedos ainda estendidos. Ele havia soltado a alavanca. A dor amenizou um pouco.

— Quantos dedos, Winston?

— Quatro.

A agulha subiu para sessenta.

— Quantos dedos, Winston?

— Quatro! Quatro! O que mais eu posso dizer? Quatro!

Talvez a agulha tivesse subido novamente, mas ele não olhou para ela. O rosto pesado e severo e os quatro dedos enchiam toda a sua visão. Os dedos se erguiam diante de seus olhos como pilares enormes e borrados, parecendo vibrar, mas inconfundivelmente continuavam sendo quatro.

— Quantos dedos, Winston?

— Quatro! Pare, pare! Como você pode continuar?
Quatro! Quatro!

— Quantos dedos, Winston?

— Cinco! Cinco! Cinco!

— Não, Winston, isso não é útil. Você está mentindo. Você ainda acha que são quatro. Quantos dedos, por favor?

— Quatro! Cinco! Quatro! Qualquer coisa que você queira. Só pare com isso, pare com a dor!

De repente, ele estava sentado com o braço de O'Brien em volta dos ombros. Talvez tivesse perdido a consciência por alguns segundos. As amarras que seguravam seu corpo estavam afrouxadas. Ele sentia muito frio, tremia incontavelmente, seus dentes batiam, as lágrimas rolavam pelo rosto. Por um momento, ele se agarrou a O'Brien como um bebê, estranhamente confortado pelo braço pesado em seus ombros. Ele tinha a sensação de que O'Brien era seu protetor, de que a dor era algo que vinha de fora, de alguma outra fonte, e que era O'Brien quem o salvaria dela.

— Você aprende devagar, Winston — disse O'Brien, gentilmente.

— Como posso evitar? — ele gaguejou. — Como posso evitar ver o que está diante de mim? Dois e dois são quatro.

— Às vezes, Winston. Às vezes, são cinco. Às vezes, são três. Às vezes, eles são todos de uma vez. Você deve se esforçar mais. Não é fácil se livrar da loucura.

Ele deitou Winston na cama. As amarras apertaram seus membros novamente, mas a dor havia diminuído e o tremor

havia parado, deixando-o apenas fraco e com frio. O'Brien acenou com a cabeça para o homem de jaleco branco, que permanecera imóvel durante todo o processo. O homem se abaixou e olhou atentamente nos olhos de Winston, sentiu seu pulso, encostou a orelha em seu peito, bateu aqui e ali e acenou com a cabeça para O'Brien.

— De novo — disse O'Brien.

A dor fluiu para o corpo de Winston. A agulha devia estar em setenta, setenta e cinco. Desta vez, ele fechou os olhos. Ele sabia que os dedos continuavam lá e que ainda eram quatro. Tudo o que importava era, de alguma forma, permanecer vivo até o espasmo passar. Ele tinha parado de perceber se gritava ou não. A dor diminuiu novamente. Ele abriu os olhos. O'Brien soltara a alavanca.

— Quantos dedos, Winston?

— Quatro. Acho que são quatro. Eu veria cinco, se pudesse. Estou tentando ver cinco.

— O que você deseja? Me persuadir de que você vê cinco ou que pode realmente vê-los?

— Realmente vê-los.

— De novo — disse O'Brien.

Talvez a agulha estivesse em oitenta, noventa. Winston não conseguia se concentrar, já que a dor se sobrepunha a tudo. Atrás de suas pálpebras contraídas, uma floresta de

dedos parecia se mover em uma espécie de dança, entrelaçando-se e se soltando, desaparecendo um atrás do outro e reaparecendo. Ele tentava contá-los, mas não conseguia se lembrar por quê. Ele sabia apenas que era impossível contá-los e que, de alguma forma, aquilo se devia à misteriosa semelhança entre cinco e quatro. A dor diminuiu outra vez. Quando ele abriu os olhos, descobriu que ainda via a mesma cena mental. Inúmeros dedos, como árvores em movimento, ainda corriam em todas as direções, cruzando-se e descruzando-se. Ele fechou os olhos novamente.

— Quantos dedos estou segurando, Winston?

— Eu não sei. Eu não sei. Você vai me matar se fizer isso de novo. Quatro, cinco, seis... com toda a franqueza, não sei.

— Melhor — disse O'Brien.

Uma agulha deslizou para dentro do braço de Winston. Quase no mesmo instante, um calor feliz e curativo se espalhou por todo o seu corpo. A dor ficou em segundo plano. Ele abriu os olhos e olhou agradecido para O'Brien. Ao ver o rosto pesado e enrugado, tão feio e tão inteligente, seu coração deu um salto. Se ele pudesse se mover, teria estendido a mão e a pousado no braço de O'Brien. Ele nunca o amara tão profundamente quanto agora, e não apenas porque ele havia parado a dor. Tinha retornado a velha sensação de que, no fundo, não importava se O'Brien era um amigo ou

um inimigo. O'Brien era uma pessoa com quem se podia conversar. Talvez ele não preferisse ser amado, mas sim compreendido. O'Brien o havia torturado até a beira da loucura e, em pouco tempo, era certo, ele o mandaria para a morte. Não fazia diferença. Em certo sentido, aquilo era mais profundo do que mera amizade, eles eram íntimos: em algum outro lugar, embora as palavras reais nunca pudessem ser ditas, eles poderiam se encontrar e conversar. O'Brien olhava para ele com uma expressão que sugeria que o mesmo pensamento habitava sua mente. Quando ele falou, foi em um tom calmo e coloquial.

— Você sabe onde está, Winston? — ele disse.

— Não sei. Desconfio. No Ministério do Amor.

— Você sabe há quanto tempo está aqui?

— Não sei. Dias, semanas, meses? Acho que são meses.

— E por que você acha que trazemos as pessoas para este lugar?

— Para que confessem.

— Não, não é por isso. Tente novamente.

— Castigo.

— Não! — exclamou O'Brien. Sua voz mudara extraordinariamente e seu rosto de repente se tornara severo e expressivo. — Não! Não apenas para extrair sua confissão, não para castigar. Vou ter de dizer por que trouxemos você

aqui? Para te curar! Para que fique são! Você entenderá, Winston, que ninguém que trazemos para este lugar sai de nossas mãos sem estar curado. Não estamos interessados nesses crimes estúpidos que você cometeu. O Partido não está interessado no ato em si: o pensamento é só o que nos preocupa. Nós não apenas destruímos nossos inimigos, nós os mudamos. Você entende o que eu quero dizer com isso?

Ele estava curvado sobre Winston. Seu rosto parecia enorme devido à proximidade e terrivelmente feio porque era visto de baixo. Além disso, ele apresentava uma espécie de exaltação, uma intensidade lunática. Mais uma vez, o coração de Winston se encolheu. Se fosse possível, ele teria se encolhido ainda mais na cama. Ele tinha certeza de que O'Brien estava prestes a girar o botão por pura maldade. Nesse momento, porém, O'Brien se virou. Ele deu alguns passos e, em seguida, continuou com menos veemência:

—A primeira coisa que você deve entender é que, neste lugar, não há mártires. Você leu sobre as perseguições religiosas do passado. Na Idade Média, houve a Inquisição. Foi um fracasso. O objetivo era erradicar a heresia e acabou por perpetuá-la. Para cada herege queimado na fogueira, milhares de outros se levantaram. Por quê? Porque a Inquisição matou seus inimigos abertamente e os matou enquanto eles ainda não tinham se arrependido. Na verdade, ela os matava, porque

eles não se arrependiam. Os homens morriam, porque não abandonavam suas verdadeiras crenças. Naturalmente, toda a glória pertencia à vítima e toda a vergonha ao Inquisidor que a queimou. Mais tarde, no século 20, surgiram os totalitaristas, como eram chamados. Havia os nazistas alemães e os stalinistas soviéticos. Os russos perseguiram a heresia com mais crueldade do que a Inquisição. Eles achavam que haviam aprendido com os erros do passado; sabiam, a seu modo, que não se deve criar mártires. Antes de exporem suas vítimas a julgamento público, eles deliberadamente se comprometiam a destruir sua dignidade. Eles as exauriam com a tortura e a solidão até que se tornassem desprezíveis, miseráveis insignificantes, confessando o que quer que fosse colocado em suas bocas, cobrindo-se de vergonha, acusando-se e protegendo uns aos outros, implorando por misericórdia. E, no entanto, depois de apenas alguns anos, tudo se repetia. Os mortos se tornaram mártires e sua degradação era esquecida. Mais uma vez, por quê? Em primeiro lugar, porque as confissões eram obviamente extorquidas e falsas. Nós não cometemos erros assim. Todas as confissões aqui são verdadeiras. Nós as tornamos verdadeiras. E, acima de tudo, não permitimos que os mortos se levantem contra nós. Você precisa parar de imaginar que a posteridade o justificará, Winston. A posteridade nunca vai ouvir falar de você. Você

será retirado do fluxo da história. Vamos transformá-lo em gás e colocá-lo na estratosfera. Nada restará de você, nem um nome em um arquivo, nem uma memória em um cérebro vivo. Você será aniquilado do passado e também do futuro. Você nunca terá existido.

Por que se preocupar em me torturar, então? pensou Winston, com uma amargura momentânea. O'Brien parou de andar como se Winston tivesse expressado seu pensamento em voz alta. Seu rosto grande e feio se aproximou, com os olhos um pouco estreitados.

— Você está pensando — disse ele — que, se pretendemos destruí-lo totalmente, para que nada do que você faça ou diga tenha a menor diferença... que, nesse caso, por que nos damos ao trabalho de interrogá-lo primeiro? Era isso que você estava pensando, não é?

— Sim — disse Winston.

O'Brien sorriu ligeiramente.

— Você é uma falha no padrão, Winston. Você é uma mancha que deve ser limpada. Eu disse há pouco que somos diferentes dos perseguidores do passado. Não nos contentamos com a obediência negativa, nem mesmo com a mais abjeta submissão. Quando você finalmente se render a nós, deve ser por sua própria vontade. Não destruimos o herege porque ele resiste a nós: enquanto ele resistir, nós nunca

o teremos destruído. Nós o convertemos, capturamos sua mente interior: nós o remodelamos. Nós queimamos todo o mal e toda a ilusão, trazendo-o para o nosso lado, não de forma superficial, mas genuinamente, de coração e alma. Nós o tornamos um de nós antes de matá-lo. É intolerável para nós que um pensamento errôneo exista em qualquer parte do mundo, por mais secreto e impotente que seja. Mesmo no instante da morte, não podemos nos permitir qualquer desvio. Antigamente, o herege ia para a fogueira ainda como um herege, proclamando sua heresia, exultando-se com ela. Até mesmo a vítima dos expurgos russos poderia carregar a revolta presa em seu crânio enquanto caminhava pelo corredor em direção à uma bala. Mas nós tornamos o cérebro perfeito antes de explodi-lo. A ordem dos antigos despotismos era “Não farás”. A ordem dos totalitários era “Tu deves”. O nosso comando é “TU ÉS”. Ninguém que trouxemos a este lugar jamais se manifestará contra nós. Todos são lavados e limpos. Mesmo aqueles três miseráveis traidores em cuja inocência você acreditou — Jones, Aaronson e Rutherford —, no final, nós os derrotamos. Eu mesmo participei do interrogatório. Eu os vi gradualmente esgotados, choramingando, rastejando, chorando. E, no final, não se tratava de dor ou de medo, mas apenas de penitência. Quando acabamos com eles, eram apenas cascas de homens. Não havia mais nada neles, exceto

tristeza pelo que haviam feito e amor pelo Big Brother. Foi comovente ver como eles o amavam. Eles imploraram para serem fuzilados rapidamente, para que pudessem morrer enquanto suas mentes ainda estavam limpas.

Sua voz tinha ficado quase sonhadora. A exaltação e o entusiasmo lunático ainda estavam em seu rosto. “Ele não está fingindo”, pensou Winston, “não é um hipócrita. Ele acredita em cada palavra do que diz.” O que mais o oprimia era a consciência de sua própria inferioridade intelectual. Ele observou a forma pesada, mas graciosa, andar de um lado para o outro, dentro e fora do alcance de sua visão. O’Brien era um ser maior que ele em todos os sentidos. Não existia nem sequer uma ideia que algum dia ele tivera, ou pudesse ter, que O’Brien já não conhecesse, examinado e rejeitado há muito tempo. Sua mente CONTINHA a mente de Winston. Mas, nesse caso, como poderia ser verdade que O’Brien estivesse louco? O louco devia ser ele, Winston. O’Brien parou e o olhou de volta. Sua voz voltou a ficar severa.

— Não imagine que você vai se salvar, Winston, por mais que se entregue a nós completamente. Ninguém que uma vez se extraviou é poupado. E mesmo que optássemos por deixá-lo viver o tempo natural de sua vida, você nunca escaparia de nós. O que acontece com você aqui é para sempre. Entenda isso com antecedência. Vamos esmagá-lo até

um ponto em que não haverá mais volta. Coisas acontecerão com você, das quais você não poderia se recuperar mesmo que vivesse mil anos. Nunca mais você será capaz de sentir sentimentos humanos comuns. Tudo estará morto dentro de você. Nunca mais você será capaz de sentir amor, amizade, alegria, curiosidade, coragem ou integridade. Você ficará vazio. Vamos espremê-lo e esvaziá-lo e depois enchê-lo de nós mesmos.

Ele fez uma pausa e sinalizou para o homem de jaleco branco. Winston percebeu que um aparelho pesado era posicionado atrás de sua cabeça. O'Brien sentou-se ao lado da cama, de modo que seu rosto ficou quase na mesma altura de Winston.

— Três mil — disse ele, falando por cima da cabeça de Winston para o homem de jaleco branco.

Duas almofadas macias, ligeiramente úmidas, grudaram nas têmporas de Winston. Ele tremeu. A dor estava chegando, um novo tipo de dor. O'Brien pousou uma das mãos na de Winston de modo tranquilizador, quase gentil.

— Desta vez, não vai doer — disse ele. — Mantenha os olhos fixos nos meus.

Nesse momento, houve uma explosão devastadora, ou o que pareceu ser uma explosão, embora não tivesse certeza se ouvia algum ruído. Houve, sem dúvida, um clarão de

luz cegante. Winston não sentiu dor, apenas se manteve prostrado. Embora já estivesse deitado de costas, ele teve a curiosa sensação de que havia sido jogado naquela posição. Um golpe terrível e indolor o esmagou. Além disso, algo havia acontecido dentro de sua cabeça. Quando seus olhos recuperaram o foco, ele se lembrou de quem era e de onde estava, bem como reconheceu o rosto que fitava o seu. No entanto, em algum lugar, havia um grande vazio, como se um pedaço de seu cérebro tivesse sido retirado.

— Não vai demorar — disse O'Brien. — Olhe nos meus olhos. Contra quem a Oceânia está em guerra?

Winston pensou. Ele sabia o que significava Oceânia e que ele próprio era um cidadão da Oceânia. Ele também se lembrou da Eurásia e da Lestásia, mas quem estava em guerra com quem ele não saberia dizer. Na verdade, ele nem sabia que havia uma guerra.

— Não me lembro.

— A Oceânia está em guerra com a Lestásia. Você se lembra disso agora?

— Sim.

— A Oceânia sempre esteve em guerra com a Lestásia. Desde o início da sua vida, desde o início do Partido, desde o início da História, a guerra continuou sem interrupção, sempre a mesma guerra. Está lembrado?

— Sim.

— Onze anos atrás, você criou uma lenda sobre três homens que foram condenados à morte por traição. Você fingiu que viu o pedaço de papel que provava que eles eram inocentes. Nunca existiu esse pedaço de papel. Você o inventou e, mais tarde, passou a acreditar nele. Você se lembra agora do momento em que o inventou. Está lembrado?

— Sim.

— Agora mesmo, mostrei os dedos da minha mão para você. Você viu cinco dedos. Está lembrado?

— Sim.

O'Brien ergueu os dedos da mão esquerda, com o polegar escondido.

— Tem cinco dedos aqui. Você vê cinco dedos?

— Vejo.

E ele os viu, por um breve instante, antes que o cenário de sua mente mudasse. Ele viu cinco dedos e não havia deformidade. Assim, tudo voltou ao normal; e o antigo medo, o ódio e a perplexidade voltaram a se aglomerar. Mas houve um momento — ele não saberia dizer por quanto tempo, trinta segundos, talvez — de certeza luminosa, em que cada nova sugestão de O'Brien preenchia um pedaço daquele vazio e se tornava verdade absoluta. Dois e dois poderiam ser três tão facilmente como cinco, se fosse necessário. A sensação

desapareceu antes mesmo que O'Brien abaixasse a mão; ainda que ele não pudesse recapturá-la, ele podia se lembrar dessa sensação da mesma forma que alguém se lembra de uma experiência vívida de algum período da própria vida, embora, na verdade, quando ela aconteceu, fosse com uma pessoa diferente.

— Agora você vê — disse O'Brien — como isso é possível.

— Vejo — disse Winston.

O'Brien levantou-se com um ar de satisfação. À sua esquerda, Winston viu o homem de jaleco branco quebrar uma ampola e puxar o êmbolo de uma seringa. O'Brien se voltou para Winston com um sorriso. Quase em seu velho estilo, ele ajustou os óculos no nariz.

— Você se lembra de ter escrito em seu diário que não importava se eu fosse amigo ou inimigo, que eu pelo menos era uma pessoa que o entendia e com quem podia conversar? Você estava certo. Eu gosto de conversar com você. Sua mente me atrai. É parecida com a minha, exceto que você acabou enlouquecendo. Antes de encerrarmos a sessão, você pode me fazer algumas perguntas, se quiser.

— Qualquer pergunta que eu quiser?

— Qualquer coisa — ele viu que os olhos de Winston estavam no mostrador. — Está desligado. Qual é a primeira pergunta?

— O que aconteceu com Julia? — quis saber Winston.
O'Brien sorriu.

— Ela traiu você, Winston. Imediatamente e sem pensar duas vezes. Raramente vi alguém vir até nós tão prontamente. Você mal a reconheceria se a visse. Toda sua rebeldia, sua verve, seu sarcasmo, sua mente suja: tudo foi expurgado dela. Foi uma conversão perfeita, um caso clássico.

— Você a torturou?

O'Brien não respondeu.

— Próxima pergunta — ele disse.

— O Big Brother existe?

— Claro que existe. O Partido existe. O Big Brother é a personificação do Partido.

— Ele existe da mesma maneira que eu existo?

— Você não existe — disse O'Brien.

Mais uma vez, a sensação de impotência o tomou. Ele conhecia, ou podia imaginar, os argumentos que provavam sua inexistência, mas eram um absurdo, não passavam de um mero jogo de palavras. A afirmação "Você não existe" não continha um absurdo lógico? Mas de que adiantaria dizer isso? Sua mente sucumbia ao pensar nos argumentos loucos e irresponsáveis com os quais O'Brien o destruiria.

— Acho que eu existo — disse ele, cansado. — Estou consciente da minha própria identidade. Eu nasci e vou

morrer. Eu tenho braços e pernas. Eu ocupo um lugar no espaço. Nenhum outro objeto pode ocupar o mesmo ponto simultaneamente. Nesse sentido, o Big Brother existe?

— Isso não tem importância. Ele existe.

— E será que um dia ele morrerá?

— Claro que não. Como ele poderia morrer? Próxima questão.

— A Irmandade existe?

— Isso, Winston, você nunca saberá. Se escolhermos libertá-lo quando terminarmos com você, e se você viver até os noventa anos, ainda assim você nunca saberá se a resposta a essa pergunta é sim ou não. Enquanto você viver, será uma questão sem solução, um enigma em sua mente.

Winston ficou em silêncio. Seu peito subia e descia um pouco mais rápido. Ele ainda não havia feito a primeira pergunta que lhe veio à mente. Ele tinha de perguntar, mas era como se sua língua não quisesse pronunciar as palavras. Havia um traço de diversão no rosto de O'Brien. Até seus óculos pareciam ter um brilho irônico. Ele sabe, pensou Winston de repente, ele sabe o que eu vou perguntar! Com esse pensamento, as palavras explodiram de sua boca:

— O que tem na sala 101?

A expressão no rosto de O'Brien não mudou. Ele respondeu secamente:

— Você sabe o que há na sala 101, Winston. Todo mundo sabe o que há na sala 101.

Ele ergueu um dedo para o homem de jaleco branco. Evidentemente, a sessão estava encerrada. Uma agulha foi introduzida no braço de Winston. Ele mergulhou quase instantaneamente em um sono profundo.

A sua reintegração tem três fases — disse O'Brien. — Aprendizagem, compreensão e aceitação. Agora, você vai entrar no segundo estágio.

Como sempre, Winston estava deitado de costas. Mas ultimamente as suas amarras estavam mais frouxas. Elas ainda o prendiam à cama, mas ele conseguia mexer os joelhos, virar a cabeça para os lados e levantar os braços abaixo do cotovelo. O mostrador, também, havia se tornado menos assustador. Ele conseguiria evitar as dores se fosse suficientemente perspicaz: era, principalmente, quando ele demonstrava estupidez que O'Brien acionava a alavanca. Às vezes, eles conseguiam passar por uma sessão inteira sem o uso da alavanca. Ele não conseguia se lembrar de quantas sessões já tinham sido. Todo o processo parecia se estender por um longo tempo — semanas, possivelmente — e os intervalos entre as sessões às vezes podiam ser de dias ou de apenas uma ou duas horas.

— Enquanto você esteve deitado aí — começou O'Brien —, você se perguntou... você chegou até a me perguntar por

que o Ministério do Amor gastaria tanto tempo e esforço com alguém como você. Enquanto você esteve livre, você se intrigou com o que era, essencialmente, a mesma pergunta. Você podia compreender a mecânica da sociedade em que vivia, mas não seus motivos subjacentes. Você se lembra de ter escrito em seu diário, “Eu sei COMO. Eu não sei POR QUÊ”? Foi quando você pensou no “porquê” que duvidou de sua própria sanidade. Você leu O LIVRO, o livro de Goldstein, ou partes dele pelo menos. Ele disse algo que você ainda não sabia?

— Você leu? — quis saber Winston.

— Eu o escrevi, por assim dizer. Eu colaborei na redação. Nenhum livro é produzido individualmente, como você sabe.

— É verdade o que ele diz?

— Como descrição, sim. Mas o roteiro que ele apresenta é absurdo. A acumulação secreta de conhecimento; ou uma difusão gradual do esclarecimento; e, em última análise, uma rebelião proletária e a derrubada do Partido... Você mesmo previu que seria isso o que ele diria. É tudo um absurdo. Os proletários nunca se revoltarão, nem em mil anos, nem em um milhão. Eles não podem. Não preciso lhe dizer o motivo: você já sabe. Se você já acalentou algum sonho de insurreição violenta, desista. Não há como derrubar o Partido. O governo do Partido é para sempre. Faça disso o ponto de partida de seus pensamentos.

Ele se aproximou da cama.

—Para sempre! — ele repetiu. — E agora: vamos voltar à questão de “como” e “por quê”. Você entende muito bem COMO o Partido se mantém no poder. Agora me diga POR QUE nos apegamos ao poder. Qual é o nosso motivo? Por que devemos querer o poder? Vamos lá, fale — ele acrescentou, já que Winston permanecia em silêncio.

Mesmo assim, Winston não falou mais do que um ou dois minutos. Uma sensação de cansaço o dominou. O brilho fraco de entusiasmo lunático voltou ao rosto de O'Brien. Ele sabia de antemão o que O'Brien diria. Que o Partido não buscava o poder para seus próprios fins, mas apenas para o bem da maioria. Que buscava o poder, porque a massa era formada por criaturas frágeis e covardes, as quais não podiam suportar a liberdade ou enfrentar a verdade; e porque deviam ser governadas e sistematicamente enganadas por outros mais fortes do que elas. Que a escolha para a humanidade estava entre a liberdade e a felicidade, e, na grande maioria da humanidade, a felicidade era melhor. Que o partido era o guardião eterno dos fracos, uma seita dedicada a fazer o mal para que o bem surgisse, sacrificando sua própria felicidade pela dos outros. O terrível, pensou Winston, o terrível é que, quando O'Brien dissesse isso, ele acreditaria. Seu próprio rosto dizia isso. O'Brien sabia de tudo. Mil vezes melhor

do que Winston, ele sabia como o mundo era na realidade, como era a degradação em que a massa dos seres humanos vivia e com quais mentiras e abusos o Partido mantinha a todos nessa posição. Ele tinha entendido tudo, pesado tudo e não fazia diferença: tudo era justificado pelo propósito final. O que se pode fazer, pensou Winston, contra o louco que é mais inteligente do que você? O que se pode fazer contra aquele que dá um julgamento justo aos seus argumentos e então simplesmente persiste em sua loucura?

— Vocês nos governam para o nosso próprio bem — disse ele, debilmente. — Vocês acreditam que os seres humanos não são adequados para governarem a si próprios, e, portanto...

Ele estava quase gritando. Uma pontada de dor percorreu seu corpo. O'Brien havia elevado a alavanca até o trinta e cinco.

— Isso foi estúpido, Winston. Estúpido! — ele disse. — Você sabe que não se deve dizer uma coisa dessas.

Ele soltou a alavanca e continuou:

— Agora, darei a você a resposta à minha pergunta. Ouça. O Partido busca o poder inteiramente para o seu próprio bem. Não estamos interessados no bem dos outros; estamos interessados apenas no poder. Não riqueza ou luxo; vida longa ou felicidade: apenas poder, puro e simples. O

significado do puro poder, você entenderá agora. Somos diferentes de todas as oligarquias do passado porque sabemos o que estamos fazendo. Todos os outros, mesmo aqueles que se pareciam conosco, eram covardes e hipócritas. Os nazistas alemães e os stalinistas soviéticos chegaram muito perto de nós com seus métodos, mas nunca tiveram coragem suficiente para reconhecer seus próprios motivos. Eles fingiam, talvez até acreditassem, que haviam assumido o poder contra a própria vontade e por um tempo limitado, e que logo depois da curva havia um paraíso em que os seres humanos seriam livres e iguais. Nós não somos assim. Sabemos que ninguém jamais toma o poder com a intenção de abandoná-lo. O poder não é um meio, é um fim. Não se estabelece uma ditadura para salvaguardar uma revolução; faz-se a revolução para estabelecer a ditadura. O objeto da perseguição é a perseguição. O objeto de tortura é tortura. O objeto do poder é o poder. Agora você começa a me entender?

Winston ficou impressionado, como já havia acontecido antes, pelo cansaço no rosto de O'Brien. Ele era forte, robusto e brutal, cheio de inteligência e de uma espécie de paixão controlada diante da qual Winston se sentia desamparado. Mas O'Brien estava cansado. Havia bolsas sob seus olhos, a pele das faces estava flácida. O'Brien inclinou-se sobre ele, aproximando seu rosto arruinado deliberadamente.

— Você está pensando — disse ele — que meu rosto está velho e cansado. Você está pensando que eu falo de poder, mas que não sou capaz nem mesmo de evitar a deterioração do meu próprio corpo. Você não consegue entender, Winston, que o indivíduo é apenas uma célula? O cansaço da célula é o vigor do organismo. Você morre quando corta suas unhas?

Ele se afastou da cama e voltou a andar em círculos, com uma das mãos no bolso.

— Somos os sacerdotes do poder — disse ele. — Deus é o poder. Mas, no momento, poder é apenas uma palavra para você. É hora de você ter alguma ideia do que significa poder. A primeira coisa que você deve entender é que o poder é coletivo. O indivíduo só tem poder na medida em que deixa de ser um indivíduo. Você conhece o slogan do Partido: “Liberdade é escravidão”. Já lhe ocorreu que é reversível? A escravidão é liberdade. Sozinho — livre — o ser humano está sempre derrotado. Deve ser assim, porque todo ser humano está condenado à morte, o que é o maior de todos os fracassos. Mas se ele puder se submeter completamente, se ele puder escapar de sua identidade, se ele puder se fundir ao Partido para que ele SEJA o Partido, dessa forma, ele será o todo-poderoso e imortal. A segunda coisa que você precisa entender é que poder significa “poder sobre outros seres humanos”. Sobre o corpo, mas, acima de tudo, sobre a

mente. O poder sobre a matéria — a realidade externa, como você a chamaria — não é importante. Nosso controle sobre a matéria já é absoluto.

Por um momento, Winston ignorou o mostrador. Ele fez um violento esforço para se sentar, mas apenas conseguiu torcer seu corpo dolorosamente.

— Mas como você pode controlar a matéria? — Ele disparou. — Você nem mesmo controla o clima ou a lei da gravidade. E há doença, dor, morte...

O'Brien o silenciou com um movimento da mão.

— Nós controlamos a matéria, porque controlamos a mente. A realidade está dentro do crânio. Com o tempo, você aprenderá, Winston. Não há nada que não possamos fazer. Invisibilidade, levitação, qualquer coisa. Eu poderia flutuar nesse chão como uma bolha de sabão se eu quisesse. Não desejo, porque o Partido não o deseja. Você deve se livrar dessas ideias do século 19 sobre as leis da Natureza. Nós fazemos as leis da Natureza.

— Mas não fazem! Vocês nem mesmo dominam este planeta. E a Eurásia e a Lestásia? Vocês ainda não as conquistaram.

— Desimportante. Devemos conquistá-las quando nos for conveniente. E se não conquistarmos, que diferença faz? Podemos excluí-las da existência. A Oceânia é o mundo.

— Mas o próprio mundo é apenas uma partícula de poeira. E o homem é minúsculo e indefeso! Há quanto tempo eu existo? A Terra esteve desabitada por milhões de anos.

— Absurdo. A Terra tem a nossa idade, ela não é mais velha. Como poderia ser mais antiga? Nada existe, exceto na consciência humana.

— Mas as rochas estão cheias de ossos de animais extintos, mamutes, mastodontes e répteis enormes que viveram aqui muito antes de se falar no homem.

— Você já viu esses ossos, Winston? Claro que não. Os biólogos do século 19 os inventaram. Antes do homem não havia nada. Depois do homem, se ele puder chegar ao fim, não haverá nada. Não há nada além do homem.

— Mas todo o universo está fora de nós. Olhe para as estrelas! Algumas estão a milhões de anos-luz de distância. Elas estão fora do nosso alcance para sempre.

— O que são as estrelas? — perguntou O'Brien, com indiferença. — São pedaços de fogo a alguns quilômetros de distância. Poderíamos alcançá-las se quiséssemos. Ou poderíamos apagá-las. A Terra é o centro do universo. O sol e as estrelas giram em torno de nós.

Winston fez outro movimento convulsivo. Desta vez, ele não disse nada. O'Brien continuou, como se respondesse a uma objeção verbal:

— Para certos propósitos, é claro, isso não é verdade. Quando navegamos no oceano, ou quando prevemos um eclipse, muitas vezes, achamos conveniente presumir que a Terra gira em torno do Sol e que as estrelas estão a milhões e milhões de quilômetros de distância. Mas e daí? Você acha que está além de nós produzir um sistema astronômico duplo? As estrelas podem estar próximas ou distantes, conforme a nossa necessidade. Você acha que nossos matemáticos não seriam capazes disso? Você se esqueceu do doublethink?

Winston se encolheu novamente na cama. O que quer que ele dissesse, a resposta direta o esmagava como um cassetete. E, no entanto, ele sabia, ele SABIA, que estava certo. A crença de que nada existe fora de sua própria mente... certamente deveria haver uma maneira de demonstrar que aquilo era falso. Já não havia sido revelado de que aquilo era uma falácia há muito tempo? Havia até um nome para isso, que talvez ele tivesse esquecido. Um leve sorriso contraiu os cantos da boca de O'Brien quando ele olhou Winston de cima e o encarou.

— Eu te avisei, Winston — disse ele —, que a metafísica não é o seu ponto forte. A palavra que você está tentando lembrar é solipsismo. Mas você está enganado. Não se trata de solipsismo. Solipsismo coletivo, talvez. Mas isso é outra coisa: na verdade, o oposto. Tudo isso é uma digressão — ele

acrescentou, num tom diferente. — O poder real, o poder pelo qual temos de lutar noite e dia, não é o poder sobre as coisas, mas sobre as pessoas.

Ele fez uma pausa e, por um momento, assumiu novamente o ar de um professor testando um aluno promissor:

— Como um homem afirma seu poder sobre outro, Winston?

Winston pensou.

— Fazendo-o sofrer — respondeu.

— Exatamente. Fazendo-o sofrer. Obediência não é o suficiente. A menos que ele esteja sofrendo. Como se pode ter certeza de que ele está obedecendo a sua vontade e não a dele? O poder está em infligir dor e humilhação. O poder está em despedaçar as mentes humanas e colocá-las juntas novamente em diferentes formas a sua própria escolha. Está começando a ver, então, que tipo de mundo estamos criando? É exatamente o oposto das utopias hedonistas estúpidas que os antigos reformadores imaginavam. Um mundo de medo, traição e tormento, um mundo que pisoteia e é pisoteado, um mundo que se tornará não menos, mas MAIS impiedoso à medida em que se refina. O progresso em nosso mundo será um progresso em direção a mais dor. As antigas civilizações afirmavam se basear no amor ou na justiça. A nossa é baseada no ódio. Em nosso mundo, não haverá emoções, exceto

medo, raiva, triunfo e humilhação de si mesmo. Devemos destruir todo o resto, tudo. Já estamos esfacelando os hábitos de pensamento que sobreviveram de antes da Revolução. Cortamos os laços entre pais e filhos; entre homem e homem; e entre homem e mulher. Ninguém mais ousa confiar numa esposa, num filho ou num amigo. Mas, no futuro, não haverá esposas e amigos. As crianças serão tiradas de suas mães ao nascer, como se tira ovos de uma galinha. O instinto sexual será erradicado. A procriação será uma formalidade anual, como a renovação de um cartão de racionamento. O orgasmo será abolido. Nossos neurologistas já estão trabalhando nisso. Não haverá lealdade, exceto a lealdade para com o Partido. Não haverá amor, exceto o amor ao Big Brother. Não haverá risos, exceto o riso de triunfo sobre um inimigo derrotado. Não haverá arte, nem literatura, nem ciência. Quando formos onipotentes, não precisaremos mais da ciência. Não haverá distinção entre o belo e o feio. Não haverá curiosidade, nem prazer no processo da vida. Todos os prazeres concorrentes serão destruídos. Mas sempre — não se esqueça disso, Winston —, sempre haverá a embriaguez do poder, constantemente aumentando, de forma cada vez mais sutil. Sempre, a cada momento, haverá a emoção da vitória, a sensação de pisar em um inimigo indefeso. Se você quer uma imagem do futuro, imagine uma bota amassando um rosto humano. Para sempre.

Ele fez uma pausa como se esperasse Winston falar. Winston tentou se encolher ainda mais sobre a cama. Ele não conseguia dizer nada. Seu coração parecia ter se congelado. O'Brien continuou:

— E lembre-se de que isso é para sempre. O rosto sempre estará lá, deformado. O herege, o inimigo da sociedade, estará sempre presente, para que seja derrotado e humilhado novamente. Tudo o que você passou desde que está em nossas mãos — tudo isso vai continuar e vai piorar. A espionagem, as traições, as prisões, as torturas, as execuções, os desaparecimentos nunca cessarão. Será tanto um mundo de terror quanto um mundo de triunfo. Quanto mais poderoso for o Partido, menos tolerante; quanto mais fraca a oposição, mais rígido será o despotismo. Goldstein e suas heresias viverão para sempre. Todos os dias, a cada momento, eles serão derrotados, desacreditados, ridicularizados, cuspidos e, no entanto, sempre sobreviverão. Esse drama que encenei com você durante sete anos será representado indefinidamente, geração após geração, sempre em formas mais sutis. Sempre teremos o herege aqui à nossa mercê, gritando de dor, despeçado, desprezível — e, no final, totalmente penitente, salvo de si mesmo, rastejando aos nossos pés por conta própria. Esse é o mundo que estamos preparando, Winston. Um mundo de vitória após vitória, triunfo após triunfo, após triunfo: uma

pressão infinita, pressionando sem parar o nervo do poder. Você está começando a perceber, já posso ver, como será esse mundo. Mas, no final, você fará mais do que entendê-lo. Você vai aceitar, dar boas-vindas a ele, tornar-se parte dele.

Winston havia se recuperado o suficiente para falar.

— Você não pode! — ele disse, de maneira débil.

— O que quer dizer com essa observação, Winston?

— Você não pode criar esse mundo que acabou de descrever. É um sonho. É impossível.

— Por quê?

— É impossível fundar uma civilização no medo, no ódio e na crueldade. Isso nunca iria durar.

— Por que não?

— Não teria vitalidade. Ela iria se desintegrar. Ela cometeria suicídio.

— Absurdo. Você tem a impressão de que o ódio é mais estressante do que o amor. Por que deveria ser? E se fosse, que diferença faria? Suponha que optemos por nos desgastar mais rapidamente. Suponha que aceleremos o ritmo da vida humana até que os homens fiquem senis aos trinta. Ainda assim, que diferença isso faria? Você não consegue entender que a morte de um indivíduo não é morte? O Partido é imortal.

Como de costume, a voz deixou Winston impotente. Além disso, ele temia que, se persistisse, O'Brien voltaria

a usar a alavanca. E, ainda assim, ele não conseguia ficar em silêncio. Debilmente, sem argumentos, sem nada para apoiá-lo, exceto seu horror inarticulado pelo que O'Brien dizia, ele voltou ao ataque:

— Eu não sei, eu não me importo. De alguma forma, você falhará. Algo irá derrotá-lo. A vida vai derrotar você.

— Nós controlamos a vida, Winston, em todos os seus níveis. Você está imaginando que existe algo chamado de natureza humana, cuja indignação futura com o que fazemos se voltará contra nós. Mas nós criamos a natureza humana. Os homens são infinitamente maleáveis. Ou talvez você tenha voltado à sua velha ideia de que os proles ou os escravos vão se levantar e nos derrubar. Tire isso da cabeça. Eles são indefesos como os animais. A humanidade é o Partido. Os outros estão do lado de fora. São irrelevantes.

— Eu não me importo. No final, eles vão derrotar vocês. Mais cedo ou mais tarde, eles verão a verdade de vocês e os farão em pedaços.

— Você vê alguma evidência de que isso está acontecendo? Ou alguma razão para que deveria acontecer?

— Não. Eu acredito nisso. EU SEI que vocês vão falhar. Há algo no universo, não sei, algum espírito, algum princípio, que vocês nunca vão superar.

— Você acredita em Deus, Winston?

— Não.

— Então, o que seria esse princípio que nos derrotará?

— Eu não sei. O espírito do Homem.

— E você se considera um homem?

— Me considero.

— Se você é um homem, Winston, você é o último homem. Sua espécie está extinta. Nós somos os herdeiros. Você entende que está SOZINHO? Você está fora da história, você não existe. — Sua atitude mudou e ele disse com aspereza: — E você se considera moralmente superior a nós, com nossas mentiras e nossa crueldade?

— Sim, eu me considero.

O'Brien não falou. Duas outras vozes falavam. Depois de um momento, Winston reconheceu que uma delas era a sua. Era uma gravação da conversa que tivera com O'Brien na noite de seu ingresso na Irmandade. Ele se ouviu prometendo mentir, roubar, forjar, assassinar, encorajar o uso de drogas e a prostituição, disseminar doenças venéreas, jogar ácido no rosto de uma criança. O'Brien fez um pequeno gesto de impaciência, como se quisesse dizer que a demonstração não valia a pena. Então, ele girou um botão e as vozes pararam.

— Levante-se dessa cama — ele ordenou.

As amarras se afrouxaram. Winston desceu até o chão e se levantou com dificuldade.

— Você é o último homem — disse O'Brien. — Você é o guardião do espírito humano. Você deve se ver como você é. Tire suas roupas.

Winston desatou o barbante que prendia o seu macacão. O zíper já havia sido arrancado há muito. Não conseguia se lembrar se, em algum momento desde a sua prisão, ele havia tirado toda a roupa. Por baixo do macacão, seu corpo estava envolto em trapos imundos e amarelados, apenas reconhecíveis como sobras de roupas de baixo. Ao repousá-los no chão, viu que havia um espelho triplo na outra extremidade da sala. Ele se aproximou e parou de repente. Um grito involuntário escapou dele.

— Continue — disse O'Brien. —, fique entre as abas do espelho. Você será capaz de ver a vista lateral também.

Ele se deteve, apavorado. Uma coisa curvada, acinzentada e semelhante a um esqueleto estava bem à sua frente. Sua aparência real era assustadora, e não apenas o fato de que ele sabia que era ele mesmo. Aproximou-se do vidro. O rosto da criatura parecia protuberante, em razão de sua postura torta. Era o rosto de um pássaro desamparado em seu cativeiro, com uma testa que continuava para trás num couro cabeludo careca, um nariz torto e ossos que despontavam na altura das maçãs do rosto, acima das quais seus olhos eram profundos e vigilantes. As bochechas estavam enrugadas, sua

boca parecia retraída. Certamente era seu próprio rosto, mas parecia que tinha mudado mais do que ele havia mudado por dentro. As emoções que ele registrava eram diferentes das que ele sentia. Ele estava parcialmente careca. No primeiro momento, ele pensou que também tinha ficado grisalho, mas era o seu couro cabeludo que estava cinza. Exceto por suas mãos e um círculo em seu rosto, seu corpo estava todo cinza, encardido de sujeira incrustada. Aqui e ali, sob a sujeira, havia cicatrizes avermelhadas de feridas e, perto do tornozelo, sua úlcera varicosa era uma massa inflamada com flocos de cascas e de pele. Mas o mais assustador era o emagrecimento do seu corpo. A caixa torácica estava estreita como a de um esqueleto, suas pernas haviam afinado e seus joelhos eram mais grossos do que as coxas. Então, ele entendeu o que O'Brien quis dizer sobre a vista lateral. A curvatura da coluna era surpreendente. Os ombros magros se projetavam à frente de modo que formavam uma cavidade no peito, o pescoço magro parecia ceder sob o peso do crânio. Era o corpo de um homem de sessenta anos sofrendo de alguma doença maligna.

— Algumas vezes, você pensou — disse O'Brien — que o meu rosto, o rosto de um membro da Executiva, estava velho e gasto. O que acha do seu rosto agora?

Ele agarrou o ombro de Winston e o girou para que ficasse de frente para ele.

— Veja o seu estado! — ele disse. — Olhe o lixo que seu corpo se tornou. Veja a sujeira nos dedos dos pés. Veja essa ferida nojenta na perna. Sabia que você está fedendo como uma cabra? Provavelmente, deixou de notar. Olhe para sua magreza. Você vê? Dou a volta em seu bíceps com meu polegar e o indicador. Eu poderia quebrar seu pescoço como uma cenoura. Sabia que perdeu vinte e cinco quilos desde que caiu em nossas mãos? Até o seu cabelo está caindo aos punhados. Veja! — Ele puxou um tufo da cabeça de Winston, que saiu em sua mão. — Abra sua boca. Ainda tem uns nove, dez, onze dentes. Quantos você tinha quando chegou aqui? E os poucos que sobraram estão para cair. Veja só!

Ele agarrou um dos dentes da frente de Winston com seus poderosos dedos. Uma pontada de dor percorreu a mandíbula de Winston. O'Brien arrancou o dente enfraquecido pela raiz e o arremessou para o outro lado da cela.

— Você está apodrecendo — disse ele — Você está caindo aos pedaços. O que você é? Um saco de lixo. Agora, vire-se e olhe para aquele espelho novamente. Está vendo? Esse é o último homem. Se você é humano, isso é a humanidade. Agora, vista suas roupas.

Winston começou a se vestir com movimentos lentos e duros. Até esse momento, ele não parecia ter notado como estava magro e fraco. Apenas um pensamento surgiu em sua

mente: que ele devia estar nesse lugar por mais tempo do que imaginava. Então, de repente, enquanto ele fixava os trapos miseráveis em torno de si, um sentimento de pena por seu corpo arruinado o dominou. Antes que ele soubesse o que estava fazendo, ele caiu em um banquinho ao lado da cama e começou a chorar. Ele estava ciente de sua aparência terrível, de sua falta de graça, de que ele era um feixe de ossos em roupas de baixo imundas sentado e chorando sob a forte luz branca: mas ele não conseguia se conter. O'Brien colocou a mão em seu ombro, quase gentilmente.

— Não vai durar para sempre — disse ele. — Você pode se livrar disso quando quiser. Tudo depende de você.

— Você fez isso! — soluçou Winston. — Você me reduziu a isto.

— Não, Winston, *você* se reduziu a isso. Isso é o que você aceitou quando se posicionou contra o Partido. Tudo estava contido naquele primeiro ato. Nada aconteceu que você não tivesse previsto.

Ele fez uma pausa e continuou:

— Nós vencemos você, Winston. Nós acabamos com você. Você viu como está o seu corpo. Sua mente está no mesmo estado. Não acho tenha sobrado muito orgulho em você. Você foi chutado, surrado e insultado, gritou de dor, rolou no chão em seu próprio sangue e vômito. Você implorou por

misericórdia, traiu a tudo e a todos. Você consegue pensar em uma única degradação que ainda não sofreu?

Winston havia parado de chorar, embora as lágrimas ainda escorressem de seus olhos. Ele olhou para O'Brien.

— Eu não traí Julia — disse ele.

O'Brien olhou para ele pensativamente.

— Não — ele repetiu. — Não mesmo. Isso é a pura verdade. Você não traiu Julia.

A reverência peculiar por O'Brien, que nada parecia ser capaz de destruir, inundou o coração de Winston mais uma vez. Muito inteligente, pensou ele, extremamente inteligente! O'Brien nunca deixava de entender o que era dito a ele. Qualquer outra pessoa no planeta teria respondido prontamente que sim, que ele TRAIU Julia. Não havia restado mais nada a ser tirado sob tortura. Ele havia contado tudo o que sabia sobre ela, seus hábitos, seu caráter, sua vida passada; ele confessara nos detalhes mais triviais tudo o que acontecera em seus encontros, tudo o que ele dissera a ela e o que ela disse a ele, suas refeições no mercado negro, seus adultérios, suas vagas tramas contra o Partido. Tudo. E ainda, no sentido pretendido pela palavra, ele não a traiu. Ele não tinha deixado de amá-la; seus sentimentos em relação a ela permaneciam os mesmos. O'Brien entendera o que ele queria dizer sem necessidade de explicação.

— Diga — ele continuou—, quando eles vão me executar?

— Ainda pode demorar um bom tempo — disse O'Brien.

— Você é um caso difícil. Mas não perca as esperanças. Cedo ou tarde, todo mundo se cura. No final, nós vamos executar você.

Ele já estava bem melhor. Estava engordando e ficando mais forte a cada dia, se é que falar em “dias” fosse possível.

A luz branca e o zumbido eram os mesmos de sempre, mas a cela era um pouco mais confortável do que as anteriores. Tinha um travesseiro e um colchão sobre a cama de tábuas e um banquinho para sentar. Eles lhe deram banho e permitiam que Winston se lavasse com certa frequência em uma bacia. Até lhe deram água morna para se lavar. Eles haviam dado a ele roupas de baixo novas e um macacão limpo. Trataram a sua úlcera varicosa com uma pomada anestésica. Eles haviam arrancado os cacos dos seus dentes e lhe deram uma dentadura nova.

Semanas ou meses deviam ter se passado. Agora, seria possível contar a passagem do tempo, caso ele tivesse algum interesse nisso, pois estava sendo alimentado em intervalos regulares. Segundo julgava, ele recebia três refeições em vinte e quatro horas; às vezes, perguntava a si mesmo se eram

servidas à noite ou de dia. A comida era surpreendentemente boa, com carne em uma a cada três refeições. Certa vez, houve até um maço de cigarros. Ele não tinha fósforos, mas o guarda silencioso que trazia a sua comida os acendia para ele. Na primeira vez que tentou fumar, quase vomitou, mas perseverou e fez o maço render por muito tempo, fumando meio cigarro após cada refeição.

Eles lhe deram uma prancheta branca com um toco de lápis amarrado. A princípio, ele não a usou. Mesmo acordado, ele sempre ficava completamente entorpecido. Frequentemente, ele se deitava entre uma refeição e outra quase sem se mover: às vezes, dormindo; às vezes, acordando em vagos devaneios dos quais abrir os olhos era muito difícil. Ele se acostumara a dormir com a luz forte no rosto. Parecia não fazer diferença, exceto que os sonhos ficavam mais coerentes. Ele sonhou muito durante todo esse tempo, e sempre foram sonhos felizes. Ele estava na Terra Dourada, ou sentado entre enormes e gloriosas ruínas iluminadas pelo sol, com sua mãe, Julia, O'Brien... sem fazer nada, apenas sentado ao sol, conversando sobre coisas pacíficas. Os pensamentos que ele tinha quando estava acordado eram principalmente sobre seus sonhos. Ele parecia ter perdido o poder do esforço intelectual agora que não havia mais o estímulo da dor. Ele não estava entediado, não tinha o desejo de conversar ou

de se distrair. Simplesmente, queria ficar sozinho. Não ser espancado ou interrogado, ter o suficiente para comer e se manter limpo era completamente satisfatório.

Aos poucos, ele reduziu seu tempo de sono, mas ainda não sentia nenhum impulso de sair da cama. Tudo o que importava era ficar quieto e sentir a força se acumulando em seu corpo. Ele se tocava aqui e ali, tentando se certificar de que não era uma ilusão que seus músculos ficavam mais robustos e sua pele mais rígida. Finalmente, ficou claro, sem sombra de dúvida, que ele estava engordando; suas coxas agora voltaram a ser mais grossas do que seus joelhos. Depois disso, a princípio com relutância, ele começou a se exercitar regularmente. Em pouco tempo, ele conseguia andar três quilômetros, medidos pelos passos na cela, e seus ombros curvados estavam ficando mais eretos. Ele tentou exercícios mais elaborados e ficou surpreso e envergonhado ao descobrir coisas que não conseguia fazer. Ele não conseguia caminhar muito rápido, não conseguia levantar o banco com o braço reto, não conseguia ficar em pé em uma perna só. Ele ficou de cócoras e descobriu que só conseguia se colocar em pé com dores agonizantes na coxa e na panturrilha. Ele se deitou de barriga para baixo e tentou erguer o próprio peso com as mãos. Era inútil, ele não conseguia se levantar nem um centímetro. Mas, depois de mais alguns dias — e

mais algumas refeições —, até mesmo essas façanhas foram realizadas. Ele chegou a um ponto em que poderia repetir as séries seis vezes seguidas. Ele começou a ficar realmente orgulhoso de seu corpo e a acalantar uma crença intermitente de que seu rosto também estava voltando ao normal. Foi só quando passou a mão pela cabeça calva que se lembrou do rosto enrugado e feio que o olhara do espelho.

Sua mente ficou mais ativa. Ele se sentou na cama de tábuas com as costas contra a parede e a prancheta sobre os joelhos, começando a trabalhar deliberadamente na tarefa de se reeducar.

Ele tinha desistido, isso estava claro. Na verdade, agora, ele se via pronto para desistir antes mesmo de tomar essa decisão. Desde a época em que estava no Ministério do Amor — e sim, mesmo durante aqueles minutos em que ele e Julia ficaram desamparados enquanto a voz de ferro da teletela lhes dizia o que fazer —, ele percebeu a frivolidade, a superficialidade de sua tentativa para se colocar contra o poder do Partido. Agora ele sabia que, por sete anos, a Polícia do Pensamento o observara como a um besouro sob uma lente de aumento. Não houve nenhum ato físico, nenhuma palavra falada em voz alta que eles não tivessem percebido, nenhuma linha de pensamento que eles não pudessem inferir. Até mesmo o floco de poeira branca na capa do seu diário

havia sido recolocado cuidadosamente por eles. Mostraram gravações e fotos, algumas eram fotos dele e de Julia juntos. Sim, até fazendo... Ele não tinha mais como lutar contra o Partido. Além disso, o Partido tinha razão. Era assim que tinha de ser; como poderia o cérebro coletivo imortal estar enganado? Por qual padrão externo seria possível confirmar seus julgamentos? A sanidade era estatística. Era apenas uma questão de aprender a pensar como eles pensavam. Mas...!

O lápis parecia grosso e estranho em seus dedos. Ele começou a escrever os pensamentos que lhe vinham à cabeça. Primeiro, ele escreveu em grandes garranchos maiúsculos:

LIBERDADE É ESCRAVIDÃO

Então, quase sem pausa, ele escreveu abaixo:

DOIS E DOIS SÃO CINCO

Mas então sobreveio uma espécie de bloqueio. Sua mente, como se estivesse se esquivando de algo, parecia incapaz de se concentrar. Ele sabia que sabia o que viria a seguir, mas não conseguia se lembrar no momento. Quando ele se lembrou, foi apenas raciocinando conscientemente o que deveria ser. Não veio por conta própria. Ele escreveu:

DEUS É PODER

Ele aceitou tudo. O passado era alterável. O passado nunca fora alterado. A Oceânia estava em guerra com a Lestásia. A Oceânia sempre estivera em guerra com a Lestásia. Jones, Aaronson e Rutherford eram culpados dos crimes dos quais foram acusados. Ele nunca tinha visto a fotografia que refutava essa sentença. Ela nunca existiu, ele a inventou. Lembrou-se de ter se lembrado de coisas contrárias, mas eram memórias falsas, produtos de autoengano. Como isso tudo era fácil! Bastava se render e o resto se seguia. Era como nadar contra a corrente sendo puxado para trás por mais que se esforçasse e, de repente, decidir virar-se a favor da corrente em vez de se opor a ela. Nada mudara, exceto sua própria atitude: a coisa estava predestinada a acontecer de qualquer maneira. Agora ele mal sabia por que havia se rebelado. Tudo era fácil, mas...!

Qualquer coisa podia ser verdade. As chamadas Leis da Natureza eram absurdas. A Lei da Gravidade era absurda. “Se eu quisesse”, disse O’Brien, “eu poderia flutuar como uma bolha de sabão”. Winston deduziu. “Se ele PENSAR que flutua acima do chão, e se eu SIMULTANEAMENTE pensar que o vejo fazendo isso, então, será um fato”. De repente, como se uma montanha de destroços submersos rompesse

a superfície da água, o pensamento brotou em sua mente: “Isso não acontece de verdade. Nós é que imaginamos. É alucinação”. Ele recusou o pensamento instantaneamente. A falácia era óbvia. Pressupunha que em algum lugar ou outro, fora de si mesmo, havia um mundo “real” no qual coisas “reais” aconteciam. Mas como esse mundo poderia existir? Que conhecimento temos de qualquer coisa, exceto por meio de nossas próprias mentes? Todos os acontecimentos estão na mente. O que quer que aconteça em todas as mentes, realmente acontece.

Ele não teve dificuldade em se livrar da falácia, e não corria o risco de sucumbir a ela. Ele percebeu, no entanto, que aquilo nunca deveria ter ocorrido a ele. A mente deve desenvolver um ponto cego sempre que um pensamento perigoso se apresenta. O processo deve ser automático, instintivo. CRIMESTOP, como chamam em newspeak.

Ele começou a trabalhar e exercitar o crimestop. Ele se apresentou com proposições: “o Partido diz que a terra é plana”, “o Partido diz que o gelo é mais pesado que a água”. Ele treinou para não ver ou não compreender os argumentos que os contradiziam. Não era fácil. Exigia grande capacidade de raciocínio e improvisação. Os problemas aritméticos, por exemplo, levantados por uma afirmação como “dois mais dois são cinco” estavam além de sua compreensão intelectual.

Também era preciso uma espécie de atletismo mental, uma capacidade momentânea de fazer o uso mais delicado da lógica e, no momento seguinte, de abstrair os erros lógicos mais grosseiros. A estupidez era tão necessária quanto a inteligência, e muito difícil de atingir também.

O tempo todo, uma parte de sua mente se perguntava quando ele seria executado. “Tudo depende de você”, dissera O’Brien. Mas ele sabia que não havia nenhum ato consciente que pudesse acelerar aquele processo. Poderia ser em dez minutos ou em dez anos. Eles poderiam mantê-lo por anos em confinamento solitário, poderiam mandá-lo para um campo de trabalhos forçados, poderiam soltá-lo por um tempo, como às vezes faziam. Era perfeitamente possível que, antes de ser executado, todo o drama de sua prisão e interrogatório fossem encenados novamente. A única coisa certa é que a morte nunca vinha no momento esperado. A tradição — a tradição tácita que de alguma forma você está ciente, embora nunca ninguém houvesse dito nada — era que eles atirariam em você por trás; sempre na parte de trás da cabeça, sem aviso, enquanto você caminhava por um corredor de uma cela para outra.

Um dia..., mas “um dia” não era a expressão certa, pois muito provavelmente poderia ser no meio da noite. Certa vez, ele caiu num devaneio estranho e feliz. Ele andava

pelo corredor, esperando a tal bala na nuca. Ele sabia que aconteceria a qualquer momento. Tudo estava resolvido, tranquilizado, reconciliado. Não havia mais dúvidas, não havia mais discussões, não havia mais dor, não havia mais medo. Seu corpo estava saudável e forte. Ele caminhava com facilidade, com alegria nos movimentos e com a sensação de caminhar sob a luz do sol. Ele já não estava mais nos estreitos corredores brancos do Ministério do Amor, mas em uma enorme passagem iluminada pelo sol, com um quilômetro de largura, pela qual ele parecia caminhar num delírio induzido por drogas. Ele estava na Terra Dourada, seguindo pela trilha que cruzava o antigo pasto onde os coelhos se fartavam. Ele sentia a grama sob seus pés e o toque suave do sol em seu rosto. Os olmos na beira do pasto se agitavam levemente e, em algum lugar além, corria o riacho no qual peixes em remansos verdes nadavam sob os salgueiros.

De repente, ele teve um ataque de pânico. O suor brotou de sua coluna. Então, ouviu-se gritar alto:

— Julia! Julia! Julia, meu amor! Julia!

Por um momento, ele teve uma alucinação avassaladora da presença dela. Ela parecia estar não apenas com ele, mas dentro dele. Era como se ela tivesse penetrado na textura de sua pele. Naquele momento, ele a amou mais do que nunca, mesmo quando ainda estavam juntos e livres. Além disso,

ele sabia que em algum lugar ela ainda estava viva e que precisava de sua ajuda.

Ele se deitou na cama e tentou se recompor. O que fora aquilo? Quantos anos ele havia adicionado à sua servidão por aquele momento de fraqueza?

Em algum momento, ele ouviria o som de botas do lado de fora. Eles não deixariam uma explosão como aquela impune. Eles agora sabiam, se já não soubessem antes, que ele estava quebrando o acordo que fizera com eles. Ele obedecia ao Partido, mas ainda odiava o Partido. Nos velhos tempos, ele escondera sua mente transgressora sob uma aparência de conformidade. Agora, Winston tinha recuado dando um passo adiante: sua mente havia se rendido, mas tentava manter a pureza em seu coração. Ele sabia que estava errado, mas preferia estar errado. Eles entenderiam isso. O'Brien entenderia. Ele havia confessado tudo em um só grito impensado.

Ele teria de começar tudo de novo, o que poderia levar anos. Passou a mão pelo rosto, tentando se familiarizar com sua nova forma. Havia sulcos profundos nas faces, as maçãs do rosto pareciam pontiagudas e o nariz achatado. Além disso, desde a última vez em que se vira no espelho, tinha recebido dentes novos. Não era fácil preservar a inescrutabilidade quando não se sabia como era o seu rosto. Em todo caso, o

mero controle de suas feições não era suficiente. Pela primeira vez, ele percebeu que para guardar um segredo, também precisava escondê-lo de si mesmo. Você deve saber o tempo todo que ele existe, mas até que seja necessário, você nunca deve deixá-lo emergir em sua consciência em qualquer forma que possa ser nomeado. De agora em diante, ele não deveria apenas pensar corretamente; ele deveria sentir corretamente, sonhar corretamente. E, enquanto isso, ele deveria manter seu ódio trancado dentro de si como uma bola de matéria, ao mesmo tempo em que faz parte dele, também não está conectada por nenhuma veia, como uma espécie de cisto.

Um dia, eles decidiriam executá-lo. Era impossível dizer quando, mas talvez fosse possível adivinhar alguns segundos antes. Era sempre por trás, andando por um corredor. Dez segundos seriam suficientes. Nesse tempo, seu mundo interior poderia dar cambalhotas. E então, de repente, sem uma palavra pronunciada, sem frear seus passos, sem franzir uma linha em seu rosto — de repente, a camuflagem cairia e *bang!* Seus reservatórios de ódio explodiriam. O ódio o preencheria como uma enorme chama, urrando. E, quase no mesmo instante, tarde ou cedo demais, o som da bala *bang!* Eles teriam explodido seu cérebro em pedaços antes que pudessem recuperá-lo. O pensamento herético ficaria impune, sem arrependimento, fora do alcance de todos,

para sempre. Eles teriam feito um buraco em sua própria perfeição. Morrer odiando-os, isso era liberdade.

Ele fechou os olhos. Era mais difícil do que aceitar uma disciplina intelectual. Tratava-se de se degradar, mutilar-se. Ele teve de mergulhar na mais imunda das imundícies. Qual era a coisa mais nojenta e doentia de todas? Ele pensou no Big Brother. O rosto enorme (por vê-lo constantemente em cartazes, sempre o viu com um metro de largura), com seu bigode preto e pesado e os olhos que o seguiam de um lado para outro, parecendo flutuar em sua mente por conta própria. Quais eram seus verdadeiros sentimentos em relação ao Big Brother?

Houve um ruído pesado de botas no corredor. A porta de aço se abriu com um estrondo. O'Brien entrou na cela. O oficial de rosto de cera e os guardas de uniforme preto estavam atrás dele.

— Levante-se — disse O'Brien. — Venha aqui.

Winston ficou diante dele. O'Brien segurou os ombros de Winston com suas mãos fortes e o olhou de perto.

— Você pensou em me enganar — disse ele. — Isso é burrice. Fique mais ereto. Olhe para mim.

Ele fez uma pausa e continuou em um tom mais gentil:

— Você está melhorando. Intelectualmente, não há quase nada de errado com você. Foi apenas emocionalmente que

— você falhou em progredir. Diga, Winston... E lembre-se, sem mentiras. Você sabe que eu sou capaz de detectar qualquer mentira. Diga-me: quais são seus verdadeiros sentimentos em relação ao Big Brother?

— Eu o odeio.

— Você o odeia. Bom. Então, chegou a hora de você dar o último passo. Você deve amar o Big Brother. Não é suficiente obedecê-lo: você deve amá-lo.

Ele largou Winston, dando um pequeno empurrão em direção aos guardas.

— Sala 101 — disse ele.

Em cada estágio de sua prisão, ele sabia, ou parecia saber, sua localização no prédio sem janelas. Talvez houvesse pequenas diferenças na pressão atmosférica. As celas em que os guardas o espancavam ficavam no subsolo. A sala onde ele era interrogado por O'Brien ficava mais no alto, perto do topo. Este lugar ficava a muitos metros de profundidade, o mais fundo possível.

A cela atual era maior do que a maioria das outras em que ele havia estado. Mas ele mal percebeu seu entorno. Tudo o que percebeu foi que havia duas mesinhas bem a sua frente, ambas cobertas com feltro verde. Uma estava a um ou dois metros dele; a outra estava mais longe, perto da porta. Ele estava amarrado ereto em uma cadeira, tão firmemente que não conseguia mover sequer a cabeça. Uma espécie de almofada abraçava sua cabeça por trás, forçando-o a olhar diretamente à frente.

Por um momento, ele ficou sozinho. Então, a porta se abriu e O'Brien entrou.

— Você me perguntou uma vez — começou O'Brien — o que havia na sala 101. Eu disse que você já sabia a resposta. Todo mundo sabe. O que está na sala 101 é a pior coisa do mundo.

Outra vez a porta se abriu. Um guarda entrou, carregando algo feito de arame, uma caixa, uma cesta. Ele colocou o objeto na outra mesa. Por causa da posição em que O'Brien estava, Winston não conseguia ver o que era.

— A pior coisa do mundo — repetiu O'Brien. — Varia de indivíduo para indivíduo. Pode ser sepultamento vivo, morrer queimado, afogamento, empalamento ou cinquenta outras mortes. Há casos em que é algo bastante trivial, nem mesmo fatal.

Ele se moveu um pouco para o lado para que Winston visse melhor a coisa sobre a mesa. Era uma gaiola de arame comprida com uma alça no topo para carregá-la. Na frente, estava fixado algo que se parecia com uma máscara de esgrima, com o lado côncavo para fora. Embora estivesse a três ou quatro metros dele, ele pôde ver que a gaiola era dividida em dois compartimentos e que havia algum tipo de criatura em cada um deles. Eram ratos.

— No seu caso — disse O'Brien —, a pior coisa do mundo são ratos.

Um tremor premonitório, um medo que ele não tinha certeza do porquê, passou por Winston assim que ele teve

o primeiro vislumbre da gaiola. Mas, nesse momento e de repente, o significado do anexo em forma de máscara se revelou dentro dele. Suas entranhas pareceram se transformar em água.

— Você não pode fazer isso! — gritou, com uma voz alta e desafinada. — Você não pode, não pode! É impossível.

— Você se lembra — continuou O'Brien — do momento de pânico que costumava ocorrer em seus sonhos? Havia um muro de sombras à sua frente e um som retumbante em seus ouvidos. Havia algo terrível do outro lado do muro. Você sabia que sabia o que era, mas não ousava trazê-lo para fora. Eram ratos que estavam do outro lado da parede.

— O'Brien! — disse Winston, esforçando-se para controlar sua voz. — Você sabe que isso não é necessário. O que você quer de mim?

O'Brien não o respondia diretamente. Quando falava, era da maneira professoral que eventualmente usava. Ele olhou pensativamente para longe, como se falasse com uma audiência em algum lugar atrás de Winston:

— Por si só — disse ele —, a dor nem sempre é o suficiente. Existem ocasiões em que um ser humano enfrentará a dor; às vezes, até sua morte. Mas, para todos, existe algo insuportável, algo inimaginável. Nesse caso, não se trata de coragem ou covardia. Ao cair de uma grande altura, não é

covardia se agarrar a uma corda. Ao sair de águas profundas, não é covardia encher os pulmões de ar. É apenas um instinto que não pode ser destruído. É o mesmo com os ratos. Para você, eles são insuportáveis. Eles são uma forma de pressão que você não consegue suportar, mesmo que queira. Você fará o que for exigido de você.

— Mas o que é? O que é? Como posso fazer se não sei o que é?

O'Brien trouxe a gaiola para a mesa mais próxima. Ele a pôs cuidadosamente sobre o feltro. Winston podia ouvir suas veias bombeando sangue em seus ouvidos. Sua sensação era de total desamparo. Ele estava no centro de uma grande planície vazia, um deserto plano banhado pela luz do sol no qual todos os sons vinham de distâncias imensas. No entanto, a gaiola com os ratos não estava nem a dois metros de distância. Eram ratos enormes. Eles estavam na idade em que seus focinhos ficam rotundos e ferozes, bem como seu pelo fica marrom ao invés de cinza.

— O rato — disse O'Brien, ainda se dirigindo ao seu público invisível —, embora seja roedor, é carnívoro. Você sabe disso. Você já deve ter ouvido falar das coisas que acontecem nos bairros pobres da cidade. Em algumas ruas, uma mulher não ousa deixar seu filho sozinho em casa, nem por cinco minutos. Os ratos certamente o atacam. Em um

curto espaço de tempo, eles rasgam a criança até os ossos. Eles também atacam pessoas doentes ou agonizantes. Eles demonstram uma inteligência surpreendente ao entender quando um ser humano está indefeso.

Uma explosão de guinchos vindos da gaiola pareceu chegar a Winston de muito longe. Os ratos lutavam, disputando quem passaria primeiro pela passagem. Também ouviu um gemido profundo de desespero, Winston teve a impressão de que parecia vir de fora dele.

O'Brien pegou a gaiola e, ao fazê-lo, pressionou algo nela. Houve um clique agudo. Winston fez um esforço frenético para se soltar da cadeira. Era inútil; cada parte dele, até mesmo sua cabeça, continuava imóvel. O'Brien aproximou a gaiola. Estava a menos de um metro do rosto de Winston.

— Pressionei a primeira alavanca — disse O'Brien. — Sabe como esta gaiola funciona? A máscara se ajusta ao seu rosto, sem deixar saída. Quando pressiono esta outra alavanca, a porta da gaiola desliza para cima. Esses animais famintos dispararam para frente como foguetes. Você já viu um rato pular no ar? Eles pularão no seu rosto e se afundarão nele. Às vezes, eles atacam primeiro os olhos. Às vezes, eles rasgam as bochechas e devoram a língua.

A jaula estava cada vez mais perto. Winston ouvia uma sucessão de guinchos estridentes que pareciam pairar acima de

sua cabeça. Ele lutava furiosamente contra o pânico. Pensar, pensar, mesmo com uma fração de segundo restante. Pensar era sua única esperança. De repente, o terrível odor de mofo dos animais atingiu suas narinas. Uma violenta convulsão de náusea dentro dele quase o fez perder a consciência. Tudo ficou escuro. Por um instante, ele enlouqueceu e se tornou um animal urrando. No entanto, ao sair das sombras, teve uma ideia. Havia uma — e apenas uma — maneira de se salvar. Ele deveria interpor outro ser humano, o CORPO de outro ser humano, entre ele e os ratos.

Nesse momento, o perímetro da máscara era grande o suficiente para bloquear a visão de qualquer outra coisa. A porta de arame estava a dois palmos de seu rosto. Os ratos sabiam o que aconteceria em seguida. Um deles pulava sem parar; o outro, um velhaco escamoso dos esgotos, levantou-se, com as patas rosadas apoiadas nas grades, farejando o ar com apetite. Winston podia ver seus bigodes e seus dentes amarelos. Mais uma vez, ele foi tomado pelo pânico absoluto. Ele estava cego, indefeso, irracional.

— Era uma punição comum na China Imperial — disse O'Brien com a didática de sempre.

A máscara se fechou sobre o seu rosto. O arame roçou sua bochecha. E então — não, não era alívio, mas apenas esperança, um pequeno fragmento de esperança. Tarde demais,

talvez tarde demais. Mas ele, de repente, entendeu que no mundo inteiro havia apenas UMA pessoa a quem ele poderia transferir sua punição. UM corpo que poderia ser colocado entre ele e os ratos. E ele gritava freneticamente, sem parar:

— Faça com a Julia! Faça isso com a Julia! Não comigo! Com a Julia! Eu não me importo com ela. Rasgue o rosto dela, arranque a carne dos ossos dela. Não de mim! Julia! Comigo não!

Ele caiu de costas em um abismo inimaginável, para longe dos ratos. Ele continuava amarrado à cadeira, mas havia despencado de um buraco no chão, através das paredes do prédio, da terra, dos oceanos, da atmosfera, do espaço sideral, no vácuo entre as estrelas — cada vez mais distante e longe, longe dos ratos. Ele estava a anos-luz de distância, mas O'Brien ainda estava ao seu lado. Ainda havia o toque frio do arame em sua bochecha. Mas, por entre as sombras que o envolveram, ele ouviu outro clique metálico, avisando que a porta da gaiola não havia sido aberta.

O Chestnut Tree estava bem vazio. Um raio de sol entrava em diagonal pela janela, caindo sobre os tampos das mesas empoeiradas. Era a hora solitária das quinze. Uma música metálica escorria das teletelas.

Winston estava sentado em seu canto habitual, olhando para um copo vazio. De vez em quando, ele erguia os olhos para o grande e vasto rosto que o observava da parede oposta. BIG BROTHER OLHA VOCÊ, dizia a legenda. Espontaneamente, um garçom veio encher seu copo com Gin Vitória, salpicando algumas gotas de outra garrafa graças a um dosador no gargalo. Era sacarina aromatizada com cravo, a especialidade do café.

Winston ouvia a teletela. No momento, tocava somente música, mas havia a possibilidade de um boletim urgente do Ministério da Paz. As notícias do front africano estavam muito inquietantes. Ele não conseguiu deixar de se preocupar com isso o dia todo. Um exército eurasiático (a Oceânia estava em guerra com a Eurásia: a Oceânia sempre esteve em guerra

com a Eurásia) avançava para o sul a uma velocidade assustadora. O boletim do meio-dia não mencionara nenhuma área definida, mas era provável que a foz do Congo já fosse um campo de batalha. Brazzaville e Leopoldville estavam em perigo. Não era preciso olhar no mapa para saber o que isso significava. Não se tratava apenas de perder a África Central: pela primeira vez em toda a guerra, o próprio território da Oceânia estava ameaçado.

Uma emoção violenta — não exatamente de medo, mas uma espécie de excitação inclassificável — se acendeu e logo se desvaneceu. Ele parou de pensar na guerra. Atualmente, ele não conseguia fixar sua mente em um só assunto por mais que alguns segundos. Ele levantou seu copo e o esvaziou com um gole. Como sempre, o gin o fez estremecer e até regurgitar levemente. Aquilo era horrível. Os cravos-da-índia e a sacarina, por si só nojentos à sua maneira, não conseguiam disfarçar o odor rançoso. O pior de tudo era que o cheiro de gin, que o acompanhava noite e dia, estava inextricavelmente vinculado em sua mente com o odor daqueles...

Ele nunca os nomeou, mesmo em seus pensamentos, e até onde foi possível, ele nunca os visualizou. Eles eram algo de que ele estava meio consciente, algo que pairava perto de seu rosto, um cheiro que alcançava suas narinas. Quando o gin subiu, ele arrotou através de seus lábios lilases. Ele havia

engordado desde que o libertaram e havia recuperado sua antiga cor — na verdade, mais do que recuperado. Suas feições haviam se preenchido, a pele tanto do nariz quanto do rosto estava extremamente corada, até o couro cabeludo exposto tinha um rosado marcante. Um garçom, novamente sem ser chamado, trouxe o tabuleiro de xadrez e a última edição do “The Times”, com a página do problema do xadrez virada para baixo. Então, vendo que o copo de Winston estava vazio, ele trouxe a garrafa de gin e o encheu. Não havia necessidade de dar ordens. Eles conheciam seus hábitos. O tabuleiro de xadrez sempre esperava por ele, sua mesa de canto sempre estava reservada. Mesmo quando lotado, seu lugar estava garantido, pois ninguém queria ser visto sentado perto dele. Ele nunca se preocupou em contar suas doses. Em intervalos irregulares, entregavam-lhe um pedaço de papel sujo que, segundo eles, era a conta, mas ele tinha a impressão de que sempre cobravam menos. Não fazia diferença se fosse o contrário. Agora, ele sempre tinha muito dinheiro. Ele até tinha um emprego, uma sinecura, mais bem pago que o seu antigo.

A música da teletela parou e uma voz assumiu. Winston ergueu a cabeça para ouvir. Sem boletins do front, no entanto. Foi apenas um breve anúncio do Ministério da Fartura. No trimestre anterior, ao que parecia, a cota do 10º Plano Trienal para cadarços havia sido excedida em 98%.

Ele examinou o problema do xadrez, colocando as peças em suas posições. Era um final complicado, envolvendo dois cavalos. “Branças jogam, xeque-mate em dois lances.” Winston ergueu os olhos para o retrato do Big Brother. O xeque é sempre das brancas, pensou com certo misticismo. Sempre, sem exceção, arranjam para ser assim. Em nenhum problema de xadrez, desde o início do mundo, as pretas venceram. Isso não simbolizava o triunfo eterno e invariável do Bem sobre o Mal? O imenso rosto olhou de volta para ele, emanando um poder tranquilo. O xeque-mate é sempre das brancas.

A voz da teletela fez uma pausa e acrescentou em um tom diferente e muito mais grave: “Você está avisado para aguardar um anúncio importante às quinze e trinta. Quinze e trinta! É uma notícia de gigantesca importância. Atenção para não perder. Quinze e trinta!” A música vibrante retornou.

O coração de Winston disparou. Era o boletim do front; seu instinto lhe disse que seria uma má notícia. Durante todo o dia, com pequenos surtos de nervosismo, a ideia de uma derrota esmagadora na África entrava e saía de sua mente. Ele parecia enxergar os enxames do exército eurasiático invadindo a fronteira nunca antes violada, transbordando da ponta da África como uma correição de formigas. Por que não fora possível flanqueá-los de alguma forma? O contorno da costa da África Ocidental se destacava vividamente em

sua mente. Ele pegou o cavalo branco e o moveu sobre o tabuleiro. ESTE era o local correto. Mesmo enquanto via a horda negra avançar para o sul, ele enxergava outra força, misteriosa e preparada, repentinamente colocada em seu encaixe, cortando suas comunicações por terra e mar. Ele sentiu que, ao desejar, estava trazendo aquela outra força à existência. Mas era preciso agir rápido. Se pudessem obter o controle de toda a África, se tivessem campos de pouso e bases de submarinos na Cidade do Cabo, a Oceânia seria dividida em duas. Poderia significar qualquer coisa: derrota, colapso, a reorganização do mundo, a destruição do Partido! Ele respirou fundo. Uma extraordinária mistura de sentimentos — mas não era uma mistura, exatamente; ao contrário, eram camadas sucessivas de sentimentos, das quais não se pode distinguir qual é mais profunda — lutava dentro dele.

O espasmo passou. Ele colocou o cavalo branco de volta em seu lugar, pois, no momento, ele não conseguia se concentrar em um estudo sério do problema do xadrez. Seus pensamentos vagaram novamente. Quase inconscientemente, ele traçou com o dedo na poeira sobre a mesa:

$$2 + 2 = 5$$

— Eles não podem entrar em você — ela disse.

Mas eles podiam entrar em você.

—O que acontece com você aqui é PARA SEMPRE — disse O'Brien. Aquela foi uma frase verdadeira. Havia coisas, seus próprios atos, das quais você nunca se recuperaria. Algo havia sido morto em seu peito: queimado, cauterizado.

Ele a viu; ele até chegou a falar com ela. Não havia perigo nisso. Ele sabia, instintivamente, que agora eles quase não se interessavam por seus atos. Ele poderia ter combinado de se encontrar com ela uma segunda vez, se algum deles quisesse. Na verdade, foi por acaso que se viram. Foi no parque, num dia frio e cortante de março, quando a terra parecia de ferro e toda a grama parecia ter morrido e não havia sequer um broto à vista, exceto alguns açafrões que se erguiam para serem decapitados pelo vento. Ele estava apressado com as mãos congeladas e os olhos lacrimejantes quando a viu a menos de dez metros de distância. Ele percebeu imediatamente que ela havia mudado de algum jeito difícil de descrever. Eles quase se cruzaram sem nenhum sinal, então, ele se virou e a seguiu, sem nenhuma ansiedade. Ele sabia que não havia perigo, ninguém se interessaria por ele. Ela não falou. Ela se afastou diagonalmente pela grama, como se tentasse se livrar dele, mas depois pareceu se resignar e o aceitou ao seu lado. Havia grupos de arbustos irregulares e sem folhas dos dois lados, inúteis para esconder ou para se proteger

do vento. Eles pararam. Estava terrivelmente frio. O vento assobiava através dos galhos e irritava os ocasionais açafres empoeirados. Ele colocou o braço em volta da cintura dela.

Não havia teletela, mas devia haver microfones escondidos: além disso, eles podiam ser vistos. Não importava, nada mais importava. Eles poderiam ter se deitado no chão e feito *AQUILO*, se quisessem. Sua carne congelou de horror a esse pensamento. Ela não reagiu ao aperto do seu braço; ela nem mesmo tentou se soltar. Agora ele sabia o que havia mudado nela. Seu rosto estava mais pálido e havia uma longa cicatriz, parcialmente escondida pelo cabelo, da testa até a têmpora. Mas não era essa a mudança. Era sua cintura que tinha ficado mais grossa e surpreendentemente mais rija. Ele se lembrou de como uma vez, após a explosão de uma bomba-foguete, ajudou a tirar um cadáver das ruínas, e ficou surpreso não apenas com o incrível peso do corpo, mas com sua rigidez e a dificuldade de manuseio, pois parecia ser mais de pedra do que de carne. O corpo dela estava assim. Ocorreu a ele que a textura da pele dela deveria estar bem diferente do que tinha sido antes.

Ele não tentou beijá-la, eles não se falaram. Enquanto caminhavam de volta pela grama, ela olhou diretamente para ele pela primeira vez. Foi apenas um olhar momentâneo, cheio de desprezo e antipatia. Ele se perguntou se era uma

aversão puramente do passado ou se era inspirada também por seu rosto inchado e pela água que o vento insistia em tirar de seus olhos. Eles se sentaram em duas cadeiras de ferro, lado a lado, mas não muito próximas. Ele viu que ela estava prestes a falar. Ela moveu seu sapato desajeitado e deliberadamente esmagou um galho. Seus pés pareciam ter ficado mais largos, ele notou.

— Eu traí você — ela disse, sem rodeios.

— Eu traí você — ele disse.

Ela lançou outro olhar antipático.

— Às vezes — ela disse —, eles ameaçam você com algo que você não consegue enfrentar, nem mesmo consegue pensar. E, então, você diz: “Não faça isso comigo, faça com outra pessoa, faça isso com fulano.” E talvez você possa fingir, depois, que foi apenas um truque e que você apenas disse aquilo para fazê-los parar, mas que não foi de propósito. Mas não é verdade. No momento em que acontece, você está sendo sincero. Você acha que não há outra maneira de se salvar e está pronto para se salvar dessa forma. Você QUER que aconteça com a outra pessoa. Você não dá a mínima para o sofrimento do outro. Você só se preocupa com você mesmo.

— Só se preocupa com você mesmo — ele repetiu.

— E, depois disso, você não sente mais o mesmo pela outra pessoa.

— Não — ele disse —, não se sente mais o mesmo.

Não parecia haver mais nada a dizer. O vento colava seus macacões finos contra seus corpos. Quase imediatamente ficou constrangedor ficar sentado em silêncio. Além disso, estava frio demais para ficar quieto. Ela disse algo sobre pegar o metrô e se levantou para sair.

— Precisamos nos encontrar novamente — disse ele.

— Sim — disse ela —, precisamos nos encontrar novamente.

Por uma curta distância, ele a seguiu sem muita convicção, meio passo atrás dela. Eles não se falaram novamente. Ela não tentou realmente se livrar dele, mas caminhava a uma velocidade que o impedia de ficar ao seu lado. Ele decidiu que a acompanharia até a estação do metrô, mas, de repente, o processo de se arrastar no frio lhe pareceu inútil e insuportável. Ele foi dominado por outro desejo — não tanto de se afastar de Julia, mas de voltar para o Chestnut Tree Cafe, que nunca parecera tão atraente como naquele momento. Ele teve uma visão nostálgica de sua mesa de canto, com o jornal, o tabuleiro de xadrez e o gin sempre fluindo. Acima de tudo, estaria quente lá dentro. No momento seguinte, não totalmente por acidente, ele permitiu que um pequeno grupo de pessoas ficasse entre eles. Ele fez uma tentativa débil de alcançá-la, então, diminuiu a velocidade, virou-se

e seguiu na direção oposta. Depois de percorrer cinquenta metros, olhou para trás. A rua não estava lotada, mas ele já não conseguia distingui-la. Qualquer uma das parcas figuras apressadas poderia ser ela. Talvez seu corpo engrossado e enrijecido não fosse mais reconhecível de costas.

— Quando acontece — ela tinha lhe dito —, é algo que vem de dentro.

E veio mesmo de dentro dele. Ele não apenas disse, mas desejou aquilo. Ele desejou que ela, e não ele, fosse entregue aos...

Algo mudou na música que vinha da teletela. Uma nota aguda e irritante, uma nota de meter medo se apossou dele. Mas talvez aquilo não estivesse acontecendo, talvez fosse apenas uma memória que assumia a aparência de um som. Uma voz cantava:

Debaixo do frondoso castanheiro

Eu te vendi e você me vendeu por dinheiro...

Lágrimas brotaram de seus olhos. Um garçom que passava percebeu seu copo vazio e voltou com a garrafa de gin.

Ele pegou o copo e o cheirou. O líquido não ficava menos, mas ainda mais horrível a cada gole. E então se tornou o elemento no qual ele mergulhou. Era a sua vida, sua morte e

sua ressurreição. Era no gin que ele se afundava em estupor todas as noites, e era o gin que o revivia todas as manhãs. Quando acordava, raramente antes das onze, com as pálpebras coladas, a boca em chamas e com a coluna insuportavelmente dolorida, seria impossível até mesmo de se levantar se não deixasse a garrafa e a xícara ao seu lado da cama na noite anterior. Ao longo das horas seguintes, ele se sentava com o rosto vazio, a garrafa em uma das mãos, ouvindo a teletela. Das quinze até a hora de fechar, ele era um móvel no Chestnut Tree. Ninguém se importava mais com o que ele fizera, nenhuma sirene podia acordá-lo, a teletela não o incomodava. Ocasionalmente, umas duas vezes por semana, ele ia para um escritório esquecido e empoeirado no Ministério da Verdade e trabalhava um pouco, ou o que diziam ser trabalho. Ele havia sido realocado para o subcomitê de um subcomitê, cujo nascimento se devia a um dos inúmeros comitês que lidava com pequenas correções que surgiam na compilação da 11ª edição do *Dicionário de Newspeak*. Eles estavam envolvidos na produção de algo chamado Relatório Intermediário, mas, na verdade, o que quer que devessem relatar, nunca descobriram. Tinha algo a ver com a questão de saber se vírgulas deveriam ser colocadas dentro ou fora dos colchetes. Havia quatro outros no comitê, todos eles pessoas da mesma natureza. Havia dias em que eles se reuniam e então rapidamente se dispersavam,

admitindo com franqueza entre si que na verdade não havia nada a ser produzido. Mas havia outros dias em que se empenhavam em seu trabalho com afinco, com tremendas demonstrações de suas minutas e elaborados memorandos que nunca eram concluídos — quando o assunto sobre o qual supostamente discutiam saía extraordinariamente de controle, com discussões sobre definições irrelevantes, digressões enormes, discussões e ameaças, chegavam até mesmo a apelar para alguma autoridade superior. E, de repente, a vida os abandonava e eles se sentavam em volta da mesa olhando um para o outro com os olhos apagados, como fantasmas que somem ao raiar do dia.

A teletela ficou em silêncio por um momento. Winston ergueu a cabeça outra vez. O boletim! Mas não, eles haviam apenas mudado a música. O mapa da África estava estampado atrás de suas pálpebras. Os exércitos se movimentavam em um diagrama: uma seta negra rasgava em direção ao sul; e outra seta, a branca, corria horizontalmente para o leste, cruzando a cauda da primeira. Como que para se tranquilizar, ele ergueu os olhos para o rosto imperturbável no pôster. Seria possível que a segunda seta nem existisse?

Seu interesse diminuiu novamente. Ele bebeu outro gole de gin, pegou o cavalo branco e ameaçou um movimento. Xeque. Mas evidentemente não era o movimento certo, porque...

Sem ser requisitada, uma memória flutuou em sua mente. Ele viu um quarto iluminado por velas com uma grande cama coberta por uma colcha branca. Ele, um menino de nove ou dez anos, sentado no chão, sacudia uma caixa de dados e ria, feliz. Sua mãe estava sentada à sua frente e também ria.

Aquilo devia ter sido cerca de um mês antes de seu desaparecimento. Era um momento de reconciliação, quando a fome lancinante em seu ventre foi esquecida e a afeição anterior que ele tinha por ela reviveu por algum tempo. Ele se lembrou bem do dia, comum e muito chuvoso, a água se despejava pelas vidraças; e dentro, a luz era fraca demais para ler. Eram duas crianças entediadas na penumbra, num quarto apertado que se tornara insuportável. Winston chorava e resmungava, fazia exigências inúteis por comida, jogava coisas no chão, chutava os lambris até os vizinhos baterem na parede. A criança mais jovem chorava em intervalos. No final, sua mãe disse, “Se você for bonzinho, vou te dar um brinquedo. Um brinquedo maravilhoso. Você vai adorar”. Então, ela saiu na chuva e foi até uma pequena venda, que ainda abria de vez em quando, e voltou com uma caixa de papelão contendo um jogo de Snakes and Ladders. Ele ainda podia se lembrar do cheiro do papelão úmido. A qualidade era sofrível. O tabuleiro estava rasgado e os dados de madeira eram tão mal torneados que dificilmente parariam em alguns

dos lados. Winston olhou para aquilo de mau humor e sem interesse. Mas, em seguida, sua mãe acendeu um coto de vela e eles se sentaram no chão para jogar. Logo, ele estava animadíssimo, bem como rindo muito com as pecinhas que escalavam cheias de esperança e, em seguida, caíam até as cobras, voltando ao ponto de partida. Eles jogaram oito vezes, cada um venceu quatro. Sua pequena irmã, jovem demais para entender, estava sentada apoiada contra uma almofada. Ela ria, porque os outros riam. Durante toda a tarde, ficaram juntos e felizes, como em sua tenra infância.

Ele empurrou aquela imagem para fora de sua mente. Era uma memória falsa. De vez em quando, ele era perturbado por memórias falsas. Elas não tinham importância, contanto que a pessoa soubesse bem do que se tratavam. Algumas coisas aconteceram, outras não. Ele voltou para o tabuleiro de xadrez e pegou o cavalo branco. Quase no mesmo instante, ele o deixou a peça cair sobre o tabuleiro com estrépito. Ele congelou como se tivesse sido espetado por um alfinete.

O toque estridente da trombeta rasgou o ar. Era o boletim! Vitória! Sempre significava vitória quando as notícias começavam com um toque de trombeta. Uma espécie de corrente elétrica percorreu o café. Até os garçons estremeceram e aguçaram os ouvidos.

O toque da trombeta liberou uma grande quantidade de ruído. Uma voz animada tagarelava na teletela, mas, ao começar, quase foi abafada por um rugido de aplausos do lado de fora. A notícia correu pelas ruas como mágica. Ele podia ouvir o suficiente do que saía da teletela e entender que tudo havia acontecido como ele previra: uma grande armada marítima montara um golpe repentino na retaguarda do inimigo, a seta branca rasgara a cauda da negra. Fragmentos de frases triunfantes sobressaíam em meio ao alarido: “Dantesca manobra estratégica — Coordenação perfeita — Derrota cabal — Meio milhão de prisioneiros — Desmoralização completa — Controle de toda a África — A guerra em vias de ser vencida — A maior vitória da história do homem — Vitória, vitória, vitória!

Debaixo da mesa, os pés de Winston faziam movimentos convulsivos. Ele não havia se movido, mas em sua mente ele corria, corria muito rápido, ele estava com a multidão lá fora, aplaudindo de forma ensurdecadora. Ele ergueu os olhos novamente para o pôster do Big Brother. O colosso que dominou o mundo! A rocha contra a qual as hordas da Ásia se chocavam em vão! Ele pensou em como dez minutos atrás — sim, há apenas dez minutos — ainda havia um equívoco em seu coração enquanto ele se perguntava se as notícias da frente de batalha seriam de vitória ou de derrota.

Ah, era mais do que um exército eurasiático que havia morrido! Muita coisa havia mudado nele desde aquele primeiro dia no Ministério do Amor, mas a mudança final e indispensável de cura nunca havia acontecido: até este momento.

A voz da teletela ainda contava sua história de prisioneiros, saques e massacres, mas a gritaria lá fora já havia diminuído um pouco. Os garçons voltavam ao trabalho. Um deles se aproximou com a garrafa de gin. Winston, sentado em seu sonho feliz, não prestou atenção quando seu copo foi preenchido. Ele não estava mais correndo ou torcendo. Ele estava de volta ao Ministério do Amor, com tudo perdoado, sua alma branca como a neve. Ele estava em praça pública, confessando tudo, denunciando a todos. Ele descia pelo corredor de azulejos brancos com a sensação de estar caminhando sob a luz do sol, com um guarda armado em suas costas. O tão esperado tiro estava entrando em seu cérebro.

Ele olhou para o grande rosto. Foi preciso quarenta anos para aprender qual tipo de sorriso se esconde sob o bigode negro. Que ignorância cruel e desnecessária! Que exílio teimoso e obstinado do seio amoroso! Duas lágrimas com cheiro de gin escorreram pelos lados do seu nariz. Agora, estava tudo bem, tudo estava muito bem. A luta tinha terminado. Ele conquistou a vitória sobre si mesmo. Winston amava o Big Brother.

APÊNDICE: OS PRINCÍPIOS DA NEWSPEAK

Newspeak era a língua oficial da Oceânia, concebida para atender às necessidades ideológicas do Ingsoc, ou Socialismo Inglês. No ano de 1984, ninguém ainda usava a newspeak como único meio de comunicação, fosse oral ou por escrito. Os principais artigos do “The Times” eram escritos em newspeak, mas se tratava de um TOUR DE FORCE que só poderia ser realizado por um especialista. Esperava-se que a newspeak tivesse finalmente substituído o oldspeak (ou Inglês Padrão, como deveríamos chamá-lo) por volta do ano 2050. Enquanto isso, a língua ganhava terreno entre os membros do Partido que usavam cada vez mais palavras e construções gramaticais em newspeak em seu dia a dia. A versão em uso de 1984, e incorporada nas 9ª e 10ª edições do *Dicionário de Newspeak*, era provisória e continha muitas palavras supérfluas e formações arcaicas que seriam suprimidas posteriormente. Analisaremos aqui a versão final, aperfeiçoada e consolidada na 11ª edição do *Dicionário*.

O propósito da newspeak não era apenas criar um meio de expressão para a visão de mundo e hábitos mentais inerentes dos devotos do Ingsoc, mas tornar todos os outros modos de pensamento impossíveis. Pretendia-se que, quando a newspeak fosse adotada definitivamente por todos e a oldspeak fosse esquecida, um pensamento herético — ou seja, um pensamento divergente dos princípios do Ingsoc — seria literalmente impensável, pelo menos, na medida em que o pensamento depende das palavras para ser gerado. Seu vocabulário foi construído de modo a dar uma expressão exata e muitas vezes muito sutil a todos os significados que um membro do Partido pudesse desejar expressar apropriadamente. Ao mesmo tempo, excluía todos os outros significados e também a possibilidade de se chegar a eles por métodos indiretos. Isso foi feito em parte pela invenção de novas palavras, mas principalmente pela eliminação de palavras indesejáveis, pela remoção de significados não ortodoxos e, na medida do possível, de todos os significados secundários. Para dar um exemplo, a palavra FREE ainda existia em newspeak, mas só poderia ser usada em declarações como “Este cachorro está LIVRE de piolhos” ou “Este pasto está LIVRE de ervas daninhas”. Não poderia ser usado em seu antigo sentido de “politicamente LIVRE” ou “intelectualmente LIVRE”, uma vez que a liberdade política

e intelectual não existia mais nem mesmo como conceitos e, portanto, não tinha necessidade de ser nomeada. Além da supressão de palavras definitivamente heréticas, a redução do vocabulário era considerada um fim em si mesma, então, toda palavra dispensável foi eliminada. A newspeak foi projetada não para estender, mas para REDUZIR a gama de pensamento, e esse propósito foi indiretamente auxiliado pela redução da escolha de palavras ao mínimo.

A newspeak se baseava na língua inglesa como a conhecemos agora, embora muitas frases em newspeak, mesmo que não contivessem palavras recém-criadas, seriam de difícil entendimento para um falante de inglês atual. As palavras em newspeak foram divididas em três classes distintas, conhecidas como Vocabulário A, Vocabulário B (também chamado de palavras compostas) e Vocabulário C. Será mais simples discutir cada classe em separado, mas as peculiaridades gramaticais da língua serão tratadas na seção dedicada ao vocabulário A, uma vez que as mesmas regras valem para as três categorias.

VOCABULÁRIO A.

O vocabulário A consistia nas palavras necessárias para os negócios da vida cotidiana — para coisas como comer, beber, trabalhar, se vestir, subir e descer escadas, dirigir,

cuidar do jardim, cozinhar e assim por diante. Ele era composto quase inteiramente de palavras que já possuímos, como HIT, RUN, DOG, TREE, SUGAR, HOUSE, FIELD — mas em comparação com o vocabulário inglês atual, seu número era extremamente reduzido, enquanto suas definições eram muito mais rígidas. Todas as ambiguidades e nuances de significado foram eliminadas. Tanto quanto possível, uma palavra em newspeak dessa classe era simplesmente um staccato expressando UM conceito claramente compreendido. Seria impossível usar o Vocabulário A para fins literários ou para discussões políticas ou filosóficas. A intenção era expressar pensamentos simples e intencionais, geralmente envolvendo objetos concretos ou ações físicas.

A gramática da newspeak tinha duas peculiaridades marcantes. A primeira era uma intercambialidade quase completa entre diferentes classes gramaticais. Qualquer palavra do idioma (em princípio, isso se aplica até mesmo a palavras muito abstratas, como IF ou WHEN — SE e QUANDO) podia ser usada como verbo, substantivo, adjetivo ou advérbio. Entre o verbo e sua forma substantiva, quando eram da mesma raiz, nunca havia qualquer variação, essa regra em si envolvia a destruição de muitas formas arcaicas. A palavra THOUGHT, por exemplo, não existia em newspeak. Seu lugar foi ocupado por THINK, que cumpria o papel tanto do

substantivo quanto do verbo. Nenhum princípio etimológico era seguido. Em alguns casos, o substantivo original foi escolhido para retenção; em outros casos, o verbo. Mesmo quando um substantivo e um verbo de significados semelhantes não estavam etimologicamente conectados, um ou outro frequentemente era suprimido. Não existia, por exemplo, uma palavra como CUT, sendo seu significado suficientemente coberto pelo substantivo-verbo KNIFE. Os adjetivos eram formados pela adição do sufixo FUL ao substantivo-verbo; e os advérbios, pela adição de WISE. Assim, por exemplo, SPEEDFUL significava “rápido” e SPEEDWISE significava “rapidamente”. Alguns dos nossos adjetivos atuais, como GOOD, STRONG, BIG, BLACK, SOFT, foram mantidos, mas seu número total era muito pequeno. Havia pouca necessidade para eles, pois quase qualquer significado adjetival poderia ser alcançado adicionando FUL a um substantivo-verbo. Nenhum dos advérbios existentes atualmente foi mantido, exceto por alguns que já terminavam em WISE: a terminação WISE era invariável. A palavra WELL, por exemplo, foi substituída por GOODWISE.

Além disso, qualquer palavra — novamente, aplicando-se o conceito em princípio a todas as palavras do idioma — poderia ser negatizada pela adição do prefixo UN, ou poderia ser reforçada pelo afixo PLUS, ou, para ênfase ainda maior,

DOUBLEPLUS. Assim, por exemplo, UNCOLD significava “quente”, enquanto PLUSCOLD e DOUBLEPLUSCOLD significavam, respectivamente, “muito frio” e “superlativamente frio”. Também era possível, como no inglês atual, modificar o significado de quase qualquer palavra por prefixos preposicionais, como ANTE, POST, UP, DOWN etc. Por meio desses métodos, foi implementada uma diminuição extrema do vocabulário. Dada, por exemplo, a palavra GOOD, não havia necessidade de uma palavra como BAD, uma vez que o significado exigido era igualmente bem — na verdade, melhor — expresso por UNGOOD. Bastava escolher, em qualquer caso em que duas palavras formavam um par natural de opostos, qual delas suprimir. DARK, por exemplo, poderia ser substituído por UNLIGHT, ou LIGHT por UNDARK, conforme a preferência.

A segunda marca distintiva da gramática newspeak era sua regularidade. Sujeito a algumas exceções que serão mencionadas abaixo, todas as inflexões seguiam as mesmas regras. Assim, em todos os verbos, o pretérito e o particípio passado eram iguais e terminavam em ED. O pretérito de STEAL era STEALED, o pretérito de THINK era THINKEDED, e assim por diante. Foram eliminadas todas as formas como SWAM, GAVE, BROUGHT, SPOKE, TAKEN etc. Os plurais eram feitos adicionando-se S ou ES, conforme o caso. Os plurais de

MAN, OX, LIFE eram MANS, OXES, LIFES. A comparação dos adjetivos era feita invariavelmente pela adição de ER e EST (GOOD, GOODER, GOODEST), sendo suprimidas as formas irregulares e a formação MORE, MOST.

As únicas classes de palavras que ainda podiam flexionar irregularmente eram os pronomes relativos, os adjetivos demonstrativos e os verbos auxiliares. Todos esses seguiam seu uso antigo, exceto WHOM, que foi descartado como desnecessário; e os tempos SHALL, SHOULD foram retirados, todos os seus usos sendo cobertos por WILL e WOULD. Havia também certas irregularidades na formação de palavras decorrentes da necessidade de fala rápida e fácil. Uma palavra de difícil pronúncia ou passível de ser ouvida incorretamente era considerada, *ipso facto*, uma palavra proibida; ocasionalmente, portanto, por uma questão de eufonia, letras extras eram inseridas em uma palavra ou uma formação arcaica era mantida. Mas essa necessidade se fez sentir principalmente no que envolvia o Vocabulário B. POR QUE tamanha importância foi atribuída à facilidade de pronúncia, ficará claro mais adiante nesse ensaio.

VOCABULÁRIO B.

O Vocabulário B consistia em palavras deliberadamente construídas para fins políticos: palavras, por assim dizer, que

não apenas tinham implicações políticas, mas que pretendiam impor uma atitude mental desejável a quem as utilizava. Sem um entendimento completo dos princípios do Ingsoc, era difícil usar essas palavras corretamente. Em alguns casos, elas podiam ser traduzidas para *oldspeak* ou mesmo em palavras tiradas do Vocabulário A, mas isso geralmente exigia uma longa paráfrase e sempre envolvia a perda de certas tonalidades. As palavras B eram uma espécie de taquigrafia verbal, muitas vezes reunindo toda uma gama de ideias em poucas sílabas e, ao mesmo tempo, mais precisas e convincentes do que a linguagem comum.

As palavras B eram, em todos os casos, palavras compostas. [Palavras compostas, como *SPEAKWRITE*, eram naturalmente encontradas no Vocabulário A, mas eram apenas abreviações convenientes, e não tinham tonalidade ideológica.] Elas consistiam em duas ou mais palavras, ou grupos de palavras, unidas em uma forma de fácil pronúncia. A amálgama resultante sempre era um substantivo-verbo flexionado de acordo com as regras comuns. Para dar um exemplo: a palavra *GOODTHINK* significa, por aproximação, “ortodoxia” ou, se alguém preferir considerá-la como um verbo, “pensar de maneira ortodoxa”. Ela foi flexionada da seguinte maneira: substantivo-verbo, *GOODTHINK*; pretérito e particípio passado, *GOODTHINKED*; particípio presente,

GOOD-THINKING; adjetivo, GOODTHINKFUL; advérbio, GOODTHINKWISE; substantivo verbal, GOODTHINKER.

O Vocabulário B não foi construído com nenhum plano etimológico. As palavras que o compunham podiam ser de quaisquer classes gramaticais e podiam ser colocadas em qualquer ordem, mutiladas de qualquer maneira que as tornasse fáceis de pronunciar, enquanto indicavam sua derivação. Na palavra CRIMETHINK (thoughtcrime), por exemplo, o THINK vinha em segundo lugar, mas em THINKPOL (Polícia do Pensamento), ela vinha em primeiro, e sua última palavra, POLICE, havia perdido sua segunda sílaba. Devido à grande dificuldade em garantir a eufonia, as formações irregulares eram mais comuns no Vocabulário B do que no Vocabulário A. Por exemplo, as formas adjetivadas de MINITRUE, MINIPAX e MINILUV eram, respectivamente, MINITRUTHFUL, MINIPEACEFUL e MINILOVELY, simplesmente porque TRUEFUL, PAXFUL e LOVEFUL eram levemente difíceis de pronunciar. Em princípio, no entanto, todas as palavras B poderiam ser flexionadas; e todas elas exatamente da mesma maneira.

Algumas das palavras B tinham significados altamente sutis, dificilmente inteligíveis para quem não dominasse a língua como um todo. Considere, por exemplo, uma frase típica de uma manchete do “Times” como OLDTHINKERS

UNBELLYFEEL INGSOC. A tradução mais curta, em *oldsppeak*, seria: “Aqueles cujas ideias foram formadas antes da Revolução não podem ter uma compreensão emocional completa dos princípios do Socialismo Inglês”. Mas essa não é uma tradução adequada. Para começar, a fim de compreender o sentido pleno da frase em *newspeak* citada acima, seria necessário ter uma noção clara do que se entende por INGSOC. E, além disso, apenas uma pessoa totalmente fundamentada no *Ingsoc* poderia apreciar toda a força da palavra BELLYFEEL, que implicava uma aceitação cega e entusiástica, difícil de ser imaginada hoje em dia; ou da palavra OLDTHINK, cuja era inextricavelmente contaminada pela ideia de maldade e decadência. Mas a função especial de certas palavras em *newspeak*, das quais OLDTHINK era uma delas, não era tanto a de expressar significados, mas destruí-los. Essas palavras, necessariamente poucas em número, tiveram seus significados ampliados até que contivessem em si mesmas conjuntos inteiros de palavras que, por estarem suficientemente cobertos por um único termo abrangente, poderiam agora ser descartadas e esquecidas. A maior dificuldade enfrentada pelos compiladores do *Dicionário de Newspeak* não era inventar palavras novas, mas, tendo-as inventado, certificar-se do que significavam: certificar-se no sentido de saber quais grupos de palavras elas anulavam com sua invenção.

Como já vimos no caso da palavra FREE, palavras que antes carregavam um significado herético, às vezes, eram retidas por uma questão de conveniência, mas somente depois de os significados indesejáveis serem eliminados delas. Inúmeras outras palavras, como HONOUR, JUSTICE, MORALITY, INTERNATIONALISM, DEMOCRACY, SCIENCE e RELIGION, simplesmente deixaram de existir. Algumas palavras gerais as substituíram e, ao fazerem isso, as aboliram. Todas as palavras agrupadas em volta dos conceitos de liberdade e igualdade, por exemplo, estavam contidas em uma única palavra: CRIMETHINK; por outro lado, todas as palavras agrupadas em torno dos conceitos de objetividade e racionalismo estavam contidas em uma única palavra: OLDTHINK. Maior precisão teria sido perigoso. O que era exigido de um membro do Partido era uma perspectiva semelhante a do antigo hebreu que sabia, sem saber muito mais, que todas as nações, exceto a sua, adoravam “falsos deuses”. Ele não precisava saber que esses deuses eram chamados de Baal, Osíris, Moloch, Ashtaroth e assim por diante. Provavelmente, quanto menos ele soubesse, melhor para a sua ortodoxia. Ele conhecia Jeová e os mandamentos de Jeová: sabia, portanto, que todos os deuses com outros nomes ou outros atributos eram falsos deuses. Mais ou menos da mesma forma, o membro do Partido sabia o que constituía

uma conduta correta e, em termos excessivamente vagos e generalizados, sabia que tipos de desvio dela eram possíveis. Sua vida sexual, por exemplo, era inteiramente regulada por duas palavras em newspeak: SEXCRIME (imoralidade sexual) e GOODSEX (castidade). SEXCRIME cobria todos os delitos sexuais de qualquer natureza: abrangia fornicação, adultério, homossexualidade e outras perversões e, além disso, relações sexuais normais por si mesmas. Não havia necessidade de enumerá-las separadamente, uma vez que todas eram igualmente criminosas e, em princípio, puníveis com a morte. No Vocabulário C, que consistia de palavras científicas e técnicas, podia ser necessário dar nomes especializados a certas aberrações sexuais, mas o cidadão comum não precisava deles. Ele sabia o que significava GOODSEX — ou seja, a relação entre marido e mulher com o único propósito de gerar filhos, sem prazer físico por parte da mulher. Tudo o mais era SEXCRIME. Em newspeak, raramente era possível seguir um pensamento herético além da percepção de que era herético: a partir desse ponto, as palavras necessárias eram inexistentes.

Nenhuma palavra no Vocabulário B era ideologicamente neutra. Muitas eram eufemismos. Palavras, por exemplo, como JOYCAMP (campo de trabalhos forçados) ou MINIPAX (Ministério da Paz, ou seja, Ministério da

Guerra) significavam quase exatamente o oposto do que pareciam significar. Algumas palavras, por outro lado, exibiam uma compreensão franca e desdenhosa da real natureza da sociedade oceânica. Um exemplo era PROLEFEED, que significava entretenimento ruim e notícias ambíguas que o Partido distribuía às massas. Outras palavras também eram ambivalentes, tendo a conotação de “bom” quando aplicadas ao Partido e “mau” quando aplicadas a seus inimigos. Mas, além disso, havia um grande número de palavras que, à primeira vista, pareciam meras abreviaturas e que derivavam o matiz ideológico de sua estrutura, e não de seu significado.

Na medida em que pudesse ser planejado, tudo o que tinha ou poderia ter significado político de qualquer tipo se encaixava no Vocabulário B. O nome de cada organização, grupo de pessoas, doutrina, país, instituição e prédio público eram invariavelmente cortados na forma familiar. Ou seja, uma única palavra facilmente pronunciada com o menor número de sílabas que preservasse sua derivação original. No Ministério da Verdade, por exemplo, o Departamento de Registros, no qual Winston Smith trabalhava, chamava-se RECDEP; o Departamento de Ficção se chamava FICDEP; o Departamento de Teleprogramas se chamava TELEDEP; e assim por diante. Isso não foi feito apenas com o objetivo de economizar tempo. Mesmo nas primeiras décadas do

século 20, as palavras e as frases encurtadas foram um dos traços característicos da linguagem política; e notou-se que a tendência de usar abreviações desse tipo era mais acentuada em países totalitários e organizações totalitárias. São exemplos as palavras, como: NAZI, GESTAPO, COMINTERN, INPRECORR, AGITPROP. No início, a prática tinha sido adotada instintivamente, mas em newspeak era usada com um propósito consciente. Percebeu-se que, ao abreviar um nome dessa forma, estreitava-se e, sutilmente, alterava-se seu significado, eliminando a maioria das associações que, de outra forma, se apegariam a ele. As palavras COMMUNIST INTERNATIONAL, por exemplo, evocam um quadro composto de fraternidade humana universal, bandeiras vermelhas, barricadas, Karl Marx e a Comuna de Paris. A palavra COMINTERN, por outro lado, sugere apenas uma organização coesa e uma doutrina bem definida. Refere-se a algo quase tão facilmente reconhecido, e tão limitado em propósito, como uma cadeira ou uma mesa. COMINTERN é uma palavra que pode ser pronunciada quase sem pensar; enquanto COMMUNIST INTERNATIONAL é uma frase que leva algum tempo para ser pronunciada. Da mesma forma, as associações convocadas por uma palavra como MINITRUE são em menor número e mais controláveis do que aquelas convocadas pelo MINISTÉRIO DA VERDADE.

Isso explicava não apenas o hábito de abreviar sempre que possível, mas também o cuidado quase exagerado que era tomado para tornar cada palavra facilmente pronunciável.

Em newspeak, a eufonia superava todas as considerações, exceto a exatidão do significado. A correção gramatical sempre foi sacrificada quando parecia necessário. E com razão, uma vez que o que era necessário, sobretudo para fins políticos, eram palavras curtas e recortadas de significado inconfundível, que podiam ser pronunciadas rapidamente e que despertavam o mínimo de ecos na mente do locutor. As palavras do Vocabulário B ganharam força pelo fato de quase todas serem muito parecidas. Quase invariavelmente — GOODTHINK, MINIPAX, PROLEFEED, SEXCRIME, JOYCAMP, INGSOC, BELLYFEEL, THINKPOL e inúmeras outras —, eram palavras de duas ou três sílabas, com a tônica distribuída igualmente entre a primeira e a última sílaba. O uso delas encorajou um estilo de fala eloquente, ao mesmo tempo staccato e monótono. E era exatamente isso que se pretendia. A intenção era fazer com que o discurso, e especialmente o discurso sobre qualquer assunto não neutro ideologicamente, fosse o mais independente possível da consciência. Para os propósitos da vida cotidiana, era sem dúvida necessário, ou preciso, pelo menos, às vezes, refletir antes de falar, mas um membro do Partido chamado para

fazer um julgamento político ou ético deveria ser capaz de espalhar as opiniões corretas tão automaticamente quanto uma metralhadora cospe balas. Seu treinamento o capacitava para fazer isso, a linguagem lhe dava um instrumento quase infalível, bem como a textura das palavras, com seu som áspero e de certa feiura intencional, estavam de acordo com o espírito do Ingsoc.

O mesmo acontecia com o fato de haver pouca escolha de palavras. Em relação ao nosso, o vocabulário newspeak era minúsculo e novas maneiras de reduzi-lo eram constantemente inventadas. A newspeak, na verdade, diferia da maioria das outras línguas, pois o seu vocabulário se reduzia ao invés de aumentar a cada ano. Cada redução era um ganho, pois quanto menor o campo de escolha, menor a tentação de raciocinar. Em última análise, esperava-se que a fala articulada saísse da laringe sem envolver os centros superiores do cérebro. Esse objetivo foi francamente admitido na palavra newspeak DUCKSPEAK, que significa “grasnar como um pato”. Como várias outras palavras do Vocabulário B, DUCKSPEAK tinha um significado ambivalente. Contanto que as opiniões grasnadas fossem ortodoxas, não implicava em nada além de elogios; e quando “The Times” se referia a um dos oradores do Partido como um DOUBLEPLUSGOOD DUCKSPEAKER, o jornal estava prestando um elogio sincero e valioso.

VOCABULÁRIO C.

O vocabulário C era complementar aos demais e consistia inteiramente em termos científicos e técnicos. Esses se assemelhavam à terminologia científica utilizada hoje e foram construídos a partir das mesmas raízes, mas o cuidado usual foi tomado para defini-los rigidamente e despojá-los de significados indesejáveis. Eles seguiam as mesmas regras gramaticais que as palavras dos outros dois vocabulários. Muito poucas das palavras C eram utilizadas nos discursos tanto cotidiano quanto político. Qualquer cientista ou técnico poderia encontrar todas as palavras de que precisava na lista dedicada à sua especialidade, mas raramente tinha mais do que um pequeno grupo de palavras que ocorriam nas outras listas. Poucas palavras eram comuns a todas as listas, e não havia vocabulário que expressasse a função da ciência como um hábito mental ou um método de pensamento, independentemente de seus ramos particulares. Na verdade, não havia nenhuma palavra para “ciência”, qualquer significado que ela pudesse trazer já estava suficientemente coberto pela palavra *Ingsoc*.

A partir do relato anterior, vimos que, em *newspeak*, a expressão de opiniões heterodoxas, acima de um nível muito baixo, era quase impossível. É claro que era possível proferir heresias de um tipo muito grosseiro, uma espécie de

blasfêmia. Teria sido possível, por exemplo, dizer que o BIG BROTHER IS UNGOOD. Mas essa afirmação, que para um ouvido ortodoxo apenas transmitia um absurdo autoevidente, não poderia ser sustentada por um argumento racional, porque as palavras necessárias não estavam disponíveis. Ideias inimigas do Ingsoc só podiam ser sugeridas de maneira vaga e sem palavras, e só podiam ser nomeadas em termos muito amplos que agrupavam e condenavam grupos inteiros de heresias sem defini-las necessariamente. Na verdade, só se poderia usar newspeak para propósitos pouco ortodoxos, traduzindo ilegitimamente algumas das palavras de volta para oldspeak. Por exemplo, TODOS OS HOMENS SÃO IGUAIS era uma frase possível em newspeak, mas apenas no mesmo sentido em que TODOS OS HOMENS SÃO RUIVOS é uma frase possível em oldspeak. Ela não continha um erro gramatical, mas expressava uma inverdade palpável — isto é, que todos os homens têm o mesmo tamanho, peso ou força. O conceito de igualdade política não existia mais, e esse significado secundário havia sido, conseqüentemente, eliminado da palavra EQUAL. Em 1984, quando o oldspeak ainda era o meio normal de comunicação, teoricamente existia o perigo de que, ao usar palavras em newspeak, alguém pudesse se lembrar de seus significados originais. Na prática, não era difícil para qualquer pessoa bem fundamentada em

DOUBLETHINK evitar essa armadilha, mas dentro de algumas gerações até mesmo a possibilidade de tal lapso teria desaparecido. Uma pessoa alfabetizada em newspeak como sua única língua não saberia mais que EQUAL uma vez já teve o significado secundário de “politicamente igual”, ou que FREE já significou “intelectualmente livre”, do que, por exemplo, uma pessoa que nunca ouviu falar de xadrez estaria ciente dos significados secundários vinculados a RAINHA e ROQUE. Haveria muitos crimes e erros que estariam além de sua capacidade de cometer, simplesmente porque eram anônimos e, portanto, inimagináveis. E era de se prever que, com o passar do tempo, as características distintivas da newspeak se tornassem cada vez mais pronunciadas — seu rol de palavras cada vez menor, seus significados cada vez mais rígidos e a chance de colocá-los em usos impróprios sempre diminuindo.

Quando a oldspeak tivesse sido substituída de uma vez por todas, o último elo com o passado teria sido rompido. A história já havia sido reescrita, mas fragmentos da literatura do passado sobreviviam aqui e ali, censurados imperfeitamente, e enquanto se mantivesse o conhecimento da oldspeak, seria possível lê-los. No futuro, esses fragmentos, mesmo que sobrevivessem, seriam ininteligíveis e intraduzíveis. Era impossível traduzir qualquer passagem da oldspeak para

newspeak a menos que se referisse a algum processo técnico ou a alguma ação cotidiana muito simples, ou que já fosse uma tendência ortodoxa (GOODTHINKFUL seria a expressão em newspeak). Na prática, isso significava que nenhum livro escrito antes de aproximadamente 1960 poderia ser completamente traduzido. A literatura pré-revolucionária só poderia ser submetida à tradução ideológica — isto é, a alteração tanto de sentido quanto de linguagem. Tomemos, por exemplo, a passagem bem conhecida da Declaração de Independência:

Tomamos essas verdades como evidentes: que todos os homens nascem iguais, que são dotados por seu criador com certos direitos inalienáveis, que entre eles estão a vida, a liberdade e a busca da felicidade; que, para assegurar esses direitos, os governos sejam instituídos entre os homens, derivando seus poderes do consentimento dos governados; que sempre e de qualquer forma que um governo se tornar destrutivo a estes fins, será direito das pessoas alterá-lo ou aboli-lo e instituir um novo governo.

Teria sido totalmente impossível traduzir esse trecho para newspeak mantendo o seu sentido original. O mais

próximo que se poderia chegar de fazer isso seria resumir toda a passagem em uma única palavra: CRIMETHINK. Uma tradução completa só poderia ser uma tradução ideológica, por meio da qual as palavras de Jefferson seriam transformadas em um panegírico sobre um governo absolutista.

Na verdade, boa parte da literatura do passado já estava sendo transformada dessa maneira. Considerações de prestígio tornavam desejável preservar a memória de certas figuras históricas, ao mesmo tempo em que se alinhavam suas realizações com a filosofia do Ingsoc. Vários escritores, como Shakespeare, Milton, Swift, Byron, Dickens e alguns outros, portanto, estavam em processo de tradução. Quando a tarefa estivesse concluída, seus escritos originais e tudo o mais que sobreviveu da literatura clássica, seriam destruídos. Essas traduções eram um trabalho lento e difícil, e não se esperava que fossem concluídas antes da primeira ou segunda década do século 21. Havia também uma grande quantidade de literatura meramente utilitária — manuais técnicos indispensáveis e coisas do gênero — que precisava ser tratada da mesma maneira. Foi principalmente para dar tempo ao trabalho preliminar de tradução que a adoção final da newspeak acabou anunciada para uma data tão tardia como 2050.

Traduzido por Ricardo Giassetti

Consultor em cultura participativa e inovações digitais, transita pelos mercados editorial, publicitário e audiovisual. Criou metodologias para localização cultural em países diversos como China, Índia, União Europeia, Estados Unidos e América Latina. Autor de *Gunned Down — Down the River* (EUA, 2005) e *O catador de batatas e o filho da costureira* (Brasil-Japão, 2008). É fundador da Mojo (2006) e do Instituto Mojo de Comunicação Intercultural (2018).





EX-122

RECORDED
&
INDEXED

197-401-349
21
JAN 20 1968
b7c

INSOC

FBI

Nineteen Eighty Four

George Orwell
(Eric Blair)

PART ONE

CHAPTER 1

It was a bright cold day in April, and the clocks were striking thirteen. Winston Smith, his chin nuzzled into his breast in an effort to escape the vile wind, slipped quickly through the glass doors of Victory Mansions, though not quickly enough to prevent a swirl of gritty dust from entering along with him.

The hallway smelt of boiled cabbage and old rag mats. At one end of it a coloured poster, too large for indoor display, had been tacked to the wall. It depicted simply an enormous face, more than a metre wide: the face of a man of about forty-five, with a heavy black moustache and ruggedly handsome features. Winston made for the stairs. It was no use trying the lift. Even at the best of times it was seldom working, and at present the electric current was cut off during daylight hours. It was part of the economy drive in preparation for Hate Week. The flat was seven flights up, and Winston, who was thirty-nine and had a varicose ulcer above his right ankle, went slowly, resting several times on

the way. On each landing, opposite the lift-shaft, the poster with the enormous face gazed from the wall. It was one of those pictures which are so contrived that the eyes follow you about when you move. BIG BROTHER IS WATCHING YOU, the caption beneath it ran.

Inside the flat a fruity voice was reading out a list of figures which had something to do with the production of pig-iron. The voice came from an oblong metal plaque like a dulled mirror which formed part of the surface of the right-hand wall. Winston turned a switch and the voice sank somewhat, though the words were still distinguishable. The instrument (the telescreen, it was called) could be dimmed, but there was no way of shutting it off completely. He moved over to the window: a smallish, frail figure, the meagreness of his body merely emphasized by the blue overalls which were the uniform of the party. His hair was very fair, his face naturally sanguine, his skin roughened by coarse soap and blunt razor blades and the cold of the winter that had just ended.

Outside, even through the shut window-pane, the world looked cold. Down in the street little eddies of wind were whirling dust and torn paper into spirals, and though the sun was shining and the sky a harsh blue, there seemed to be no colour in anything, except the posters that were

plastered everywhere. The black-moustachio'd face gazed down from every commanding corner. There was one on the house-front immediately opposite. BIG BROTHER IS WATCHING YOU, the caption said, while the dark eyes looked deep into Winston's own. Down at street level another poster, torn at one corner, flapped fitfully in the wind, alternately covering and uncovering the single word INGSOC. In the far distance a helicopter skimmed down between the roofs, hovered for an instant like a bluebottle, and darted away again with a curving flight. It was the police patrol, snooping into people's windows. The patrols did not matter, however. Only the Thought Police mattered.

Behind Winston's back the voice from the telescreen was still babbling away about pig-iron and the overfulfilment of the Ninth Three-Year Plan. The telescreen received and transmitted simultaneously. Any sound that Winston made, above the level of a very low whisper, would be picked up by it, moreover, so long as he remained within the field of vision which the metal plaque commanded, he could be seen as well as heard. There was of course no way of knowing whether you were being watched at any given moment. How often, or on what system, the Thought Police plugged in on any individual wire was guesswork. It was even conceivable that they watched everybody all the time. But at any rate

they could plug in your wire whenever they wanted to. You had to live--did live, from habit that became instinct--in the assumption that every sound you made was overheard, and, except in darkness, every movement scrutinized.

Winston kept his back turned to the telescreen. It was safer; though, as he well knew, even a back can be revealing. A kilometre away the Ministry of Truth, his place of work, towered vast and white above the grimy landscape. This, he thought with a sort of vague distaste--this was London, chief city of Airstrip One, itself the third most populous of the provinces of Oceania. He tried to squeeze out some childhood memory that should tell him whether London had always been quite like this. Were there always these vistas of rotting nineteenth-century houses, their sides shored up with baulks of timber, their windows patched with cardboard and their roofs with corrugated iron, their crazy garden walls sagging in all directions? And the bombed sites where the plaster dust swirled in the air and the willow-herb straggled over the heaps of rubble; and the places where the bombs had cleared a larger patch and there had sprung up sordid colonies of wooden dwellings like chicken-houses? But it was no use, he could not remember: nothing remained of his childhood except a series of bright-lit tableaux occurring against no background and mostly unintelligible.

The Ministry of Truth--Minitrue, in Newspeak [Newspeak was the official language of Oceania. For an account of its structure and etymology see Appendix.]--was startlingly different from any other object in sight. It was an enormous pyramidal structure of glittering white concrete, soaring up, terrace after terrace, 300 metres into the air. From where Winston stood it was just possible to read, picked out on its white face in elegant lettering, the three slogans of the Party:

WAR IS PEACE

FREEDOM IS SLAVERY

IGNORANCE IS STRENGTH

The Ministry of Truth contained, it was said, three thousand rooms above ground level, and corresponding ramifications below. Scattered about London there were just three other buildings of similar appearance and size. So completely did they dwarf the surrounding architecture that from the roof of Victory Mansions you could see all four of them simultaneously. They were the homes of the four Ministries between which the entire apparatus of government was divided. The Ministry of Truth, which concerned itself with news, entertainment, education, and

the fine arts. The Ministry of Peace, which concerned itself with war. The Ministry of Love, which maintained law and order. And the Ministry of Plenty, which was responsible for economic affairs. Their names, in Newspeak: Minitrue, Minipax, Miniluv, and Miniplenty.

The Ministry of Love was the really frightening one. There were no windows in it at all. Winston had never been inside the Ministry of Love, nor within half a kilometre of it. It was a place impossible to enter except on official business, and then only by penetrating through a maze of barbed-wire entanglements, steel doors, and hidden machine-gun nests. Even the streets leading up to its outer barriers were roamed by gorilla-faced guards in black uniforms, armed with jointed truncheons.

Winston turned round abruptly. He had set his features into the expression of quiet optimism which it was advisable to wear when facing the telescreen. He crossed the room into the tiny kitchen. By leaving the Ministry at this time of day he had sacrificed his lunch in the canteen, and he was aware that there was no food in the kitchen except a hunk of dark-coloured bread which had got to be saved for tomorrow's breakfast. He took down from the shelf a bottle of colourless liquid with a plain white label marked VICTORY GIN. It gave off a sickly, oily smell, as of Chinese rice-spirit.

Winston poured out nearly a teacupful, nerved himself for a shock, and gulped it down like a dose of medicine.

Instantly his face turned scarlet and the water ran out of his eyes. The stuff was like nitric acid, and moreover, in swallowing it one had the sensation of being hit on the back of the head with a rubber club. The next moment, however, the burning in his belly died down and the world began to look more cheerful. He took a cigarette from a crumpled packet marked VICTORY CIGARETTES and incautiously held it upright, whereupon the tobacco fell out on to the floor. With the next he was more successful. He went back to the living-room and sat down at a small table that stood to the left of the telescreen. From the table drawer he took out a penholder, a bottle of ink, and a thick, quarto-sized blank book with a red back and a marbled cover.

For some reason the telescreen in the living-room was in an unusual position. Instead of being placed, as was normal, in the end wall, where it could command the whole room, it was in the longer wall, opposite the window. To one side of it there was a shallow alcove in which Winston was now sitting, and which, when the flats were built, had probably been intended to hold bookshelves. By sitting in the alcove, and keeping well back, Winston was able to remain outside the range of the telescreen, so far as sight

went. He could be heard, of course, but so long as he stayed in his present position he could not be seen. It was partly the unusual geography of the room that had suggested to him the thing that he was now about to do.

But it had also been suggested by the book that he had just taken out of the drawer. It was a peculiarly beautiful book. Its smooth creamy paper, a little yellowed by age, was of a kind that had not been manufactured for at least forty years past. He could guess, however, that the book was much older than that. He had seen it lying in the window of a frowsy little junk-shop in a slummy quarter of the town (just what quarter he did not now remember) and had been stricken immediately by an overwhelming desire to possess it. Party members were supposed not to go into ordinary shops ('dealing on the free market', it was called), but the rule was not strictly kept, because there were various things, such as shoelaces and razor blades, which it was impossible to get hold of in any other way. He had given a quick glance up and down the street and then had slipped inside and bought the book for two dollars fifty. At the time he was not conscious of wanting it for any particular purpose. He had carried it guiltily home in his briefcase. Even with nothing written in it, it was a compromising possession.

The thing that he was about to do was to open a diary. This was not illegal (nothing was illegal, since there were no

longer any laws), but if detected it was reasonably certain that it would be punished by death, or at least by twenty-five years in a forced-labour camp. Winston fitted a nib into the penholder and sucked it to get the grease off. The pen was an archaic instrument, seldom used even for signatures, and he had procured one, furtively and with some difficulty, simply because of a feeling that the beautiful creamy paper deserved to be written on with a real nib instead of being scratched with an ink-pencil. Actually he was not used to writing by hand. Apart from very short notes, it was usual to dictate everything into the speak-write which was of course impossible for his present purpose. He dipped the pen into the ink and then faltered for just a second. A tremor had gone through his bowels. To mark the paper was the decisive act. In small clumsy letters he wrote:

April 4th, 1984.

He sat back. A sense of complete helplessness had descended upon him. To begin with, he did not know with any certainty that this was 1984. It must be round about that date, since he was fairly sure that his age was thirty-nine, and he believed that he had been born in 1944 or 1945; but it was never possible nowadays to pin down any date within a year or two.

For whom, it suddenly occurred to him to wonder, was he writing this diary? For the future, for the unborn. His mind hovered for a moment round the doubtful date on the page, and then fetched up with a bump against the Newspeak word DOUBLETHINK. For the first time the magnitude of what he had undertaken came home to him. How could you communicate with the future? It was of its nature impossible. Either the future would resemble the present, in which case it would not listen to him: or it would be different from it, and his predicament would be meaningless.

For some time he sat gazing stupidly at the paper. The telescreen had changed over to strident military music. It was curious that he seemed not merely to have lost the power of expressing himself, but even to have forgotten what it was that he had originally intended to say. For weeks past he had been making ready for this moment, and it had never crossed his mind that anything would be needed except courage. The actual writing would be easy. All he had to do was to transfer to paper the interminable restless monologue that had been running inside his head, literally for years. At this moment, however, even the monologue had dried up. Moreover his varicose ulcer had begun itching unbearably. He dared not scratch it, because if he did so it always became inflamed. The seconds were ticking by. He was conscious of nothing

except the blankness of the page in front of him, the itching of the skin above his ankle, the blaring of the music, and a slight booziness caused by the gin.

Suddenly he began writing in sheer panic, only imperfectly aware of what he was setting down. His small but childish handwriting straggled up and down the page, shedding first its capital letters and finally even its full stops:

April 4th, 1984. Last night to the flicks. All war films. One very good one of a ship full of refugees being bombed somewhere in the Mediterranean. Audience much amused by shots of a great huge fat man trying to swim away with a helicopter after him, first you saw him wallowing along in the water like a porpoise, then you saw him through the helicopters gunsights, then he was full of holes and the sea round him turned pink and he sank as suddenly as though the holes had let in the water, audience shouting with laughter when he sank. then you saw a lifeboat full of children with a helicopter hovering over it. there was a middle-aged woman might have been a jewess sitting up in the bow with a little boy about three years old in her arms. little boy screaming with fright and hiding his head between

her breasts as if he was trying to burrow right into her and the woman putting her arms round him and comforting him although she was blue with fright herself, all the time covering him up as much as possible as if she thought her arms could keep the bullets off him. then the helicopter planted a 20 kilo bomb in among them terrific flash and the boat went all to matchwood. then there was a wonderful shot of a child's arm going up up up right up into the air a helicopter with a camera in its nose must have followed it up and there was a lot of applause from the party seats but a woman down in the prole part of the house suddenly started kicking up a fuss and shouting they didnt oughter of showed it not in front of kids they didnt it aint right not in front of kids it aint until the police turned her turned her out i dont suppose anything happened to her nobody cares what the proles say typical prole reaction they never---

Winston stopped writing, partly because he was suffering from cramp. He did not know what had made him pour out this stream of rubbish. But the curious thing was that while he was doing so a totally different memory had clarified itself in his mind, to the point where he almost felt equal to writing it down. It was, he now realized, because

of this other incident that he had suddenly decided to come home and begin the diary today.

It had happened that morning at the Ministry, if anything so nebulous could be said to happen.

It was nearly eleven hundred, and in the Records Department, where Winston worked, they were dragging the chairs out of the cubicles and grouping them in the centre of the hall opposite the big telescreen, in preparation for the Two Minutes Hate. Winston was just taking his place in one of the middle rows when two people whom he knew by sight, but had never spoken to, came unexpectedly into the room. One of them was a girl whom he often passed in the corridors. He did not know her name, but he knew that she worked in the Fiction Department. Presumably--since he had sometimes seen her with oily hands and carrying a spanner--she had some mechanical job on one of the novel-writing machines. She was a bold-looking girl, of about twenty-seven, with thick hair, a freckled face, and swift, athletic movements. A narrow scarlet sash, emblem of the Junior Anti-Sex League, was wound several times round the waist of her overalls, just tightly enough to bring out the shapeliness of her hips. Winston had disliked her from the very first moment of seeing her. He knew the reason. It was because of the atmosphere of hockey-fields and cold baths

and community hikes and general clean-mindedness which she managed to carry about with her. He disliked nearly all women, and especially the young and pretty ones. It was always the women, and above all the young ones, who were the most bigoted adherents of the Party, the swallowers of slogans, the amateur spies and nosers-out of unorthodoxy. But this particular girl gave him the impression of being more dangerous than most. Once when they passed in the corridor she gave him a quick sidelong glance which seemed to pierce right into him and for a moment had filled him with black terror. The idea had even crossed his mind that she might be an agent of the Thought Police. That, it was true, was very unlikely. Still, he continued to feel a peculiar uneasiness, which had fear mixed up in it as well as hostility, whenever she was anywhere near him.

The other person was a man named O'Brien, a member of the Inner Party and holder of some post so important and remote that Winston had only a dim idea of its nature. A momentary hush passed over the group of people round the chairs as they saw the black overalls of an Inner Party member approaching. O'Brien was a large, burly man with a thick neck and a coarse, humorous, brutal face. In spite of his formidable appearance he had a certain charm of manner. He had a trick of resettling his spectacles on his nose

which was curiously disarming--in some indefinable way, curiously civilized. It was a gesture which, if anyone had still thought in such terms, might have recalled an eighteenth-century nobleman offering his snuffbox. Winston had seen O'Brien perhaps a dozen times in almost as many years. He felt deeply drawn to him, and not solely because he was intrigued by the contrast between O'Brien's urbane manner and his prize-fighter's physique. Much more it was because of a secretly held belief--or perhaps not even a belief, merely a hope--that O'Brien's political orthodoxy was not perfect. Something in his face suggested it irresistibly. And again, perhaps it was not even unorthodoxy that was written in his face, but simply intelligence. But at any rate he had the appearance of being a person that you could talk to if somehow you could cheat the telescreen and get him alone. Winston had never made the smallest effort to verify this guess: indeed, there was no way of doing so. At this moment O'Brien glanced at his wrist-watch, saw that it was nearly eleven hundred, and evidently decided to stay in the Records Department until the Two Minutes Hate was over. He took a chair in the same row as Winston, a couple of places away. A small, sandy-haired woman who worked in the next cubicle to Winston was between them. The girl with dark hair was sitting immediately behind.

The next moment a hideous, grinding speech, as of some monstrous machine running without oil, burst from the big telescreen at the end of the room. It was a noise that set one's teeth on edge and bristled the hair at the back of one's neck. The Hate had started.

As usual, the face of Emmanuel Goldstein, the Enemy of the People, had flashed on to the screen. There were hisses here and there among the audience. The little sandy-haired woman gave a squeak of mingled fear and disgust. Goldstein was the renegade and backslider who once, long ago (how long ago, nobody quite remembered), had been one of the leading figures of the Party, almost on a level with Big Brother himself, and then had engaged in counter-revolutionary activities, had been condemned to death, and had mysteriously escaped and disappeared. The programmes of the Two Minutes Hate varied from day to day, but there was none in which Goldstein was not the principal figure. He was the primal traitor, the earliest defiler of the Party's purity. All subsequent crimes against the Party, all treacheries, acts of sabotage, heresies, deviations, sprang directly out of his teaching. Somewhere or other he was still alive and hatching his conspiracies: perhaps somewhere beyond the sea, under the protection of his foreign paymasters, perhaps even--so it was occasionally rumoured--in some hiding-place in Oceania itself.

Winston's diaphragm was constricted. He could never see the face of Goldstein without a painful mixture of emotions. It was a lean Jewish face, with a great fuzzy aureole of white hair and a small goatee beard--a clever face, and yet somehow inherently despicable, with a kind of senile silliness in the long thin nose, near the end of which a pair of spectacles was perched. It resembled the face of a sheep, and the voice, too, had a sheep-like quality. Goldstein was delivering his usual venomous attack upon the doctrines of the Party--an attack so exaggerated and perverse that a child should have been able to see through it, and yet just plausible enough to fill one with an alarmed feeling that other people, less level-headed than oneself, might be taken in by it. He was abusing Big Brother, he was denouncing the dictatorship of the Party, he was demanding the immediate conclusion of peace with Eurasia, he was advocating freedom of speech, freedom of the Press, freedom of assembly, freedom of thought, he was crying hysterically that the revolution had been betrayed--and all this in rapid polysyllabic speech which was a sort of parody of the habitual style of the orators of the Party, and even contained Newspeak words: more Newspeak words, indeed, than any Party member would normally use in real life. And all the while, lest one should be in any doubt as to the reality which Goldstein's specious

claptrap covered, behind his head on the telescreen there marched the endless columns of the Eurasian army--row after row of solid-looking men with expressionless Asiatic faces, who swam up to the surface of the screen and vanished, to be replaced by others exactly similar. The dull rhythmic tramp of the soldiers' boots formed the background to Goldstein's bleating voice.

Before the Hate had proceeded for thirty seconds, uncontrollable exclamations of rage were breaking out from half the people in the room. The self-satisfied sheep-like face on the screen, and the terrifying power of the Eurasian army behind it, were too much to be borne: besides, the sight or even the thought of Goldstein produced fear and anger automatically. He was an object of hatred more constant than either Eurasia or Eastasia, since when Oceania was at war with one of these Powers it was generally at peace with the other. But what was strange was that although Goldstein was hated and despised by everybody, although every day and a thousand times a day, on platforms, on the telescreen, in newspapers, in books, his theories were refuted, smashed, ridiculed, held up to the general gaze for the pitiful rubbish that they were--in spite of all this, his influence never seemed to grow less. Always there were fresh dupes waiting to be seduced by him. A day never passed when spies and

saboteurs acting under his directions were not unmasked by the Thought Police. He was the commander of a vast shadowy army, an underground network of conspirators dedicated to the overthrow of the State. The Brotherhood, its name was supposed to be. There were also whispered stories of a terrible book, a compendium of all the heresies, of which Goldstein was the author and which circulated clandestinely here and there. It was a book without a title. People referred to it, if at all, simply as THE BOOK. But one knew of such things only through vague rumours. Neither the Brotherhood nor THE BOOK was a subject that any ordinary Party member would mention if there was a way of avoiding it.

In its second minute the Hate rose to a frenzy. People were leaping up and down in their places and shouting at the tops of their voices in an effort to drown the maddening bleating voice that came from the screen. The little sandy-haired woman had turned bright pink, and her mouth was opening and shutting like that of a landed fish. Even O'Brien's heavy face was flushed. He was sitting very straight in his chair, his powerful chest swelling and quivering as though he were standing up to the assault of a wave. The dark-haired girl behind Winston had begun crying out 'Swine! Swine! Swine!' and suddenly she picked up a heavy Newspeak

dictionary and flung it at the screen. It struck Goldstein's nose and bounced off; the voice continued inexorably. In a lucid moment Winston found that he was shouting with the others and kicking his heel violently against the rung of his chair. The horrible thing about the Two Minutes Hate was not that one was obliged to act a part, but, on the contrary, that it was impossible to avoid joining in. Within thirty seconds any pretence was always unnecessary. A hideous ecstasy of fear and vindictiveness, a desire to kill, to torture, to smash faces in with a sledge-hammer, seemed to flow through the whole group of people like an electric current, turning one even against one's will into a grimacing, screaming lunatic. And yet the rage that one felt was an abstract, undirected emotion which could be switched from one object to another like the flame of a blowlamp. Thus, at one moment Winston's hatred was not turned against Goldstein at all, but, on the contrary, against Big Brother, the Party, and the Thought Police; and at such moments his heart went out to the lonely, derided heretic on the screen, sole guardian of truth and sanity in a world of lies. And yet the very next instant he was at one with the people about him, and all that was said of Goldstein seemed to him to be true. At those moments his secret loathing of Big Brother changed into adoration, and Big Brother seemed to tower up, an invincible, fearless

protector, standing like a rock against the hordes of Asia, and Goldstein, in spite of his isolation, his helplessness, and the doubt that hung about his very existence, seemed like some sinister enchanter, capable by the mere power of his voice of wrecking the structure of civilization.

It was even possible, at moments, to switch one's hatred this way or that by a voluntary act. Suddenly, by the sort of violent effort with which one wrenches one's head away from the pillow in a nightmare, Winston succeeded in transferring his hatred from the face on the screen to the dark-haired girl behind him. Vivid, beautiful hallucinations flashed through his mind. He would flog her to death with a rubber truncheon. He would tie her naked to a stake and shoot her full of arrows like Saint Sebastian. He would ravish her and cut her throat at the moment of climax. Better than before, moreover, he realized WHY it was that he hated her. He hated her because she was young and pretty and sexless, because he wanted to go to bed with her and would never do so, because round her sweet supple waist, which seemed to ask you to encircle it with your arm, there was only the odious scarlet sash, aggressive symbol of chastity.

The Hate rose to its climax. The voice of Goldstein had become an actual sheep's bleat, and for an instant the face changed into that of a sheep. Then the sheep-face melted into

the figure of a Eurasian soldier who seemed to be advancing, huge and terrible, his sub-machine gun roaring, and seeming to spring out of the surface of the screen, so that some of the people in the front row actually flinched backwards in their seats. But in the same moment, drawing a deep sigh of relief from everybody, the hostile figure melted into the face of Big Brother, black-haired, black-moustachio'd, full of power and mysterious calm, and so vast that it almost filled up the screen. Nobody heard what Big Brother was saying. It was merely a few words of encouragement, the sort of words that are uttered in the din of battle, not distinguishable individually but restoring confidence by the fact of being spoken. Then the face of Big Brother faded away again, and instead the three slogans of the Party stood out in bold capitals:

WAR IS PEACE

FREEDOM IS SLAVERY

IGNORANCE IS STRENGTH

But the face of Big Brother seemed to persist for several seconds on the screen, as though the impact that it had made on everyone's eyeballs was too vivid to wear off immediately. The little sandy-haired woman had flung

herself forward over the back of the chair in front of her. With a tremulous murmur that sounded like 'My Saviour!' she extended her arms towards the screen. Then she buried her face in her hands. It was apparent that she was uttering a prayer.

At this moment the entire group of people broke into a deep, slow, rhythmical chant of 'B-B!...B-B!'--over and over again, very slowly, with a long pause between the first 'B' and the second--a heavy, murmurous sound, somehow curiously savage, in the background of which one seemed to hear the stamp of naked feet and the throbbing of tomtoms. For perhaps as much as thirty seconds they kept it up. It was a refrain that was often heard in moments of overwhelming emotion. Partly it was a sort of hymn to the wisdom and majesty of Big Brother, but still more it was an act of self-hypnosis, a deliberate drowning of consciousness by means of rhythmic noise. Winston's entrails seemed to grow cold. In the Two Minutes Hate he could not help sharing in the general delirium, but this sub-human chanting of 'B-B!...B-B!' always filled him with horror. Of course he chanted with the rest: it was impossible to do otherwise. To dissemble your feelings, to control your face, to do what everyone else was doing, was an instinctive reaction. But there was a space of a couple of seconds during which the

expression of his eyes might conceivably have betrayed him. And it was exactly at this moment that the significant thing happened--if, indeed, it did happen.

Momentarily he caught O'Brien's eye. O'Brien had stood up. He had taken off his spectacles and was in the act of resettling them on his nose with his characteristic gesture. But there was a fraction of a second when their eyes met, and for as long as it took to happen Winston knew--yes, he KNEW!--that O'Brien was thinking the same thing as himself. An unmistakable message had passed. It was as though their two minds had opened and the thoughts were flowing from one into the other through their eyes. 'I am with you,' O'Brien seemed to be saying to him. 'I know precisely what you are feeling. I know all about your contempt, your hatred, your disgust. But don't worry, I am on your side!' And then the flash of intelligence was gone, and O'Brien's face was as inscrutable as everybody else's.

That was all, and he was already uncertain whether it had happened. Such incidents never had any sequel. All that they did was to keep alive in him the belief, or hope, that others besides himself were the enemies of the Party. Perhaps the rumours of vast underground conspiracies were true after all--perhaps the Brotherhood really existed! It was impossible, in spite of the endless arrests and confessions

and executions, to be sure that the Brotherhood was not simply a myth. Some days he believed in it, some days not. There was no evidence, only fleeting glimpses that might mean anything or nothing: snatches of overheard conversation, faint scribbles on lavatory walls--once, even, when two strangers met, a small movement of the hand which had looked as though it might be a signal of recognition. It was all guesswork: very likely he had imagined everything. He had gone back to his cubicle without looking at O'Brien again. The idea of following up their momentary contact hardly crossed his mind. It would have been inconceivably dangerous even if he had known how to set about doing it. For a second, two seconds, they had exchanged an equivocal glance, and that was the end of the story. But even that was a memorable event, in the locked loneliness in which one had to live.

Winston roused himself and sat up straighter. He let out a belch. The gin was rising from his stomach.

His eyes re-focused on the page. He discovered that while he sat helplessly musing he had also been writing, as though by automatic action. And it was no longer the same cramped, awkward handwriting as before. His pen had slid voluptuously over the smooth paper, printing in large neat capitals--

DOWN WITH BIG BROTHER
DOWN WITH BIG BROTHER
DOWN WITH BIG BROTHER
DOWN WITH BIG BROTHER
DOWN WITH BIG BROTHER

over and over again, filling half a page.

He could not help feeling a twinge of panic. It was absurd, since the writing of those particular words was not more dangerous than the initial act of opening the diary, but for a moment he was tempted to tear out the spoiled pages and abandon the enterprise altogether.

He did not do so, however, because he knew that it was useless. Whether he wrote *DOWN WITH BIG BROTHER*, or whether he refrained from writing it, made no difference. Whether he went on with the diary, or whether he did not go on with it, made no difference. The Thought Police would get him just the same. He had committed--would still have committed, even if he had never set pen to paper--the essential crime that contained all others in itself. Thoughtcrime, they called it. Thoughtcrime was not a thing that could be concealed for ever. You might dodge successfully for a while, even for years, but sooner or later they were bound to get you.

It was always at night--the arrests invariably happened at night. The sudden jerk out of sleep, the rough hand shaking your shoulder, the lights glaring in your eyes, the ring of hard faces round the bed. In the vast majority of cases there was no trial, no report of the arrest. People simply disappeared, always during the night. Your name was removed from the registers, every record of everything you had ever done was wiped out, your one-time existence was denied and then forgotten. You were abolished, annihilated: VAPORIZED was the usual word.

For a moment he was seized by a kind of hysteria. He began writing in a hurried untidy scrawl:

theyll shoot me i don't care theyll shoot me in the back of the neck i dont care down with big brother they always shoot you in the back of the neck i dont care down with big brother----

He sat back in his chair, slightly ashamed of himself, and laid down the pen. The next moment he started violently. There was a knocking at the door.

Already! He sat as still as a mouse, in the futile hope that whoever it was might go away after a single attempt. But no, the knocking was repeated. The worst thing of all would be to delay. His heart was thumping like a drum, but his face, from long habit, was probably expressionless. He got up and moved heavily towards the door.

CHAPTER 2

As he put his hand to the door-knob Winston saw that he had left the diary open on the table. **DOWN WITH BIG BROTHER** was written all over it, in letters almost big enough to be legible across the room. It was an inconceivably stupid thing to have done. But, he realized, even in his panic he had not wanted to smudge the creamy paper by shutting the book while the ink was wet.

He drew in his breath and opened the door. Instantly a warm wave of relief flowed through him. A colourless, crushed-looking woman, with wispy hair and a lined face, was standing outside.

‘Oh, comrade,’ she began in a dreary, whining sort of voice, ‘I thought I heard you come in. Do you think you could come across and have a look at our kitchen sink? It’s got blocked up and---’

It was Mrs Parsons, the wife of a neighbour on the same floor. (‘Mrs’ was a word somewhat discountenanced by the Party--you were supposed to call everyone ‘comrade’--but

with some women one used it instinctively.) She was a woman of about thirty, but looking much older. One had the impression that there was dust in the creases of her face. Winston followed her down the passage. These amateur repair jobs were an almost daily irritation. Victory Mansions were old flats, built in 1930 or thereabouts, and were falling to pieces. The plaster flaked constantly from ceilings and walls, the pipes burst in every hard frost, the roof leaked whenever there was snow, the heating system was usually running at half steam when it was not closed down altogether from motives of economy. Repairs, except what you could do for yourself, had to be sanctioned by remote committees which were liable to hold up even the mending of a window-pane for two years.

‘Of course it’s only because Tom isn’t home,’ said Mrs Parsons vaguely.

The Parsons’ flat was bigger than Winston’s, and dingy in a different way. Everything had a battered, trampled-on look, as though the place had just been visited by some large violent animal. Games impedimenta--hockey-sticks, boxing-gloves, a burst football, a pair of sweaty shorts turned inside out--lay all over the floor, and on the table there was a litter of dirty dishes and dog-eared exercise-books. On the walls were scarlet banners of the Youth League and the Spies,

and a full-sized poster of Big Brother. There was the usual boiled-cabbage smell, common to the whole building, but it was shot through by a sharper reek of sweat, which--one knew this at the first sniff, though it was hard to say how--was the sweat of some person not present at the moment. In another room someone with a comb and a piece of toilet paper was trying to keep tune with the military music which was still issuing from the telescreen.

‘It’s the children,’ said Mrs Parsons, casting a half-apprehensive glance at the door. ‘They haven’t been out today. And of course----’

She had a habit of breaking off her sentences in the middle. The kitchen sink was full nearly to the brim with filthy greenish water which smelt worse than ever of cabbage. Winston knelt down and examined the angle-joint of the pipe. He hated using his hands, and he hated bending down, which was always liable to start him coughing. Mrs Parsons looked on helplessly.

‘Of course if Tom was home he’d put it right in a moment,’ she said. ‘He loves anything like that. He’s ever so good with his hands, Tom is.’

Parsons was Winston’s fellow-employee at the Ministry of Truth. He was a fattish but active man of paralysing stupidity, a mass of imbecile enthusiasms--one of those completely

unquestioning, devoted drudges on whom, more even than on the Thought Police, the stability of the Party depended. At thirty-five he had just been unwillingly evicted from the Youth League, and before graduating into the Youth League he had managed to stay on in the Spies for a year beyond the statutory age. At the Ministry he was employed in some subordinate post for which intelligence was not required, but on the other hand he was a leading figure on the Sports Committee and all the other committees engaged in organizing community hikes, spontaneous demonstrations, savings campaigns, and voluntary activities generally. He would inform you with quiet pride, between whiffs of his pipe, that he had put in an appearance at the Community Centre every evening for the past four years. An overpowering smell of sweat, a sort of unconscious testimony to the strenuousness of his life, followed him about wherever he went, and even remained behind him after he had gone.

‘Have you got a spanner?’ said Winston, fiddling with the nut on the angle-joint.

‘A spanner,’ said Mrs Parsons, immediately becoming invertebrate. ‘I don’t know, I’m sure. Perhaps the children----’

There was a trampling of boots and another blast on the comb as the children charged into the living-room. Mrs Parsons brought the spanner. Winston let out the

water and disgustedly removed the clot of human hair that had blocked up the pipe. He cleaned his fingers as best he could in the cold water from the tap and went back into the other room.

‘Up with your hands!’ yelled a savage voice.

A handsome, tough-looking boy of nine had popped up from behind the table and was menacing him with a toy automatic pistol, while his small sister, about two years younger, made the same gesture with a fragment of wood. Both of them were dressed in the blue shorts, grey shirts, and red neckerchiefs which were the uniform of the Spies. Winston raised his hands above his head, but with an uneasy feeling, so vicious was the boy’s demeanour, that it was not altogether a game.

‘You’re a traitor!’ yelled the boy. ‘You’re a thought-criminal! You’re a Eurasian spy! I’ll shoot you, I’ll vaporize you, I’ll send you to the salt mines!’

Suddenly they were both leaping round him, shouting ‘Traitor!’ and ‘Thought-criminal!’ the little girl imitating her brother in every movement. It was somehow slightly frightening, like the gambolling of tiger cubs which will soon grow up into man-eaters. There was a sort of calculating ferocity in the boy’s eye, a quite evident desire to hit or kick Winston and a consciousness of being very nearly big

enough to do so. It was a good job it was not a real pistol he was holding, Winston thought.

Mrs Parsons' eyes flitted nervously from Winston to the children, and back again. In the better light of the living-room he noticed with interest that there actually was dust in the creases of her face.

'They do get so noisy,' she said. 'They're disappointed because they couldn't go to see the hanging, that's what it is. I'm too busy to take them. and Tom won't be back from work in time.'

'Why can't we go and see the hanging?' roared the boy in his huge voice.

'Want to see the hanging! Want to see the hanging!' chanted the little girl, still capering round.

Some Eurasian prisoners, guilty of war crimes, were to be hanged in the Park that evening, Winston remembered. This happened about once a month, and was a popular spectacle. Children always clamoured to be taken to see it. He took his leave of Mrs Parsons and made for the door. But he had not gone six steps down the passage when something hit the back of his neck an agonizingly painful blow. It was as though a red-hot wire had been jabbed into him. He spun round just in time to see Mrs Parsons dragging her son back into the doorway while the boy pocketed a catapult.

'Goldstein!' bellowed the boy as the door closed on him. But what most struck Winston was the look of helpless fright on the woman's greyish face.

Back in the flat he stepped quickly past the telescreen and sat down at the table again, still rubbing his neck. The music from the telescreen had stopped. Instead, a clipped military voice was reading out, with a sort of brutal relish, a description of the armaments of the new Floating Fortress which had just been anchored between Iceland and the Faroe Islands.

With those children, he thought, that wretched woman must lead a life of terror. Another year, two years, and they would be watching her night and day for symptoms of unorthodoxy. Nearly all children nowadays were horrible. What was worst of all was that by means of such organizations as the Spies they were systematically turned into ungovernable little savages, and yet this produced in them no tendency whatever to rebel against the discipline of the Party. On the contrary, they adored the Party and everything connected with it. The songs, the processions, the banners, the hiking, the drilling with dummy rifles, the yelling of slogans, the worship of Big Brother--it was all a sort of glorious game to them. All their ferocity was turned outwards, against the enemies of the State, against foreigners, traitors, saboteurs, thought-criminals. It was

almost normal for people over thirty to be frightened of their own children. And with good reason, for hardly a week passed in which 'The Times' did not carry a paragraph describing how some eavesdropping little sneak--'child hero' was the phrase generally used--had overheard some compromising remark and denounced its parents to the Thought Police.

The sting of the catapult bullet had worn off. He picked up his pen half-heartedly, wondering whether he could find something more to write in the diary. Suddenly he began thinking of O'Brien again.

Years ago--how long was it? Seven years it must be-- he had dreamed that he was walking through a pitch-dark room. And someone sitting to one side of him had said as he passed: 'We shall meet in the place where there is no darkness.' It was said very quietly, almost casually--a statement, not a command. He had walked on without pausing. What was curious was that at the time, in the dream, the words had not made much impression on him. It was only later and by degrees that they had seemed to take on significance. He could not now remember whether it was before or after having the dream that he had seen O'Brien for the first time, nor could he remember when he had first identified the voice as O'Brien's. But at any rate the identification existed. It was O'Brien who had spoken to him out of the dark.

Winston had never been able to feel sure--even after this morning's flash of the eyes it was still impossible to be sure whether O'Brien was a friend or an enemy. Nor did it even seem to matter greatly. There was a link of understanding between them, more important than affection or partisanship. 'We shall meet in the place where there is no darkness,' he had said. Winston did not know what it meant, only that in some way or another it would come true.

The voice from the telescreen paused. A trumpet call, clear and beautiful, floated into the stagnant air. The voice continued raspingly:

'Attention! Your attention, please! A newflash has this moment arrived from the Malabar front. Our forces in South India have won a glorious victory. I am authorized to say that the action we are now reporting may well bring the war within measurable distance of its end. Here is the newflash----'

Bad news coming, thought Winston. And sure enough, following on a gory description of the annihilation of a Eurasian army, with stupendous figures of killed and prisoners, came the announcement that, as from next week, the chocolate ration would be reduced from thirty grammes to twenty.

Winston belched again. The gin was wearing off, leaving a deflated feeling. The telescreen--perhaps to celebrate the victory, perhaps to drown the memory of the lost chocolate--crashed into 'Oceania, 'tis for thee'. You were supposed to stand to attention. However, in his present position he was invisible.

'Oceania, 'tis for thee' gave way to lighter music. Winston walked over to the window, keeping his back to the telescreen. The day was still cold and clear. Somewhere far away a rocket bomb exploded with a dull, reverberating roar. About twenty or thirty of them a week were falling on London at present.

Down in the street the wind flapped the torn poster to and fro, and the word INGSOC fitfully appeared and vanished. Ingsoc. The sacred principles of Ingsoc. Newspeak, doublethink, the mutability of the past. He felt as though he were wandering in the forests of the sea bottom, lost in a monstrous world where he himself was the monster. He was alone. The past was dead, the future was unimaginable. What certainty had he that a single human creature now living was on his side? And what way of knowing that the dominion of the Party would not endure FOR EVER? Like an answer, the three slogans on the white face of the Ministry of Truth came back to him:

WAR IS PEACE
FREEDOM IS SLAVERY
IGNORANCE IS STRENGTH

He took a twenty-five cent piece out of his pocket. There, too, in tiny clear lettering, the same slogans were inscribed, and on the other face of the coin the head of Big Brother. Even from the coin the eyes pursued you. On coins, on stamps, on the covers of books, on banners, on posters, and on the wrappings of a cigarette packet--everywhere. Always the eyes watching you and the voice enveloping you. Asleep or awake, working or eating, indoors or out of doors, in the bath or in bed--no escape. Nothing was your own except the few cubic centimetres inside your skull.

The sun had shifted round, and the myriad windows of the Ministry of Truth, with the light no longer shining on them, looked grim as the loopholes of a fortress. His heart quailed before the enormous pyramidal shape. It was too strong, it could not be stormed. A thousand rocket bombs would not batter it down. He wondered again for whom he was writing the diary. For the future, for the past--for an age that might be imaginary. And in front of him there lay not death but annihilation. The diary would be reduced to ashes and himself to vapour. Only the Thought Police

would read what he had written, before they wiped it out of existence and out of memory. How could you make appeal to the future when not a trace of you, not even an anonymous word scribbled on a piece of paper, could physically survive?

The telescreen struck fourteen. He must leave in ten minutes. He had to be back at work by fourteen-thirty.

Curiously, the chiming of the hour seemed to have put new heart into him. He was a lonely ghost uttering a truth that nobody would ever hear. But so long as he uttered it, in some obscure way the continuity was not broken. It was not by making yourself heard but by staying sane that you carried on the human heritage. He went back to the table, dipped his pen, and wrote:

To the future or to the past, to a time when thought is free, when men are different from one another and do not live alone--to a time when truth exists and what is done cannot be undone: From the age of uniformity, from the age of solitude, from the age of Big Brother, from the age of doublethink--greetings!

He was already dead, he reflected. It seemed to him that it was only now, when he had begun to be able to formulate

his thoughts, that he had taken the decisive step. The consequences of every act are included in the act itself. He wrote: *Thoughtcrime does not entail death: thoughtcrime IS death.*

Now he had recognized himself as a dead man it became important to stay alive as long as possible. Two fingers of his right hand were inkstained. It was exactly the kind of detail that might betray you. Some nosing zealot in the Ministry (a woman, probably: someone like the little sandy-haired woman or the dark-haired girl from the Fiction Department) might start wondering why he had been writing during the lunch interval, why he had used an old-fashioned pen, WHAT he had been writing--and then drop a hint in the appropriate quarter. He went to the bathroom and carefully scrubbed the ink away with the gritty dark-brown soap which rasped your skin like sandpaper and was therefore well adapted for this purpose.

He put the diary away in the drawer. It was quite useless to think of hiding it, but he could at least make sure whether or not its existence had been discovered. A hair laid across the page-ends was too obvious. With the tip of his finger he picked up an identifiable grain of whitish dust and deposited it on the corner of the cover, where it was bound to be shaken off if the book was moved.

CHAPTER 3

Winston was dreaming of his mother.

He must, he thought, have been ten or eleven years old when his mother had disappeared. She was a tall, statuesque, rather silent woman with slow movements and magnificent fair hair. His father he remembered more vaguely as dark and thin, dressed always in neat dark clothes (Winston remembered especially the very thin soles of his father's shoes) and wearing spectacles. The two of them must evidently have been swallowed up in one of the first great purges of the fifties.

At this moment his mother was sitting in some place deep down beneath him, with his young sister in her arms. He did not remember his sister at all, except as a tiny, feeble baby, always silent, with large, watchful eyes. Both of them were looking up at him. They were down in some subterranean place--the bottom of a well, for instance, or a very deep grave--but it was a place which, already far below him, was itself moving downwards. They were in

the saloon of a sinking ship, looking up at him through the darkening water. There was still air in the saloon, they could still see him and he them, but all the while they were sinking down, down into the green waters which in another moment must hide them from sight for ever. He was out in the light and air while they were being sucked down to death, and they were down there because he was up here. He knew it and they knew it, and he could see the knowledge in their faces. There was no reproach either in their faces or in their hearts, only the knowledge that they must die in order that he might remain alive, and that this was part of the unavoidable order of things.

He could not remember what had happened, but he knew in his dream that in some way the lives of his mother and his sister had been sacrificed to his own. It was one of those dreams which, while retaining the characteristic dream scenery, are a continuation of one's intellectual life, and in which one becomes aware of facts and ideas which still seem new and valuable after one is awake. The thing that now suddenly struck Winston was that his mother's death, nearly thirty years ago, had been tragic and sorrowful in a way that was no longer possible. Tragedy, he perceived, belonged to the ancient time, to a time when there was still privacy, love, and friendship, and when the members of a

family stood by one another without needing to know the reason. His mother's memory tore at his heart because she had died loving him, when he was too young and selfish to love her in return, and because somehow, he did not remember how, she had sacrificed herself to a conception of loyalty that was private and unalterable. Such things, he saw, could not happen today. Today there were fear, hatred, and pain, but no dignity of emotion, no deep or complex sorrows. All this he seemed to see in the large eyes of his mother and his sister, looking up at him through the green water, hundreds of fathoms down and still sinking.

Suddenly he was standing on short springy turf, on a summer evening when the slanting rays of the sun gilded the ground. The landscape that he was looking at recurred so often in his dreams that he was never fully certain whether or not he had seen it in the real world. In his waking thoughts he called it the Golden Country. It was an old, rabbit-bitten pasture, with a foot-track wandering across it and a mole-hill here and there. In the ragged hedge on the opposite side of the field the boughs of the elm trees were swaying very faintly in the breeze, their leaves just stirring in dense masses like women's hair. Somewhere near at hand, though out of sight, there was a clear, slow-moving stream where dace were swimming in the pools under the willow trees.

The girl with dark hair was coming towards them across the field. With what seemed a single movement she tore off her clothes and flung them disdainfully aside. Her body was white and smooth, but it aroused no desire in him, indeed he barely looked at it. What overwhelmed him in that instant was admiration for the gesture with which she had thrown her clothes aside. With its grace and carelessness it seemed to annihilate a whole culture, a whole system of thought, as though Big Brother and the Party and the Thought Police could all be swept into nothingness by a single splendid movement of the arm. That too was a gesture belonging to the ancient time. Winston woke up with the word 'Shakespeare' on his lips.

The telescreen was giving forth an ear-splitting whistle which continued on the same note for thirty seconds. It was nought seven fifteen, getting-up time for office workers. Winston wrenched his body out of bed--naked, for a member of the Outer Party received only 3,000 clothing coupons annually, and a suit of pyjamas was 600--and seized a dingy singlet and a pair of shorts that were lying across a chair. The Physical Jerks would begin in three minutes. The next moment he was doubled up by a violent coughing fit which nearly always attacked him soon after waking up. It emptied his lungs so completely that he could only begin breathing

again by lying on his back and taking a series of deep gasps. His veins had swelled with the effort of the cough, and the varicose ulcer had started itching.

‘Thirty to forty group!’ yapped a piercing female voice. ‘Thirty to forty group! Take your places, please. Thirties to forties!’

Winston sprang to attention in front of the telescreen, upon which the image of a youngish woman, scrawny but muscular, dressed in tunic and gym-shoes, had already appeared.

‘Arms bending and stretching!’ she rapped out. ‘Take your time by me. ONE, two, three, four! ONE, two, three, four! Come on, comrades, put a bit of life into it! ONE, two, three four! ONE two, three, four!...’

The pain of the coughing fit had not quite driven out of Winston’s mind the impression made by his dream, and the rhythmic movements of the exercise restored it somewhat. As he mechanically shot his arms back and forth, wearing on his face the look of grim enjoyment which was considered proper during the Physical Jerks, he was struggling to think his way backward into the dim period of his early childhood. It was extraordinarily difficult. Beyond the late fifties everything faded. When there were no external records that you could refer to, even the outline of your

own life lost its sharpness. You remembered huge events which had quite probably not happened, you remembered the detail of incidents without being able to recapture their atmosphere, and there were long blank periods to which you could assign nothing. Everything had been different then. Even the names of countries, and their shapes on the map, had been different. Airstrip One, for instance, had not been so called in those days: it had been called England or Britain, though London, he felt fairly certain, had always been called London.

Winston could not definitely remember a time when his country had not been at war, but it was evident that there had been a fairly long interval of peace during his childhood, because one of his early memories was of an air raid which appeared to take everyone by surprise. Perhaps it was the time when the atomic bomb had fallen on Colchester. He did not remember the raid itself, but he did remember his father's hand clutching his own as they hurried down, down, down into some place deep in the earth, round and round a spiral staircase which rang under his feet and which finally so wearied his legs that he began whimpering and they had to stop and rest. His mother, in her slow, dreamy way, was following a long way behind them. She was carrying his baby sister--or perhaps it was only a bundle of blankets that she

was carrying: he was not certain whether his sister had been born then. Finally they had emerged into a noisy, crowded place which he had realized to be a Tube station.

There were people sitting all over the stone-flagged floor, and other people, packed tightly together, were sitting on metal bunks, one above the other. Winston and his mother and father found themselves a place on the floor, and near them an old man and an old woman were sitting side by side on a bunk. The old man had on a decent dark suit and a black cloth cap pushed back from very white hair: his face was scarlet and his eyes were blue and full of tears. He reeked of gin. It seemed to breathe out of his skin in place of sweat, and one could have fancied that the tears welling from his eyes were pure gin. But though slightly drunk he was also suffering under some grief that was genuine and unbearable. In his childish way Winston grasped that some terrible thing, something that was beyond forgiveness and could never be remedied, had just happened. It also seemed to him that he knew what it was. Someone whom the old man loved--a little granddaughter, perhaps--had been killed. Every few minutes the old man kept repeating:

‘We didn’t ought to ‘ave trusted ‘em. I said so, Ma, didn’t I? That’s what comes of trusting ‘em. I said so all along. We didn’t ought to ‘ave trusted the buggers.’

But which buggers they didn't ought to have trusted Winston could not now remember.

Since about that time, war had been literally continuous, though strictly speaking it had not always been the same war. For several months during his childhood there had been confused street fighting in London itself, some of which he remembered vividly. But to trace out the history of the whole period, to say who was fighting whom at any given moment, would have been utterly impossible, since no written record, and no spoken word, ever made mention of any other alignment than the existing one. At this moment, for example, in 1984 (if it was 1984), Oceania was at war with Eurasia and in alliance with Eastasia. In no public or private utterance was it ever admitted that the three powers had at any time been grouped along different lines. Actually, as Winston well knew, it was only four years since Oceania had been at war with Eastasia and in alliance with Eurasia. But that was merely a piece of furtive knowledge which he happened to possess because his memory was not satisfactorily under control. Officially the change of partners had never happened. Oceania was at war with Eurasia: therefore Oceania had always been at war with Eurasia. The enemy of the moment always represented absolute evil, and it followed that any past or future agreement with him was impossible.

The frightening thing, he reflected for the ten thousandth time as he forced his shoulders painfully backward (with hands on hips, they were gyrating their bodies from the waist, an exercise that was supposed to be good for the back muscles)--the frightening thing was that it might all be true. If the Party could thrust its hand into the past and say of this or that event, IT NEVER HAPPENED--that, surely, was more terrifying than mere torture and death?

The Party said that Oceania had never been in alliance with Eurasia. He, Winston Smith, knew that Oceania had been in alliance with Eurasia as short a time as four years ago. But where did that knowledge exist? Only in his own consciousness, which in any case must soon be annihilated. And if all others accepted the lie which the Party imposed--if all records told the same tale--then the lie passed into history and became truth. 'Who controls the past,' ran the Party slogan, 'controls the future: who controls the present controls the past.' And yet the past, though of its nature alterable, never had been altered. Whatever was true now was true from everlasting to everlasting. It was quite simple. All that was needed was an unending series of victories over your own memory. 'Reality control', they called it: in Newspeak, 'doublethink'.

'Stand easy!' barked the instructress, a little more genially.

Winston sank his arms to his sides and slowly refilled his lungs with air. His mind slid away into the labyrinthine world of doublethink. To know and not to know, to be conscious of complete truthfulness while telling carefully constructed lies, to hold simultaneously two opinions which cancelled out, knowing them to be contradictory and believing in both of them, to use logic against logic, to repudiate morality while laying claim to it, to believe that democracy was impossible and that the Party was the guardian of democracy, to forget whatever it was necessary to forget, then to draw it back into memory again at the moment when it was needed, and then promptly to forget it again: and above all, to apply the same process to the process itself. That was the ultimate subtlety: consciously to induce unconsciousness, and then, once again, to become unconscious of the act of hypnosis you had just performed. Even to understand the word 'doublethink' involved the use of doublethink.

The instructress had called them to attention again. 'And now let's see which of us can touch our toes!' she said enthusiastically. 'Right over from the hips, please, comrades. ONE-two! ONE-two!...'

Winston loathed this exercise, which sent shooting pains all the way from his heels to his buttocks and often ended by bringing on another coughing fit. The half-pleasant

quality went out of his meditations. The past, he reflected, had not merely been altered, it had been actually destroyed. For how could you establish even the most obvious fact when there existed no record outside your own memory? He tried to remember in what year he had first heard mention of Big Brother. He thought it must have been at some time in the sixties, but it was impossible to be certain. In the Party histories, of course, Big Brother figured as the leader and guardian of the Revolution since its very earliest days. His exploits had been gradually pushed backwards in time until already they extended into the fabulous world of the forties and the thirties, when the capitalists in their strange cylindrical hats still rode through the streets of London in great gleaming motor-cars or horse carriages with glass sides. There was no knowing how much of this legend was true and how much invented. Winston could not even remember at what date the Party itself had come into existence. He did not believe he had ever heard the word Ingsoc before 1960, but it was possible that in its Oldspeak form--'English Socialism', that is to say--it had been current earlier. Everything melted into mist. Sometimes, indeed, you could put your finger on a definite lie. It was not true, for example, as was claimed in the Party history books, that the Party had invented aeroplanes. He remembered aeroplanes since his earliest childhood. But

you could prove nothing. There was never any evidence. Just once in his whole life he had held in his hands unmistakable documentary proof of the falsification of an historical fact. And on that occasion----

‘Smith!’ screamed the shrewish voice from the tele-screen. ‘6079 Smith W.! Yes, YOU! Bend lower, please! You can do better than that. You’re not trying. Lower, please! THAT’S better, comrade. Now stand at ease, the whole squad, and watch me.’

A sudden hot sweat had broken out all over Winston’s body. His face remained completely inscrutable. Never show dismay! Never show resentment! A single flicker of the eyes could give you away. He stood watching while the instructress raised her arms above her head and--one could not say gracefully, but with remarkable neatness and efficiency--bent over and tucked the first joint of her fingers under her toes.

‘THERE, comrades! THAT’S how I want to see you doing it. Watch me again. I’m thirty-nine and I’ve had four children. Now look.’ She bent over again. ‘You see MY knees aren’t bent. You can all do it if you want to,’ she added as she straightened herself up. ‘Anyone under forty-five is perfectly capable of touching his toes. We don’t all have the privilege of fighting in the front line, but at least we can all keep fit. Remember our boys on the Malabar front! And the sailors

in the Floating Fortresses! Just think what THEY have to put up with. Now try again. That's better, comrade, that's MUCH better,' she added encouragingly as Winston, with a violent lunge, succeeded in touching his toes with knees unbent, for the first time in several years.

CHAPTER 4

With the deep, unconscious sigh which not even the nearness of the telescreen could prevent him from uttering when his day's work started, Winston pulled the speakwrite towards him, blew the dust from its mouthpiece, and put on his spectacles. Then he unrolled and clipped together four small cylinders of paper which had already flopped out of the pneumatic tube on the right-hand side of his desk.

In the walls of the cubicle there were three orifices. To the right of the speakwrite, a small pneumatic tube for written messages, to the left, a larger one for newspapers; and in the side wall, within easy reach of Winston's arm, a large oblong slit protected by a wire grating. This last was for the disposal of waste paper. Similar slits existed in thousands or tens of thousands throughout the building, not only in every room but at short intervals in every corridor. For some reason they were nicknamed memory holes. When one knew that any document was due for

destruction, or even when one saw a scrap of waste paper lying about, it was an automatic action to lift the flap of the nearest memory hole and drop it in, whereupon it would be whirled away on a current of warm air to the enormous furnaces which were hidden somewhere in the recesses of the building.

Winston examined the four slips of paper which he had unrolled. Each contained a message of only one or two lines, in the abbreviated jargon--not actually Newspeak, but consisting largely of Newspeak words--which was used in the Ministry for internal purposes. They ran:

times 17.3.84 bb speech malreported africa rectify

times 19.12.83 forecasts 3 yp 4th quarter 83 mis-
prints verify current issue

times 14.2.84 miniplenty malquoted chocolate
rectify

times 3.12.83 reporting bb dayorder double-
plusungood refs unpersons rewrite fullwise upsub
antefiling

With a faint feeling of satisfaction Winston laid the fourth message aside. It was an intricate and responsible job and had better be dealt with last. The other three were routine matters, though the second one would probably mean some tedious wading through lists of figures.

Winston dialled 'back numbers' on the telescreen and called for the appropriate issues of 'The Times', which slid out of the pneumatic tube after only a few minutes' delay. The messages he had received referred to articles or news items which for one reason or another it was thought necessary to alter, or, as the official phrase had it, to rectify. For example, it appeared from 'The Times' of the seventeenth of March that Big Brother, in his speech of the previous day, had predicted that the South Indian front would remain quiet but that a Eurasian offensive would shortly be launched in North Africa. As it happened, the Eurasian Higher Command had launched its offensive in South India and left North Africa alone. It was therefore necessary to rewrite a paragraph of Big Brother's speech, in such a way as to make him predict the thing that had actually happened. Or again, 'The Times' of the nineteenth of December had published the official forecasts of the output of various classes of consumption goods in the fourth quarter of 1983, which was also the sixth quarter of the Ninth Three-Year Plan. Today's issue contained a statement of the actual output, from which it appeared that the forecasts were in every instance grossly wrong. Winston's job was to rectify the original figures by making them agree with the later ones. As for the third message, it referred to a very simple error which could be set

right in a couple of minutes. As short a time ago as February, the Ministry of Plenty had issued a promise (a 'categorical pledge' were the official words) that there would be no reduction of the chocolate ration during 1984. Actually, as Winston was aware, the chocolate ration was to be reduced from thirty grammes to twenty at the end of the present week. All that was needed was to substitute for the original promise a warning that it would probably be necessary to reduce the ration at some time in April.

As soon as Winston had dealt with each of the messages, he clipped his speakwritten corrections to the appropriate copy of 'The Times' and pushed them into the pneumatic tube. Then, with a movement which was as nearly as possible unconscious, he crumpled up the original message and any notes that he himself had made, and dropped them into the memory hole to be devoured by the flames.

What happened in the unseen labyrinth to which the pneumatic tubes led, he did not know in detail, but he did know in general terms. As soon as all the corrections which happened to be necessary in any particular number of 'The Times' had been assembled and collated, that number would be reprinted, the original copy destroyed, and the corrected copy placed on the files in its stead. This process of continuous alteration was applied not only to newspapers, but

to books, periodicals, pamphlets, posters, leaflets, films, sound-tracks, cartoons, photographs--to every kind of literature or documentation which might conceivably hold any political or ideological significance. Day by day and almost minute by minute the past was brought up to date. In this way every prediction made by the Party could be shown by documentary evidence to have been correct, nor was any item of news, or any expression of opinion, which conflicted with the needs of the moment, ever allowed to remain on record. All history was a palimpsest, scraped clean and reinscribed exactly as often as was necessary. In no case would it have been possible, once the deed was done, to prove that any falsification had taken place. The largest section of the Records Department, far larger than the one on which Winston worked, consisted simply of persons whose duty it was to track down and collect all copies of books, newspapers, and other documents which had been superseded and were due for destruction. A number of 'The Times' which might, because of changes in political alignment, or mistaken prophecies uttered by Big Brother, have been rewritten a dozen times still stood on the files bearing its original date, and no other copy existed to contradict it. Books, also, were recalled and rewritten again and again, and were invariably reissued without any admission that any alteration had been

made. Even the written instructions which Winston received, and which he invariably got rid of as soon as he had dealt with them, never stated or implied that an act of forgery was to be committed: always the reference was to slips, errors, misprints, or misquotations which it was necessary to put right in the interests of accuracy.

But actually, he thought as he re-adjusted the Ministry of Plenty's figures, it was not even forgery. It was merely the substitution of one piece of nonsense for another. Most of the material that you were dealing with had no connexion with anything in the real world, not even the kind of connexion that is contained in a direct lie. Statistics were just as much a fantasy in their original version as in their rectified version. A great deal of the time you were expected to make them up out of your head. For example, the Ministry of Plenty's forecast had estimated the output of boots for the quarter at 145 million pairs. The actual output was given as sixty-two millions. Winston, however, in rewriting the forecast, marked the figure down to fifty-seven millions, so as to allow for the usual claim that the quota had been overfulfilled. In any case, sixty-two millions was no nearer the truth than fifty-seven millions, or than 145 millions. Very likely no boots had been produced at all. Likelier still, nobody knew how many had been produced, much less

cared. All one knew was that every quarter astronomical numbers of boots were produced on paper, while perhaps half the population of Oceania went barefoot. And so it was with every class of recorded fact, great or small. Everything faded away into a shadow-world in which, finally, even the date of the year had become uncertain.

Winston glanced across the hall. In the corresponding cubicle on the other side a small, precise-looking, dark-chinned man named Tillotson was working steadily away, with a folded newspaper on his knee and his mouth very close to the mouthpiece of the speakwrite. He had the air of trying to keep what he was saying a secret between himself and the telescreen. He looked up, and his spectacles darted a hostile flash in Winston's direction.

Winston hardly knew Tillotson, and had no idea what work he was employed on. People in the Records Department did not readily talk about their jobs. In the long, windowless hall, with its double row of cubicles and its endless rustle of papers and hum of voices murmuring into speakwrites, there were quite a dozen people whom Winston did not even know by name, though he daily saw them hurrying to and fro in the corridors or gesticulating in the Two Minutes Hate. He knew that in the cubicle next to him the little woman with sandy hair toiled day in day out, simply at tracking down

and deleting from the Press the names of people who had been vaporized and were therefore considered never to have existed. There was a certain fitness in this, since her own husband had been vaporized a couple of years earlier. And a few cubicles away a mild, ineffectual, dreamy creature named Ampleforth, with very hairy ears and a surprising talent for juggling with rhymes and metres, was engaged in producing garbled versions--definitive texts, they were called--of poems which had become ideologically offensive, but which for one reason or another were to be retained in the anthologies. And this hall, with its fifty workers or thereabouts, was only one sub-section, a single cell, as it were, in the huge complexity of the Records Department. Beyond, above, below, were other swarms of workers engaged in an unimaginable multitude of jobs. There were the huge printing-shops with their sub-editors, their typography experts, and their elaborately equipped studios for the faking of photographs. There was the tele-programmes section with its engineers, its producers, and its teams of actors specially chosen for their skill in imitating voices. There were the armies of reference clerks whose job was simply to draw up lists of books and periodicals which were due for recall. There were the vast repositories where the corrected documents were stored, and the hidden furnaces

where the original copies were destroyed. And somewhere or other, quite anonymous, there were the directing brains who co-ordinated the whole effort and laid down the lines of policy which made it necessary that this fragment of the past should be preserved, that one falsified, and the other rubbed out of existence.

And the Records Department, after all, was itself only a single branch of the Ministry of Truth, whose primary job was not to reconstruct the past but to supply the citizens of Oceania with newspapers, films, textbooks, telescreen programmes, plays, novels--with every conceivable kind of information, instruction, or entertainment, from a statue to a slogan, from a lyric poem to a biological treatise, and from a child's spelling-book to a Newspeak dictionary. And the Ministry had not only to supply the multifarious needs of the party, but also to repeat the whole operation at a lower level for the benefit of the proletariat. There was a whole chain of separate departments dealing with proletarian literature, music, drama, and entertainment generally. Here were produced rubbishy newspapers containing almost nothing except sport, crime and astrology, sensational five-cent novelettes, films oozing with sex, and sentimental songs which were composed entirely by mechanical means on a special kind of kaleidoscope known

as a versificator. There was even a whole sub-section--Pornosec, it was called in Newspeak--engaged in producing the lowest kind of pornography, which was sent out in sealed packets and which no Party member, other than those who worked on it, was permitted to look at.

Three messages had slid out of the pneumatic tube while Winston was working, but they were simple matters, and he had disposed of them before the Two Minutes Hate interrupted him. When the Hate was over he returned to his cubicle, took the Newspeak dictionary from the shelf, pushed the speakwrite to one side, cleaned his spectacles, and settled down to his main job of the morning.

Winston's greatest pleasure in life was in his work. Most of it was a tedious routine, but included in it there were also jobs so difficult and intricate that you could lose yourself in them as in the depths of a mathematical problem--delicate pieces of forgery in which you had nothing to guide you except your knowledge of the principles of Ingsoc and your estimate of what the Party wanted you to say. Winston was good at this kind of thing. On occasion he had even been entrusted with the rectification of 'The Times' leading articles, which were written entirely in Newspeak. He unrolled the message that he had set aside earlier. It ran:

times 3.12.83 reporting bb dayorder double-
plusungood refs unpersons rewrite fullwise upsub
antefiling

In Oldspeak (or standard English) this might be rendered:

The reporting of Big Brother's Order for the Day in 'The Times' of December 3rd 1983 is extremely unsatisfactory and makes references to non-existent persons. Rewrite it in full and submit your draft to higher authority before filing.

Winston read through the offending article. Big Brother's Order for the Day, it seemed, had been chiefly devoted to praising the work of an organization known as FFCC, which supplied cigarettes and other comforts to the sailors in the Floating Fortresses. A certain Comrade Withers, a prominent member of the Inner Party, had been singled out for special mention and awarded a decoration, the Order of Conspicuous Merit, Second Class.

Three months later FFCC had suddenly been dissolved with no reasons given. One could assume that Withers and his associates were now in disgrace, but there had been no report of the matter in the Press or on the telescreen.

That was to be expected, since it was unusual for political offenders to be put on trial or even publicly denounced. The great purges involving thousands of people, with public trials of traitors and thought-criminals who made abject confession of their crimes and were afterwards executed, were special show-pieces not occurring oftener than once in a couple of years. More commonly, people who had incurred the displeasure of the Party simply disappeared and were never heard of again. One never had the smallest clue as to what had happened to them. In some cases they might not even be dead. Perhaps thirty people personally known to Winston, not counting his parents, had disappeared at one time or another.

Winston stroked his nose gently with a paper-clip. In the cubicle across the way Comrade Tillotson was still crouching secretively over his speakwrite. He raised his head for a moment: again the hostile spectacle-flash. Winston wondered whether Comrade Tillotson was engaged on the same job as himself. It was perfectly possible. So tricky a piece of work would never be entrusted to a single person: on the other hand, to turn it over to a committee would be to admit openly that an act of fabrication was taking place. Very likely as many as a dozen people were now working away on rival versions of what Big Brother had actually

said. And presently some master brain in the Inner Party would select this version or that, would re-edit it and set in motion the complex processes of cross-referencing that would be required, and then the chosen lie would pass into the permanent records and become truth.

Winston did not know why Withers had been disgraced. Perhaps it was for corruption or incompetence. Perhaps Big Brother was merely getting rid of a too-popular subordinate. Perhaps Withers or someone close to him had been suspected of heretical tendencies. Or perhaps-- what was likeliest of all--the thing had simply happened because purges and vaporizations were a necessary part of the mechanics of government. The only real clue lay in the words 'refs unpersons', which indicated that Withers was already dead. You could not invariably assume this to be the case when people were arrested. Sometimes they were released and allowed to remain at liberty for as much as a year or two years before being executed. Very occasionally some person whom you had believed dead long since would make a ghostly reappearance at some public trial where he would implicate hundreds of others by his testimony before vanishing, this time for ever. Withers, however, was already an UNPERSON. He did not exist: he had never existed. Winston decided that it would not be enough simply to

reverse the tendency of Big Brother's speech. It was better to make it deal with something totally unconnected with its original subject.

He might turn the speech into the usual denunciation of traitors and thought-criminals, but that was a little too obvious, while to invent a victory at the front, or some triumph of over-production in the Ninth Three-Year Plan, might complicate the records too much. What was needed was a piece of pure fantasy. Suddenly there sprang into his mind, ready made as it were, the image of a certain Comrade Ogilvy, who had recently died in battle, in heroic circumstances. There were occasions when Big Brother devoted his Order for the Day to commemorating some humble, rank-and-file Party member whose life and death he held up as an example worthy to be followed. Today he should commemorate Comrade Ogilvy. It was true that there was no such person as Comrade Ogilvy, but a few lines of print and a couple of faked photographs would soon bring him into existence.

Winston thought for a moment, then pulled the speaker towards him and began dictating in Big Brother's familiar style: a style at once military and pedantic, and, because of a trick of asking questions and then promptly answering them ('What lessons do we learn from this fact, comrades?

The lesson--which is also one of the fundamental principles of Ingsoc--that,' etc., etc.), easy to imitate.

At the age of three Comrade Ogilvy had refused all toys except a drum, a sub-machine gun, and a model helicopter. At six--a year early, by a special relaxation of the rules--he had joined the Spies, at nine he had been a troop leader. At eleven he had denounced his uncle to the Thought Police after overhearing a conversation which appeared to him to have criminal tendencies. At seventeen he had been a district organizer of the Junior Anti-Sex League. At nineteen he had designed a hand-grenade which had been adopted by the Ministry of Peace and which, at its first trial, had killed thirty-one Eurasian prisoners in one burst. At twenty-three he had perished in action. Pursued by enemy jet planes while flying over the Indian Ocean with important despatches, he had weighted his body with his machine gun and leapt out of the helicopter into deep water, despatches and all--an end, said Big Brother, which it was impossible to contemplate without feelings of envy. Big Brother added a few remarks on the purity and single-mindedness of Comrade Ogilvy's life. He was a total abstainer and a nonsmoker, had no recreations except a daily hour in the gymnasium, and had taken a vow of celibacy, believing marriage and the care of a family to be incompatible with a twenty-four-hour-a-day devotion

to duty. He had no subjects of conversation except the principles of Ingsoc, and no aim in life except the defeat of the Eurasian enemy and the hunting-down of spies, saboteurs, thought-criminals, and traitors generally.

Winston debated with himself whether to award Comrade Ogilvy the Order of Conspicuous Merit: in the end he decided against it because of the unnecessary cross-referencing that it would entail.

Once again he glanced at his rival in the opposite cubicle. Something seemed to tell him with certainty that Tillotson was busy on the same job as himself. There was no way of knowing whose job would finally be adopted, but he felt a profound conviction that it would be his own. Comrade Ogilvy, unimagined an hour ago, was now a fact. It struck him as curious that you could create dead men but not living ones. Comrade Ogilvy, who had never existed in the present, now existed in the past, and when once the act of forgery was forgotten, he would exist just as authentically, and upon the same evidence, as Charlemagne or Julius Caesar.

CHAPTER 5

In the low-ceilinged canteen, deep underground, the lunch queue jerked slowly forward. The room was already very full and deafeningly noisy. From the grille at the counter the steam of stew came pouring forth, with a sour metallic smell which did not quite overcome the fumes of Victory Gin. On the far side of the room there was a small bar, a mere hole in the wall, where gin could be bought at ten cents the large nip.

‘Just the man I was looking for,’ said a voice at Winston’s back.

He turned round. It was his friend Syme, who worked in the Research Department. Perhaps ‘friend’ was not exactly the right word. You did not have friends nowadays, you had comrades: but there were some comrades whose society was pleasanter than that of others. Syme was a philologist, a specialist in Newspeak. Indeed, he was one of the enormous team of experts now engaged in compiling the Eleventh Edition of the Newspeak Dictionary. He was a tiny creature,

smaller than Winston, with dark hair and large, protuberant eyes, at once mournful and derisive, which seemed to search your face closely while he was speaking to you.

‘I wanted to ask you whether you’d got any razor blades,’ he said.

‘Not one!’ said Winston with a sort of guilty haste. ‘I’ve tried all over the place. They don’t exist any longer.’

Everyone kept asking you for razor blades. Actually he had two unused ones which he was hoarding up. There had been a famine of them for months past. At any given moment there was some necessary article which the Party shops were unable to supply. Sometimes it was buttons, sometimes it was darning wool, sometimes it was shoelaces; at present it was razor blades. You could only get hold of them, if at all, by scrounging more or less furtively on the ‘free’ market.

‘I’ve been using the same blade for six weeks,’ he added untruthfully.

The queue gave another jerk forward. As they halted he turned and faced Syme again. Each of them took a greasy metal tray from a pile at the end of the counter.

‘Did you go and see the prisoners hanged yesterday?’ said Syme.

‘I was working,’ said Winston indifferently. ‘I shall see it on the flicks, I suppose.’

‘A very inadequate substitute,’ said Syme.

His mocking eyes roved over Winston’s face. ‘I know you,’ the eyes seemed to say, ‘I see through you. I know very well why you didn’t go to see those prisoners hanged.’ In an intellectual way, Syme was venomously orthodox. He would talk with a disagreeable gloating satisfaction of helicopter raids on enemy villages, and trials and confessions of thought-criminals, the executions in the cellars of the Ministry of Love. Talking to him was largely a matter of getting him away from such subjects and entangling him, if possible, in the technicalities of Newspeak, on which he was authoritative and interesting. Winston turned his head a little aside to avoid the scrutiny of the large dark eyes.

‘It was a good hanging,’ said Syme reminiscently. ‘I think it spoils it when they tie their feet together. I like to see them kicking. And above all, at the end, the tongue sticking right out, and blue--a quite bright blue. That’s the detail that appeals to me.’

‘Nex’, please!’ yelled the white-aproned prole with the ladle.

Winston and Syme pushed their trays beneath the grille. On to each was dumped swiftly the regulation lunch--a metal pannikin of pinkish-grey stew, a hunk of bread, a

cube of cheese, a mug of milkless Victory Coffee, and one saccharine tablet.

‘There’s a table over there, under that telescreen,’ said Syme. ‘Let’s pick up a gin on the way.’

The gin was served out to them in handleless china mugs. They threaded their way across the crowded room and unpacked their trays on to the metal-topped table, on one corner of which someone had left a pool of stew, a filthy liquid mess that had the appearance of vomit. Winston took up his mug of gin, paused for an instant to collect his nerve, and gulped the oily-tasting stuff down. When he had winked the tears out of his eyes he suddenly discovered that he was hungry. He began swallowing spoonfuls of the stew, which, in among its general sloppiness, had cubes of spongy pinkish stuff which was probably a preparation of meat. Neither of them spoke again till they had emptied their pannikins. From the table at Winston’s left, a little behind his back, someone was talking rapidly and continuously, a harsh gabble almost like the quacking of a duck, which pierced the general uproar of the room.

‘How is the Dictionary getting on?’ said Winston, raising his voice to overcome the noise.

‘Slowly,’ said Syme. ‘I’m on the adjectives. It’s fascinating.’

He had brightened up immediately at the mention of Newspeak. He pushed his pannikin aside, took up his hunk of bread in one delicate hand and his cheese in the other, and leaned across the table so as to be able to speak without shouting.

‘The Eleventh Edition is the definitive edition,’ he said. ‘We’re getting the language into its final shape--the shape it’s going to have when nobody speaks anything else. When we’ve finished with it, people like you will have to learn it all over again. You think, I dare say, that our chief job is inventing new words. But not a bit of it! We’re destroying words--scores of them, hundreds of them, every day. We’re cutting the language down to the bone. The Eleventh Edition won’t contain a single word that will become obsolete before the year 2050.’

He bit hungrily into his bread and swallowed a couple of mouthfuls, then continued speaking, with a sort of pedant’s passion. His thin dark face had become animated, his eyes had lost their mocking expression and grown almost dreamy.

‘It’s a beautiful thing, the destruction of words. Of course the great wastage is in the verbs and adjectives, but there are hundreds of nouns that can be got rid of as well. It isn’t only the synonyms; there are also the antonyms. After all, what justification is there for a word which is simply the

opposite of some other word? A word contains its opposite in itself. Take “good”, for instance. If you have a word like “good”, what need is there for a word like “bad”? “Ungood” will do just as well--better, because it’s an exact opposite, which the other is not. Or again, if you want a stronger version of “good”, what sense is there in having a whole string of vague useless words like “excellent” and “splendid” and all the rest of them? “Plusgood” covers the meaning, or “doubleplusgood” if you want something stronger still. Of course we use those forms already. but in the final version of Newspeak there’ll be nothing else. In the end the whole notion of goodness and badness will be covered by only six words--in reality, only one word. Don’t you see the beauty of that, Winston? It was B.B.’s idea originally, of course,’ he added as an afterthought.

A sort of vapid eagerness flitted across Winston’s face at the mention of Big Brother. Nevertheless Syme immediately detected a certain lack of enthusiasm.

‘You haven’t a real appreciation of Newspeak, Winston,’ he said almost sadly. ‘Even when you write it you’re still thinking in Oldspeak. I’ve read some of those pieces that you write in “The Times” occasionally. They’re good enough, but they’re translations. In your heart you’d prefer to stick to Oldspeak, with all its vagueness and its useless shades of

meaning. You don't grasp the beauty of the destruction of words. Do you know that Newspeak is the only language in the world whose vocabulary gets smaller every year?'

Winston did know that, of course. He smiled, sympathetically he hoped, not trusting himself to speak. Syme bit off another fragment of the dark-coloured bread, chewed it briefly, and went on:

'Don't you see that the whole aim of Newspeak is to narrow the range of thought? In the end we shall make thoughtcrime literally impossible, because there will be no words in which to express it. Every concept that can ever be needed, will be expressed by exactly one word, with its meaning rigidly defined and all its subsidiary meanings rubbed out and forgotten. Already, in the Eleventh Edition, we're not far from that point. But the process will still be continuing long after you and I are dead. Every year fewer and fewer words, and the range of consciousness always a little smaller. Even now, of course, there's no reason or excuse for committing thoughtcrime. It's merely a question of self-discipline, reality-control. But in the end there won't be any need even for that. The Revolution will be complete when the language is perfect. Newspeak is Ingsoc and Ingsoc is Newspeak,' he added with a sort of mystical satisfaction. 'Has it ever occurred to you, Winston, that by the year 2050,

at the very latest, not a single human being will be alive who could understand such a conversation as we are having now?’

‘Except----’ began Winston doubtfully, and he stopped.

It had been on the tip of his tongue to say ‘Except the proles,’ but he checked himself, not feeling fully certain that this remark was not in some way unorthodox. Syme, however, had divined what he was about to say.

‘The proles are not human beings,’ he said carelessly. ‘By 2050--earlier, probably--all real knowledge of Oldspeak will have disappeared. The whole literature of the past will have been destroyed. Chaucer, Shakespeare, Milton, Byron--they’ll exist only in Newspeak versions, not merely changed into something different, but actually changed into something contradictory of what they used to be. Even the literature of the Party will change. Even the slogans will change. How could you have a slogan like “freedom is slavery” when the concept of freedom has been abolished? The whole climate of thought will be different. In fact there will be no thought, as we understand it now. Orthodoxy means not thinking--not needing to think. Orthodoxy is unconsciousness.’

One of these days, thought Winston with sudden deep conviction, Syme will be vaporized. He is too intelligent. He sees too clearly and speaks too plainly. The Party does not like such people. One day he will disappear. It is written in his face.

Winston had finished his bread and cheese. He turned a little sideways in his chair to drink his mug of coffee. At the table on his left the man with the strident voice was still talking remorselessly away. A young woman who was perhaps his secretary, and who was sitting with her back to Winston, was listening to him and seemed to be eagerly agreeing with everything that he said. From time to time Winston caught some such remark as 'I think you're so right, I do so agree with you', uttered in a youthful and rather silly feminine voice. But the other voice never stopped for an instant, even when the girl was speaking. Winston knew the man by sight, though he knew no more about him than that he held some important post in the Fiction Department. He was a man of about thirty, with a muscular throat and a large, mobile mouth. His head was thrown back a little, and because of the angle at which he was sitting, his spectacles caught the light and presented to Winston two blank discs instead of eyes. What was slightly horrible, was that from the stream of sound that poured out of his mouth it was almost impossible to distinguish a single word. Just once Winston caught a phrase--'complete and final elimination of Goldsteinism'--jerked out very rapidly and, as it seemed, all in one piece, like a line of type cast solid. For the rest it was just a noise, a quack-quack-quacking. And yet, though

you could not actually hear what the man was saying, you could not be in any doubt about its general nature. He might be denouncing Goldstein and demanding sterner measures against thought-criminals and saboteurs, he might be fulminating against the atrocities of the Eurasian army, he might be praising Big Brother or the heroes on the Malabar front--it made no difference. Whatever it was, you could be certain that every word of it was pure orthodoxy, pure Ingsoc. As he watched the eyeless face with the jaw moving rapidly up and down, Winston had a curious feeling that this was not a real human being but some kind of dummy. It was not the man's brain that was speaking, it was his larynx. The stuff that was coming out of him consisted of words, but it was not speech in the true sense: it was a noise uttered in unconsciousness, like the quacking of a duck.

Syme had fallen silent for a moment, and with the handle of his spoon was tracing patterns in the puddle of stew. The voice from the other table quacked rapidly on, easily audible in spite of the surrounding din.

'There is a word in Newspeak,' said Syme, 'I don't know whether you know it: DUCKSPEAK, to quack like a duck. It is one of those interesting words that have two contradictory meanings. Applied to an opponent, it is abuse, applied to someone you agree with, it is praise.'

Unquestionably Syme will be vaporized, Winston thought again. He thought it with a kind of sadness, although well knowing that Syme despised him and slightly disliked him, and was fully capable of denouncing him as a thought-criminal if he saw any reason for doing so. There was something subtly wrong with Syme. There was something that he lacked: discretion, aloofness, a sort of saving stupidity. You could not say that he was unorthodox. He believed in the principles of Ingsoc, he venerated Big Brother, he rejoiced over victories, he hated heretics, not merely with sincerity but with a sort of restless zeal, an up-to-dateness of information, which the ordinary Party member did not approach. Yet a faint air of disreputability always clung to him. He said things that would have been better unsaid, he had read too many books, he frequented the Chestnut Tree Cafe, haunt of painters and musicians. There was no law, not even an unwritten law, against frequenting the Chestnut Tree Cafe, yet the place was somehow ill-omened. The old, discredited leaders of the Party had been used to gather there before they were finally purged. Goldstein himself, it was said, had sometimes been seen there, years and decades ago. Syme's fate was not difficult to foresee. And yet it was a fact that if Syme grasped, even for three seconds, the nature of his,

Winston's, secret opinions, he would betray him instantly to the Thought Police. So would anybody else, for that matter: but Syme more than most. Zeal was not enough. Orthodoxy was unconsciousness.

Syme looked up. 'Here comes Parsons,' he said.

Something in the tone of his voice seemed to add, 'that bloody fool'. Parsons, Winston's fellow-tenant at Victory Mansions, was in fact threading his way across the room--a tubby, middle-sized man with fair hair and a froglike face. At thirty-five he was already putting on rolls of fat at neck and waistline, but his movements were brisk and boyish. His whole appearance was that of a little boy grown large, so much so that although he was wearing the regulation overalls, it was almost impossible not to think of him as being dressed in the blue shorts, grey shirt, and red neckerchief of the Spies. In visualizing him one saw always a picture of dimpled knees and sleeves rolled back from pudgy forearms. Parsons did, indeed, invariably revert to shorts when a community hike or any other physical activity gave him an excuse for doing so. He greeted them both with a cheery 'Hullo, hullo!' and sat down at the table, giving off an intense smell of sweat. Beads of moisture stood out all over his pink face. His powers of sweating were extraordinary. At the Community Centre you could

always tell when he had been playing table-tennis by the dampness of the bat handle. Syme had produced a strip of paper on which there was a long column of words, and was studying it with an ink-pencil between his fingers.

'Look at him working away in the lunch hour,' said Parsons, nudging Winston. 'Keeness, eh? What's that you've got there, old boy? Something a bit too brainy for me, I expect. Smith, old boy, I'll tell you why I'm chasing you. It's that sub you forgot to give me.'

'Which sub is that?' said Winston, automatically feeling for money. About a quarter of one's salary had to be earmarked for voluntary subscriptions, which were so numerous that it was difficult to keep track of them.

'For Hate Week. You know--the house-by-house fund. I'm treasurer for our block. We're making an all-out effort--going to put on a tremendous show. I tell you, it won't be my fault if old Victory Mansions doesn't have the biggest outfit of flags in the whole street. Two dollars you promised me.'

Winston found and handed over two creased and filthy notes, which Parsons entered in a small notebook, in the neat handwriting of the illiterate.

'By the way, old boy,' he said. 'I hear that little beggar of mine let fly at you with his catapult yesterday. I gave him

a good dressing-down for it. In fact I told him I'd take the catapult away if he does it again.'

'I think he was a little upset at not going to the execution,' said Winston.

'Ah, well--what I mean to say, shows the right spirit, doesn't it? Mischievous little beggars they are, both of them, but talk about keenness! All they think about is the Spies, and the war, of course. D'you know what that little girl of mine did last Saturday, when her troop was on a hike out Berkhamsted way? She got two other girls to go with her, slipped off from the hike, and spent the whole afternoon following a strange man. They kept on his tail for two hours, right through the woods, and then, when they got into Amersham, handed him over to the patrols.'

'What did they do that for?' said Winston, somewhat taken aback. Parsons went on triumphantly:

'My kid made sure he was some kind of enemy agent--might have been dropped by parachute, for instance. But here's the point, old boy. What do you think put her on to him in the first place? She spotted he was wearing a funny kind of shoes--said she'd never seen anyone wearing shoes like that before. So the chances were he was a foreigner. Pretty smart for a nipper of seven, eh?'

'What happened to the man?' said Winston.

'Ah, that I couldn't say, of course. But I wouldn't be altogether surprised if----' Parsons made the motion of aiming a rifle, and clicked his tongue for the explosion.

'Good,' said Syme abstractedly, without looking up from his strip of paper.

'Of course we can't afford to take chances,' agreed Winston dutifully.

'What I mean to say, there is a war on,' said Parsons.

As though in confirmation of this, a trumpet call floated from the telescreen just above their heads. However, it was not the proclamation of a military victory this time, but merely an announcement from the Ministry of Plenty.

'Comrades!' cried an eager youthful voice. 'Attention, comrades! We have glorious news for you. We have won the battle for production! Returns now completed of the output of all classes of consumption goods show that the standard of living has risen by no less than 20 per cent over the past year. All over Oceania this morning there were irrepressible spontaneous demonstrations when workers marched out of factories and offices and paraded through the streets with banners voicing their gratitude to Big Brother for the new, happy life which his wise leadership has bestowed upon us. Here are some of the completed figures. Foodstuffs----'

The phrase 'our new, happy life' recurred several times. It had been a favourite of late with the Ministry of Plenty. Parsons, his attention caught by the trumpet call, sat listening with a sort of gaping solemnity, a sort of edified boredom. He could not follow the figures, but he was aware that they were in some way a cause for satisfaction. He had lugged out a huge and filthy pipe which was already half full of charred tobacco. With the tobacco ration at 100 grammes a week it was seldom possible to fill a pipe to the top. Winston was smoking a Victory Cigarette which he held carefully horizontal. The new ration did not start till tomorrow and he had only four cigarettes left. For the moment he had shut his ears to the remoter noises and was listening to the stuff that streamed out of the telescreen. It appeared that there had even been demonstrations to thank Big Brother for raising the chocolate ration to twenty grammes a week. And only yesterday, he reflected, it had been announced that the ration was to be REDUCED to twenty grammes a week. Was it possible that they could swallow that, after only twenty-four hours? Yes, they swallowed it. Parsons swallowed it easily, with the stupidity of an animal. The eyeless creature at the other table swallowed it fanatically, passionately, with a furious desire to track down, denounce, and vaporize anyone who should suggest that last week the

ration had been thirty grammes. Syme, too--in some more complex way, involving doublethink, Syme swallowed it. Was he, then, ALONE in the possession of a memory?

The fabulous statistics continued to pour out of the telescreen. As compared with last year there was more food, more clothes, more houses, more furniture, more cooking-pots, more fuel, more ships, more helicopters, more books, more babies--more of everything except disease, crime, and insanity. Year by year and minute by minute, everybody and everything was whizzing rapidly upwards. As Syme had done earlier Winston had taken up his spoon and was dabbling in the pale-coloured gravy that dribbled across the table, drawing a long streak of it out into a pattern. He meditated resentfully on the physical texture of life. Had it always been like this? Had food always tasted like this? He looked round the canteen. A low-ceilinged, crowded room, its walls grimy from the contact of innumerable bodies; battered metal tables and chairs, placed so close together that you sat with elbows touching; bent spoons, dented trays, coarse white mugs; all surfaces greasy, grime in every crack; and a sourish, composite smell of bad gin and bad coffee and metallic stew and dirty clothes. Always in your stomach and in your skin there was a sort of protest, a feeling that you had been cheated of something that you had a right to. It was

true that he had no memories of anything greatly different. In any time that he could accurately remember, there had never been quite enough to eat, one had never had socks or underclothes that were not full of holes, furniture had always been battered and rickety, rooms underheated, tube trains crowded, houses falling to pieces, bread dark-coloured, tea a rarity, coffee filthy-tasting, cigarettes insufficient--nothing cheap and plentiful except synthetic gin. And though, of course, it grew worse as one's body aged, was it not a sign that this was NOT the natural order of things, if one's heart sickened at the discomfort and dirt and scarcity, the interminable winters, the stickiness of one's socks, the lifts that never worked, the cold water, the gritty soap, the cigarettes that came to pieces, the food with its strange evil tastes? Why should one feel it to be intolerable unless one had some kind of ancestral memory that things had once been different?

He looked round the canteen again. Nearly everyone was ugly, and would still have been ugly even if dressed otherwise than in the uniform blue overalls. On the far side of the room, sitting at a table alone, a small, curiously beetle-like man was drinking a cup of coffee, his little eyes darting suspicious glances from side to side. How easy it was, thought Winston, if you did not look about you, to believe that the physical type set up by the Party as an ideal--tall

muscular youths and deep-bosomed maidens, blond-haired, vital, sunburnt, carefree--existed and even predominated. Actually, so far as he could judge, the majority of people in Airstrip One were small, dark, and ill-favoured. It was curious how that beetle-like type proliferated in the Ministries: little dumpy men, growing stout very early in life, with short legs, swift scuttling movements, and fat inscrutable faces with very small eyes. It was the type that seemed to flourish best under the dominion of the Party.

The announcement from the Ministry of Plenty ended on another trumpet call and gave way to tinny music. Parsons, stirred to vague enthusiasm by the bombardment of figures, took his pipe out of his mouth.

'The Ministry of Plenty's certainly done a good job this year,' he said with a knowing shake of his head. 'By the way, Smith old boy, I suppose you haven't got any razor blades you can let me have?'

'Not one,' said Winston. 'I've been using the same blade for six weeks myself.'

'Ah, well--just thought I'd ask you, old boy.'

'Sorry,' said Winston.

The quacking voice from the next table, temporarily silenced during the Ministry's announcement, had started up again, as loud as ever. For some reason Winston suddenly

found himself thinking of Mrs Parsons, with her wispy hair and the dust in the creases of her face. Within two years those children would be denouncing her to the Thought Police. Mrs Parsons would be vaporized. Syme would be vaporized. Winston would be vaporized. O'Brien would be vaporized. Parsons, on the other hand, would never be vaporized. The eyeless creature with the quacking voice would never be vaporized. The little beetle-like men who scuttle so nimbly through the labyrinthine corridors of Ministries they, too, would never be vaporized. And the girl with dark hair, the girl from the Fiction Department-- she would never be vaporized either. It seemed to him that he knew instinctively who would survive and who would perish: though just what it was that made for survival, it was not easy to say.

At this moment he was dragged out of his reverie with a violent jerk. The girl at the next table had turned partly round and was looking at him. It was the girl with dark hair. She was looking at him in a sidelong way, but with curious intensity. The instant she caught his eye she looked away again.

The sweat started out on Winston's backbone. A horrible pang of terror went through him. It was gone almost at once, but it left a sort of nagging uneasiness behind. Why

was she watching him? Why did she keep following him about? Unfortunately he could not remember whether she had already been at the table when he arrived, or had come there afterwards. But yesterday, at any rate, during the Two Minutes Hate, she had sat immediately behind him when there was no apparent need to do so. Quite likely her real object had been to listen to him and make sure whether he was shouting loudly enough.

His earlier thought returned to him: probably she was not actually a member of the Thought Police, but then it was precisely the amateur spy who was the greatest danger of all. He did not know how long she had been looking at him, but perhaps for as much as five minutes, and it was possible that his features had not been perfectly under control. It was terribly dangerous to let your thoughts wander when you were in any public place or within range of a telescreen. The smallest thing could give you away. A nervous tic, an unconscious look of anxiety, a habit of muttering to yourself--anything that carried with it the suggestion of abnormality, of having something to hide. In any case, to wear an improper expression on your face (to look incredulous when a victory was announced, for example) was itself a punishable offence. There was even a word for it in Newspeak: FACECRIME, it was called.

The girl had turned her back on him again. Perhaps after all she was not really following him about, perhaps it was coincidence that she had sat so close to him two days running. His cigarette had gone out, and he laid it carefully on the edge of the table. He would finish smoking it after work, if he could keep the tobacco in it. Quite likely the person at the next table was a spy of the Thought Police, and quite likely he would be in the cellars of the Ministry of Love within three days, but a cigarette end must not be wasted. Syme had folded up his strip of paper and stowed it away in his pocket. Parsons had begun talking again.

‘Did I ever tell you, old boy,’ he said, chuckling round the stem of his pipe, ‘about the time when those two nippers of mine set fire to the old market-woman’s skirt because they saw her wrapping up sausages in a poster of B.B.? Sneaked up behind her and set fire to it with a box of matches. Burned her quite badly, I believe. Little beggars, eh? But keen as mustard! That’s a first-rate training they give them in the Spies nowadays--better than in my day, even. What d’you think’s the latest thing they’ve served them out with? Ear trumpets for listening through keyholes! My little girl brought one home the other night--tried it out on our sitting-room door, and reckoned she could hear twice as much as with her ear

to the hole. Of course it's only a toy, mind you. Still, gives 'em the right idea, eh?

At this moment the telescreen let out a piercing whistle. It was the signal to return to work. All three men sprang to their feet to join in the struggle round the lifts, and the remaining tobacco fell out of Winston's cigarette.

CHAPTER 6

Winston was writing in his diary:

It was three years ago. It was on a dark evening, in a narrow side-street near one of the big railway stations. She was standing near a doorway in the wall, under a street lamp that hardly gave any light. She had a young face, painted very thick. It was really the paint that appealed to me, the whiteness of it, like a mask, and the bright red lips. Party women never paint their faces. There was nobody else in the street, and no telescreens. She said two dollars. I---

For the moment it was too difficult to go on. He shut his eyes and pressed his fingers against them, trying to squeeze out the vision that kept recurring. He had an almost overwhelming temptation to shout a string of filthy words at the top of his voice. Or to bang his head against the wall, to kick over the table, and hurl the inkpot through the window--to

do any violent or noisy or painful thing that might black out the memory that was tormenting him.

Your worst enemy, he reflected, was your own nervous system. At any moment the tension inside you was liable to translate itself into some visible symptom. He thought of a man whom he had passed in the street a few weeks back; a quite ordinary-looking man, a Party member, aged thirty-five to forty, tallish and thin, carrying a brief-case. They were a few metres apart when the left side of the man's face was suddenly contorted by a sort of spasm. It happened again just as they were passing one another: it was only a twitch, a quiver, rapid as the clicking of a camera shutter, but obviously habitual. He remembered thinking at the time: That poor devil is done for. And what was frightening was that the action was quite possibly unconscious. The most deadly danger of all was talking in your sleep. There was no way of guarding against that, so far as he could see.

He drew his breath and went on writing:

I went with her through the doorway and across a backyard into a basement kitchen. There was a bed against the wall, and a lamp on the table, turned down very low. She---

His teeth were set on edge. He would have liked to spit. Simultaneously with the woman in the basement kitchen he thought of Katharine, his wife. Winston was married--had been married, at any rate: probably he still was married, so far as he knew his wife was not dead. He seemed to breathe again the warm stuffy odour of the basement kitchen, an odour compounded of bugs and dirty clothes and villainous cheap scent, but nevertheless alluring, because no woman of the Party ever used scent, or could be imagined as doing so. Only the proles used scent. In his mind the smell of it was inextricably mixed up with fornication.

When he had gone with that woman it had been his first lapse in two years or thereabouts. Consorting with prostitutes was forbidden, of course, but it was one of those rules that you could occasionally nerve yourself to break. It was dangerous, but it was not a life-and-death matter. To be caught with a prostitute might mean five years in a forced-labour camp: not more, if you had committed no other offence. And it was easy enough, provided that you could avoid being caught in the act. The poorer quarters swarmed with women who were ready to sell themselves. Some could even be purchased for a bottle of gin, which the proles were not supposed to drink. Tacitly the Party was even inclined to encourage prostitution, as an outlet for instincts which

could not be altogether suppressed. Mere debauchery did not matter very much, so long as it was furtive and joyless and only involved the women of a submerged and despised class. The unforgivable crime was promiscuity between Party members. But--though this was one of the crimes that the accused in the great purges invariably confessed to--it was difficult to imagine any such thing actually happening.

The aim of the Party was not merely to prevent men and women from forming loyalties which it might not be able to control. Its real, undeclared purpose was to remove all pleasure from the sexual act. Not love so much as eroticism was the enemy, inside marriage as well as outside it. All marriages between Party members had to be approved by a committee appointed for the purpose, and--though the principle was never clearly stated--permission was always refused if the couple concerned gave the impression of being physically attracted to one another. The only recognized purpose of marriage was to beget children for the service of the Party. Sexual intercourse was to be looked on as a slightly disgusting minor operation, like having an enema. This again was never put into plain words, but in an indirect way it was rubbed into every Party member from childhood onwards. There were even organizations such as the Junior Anti-Sex League, which advocated complete celibacy for

both sexes. All children were to be begotten by artificial insemination (ARTSEM, it was called in Newspeak) and brought up in public institutions. This, Winston was aware, was not meant altogether seriously, but somehow it fitted in with the general ideology of the Party. The Party was trying to kill the sex instinct, or, if it could not be killed, then to distort it and dirty it. He did not know why this was so, but it seemed natural that it should be so. And as far as the women were concerned, the Party's efforts were largely successful.

He thought again of Katharine. It must be nine, ten--nearly eleven years since they had parted. It was curious how seldom he thought of her. For days at a time he was capable of forgetting that he had ever been married. They had only been together for about fifteen months. The Party did not permit divorce, but it rather encouraged separation in cases where there were no children.

Katharine was a tall, fair-haired girl, very straight, with splendid movements. She had a bold, aquiline face, a face that one might have called noble until one discovered that there was as nearly as possible nothing behind it. Very early in her married life he had decided--though perhaps it was only that he knew her more intimately than he knew most people--that she had without exception the most stupid, vulgar, empty mind that he had ever encountered. She had

not a thought in her head that was not a slogan, and there was no imbecility, absolutely none that she was not capable of swallowing if the Party handed it out to her. 'The human sound-track' he nicknamed her in his own mind. Yet he could have endured living with her if it had not been for just one thing--sex.

As soon as he touched her she seemed to wince and stiffen. To embrace her was like embracing a jointed wooden image. And what was strange was that even when she was clasping him against her he had the feeling that she was simultaneously pushing him away with all her strength. The rigidity of her muscles managed to convey that impression. She would lie there with shut eyes, neither resisting nor co-operating but SUBMITTING. It was extraordinarily embarrassing, and, after a while, horrible. But even then he could have borne living with her if it had been agreed that they should remain celibate. But curiously enough it was Katharine who refused this. They must, she said, produce a child if they could. So the performance continued to happen, once a week quite regularly, whenever it was not impossible. She even used to remind him of it in the morning, as something which had to be done that evening and which must not be forgotten. She had two names for it. One was 'making a baby', and the other was 'our duty to the Party'

(yes, she had actually used that phrase). Quite soon he grew to have a feeling of positive dread when the appointed day came round. But luckily no child appeared, and in the end she agreed to give up trying, and soon afterwards they parted.

Winston sighed inaudibly. He picked up his pen again and wrote:

She threw herself down on the bed, and at once, without any kind of preliminary in the most coarse, horrible way you can imagine, pulled up her skirt. I---

He saw himself standing there in the dim lamplight, with the smell of bugs and cheap scent in his nostrils, and in his heart a feeling of defeat and resentment which even at that moment was mixed up with the thought of Katharine's white body, frozen for ever by the hypnotic power of the Party. Why did it always have to be like this? Why could he not have a woman of his own instead of these filthy scuffles at intervals of years? But a real love affair was an almost unthinkable event. The women of the Party were all alike. Chastity was as deep ingrained in them as Party loyalty. By careful early conditioning, by games and cold water, by the rubbish that was dinned into them at school and in the Spies and the Youth League, by lectures, parades, songs, slogans,

and martial music, the natural feeling had been driven out of them. His reason told him that there must be exceptions, but his heart did not believe it. They were all impregnable, as the Party intended that they should be. And what he wanted, more even than to be loved, was to break down that wall of virtue, even if it were only once in his whole life. The sexual act, successfully performed, was rebellion. Desire was thoughtcrime. Even to have awakened Katharine, if he could have achieved it, would have been like a seduction, although she was his wife.

But the rest of the story had got to be written down. He wrote:

I turned up the lamp. When I saw her in the light---

After the darkness the feeble light of the paraffin lamp had seemed very bright. For the first time he could see the woman properly. He had taken a step towards her and then halted, full of lust and terror. He was painfully conscious of the risk he had taken in coming here. It was perfectly possible that the patrols would catch him on the way out: for that matter they might be waiting outside the door at this moment. If he went away without even doing what he had come here to do----!

It had got to be written down, it had got to be confessed. What he had suddenly seen in the lamplight was that the woman was OLD. The paint was plastered so thick on her face that it looked as though it might crack like a cardboard mask. There were streaks of white in her hair; but the truly dreadful detail was that her mouth had fallen a little open, revealing nothing except a cavernous blackness. She had no teeth at all.

He wrote hurriedly, in scabbling handwriting:

When I saw her in the light she was quite an old woman, fifty years old at least. But I went ahead and did it just the same.

He pressed his fingers against his eyelids again. He had written it down at last, but it made no difference. The therapy had not worked. The urge to shout filthy words at the top of his voice was as strong as ever.

CHAPTER 7

If there is hope,' wrote Winston, 'it lies in the proles.'

If there was hope, it **MUST** lie in the proles, because only there in those swarming disregarded masses, 85 per cent of the population of Oceania, could the force to destroy the Party ever be generated. The Party could not be overthrown from within. Its enemies, if it had any enemies, had no way of coming together or even of identifying one another. Even if the legendary Brotherhood existed, as just possibly it might, it was inconceivable that its members could ever assemble in larger numbers than twos and threes. Rebellion meant a look in the eyes, an inflexion of the voice, at the most, an occasional whispered word. But the proles, if only they could somehow become conscious of their own strength. would have no need to conspire. They needed only to rise up and shake themselves like a horse shaking off flies. If they chose they could blow the Party to pieces tomorrow morning. Surely sooner or later it must occur to them to do it? And yet----!

He remembered how once he had been walking down a crowded street when a tremendous shout of hundreds of voices women's voices--had burst from a side-street a little way ahead. It was a great formidable cry of anger and despair, a deep, loud 'Oh-o-o-o-oh!' that went humming on like the reverberation of a bell. His heart had leapt. It's started! he had thought. A riot! The proles are breaking loose at last! When he had reached the spot it was to see a mob of two or three hundred women crowding round the stalls of a street market, with faces as tragic as though they had been the doomed passengers on a sinking ship. But at this moment the general despair broke down into a multitude of individual quarrels. It appeared that one of the stalls had been selling tin saucepans. They were wretched, flimsy things, but cooking-pots of any kind were always difficult to get. Now the supply had unexpectedly given out. The successful women, bumped and jostled by the rest, were trying to make off with their saucepans while dozens of others clamoured round the stall, accusing the stall-keeper of favouritism and of having more saucepans somewhere in reserve. There was a fresh outburst of yells. Two bloated women, one of them with her hair coming down, had got hold of the same saucepan and were trying to tear it out of one another's hands. For a moment they were both tugging, and then the handle came

off. Winston watched them disgustedly. And yet, just for a moment, what almost frightening power had sounded in that cry from only a few hundred throats! Why was it that they could never shout like that about anything that mattered?

He wrote:

Until they become conscious they will never rebel, and until after they have rebelled they cannot become conscious.

That, he reflected, might almost have been a transcription from one of the Party textbooks. The Party claimed, of course, to have liberated the proles from bondage. Before the Revolution they had been hideously oppressed by the capitalists, they had been starved and flogged, women had been forced to work in the coal mines (women still did work in the coal mines, as a matter of fact), children had been sold into the factories at the age of six. But simultaneously, true to the Principles of doublethink, the Party taught that the proles were natural inferiors who must be kept in subjection, like animals, by the application of a few simple rules. In reality very little was known about the proles. It was not necessary to know much. So long as they continued to work and breed, their other activities were without importance. Left to themselves, like cattle turned loose upon the plains of Argentina, they had reverted to a style of life that appeared to be natural to them, a sort of ancestral pattern. They were

born, they grew up in the gutters, they went to work at twelve, they passed through a brief blossoming-period of beauty and sexual desire, they married at twenty, they were middle-aged at thirty, they died, for the most part, at sixty. Heavy physical work, the care of home and children, petty quarrels with neighbours, films, football, beer, and above all, gambling, filled up the horizon of their minds. To keep them in control was not difficult. A few agents of the Thought Police moved always among them, spreading false rumours and marking down and eliminating the few individuals who were judged capable of becoming dangerous; but no attempt was made to indoctrinate them with the ideology of the Party. It was not desirable that the proles should have strong political feelings. All that was required of them was a primitive patriotism which could be appealed to whenever it was necessary to make them accept longer working-hours or shorter rations. And even when they became discontented, as they sometimes did, their discontent led nowhere, because being without general ideas, they could only focus it on petty specific grievances. The larger evils invariably escaped their notice. The great majority of proles did not even have telescreens in their homes. Even the civil police interfered with them very little. There was a vast amount of criminality in London, a whole world-within-a-world of

thieves, bandits, prostitutes, drug-peddlers, and racketeers of every description; but since it all happened among the proles themselves, it was of no importance. In all questions of morals they were allowed to follow their ancestral code. The sexual puritanism of the Party was not imposed upon them. Promiscuity went unpunished, divorce was permitted. For that matter, even religious worship would have been permitted if the proles had shown any sign of needing or wanting it. They were beneath suspicion. As the Party slogan put it: 'Proles and animals are free.'

Winston reached down and cautiously scratched his varicose ulcer. It had begun itching again. The thing you invariably came back to was the impossibility of knowing what life before the Revolution had really been like. He took out of the drawer a copy of a children's history textbook which he had borrowed from Mrs Parsons, and began copying a passage into the diary:

In the old days (it ran), before the glorious Revolution, London was not the beautiful city that we know today. It was a dark, dirty, miserable place where hardly anybody had enough to eat and where hundreds and thousands of poor people had no boots on their feet and not even a roof to sleep under. Children no older than you had to

work twelve hours a day for cruel masters who flogged them with whips if they worked too slowly and fed them on nothing but stale breadcrusts and water. But in among all this terrible poverty there were just a few great big beautiful houses that were lived in by rich men who had as many as thirty servants to look after them. These rich men were called capitalists. They were fat, ugly men with wicked faces, like the one in the picture on the opposite page. You can see that he is dressed in a long black coat which was called a frock coat, and a queer, shiny hat shaped like a stovepipe, which was called a top hat. This was the uniform of the capitalists, and no one else was allowed to wear it. The capitalists owned everything in the world, and everyone else was their slave. They owned all the land, all the houses, all the factories, and all the money. If anyone disobeyed them they could throw them into prison, or they could take his job away and starve him to death. When any ordinary person spoke to a capitalist he had to cringe and bow to him, and take off his cap and address him as 'Sir'. The chief of all the capitalists was called the King, and---

But he knew the rest of the catalogue. There would be mention of the bishops in their lawn sleeves, the judges in

their ermine robes, the pillory, the stocks, the treadmill, the cat-o'-nine tails, the Lord Mayor's Banquet, and the practice of kissing the Pope's toe. There was also something called the JUS PRIMAE NOCTIS, which would probably not be mentioned in a textbook for children. It was the law by which every capitalist had the right to sleep with any woman working in one of his factories.

How could you tell how much of it was lies? It MIGHT be true that the average human being was better off now than he had been before the Revolution. The only evidence to the contrary was the mute protest in your own bones, the instinctive feeling that the conditions you lived in were intolerable and that at some other time they must have been different. It struck him that the truly characteristic thing about modern life was not its cruelty and insecurity, but simply its bareness, its dinginess, its listlessness. Life, if you looked about you, bore no resemblance not only to the lies that streamed out of the telescreens, but even to the ideals that the Party was trying to achieve. Great areas of it, even for a Party member, were neutral and non-political, a matter of slogging through dreary jobs, fighting for a place on the Tube, darning a worn-out sock, cadging a saccharine tablet, saving a cigarette end. The ideal set up by the Party was something huge, terrible, and glittering--a world of

steel and concrete, of monstrous machines and terrifying weapons--a nation of warriors and fanatics, marching forward in perfect unity, all thinking the same thoughts and shouting the same slogans, perpetually working, fighting, triumphing, persecuting--three hundred million people all with the same face. The reality was decaying, dingy cities where underfed people shuffled to and fro in leaky shoes, in patched-up nineteenth-century houses that smelt always of cabbage and bad lavatories. He seemed to see a vision of London, vast and ruinous, city of a million dustbins, and mixed up with it was a picture of Mrs Parsons, a woman with lined face and wispy hair, fiddling helplessly with a blocked waste-pipe.

He reached down and scratched his ankle again. Day and night the telescreens bruised your ears with statistics proving that people today had more food, more clothes, better houses, better recreations--that they lived longer, worked shorter hours, were bigger, healthier, stronger, happier, more intelligent, better educated, than the people of fifty years ago. Not a word of it could ever be proved or disproved. The Party claimed, for example, that today 40 per cent of adult proles were literate: before the Revolution, it was said, the number had only been 15 per cent. The Party claimed that the infant mortality rate was now only 160

per thousand, whereas before the Revolution it had been 300--and so it went on. It was like a single equation with two unknowns. It might very well be that literally every word in the history books, even the things that one accepted without question, was pure fantasy. For all he knew there might never have been any such law as the *JUS PRIMAE NOCTIS*, or any such creature as a capitalist, or any such garment as a top hat.

Everything faded into mist. The past was erased, the erasure was forgotten, the lie became truth. Just once in his life he had possessed--AFTER the event: that was what counted--concrete, unmistakable evidence of an act of falsification. He had held it between his fingers for as long as thirty seconds. In 1973, it must have been--at any rate, it was at about the time when he and Katharine had parted. But the really relevant date was seven or eight years earlier.

The story really began in the middle sixties, the period of the great purges in which the original leaders of the Revolution were wiped out once and for all. By 1970 none of them was left, except Big Brother himself. All the rest had by that time been exposed as traitors and counter-revolutionaries. Goldstein had fled and was hiding no one knew where, and of the others, a few had simply disappeared, while the majority had been executed after spectacular public

trials at which they made confession of their crimes. Among the last survivors were three men named Jones, Aaronson, and Rutherford. It must have been in 1965 that these three had been arrested. As often happened, they had vanished for a year or more, so that one did not know whether they were alive or dead, and then had suddenly been brought forth to incriminate themselves in the usual way. They had confessed to intelligence with the enemy (at that date, too, the enemy was Eurasia), embezzlement of public funds, the murder of various trusted Party members, intrigues against the leadership of Big Brother which had started long before the Revolution happened, and acts of sabotage causing the death of hundreds of thousands of people. After confessing to these things they had been pardoned, reinstated in the Party, and given posts which were in fact sinecures but which sounded important. All three had written long, abject articles in 'The Times', analysing the reasons for their defection and promising to make amends.

Some time after their release Winston had actually seen all three of them in the Chestnut Tree Cafe. He remembered the sort of terrified fascination with which he had watched them out of the corner of his eye. They were men far older than himself, relics of the ancient world, almost the last great figures left over from the heroic days of the Party. The

glamour of the underground struggle and the civil war still faintly clung to them. He had the feeling, though already at that time facts and dates were growing blurry, that he had known their names years earlier than he had known that of Big Brother. But also they were outlaws, enemies, untouchables, doomed with absolute certainty to extinction within a year or two. No one who had once fallen into the hands of the Thought Police ever escaped in the end. They were corpses waiting to be sent back to the grave.

There was no one at any of the tables nearest to them. It was not wise even to be seen in the neighbourhood of such people. They were sitting in silence before glasses of the gin flavoured with cloves which was the speciality of the cafe. Of the three, it was Rutherford whose appearance had most impressed Winston. Rutherford had once been a famous caricaturist, whose brutal cartoons had helped to inflame popular opinion before and during the Revolution. Even now, at long intervals, his cartoons were appearing in *The Times*. They were simply an imitation of his earlier manner, and curiously lifeless and unconvincing. Always they were a rehashing of the ancient themes--slum tenements, starving children, street battles, capitalists in top hats--even on the barricades the capitalists still seemed to cling to their top hats an endless, hopeless effort to get back into the past. He

was a monstrous man, with a mane of greasy grey hair, his face pouched and seamed, with thick negroid lips. At one time he must have been immensely strong; now his great body was sagging, sloping, bulging, falling away in every direction. He seemed to be breaking up before one's eyes, like a mountain crumbling.

It was the lonely hour of fifteen. Winston could not now remember how he had come to be in the cafe at such a time. The place was almost empty. A tinny music was trickling from the telescreens. The three men sat in their corner almost motionless, never speaking. Uncommanded, the waiter brought fresh glasses of gin. There was a chessboard on the table beside them, with the pieces set out but no game started. And then, for perhaps half a minute in all, something happened to the telescreens. The tune that they were playing changed, and the tone of the music changed too. There came into it--but it was something hard to describe. It was a peculiar, cracked, braying, jeering note: in his mind Winston called it a yellow note. And then a voice from the telescreen was singing:

Under the spreading chestnut tree

I sold you and you sold me:

There lie they, and here lie we

Under the spreading chestnut tree.

The three men never stirred. But when Winston glanced again at Rutherford's ruinous face, he saw that his eyes were full of tears. And for the first time he noticed, with a kind of inward shudder, and yet not knowing AT WHAT he shuddered, that both Aaronson and Rutherford had broken noses.

A little later all three were re-arrested. It appeared that they had engaged in fresh conspiracies from the very moment of their release. At their second trial they confessed to all their old crimes over again, with a whole string of new ones. They were executed, and their fate was recorded in the Party histories, a warning to posterity. About five years after this, in 1973, Winston was unrolling a wad of documents which had just flopped out of the pneumatic tube on to his desk when he came on a fragment of paper which had evidently been slipped in among the others and then forgotten. The instant he had flattened it out he saw its significance. It was a half-page torn out of 'The Times' of about ten years earlier--the top half of the page, so that it included the date--and it contained a photograph of the delegates at some Party function in New York. Prominent in the middle of the group were Jones, Aaronson, and Rutherford. There was no mistaking them, in any case their names were in the caption at the bottom.

The point was that at both trials all three men had confessed that on that date they had been on Eurasian soil. They had flown from a secret airfield in Canada to a rendezvous somewhere in Siberia, and had conferred with members of the Eurasian General Staff, to whom they had betrayed important military secrets. The date had stuck in Winston's memory because it chanced to be midsummer day; but the whole story must be on record in countless other places as well. There was only one possible conclusion: the confessions were lies.

Of course, this was not in itself a discovery. Even at that time Winston had not imagined that the people who were wiped out in the purges had actually committed the crimes that they were accused of. But this was concrete evidence; it was a fragment of the abolished past, like a fossil bone which turns up in the wrong stratum and destroys a geological theory. It was enough to blow the Party to atoms, if in some way it could have been published to the world and its significance made known.

He had gone straight on working. As soon as he saw what the photograph was, and what it meant, he had covered it up with another sheet of paper. Luckily, when he unrolled it, it had been upside-down from the point of view of the telescreen.

He took his scribbling pad on his knee and pushed back his chair so as to get as far away from the telescreen as possible. To keep your face expressionless was not difficult, and even your breathing could be controlled, with an effort: but you could not control the beating of your heart, and the telescreen was quite delicate enough to pick it up. He let what he judged to be ten minutes go by, tormented all the while by the fear that some accident--a sudden draught blowing across his desk, for instance--would betray him. Then, without uncovering it again, he dropped the photograph into the memory hole, along with some other waste papers. Within another minute, perhaps, it would have crumbled into ashes.

That was ten--eleven years ago. Today, probably, he would have kept that photograph. It was curious that the fact of having held it in his fingers seemed to him to make a difference even now, when the photograph itself, as well as the event it recorded, was only memory. Was the Party's hold upon the past less strong, he wondered, because a piece of evidence which existed no longer HAD ONCE existed?

But today, supposing that it could be somehow resurrected from its ashes, the photograph might not even be evidence. Already, at the time when he made his discovery, Oceania was no longer at war with Eurasia, and it must

have been to the agents of Eastasia that the three dead men had betrayed their country. Since then there had been other changes--two, three, he could not remember how many. Very likely the confessions had been rewritten and rewritten until the original facts and dates no longer had the smallest significance. The past not only changed, but changed continuously. What most afflicted him with the sense of nightmare was that he had never clearly understood why the huge imposture was undertaken. The immediate advantages of falsifying the past were obvious, but the ultimate motive was mysterious. He took up his pen again and wrote:

I understand HOW: I do not understand WHY.

He wondered, as he had many times wondered before, whether he himself was a lunatic. Perhaps a lunatic was simply a minority of one. At one time it had been a sign of madness to believe that the earth goes round the sun; today, to believe that the past is unalterable. He might be ALONE in holding that belief, and if alone, then a lunatic. But the thought of being a lunatic did not greatly trouble him: the horror was that he might also be wrong.

He picked up the children's history book and looked at the portrait of Big Brother which formed its frontispiece. The hypnotic eyes gazed into his own. It was as though some huge force were pressing down upon you--something that

penetrated inside your skull, battering against your brain, frightening you out of your beliefs, persuading you, almost, to deny the evidence of your senses. In the end the Party would announce that two and two made five, and you would have to believe it. It was inevitable that they should make that claim sooner or later: the logic of their position demanded it. Not merely the validity of experience, but the very existence of external reality, was tacitly denied by their philosophy. The heresy of heresies was common sense. And what was terrifying was not that they would kill you for thinking otherwise, but that they might be right. For, after all, how do we know that two and two make four? Or that the force of gravity works? Or that the past is unchangeable? If both the past and the external world exist only in the mind, and if the mind itself is controllable what then?

But no! His courage seemed suddenly to stiffen of its own accord. The face of O'Brien, not called up by any obvious association, had floated into his mind. He knew, with more certainty than before, that O'Brien was on his side. He was writing the diary for O'Brien--TO O'Brien: it was like an interminable letter which no one would ever read, but which was addressed to a particular person and took its colour from that fact.

The Party told you to reject the evidence of your eyes and ears. It was their final, most essential command. His

heart sank as he thought of the enormous power arrayed against him, the ease with which any Party intellectual would overthrow him in debate, the subtle arguments which he would not be able to understand, much less answer. And yet he was in the right! They were wrong and he was right. The obvious, the silly, and the true had got to be defended. Truisms are true, hold on to that! The solid world exists, its laws do not change. Stones are hard, water is wet, objects unsupported fall towards the earth's centre. With the feeling that he was speaking to O'Brien, and also that he was setting forth an important axiom, he wrote:

Freedom is the freedom to say that two plus two make four. If that is granted, all else follows.

CHAPTER 8

From somewhere at the bottom of a passage the smell of roasting coffee--real coffee, not Victory Coffee--came floating out into the street. Winston paused involuntarily. For perhaps two seconds he was back in the half-forgotten world of his childhood. Then a door banged, seeming to cut off the smell as abruptly as though it had been a sound.

He had walked several kilometres over pavements, and his varicose ulcer was throbbing. This was the second time in three weeks that he had missed an evening at the Community Centre: a rash act, since you could be certain that the number of your attendances at the Centre was carefully checked. In principle a Party member had no spare time, and was never alone except in bed. It was assumed that when he was not working, eating, or sleeping he would be taking part in some kind of communal recreation: to do anything that suggested a taste for solitude, even to go for a walk by yourself, was always slightly dangerous. There was a word

for it in Newspeak: OWNLIFE, it was called, meaning individualism and eccentricity. But this evening as he came out of the Ministry the balminess of the April air had tempted him. The sky was a warmer blue than he had seen it that year, and suddenly the long, noisy evening at the Centre, the boring, exhausting games, the lectures, the creaking camaraderie oiled by gin, had seemed intolerable. On impulse he had turned away from the bus-stop and wandered off into the labyrinth of London, first south, then east, then north again, losing himself among unknown streets and hardly bothering in which direction he was going.

‘If there is hope,’ he had written in the diary, ‘it lies in the proles.’ The words kept coming back to him, statement of a mystical truth and a palpable absurdity. He was somewhere in the vague, brown-coloured slums to the north and east of what had once been Saint Pancras Station. He was walking up a cobbled street of little two-storey houses with battered doorways which gave straight on the pavement and which were somehow curiously suggestive of ratholes. There were puddles of filthy water here and there among the cobbles. In and out of the dark doorways, and down narrow alley-ways that branched off on either side, people swarmed in astonishing numbers--girls in full bloom, with crudely lipsticked mouths, and youths who chased the girls,

and swollen waddling women who showed you what the girls would be like in ten years' time, and old bent creatures shuffling along on splayed feet, and ragged barefooted children who played in the puddles and then scattered at angry yells from their mothers. Perhaps a quarter of the windows in the street were broken and boarded up. Most of the people paid no attention to Winston; a few eyed him with a sort of guarded curiosity. Two monstrous women with brick-red forearms folded across their aprons were talking outside a doorway. Winston caught scraps of conversation as he approached.

"Yes," I says to 'er, "that's all very well," I says. "But if you'd of been in my place you'd of done the same as what I done. It's easy to criticize," I says, "but you ain't got the same problems as what I got."

'Ah,' said the other, 'that's jest it. That's jest where it is.'

The strident voices stopped abruptly. The women studied him in hostile silence as he went past. But it was not hostility, exactly; merely a kind of wariness, a momentary stiffening, as at the passing of some unfamiliar animal. The blue overalls of the Party could not be a common sight in a street like this. Indeed, it was unwise to be seen in such places, unless you had definite business there. The patrols might stop you if you happened to run into them. 'May I

see your papers, comrade? What are you doing here? What time did you leave work? Is this your usual way home?'-- and so on and so forth. Not that there was any rule against walking home by an unusual route: but it was enough to draw attention to you if the Thought Police heard about it.

Suddenly the whole street was in commotion. There were yells of warning from all sides. People were shooting into the doorways like rabbits. A young woman leapt out of a doorway a little ahead of Winston, grabbed up a tiny child playing in a puddle, whipped her apron round it, and leapt back again, all in one movement. At the same instant a man in a concertina-like black suit, who had emerged from a side alley, ran towards Winston, pointing excitedly to the sky.

'Steamer!' he yelled. 'Look out, guv'nor! Bang over'ead! Lay down quick!'

'Steamer' was a nickname which, for some reason, the proles applied to rocket bombs. Winston promptly flung himself on his face. The proles were nearly always right when they gave you a warning of this kind. They seemed to possess some kind of instinct which told them several seconds in advance when a rocket was coming, although the rockets supposedly travelled faster than sound. Winston clasped his forearms above his head. There was a roar that seemed to make the pavement heave; a shower of light objects pattered

on to his back. When he stood up he found that he was covered with fragments of glass from the nearest window.

He walked on. The bomb had demolished a group of houses 200 metres up the street. A black plume of smoke hung in the sky, and below it a cloud of plaster dust in which a crowd was already forming around the ruins. There was a little pile of plaster lying on the pavement ahead of him, and in the middle of it he could see a bright red streak. When he got up to it he saw that it was a human hand severed at the wrist. Apart from the bloody stump, the hand was so completely whitened as to resemble a plaster cast.

He kicked the thing into the gutter, and then, to avoid the crowd, turned down a side-street to the right. Within three or four minutes he was out of the area which the bomb had affected, and the sordid swarming life of the streets was going on as though nothing had happened. It was nearly twenty hours, and the drinking-shops which the proles frequented ('pubs', they called them) were choked with customers. From their grimy swing doors, endlessly opening and shutting, there came forth a smell of urine, sawdust, and sour beer. In an angle formed by a projecting house-front three men were standing very close together, the middle one of them holding a folded-up newspaper which the other two were studying over his shoulder. Even before he was near

enough to make out the expression on their faces, Winston could see absorption in every line of their bodies. It was obviously some serious piece of news that they were reading. He was a few paces away from them when suddenly the group broke up and two of the men were in violent altercation. For a moment they seemed almost on the point of blows.

'Can't you bleeding well listen to what I say? I tell you no number ending in seven ain't won for over fourteen months!'

'Yes, it 'as, then!'

'No, it 'as not! Back 'ome I got the 'ole lot of 'em for over two years wrote down on a piece of paper. I takes 'em down reg'lar as the clock. An' I tell you, no number ending in seven----'

'Yes, a seven 'AS won! I could pretty near tell you the bleeding number. Four oh seven, it ended in. It were in February--second week in February.'

'February your grandmother! I got it all down in black and white. An' I tell you, no number----'

'Oh, pack it in!' said the third man.

They were talking about the Lottery. Winston looked back when he had gone thirty metres. They were still arguing, with vivid, passionate faces. The Lottery, with its weekly pay-out of enormous prizes, was the one public event to which the proles paid serious attention. It was probable that there

were some millions of proles for whom the Lottery was the principal if not the only reason for remaining alive. It was their delight, their folly, their anodyne, their intellectual stimulant. Where the Lottery was concerned, even people who could barely read and write seemed capable of intricate calculations and staggering feats of memory. There was a whole tribe of men who made a living simply by selling systems, forecasts, and lucky amulets. Winston had nothing to do with the running of the Lottery, which was managed by the Ministry of Plenty, but he was aware (indeed everyone in the party was aware) that the prizes were largely imaginary. Only small sums were actually paid out, the winners of the big prizes being non-existent persons. In the absence of any real intercommunication between one part of Oceania and another, this was not difficult to arrange.

But if there was hope, it lay in the proles. You had to cling on to that. When you put it in words it sounded reasonable: it was when you looked at the human beings passing you on the pavement that it became an act of faith. The street into which he had turned ran downhill. He had a feeling that he had been in this neighbourhood before, and that there was a main thoroughfare not far away. From somewhere ahead there came a din of shouting voices. The street took a sharp turn and then ended in a flight of steps which led

down into a sunken alley where a few stall-keepers were selling tired-looking vegetables. At this moment Winston remembered where he was. The alley led out into the main street, and down the next turning, not five minutes away, was the junk-shop where he had bought the blank book which was now his diary. And in a small stationer's shop not far away he had bought his penholder and his bottle of ink.

He paused for a moment at the top of the steps. On the opposite side of the alley there was a dingy little pub whose windows appeared to be frosted over but in reality were merely coated with dust. A very old man, bent but active, with white moustaches that bristled forward like those of a prawn, pushed open the swing door and went in. As Winston stood watching, it occurred to him that the old man, who must be eighty at the least, had already been middle-aged when the Revolution happened. He and a few others like him were the last links that now existed with the vanished world of capitalism. In the Party itself there were not many people left whose ideas had been formed before the Revolution. The older generation had mostly been wiped out in the great purges of the fifties and sixties, and the few who survived had long ago been terrified into complete intellectual surrender. If there was any one still alive who could give you a truthful account of conditions in the early part of the century, it could

only be a prole. Suddenly the passage from the history book that he had copied into his diary came back into Winston's mind, and a lunatic impulse took hold of him. He would go into the pub, he would scrape acquaintance with that old man and question him. He would say to him: 'Tell me about your life when you were a boy. What was it like in those days? Were things better than they are now, or were they worse?'

Hurriedly, lest he should have time to become frightened, he descended the steps and crossed the narrow street. It was madness of course. As usual, there was no definite rule against talking to proles and frequenting their pubs, but it was far too unusual an action to pass unnoticed. If the patrols appeared he might plead an attack of faintness, but it was not likely that they would believe him. He pushed open the door, and a hideous cheesy smell of sour beer hit him in the face. As he entered the din of voices dropped to about half its volume. Behind his back he could feel everyone eyeing his blue overalls. A game of darts which was going on at the other end of the room interrupted itself for perhaps as much as thirty seconds. The old man whom he had followed was standing at the bar, having some kind of altercation with the barman, a large, stout, hook-nosed young man with enormous forearms. A knot of others, standing round with glasses in their hands, were watching the scene.

'I arst you civil enough, didn't I?' said the old man, straightening his shoulders pugnaciously. 'You telling me you ain't got a pint mug in the 'ole bleeding boozer?'

'And what in hell's name IS a pint?' said the barman, leaning forward with the tips of his fingers on the counter.

'Ark at 'im! Calls 'isself a barman and don't know what a pint is! Why, a pint's the 'alf of a quart, and there's four quarts to the gallon. 'Ave to teach you the A, B, C next.'

'Never heard of 'em,' said the barman shortly. 'Litre and half litre--that's all we serve. There's the glasses on the shelf in front of you.'

'I likes a pint,' persisted the old man. 'You could 'a drawed me off a pint easy enough. We didn't 'ave these bleeding litres when I was a young man.'

'When you were a young man we were all living in the treetops,' said the barman, with a glance at the other customers.

There was a shout of laughter, and the uneasiness caused by Winston's entry seemed to disappear. The old man's white-stubbed face had flushed pink. He turned away, muttering to himself, and bumped into Winston. Winston caught him gently by the arm.

'May I offer you a drink?' he said.

'You're a gent,' said the other, straightening his shoulders again. He appeared not to have noticed Winston's blue

overalls. 'Pint!' he added aggressively to the barman. 'Pint of wallop.'

The barman swished two half-litres of dark-brown beer into thick glasses which he had rinsed in a bucket under the counter. Beer was the only drink you could get in prole pubs. The proles were supposed not to drink gin, though in practice they could get hold of it easily enough. The game of darts was in full swing again, and the knot of men at the bar had begun talking about lottery tickets. Winston's presence was forgotten for a moment. There was a deal table under the window where he and the old man could talk without fear of being overheard. It was horribly dangerous, but at any rate there was no telescreen in the room, a point he had made sure of as soon as he came in.

'E could 'a drewed me off a pint,' grumbled the old man as he settled down behind a glass. 'A 'alf litre ain't enough. It don't satisfy. And a 'ole litre's too much. It starts my bladder running. Let alone the price.'

'You must have seen great changes since you were a young man,' said Winston tentatively.

The old man's pale blue eyes moved from the darts board to the bar, and from the bar to the door of the Gents, as though it were in the bar-room that he expected the changes to have occurred.

‘The beer was better,’ he said finally. ‘And cheaper! When I was a young man, mild beer--wallop we used to call it--was fourpence a pint. That was before the war, of course.’

‘Which war was that?’ said Winston.

‘It’s all wars,’ said the old man vaguely. He took up his glass, and his shoulders straightened again. ‘Ere’s wishing you the very best of ‘ealth!’

In his lean throat the sharp-pointed Adam’s apple made a surprisingly rapid up-and-down movement, and the beer vanished. Winston went to the bar and came back with two more half-litres. The old man appeared to have forgotten his prejudice against drinking a full litre.

‘You are very much older than I am,’ said Winston. ‘You must have been a grown man before I was born. You can remember what it was like in the old days, before the Revolution. People of my age don’t really know anything about those times. We can only read about them in books, and what it says in the books may not be true. I should like your opinion on that. The history books say that life before the Revolution was completely different from what it is now. There was the most terrible oppression, injustice, poverty worse than anything we can imagine. Here in London, the great mass of the people never had enough to eat from birth to death. Half of them hadn’t even boots on their feet. They

worked twelve hours a day, they left school at nine, they slept ten in a room. And at the same time there were a very few people, only a few thousands--the capitalists, they were called--who were rich and powerful. They owned everything that there was to own. They lived in great gorgeous houses with thirty servants, they rode about in motor-cars and four-horse carriages, they drank champagne, they wore top hats----'

The old man brightened suddenly.

'Top 'ats!' he said. 'Funny you should mention 'em. The same thing come into my 'ead only yesterday, I dono why. I was jest thinking, I ain't seen a top 'at in years. Gorn right out, they 'ave. The last time I wore one was at my sister-in-law's funeral. And that was--well, I couldn't give you the date, but it must'a been fifty years ago. Of course it was only 'ired for the occasion, you understand.'

'It isn't very important about the top hats,' said Winston patiently. 'The point is, these capitalists--they and a few lawyers and priests and so forth who lived on them--were the lords of the earth. Everything existed for their benefit. You--the ordinary people, the workers--were their slaves. They could do what they liked with you. They could ship you off to Canada like cattle. They could sleep with your daughters if they chose. They could order you to be flogged with something called a cat-o'-nine tails. You had to take

your cap off when you passed them. Every capitalist went about with a gang of lackeys who----'

The old man brightened again.

'Lackeys!' he said. 'Now there's a word I ain't 'eard since ever so long. Lackeys! That reg'lar takes me back, that does. I recollect--oh, donkey's years ago--I used to sometimes go to 'Yde Park of a Sunday afternoon to 'ear the blokes making speeches. Salvation Army, Roman Catholics, Jews, Indians--all sorts there was. And there was one bloke--well, I couldn't give you 'is name, but a real powerful speaker 'e was. 'E didn't 'alf give it 'em! "Lackeys!" 'e says, "lackeys of the bourgeoisie! Flunkies of the ruling class!" Parasites--that was another of them. And 'yenas--'e definitely called 'em 'yenas. Of course 'e was referring to the Labour Party, you understand.'

Winston had the feeling that they were talking at cross-purposes.

'What I really wanted to know was this,' he said. 'Do you feel that you have more freedom now than you had in those days? Are you treated more like a human being? In the old days, the rich people, the people at the top----'

'The 'Ouse of Lords,' put in the old man reminiscently.

'The House of Lords, if you like. What I am asking is, were these people able to treat you as an inferior, simply because they were rich and you were poor? Is it a fact, for

instance, that you had to call them “Sir” and take off your cap when you passed them?’

The old man appeared to think deeply. He drank off about a quarter of his beer before answering.

‘Yes,’ he said. ‘They liked you to touch your cap to ‘em. It showed respect, like. I didn’t agree with it, myself, but I done it often enough. Had to, as you might say.’

‘And was it usual--I’m only quoting what I’ve read in history books--was it usual for these people and their servants to push you off the pavement into the gutter?’

‘One of ‘em pushed me once,’ said the old man. ‘I recollect it as if it was yesterday. It was Boat Race night--terribly rowdy they used to get on Boat Race night--and I bumps into a young bloke on Shaftesbury Avenue. Quite a gent, ‘e was-- dress shirt, top ‘at, black overcoat. ‘E was kind of zig-zagging across the pavement, and I bumps into ‘im accidental-like. ‘E says, “Why can’t you look where you’re going?” ‘e says. I say, “Ju think you’ve bought the bleeding pavement?” ‘E says, “I’ll twist your bloody ‘ead off if you get fresh with me.” I says, “You’re drunk. I’ll give you in charge in ‘alf a minute,” I says. An’ if you’ll believe me, ‘e puts ‘is ‘and on my chest and gives me a shove as pretty near sent me under the wheels of a bus. Well, I was young in them days, and I was going to ‘ave fetched ‘im one, only----’

A sense of helplessness took hold of Winston. The old man's memory was nothing but a rubbish-heap of details. One could question him all day without getting any real information. The party histories might still be true, after a fashion: they might even be completely true. He made a last attempt.

'Perhaps I have not made myself clear,' he said. 'What I'm trying to say is this. You have been alive a very long time; you lived half your life before the Revolution. In 1925, for instance, you were already grown up. Would you say from what you can remember, that life in 1925 was better than it is now, or worse? If you could choose, would you prefer to live then or now?'

The old man looked meditatively at the darts board. He finished up his beer, more slowly than before. When he spoke it was with a tolerant philosophical air, as though the beer had mellowed him.

'I know what you expect me to say,' he said. 'You expect me to say as I'd sooner be young again. Most people'd say they'd sooner be young, if you arst 'em. You got your 'ealth and strength when you're young. When you get to my time of life you ain't never well. I suffer something wicked from my feet, and my bladder's jest terrible. Six and seven times a night it 'as me out of bed. On the other 'and, there's

great advantages in being a old man. You ain't got the same worries. No truck with women, and that's a great thing. I ain't 'ad a woman for near on thirty year, if you'd credit it. Nor wanted to, what's more.'

Winston sat back against the window-sill. It was no use going on. He was about to buy some more beer when the old man suddenly got up and shuffled rapidly into the stinking urinal at the side of the room. The extra half-litre was already working on him. Winston sat for a minute or two gazing at his empty glass, and hardly noticed when his feet carried him out into the street again. Within twenty years at the most, he reflected, the huge and simple question, 'Was life better before the Revolution than it is now?' would have ceased once and for all to be answerable. But in effect it was unanswerable even now, since the few scattered survivors from the ancient world were incapable of comparing one age with another. They remembered a million useless things, a quarrel with a workmate, a hunt for a lost bicycle pump, the expression on a long-dead sister's face, the swirls of dust on a windy morning seventy years ago: but all the relevant facts were outside the range of their vision. They were like the ant, which can see small objects but not large ones. And when memory failed and written records were falsified--when that happened, the claim of the Party to

have improved the conditions of human life had got to be accepted, because there did not exist, and never again could exist, any standard against which it could be tested.

At this moment his train of thought stopped abruptly. He halted and looked up. He was in a narrow street, with a few dark little shops, interspersed among dwelling-houses. Immediately above his head there hung three discoloured metal balls which looked as if they had once been gilded. He seemed to know the place. Of course! He was standing outside the junk-shop where he had bought the diary.

A twinge of fear went through him. It had been a sufficiently rash act to buy the book in the beginning, and he had sworn never to come near the place again. And yet the instant that he allowed his thoughts to wander, his feet had brought him back here of their own accord. It was precisely against suicidal impulses of this kind that he had hoped to guard himself by opening the diary. At the same time he noticed that although it was nearly twenty-one hours the shop was still open. With the feeling that he would be less conspicuous inside than hanging about on the pavement, he stepped through the doorway. If questioned, he could plausibly say that he was trying to buy razor blades.

The proprietor had just lighted a hanging oil lamp which gave off an unclean but friendly smell. He was a man

of perhaps sixty, frail and bowed, with a long, benevolent nose, and mild eyes distorted by thick spectacles. His hair was almost white, but his eyebrows were bushy and still black. His spectacles, his gentle, fussy movements, and the fact that he was wearing an aged jacket of black velvet, gave him a vague air of intellectuality, as though he had been some kind of literary man, or perhaps a musician. His voice was soft, as though faded, and his accent less debased than that of the majority of proles.

‘I recognized you on the pavement,’ he said immediately. ‘You’re the gentleman that bought the young lady’s keepsake album. That was a beautiful bit of paper, that was. Cream-laid, it used to be called. There’s been no paper like that made for--oh, I dare say fifty years.’ He peered at Winston over the top of his spectacles. ‘Is there anything special I can do for you? Or did you just want to look round?’

‘I was passing,’ said Winston vaguely. ‘I just looked in. I don’t want anything in particular.’

‘It’s just as well,’ said the other, ‘because I don’t suppose I could have satisfied you.’ He made an apologetic gesture with his softpalmed hand. ‘You see how it is; an empty shop, you might say. Between you and me, the antique trade’s just about finished. No demand any longer, and no stock either. Furniture, china, glass it’s all been broken up by degrees.

And of course the metal stuff's mostly been melted down. I haven't seen a brass candlestick in years.'

The tiny interior of the shop was in fact uncomfortably full, but there was almost nothing in it of the slightest value. The floorspace was very restricted, because all round the walls were stacked innumerable dusty picture-frames. In the window there were trays of nuts and bolts, worn-out chisels, penknives with broken blades, tarnished watches that did not even pretend to be in going order, and other miscellaneous rubbish. Only on a small table in the corner was there a litter of odds and ends--lacquered snuffboxes, agate brooches, and the like--which looked as though they might include something interesting. As Winston wandered towards the table his eye was caught by a round, smooth thing that gleamed softly in the lamplight, and he picked it up.

It was a heavy lump of glass, curved on one side, flat on the other, making almost a hemisphere. There was a peculiar softness, as of rainwater, in both the colour and the texture of the glass. At the heart of it, magnified by the curved surface, there was a strange, pink, convoluted object that recalled a rose or a sea anemone.

'What is it?' said Winston, fascinated.

'That's coral, that is,' said the old man. 'It must have come from the Indian Ocean. They used to kind of embed

it in the glass. That wasn't made less than a hundred years ago. More, by the look of it.'

'It's a beautiful thing,' said Winston.

'It is a beautiful thing,' said the other appreciatively. 'But there's not many that'd say so nowadays.' He coughed. 'Now, if it so happened that you wanted to buy it, that'd cost you four dollars. I can remember when a thing like that would have fetched eight pounds, and eight pounds was--well, I can't work it out, but it was a lot of money. But who cares about genuine antiques nowadays--even the few that's left?'

Winston immediately paid over the four dollars and slid the coveted thing into his pocket. What appealed to him about it was not so much its beauty as the air it seemed to possess of belonging to an age quite different from the present one. The soft, rainwatery glass was not like any glass that he had ever seen. The thing was doubly attractive because of its apparent uselessness, though he could guess that it must once have been intended as a paperweight. It was very heavy in his pocket, but fortunately it did not make much of a bulge. It was a queer thing, even a compromising thing, for a Party member to have in his possession. Anything old, and for that matter anything beautiful, was always vaguely suspect. The old man had grown noticeably more cheerful

after receiving the four dollars. Winston realized that he would have accepted three or even two.

‘There’s another room upstairs that you might care to take a look at,’ he said. ‘There’s not much in it. Just a few pieces. We’ll do with a light if we’re going upstairs.’

He lit another lamp, and, with bowed back, led the way slowly up the steep and worn stairs and along a tiny passage, into a room which did not give on the street but looked out on a cobbled yard and a forest of chimney-pots. Winston noticed that the furniture was still arranged as though the room were meant to be lived in. There was a strip of carpet on the floor, a picture or two on the walls, and a deep, slatternly arm-chair drawn up to the fireplace. An old-fashioned glass clock with a twelve-hour face was ticking away on the mantelpiece. Under the window, and occupying nearly a quarter of the room, was an enormous bed with the mattress still on it.

‘We lived here till my wife died,’ said the old man half apologetically. ‘I’m selling the furniture off by little and little. Now that’s a beautiful mahogany bed, or at least it would be if you could get the bugs out of it. But I dare say you’d find it a little bit cumbersome.’

He was holding the lamp high up, so as to illuminate the whole room, and in the warm dim light the place looked

curiously inviting. The thought flitted through Winston's mind that it would probably be quite easy to rent the room for a few dollars a week, if he dared to take the risk. It was a wild, impossible notion, to be abandoned as soon as thought of; but the room had awakened in him a sort of nostalgia, a sort of ancestral memory. It seemed to him that he knew exactly what it felt like to sit in a room like this, in an arm-chair beside an open fire with your feet in the fender and a kettle on the hob; utterly alone, utterly secure, with nobody watching you, no voice pursuing you, no sound except the singing of the kettle and the friendly ticking of the clock.

'There's no telescreen!' he could not help murmuring.

'Ah,' said the old man, 'I never had one of those things. Too expensive. And I never seemed to feel the need of it, somehow. Now that's a nice gateleg table in the corner there. Though of course you'd have to put new hinges on it if you wanted to use the flaps.'

There was a small bookcase in the other corner, and Winston had already gravitated towards it. It contained nothing but rubbish. The hunting-down and destruction of books had been done with the same thoroughness in the prole quarters as everywhere else. It was very unlikely that there existed anywhere in Oceania a copy of a book printed earlier than 1960. The old man, still carrying the lamp, was

standing in front of a picture in a rosewood frame which hung on the other side of the fireplace, opposite the bed.

‘Now, if you happen to be interested in old prints at all----’ he began delicately.

Winston came across to examine the picture. It was a steel engraving of an oval building with rectangular windows, and a small tower in front. There was a railing running round the building, and at the rear end there was what appeared to be a statue. Winston gazed at it for some moments. It seemed vaguely familiar, though he did not remember the statue.

‘The frame’s fixed to the wall,’ said the old man, ‘but I could unscrew it for you, I dare say.’

‘I know that building,’ said Winston finally. ‘It’s a ruin now. It’s in the middle of the street outside the Palace of Justice.’

‘That’s right. Outside the Law Courts. It was bombed in--oh, many years ago. It was a church at one time, St Clement Danes, its name was.’ He smiled apologetically, as though conscious of saying something slightly ridiculous, and added: ‘Oranges and lemons, say the bells of St Clement’s!’

‘What’s that?’ said Winston.

‘Oh--”Oranges and lemons, say the bells of St Clement’s.” That was a rhyme we had when I was a little boy. How it goes on I don’t remember, but I do know it ended up, “Here comes a candle to light you to bed, Here comes a chopper to chop off

your head." It was a kind of a dance. They held out their arms for you to pass under, and when they came to "Here comes a chopper to chop off your head" they brought their arms down and caught you. It was just names of churches. All the London churches were in it--all the principal ones, that is.'

Winston wondered vaguely to what century the church belonged. It was always difficult to determine the age of a London building. Anything large and impressive, if it was reasonably new in appearance, was automatically claimed as having been built since the Revolution, while anything that was obviously of earlier date was ascribed to some dim period called the Middle Ages. The centuries of capitalism were held to have produced nothing of any value. One could not learn history from architecture any more than one could learn it from books. Statues, inscriptions, memorial stones, the names of streets--anything that might throw light upon the past had been systematically altered.

'I never knew it had been a church,' he said.

'There's a lot of them left, really,' said the old man, 'though they've been put to other uses. Now, how did that rhyme go? Ah! I've got it!

*"Oranges and lemons, say the bells of St Clement's,
You owe me three farthings, say the bells of St
Martin's---"*

there, now, that's as far as I can get. A farthing, that was a small copper coin, looked something like a cent.'

'Where was St Martin's?' said Winston.

'St Martin's? That's still standing. It's in Victory Square, alongside the picture gallery. A building with a kind of a triangular porch and pillars in front, and a big flight of steps.'

Winston knew the place well. It was a museum used for propaganda displays of various kinds--scale models of rocket bombs and Floating Fortresses, waxwork tableaux illustrating enemy atrocities, and the like.

'St Martin's-in-the-Fields it used to be called,' supplemented the old man, 'though I don't recollect any fields anywhere in those parts.'

Winston did not buy the picture. It would have been an even more incongruous possession than the glass paper-weight, and impossible to carry home, unless it were taken out of its frame. But he lingered for some minutes more, talking to the old man, whose name, he discovered, was not Weeks--as one might have gathered from the inscription over the shop-front--but Charrington. Mr Charrington, it seemed, was a widower aged sixty-three and had inhabited this shop for thirty years. Throughout that time he had been intending to alter the name over the window, but had never quite got to the point of doing it. All the while that

they were talking the half-remembered rhyme kept running through Winston's head. Oranges and lemons say the bells of St Clement's, You owe me three farthings, say the bells of St Martin's! It was curious, but when you said it to yourself you had the illusion of actually hearing bells, the bells of a lost London that still existed somewhere or other, disguised and forgotten. From one ghostly steeple after another he seemed to hear them pealing forth. Yet so far as he could remember he had never in real life heard church bells ringing.

He got away from Mr Charrington and went down the stairs alone, so as not to let the old man see him reconnoitring the street before stepping out of the door. He had already made up his mind that after a suitable interval--a month, say--he would take the risk of visiting the shop again. It was perhaps not more dangerous than shirking an evening at the Centre. The serious piece of folly had been to come back here in the first place, after buying the diary and without knowing whether the proprietor of the shop could be trusted. However----!

Yes, he thought again, he would come back. He would buy further scraps of beautiful rubbish. He would buy the engraving of St Clement Danes, take it out of its frame, and carry it home concealed under the jacket of his overalls. He would drag the rest of that poem out of Mr Charrington's

memory. Even the lunatic project of renting the room upstairs flashed momentarily through his mind again. For perhaps five seconds exaltation made him careless, and he stepped out on to the pavement without so much as a preliminary glance through the window. He had even started humming to an improvised tune

*Oranges and lemons, say the bells of St Clement's,
You owe me three farthings, say the---*

Suddenly his heart seemed to turn to ice and his bowels to water. A figure in blue overalls was coming down the pavement, not ten metres away. It was the girl from the Fiction Department, the girl with dark hair. The light was failing, but there was no difficulty in recognizing her. She looked him straight in the face, then walked quickly on as though she had not seen him.

For a few seconds Winston was too paralysed to move. Then he turned to the right and walked heavily away, not noticing for the moment that he was going in the wrong direction. At any rate, one question was settled. There was no doubting any longer that the girl was spying on him. She must have followed him here, because it was not credible that by pure chance she should have happened to be walking on

the same evening up the same obscure backstreet, kilometres distant from any quarter where Party members lived. It was too great a coincidence. Whether she was really an agent of the Thought Police, or simply an amateur spy actuated by officiousness, hardly mattered. It was enough that she was watching him. Probably she had seen him go into the pub as well.

It was an effort to walk. The lump of glass in his pocket banged against his thigh at each step, and he was half minded to take it out and throw it away. The worst thing was the pain in his belly. For a couple of minutes he had the feeling that he would die if he did not reach a lavatory soon. But there would be no public lavatories in a quarter like this. Then the spasm passed, leaving a dull ache behind.

The street was a blind alley. Winston halted, stood for several seconds wondering vaguely what to do, then turned round and began to retrace his steps. As he turned it occurred to him that the girl had only passed him three minutes ago and that by running he could probably catch up with her. He could keep on her track till they were in some quiet place, and then smash her skull in with a cobblestone. The piece of glass in his pocket would be heavy enough for the job. But he abandoned the idea immediately, because even the thought of making any physical effort was unbearable. He

could not run, he could not strike a blow. Besides, she was young and lusty and would defend herself. He thought also of hurrying to the Community Centre and staying there till the place closed, so as to establish a partial alibi for the evening. But that too was impossible. A deadly lassitude had taken hold of him. All he wanted was to get home quickly and then sit down and be quiet.

It was after twenty-two hours when he got back to the flat. The lights would be switched off at the main at twenty-three thirty. He went into the kitchen and swallowed nearly a teacupful of Victory Gin. Then he went to the table in the alcove, sat down, and took the diary out of the drawer. But he did not open it at once. From the telescreen a brassy female voice was squalling a patriotic song. He sat staring at the marbled cover of the book, trying without success to shut the voice out of his consciousness.

It was at night that they came for you, always at night. The proper thing was to kill yourself before they got you. Undoubtedly some people did so. Many of the disappearances were actually suicides. But it needed desperate courage to kill yourself in a world where firearms, or any quick and certain poison, were completely unprocurable. He thought with a kind of astonishment of the biological uselessness of pain and fear, the treachery of the human body which always

freezes into inertia at exactly the moment when a special effort is needed. He might have silenced the dark-haired girl if only he had acted quickly enough: but precisely because of the extremity of his danger he had lost the power to act. It struck him that in moments of crisis one is never fighting against an external enemy, but always against one's own body. Even now, in spite of the gin, the dull ache in his belly made consecutive thought impossible. And it is the same, he perceived, in all seemingly heroic or tragic situations. On the battlefield, in the torture chamber, on a sinking ship, the issues that you are fighting for are always forgotten, because the body swells up until it fills the universe, and even when you are not paralysed by fright or screaming with pain, life is a moment-to-moment struggle against hunger or cold or sleeplessness, against a sour stomach or an aching tooth.

He opened the diary. It was important to write something down. The woman on the telescreen had started a new song. Her voice seemed to stick into his brain like jagged splinters of glass. He tried to think of O'Brien, for whom, or to whom, the diary was written, but instead he began thinking of the things that would happen to him after the Thought Police took him away. It would not matter if they killed you at once. To be killed was what you expected. But before death (nobody spoke of such things, yet everybody

knew of them) there was the routine of confession that had to be gone through: the grovelling on the floor and screaming for mercy, the crack of broken bones, the smashed teeth and bloody clots of hair.

Why did you have to endure it, since the end was always the same? Why was it not possible to cut a few days or weeks out of your life? Nobody ever escaped detection, and nobody ever failed to confess. When once you had succumbed to thoughtcrime it was certain that by a given date you would be dead. Why then did that horror, which altered nothing, have to lie embedded in future time?

He tried with a little more success than before to summon up the image of O'Brien. 'We shall meet in the place where there is no darkness,' O'Brien had said to him. He knew what it meant, or thought he knew. The place where there is no darkness was the imagined future, which one would never see, but which, by foreknowledge, one could mystically share in. But with the voice from the telescreen nagging at his ears he could not follow the train of thought further. He put a cigarette in his mouth. Half the tobacco promptly fell out on to his tongue, a bitter dust which was difficult to spit out again. The face of Big Brother swam into his mind, displacing that of O'Brien. Just as he had done a few days earlier, he slid a coin out of his pocket and looked

at it. The face gazed up at him, heavy, calm, protecting: but what kind of smile was hidden beneath the dark moustache? Like a leaden knell the words came back at him:

WAR IS PEACE

FREEDOM IS SLAVERY

IGNORANCE IS STRENGTH

PART TWO

CHAPTER 1

It was the middle of the morning, and Winston had left the cubicle to go to the lavatory.

A solitary figure was coming towards him from the other end of the long, brightly-lit corridor. It was the girl with dark hair. Four days had gone past since the evening when he had run into her outside the junk-shop. As she came nearer he saw that her right arm was in a sling, not noticeable at a distance because it was of the same colour as her overalls. Probably she had crushed her hand while swinging round one of the big kaleidoscopes on which the plots of novels were 'roughed in'. It was a common accident in the Fiction Department.

They were perhaps four metres apart when the girl stumbled and fell almost flat on her face. A sharp cry of pain was wrung out of her. She must have fallen right on the injured arm. Winston stopped short. The girl had risen to her knees. Her face had turned a milky yellow colour against which her mouth stood out redder than ever. Her eyes were

fixed on his, with an appealing expression that looked more like fear than pain.

A curious emotion stirred in Winston's heart. In front of him was an enemy who was trying to kill him: in front of him, also, was a human creature, in pain and perhaps with a broken bone. Already he had instinctively started forward to help her. In the moment when he had seen her fall on the bandaged arm, it had been as though he felt the pain in his own body.

'You're hurt?' he said.

'It's nothing. My arm. It'll be all right in a second.'

She spoke as though her heart were fluttering. She had certainly turned very pale.

'You haven't broken anything?'

'No, I'm all right. It hurt for a moment, that's all.'

She held out her free hand to him, and he helped her up. She had regained some of her colour, and appeared very much better.

'It's nothing,' she repeated shortly. 'I only gave my wrist a bit of a bang. Thanks, comrade!'

And with that she walked on in the direction in which she had been going, as briskly as though it had really been nothing. The whole incident could not have taken as much as half a minute. Not to let one's feelings appear in one's

face was a habit that had acquired the status of an instinct, and in any case they had been standing straight in front of a telescreen when the thing happened. Nevertheless it had been very difficult not to betray a momentary surprise, for in the two or three seconds while he was helping her up the girl had slipped something into his hand. There was no question that she had done it intentionally. It was something small and flat. As he passed through the lavatory door he transferred it to his pocket and felt it with the tips of his fingers. It was a scrap of paper folded into a square.

While he stood at the urinal he managed, with a little more fingering, to get it unfolded. Obviously there must be a message of some kind written on it. For a moment he was tempted to take it into one of the water-closets and read it at once. But that would be shocking folly, as he well knew. There was no place where you could be more certain that the telescreens were watched continuously.

He went back to his cubicle, sat down, threw the fragment of paper casually among the other papers on the desk, put on his spectacles and hitched the speakwrite towards him. 'Five minutes,' he told himself, 'five minutes at the very least!' His heart bumped in his breast with frightening loudness. Fortunately the piece of work he was engaged on

was mere routine, the rectification of a long list of figures, not needing close attention.

Whatever was written on the paper, it must have some kind of political meaning. So far as he could see there were two possibilities. One, much the more likely, was that the girl was an agent of the Thought Police, just as he had feared. He did not know why the Thought Police should choose to deliver their messages in such a fashion, but perhaps they had their reasons. The thing that was written on the paper might be a threat, a summons, an order to commit suicide, a trap of some description. But there was another, wilder possibility that kept raising its head, though he tried vainly to suppress it. This was, that the message did not come from the Thought Police at all, but from some kind of underground organization. Perhaps the Brotherhood existed after all! Perhaps the girl was part of it! No doubt the idea was absurd, but it had sprung into his mind in the very instant of feeling the scrap of paper in his hand. It was not till a couple of minutes later that the other, more probable explanation had occurred to him. And even now, though his intellect told him that the message probably meant death--still, that was not what he believed, and the unreasonable hope persisted, and his heart banged, and it was with difficulty that he kept his voice from trembling as he murmured his figures into the speakwrite.

He rolled up the completed bundle of work and slid it into the pneumatic tube. Eight minutes had gone by. He re-adjusted his spectacles on his nose, sighed, and drew the next batch of work towards him, with the scrap of paper on top of it. He flattened it out. On it was written, in a large unformed handwriting:

I LOVE YOU.

For several seconds he was too stunned even to throw the incriminating thing into the memory hole. When he did so, although he knew very well the danger of showing too much interest, he could not resist reading it once again, just to make sure that the words were really there.

For the rest of the morning it was very difficult to work. What was even worse than having to focus his mind on a series of niggling jobs was the need to conceal his agitation from the telescreen. He felt as though a fire were burning in his belly. Lunch in the hot, crowded, noise-filled canteen was torment. He had hoped to be alone for a little while during the lunch hour, but as bad luck would have it the imbecile Parsons flopped down beside him, the tang of his sweat almost defeating the tinny smell of stew, and kept up a stream of talk about the preparations for Hate Week. He was

particularly enthusiastic about a papier-mache model of Big Brother's head, two metres wide, which was being made for the occasion by his daughter's troop of Spies. The irritating thing was that in the racket of voices Winston could hardly hear what Parsons was saying, and was constantly having to ask for some fatuous remark to be repeated. Just once he caught a glimpse of the girl, at a table with two other girls at the far end of the room. She appeared not to have seen him, and he did not look in that direction again.

The afternoon was more bearable. Immediately after lunch there arrived a delicate, difficult piece of work which would take several hours and necessitated putting everything else aside. It consisted in falsifying a series of production reports of two years ago, in such a way as to cast discredit on a prominent member of the Inner Party, who was now under a cloud. This was the kind of thing that Winston was good at, and for more than two hours he succeeded in shutting the girl out of his mind altogether. Then the memory of her face came back, and with it a raging, intolerable desire to be alone. Until he could be alone it was impossible to think this new development out. Tonight was one of his nights at the Community Centre. He wolfed another tasteless meal in the canteen, hurried off to the Centre, took part in the solemn foolery of a 'discussion group', played two games of

table tennis, swallowed several glasses of gin, and sat for half an hour through a lecture entitled 'Ingsoc in relation to chess'. His soul writhed with boredom, but for once he had had no impulse to shirk his evening at the Centre. At the sight of the words I LOVE YOU the desire to stay alive had welled up in him, and the taking of minor risks suddenly seemed stupid. It was not till twenty-three hours, when he was home and in bed--in the darkness, where you were safe even from the telescreen so long as you kept silent--that he was able to think continuously.

It was a physical problem that had to be solved: how to get in touch with the girl and arrange a meeting. He did not consider any longer the possibility that she might be laying some kind of trap for him. He knew that it was not so, because of her unmistakable agitation when she handed him the note. Obviously she had been frightened out of her wits, as well she might be. Nor did the idea of refusing her advances even cross his mind. Only five nights ago he had contemplated smashing her skull in with a cobblestone, but that was of no importance. He thought of her naked, youthful body, as he had seen it in his dream. He had imagined her a fool like all the rest of them, her head stuffed with lies and hatred, her belly full of ice. A kind of fever seized him at the thought that he might lose her, the white youthful

body might slip away from him! What he feared more than anything else was that she would simply change her mind if he did not get in touch with her quickly. But the physical difficulty of meeting was enormous. It was like trying to make a move at chess when you were already mated. Whichever way you turned, the telescreen faced you. Actually, all the possible ways of communicating with her had occurred to him within five minutes of reading the note; but now, with time to think, he went over them one by one, as though laying out a row of instruments on a table.

Obviously the kind of encounter that had happened this morning could not be repeated. If she had worked in the Records Department it might have been comparatively simple, but he had only a very dim idea whereabouts in the building the Fiction Department lay, and he had no pretext for going there. If he had known where she lived, and at what time she left work, he could have contrived to meet her somewhere on her way home; but to try to follow her home was not safe, because it would mean loitering about outside the Ministry, which was bound to be noticed. As for sending a letter through the mails, it was out of the question. By a routine that was not even secret, all letters were opened in transit. Actually, few people ever wrote letters. For the messages that it was occasionally necessary to send, there

were printed postcards with long lists of phrases, and you struck out the ones that were inapplicable. In any case he did not know the girl's name, let alone her address. Finally he decided that the safest place was the canteen. If he could get her at a table by herself, somewhere in the middle of the room, not too near the telescreens, and with a sufficient buzz of conversation all round--if these conditions endured for, say, thirty seconds, it might be possible to exchange a few words.

For a week after this, life was like a restless dream. On the next day she did not appear in the canteen until he was leaving it, the whistle having already blown. Presumably she had been changed on to a later shift. They passed each other without a glance. On the day after that she was in the canteen at the usual time, but with three other girls and immediately under a telescreen. Then for three dreadful days she did not appear at all. His whole mind and body seemed to be afflicted with an unbearable sensitivity, a sort of transparency, which made every movement, every sound, every contact, every word that he had to speak or listen to, an agony. Even in sleep he could not altogether escape from her image. He did not touch the diary during those days. If there was any relief, it was in his work, in which he could sometimes forget himself for ten minutes at a stretch. He had absolutely no

clue as to what had happened to her. There was no enquiry he could make. She might have been vaporized, she might have committed suicide, she might have been transferred to the other end of Oceania: worst and likeliest of all, she might simply have changed her mind and decided to avoid him.

The next day she reappeared. Her arm was out of the sling and she had a band of sticking-plaster round her wrist. The relief of seeing her was so great that he could not resist staring directly at her for several seconds. On the following day he very nearly succeeded in speaking to her. When he came into the canteen she was sitting at a table well out from the wall, and was quite alone. It was early, and the place was not very full. The queue edged forward till Winston was almost at the counter, then was held up for two minutes because someone in front was complaining that he had not received his tablet of saccharine. But the girl was still alone when Winston secured his tray and began to make for her table. He walked casually towards her, his eyes searching for a place at some table beyond her. She was perhaps three metres away from him. Another two seconds would do it. Then a voice behind him called, 'Smith!' He pretended not to hear. 'Smith!' repeated the voice, more loudly. It was no use. He turned round. A blond-headed, silly-faced young man named Wilsher, whom he barely knew, was inviting him

with a smile to a vacant place at his table. It was not safe to refuse. After having been recognized, he could not go and sit at a table with an unattended girl. It was too noticeable. He sat down with a friendly smile. The silly blond face beamed into his. Winston had a hallucination of himself smashing a pick-axe right into the middle of it. The girl's table filled up a few minutes later.

But she must have seen him coming towards her, and perhaps she would take the hint. Next day he took care to arrive early. Surely enough, she was at a table in about the same place, and again alone. The person immediately ahead of him in the queue was a small, swiftly-moving, beetle-like man with a flat face and tiny, suspicious eyes. As Winston turned away from the counter with his tray, he saw that the little man was making straight for the girl's table. His hopes sank again. There was a vacant place at a table further away, but something in the little man's appearance suggested that he would be sufficiently attentive to his own comfort to choose the emptiest table. With ice at his heart Winston followed. It was no use unless he could get the girl alone. At this moment there was a tremendous crash. The little man was sprawling on all fours, his tray had gone flying, two streams of soup and coffee were flowing across the floor. He started to his feet with a malignant glance at Winston,

whom he evidently suspected of having tripped him up. But it was all right. Five seconds later, with a thundering heart, Winston was sitting at the girl's table.

He did not look at her. He unpacked his tray and promptly began eating. It was all-important to speak at once, before anyone else came, but now a terrible fear had taken possession of him. A week had gone by since she had first approached him. She would have changed her mind, she must have changed her mind! It was impossible that this affair should end successfully; such things did not happen in real life. He might have flinched altogether from speaking if at this moment he had not seen Ampleforth, the hairy-eared poet, wandering limply round the room with a tray, looking for a place to sit down. In his vague way Ampleforth was attached to Winston, and would certainly sit down at his table if he caught sight of him. There was perhaps a minute in which to act. Both Winston and the girl were eating steadily. The stuff they were eating was a thin stew, actually a soup, of haricot beans. In a low murmur Winston began speaking. Neither of them looked up; steadily they spooned the watery stuff into their mouths, and between spoonfuls exchanged the few necessary words in low expressionless voices.

‘What time do you leave work?’

‘Eighteen-thirty.’

'Where can we meet?'

'Victory Square, near the monument.'

'It's full of telescreens.'

'It doesn't matter if there's a crowd.'

'Any signal?'

'No. Don't come up to me until you see me among a lot of people. And don't look at me. Just keep somewhere near me.'

'What time?'

'Nineteen hours.'

'All right.'

Ampleforth failed to see Winston and sat down at another table. They did not speak again, and, so far as it was possible for two people sitting on opposite sides of the same table, they did not look at one another. The girl finished her lunch quickly and made off, while Winston stayed to smoke a cigarette.

Winston was in Victory Square before the appointed time. He wandered round the base of the enormous fluted column, at the top of which Big Brother's statue gazed southward towards the skies where he had vanquished the Eurasian aeroplanes (the Eastasian aeroplanes, it had been, a few years ago) in the Battle of Airstrip One. In the street in front of it there was a statue of a man on horseback which was supposed

to represent Oliver Cromwell. At five minutes past the hour the girl had still not appeared. Again the terrible fear seized upon Winston. She was not coming, she had changed her mind! He walked slowly up to the north side of the square and got a sort of pale-coloured pleasure from identifying St Martin's Church, whose bells, when it had bells, had chimed 'You owe me three farthings.' Then he saw the girl standing at the base of the monument, reading or pretending to read a poster which ran spirally up the column. It was not safe to go near her until some more people had accumulated. There were telescreens all round the pediment. But at this moment there was a din of shouting and a zoom of heavy vehicles from somewhere to the left. Suddenly everyone seemed to be running across the square. The girl nipped nimbly round the lions at the base of the monument and joined in the rush. Winston followed. As he ran, he gathered from some shouted remarks that a convoy of Eurasian prisoners was passing.

Already a dense mass of people was blocking the south side of the square. Winston, at normal times the kind of person who gravitates to the outer edge of any kind of scrimmage, shoved, butted, squirmed his way forward into the heart of the crowd. Soon he was within arm's length of the girl, but the way was blocked by an enormous prole and an almost equally enormous woman, presumably his wife,

who seemed to form an impenetrable wall of flesh. Winston wriggled himself sideways, and with a violent lunge managed to drive his shoulder between them. For a moment it felt as though his entrails were being ground to pulp between the two muscular hips, then he had broken through, sweating a little. He was next to the girl. They were shoulder to shoulder, both staring fixedly in front of them.

A long line of trucks, with wooden-faced guards armed with sub-machine guns standing upright in each corner, was passing slowly down the street. In the trucks little yellow men in shabby greenish uniforms were squatting, jammed close together. Their sad, Mongolian faces gazed out over the sides of the trucks utterly incurious. Occasionally when a truck jolted there was a clank-clank of metal: all the prisoners were wearing leg-irons. Truck-load after truck-load of the sad faces passed. Winston knew they were there but he saw them only intermittently. The girl's shoulder, and her arm right down to the elbow, were pressed against his. Her cheek was almost near enough for him to feel its warmth. She had immediately taken charge of the situation, just as she had done in the canteen. She began speaking in the same expressionless voice as before, with lips barely moving, a mere murmur easily drowned by the din of voices and the rumbling of the trucks.

'Can you hear me?'

'Yes.'

'Can you get Sunday afternoon off?'

'Yes.'

'Then listen carefully. You'll have to remember this.
Go to Paddington Station----'

With a sort of military precision that astonished him, she outlined the route that he was to follow. A half-hour railway journey; turn left outside the station; two kilometres along the road; a gate with the top bar missing; a path across a field; a grass-grown lane; a track between bushes; a dead tree with moss on it. It was as though she had a map inside her head. 'Can you remember all that?' she murmured finally.

'Yes.'

'You turn left, then right, then left again. And the gate's got no top bar.'

'Yes. What time?'

'About fifteen. You may have to wait. I'll get there by another way. Are you sure you remember everything?'

'Yes.'

'Then get away from me as quick as you can.'

She need not have told him that. But for the moment they could not extricate themselves from the crowd. The trucks were still filing past, the people still insatiably gaping.

At the start there had been a few boos and hisses, but it came only from the Party members among the crowd, and had soon stopped. The prevailing emotion was simply curiosity. Foreigners, whether from Eurasia or from Eastasia, were a kind of strange animal. One literally never saw them except in the guise of prisoners, and even as prisoners one never got more than a momentary glimpse of them. Nor did one know what became of them, apart from the few who were hanged as war-criminals: the others simply vanished, presumably into forced-labour camps. The round Mogol faces had given way to faces of a more European type, dirty, bearded and exhausted. From over scrubby cheekbones eyes looked into Winston's, sometimes with strange intensity, and flashed away again. The convoy was drawing to an end. In the last truck he could see an aged man, his face a mass of grizzled hair, standing upright with wrists crossed in front of him, as though he were used to having them bound together. It was almost time for Winston and the girl to part. But at the last moment, while the crowd still hemmed them in, her hand felt for his and gave it a fleeting squeeze.

It could not have been ten seconds, and yet it seemed a long time that their hands were clasped together. He had time to learn every detail of her hand. He explored the long fingers, the shapely nails, the work-hardened palm with its

row of callouses, the smooth flesh under the wrist. Merely from feeling it he would have known it by sight. In the same instant it occurred to him that he did not know what colour the girl's eyes were. They were probably brown, but people with dark hair sometimes had blue eyes. To turn his head and look at her would have been inconceivable folly. With hands locked together, invisible among the press of bodies, they stared steadily in front of them, and instead of the eyes of the girl, the eyes of the aged prisoner gazed mournfully at Winston out of nests of hair.

CHAPTER 2

Winston picked his way up the lane through dappled light and shade, stepping out into pools of gold wherever the boughs parted.

Under the trees to the left of him the ground was misty with bluebells. The air seemed to kiss one's skin. It was the second of May. From somewhere deeper in the heart of the wood came the droning of ring-doves.

He was a bit early. There had been no difficulties about the journey, and the girl was so evidently experienced that he was less frightened than he would normally have been. Presumably she could be trusted to find a safe place. In general you could not assume that you were much safer in the country than in London. There were no telescreens, of course, but there was always the danger of concealed microphones by which your voice might be picked up and recognized; besides, it was not easy to make a journey by yourself without attracting attention. For distances of less than 100 kilometres it was not necessary to get your passport

endorsed, but sometimes there were patrols hanging about the railway stations, who examined the papers of any Party member they found there and asked awkward questions. However, no patrols had appeared, and on the walk from the station he had made sure by cautious backward glances that he was not being followed. The train was full of proles, in holiday mood because of the summery weather. The wooden-seated carriage in which he travelled was filled to overflowing by a single enormous family, ranging from a toothless great-grandmother to a month-old baby, going out to spend an afternoon with 'in-laws' in the country, and, as they freely explained to Winston, to get hold of a little black-market butter.

The lane widened, and in a minute he came to the foot-path she had told him of, a mere cattle-track which plunged between the bushes. He had no watch, but it could not be fifteen yet. The bluebells were so thick underfoot that it was impossible not to tread on them. He knelt down and began picking some partly to pass the time away, but also from a vague idea that he would like to have a bunch of flowers to offer to the girl when they met. He had got together a big bunch and was smelling their faint sickly scent when a sound at his back froze him, the unmistakable crackle of a foot on twigs. He went on picking bluebells. It was the best thing

to do. It might be the girl, or he might have been followed after all. To look round was to show guilt. He picked another and another. A hand fell lightly on his shoulder.

He looked up. It was the girl. She shook her head, evidently as a warning that he must keep silent, then parted the bushes and quickly led the way along the narrow track into the wood. Obviously she had been that way before, for she dodged the boggy bits as though by habit. Winston followed, still clasping his bunch of flowers. His first feeling was relief, but as he watched the strong slender body moving in front of him, with the scarlet sash that was just tight enough to bring out the curve of her hips, the sense of his own inferiority was heavy upon him. Even now it seemed quite likely that when she turned round and looked at him she would draw back after all. The sweetness of the air and the greenness of the leaves daunted him. Already on the walk from the station the May sunshine had made him feel dirty and etiolated, a creature of indoors, with the sooty dust of London in the pores of his skin. It occurred to him that till now she had probably never seen him in broad daylight in the open. They came to the fallen tree that she had spoken of. The girl hopped over and forced apart the bushes, in which there did not seem to be an opening. When Winston followed her, he found that they were in a natural clearing,

a tiny grassy knoll surrounded by tall saplings that shut it in completely. The girl stopped and turned.

‘Here we are,’ she said.

He was facing her at several paces’ distance. As yet he did not dare move nearer to her.

‘I didn’t want to say anything in the lane,’ she went on, ‘in case there’s a mike hidden there. I don’t suppose there is, but there could be. There’s always the chance of one of those swine recognizing your voice. We’re all right here.’

He still had not the courage to approach her. ‘We’re all right here?’ he repeated stupidly.

‘Yes. Look at the trees.’ They were small ashes, which at some time had been cut down and had sprouted up again into a forest of poles, none of them thicker than one’s wrist. ‘There’s nothing big enough to hide a mike in. Besides, I’ve been here before.’

They were only making conversation. He had managed to move closer to her now. She stood before him very upright, with a smile on her face that looked faintly ironical, as though she were wondering why he was so slow to act. The bluebells had cascaded on to the ground. They seemed to have fallen of their own accord. He took her hand.

‘Would you believe,’ he said, ‘that till this moment I didn’t know what colour your eyes were?’ They were brown,

he noted, a rather light shade of brown, with dark lashes. 'Now that you've seen what I'm really like, can you still bear to look at me?'

'Yes, easily.'

'I'm thirty-nine years old. I've got a wife that I can't get rid of. I've got varicose veins. I've got five false teeth.'

'I couldn't care less,' said the girl.

The next moment, it was hard to say by whose act, she was in his arms. At the beginning he had no feeling except sheer incredulity. The youthful body was strained against his own, the mass of dark hair was against his face, and yes! actually she had turned her face up and he was kissing the wide red mouth. She had clasped her arms about his neck, she was calling him darling, precious one, loved one. He had pulled her down on to the ground, she was utterly unresisting, he could do what he liked with her. But the truth was that he had no physical sensation, except that of mere contact. All he felt was incredulity and pride. He was glad that this was happening, but he had no physical desire. It was too soon, her youth and prettiness had frightened him, he was too much used to living without women--he did not know the reason. The girl picked herself up and pulled a bluebell out of her hair. She sat against him, putting her arm round his waist.

‘Never mind, dear. There’s no hurry. We’ve got the whole afternoon. Isn’t this a splendid hide-out? I found it when I got lost once on a community hike. If anyone was coming you could hear them a hundred metres away.’

‘What is your name?’ said Winston.

‘Julia. I know yours. It’s Winston--Winston Smith.’

‘How did you find that out?’

‘I expect I’m better at finding things out than you are, dear. Tell me, what did you think of me before that day I gave you the note?’

He did not feel any temptation to tell lies to her. It was even a sort of love-offering to start off by telling the worst.

‘I hated the sight of you,’ he said. ‘I wanted to rape you and then murder you afterwards. Two weeks ago I thought seriously of smashing your head in with a cobblestone. If you really want to know, I imagined that you had something to do with the Thought Police.’

The girl laughed delightedly, evidently taking this as a tribute to the excellence of her disguise.

‘Not the Thought Police! You didn’t honestly think that?’

‘Well, perhaps not exactly that. But from your general appearance--merely because you’re young and fresh and healthy, you understand--I thought that probably----’

'You thought I was a good Party member. Pure in word and deed. Banners, processions, slogans, games, community hikes all that stuff. And you thought that if I had a quarter of a chance I'd denounce you as a thought-criminal and get you killed off?'

'Yes, something of that kind. A great many young girls are like that, you know.'

'It's this bloody thing that does it,' she said, ripping off the scarlet sash of the Junior Anti-Sex League and flinging it on to a bough. Then, as though touching her waist had reminded her of something, she felt in the pocket of her overalls and produced a small slab of chocolate. She broke it in half and gave one of the pieces to Winston. Even before he had taken it he knew by the smell that it was very unusual chocolate. It was dark and shiny, and was wrapped in silver paper. Chocolate normally was dull-brown crumbly stuff that tasted, as nearly as one could describe it, like the smoke of a rubbish fire. But at some time or another he had tasted chocolate like the piece she had given him. The first whiff of its scent had stirred up some memory which he could not pin down, but which was powerful and troubling.

'Where did you get this stuff?' he said.

'Black market,' she said indifferently. 'Actually I am that sort of girl, to look at. I'm good at games. I was a troop-leader

in the Spies. I do voluntary work three evenings a week for the Junior Anti-Sex League. Hours and hours I've spent pasting their bloody rot all over London. I always carry one end of a banner in the processions. I always look cheerful and I never shirk anything. Always yell with the crowd, that's what I say. It's the only way to be safe.'

The first fragment of chocolate had melted on Winston's tongue. The taste was delightful. But there was still that memory moving round the edges of his consciousness, something strongly felt but not reducible to definite shape, like an object seen out of the corner of one's eye. He pushed it away from him, aware only that it was the memory of some action which he would have liked to undo but could not.

'You are very young,' he said. 'You are ten or fifteen years younger than I am. What could you see to attract you in a man like me?'

'It was something in your face. I thought I'd take a chance. I'm good at spotting people who don't belong. As soon as I saw you I knew you were against THEM.'

THEM, it appeared, meant the Party, and above all the Inner Party, about whom she talked with an open jeering hatred which made Winston feel uneasy, although he knew that they were safe here if they could be safe anywhere. A thing that astonished him about her was the coarseness of

her language. Party members were supposed not to swear, and Winston himself very seldom did swear, aloud, at any rate. Julia, however, seemed unable to mention the Party, and especially the Inner Party, without using the kind of words that you saw chalked up in dripping alley-ways. He did not dislike it. It was merely one symptom of her revolt against the Party and all its ways, and somehow it seemed natural and healthy, like the sneeze of a horse that smells bad hay. They had left the clearing and were wandering again through the chequered shade, with their arms round each other's waists whenever it was wide enough to walk two abreast. He noticed how much softer her waist seemed to feel now that the sash was gone. They did not speak above a whisper. Outside the clearing, Julia said, it was better to go quietly. Presently they had reached the edge of the little wood. She stopped him.

‘Don’t go out into the open. There might be someone watching. We’re all right if we keep behind the boughs.’

They were standing in the shade of hazel bushes. The sunlight, filtering through innumerable leaves, was still hot on their faces. Winston looked out into the field beyond, and underwent a curious, slow shock of recognition. He knew it by sight. An old, close-bitten pasture, with a footpath wandering across it and a molehill here and there. In the

ragged hedge on the opposite side the boughs of the elm trees swayed just perceptibly in the breeze, and their leaves stirred faintly in dense masses like women's hair. Surely somewhere nearby, but out of sight, there must be a stream with green pools where dace were swimming?

'Isn't there a stream somewhere near here?' he whispered.

'That's right, there is a stream. It's at the edge of the next field, actually. There are fish in it, great big ones. You can watch them lying in the pools under the willow trees, waving their tails.'

'It's the Golden Country--almost,' he murmured.

'The Golden Country?'

'It's nothing, really. A landscape I've seen sometimes in a dream.'

'Look!' whispered Julia.

A thrush had alighted on a bough not five metres away, almost at the level of their faces. Perhaps it had not seen them. It was in the sun, they in the shade. It spread out its wings, fitted them carefully into place again, ducked its head for a moment, as though making a sort of obeisance to the sun, and then began to pour forth a torrent of song. In the afternoon hush the volume of sound was startling. Winston and Julia clung together, fascinated. The music went on and on,

minute after minute, with astonishing variations, never once repeating itself, almost as though the bird were deliberately showing off its virtuosity. Sometimes it stopped for a few seconds, spread out and resettled its wings, then swelled its speckled breast and again burst into song. Winston watched it with a sort of vague reverence. For whom, for what, was that bird singing? No mate, no rival was watching it. What made it sit at the edge of the lonely wood and pour its music into nothingness? He wondered whether after all there was a microphone hidden somewhere near. He and Julia had spoken only in low whispers, and it would not pick up what they had said, but it would pick up the thrush. Perhaps at the other end of the instrument some small, beetle-like man was listening intently--listening to that. But by degrees the flood of music drove all speculations out of his mind. It was as though it were a kind of liquid stuff that poured all over him and got mixed up with the sunlight that filtered through the leaves. He stopped thinking and merely felt. The girl's waist in the bend of his arm was soft and warm. He pulled her round so that they were breast to breast; her body seemed to melt into his. Wherever his hands moved it was all as yielding as water. Their mouths clung together; it was quite different from the hard kisses they had exchanged earlier. When they moved their faces apart again both of

them sighed deeply. The bird took fright and fled with a clatter of wings.

Winston put his lips against her ear. 'NOW,' he whispered.

'Not here,' she whispered back. 'Come back to the hide-out. It's safer.'

Quickly, with an occasional crackle of twigs, they threaded their way back to the clearing. When they were once inside the ring of saplings she turned and faced him. They were both breathing fast, but the smile had reappeared round the corners of her mouth. She stood looking at him for an instant, then felt at the zipper of her overalls. And, yes! it was almost as in his dream. Almost as swiftly as he had imagined it, she had torn her clothes off, and when she flung them aside it was with that same magnificent gesture by which a whole civilization seemed to be annihilated. Her body gleamed white in the sun. But for a moment he did not look at her body; his eyes were anchored by the freckled face with its faint, bold smile. He knelt down before her and took her hands in his.

'Have you done this before?'

'Of course. Hundreds of times--well, scores of times, anyway.'

'With Party members?'

'Yes, always with Party members.'

'With members of the Inner Party?'

'Not with those swine, no. But there's plenty that WOULD if they got half a chance. They're not so holy as they make out.'

His heart leapt. Scores of times she had done it: he wished it had been hundreds--thousands. Anything that hinted at corruption always filled him with a wild hope. Who knew, perhaps the Party was rotten under the surface, its cult of strenuousness and self-denial simply a sham concealing iniquity. If he could have infected the whole lot of them with leprosy or syphilis, how gladly he would have done so! Anything to rot, to weaken, to undermine! He pulled her down so that they were kneeling face to face.

'Listen. The more men you've had, the more I love you. Do you understand that?'

'Yes, perfectly.'

'I hate purity, I hate goodness! I don't want any virtue to exist anywhere. I want everyone to be corrupt to the bones.'

'Well then, I ought to suit you, dear. I'm corrupt to the bones.'

'You like doing this? I don't mean simply me: I mean the thing in itself?'

'I adore it.'

That was above all what he wanted to hear. Not merely the love of one person but the animal instinct, the simple undifferentiated desire: that was the force that would tear the Party to pieces. He pressed her down upon the grass, among the fallen bluebells. This time there was no difficulty. Presently the rising and falling of their breasts slowed to normal speed, and in a sort of pleasant helplessness they fell apart. The sun seemed to have grown hotter. They were both sleepy. He reached out for the discarded overalls and pulled them partly over her. Almost immediately they fell asleep and slept for about half an hour.

Winston woke first. He sat up and watched the freckled face, still peacefully asleep, pillowed on the palm of her hand. Except for her mouth, you could not call her beautiful. There was a line or two round the eyes, if you looked closely. The short dark hair was extraordinarily thick and soft. It occurred to him that he still did not know her surname or where she lived.

The young, strong body, now helpless in sleep, awoke in him a pitying, protecting feeling. But the mindless tenderness that he had felt under the hazel tree, while the thrush was singing, had not quite come back. He pulled the overalls aside and studied her smooth white flank. In the old days, he thought, a man looked at a girl's body and saw that it was

desirable, and that was the end of the story. But you could not have pure love or pure lust nowadays. No emotion was pure, because everything was mixed up with fear and hatred. Their embrace had been a battle, the climax a victory. It was a blow struck against the Party. It was a political act.

CHAPTER 3

We can come here once again,' said Julia. 'It's generally safe to use any hide-out twice. But not for another month or two, of course.'

As soon as she woke up her demeanour had changed. She became alert and business-like, put her clothes on, knotted the scarlet sash about her waist, and began arranging the details of the journey home. It seemed natural to leave this to her. She obviously had a practical cunning which Winston lacked, and she seemed also to have an exhaustive knowledge of the countryside round London, stored away from innumerable community hikes. The route she gave him was quite different from the one by which he had come, and brought him out at a different railway station. 'Never go home the same way as you went out,' she said, as though enunciating an important general principle. She would leave first, and Winston was to wait half an hour before following her.

She had named a place where they could meet after work, four evenings hence. It was a street in one of the

poorer quarters, where there was an open market which was generally crowded and noisy. She would be hanging about among the stalls, pretending to be in search of shoelaces or sewing-thread. If she judged that the coast was clear she would blow her nose when he approached; otherwise he was to walk past her without recognition. But with luck, in the middle of the crowd, it would be safe to talk for a quarter of an hour and arrange another meeting.

‘And now I must go,’ she said as soon as he had mastered his instructions. ‘I’m due back at nineteen-thirty. I’ve got to put in two hours for the Junior Anti-Sex League, handing out leaflets, or something. Isn’t it bloody? Give me a brush-down, would you? Have I got any twigs in my hair? Are you sure? Then good-bye, my love, good-bye!’

She flung herself into his arms, kissed him almost violently, and a moment later pushed her way through the saplings and disappeared into the wood with very little noise. Even now he had not found out her surname or her address. However, it made no difference, for it was inconceivable that they could ever meet indoors or exchange any kind of written communication.

As it happened, they never went back to the clearing in the wood. During the month of May there was only one further occasion on which they actually succeeded in

making love. That was in another hiding-place known to Julia, the belfry of a ruinous church in an almost-deserted stretch of country where an atomic bomb had fallen thirty years earlier. It was a good hiding-place when once you got there, but the getting there was very dangerous. For the rest they could meet only in the streets, in a different place every evening and never for more than half an hour at a time. In the street it was usually possible to talk, after a fashion. As they drifted down the crowded pavements, not quite abreast and never looking at one another, they carried on a curious, intermittent conversation which flicked on and off like the beams of a lighthouse, suddenly nipped into silence by the approach of a Party uniform or the proximity of a telescreen, then taken up again minutes later in the middle of a sentence, then abruptly cut short as they parted at the agreed spot, then continued almost without introduction on the following day. Julia appeared to be quite used to this kind of conversation, which she called 'talking by instalments'. She was also surprisingly adept at speaking without moving her lips. Just once in almost a month of nightly meetings they managed to exchange a kiss. They were passing in silence down a side-street (Julia would never speak when they were away from the main streets) when there was a deafening roar, the earth heaved, and the air darkened, and Winston

found himself lying on his side, bruised and terrified. A rocket bomb must have dropped quite near at hand. Suddenly he became aware of Julia's face a few centimetres from his own, deathly white, as white as chalk. Even her lips were white. She was dead! He clasped her against him and found that he was kissing a live warm face. But there was some powdery stuff that got in the way of his lips. Both of their faces were thickly coated with plaster.

There were evenings when they reached their rendezvous and then had to walk past one another without a sign, because a patrol had just come round the corner or a helicopter was hovering overhead. Even if it had been less dangerous, it would still have been difficult to find time to meet. Winston's working week was sixty hours, Julia's was even longer, and their free days varied according to the pressure of work and did not often coincide. Julia, in any case, seldom had an evening completely free. She spent an astonishing amount of time in attending lectures and demonstrations, distributing literature for the junior Anti-Sex League, preparing banners for Hate Week, making collections for the savings campaign, and such-like activities. It paid, she said, it was camouflage. If you kept the small rules, you could break the big ones. She even induced Winston to mortgage yet another of his evenings by enrolling himself

for the part-time munition work which was done voluntarily by zealous Party members. So, one evening every week, Winston spent four hours of paralysing boredom, screwing together small bits of metal which were probably parts of bomb fuses, in a draughty, ill-lit workshop where the knocking of hammers mingled drearily with the music of the telescreens.

When they met in the church tower the gaps in their fragmentary conversation were filled up. It was a blazing afternoon. The air in the little square chamber above the bells was hot and stagnant, and smelt overpoweringly of pigeon dung. They sat talking for hours on the dusty, twig-littered floor, one or other of them getting up from time to time to cast a glance through the arrowslits and make sure that no one was coming.

Julia was twenty-six years old. She lived in a hostel with thirty other girls ('Always in the stink of women! How I hate women!' she said parenthetically), and she worked, as he had guessed, on the novel-writing machines in the Fiction Department. She enjoyed her work, which consisted chiefly in running and servicing a powerful but tricky electric motor. She was 'not clever', but was fond of using her hands and felt at home with machinery. She could describe the whole process of composing a novel, from the general

directive issued by the Planning Committee down to the final touching-up by the Rewrite Squad. But she was not interested in the finished product. She 'didn't much care for reading,' she said. Books were just a commodity that had to be produced, like jam or bootlaces.

She had no memories of anything before the early sixties and the only person she had ever known who talked frequently of the days before the Revolution was a grandfather who had disappeared when she was eight. At school she had been captain of the hockey team and had won the gymnastics trophy two years running. She had been a troop-leader in the Spies and a branch secretary in the Youth League before joining the Junior Anti-Sex League. She had always borne an excellent character. She had even (an infallible mark of good reputation) been picked out to work in Pornosec, the sub-section of the Fiction Department which turned out cheap pornography for distribution among the proles. It was nicknamed Muck House by the people who worked in it, she remarked. There she had remained for a year, helping to produce booklets in sealed packets with titles like 'Spanking Stories' or 'One Night in a Girls' School', to be bought furtively by proletarian youths who were under the impression that they were buying something illegal.

‘What are these books like?’ said Winston curiously.

‘Oh, ghastly rubbish. They’re boring, really. They only have six plots, but they swap them round a bit. Of course I was only on the kaleidoscopes. I was never in the Rewrite Squad. I’m not literary, dear--not even enough for that.’

He learned with astonishment that all the workers in Pornosec, except the heads of the departments, were girls. The theory was that men, whose sex instincts were less controllable than those of women, were in greater danger of being corrupted by the filth they handled.

‘They don’t even like having married women there,’ she added. Girls are always supposed to be so pure. Here’s one who isn’t, anyway.

She had had her first love-affair when she was sixteen, with a Party member of sixty who later committed suicide to avoid arrest. ‘And a good job too,’ said Julia, ‘otherwise they’d have had my name out of him when he confessed.’ Since then there had been various others. Life as she saw it was quite simple. You wanted a good time; ‘they’, meaning the Party, wanted to stop you having it; you broke the rules as best you could. She seemed to think it just as natural that ‘they’ should want to rob you of your pleasures as that you should want to avoid being caught. She hated the Party, and said so in the crudest words, but she made no general

criticism of it. Except where it touched upon her own life she had no interest in Party doctrine. He noticed that she never used Newspeak words except the ones that had passed into everyday use. She had never heard of the Brotherhood, and refused to believe in its existence. Any kind of organized revolt against the Party, which was bound to be a failure, struck her as stupid. The clever thing was to break the rules and stay alive all the same. He wondered vaguely how many others like her there might be in the younger generation people who had grown up in the world of the Revolution, knowing nothing else, accepting the Party as something unalterable, like the sky, not rebelling against its authority but simply evading it, as a rabbit dodges a dog.

They did not discuss the possibility of getting married. It was too remote to be worth thinking about. No imaginable committee would ever sanction such a marriage even if Katharine, Winston's wife, could somehow have been got rid of. It was hopeless even as a daydream.

'What was she like, your wife?' said Julia.

'She was--do you know the Newspeak word GOODTHINKFUL? Meaning naturally orthodox, incapable of thinking a bad thought?'

'No, I didn't know the word, but I know the kind of person, right enough.'

He began telling her the story of his married life, but curiously enough she appeared to know the essential parts of it already. She described to him, almost as though she had seen or felt it, the stiffening of Katharine's body as soon as he touched her, the way in which she still seemed to be pushing him from her with all her strength, even when her arms were clasped tightly round him. With Julia he felt no difficulty in talking about such things: Katharine, in any case, had long ceased to be a painful memory and became merely a distasteful one.

'I could have stood it if it hadn't been for one thing,' he said. He told her about the frigid little ceremony that Katharine had forced him to go through on the same night every week. 'She hated it, but nothing would make her stop doing it. She used to call it--but you'll never guess.'

'Our duty to the Party,' said Julia promptly.

'How did you know that?'

'I've been at school too, dear. Sex talks once a month for the over-sixteens. And in the Youth Movement. They rub it into you for years. I dare say it works in a lot of cases. But of course you can never tell; people are such hypocrites.'

She began to enlarge upon the subject. With Julia, everything came back to her own sexuality. As soon as this was touched upon in any way she was capable of great

acuteness. Unlike Winston, she had grasped the inner meaning of the Party's sexual puritanism. It was not merely that the sex instinct created a world of its own which was outside the Party's control and which therefore had to be destroyed if possible. What was more important was that sexual privation induced hysteria, which was desirable because it could be transformed into war-fever and leader-worship. The way she put it was:

'When you make love you're using up energy; and afterwards you feel happy and don't give a damn for anything. They can't bear you to feel like that. They want you to be bursting with energy all the time. All this marching up and down and cheering and waving flags is simply sex gone sour. If you're happy inside yourself, why should you get excited about Big Brother and the Three-Year Plans and the Two Minutes Hate and all the rest of their bloody rot?'

That was very true, he thought. There was a direct intimate connexion between chastity and political orthodoxy. For how could the fear, the hatred, and the lunatic credulity which the Party needed in its members be kept at the right pitch, except by bottling down some powerful instinct and using it as a driving force? The sex impulse was dangerous to the Party, and the Party had turned it to account. They had played a similar trick with the instinct of parenthood. The

family could not actually be abolished, and, indeed, people were encouraged to be fond of their children, in almost the old-fashioned way. The children, on the other hand, were systematically turned against their parents and taught to spy on them and report their deviations. The family had become in effect an extension of the Thought Police. It was a device by means of which everyone could be surrounded night and day by informers who knew him intimately.

Abruptly his mind went back to Katharine. Katharine would unquestionably have denounced him to the Thought Police if she had not happened to be too stupid to detect the unorthodoxy of his opinions. But what really recalled her to him at this moment was the stifling heat of the afternoon, which had brought the sweat out on his forehead. He began telling Julia of something that had happened, or rather had failed to happen, on another sweltering summer afternoon, eleven years ago.

It was three or four months after they were married. They had lost their way on a community hike somewhere in Kent. They had only lagged behind the others for a couple of minutes, but they took a wrong turning, and presently found themselves pulled up short by the edge of an old chalk quarry. It was a sheer drop of ten or twenty metres, with boulders at the bottom. There was nobody of whom they

could ask the way. As soon as she realized that they were lost Katharine became very uneasy. To be away from the noisy mob of hikers even for a moment gave her a feeling of wrong-doing. She wanted to hurry back by the way they had come and start searching in the other direction. But at this moment Winston noticed some tufts of loosestrife growing in the cracks of the cliff beneath them. One tuft was of two colours, magenta and brick-red, apparently growing on the same root. He had never seen anything of the kind before, and he called to Katharine to come and look at it.

‘Look, Katharine! Look at those flowers. That clump down near the bottom. Do you see they’re two different colours?’

She had already turned to go, but she did rather fretfully come back for a moment. She even leaned out over the cliff face to see where he was pointing. He was standing a little behind her, and he put his hand on her waist to steady her. At this moment it suddenly occurred to him how completely alone they were. There was not a human creature anywhere, not a leaf stirring, not even a bird awake. In a place like this the danger that there would be a hidden microphone was very small, and even if there was a microphone it would only pick up sounds. It was the hottest sleepest hour of the afternoon. The sun blazed down upon them, the sweat tickled his face. And the thought struck him...

‘Why didn’t you give her a good shove?’ said Julia. ‘I would have.’

‘Yes, dear, you would have. I would, if I’d been the same person then as I am now. Or perhaps I would--I’m not certain.’

‘Are you sorry you didn’t?’

‘Yes. On the whole I’m sorry I didn’t.’

They were sitting side by side on the dusty floor. He pulled her closer against him. Her head rested on his shoulder, the pleasant smell of her hair conquering the pigeon dung. She was very young, he thought, she still expected something from life, she did not understand that to push an inconvenient person over a cliff solves nothing.

‘Actually it would have made no difference,’ he said.

‘Then why are you sorry you didn’t do it?’

‘Only because I prefer a positive to a negative. In this game that we’re playing, we can’t win. Some kinds of failure are better than other kinds, that’s all.’

He felt her shoulders give a wriggle of dissent. She always contradicted him when he said anything of this kind. She would not accept it as a law of nature that the individual is always defeated. In a way she realized that she herself was doomed, that sooner or later the Thought Police would catch her and kill her, but with another part of her mind

she believed that it was somehow possible to construct a secret world in which you could live as you chose. All you needed was luck and cunning and boldness. She did not understand that there was no such thing as happiness, that the only victory lay in the far future, long after you were dead, that from the moment of declaring war on the Party it was better to think of yourself as a corpse.

‘We are the dead,’ he said.

‘We’re not dead yet,’ said Julia prosaically.

‘Not physically. Six months, a year--five years, conceivably. I am afraid of death. You are young, so presumably you’re more afraid of it than I am. Obviously we shall put it off as long as we can. But it makes very little difference. So long as human beings stay human, death and life are the same thing.’

‘Oh, rubbish! Which would you sooner sleep with, me or a skeleton? Don’t you enjoy being alive? Don’t you like feeling: This is me, this is my hand, this is my leg, I’m real, I’m solid, I’m alive! Don’t you like THIS?’

She twisted herself round and pressed her bosom against him. He could feel her breasts, ripe yet firm, through her overalls. Her body seemed to be pouring some of its youth and vigour into his.

‘Yes, I like that,’ he said.

‘Then stop talking about dying. And now listen, dear, we’ve got to fix up about the next time we meet. We may as well go back to the place in the wood. We’ve given it a good long rest. But you must get there by a different way this time. I’ve got it all planned out. You take the train--but look, I’ll draw it out for you.’

And in her practical way she scraped together a small square of dust, and with a twig from a pigeon’s nest began drawing a map on the floor.

CHAPTER 4

Winston looked round the shabby little room above Mr Charrington's shop. Beside the window the enormous bed was made up, with ragged blankets and a coverless bolster. The old-fashioned clock with the twelve-hour face was ticking away on the mantelpiece. In the corner, on the gateleg table, the glass paperweight which he had bought on his last visit gleamed softly out of the half-darkness.

In the fender was a battered tin oilstove, a saucepan, and two cups, provided by Mr Charrington. Winston lit the burner and set a pan of water to boil. He had brought an envelope full of Victory Coffee and some saccharine tablets. The clock's hands said seventeen-twenty: it was nineteen-twenty really. She was coming at nineteen-thirty.

Folly, folly, his heart kept saying: conscious, gratuitous, suicidal folly. Of all the crimes that a Party member could commit, this one was the least possible to conceal. Actually the idea had first floated into his head in the form

of a vision, of the glass paperweight mirrored by the surface of the gateleg table. As he had foreseen, Mr Charrington had made no difficulty about letting the room. He was obviously glad of the few dollars that it would bring him. Nor did he seem shocked or become offensively knowing when it was made clear that Winston wanted the room for the purpose of a love-affair. Instead he looked into the middle distance and spoke in generalities, with so delicate an air as to give the impression that he had become partly invisible. Privacy, he said, was a very valuable thing. Everyone wanted a place where they could be alone occasionally. And when they had such a place, it was only common courtesy in anyone else who knew of it to keep his knowledge to himself. He even, seeming almost to fade out of existence as he did so, added that there were two entries to the house, one of them through the back yard, which gave on an alley.

Under the window somebody was singing. Winston peeped out, secure in the protection of the muslin curtain. The June sun was still high in the sky, and in the sun-filled court below, a monstrous woman, solid as a Norman pillar, with brawny red forearms and a sacking apron strapped about her middle, was stumping to and fro between a washtub and a clothes line, pegging out a series of square white things which Winston recognized as babies' diapers. Whenever her

mouth was not corked with clothes pegs she was singing in a powerful contralto:

*It was only an 'opeless fancy.
It passed like an Ipril dye,
But a look an' a word an' the dreams they stirred!
They 'ave stolen my 'eart awye!*

The tune had been haunting London for weeks past. It was one of countless similar songs published for the benefit of the proles by a sub-section of the Music Department. The words of these songs were composed without any human intervention whatever on an instrument known as a versificator. But the woman sang so tunefully as to turn the dreadful rubbish into an almost pleasant sound. He could hear the woman singing and the scrape of her shoes on the flagstones, and the cries of the children in the street, and somewhere in the far distance a faint roar of traffic, and yet the room seemed curiously silent, thanks to the absence of a telescreen.

Folly, folly, folly! he thought again. It was inconceivable that they could frequent this place for more than a few weeks without being caught. But the temptation of having a hiding-place that was truly their own, indoors and near at

hand, had been too much for both of them. For some time after their visit to the church belfry it had been impossible to arrange meetings. Working hours had been drastically increased in anticipation of Hate Week. It was more than a month distant, but the enormous, complex preparations that it entailed were throwing extra work on to everybody. Finally both of them managed to secure a free afternoon on the same day. They had agreed to go back to the clearing in the wood. On the evening beforehand they met briefly in the street. As usual, Winston hardly looked at Julia as they drifted towards one another in the crowd, but from the short glance he gave her it seemed to him that she was paler than usual.

‘It’s all off,’ she murmured as soon as she judged it safe to speak. ‘Tomorrow, I mean.’

‘What?’

‘Tomorrow afternoon. I can’t come.’

‘Why not?’

‘Oh, the usual reason. It’s started early this time.’

For a moment he was violently angry. During the month that he had known her the nature of his desire for her had changed. At the beginning there had been little true sensuality in it. Their first love-making had been simply an act of the will. But after the second time it was different. The

smell of her hair, the taste of her mouth, the feeling of her skin seemed to have got inside him, or into the air all round him. She had become a physical necessity, something that he not only wanted but felt that he had a right to. When she said that she could not come, he had the feeling that she was cheating him. But just at this moment the crowd pressed them together and their hands accidentally met. She gave the tips of his fingers a quick squeeze that seemed to invite not desire but affection. It struck him that when one lived with a woman this particular disappointment must be a normal, recurring event; and a deep tenderness, such as he had not felt for her before, suddenly took hold of him. He wished that they were a married couple of ten years' standing. He wished that he were walking through the streets with her just as they were doing now but openly and without fear, talking of trivialities and buying odds and ends for the household. He wished above all that they had some place where they could be alone together without feeling the obligation to make love every time they met. It was not actually at that moment, but at some time on the following day, that the idea of renting Mr Charrington's room had occurred to him. When he suggested it to Julia she had agreed with unexpected readiness. Both of them knew that it was lunacy. It was as though they were intentionally stepping

nearer to their graves. As he sat waiting on the edge of the bed he thought again of the cellars of the Ministry of Love. It was curious how that predestined horror moved in and out of one's consciousness. There it lay, fixed in future times, preceding death as surely as 99 precedes 100. One could not avoid it, but one could perhaps postpone it: and yet instead, every now and again, by a conscious, wilful act, one chose to shorten the interval before it happened.

At this moment there was a quick step on the stairs. Julia burst into the room. She was carrying a tool-bag of coarse brown canvas, such as he had sometimes seen her carrying to and fro at the Ministry. He started forward to take her in his arms, but she disengaged herself rather hurriedly, partly because she was still holding the tool-bag.

'Half a second,' she said. 'Just let me show you what I've brought. Did you bring some of that filthy Victory Coffee? I thought you would. You can chuck it away again, because we shan't be needing it. Look here.'

She fell on her knees, threw open the bag, and tumbled out some spanners and a screwdriver that filled the top part of it. Underneath were a number of neat paper packets. The first packet that she passed to Winston had a strange and yet vaguely familiar feeling. It was filled with some kind of heavy, sand-like stuff which yielded wherever you touched it.

'It isn't sugar?' he said.

'Real sugar. Not saccharine, sugar. And here's a loaf of bread--proper white bread, not our bloody stuff--and a little pot of jam. And here's a tin of milk--but look! This is the one I'm really proud of. I had to wrap a bit of sacking round it, because----'

But she did not need to tell him why she had wrapped it up. The smell was already filling the room, a rich hot smell which seemed like an emanation from his early childhood, but which one did occasionally meet with even now, blowing down a passage-way before a door slammed, or diffusing itself mysteriously in a crowded street, sniffed for an instant and then lost again.

'It's coffee,' he murmured, 'real coffee.'

'It's Inner Party coffee. There's a whole kilo here,' she said.

'How did you manage to get hold of all these things?'

'It's all Inner Party stuff. There's nothing those swine don't have, nothing. But of course waiters and servants and people pinch things, and--look, I got a little packet of tea as well.'

Winston had squatted down beside her. He tore open a corner of the packet.

'It's real tea. Not blackberry leaves.'

‘There’s been a lot of tea about lately. They’ve captured India, or something,’ she said vaguely. ‘But listen, dear. I want you to turn your back on me for three minutes. Go and sit on the other side of the bed. Don’t go too near the window. And don’t turn round till I tell you.’

Winston gazed abstractedly through the muslin curtain. Down in the yard the red-armed woman was still marching to and fro between the washtub and the line. She took two more pegs out of her mouth and sang with deep feeling:

*They sye that time ‘eals all things,
They sye you can always forget;
But the smiles an’ the tears acrorss the years
They twist my ‘eart-strings yet!*

She knew the whole drivelling song by heart, it seemed. Her voice floated upward with the sweet summer air, very tuneful, charged with a sort of happy melancholy. One had the feeling that she would have been perfectly content, if the June evening had been endless and the supply of clothes inexhaustible, to remain there for a thousand years, pegging out diapers and singing rubbish. It struck him as a curious fact that he had never heard a member of the Party singing alone and spontaneously. It would even have seemed slightly

unorthodox, a dangerous eccentricity, like talking to oneself. Perhaps it was only when people were somewhere near the starvation level that they had anything to sing about.

‘You can turn round now,’ said Julia.

He turned round, and for a second almost failed to recognize her. What he had actually expected was to see her naked. But she was not naked. The transformation that had happened was much more surprising than that. She had painted her face.

She must have slipped into some shop in the proletarian quarters and bought herself a complete set of make-up materials. Her lips were deeply reddened, her cheeks rouged, her nose powdered; there was even a touch of something under the eyes to make them brighter. It was not very skilfully done, but Winston’s standards in such matters were not high. He had never before seen or imagined a woman of the Party with cosmetics on her face. The improvement in her appearance was startling. With just a few dabs of colour in the right places she had become not only very much prettier, but, above all, far more feminine. Her short hair and boyish overalls merely added to the effect. As he took her in his arms a wave of synthetic violets flooded his nostrils. He remembered the half-darkness of a basement kitchen, and a woman’s cavernous mouth. It was the very

same scent that she had used; but at the moment it did not seem to matter.

‘Scent too!’ he said.

‘Yes, dear, scent too. And do you know what I’m going to do next? I’m going to get hold of a real woman’s frock from somewhere and wear it instead of these bloody trousers. I’ll wear silk stockings and high-heeled shoes! In this room I’m going to be a woman, not a Party comrade.’

They flung their clothes off and climbed into the huge mahogany bed. It was the first time that he had stripped himself naked in her presence. Until now he had been too much ashamed of his pale and meagre body, with the varicose veins standing out on his calves and the discoloured patch over his ankle. There were no sheets, but the blanket they lay on was threadbare and smooth, and the size and springiness of the bed astonished both of them. ‘It’s sure to be full of bugs, but who cares?’ said Julia. One never saw a double bed nowadays, except in the homes of the proles. Winston had occasionally slept in one in his boyhood: Julia had never been in one before, so far as she could remember.

Presently they fell asleep for a little while. When Winston woke up the hands of the clock had crept round to nearly nine. He did not stir, because Julia was sleeping with her head in the crook of his arm. Most of her make-up had

transferred itself to his own face or the bolster, but a light stain of rouge still brought out the beauty of her cheekbone. A yellow ray from the sinking sun fell across the foot of the bed and lighted up the fireplace, where the water in the pan was boiling fast. Down in the yard the woman had stopped singing, but the faint shouts of children floated in from the street. He wondered vaguely whether in the abolished past it had been a normal experience to lie in bed like this, in the cool of a summer evening, a man and a woman with no clothes on, making love when they chose, talking of what they chose, not feeling any compulsion to get up, simply lying there and listening to peaceful sounds outside. Surely there could never have been a time when that seemed ordinary? Julia woke up, rubbed her eyes, and raised herself on her elbow to look at the oilstove.

‘Half that water’s boiled away,’ she said. ‘I’ll get up and make some coffee in another moment. We’ve got an hour. What time do they cut the lights off at your flats?’

‘Twenty-three thirty.’

‘It’s twenty-three at the hostel. But you have to get in earlier than that, because--Hi! Get out, you filthy brute!’

She suddenly twisted herself over in the bed, seized a shoe from the floor, and sent it hurtling into the corner with a boyish jerk of her arm, exactly as he had seen her

fling the dictionary at Goldstein, that morning during the Two Minutes Hate.

‘What was it?’ he said in surprise.

‘A rat. I saw him stick his beastly nose out of the wainscoting. There’s a hole down there. I gave him a good fright, anyway.’

‘Rats!’ murmured Winston. ‘In this room!’

‘They’re all over the place,’ said Julia indifferently as she lay down again. ‘We’ve even got them in the kitchen at the hostel. Some parts of London are swarming with them. Did you know they attack children? Yes, they do. In some of these streets a woman daren’t leave a baby alone for two minutes. It’s the great huge brown ones that do it. And the nasty thing is that the brutes always----’

‘DON’T GO ON!’ said Winston, with his eyes tightly shut.

‘Dearest! You’ve gone quite pale. What’s the matter? Do they make you feel sick?’

‘Of all horrors in the world--a rat!’

She pressed herself against him and wound her limbs round him, as though to reassure him with the warmth of her body. He did not reopen his eyes immediately. For several moments he had had the feeling of being back in a nightmare which had recurred from time to time

throughout his life. It was always very much the same. He was standing in front of a wall of darkness, and on the other side of it there was something unendurable, something too dreadful to be faced. In the dream his deepest feeling was always one of self-deception, because he did in fact know what was behind the wall of darkness. With a deadly effort, like wrenching a piece out of his own brain, he could even have dragged the thing into the open. He always woke up without discovering what it was: but somehow it was connected with what Julia had been saying when he cut her short.

‘I’m sorry,’ he said, ‘it’s nothing. I don’t like rats, that’s all.’

‘Don’t worry, dear, we’re not going to have the filthy brutes in here. I’ll stuff the hole with a bit of sacking before we go. And next time we come here I’ll bring some plaster and bung it up properly.’

Already the black instant of panic was half-forgotten. Feeling slightly ashamed of himself, he sat up against the bedhead. Julia got out of bed, pulled on her overalls, and made the coffee. The smell that rose from the saucepan was so powerful and exciting that they shut the window lest anybody outside should notice it and become inquisitive. What was even better than the taste of the coffee was the

silky texture given to it by the sugar, a thing Winston had almost forgotten after years of saccharine. With one hand in her pocket and a piece of bread and jam in the other, Julia wandered about the room, glancing indifferently at the bookcase, pointing out the best way of repairing the gateleg table, plumping herself down in the ragged arm-chair to see if it was comfortable, and examining the absurd twelve-hour clock with a sort of tolerant amusement. She brought the glass paperweight over to the bed to have a look at it in a better light. He took it out of her hand, fascinated, as always, by the soft, rainwatery appearance of the glass.

‘What is it, do you think?’ said Julia.

‘I don’t think it’s anything--I mean, I don’t think it was ever put to any use. That’s what I like about it. It’s a little chunk of history that they’ve forgotten to alter. It’s a message from a hundred years ago, if one knew how to read it.’

‘And that picture over there’--she nodded at the engraving on the opposite wall--‘would that be a hundred years old?’

‘More. Two hundred, I dare say. One can’t tell. It’s impossible to discover the age of anything nowadays.’

She went over to look at it. ‘Here’s where that brute stuck his nose out,’ she said, kicking the wainscoting immediately below the picture. ‘What is this place? I’ve seen it before somewhere.’

'It's a church, or at least it used to be. St Clement Danes its name was.' The fragment of rhyme that Mr Charrington had taught him came back into his head, and he added half-nostalgically: "Oranges and lemons, say the bells of St Clement's!"

To his astonishment she capped the line:

*'You owe me three farthings, say the bells of
St Martin's,
When will you pay me? say the bells of
Old Bailey----'*

'I can't remember how it goes on after that. But anyway I remember it ends up, "Here comes a candle to light you to bed, here comes a chopper to chop off your head!"'

It was like the two halves of a countersign. But there must be another line after 'the bells of Old Bailey'. Perhaps it could be dug out of Mr Charrington's memory, if he were suitably prompted.

'Who taught you that?' he said.

'My grandfather. He used to say it to me when I was a little girl. He was vaporized when I was eight--at any rate, he disappeared. I wonder what a lemon was,' she added inconsequently. 'I've seen oranges. They're a kind of round yellow fruit with a thick skin.'

'I can remember lemons,' said Winston. 'They were quite common in the fifties. They were so sour that it set your teeth on edge even to smell them.'

'I bet that picture's got bugs behind it,' said Julia. 'I'll take it down and give it a good clean some day. I suppose it's almost time we were leaving. I must start washing this paint off. What a bore! I'll get the lipstick off your face afterwards.'

Winston did not get up for a few minutes more. The room was darkening. He turned over towards the light and lay gazing into the glass paperweight. The inexhaustibly interesting thing was not the fragment of coral but the interior of the glass itself. There was such a depth of it, and yet it was almost as transparent as air. It was as though the surface of the glass had been the arch of the sky, enclosing a tiny world with its atmosphere complete. He had the feeling that he could get inside it, and that in fact he was inside it, along with the mahogany bed and the gateleg table, and the clock and the steel engraving and the paperweight itself. The paperweight was the room he was in, and the coral was Julia's life and his own, fixed in a sort of eternity at the heart of the crystal.

CHAPTER 5

Syme had vanished. A morning came, and he was missing from work: a few thoughtless people commented on his absence. On the next day nobody mentioned him. On the third day Winston went into the vestibule of the Records Department to look at the notice-board. One of the notices carried a printed list of the members of the Chess Committee, of whom Syme had been one. It looked almost exactly as it had looked before--nothing had been crossed out--but it was one name shorter. It was enough. Syme had ceased to exist: he had never existed.

The weather was baking hot. In the labyrinthine Ministry the windowless, air-conditioned rooms kept their normal temperature, but outside the pavements scorched one's feet and the stench of the Tubes at the rush hours was a horror. The preparations for Hate Week were in full swing, and the staffs of all the Ministries were working overtime. Processions, meetings, military parades, lectures, waxworks, displays, film shows, telescreen programmes all had to be

organized; stands had to be erected, effigies built, slogans coined, songs written, rumours circulated, photographs faked. Julia's unit in the Fiction Department had been taken off the production of novels and was rushing out a series of atrocity pamphlets. Winston, in addition to his regular work, spent long periods every day in going through back files of 'The Times' and altering and embellishing news items which were to be quoted in speeches. Late at night, when crowds of rowdy proles roamed the streets, the town had a curiously febrile air. The rocket bombs crashed oftener than ever, and sometimes in the far distance there were enormous explosions which no one could explain and about which there were wild rumours.

The new tune which was to be the theme-song of Hate Week (the Hate Song, it was called) had already been composed and was being endlessly plugged on the telescreens. It had a savage, barking rhythm which could not exactly be called music, but resembled the beating of a drum. Roared out by hundreds of voices to the tramp of marching feet, it was terrifying. The proles had taken a fancy to it, and in the midnight streets it competed with the still-popular 'It was only a hopeless fancy'. The Parsons children played it at all hours of the night and day, unbearably, on a comb and a piece of toilet paper. Winston's evenings were fuller than ever.

Squads of volunteers, organized by Parsons, were preparing the street for Hate Week, stitching banners, painting posters, erecting flagstaffs on the roofs, and perilously slinging wires across the street for the reception of streamers. Parsons boasted that Victory Mansions alone would display four hundred metres of bunting. He was in his native element and as happy as a lark. The heat and the manual work had even given him a pretext for reverting to shorts and an open shirt in the evenings. He was everywhere at once, pushing, pulling, sawing, hammering, improvising, jollyng everyone along with comradely exhortations and giving out from every fold of his body what seemed an inexhaustible supply of acrid-smelling sweat.

A new poster had suddenly appeared all over London. It had no caption, and represented simply the monstrous figure of a Eurasian soldier, three or four metres high, striding forward with expressionless Mongolian face and enormous boots, a submachine gun pointed from his hip. From whatever angle you looked at the poster, the muzzle of the gun, magnified by the foreshortening, seemed to be pointed straight at you. The thing had been plastered on every blank space on every wall, even outnumbering the portraits of Big Brother. The proles, normally apathetic about the war, were being lashed into one of their periodical frenzies

of patriotism. As though to harmonize with the general mood, the rocket bombs had been killing larger numbers of people than usual. One fell on a crowded film theatre in Stepney, burying several hundred victims among the ruins. The whole population of the neighbourhood turned out for a long, trailing funeral which went on for hours and was in effect an indignation meeting. Another bomb fell on a piece of waste ground which was used as a playground and several dozen children were blown to pieces. There were further angry demonstrations, Goldstein was burned in effigy, hundreds of copies of the poster of the Eurasian soldier were torn down and added to the flames, and a number of shops were looted in the turmoil; then a rumour flew round that spies were directing the rocket bombs by means of wireless waves, and an old couple who were suspected of being of foreign extraction had their house set on fire and perished of suffocation.

In the room over Mr Charrington's shop, when they could get there, Julia and Winston lay side by side on a stripped bed under the open window, naked for the sake of coolness. The rat had never come back, but the bugs had multiplied hideously in the heat. It did not seem to matter. Dirty or clean, the room was paradise. As soon as they arrived they would sprinkle everything with pepper bought on

the black market, tear off their clothes, and make love with sweating bodies, then fall asleep and wake to find that the bugs had rallied and were massing for the counter-attack.

Four, five, six--seven times they met during the month of June. Winston had dropped his habit of drinking gin at all hours. He seemed to have lost the need for it. He had grown fatter, his varicose ulcer had subsided, leaving only a brown stain on the skin above his ankle, his fits of coughing in the early morning had stopped. The process of life had ceased to be intolerable, he had no longer any impulse to make faces at the telescreen or shout curses at the top of his voice. Now that they had a secure hiding-place, almost a home, it did not even seem a hardship that they could only meet infrequently and for a couple of hours at a time. What mattered was that the room over the junk-shop should exist. To know that it was there, inviolate, was almost the same as being in it. The room was a world, a pocket of the past where extinct animals could walk. Mr Charrington, thought Winston, was another extinct animal. He usually stopped to talk with Mr Charrington for a few minutes on his way upstairs. The old man seemed seldom or never to go out of doors, and on the other hand to have almost no customers. He led a ghostlike existence between the tiny, dark shop, and an even tinier back kitchen where he prepared his meals

and which contained, among other things, an unbelievably ancient gramophone with an enormous horn. He seemed glad of the opportunity to talk. Wandering about among his worthless stock, with his long nose and thick spectacles and his bowed shoulders in the velvet jacket, he had always vaguely the air of being a collector rather than a tradesman. With a sort of faded enthusiasm he would finger this scrap of rubbish or that--a china bottle-stopper, the painted lid of a broken snuffbox, a pinchbeck locket containing a strand of some long-dead baby's hair--never asking that Winston should buy it, merely that he should admire it. To talk to him was like listening to the tinkling of a worn-out musical-box. He had dragged out from the corners of his memory some more fragments of forgotten rhymes. There was one about four and twenty blackbirds, and another about a cow with a crumpled horn, and another about the death of poor Cock Robin. 'It just occurred to me you might be interested,' he would say with a deprecating little laugh whenever he produced a new fragment. But he could never recall more than a few lines of any one rhyme.

Both of them knew--in a way, it was never out of their minds that what was now happening could not last long. There were times when the fact of impending death seemed as palpable as the bed they lay on, and they would

cling together with a sort of despairing sensuality, like a damned soul grasping at his last morsel of pleasure when the clock is within five minutes of striking. But there were also times when they had the illusion not only of safety but of permanence. So long as they were actually in this room, they both felt, no harm could come to them. Getting there was difficult and dangerous, but the room itself was sanctuary. It was as when Winston had gazed into the heart of the paperweight, with the feeling that it would be possible to get inside that glassy world, and that once inside it time could be arrested. Often they gave themselves up to daydreams of escape. Their luck would hold indefinitely, and they would carry on their intrigue, just like this, for the remainder of their natural lives. Or Katharine would die, and by subtle manoeuvrings Winston and Julia would succeed in getting married. Or they would commit suicide together. Or they would disappear, alter themselves out of recognition, learn to speak with proletarian accents, get jobs in a factory and live out their lives undetected in a back-street. It was all nonsense, as they both knew. In reality there was no escape. Even the one plan that was practicable, suicide, they had no intention of carrying out. To hang on from day to day and from week to week, spinning out a present that had no future, seemed an unconquerable instinct, just as one's

lungs will always draw the next breath so long as there is air available.

Sometimes, too, they talked of engaging in active rebellion against the Party, but with no notion of how to take the first step. Even if the fabulous Brotherhood was a reality, there still remained the difficulty of finding one's way into it. He told her of the strange intimacy that existed, or seemed to exist, between himself and O'Brien, and of the impulse he sometimes felt, simply to walk into O'Brien's presence, announce that he was the enemy of the Party, and demand his help. Curiously enough, this did not strike her as an impossibly rash thing to do. She was used to judging people by their faces, and it seemed natural to her that Winston should believe O'Brien to be trustworthy on the strength of a single flash of the eyes. Moreover she took it for granted that everyone, or nearly everyone, secretly hated the Party and would break the rules if he thought it safe to do so. But she refused to believe that widespread, organized opposition existed or could exist. The tales about Goldstein and his underground army, she said, were simply a lot of rubbish which the Party had invented for its own purposes and which you had to pretend to believe in. Times beyond number, at Party rallies and spontaneous demonstrations, she had shouted at the top of her voice for the execution of people whose names

she had never heard and in whose supposed crimes she had not the faintest belief. When public trials were happening she had taken her place in the detachments from the Youth League who surrounded the courts from morning to night, chanting at intervals 'Death to the traitors!' During the Two Minutes Hate she always excelled all others in shouting insults at Goldstein. Yet she had only the dimmest idea of who Goldstein was and what doctrines he was supposed to represent. She had grown up since the Revolution and was too young to remember the ideological battles of the fifties and sixties. Such a thing as an independent political movement was outside her imagination: and in any case the Party was invincible. It would always exist, and it would always be the same. You could only rebel against it by secret disobedience or, at most, by isolated acts of violence such as killing somebody or blowing something up.

In some ways she was far more acute than Winston, and far less susceptible to Party propaganda. Once when he happened in some connexion to mention the war against Eurasia, she startled him by saying casually that in her opinion the war was not happening. The rocket bombs which fell daily on London were probably fired by the Government of Oceania itself, 'just to keep people frightened'. This was an idea that had literally never occurred to him. She also stirred a sort of

envy in him by telling him that during the Two Minutes Hate her great difficulty was to avoid bursting out laughing. But she only questioned the teachings of the Party when they in some way touched upon her own life. Often she was ready to accept the official mythology, simply because the difference between truth and falsehood did not seem important to her. She believed, for instance, having learnt it at school, that the Party had invented aeroplanes. (In his own schooldays, Winston remembered, in the late fifties, it was only the helicopter that the Party claimed to have invented; a dozen years later, when Julia was at school, it was already claiming the aeroplane; one generation more, and it would be claiming the steam engine.) And when he told her that aeroplanes had been in existence before he was born and long before the Revolution, the fact struck her as totally uninteresting. After all, what did it matter who had invented aeroplanes? It was rather more of a shock to him when he discovered from some chance remark that she did not remember that Oceania, four years ago, had been at war with Eastasia and at peace with Eurasia. It was true that she regarded the whole war as a sham: but apparently she had not even noticed that the name of the enemy had changed. 'I thought we'd always been at war with Eurasia,' she said vaguely. It frightened him a little. The invention of aeroplanes dated from long before

her birth, but the switchover in the war had happened only four years ago, well after she was grown up. He argued with her about it for perhaps a quarter of an hour. In the end he succeeded in forcing her memory back until she did dimly recall that at one time Eastasia and not Eurasia had been the enemy. But the issue still struck her as unimportant. 'Who cares?' she said impatiently. 'It's always one bloody war after another, and one knows the news is all lies anyway.'

Sometimes he talked to her of the Records Department and the impudent forgeries that he committed there. Such things did not appear to horrify her. She did not feel the abyss opening beneath her feet at the thought of lies becoming truths. He told her the story of Jones, Aaronson, and Rutherford and the momentous slip of paper which he had once held between his fingers. It did not make much impression on her. At first, indeed, she failed to grasp the point of the story.

'Were they friends of yours?' she said.

'No, I never knew them. They were Inner Party members. Besides, they were far older men than I was. They belonged to the old days, before the Revolution. I barely knew them by sight.'

'Then what was there to worry about? People are being killed off all the time, aren't they?'

He tried to make her understand. ‘This was an exceptional case. It wasn’t just a question of somebody being killed. Do you realize that the past, starting from yesterday, has been actually abolished? If it survives anywhere, it’s in a few solid objects with no words attached to them, like that lump of glass there. Already we know almost literally nothing about the Revolution and the years before the Revolution. Every record has been destroyed or falsified, every book has been rewritten, every picture has been repainted, every statue and street and building has been renamed, every date has been altered. And that process is continuing day by day and minute by minute. History has stopped. Nothing exists except an endless present in which the Party is always right. I know, of course, that the past is falsified, but it would never be possible for me to prove it, even when I did the falsification myself. After the thing is done, no evidence ever remains. The only evidence is inside my own mind, and I don’t know with any certainty that any other human being shares my memories. Just in that one instance, in my whole life, I did possess actual concrete evidence after the event--years after it.’

‘And what good was that?’

‘It was no good, because I threw it away a few minutes later. But if the same thing happened today, I should keep it.’

‘Well, I wouldn’t!’ said Julia. ‘I’m quite ready to take risks, but only for something worth while, not for bits of old newspaper. What could you have done with it even if you had kept it?’

‘Not much, perhaps. But it was evidence. It might have planted a few doubts here and there, supposing that I’d dared to show it to anybody. I don’t imagine that we can alter anything in our own lifetime. But one can imagine little knots of resistance springing up here and there--small groups of people banding themselves together, and gradually growing, and even leaving a few records behind, so that the next generations can carry on where we leave off.’

‘I’m not interested in the next generation, dear. I’m interested in US.’

‘You’re only a rebel from the waist downwards,’ he told her.

She thought this brilliantly witty and flung her arms round him in delight.

In the ramifications of party doctrine she had not the faintest interest. Whenever he began to talk of the principles of Ingsoc, doublethink, the mutability of the past, and the denial of objective reality, and to use Newspeak words, she became bored and confused and said that she never paid any attention to that kind of thing. One knew that it was all

rubbish, so why let oneself be worried by it? She knew when to cheer and when to boo, and that was all one needed. If he persisted in talking of such subjects, she had a disconcerting habit of falling asleep. She was one of those people who can go to sleep at any hour and in any position. Talking to her, he realized how easy it was to present an appearance of orthodoxy while having no grasp whatever of what orthodoxy meant. In a way, the world-view of the Party imposed itself most successfully on people incapable of understanding it. They could be made to accept the most flagrant violations of reality, because they never fully grasped the enormity of what was demanded of them, and were not sufficiently interested in public events to notice what was happening. By lack of understanding they remained sane. They simply swallowed everything, and what they swallowed did them no harm, because it left no residue behind, just as a grain of corn will pass undigested through the body of a bird.

CHAPTER 6

It had happened at last. The expected message had come. All his life, it seemed to him, he had been waiting for this to happen.

He was walking down the long corridor at the Ministry and he was almost at the spot where Julia had slipped the note into his hand when he became aware that someone larger than himself was walking just behind him. The person, whoever it was, gave a small cough, evidently as a prelude to speaking. Winston stopped abruptly and turned. It was O'Brien.

At last they were face to face, and it seemed that his only impulse was to run away. His heart bounded violently. He would have been incapable of speaking. O'Brien, however, had continued forward in the same movement, laying a friendly hand for a moment on Winston's arm, so that the two of them were walking side by side. He began speaking with the peculiar grave courtesy that differentiated him from the majority of Inner Party members.

'I had been hoping for an opportunity of talking to you,' he said. 'I was reading one of your Newspeak articles in 'The Times' the other day. You take a scholarly interest in Newspeak, I believe?'

Winston had recovered part of his self-possession. 'Hardly scholarly,' he said. 'I'm only an amateur. It's not my subject. I have never had anything to do with the actual construction of the language.'

'But you write it very elegantly,' said O'Brien. 'That is not only my own opinion. I was talking recently to a friend of yours who is certainly an expert. His name has slipped my memory for the moment.'

Again Winston's heart stirred painfully. It was inconceivable that this was anything other than a reference to Syme. But Syme was not only dead, he was abolished, an unperson. Any identifiable reference to him would have been mortally dangerous. O'Brien's remark must obviously have been intended as a signal, a codeword. By sharing a small act of thoughtcrime he had turned the two of them into accomplices. They had continued to stroll slowly down the corridor, but now O'Brien halted. With the curious, disarming friendliness that he always managed to put in to the gesture he resettled his spectacles on his nose. Then he went on:

'What I had really intended to say was that in your article I noticed you had used two words which have become obsolete. But they have only become so very recently. Have you seen the tenth edition of the Newspeak Dictionary?'

'No,' said Winston. 'I didn't think it had been issued yet. We are still using the ninth in the Records Department.'

'The tenth edition is not due to appear for some months, I believe. But a few advance copies have been circulated. I have one myself. It might interest you to look at it, perhaps?'

'Very much so,' said Winston, immediately seeing where this tended.

'Some of the new developments are most ingenious. The reduction in the number of verbs--that is the point that will appeal to you, I think. Let me see, shall I send a messenger to you with the dictionary? But I am afraid I invariably forget anything of that kind. Perhaps you could pick it up at my flat at some time that suited you? Wait. Let me give you my address.'

They were standing in front of a telescreen. Somewhat absent-mindedly O'Brien felt two of his pockets and then produced a small leather-covered notebook and a gold ink-pencil. Immediately beneath the telescreen, in such a position that anyone who was watching at the other end of

the instrument could read what he was writing, he scribbled an address, tore out the page and handed it to Winston.

‘I am usually at home in the evenings,’ he said. ‘If not, my servant will give you the dictionary.’

He was gone, leaving Winston holding the scrap of paper, which this time there was no need to conceal. Nevertheless he carefully memorized what was written on it, and some hours later dropped it into the memory hole along with a mass of other papers.

They had been talking to one another for a couple of minutes at the most. There was only one meaning that the episode could possibly have. It had been contrived as a way of letting Winston know O’Brien’s address. This was necessary, because except by direct enquiry it was never possible to discover where anyone lived. There were no directories of any kind. ‘If you ever want to see me, this is where I can be found,’ was what O’Brien had been saying to him. Perhaps there would even be a message concealed somewhere in the dictionary. But at any rate, one thing was certain. The conspiracy that he had dreamed of did exist, and he had reached the outer edges of it.

He knew that sooner or later he would obey O’Brien’s summons. Perhaps tomorrow, perhaps after a long delay—he was not certain. What was happening was only the

working-out of a process that had started years ago. The first step had been a secret, involuntary thought, the second had been the opening of the diary. He had moved from thoughts to words, and now from words to actions. The last step was something that would happen in the Ministry of Love. He had accepted it. The end was contained in the beginning. But it was frightening: or, more exactly, it was like a foretaste of death, like being a little less alive. Even while he was speaking to O'Brien, when the meaning of the words had sunk in, a chilly shuddering feeling had taken possession of his body. He had the sensation of stepping into the dampness of a grave, and it was not much better because he had always known that the grave was there and waiting for him.

CHAPTER 7

Winston had woken up with his eyes full of tears. Julia rolled sleepily against him, murmuring something that might have been ‘What’s the matter?’

‘I dreamt--’ he began, and stopped short. It was too complex to be put into words. There was the dream itself, and there was a memory connected with it that had swum into his mind in the few seconds after waking.

He lay back with his eyes shut, still sodden in the atmosphere of the dream. It was a vast, luminous dream in which his whole life seemed to stretch out before him like a landscape on a summer evening after rain. It had all occurred inside the glass paperweight, but the surface of the glass was the dome of the sky, and inside the dome everything was flooded with clear soft light in which one could see into interminable distances. The dream had also been comprehended by--indeed, in some sense it had consisted in--a gesture of the arm made by his mother, and made again thirty years

later by the Jewish woman he had seen on the news film, trying to shelter the small boy from the bullets, before the helicopter blew them both to pieces.

‘Do you know,’ he said, ‘that until this moment I believed I had murdered my mother?’

‘Why did you murder her?’ said Julia, almost asleep.

‘I didn’t murder her. Not physically.’

In the dream he had remembered his last glimpse of his mother, and within a few moments of waking the cluster of small events surrounding it had all come back. It was a memory that he must have deliberately pushed out of his consciousness over many years. He was not certain of the date, but he could not have been less than ten years old, possibly twelve, when it had happened.

His father had disappeared some time earlier, how much earlier he could not remember. He remembered better the rickety, uneasy circumstances of the time: the periodical panics about air-raids and the sheltering in Tube stations, the piles of rubble everywhere, the unintelligible proclamations posted at street corners, the gangs of youths in shirts all the same colour, the enormous queues outside the bakeries, the intermittent machine-gun fire in the distance--above all, the fact that there was never enough to eat. He remembered long afternoons spent with other boys in scrounging

round dustbins and rubbish heaps, picking out the ribs of cabbage leaves, potato peelings, sometimes even scraps of stale breadcrust from which they carefully scraped away the cinders; and also in waiting for the passing of trucks which travelled over a certain route and were known to carry cattle feed, and which, when they jolted over the bad patches in the road, sometimes spilt a few fragments of oil-cake.

When his father disappeared, his mother did not show any surprise or any violent grief, but a sudden change came over her. She seemed to have become completely spiritless. It was evident even to Winston that she was waiting for something that she knew must happen. She did everything that was needed--cooked, washed, mended, made the bed, swept the floor, dusted the mantelpiece--always very slowly and with a curious lack of superfluous motion, like an artist's lay-figure moving of its own accord. Her large shapely body seemed to relapse naturally into stillness. For hours at a time she would sit almost immobile on the bed, nursing his young sister, a tiny, ailing, very silent child of two or three, with a face made simian by thinness. Very occasionally she would take Winston in her arms and press him against her for a long time without saying anything. He was aware, in spite of his youthfulness and selfishness, that this was somehow connected with the never-mentioned thing that was about to happen.

He remembered the room where they lived, a dark, close-smelling room that seemed half filled by a bed with a white counterpane. There was a gas ring in the fender, and a shelf where food was kept, and on the landing outside there was a brown earthenware sink, common to several rooms. He remembered his mother's statuesque body bending over the gas ring to stir at something in a saucepan. Above all he remembered his continuous hunger, and the fierce sordid battles at mealtimes. He would ask his mother naggingly, over and over again, why there was not more food, he would shout and storm at her (he even remembered the tones of his voice, which was beginning to break prematurely and sometimes boomed in a peculiar way), or he would attempt a snivelling note of pathos in his efforts to get more than his share. His mother was quite ready to give him more than his share. She took it for granted that he, 'the boy', should have the biggest portion; but however much she gave him he invariably demanded more. At every meal she would beseech him not to be selfish and to remember that his little sister was sick and also needed food, but it was no use. He would cry out with rage when she stopped ladling, he would try to wrench the saucepan and spoon out of her hands, he would grab bits from his sister's plate. He knew that he was starving the other two, but he could not help

it; he even felt that he had a right to do it. The clamorous hunger in his belly seemed to justify him. Between meals, if his mother did not stand guard, he was constantly pilfering at the wretched store of food on the shelf.

One day a chocolate ration was issued. There had been no such issue for weeks or months past. He remembered quite clearly that precious little morsel of chocolate. It was a two-ounce slab (they still talked about ounces in those days) between the three of them. It was obvious that it ought to be divided into three equal parts. Suddenly, as though he were listening to somebody else, Winston heard himself demanding in a loud booming voice that he should be given the whole piece. His mother told him not to be greedy. There was a long, nagging argument that went round and round, with shouts, whines, tears, remonstrances, bargainings. His tiny sister, clinging to her mother with both hands, exactly like a baby monkey, sat looking over her shoulder at him with large, mournful eyes. In the end his mother broke off three-quarters of the chocolate and gave it to Winston, giving the other quarter to his sister. The little girl took hold of it and looked at it dully, perhaps not knowing what it was. Winston stood watching her for a moment. Then with a sudden swift spring he had snatched the piece of chocolate out of his sister's hand and was fleeing for the door.

‘Winston, Winston!’ his mother called after him. ‘Come back! Give your sister back her chocolate!’

He stopped, but did not come back. His mother’s anxious eyes were fixed on his face. Even now he was thinking about the thing, he did not know what it was that was on the point of happening. His sister, conscious of having been robbed of something, had set up a feeble wail. His mother drew her arm round the child and pressed its face against her breast. Something in the gesture told him that his sister was dying. He turned and fled down the stairs, with the chocolate growing sticky in his hand.

He never saw his mother again. After he had devoured the chocolate he felt somewhat ashamed of himself and hung about in the streets for several hours, until hunger drove him home. When he came back his mother had disappeared. This was already becoming normal at that time. Nothing was gone from the room except his mother and his sister. They had not taken any clothes, not even his mother’s overcoat. To this day he did not know with any certainty that his mother was dead. It was perfectly possible that she had merely been sent to a forced-labour camp. As for his sister, she might have been removed, like Winston himself, to one of the colonies for homeless children (Reclamation Centres, they were called) which had grown up as a result of the civil

war, or she might have been sent to the labour camp along with his mother, or simply left somewhere or other to die.

The dream was still vivid in his mind, especially the enveloping protecting gesture of the arm in which its whole meaning seemed to be contained. His mind went back to another dream of two months ago. Exactly as his mother had sat on the dingy white-quilted bed, with the child clinging to her, so she had sat in the sunken ship, far underneath him, and drowning deeper every minute, but still looking up at him through the darkening water.

He told Julia the story of his mother's disappearance. Without opening her eyes she rolled over and settled herself into a more comfortable position.

'I expect you were a beastly little swine in those days,' she said indistinctly. 'All children are swine.'

'Yes. But the real point of the story----'

From her breathing it was evident that she was going off to sleep again. He would have liked to continue talking about his mother. He did not suppose, from what he could remember of her, that she had been an unusual woman, still less an intelligent one; and yet she had possessed a kind of nobility, a kind of purity, simply because the standards that she obeyed were private ones. Her feelings were her own, and could not be altered from outside. It would not have

occurred to her that an action which is ineffectual thereby becomes meaningless. If you loved someone, you loved him, and when you had nothing else to give, you still gave him love. When the last of the chocolate was gone, his mother had clasped the child in her arms. It was no use, it changed nothing, it did not produce more chocolate, it did not avert the child's death or her own; but it seemed natural to her to do it. The refugee woman in the boat had also covered the little boy with her arm, which was no more use against the bullets than a sheet of paper. The terrible thing that the Party had done was to persuade you that mere impulses, mere feelings, were of no account, while at the same time robbing you of all power over the material world. When once you were in the grip of the Party, what you felt or did not feel, what you did or refrained from doing, made literally no difference. Whatever happened you vanished, and neither you nor your actions were ever heard of again. You were lifted clean out of the stream of history. And yet to the people of only two generations ago this would not have seemed all-important, because they were not attempting to alter history. They were governed by private loyalties which they did not question. What mattered were individual relationships, and a completely helpless gesture, an embrace, a tear, a word spoken to a dying man, could have

value in itself. The proles, it suddenly occurred to him, had remained in this condition. They were not loyal to a party or a country or an idea, they were loyal to one another. For the first time in his life he did not despise the proles or think of them merely as an inert force which would one day spring to life and regenerate the world. The proles had stayed human. They had not become hardened inside. They had held on to the primitive emotions which he himself had to re-learn by conscious effort. And in thinking this he remembered, without apparent relevance, how a few weeks ago he had seen a severed hand lying on the pavement and had kicked it into the gutter as though it had been a cabbage-stalk.

‘The proles are human beings,’ he said aloud. ‘We are not human.’

‘Why not?’ said Julia, who had woken up again.

He thought for a little while. ‘Has it ever occurred to you,’ he said, ‘that the best thing for us to do would be simply to walk out of here before it’s too late, and never see each other again?’

‘Yes, dear, it has occurred to me, several times. But I’m not going to do it, all the same.’

‘We’ve been lucky,’ he said ‘but it can’t last much longer. You’re young. You look normal and innocent. If you keep

clear of people like me, you might stay alive for another fifty years.'

'No. I've thought it all out. What you do, I'm going to do. And don't be too downhearted. I'm rather good at staying alive.'

'We may be together for another six months--a year--there's no knowing. At the end we're certain to be apart. Do you realize how utterly alone we shall be? When once they get hold of us there will be nothing, literally nothing, that either of us can do for the other. If I confess, they'll shoot you, and if I refuse to confess, they'll shoot you just the same. Nothing that I can do or say, or stop myself from saying, will put off your death for as much as five minutes. Neither of us will even know whether the other is alive or dead. We shall be utterly without power of any kind. The one thing that matters is that we shouldn't betray one another, although even that can't make the slightest difference.'

'If you mean confessing,' she said, 'we shall do that, right enough. Everybody always confesses. You can't help it. They torture you.'

'I don't mean confessing. Confession is not betrayal. What you say or do doesn't matter: only feelings matter. If they could make me stop loving you--that would be the real betrayal.'

She thought it over. 'They can't do that,' she said finally. 'It's the one thing they can't do. They can make you say anything--ANYTHING--but they can't make you believe it. They can't get inside you.'

'No,' he said a little more hopefully, 'no; that's quite true. They can't get inside you. If you can FEEL that staying human is worth while, even when it can't have any result whatever, you've beaten them.'

He thought of the telescreen with its never-sleeping ear. They could spy upon you night and day, but if you kept your head you could still outwit them. With all their cleverness they had never mastered the secret of finding out what another human being was thinking. Perhaps that was less true when you were actually in their hands. One did not know what happened inside the Ministry of Love, but it was possible to guess: tortures, drugs, delicate instruments that registered your nervous reactions, gradual wearing-down by sleeplessness and solitude and persistent questioning. Facts, at any rate, could not be kept hidden. They could be tracked down by enquiry, they could be squeezed out of you by torture. But if the object was not to stay alive but to stay human, what difference did it ultimately make? They could not alter your feelings: for that matter you could not alter them yourself, even if you wanted to. They could lay

bare in the utmost detail everything that you had done or said or thought; but the inner heart, whose workings were mysterious even to yourself, remained impregnable.

CHAPTER 8

They had done it, they had done it at last!

The room they were standing in was long-shaped and softly lit. The telescreen was dimmed to a low murmur; the richness of the dark-blue carpet gave one the impression of treading on velvet. At the far end of the room O'Brien was sitting at a table under a green-shaded lamp, with a mass of papers on either side of him. He had not bothered to look up when the servant showed Julia and Winston in.

Winston's heart was thumping so hard that he doubted whether he would be able to speak. They had done it, they had done it at last, was all he could think. It had been a rash act to come here at all, and sheer folly to arrive together; though it was true that they had come by different routes and only met on O'Brien's doorstep. But merely to walk into such a place needed an effort of the nerve. It was only on very rare occasions that one saw inside the dwelling-places of the Inner Party, or even penetrated into the quarter of the town where

they lived. The whole atmosphere of the huge block of flats, the richness and spaciousness of everything, the unfamiliar smells of good food and good tobacco, the silent and incredibly rapid lifts sliding up and down, the white-jacketed servants hurrying to and fro--everything was intimidating. Although he had a good pretext for coming here, he was haunted at every step by the fear that a black-uniformed guard would suddenly appear from round the corner, demand his papers, and order him to get out. O'Brien's servant, however, had admitted the two of them without demur. He was a small, dark-haired man in a white jacket, with a diamond-shaped, completely expressionless face which might have been that of a Chinese. The passage down which he led them was softly carpeted, with cream-papered walls and white wainscoting, all exquisitely clean. That too was intimidating. Winston could not remember ever to have seen a passageway whose walls were not grimy from the contact of human bodies.

O'Brien had a slip of paper between his fingers and seemed to be studying it intently. His heavy face, bent down so that one could see the line of the nose, looked both formidable and intelligent. For perhaps twenty seconds he sat without stirring. Then he pulled the speakwrite towards him and rapped out a message in the hybrid jargon of the Ministries:

'Items one comma five comma seven approved fullwise stop suggestion contained item six doubleplus ridiculous verging crimethink cancel stop unproceed constructionwise antegetting plusfull estimates machinery overheads stop end message.'

He rose deliberately from his chair and came towards them across the soundless carpet. A little of the official atmosphere seemed to have fallen away from him with the Newspeak words, but his expression was grimmer than usual, as though he were not pleased at being disturbed. The terror that Winston already felt was suddenly shot through by a streak of ordinary embarrassment. It seemed to him quite possible that he had simply made a stupid mistake. For what evidence had he in reality that O'Brien was any kind of political conspirator? Nothing but a flash of the eyes and a single equivocal remark: beyond that, only his own secret imaginings, founded on a dream. He could not even fall back on the pretence that he had come to borrow the dictionary, because in that case Julia's presence was impossible to explain. As O'Brien passed the telescreen a thought seemed to strike him. He stopped, turned aside and pressed a switch on the wall. There was a sharp snap. The voice had stopped.

Julia uttered a tiny sound, a sort of squeak of surprise. Even in the midst of his panic, Winston was too much taken aback to be able to hold his tongue.

'You can turn it off!' he said.

'Yes,' said O'Brien, 'we can turn it off. We have that privilege.'

He was opposite them now. His solid form towered over the pair of them, and the expression on his face was still indecipherable. He was waiting, somewhat sternly, for Winston to speak, but about what? Even now it was quite conceivable that he was simply a busy man wondering irritably why he had been interrupted. Nobody spoke. After the stopping of the telescreen the room seemed deadly silent. The seconds marched past, enormous. With difficulty Winston continued to keep his eyes fixed on O'Brien's. Then suddenly the grim face broke down into what might have been the beginnings of a smile. With his characteristic gesture O'Brien resettled his spectacles on his nose.

'Shall I say it, or will you?' he said.

'I will say it,' said Winston promptly. 'That thing is really turned off?'

'Yes, everything is turned off. We are alone.'

'We have come here because----'

He paused, realizing for the first time the vagueness of his own motives. Since he did not in fact know what kind of help he expected from O'Brien, it was not easy to say why

he had come here. He went on, conscious that what he was saying must sound both feeble and pretentious:

‘We believe that there is some kind of conspiracy, some kind of secret organization working against the Party, and that you are involved in it. We want to join it and work for it. We are enemies of the Party. We disbelieve in the principles of Ingsoc. We are thought-criminals. We are also adulterers. I tell you this because we want to put ourselves at your mercy. If you want us to incriminate ourselves in any other way, we are ready.’

He stopped and glanced over his shoulder, with the feeling that the door had opened. Sure enough, the little yellow-faced servant had come in without knocking. Winston saw that he was carrying a tray with a decanter and glasses.

‘Martin is one of us,’ said O’Brien impassively. ‘Bring the drinks over here, Martin. Put them on the round table. Have we enough chairs? Then we may as well sit down and talk in comfort. Bring a chair for yourself, Martin. This is business. You can stop being a servant for the next ten minutes.’

The little man sat down, quite at his ease, and yet still with a servant-like air, the air of a valet enjoying a privilege. Winston regarded him out of the corner of his eye. It struck him that the man’s whole life was playing a part, and that he felt it to be dangerous to drop his assumed personality

even for a moment. O'Brien took the decanter by the neck and filled up the glasses with a dark-red liquid. It aroused in Winston dim memories of something seen long ago on a wall or a hoarding--a vast bottle composed of electric lights which seemed to move up and down and pour its contents into a glass. Seen from the top the stuff looked almost black, but in the decanter it gleamed like a ruby. It had a sour-sweet smell. He saw Julia pick up her glass and sniff at it with frank curiosity.

'It is called wine,' said O'Brien with a faint smile. 'You will have read about it in books, no doubt. Not much of it gets to the Outer Party, I am afraid.' His face grew solemn again, and he raised his glass: 'I think it is fitting that we should begin by drinking a health. To our Leader: To Emmanuel Goldstein.'

Winston took up his glass with a certain eagerness. Wine was a thing he had read and dreamed about. Like the glass paperweight or Mr Charrington's half-remembered rhymes, it belonged to the vanished, romantic past, the olden time as he liked to call it in his secret thoughts. For some reason he had always thought of wine as having an intensely sweet taste, like that of blackberry jam and an immediate intoxicating effect. Actually, when he came to swallow it, the stuff was distinctly disappointing. The truth was that

after years of gin-drinking he could barely taste it. He set down the empty glass.

‘Then there is such a person as Goldstein?’ he said.

‘Yes, there is such a person, and he is alive. Where, I do not know.’

‘And the conspiracy--the organization? Is it real? It is not simply an invention of the Thought Police?’

‘No, it is real. The Brotherhood, we call it. You will never learn much more about the Brotherhood than that it exists and that you belong to it. I will come back to that presently.’ He looked at his wrist-watch. ‘It is unwise even for members of the Inner Party to turn off the telescreen for more than half an hour. You ought not to have come here together, and you will have to leave separately. You, comrade’--he bowed his head to Julia--‘will leave first. We have about twenty minutes at our disposal. You will understand that I must start by asking you certain questions. In general terms, what are you prepared to do?’

‘Anything that we are capable of,’ said Winston.

O’Brien had turned himself a little in his chair so that he was facing Winston. He almost ignored Julia, seeming to take it for granted that Winston could speak for her. For a moment the lids flitted down over his eyes. He began asking his questions in a low, expressionless voice, as though this

were a routine, a sort of catechism, most of whose answers were known to him already.

‘You are prepared to give your lives?’

‘Yes.’

‘You are prepared to commit murder?’

‘Yes.’

‘To commit acts of sabotage which may cause the death of hundreds of innocent people?’

‘Yes.’

‘To betray your country to foreign powers?’

‘Yes.’

‘You are prepared to cheat, to forge, to blackmail, to corrupt the minds of children, to distribute habit-forming drugs, to encourage prostitution, to disseminate venereal diseases--to do anything which is likely to cause demoralization and weaken the power of the Party?’

‘Yes.’

‘If, for example, it would somehow serve our interests to throw sulphuric acid in a child’s face--are you prepared to do that?’

‘Yes.’

‘You are prepared to lose your identity and live out the rest of your life as a waiter or a dock-worker?’

‘Yes.’

'You are prepared to commit suicide, if and when we order you to do so?'

'Yes.'

'You are prepared, the two of you, to separate and never see one another again?'

'No!' broke in Julia.

It appeared to Winston that a long time passed before he answered. For a moment he seemed even to have been deprived of the power of speech. His tongue worked soundlessly, forming the opening syllables first of one word, then of the other, over and over again. Until he had said it, he did not know which word he was going to say. 'No,' he said finally.

'You did well to tell me,' said O'Brien. 'It is necessary for us to know everything.'

He turned himself toward Julia and added in a voice with somewhat more expression in it:

'Do you understand that even if he survives, it may be as a different person? We may be obliged to give him a new identity. His face, his movements, the shape of his hands, the colour of his hair--even his voice would be different. And you yourself might have become a different person. Our surgeons can alter people beyond recognition. Sometimes it is necessary. Sometimes we even amputate a limb.'

Winston could not help snatching another sidelong glance at Martin's Mongolian face. There were no scars that he could see. Julia had turned a shade paler, so that her freckles were showing, but she faced O'Brien boldly. She murmured something that seemed to be assent.

'Good. Then that is settled.'

There was a silver box of cigarettes on the table. With a rather absent-minded air O'Brien pushed them towards the others, took one himself, then stood up and began to pace slowly to and fro, as though he could think better standing. They were very good cigarettes, very thick and well-packed, with an unfamiliar silkiness in the paper. O'Brien looked at his wrist-watch again.

'You had better go back to your Pantry, Martin,' he said. 'I shall switch on in a quarter of an hour. Take a good look at these comrades' faces before you go. You will be seeing them again. I may not.'

Exactly as they had done at the front door, the little man's dark eyes flickered over their faces. There was not a trace of friendliness in his manner. He was memorizing their appearance, but he felt no interest in them, or appeared to feel none. It occurred to Winston that a synthetic face was perhaps incapable of changing its expression. Without speaking or giving any kind of salutation, Martin went out,

closing the door silently behind him. O'Brien was strolling up and down, one hand in the pocket of his black overalls, the other holding his cigarette.

'You understand,' he said, 'that you will be fighting in the dark. You will always be in the dark. You will receive orders and you will obey them, without knowing why. Later I shall send you a book from which you will learn the true nature of the society we live in, and the strategy by which we shall destroy it. When you have read the book, you will be full members of the Brotherhood. But between the general aims that we are fighting for and the immediate tasks of the moment, you will never know anything. I tell you that the Brotherhood exists, but I cannot tell you whether it numbers a hundred members, or ten million. From your personal knowledge you will never be able to say that it numbers even as many as a dozen. You will have three or four contacts, who will be renewed from time to time as they disappear. As this was your first contact, it will be preserved. When you receive orders, they will come from me. If we find it necessary to communicate with you, it will be through Martin. When you are finally caught, you will confess. That is unavoidable. But you will have very little to confess, other than your own actions. You will not be able to betray more than a handful of unimportant people. Probably

you will not even betray me. By that time I may be dead, or I shall have become a different person, with a different face.'

He continued to move to and fro over the soft carpet. In spite of the bulkiness of his body there was a remarkable grace in his movements. It came out even in the gesture with which he thrust a hand into his pocket, or manipulated a cigarette. More even than of strength, he gave an impression of confidence and of an understanding tinged by irony. However much in earnest he might be, he had nothing of the single-mindedness that belongs to a fanatic. When he spoke of murder, suicide, venereal disease, amputated limbs, and altered faces, it was with a faint air of persiflage. 'This is unavoidable,' his voice seemed to say; 'this is what we have got to do, unflinchingly. But this is not what we shall be doing when life is worth living again.' A wave of admiration, almost of worship, flowed out from Winston towards O'Brien. For the moment he had forgotten the shadowy figure of Goldstein. When you looked at O'Brien's powerful shoulders and his blunt-featured face, so ugly and yet so civilized, it was impossible to believe that he could be defeated. There was no stratagem that he was not equal to, no danger that he could not foresee. Even Julia seemed to be impressed. She had let her cigarette go out and was listening intently. O'Brien went on:

'You will have heard rumours of the existence of the Brotherhood. No doubt you have formed your own picture of it. You have imagined, probably, a huge underworld of conspirators, meeting secretly in cellars, scribbling messages on walls, recognizing one another by codewords or by special movements of the hand. Nothing of the kind exists. The members of the Brotherhood have no way of recognizing one another, and it is impossible for any one member to be aware of the identity of more than a few others. Goldstein himself, if he fell into the hands of the Thought Police, could not give them a complete list of members, or any information that would lead them to a complete list. No such list exists. The Brotherhood cannot be wiped out because it is not an organization in the ordinary sense. Nothing holds it together except an idea which is indestructible. You will never have anything to sustain you, except the idea. You will get no comradeship and no encouragement. When finally you are caught, you will get no help. We never help our members. At most, when it is absolutely necessary that someone should be silenced, we are occasionally able to smuggle a razor blade into a prisoner's cell. You will have to get used to living without results and without hope. You will work for a while, you will be caught, you will confess, and then you will die. Those are the only results that you will ever

see. There is no possibility that any perceptible change will happen within our own lifetime. We are the dead. Our only true life is in the future. We shall take part in it as handfuls of dust and splinters of bone. But how far away that future may be, there is no knowing. It might be a thousand years. At present nothing is possible except to extend the area of sanity little by little. We cannot act collectively. We can only spread our knowledge outwards from individual to individual, generation after generation. In the face of the Thought Police there is no other way.'

He halted and looked for the third time at his wrist-watch.

'It is almost time for you to leave, comrade,' he said to Julia. 'Wait. The decanter is still half full.'

He filled the glasses and raised his own glass by the stem.

'What shall it be this time?' he said, still with the same faint suggestion of irony. 'To the confusion of the Thought Police? To the death of Big Brother? To humanity? To the future?'

'To the past,' said Winston.

'The past is more important,' agreed O'Brien gravely.

They emptied their glasses, and a moment later Julia stood up to go. O'Brien took a small box from the top of a cabinet and handed her a flat white tablet which he told her

to place on her tongue. It was important, he said, not to go out smelling of wine: the lift attendants were very observant. As soon as the door had shut behind her he appeared to forget her existence. He took another pace or two up and down, then stopped.

‘There are details to be settled,’ he said. ‘I assume that you have a hiding-place of some kind?’

Winston explained about the room over Mr Charrington’s shop.

‘That will do for the moment. Later we will arrange something else for you. It is important to change one’s hiding-place frequently. Meanwhile I shall send you a copy of THE BOOK’--even O’Brien, Winston noticed, seemed to pronounce the words as though they were in italics--‘Goldstein’s book, you understand, as soon as possible. It may be some days before I can get hold of one. There are not many in existence, as you can imagine. The Thought Police hunt them down and destroy them almost as fast as we can produce them. It makes very little difference. The book is indestructible. If the last copy were gone, we could reproduce it almost word for word. Do you carry a brief-case to work with you?’ he added.

‘As a rule, yes.’

‘What is it like?’

'Black, very shabby. With two straps.'

'Black, two straps, very shabby--good. One day in the fairly near future--I cannot give a date--one of the messages among your morning's work will contain a misprinted word, and you will have to ask for a repeat. On the following day you will go to work without your brief-case. At some time during the day, in the street, a man will touch you on the arm and say "I think you have dropped your brief-case." The one he gives you will contain a copy of Goldstein's book. You will return it within fourteen days.'

They were silent for a moment.

'There are a couple of minutes before you need go,' said O'Brien. 'We shall meet again--if we do meet again----'

Winston looked up at him. 'In the place where there is no darkness?' he said hesitantly.

O'Brien nodded without appearance of surprise. 'In the place where there is no darkness,' he said, as though he had recognized the allusion. 'And in the meantime, is there anything that you wish to say before you leave? Any message? Any question?'

Winston thought. There did not seem to be any further question that he wanted to ask: still less did he feel any impulse to utter high-sounding generalities. Instead of anything directly connected with O'Brien or the Brotherhood, there

came into his mind a sort of composite picture of the dark bedroom where his mother had spent her last days, and the little room over Mr Charrington's shop, and the glass paperweight, and the steel engraving in its rosewood frame. Almost at random he said:

'Did you ever happen to hear an old rhyme that begins "Oranges and lemons, say the bells of St Clement's"?'

Again O'Brien nodded. With a sort of grave courtesy he completed the stanza:

'Oranges and lemons, say the bells of St Clement's,
You owe me three farthings, say the bells of St Martin's,
When will you pay me? say the bells of Old Bailey,
When I grow rich, say the bells of Shoreditch.'

'You knew the last line!' said Winston.

'Yes, I knew the last line. And now, I am afraid, it is time for you to go. But wait. You had better let me give you one of these tablets.'

As Winston stood up O'Brien held out a hand. His powerful grip crushed the bones of Winston's palm. At the door Winston looked back, but O'Brien seemed already to be in process of putting him out of mind. He was waiting with his hand on the switch that controlled the telescreen. Beyond him Winston could see the writing-table with its green-shaded lamp and the speakwrite and the wire baskets

deep-laden with papers. The incident was closed. Within thirty seconds, it occurred to him, O'Brien would be back at his interrupted and important work on behalf of the Party.

CHAPTER 9

Winston was gelatinous with fatigue. Gelatinous was the right word. It had come into his head spontaneously. His body seemed to have not only the weakness of a jelly, but its translucency. He felt that if he held up his hand he would be able to see the light through it. All the blood and lymph had been drained out of him by an enormous debauch of work, leaving only a frail structure of nerves, bones, and skin. All sensations seemed to be magnified. His overalls fretted his shoulders, the pavement tickled his feet, even the opening and closing of a hand was an effort that made his joints creak.

He had worked more than ninety hours in five days. So had everyone else in the Ministry. Now it was all over, and he had literally nothing to do, no Party work of any description, until tomorrow morning. He could spend six hours in the hiding-place and another nine in his own bed. Slowly, in mild afternoon sunshine, he walked up a dingy street in the direction of Mr Charrington's shop, keeping

one eye open for the patrols, but irrationally convinced that this afternoon there was no danger of anyone interfering with him. The heavy brief-case that he was carrying bumped against his knee at each step, sending a tingling sensation up and down the skin of his leg. Inside it was the book, which he had now had in his possession for six days and had not yet opened, nor even looked at.

On the sixth day of Hate Week, after the processions, the speeches, the shouting, the singing, the banners, the posters, the films, the waxworks, the rolling of drums and squealing of trumpets, the tramp of marching feet, the grinding of the caterpillars of tanks, the roar of massed planes, the booming of guns--after six days of this, when the great orgasm was quivering to its climax and the general hatred of Eurasia had boiled up into such delirium that if the crowd could have got their hands on the 2,000 Eurasian war-criminals who were to be publicly hanged on the last day of the proceedings, they would unquestionably have torn them to pieces--at just this moment it had been announced that Oceania was not after all at war with Eurasia. Oceania was at war with Eastasia. Eurasia was an ally.

There was, of course, no admission that any change had taken place. Merely it became known, with extreme suddenness and everywhere at once, that Eastasia and not

Eurasia was the enemy. Winston was taking part in a demonstration in one of the central London squares at the moment when it happened. It was night, and the white faces and the scarlet banners were luridly floodlit. The square was packed with several thousand people, including a block of about a thousand schoolchildren in the uniform of the Spies. On a scarlet-draped platform an orator of the Inner Party, a small lean man with disproportionately long arms and a large bald skull over which a few lank locks straggled, was haranguing the crowd. A little Rumpelstiltskin figure, contorted with hatred, he gripped the neck of the microphone with one hand while the other, enormous at the end of a bony arm, clawed the air menacingly above his head. His voice, made metallic by the amplifiers, boomed forth an endless catalogue of atrocities, massacres, deportations, lootings, rapings, torture of prisoners, bombing of civilians, lying propaganda, unjust aggressions, broken treaties. It was almost impossible to listen to him without being first convinced and then maddened. At every few moments the fury of the crowd boiled over and the voice of the speaker was drowned by a wild beast-like roaring that rose uncontrollably from thousands of throats. The most savage yells of all came from the schoolchildren. The speech had been proceeding for perhaps twenty minutes when a messenger hurried on to the platform and a scrap of

paper was slipped into the speaker's hand. He unrolled and read it without pausing in his speech. Nothing altered in his voice or manner, or in the content of what he was saying, but suddenly the names were different. Without words said, a wave of understanding rippled through the crowd. Oceania was at war with Eastasia! The next moment there was a tremendous commotion. The banners and posters with which the square was decorated were all wrong! Quite half of them had the wrong faces on them. It was sabotage! The agents of Goldstein had been at work! There was a riotous interlude while posters were ripped from the walls, banners torn to shreds and trampled underfoot. The Spies performed prodigies of activity in clambering over the rooftops and cutting the streamers that fluttered from the chimneys. But within two or three minutes it was all over. The orator, still gripping the neck of the microphone, his shoulders hunched forward, his free hand clawing at the air, had gone straight on with his speech. One minute more, and the feral roars of rage were again bursting from the crowd. The Hate continued exactly as before, except that the target had been changed.

The thing that impressed Winston in looking back was that the speaker had switched from one line to the other actually in midsentence, not only without a pause, but without even breaking the syntax. But at the moment he had

other things to preoccupy him. It was during the moment of disorder while the posters were being torn down that a man whose face he did not see had tapped him on the shoulder and said, 'Excuse me, I think you've dropped your brief-case.' He took the brief-case abstractedly, without speaking. He knew that it would be days before he had an opportunity to look inside it. The instant that the demonstration was over he went straight to the Ministry of Truth, though the time was now nearly twenty-three hours. The entire staff of the Ministry had done likewise. The orders already issuing from the telescreen, recalling them to their posts, were hardly necessary.

Oceania was at war with Eastasia: Oceania had always been at war with Eastasia. A large part of the political literature of five years was now completely obsolete. Reports and records of all kinds, newspapers, books, pamphlets, films, sound-tracks, photographs--all had to be rectified at lightning speed. Although no directive was ever issued, it was known that the chiefs of the Department intended that within one week no reference to the war with Eurasia, or the alliance with Eastasia, should remain in existence anywhere. The work was overwhelming, all the more so because the processes that it involved could not be called by their true names. Everyone in the Records Department

worked eighteen hours in the twenty-four, with two three-hour snatches of sleep. Mattresses were brought up from the cellars and pitched all over the corridors: meals consisted of sandwiches and Victory Coffee wheeled round on trolleys by attendants from the canteen. Each time that Winston broke off for one of his spells of sleep he tried to leave his desk clear of work, and each time that he crawled back sticky-eyed and aching, it was to find that another shower of paper cylinders had covered the desk like a snowdrift, half-burying the speakwrite and overflowing on to the floor, so that the first job was always to stack them into a neat enough pile to give him room to work. What was worst of all was that the work was by no means purely mechanical. Often it was enough merely to substitute one name for another, but any detailed report of events demanded care and imagination. Even the geographical knowledge that one needed in transferring the war from one part of the world to another was considerable.

By the third day his eyes ached unbearably and his spectacles needed wiping every few minutes. It was like struggling with some crushing physical task, something which one had the right to refuse and which one was nevertheless neurotically anxious to accomplish. In so far as he had time to remember it, he was not troubled by the fact that every word he murmured into the speakwrite, every stroke of his

ink-pencil, was a deliberate lie. He was as anxious as anyone else in the Department that the forgery should be perfect. On the morning of the sixth day the dribble of cylinders slowed down. For as much as half an hour nothing came out of the tube; then one more cylinder, then nothing. Everywhere at about the same time the work was easing off. A deep and as it were secret sigh went through the Department. A mighty deed, which could never be mentioned, had been achieved. It was now impossible for any human being to prove by documentary evidence that the war with Eurasia had ever happened. At twelve hundred it was unexpectedly announced that all workers in the Ministry were free till tomorrow morning. Winston, still carrying the brief-case containing the book, which had remained between his feet while he worked and under his body while he slept, went home, shaved himself, and almost fell asleep in his bath, although the water was barely more than tepid.

With a sort of voluptuous creaking in his joints he climbed the stair above Mr Charrington's shop. He was tired, but not sleepy any longer. He opened the window, lit the dirty little oilstove and put on a pan of water for coffee. Julia would arrive presently: meanwhile there was the book. He sat down in the sluttish armchair and undid the straps of the brief-case.

A heavy black volume, amateurishly bound, with no name or title on the cover. The print also looked slightly irregular. The pages were worn at the edges, and fell apart, easily, as though the book had passed through many hands. The inscription on the title-page ran:

*THE THEORY AND PRACTICE OF
OLIGARCHICAL COLLECTIVISM
by
Emmanuel Goldstein*

Winston began reading:

*Chapter I
Ignorance is Strength*

Throughout recorded time, and probably since the end of the Neolithic Age, there have been three kinds of people in the world, the High, the Middle, and the Low. They have been subdivided in many ways, they have borne countless different names, and their relative numbers, as well as their attitude towards one another, have varied from age to age: but the essential structure of society has never altered. Even after enormous upheavals and

seemingly irrevocable changes, the same pattern has always reasserted itself, just as a gyroscope will always return to equilibrium, however far it is pushed one way or the other.

The aims of these groups are entirely irreconcilable...

Winston stopped reading, chiefly in order to appreciate the fact that he was reading, in comfort and safety. He was alone: no telescreen, no ear at the keyhole, no nervous impulse to glance over his shoulder or cover the page with his hand. The sweet summer air played against his cheek. From somewhere far away there floated the faint shouts of children: in the room itself there was no sound except the insect voice of the clock. He settled deeper into the arm-chair and put his feet up on the fender. It was bliss, it was eternity. Suddenly, as one sometimes does with a book of which one knows that one will ultimately read and re-read every word, he opened it at a different place and found himself at Chapter III. He went on reading:

Chapter III

War is Peace

The splitting up of the world into three great super-states was an event which could be and indeed was

foreseen before the middle of the twentieth century. With the absorption of Europe by Russia and of the British Empire by the United States, two of the three existing powers, Eurasia and Oceania, were already effectively in being. The third, Eastasia, only emerged as a distinct unit after another decade of confused fighting. The frontiers between the three super-states are in some places arbitrary, and in others they fluctuate according to the fortunes of war, but in general they follow geographical lines. Eurasia comprises the whole of the northern part of the European and Asiatic land-mass, from Portugal to the Bering Strait. Oceania comprises the Americas, the Atlantic islands including the British Isles, Australasia, and the southern portion of Africa. Eastasia, smaller than the others and with a less definite western frontier, comprises China and the countries to the south of it, the Japanese islands and a large but fluctuating portion of Manchuria, Mongolia, and Tibet.

In one combination or another, these three super-states are permanently at war, and have been so for the past twenty-five years. War, however, is no longer the desperate, annihilating struggle that it was in the early decades of the twentieth century. It is a warfare

of limited aims between combatants who are unable to destroy one another, have no material cause for fighting and are not divided by any genuine ideological difference. This is not to say that either the conduct of war, or the prevailing attitude towards it, has become less bloodthirsty or more chivalrous. On the contrary, war hysteria is continuous and universal in all countries, and such acts as raping, looting, the slaughter of children, the reduction of whole populations to slavery, and reprisals against prisoners which extend even to boiling and burying alive, are looked upon as normal, and, when they are committed by one's own side and not by the enemy, meritorious. But in a physical sense war involves very small numbers of people, mostly highly-trained specialists, and causes comparatively few casualties. The fighting, when there is any, takes place on the vague frontiers whose whereabouts the average man can only guess at, or round the Floating Fortresses which guard strategic spots on the sea lanes. In the centres of civilization war means no more than a continuous shortage of consumption goods, and the occasional crash of a rocket bomb which may cause a few scores of deaths. War has in fact changed its character. More exactly, the reasons for which war

is waged have changed in their order of importance. Motives which were already present to some small extent in the great wars of the early twentieth century have now become dominant and are consciously recognized and acted upon.

To understand the nature of the present war--for in spite of the regrouping which occurs every few years, it is always the same war--one must realize in the first place that it is impossible for it to be decisive. None of the three super-states could be definitively conquered even by the other two in combination. They are too evenly matched, and their natural defences are too formidable. Eurasia is protected by its vast land spaces, Oceania by the width of the Atlantic and the Pacific, Eastasia by the fecundity and industriousness of its inhabitants. Secondly, there is no longer, in a material sense, anything to fight about. With the establishment of self-contained economies, in which production and consumption are geared to one another, the scramble for markets which was a main cause of previous wars has come to an end, while the competition for raw materials is no longer a matter of life and death. In any case each of the three super-states is so vast that it can obtain almost all the materials that it needs within

its own boundaries. In so far as the war has a direct economic purpose, it is a war for labour power. Between the frontiers of the super-states, and not permanently in the possession of any of them, there lies a rough quadrilateral with its corners at Tangier, Brazzaville, Darwin, and Hong Kong, containing within it about a fifth of the population of the earth. It is for the possession of these thickly-populated regions, and of the northern ice-cap, that the three powers are constantly struggling. In practice no one power ever controls the whole of the disputed area. Portions of it are constantly changing hands, and it is the chance of seizing this or that fragment by a sudden stroke of treachery that dictates the endless changes of alignment.

All of the disputed territories contain valuable minerals, and some of them yield important vegetable products such as rubber which in colder climates it is necessary to synthesize by comparatively expensive methods. But above all they contain a bottomless reserve of cheap labour. Whichever power controls equatorial Africa, or the countries of the Middle East, or Southern India, or the Indonesian Archipelago, disposes also of the bodies of scores or hundreds of millions of ill-paid and hard-working coolies. The inhabitants of these areas,

reduced more or less openly to the status of slaves, pass continually from conqueror to conqueror, and are expended like so much coal or oil in the race to turn out more armaments, to capture more territory, to control more labour power, to turn out more armaments, to capture more territory, and so on indefinitely. It should be noted that the fighting never really moves beyond the edges of the disputed areas. The frontiers of Eurasia flow back and forth between the basin of the Congo and the northern shore of the Mediterranean; the islands of the Indian Ocean and the Pacific are constantly being captured and recaptured by Oceania or by Eastasia; in Mongolia the dividing line between Eurasia and Eastasia is never stable; round the Pole all three powers lay claim to enormous territories which in fact are largely uninhabited and unexplored: but the balance of power always remains roughly even, and the territory which forms the heartland of each super-state always remains inviolate. Moreover, the labour of the exploited peoples round the Equator is not really necessary to the world's economy. They add nothing to the wealth of the world, since whatever they produce is used for purposes of war, and the object of waging a war is always to be in a better position in

which to wage another war. By their labour the slave populations allow the tempo of continuous warfare to be speeded up. But if they did not exist, the structure of world society, and the process by which it maintains itself, would not be essentially different.

The primary aim of modern warfare (in accordance with the principles of DOUBLETHINK, this aim is simultaneously recognized and not recognized by the directing brains of the Inner Party) is to use up the products of the machine without raising the general standard of living. Ever since the end of the nineteenth century, the problem of what to do with the surplus of consumption goods has been latent in industrial society. At present, when few human beings even have enough to eat, this problem is obviously not urgent, and it might not have become so, even if no artificial processes of destruction had been at work. The world of today is a bare, hungry, dilapidated place compared with the world that existed before 1914, and still more so if compared with the imaginary future to which the people of that period looked forward. In the early twentieth century, the vision of a future society unbelievably rich, leisured, orderly, and efficient--a glittering antiseptic world of glass and steel and snow-white concrete--was

part of the consciousness of nearly every literate person. Science and technology were developing at a prodigious speed, and it seemed natural to assume that they would go on developing. This failed to happen, partly because of the impoverishment caused by a long series of wars and revolutions, partly because scientific and technical progress depended on the empirical habit of thought, which could not survive in a strictly regimented society. As a whole the world is more primitive today than it was fifty years ago. Certain backward areas have advanced, and various devices, always in some way connected with warfare and police espionage, have been developed, but experiment and invention have largely stopped, and the ravages of the atomic war of the nineteen-fifties have never been fully repaired. Nevertheless the dangers inherent in the machine are still there. From the moment when the machine first made its appearance it was clear to all thinking people that the need for human drudgery, and therefore to a great extent for human inequality, had disappeared. If the machine were used deliberately for that end, hunger, overwork, dirt, illiteracy, and disease could be eliminated within a few generations. And in fact, without being used for any such purpose, but by a sort

of automatic process--by producing wealth which it was sometimes impossible not to distribute--the machine did raise the living standards of the average human being very greatly over a period of about fifty years at the end of the nineteenth and the beginning of the twentieth centuries.

But it was also clear that an all-round increase in wealth threatened the destruction--indeed, in some sense was the destruction--of a hierarchical society. In a world in which everyone worked short hours, had enough to eat, lived in a house with a bathroom and a refrigerator, and possessed a motor-car or even an aeroplane, the most obvious and perhaps the most important form of inequality would already have disappeared. If it once became general, wealth would confer no distinction. It was possible, no doubt, to imagine a society in which WEALTH, in the sense of personal possessions and luxuries, should be evenly distributed, while POWER remained in the hands of a small privileged caste. But in practice such a society could not long remain stable. For if leisure and security were enjoyed by all alike, the great mass of human beings who are normally stupefied by poverty would become literate and would learn to think for themselves; and when once they had

done this, they would sooner or later realize that the privileged minority had no function, and they would sweep it away. In the long run, a hierarchical society was only possible on a basis of poverty and ignorance. To return to the agricultural past, as some thinkers about the beginning of the twentieth century dreamed of doing, was not a practicable solution. It conflicted with the tendency towards mechanization which had become quasi-instinctive throughout almost the whole world, and moreover, any country which remained industrially backward was helpless in a military sense and was bound to be dominated, directly or indirectly, by its more advanced rivals.

Nor was it a satisfactory solution to keep the masses in poverty by restricting the output of goods. This happened to a great extent during the final phase of capitalism, roughly between 1920 and 1940. The economy of many countries was allowed to stagnate, land went out of cultivation, capital equipment was not added to, great blocks of the population were prevented from working and kept half alive by State charity. But this, too, entailed military weakness, and since the privations it inflicted were obviously unnecessary, it made opposition inevitable. The problem was how to keep the

wheels of industry turning without increasing the real wealth of the world. Goods must be produced, but they must not be distributed. And in practice the only way of achieving this was by continuous warfare.

The essential act of war is destruction, not necessarily of human lives, but of the products of human labour. War is a way of shattering to pieces, or pouring into the stratosphere, or sinking in the depths of the sea, materials which might otherwise be used to make the masses too comfortable, and hence, in the long run, too intelligent. Even when weapons of war are not actually destroyed, their manufacture is still a convenient way of expending labour power without producing anything that can be consumed. A Floating Fortress, for example, has locked up in it the labour that would build several hundred cargo-ships. Ultimately it is scrapped as obsolete, never having brought any material benefit to anybody, and with further enormous labours another Floating Fortress is built. In principle the war effort is always so planned as to eat up any surplus that might exist after meeting the bare needs of the population. In practice the needs of the population are always underestimated, with the result that there is a chronic shortage of half the necessities of life; but this is

looked on as an advantage. It is deliberate policy to keep even the favoured groups somewhere near the brink of hardship, because a general state of scarcity increases the importance of small privileges and thus magnifies the distinction between one group and another. By the standards of the early twentieth century, even a member of the Inner Party lives an austere, laborious kind of life. Nevertheless, the few luxuries that he does enjoy his large, well-appointed flat, the better texture of his clothes, the better quality of his food and drink and tobacco, his two or three servants, his private motor-car or helicopter--set him in a different world from a member of the Outer Party, and the members of the Outer Party have a similar advantage in comparison with the submerged masses whom we call 'the proles'. The social atmosphere is that of a besieged city, where the possession of a lump of horseflesh makes the difference between wealth and poverty. And at the same time the consciousness of being at war, and therefore in danger, makes the handing-over of all power to a small caste seem the natural, unavoidable condition of survival. War, it will be seen, accomplishes the necessary destruction, but accomplishes it in a psychologically acceptable way. In principle it would be quite simple to waste the

surplus labour of the world by building temples and pyramids, by digging holes and filling them up again, or even by producing vast quantities of goods and then setting fire to them. But this would provide only the economic and not the emotional basis for a hierarchical society. What is concerned here is not the morale of masses, whose attitude is unimportant so long as they are kept steadily at work, but the morale of the Party itself. Even the humblest Party member is expected to be competent, industrious, and even intelligent within narrow limits, but it is also necessary that he should be a credulous and ignorant fanatic whose prevailing moods are fear, hatred, adulation, and orgiastic triumph. In other words it is necessary that he should have the mentality appropriate to a state of war. It does not matter whether the war is actually happening, and, since no decisive victory is possible, it does not matter whether the war is going well or badly. All that is needed is that a state of war should exist. The splitting of the intelligence which the Party requires of its members, and which is more easily achieved in an atmosphere of war, is now almost universal, but the higher up the ranks one goes, the more marked it becomes. It is precisely in the Inner Party that war hysteria and

hatred of the enemy are strongest. In his capacity as an administrator, it is often necessary for a member of the Inner Party to know that this or that item of war news is untruthful, and he may often be aware that the entire war is spurious and is either not happening or is being waged for purposes quite other than the declared ones: but such knowledge is easily neutralized by the technique of DOUBLETHINK. Meanwhile no Inner Party member wavers for an instant in his mystical belief that the war is real, and that it is bound to end victoriously, with Oceania the undisputed master of the entire world.

All members of the Inner Party believe in this coming conquest as an article of faith. It is to be achieved either by gradually acquiring more and more territory and so building up an overwhelming preponderance of power, or by the discovery of some new and unanswerable weapon. The search for new weapons continues unceasingly, and is one of the very few remaining activities in which the inventive or speculative type of mind can find any outlet. In Oceania at the present day, Science, in the old sense, has almost ceased to exist. In Newspeak there is no word for 'Science'. The empirical method of thought, on which all the scientific

achievements of the past were founded, is opposed to the most fundamental principles of Ingsoc. And even technological progress only happens when its products can in some way be used for the diminution of human liberty. In all the useful arts the world is either standing still or going backwards. The fields are cultivated with horse-ploughs while books are written by machinery. But in matters of vital importance--meaning, in effect, war and police espionage--the empirical approach is still encouraged, or at least tolerated. The two aims of the Party are to conquer the whole surface of the earth and to extinguish once and for all the possibility of independent thought. There are therefore two great problems which the Party is concerned to solve. One is how to discover, against his will, what another human being is thinking, and the other is how to kill several hundred million people in a few seconds without giving warning beforehand. In so far as scientific research still continues, this is its subject matter. The scientist of today is either a mixture of psychologist and inquisitor, studying with real ordinary minuteness the meaning of facial expressions, gestures, and tones of voice, and testing the truth-producing effects of drugs, shock therapy, hypnosis, and physical torture; or he is chemist,

physicist, or biologist concerned only with such branches of his special subject as are relevant to the taking of life. In the vast laboratories of the Ministry of Peace, and in the experimental stations hidden in the Brazilian forests, or in the Australian desert, or on lost islands of the Antarctic, the teams of experts are indefatigably at work. Some are concerned simply with planning the logistics of future wars; others devise larger and larger rocket bombs, more and more powerful explosives, and more and more impenetrable armour-plating; others search for new and deadlier gases, or for soluble poisons capable of being produced in such quantities as to destroy the vegetation of whole continents, or for breeds of disease germs immunized against all possible antibodies; others strive to produce a vehicle that shall bore its way under the soil like a submarine under the water, or an aeroplane as independent of its base as a sailing-ship; others explore even remoter possibilities such as focusing the sun's rays through lenses suspended thousands of kilometres away in space, or producing artificial earthquakes and tidal waves by tapping the heat at the earth's centre.

But none of these projects ever comes anywhere near realization, and none of the three super-states ever

gains a significant lead on the others. What is more remarkable is that all three powers already possess, in the atomic bomb, a weapon far more powerful than any that their present researches are likely to discover. Although the Party, according to its habit, claims the invention for itself, atomic bombs first appeared as early as the nineteen-forties, and were first used on a large scale about ten years later. At that time some hundreds of bombs were dropped on industrial centres, chiefly in European Russia, Western Europe, and North America. The effect was to convince the ruling groups of all countries that a few more atomic bombs would mean the end of organized society, and hence of their own power. Thereafter, although no formal agreement was ever made or hinted at, no more bombs were dropped. All three powers merely continue to produce atomic bombs and store them up against the decisive opportunity which they all believe will come sooner or later. And meanwhile the art of war has remained almost stationary for thirty or forty years. Helicopters are more used than they were formerly, bombing planes have been largely superseded by self-propelled projectiles, and the fragile movable battleship has given way to the almost unsinkable Floating Fortress; but otherwise there has

been little development. The tank, the submarine, the torpedo, the machine gun, even the rifle and the hand grenade are still in use. And in spite of the endless slaughters reported in the Press and on the telescreens, the desperate battles of earlier wars, in which hundreds of thousands or even millions of men were often killed in a few weeks, have never been repeated.

None of the three super-states ever attempts any manoeuvre which involves the risk of serious defeat. When any large operation is undertaken, it is usually a surprise attack against an ally. The strategy that all three powers are following, or pretend to themselves that they are following, is the same. The plan is, by a combination of fighting, bargaining, and well-timed strokes of treachery, to acquire a ring of bases completely encircling one or other of the rival states, and then to sign a pact of friendship with that rival and remain on peaceful terms for so many years as to lull suspicion to sleep. During this time rockets loaded with atomic bombs can be assembled at all the strategic spots; finally they will all be fired simultaneously, with effects so devastating as to make retaliation impossible. It will then be time to sign a pact of friendship with the remaining world-power, in preparation for another

attack. This scheme, it is hardly necessary to say, is a mere daydream, impossible of realization. Moreover, no fighting ever occurs except in the disputed areas round the Equator and the Pole: no invasion of enemy territory is ever undertaken. This explains the fact that in some places the frontiers between the super-states are arbitrary. Eurasia, for example, could easily conquer the British Isles, which are geographically part of Europe, or on the other hand it would be possible for Oceania to push its frontiers to the Rhine or even to the Vistula. But this would violate the principle, followed on all sides though never formulated, of cultural integrity. If Oceania were to conquer the areas that used once to be known as France and Germany, it would be necessary either to exterminate the inhabitants, a task of great physical difficulty, or to assimilate a population of about a hundred million people, who, so far as technical development goes, are roughly on the Oceanic level. The problem is the same for all three super-states. It is absolutely necessary to their structure that there should be no contact with foreigners, except, to a limited extent, with war prisoners and coloured slaves. Even the official ally of the moment is always regarded with the darkest suspicion. War prisoners

apart, the average citizen of Oceania never sets eyes on a citizen of either Eurasia or Eastasia, and he is forbidden the knowledge of foreign languages. If he were allowed contact with foreigners he would discover that they are creatures similar to himself and that most of what he has been told about them is lies. The sealed world in which he lives would be broken, and the fear, hatred, and self-righteousness on which his morale depends might evaporate. It is therefore realized on all sides that however often Persia, or Egypt, or Java, or Ceylon may change hands, the main frontiers must never be crossed by anything except bombs.

Under this lies a fact never mentioned aloud, but tacitly understood and acted upon: namely, that the conditions of life in all three super-states are very much the same. In Oceania the prevailing philosophy is called Ingsoc, in Eurasia it is called Neo-Bolshevism, and in Eastasia it is called by a Chinese name usually translated as Death-Worship, but perhaps better rendered as Obliteration of the Self. The citizen of Oceania is not allowed to know anything of the tenets of the other two philosophies, but he is taught to execrate them as barbarous outrages upon morality and common sense. Actually the three philosophies are barely distinguishable, and the social

systems which they support are not distinguishable at all. Everywhere there is the same pyramidal structure, the same worship of semi-divine leader, the same economy existing by and for continuous warfare. It follows that the three super-states not only cannot conquer one another, but would gain no advantage by doing so. On the contrary, so long as they remain in conflict they prop one another up, like three sheaves of corn. And, as usual, the ruling groups of all three powers are simultaneously aware and unaware of what they are doing. Their lives are dedicated to world conquest, but they also know that it is necessary that the war should continue everlastingly and without victory. Meanwhile the fact that there IS no danger of conquest makes possible the denial of reality which is the special feature of Ingsoc and its rival systems of thought. Here it is necessary to repeat what has been said earlier, that by becoming continuous war has fundamentally changed its character.

In past ages, a war, almost by definition, was something that sooner or later came to an end, usually in unmistakable victory or defeat. In the past, also, war was one of the main instruments by which human societies were kept in touch with physical reality. All

rulers in all ages have tried to impose a false view of the world upon their followers, but they could not afford to encourage any illusion that tended to impair military efficiency. So long as defeat meant the loss of independence, or some other result generally held to be undesirable, the precautions against defeat had to be serious. Physical facts could not be ignored. In philosophy, or religion, or ethics, or politics, two and two might make five, but when one was designing a gun or an aeroplane they had to make four. Inefficient nations were always conquered sooner or later, and the struggle for efficiency was inimical to illusions. Moreover, to be efficient it was necessary to be able to learn from the past, which meant having a fairly accurate idea of what had happened in the past. Newspapers and history books were, of course, always coloured and biased, but falsification of the kind that is practised today would have been impossible. War was a sure safeguard of sanity, and so far as the ruling classes were concerned it was probably the most important of all safeguards. While wars could be won or lost, no ruling class could be completely irresponsible. But when war becomes literally continuous, it also ceases to be dangerous. When war is continuous there is no

such thing as military necessity. Technical progress can cease and the most palpable facts can be denied or disregarded. As we have seen, researches that could be called scientific are still carried out for the purposes of war, but they are essentially a kind of daydreaming, and their failure to show results is not important. Efficiency, even military efficiency, is no longer needed. Nothing is efficient in Oceania except the Thought Police. Since each of the three super-states is unconquerable, each is in effect a separate universe within which almost any perversion of thought can be safely practised. Reality only exerts its pressure through the needs of everyday life--the need to eat and drink, to get shelter and clothing, to avoid swallowing poison or stepping out of top-storey windows, and the like. Between life and death, and between physical pleasure and physical pain, there is still a distinction, but that is all. Cut off from contact with the outer world, and with the past, the citizen of Oceania is like a man in interstellar space, who has no way of knowing which direction is up and which is down. The rulers of such a state are absolute, as the Pharaohs or the Caesars could not be. They are obliged to prevent their followers from starving to death in numbers large enough to be

inconvenient, and they are obliged to remain at the same low level of military technique as their rivals; but once that minimum is achieved, they can twist reality into whatever shape they choose.

The war, therefore, if we judge it by the standards of previous wars, is merely an imposture. It is like the battles between certain ruminant animals whose horns are set at such an angle that they are incapable of hurting one another. But though it is unreal it is not meaningless. It eats up the surplus of consumable goods, and it helps to preserve the special mental atmosphere that a hierarchical society needs. War, it will be seen, is now a purely internal affair. In the past, the ruling groups of all countries, although they might recognize their common interest and therefore limit the destructiveness of war, did fight against one another, and the victor always plundered the vanquished. In our own day they are not fighting against one another at all. The war is waged by each ruling group against its own subjects, and the object of the war is not to make or prevent conquests of territory, but to keep the structure of society intact. The very word 'war', therefore, has become misleading. It would probably be accurate to say that by becoming continuous war has ceased to exist.

The peculiar pressure that it exerted on human beings between the Neolithic Age and the early twentieth century has disappeared and been replaced by something quite different. The effect would be much the same if the three super-states, instead of fighting one another, should agree to live in perpetual peace, each inviolate within its own boundaries. For in that case each would still be a self-contained universe, freed for ever from the sobering influence of external danger. A peace that was truly permanent would be the same as a permanent war. This--although the vast majority of Party members understand it only in a shallower sense--is the inner meaning of the Party slogan: WAR IS PEACE.

Winston stopped reading for a moment. Somewhere in remote distance a rocket bomb thundered. The blissful feeling of being alone with the forbidden book, in a room with no telescreen, had not worn off. Solitude and safety were physical sensations, mixed up somehow with the tiredness of his body, the softness of the chair, the touch of the faint breeze from the window that played upon his cheek. The book fascinated him, or more exactly it reassured him. In a sense it told him nothing that was new, but that was part of the attraction. It said what he would have said, if it had been

possible for him to set his scattered thoughts in order. It was the product of a mind similar to his own, but enormously more powerful, more systematic, less fear-ridden. The best books, he perceived, are those that tell you what you know already. He had just turned back to Chapter I when he heard Julia's footstep on the stair and started out of his chair to meet her. She dumped her brown tool-bag on the floor and flung herself into his arms. It was more than a week since they had seen one another.

'I've got THE BOOK,' he said as they disentangled themselves.

'Oh, you've got it? Good,' she said without much interest, and almost immediately knelt down beside the oil stove to make the coffee.

They did not return to the subject until they had been in bed for half an hour. The evening was just cool enough to make it worth while to pull up the counterpane. From below came the familiar sound of singing and the scrape of boots on the flagstones. The brawny red-armed woman whom Winston had seen there on his first visit was almost a fixture in the yard. There seemed to be no hour of daylight when she was not marching to and fro between the washtub and the line, alternately gagging herself with clothes pegs and breaking forth into lusty song. Julia had settled down

on her side and seemed to be already on the point of falling asleep. He reached out for the book, which was lying on the floor, and sat up against the bedhead.

‘We must read it,’ he said. ‘You too. All members of the Brotherhood have to read it.’

‘You read it,’ she said with her eyes shut. ‘Read it aloud. That’s the best way. Then you can explain it to me as you go.’

The clock’s hands said six, meaning eighteen. They had three or four hours ahead of them. He propped the book against his knees and began reading:

Chapter I

Ignorance is Strength

Throughout recorded time, and probably since the end of the Neolithic Age, there have been three kinds of people in the world, the High, the Middle, and the Low. They have been subdivided in many ways, they have borne countless different names, and their relative numbers, as well as their attitude towards one another, have varied from age to age: but the essential structure of society has never altered. Even after enormous upheavals and seemingly irrevocable changes, the same pattern has always reasserted itself, just as a gyroscope will always

return to equilibrium, however far it is pushed one way or the other

'Julia, are you awake?' said Winston.

'Yes, my love, I'm listening. Go on. It's marvellous.'

He continued reading:

The aims of these three groups are entirely irreconcilable. The aim of the High is to remain where they are. The aim of the Middle is to change places with the High. The aim of the Low, when they have an aim--for it is an abiding characteristic of the Low that they are too much crushed by drudgery to be more than intermittently conscious of anything outside their daily lives--is to abolish all distinctions and create a society in which all men shall be equal. Thus throughout history a struggle which is the same in its main outlines recurs over and over again. For long periods the High seem to be securely in power, but sooner or later there always comes a moment when they lose either their belief in themselves or their capacity to govern efficiently, or both. They are then overthrown by the Middle, who enlist the Low on their side by pretending to them that they are fighting for liberty and justice. As soon as they

have reached their objective, the Middle thrust the Low back into their old position of servitude, and themselves become the High. Presently a new Middle group splits off from one of the other groups, or from both of them, and the struggle begins over again. Of the three groups, only the Low are never even temporarily successful in achieving their aims. It would be an exaggeration to say that throughout history there has been no progress of a material kind. Even today, in a period of decline, the average human being is physically better off than he was a few centuries ago. But no advance in wealth, no softening of manners, no reform or revolution has ever brought human equality a millimetre nearer. From the point of view of the Low, no historic change has ever meant much more than a change in the name of their masters.

By the late nineteenth century the recurrence of this pattern had become obvious to many observers. There then rose schools of thinkers who interpreted history as a cyclical process and claimed to show that inequality was the unalterable law of human life. This doctrine, of course, had always had its adherents, but in the manner in which it was now put forward there was a significant change. In the past the need for a hierarchical form of

society had been the doctrine specifically of the High. It had been preached by kings and aristocrats and by the priests, lawyers, and the like who were parasitical upon them, and it had generally been softened by promises of compensation in an imaginary world beyond the grave. The Middle, so long as it was struggling for power, had always made use of such terms as freedom, justice, and fraternity. Now, however, the concept of human brotherhood began to be assailed by people who were not yet in positions of command, but merely hoped to be so before long. In the past the Middle had made revolutions under the banner of equality, and then had established a fresh tyranny as soon as the old one was overthrown. The new Middle groups in effect proclaimed their tyranny beforehand. Socialism, a theory which appeared in the early nineteenth century and was the last link in a chain of thought stretching back to the slave rebellions of antiquity, was still deeply infected by the Utopianism of past ages. But in each variant of Socialism that appeared from about 1900 onwards the aim of establishing liberty and equality was more and more openly abandoned. The new movements which appeared in the middle years of the century, Ingsoc in Oceania, Neo-Bolshevism in Eurasia, Death-Worship,

as it is commonly called, in Eastasia, had the conscious aim of perpetuating UNfreedom and INequality. These new movements, of course, grew out of the old ones and tended to keep their names and pay lip-service to their ideology. But the purpose of all of them was to arrest progress and freeze history at a chosen moment. The familiar pendulum swing was to happen once more, and then stop. As usual, the High were to be turned out by the Middle, who would then become the High; but this time, by conscious strategy, the High would be able to maintain their position permanently.

The new doctrines arose partly because of the accumulation of historical knowledge, and the growth of the historical sense, which had hardly existed before the nineteenth century. The cyclical movement of history was now intelligible, or appeared to be so; and if it was intelligible, then it was alterable. But the principal, underlying cause was that, as early as the beginning of the twentieth century, human equality had become technically possible. It was still true that men were not equal in their native talents and that functions had to be specialized in ways that favoured some individuals against others; but there was no longer any real need for class distinctions or for large differences of wealth.

In earlier ages, class distinctions had been not only inevitable but desirable. Inequality was the price of civilization. With the development of machine production, however, the case was altered. Even if it was still necessary for human beings to do different kinds of work, it was no longer necessary for them to live at different social or economic levels. Therefore, from the point of view of the new groups who were on the point of seizing power, human equality was no longer an ideal to be striven after, but a danger to be averted. In more primitive ages, when a just and peaceful society was in fact not possible, it had been fairly easy to believe it. The idea of an earthly paradise in which men should live together in a state of brotherhood, without laws and without brute labour, had haunted the human imagination for thousands of years. And this vision had had a certain hold even on the groups who actually profited by each historical change. The heirs of the French, English, and American revolutions had partly believed in their own phrases about the rights of man, freedom of speech, equality before the law, and the like, and have even allowed their conduct to be influenced by them to some extent. But by the fourth decade of the twentieth century all the main currents

of political thought were authoritarian. The earthly paradise had been discredited at exactly the moment when it became realizable. Every new political theory, by whatever name it called itself, led back to hierarchy and regimentation. And in the general hardening of outlook that set in round about 1930, practices which had been long abandoned, in some cases for hundreds of years--imprisonment without trial, the use of war prisoners as slaves, public executions, torture to extract confessions, the use of hostages, and the deportation of whole populations--not only became common again, but were tolerated and even defended by people who considered themselves enlightened and progressive. It was only after a decade of national wars, civil wars, revolutions, and counter-revolutions in all parts of the world that Ingsoc and its rivals emerged as fully worked-out political theories. But they had been foreshadowed by the various systems, generally called totalitarian, which had appeared earlier in the century, and the main outlines of the world which would emerge from the prevailing chaos had long been obvious. What kind of people would control this world had been equally obvious. The new aristocracy was made up for the most part of bureaucrats, scientists, technicians, trade-union

organizers, publicity experts, sociologists, teachers, journalists, and professional politicians. These people, whose origins lay in the salaried middle class and the upper grades of the working class, had been shaped and brought together by the barren world of monopoly industry and centralized government. As compared with their opposite numbers in past ages, they were less avaricious, less tempted by luxury, hungrier for pure power, and, above all, more conscious of what they were doing and more intent on crushing opposition. This last difference was cardinal. By comparison with that existing today, all the tyrannies of the past were half-hearted and inefficient. The ruling groups were always infected to some extent by liberal ideas, and were content to leave loose ends everywhere, to regard only the overt act and to be uninterested in what their subjects were thinking. Even the Catholic Church of the Middle Ages was tolerant by modern standards. Part of the reason for this was that in the past no government had the power to keep its citizens under constant surveillance. The invention of print, however, made it easier to manipulate public opinion, and the film and the radio carried the process further. With the development of television, and the technical

advance which made it possible to receive and transmit simultaneously on the same instrument, private life came to an end. Every citizen, or at least every citizen important enough to be worth watching, could be kept for twenty-four hours a day under the eyes of the police and in the sound of official propaganda, with all other channels of communication closed. The possibility of enforcing not only complete obedience to the will of the State, but complete uniformity of opinion on all subjects, now existed for the first time.

After the revolutionary period of the fifties and sixties, society regrouped itself, as always, into High, Middle, and Low. But the new High group, unlike all its forerunners, did not act upon instinct but knew what was needed to safeguard its position. It had long been realized that the only secure basis for oligarchy is collectivism. Wealth and privilege are most easily defended when they are possessed jointly. The so-called 'abolition of private property' which took place in the middle years of the century meant, in effect, the concentration of property in far fewer hands than before: but with this difference, that the new owners were a group instead of a mass of individuals. Individually, no member of the Party owns anything, except petty personal belongings.

Collectively, the Party owns everything in Oceania, because it controls everything, and disposes of the products as it thinks fit. In the years following the Revolution it was able to step into this commanding position almost unopposed, because the whole process was represented as an act of collectivization. It had always been assumed that if the capitalist class were expropriated, Socialism must follow: and unquestionably the capitalists had been expropriated. Factories, mines, land, houses, transport--everything had been taken away from them: and since these things were no longer private property, it followed that they must be public property. Ingsoc, which grew out of the earlier Socialist movement and inherited its phraseology, has in fact carried out the main item in the Socialist programme; with the result, foreseen and intended beforehand, that economic inequality has been made permanent.

But the problems of perpetuating a hierarchical society go deeper than this. There are only four ways in which a ruling group can fall from power. Either it is conquered from without, or it governs so inefficiently that the masses are stirred to revolt, or it allows a strong and discontented Middle group to come into being, or it loses its own self-confidence and willingness to govern. These

causes do not operate singly, and as a rule all four of them are present in some degree. A ruling class which could guard against all of them would remain in power permanently. Ultimately the determining factor is the mental attitude of the ruling class itself.

After the middle of the present century, the first danger had in reality disappeared. Each of the three powers which now divide the world is in fact unconquerable, and could only become conquerable through slow demographic changes which a government with wide powers can easily avert. The second danger, also, is only a theoretical one. The masses never revolt of their own accord, and they never revolt merely because they are oppressed. Indeed, so long as they are not permitted to have standards of comparison, they never even become aware that they are oppressed. The recurrent economic crises of past times were totally unnecessary and are not now permitted to happen, but other and equally large dislocations can and do happen without having political results, because there is no way in which discontent can become articulate. As for the problem of over-production, which has been latent in our society since the development of machine technique, it is solved by the device of continuous warfare (see Chapter III),

which is also useful in keying up public morale to the necessary pitch. From the point of view of our present rulers, therefore, the only genuine dangers are the splitting-off of a new group of able, under-employed, power-hungry people, and the growth of liberalism and scepticism in their own ranks. The problem, that is to say, is educational. It is a problem of continuously moulding the consciousness both of the directing group and of the larger executive group that lies immediately below it. The consciousness of the masses needs only to be influenced in a negative way.

Given this background, one could infer, if one did not know it already, the general structure of Oceanic society. At the apex of the pyramid comes Big Brother. Big Brother is infallible and all-powerful. Every success, every achievement, every victory, every scientific discovery, all knowledge, all wisdom, all happiness, all virtue, are held to issue directly from his leadership and inspiration. Nobody has ever seen Big Brother. He is a face on the hoardings, a voice on the telescreen. We may be reasonably sure that he will never die, and there is already considerable uncertainty as to when he was born. Big Brother is the guise in which the Party chooses to exhibit itself to the world. His function is to act as a

focusing point for love, fear, and reverence, emotions which are more easily felt towards an individual than towards an organization. Below Big Brother comes the Inner Party. Its numbers limited to six millions, or something less than 2 per cent of the population of Oceania. Below the Inner Party comes the Outer Party, which, if the Inner Party is described as the brain of the State, may be justly likened to the hands. Below that come the dumb masses whom we habitually refer to as 'the proles', numbering perhaps 85 per cent of the population. In the terms of our earlier classification, the proles are the Low: for the slave population of the equatorial lands who pass constantly from conqueror to conqueror, are not a permanent or necessary part of the structure.

In principle, membership of these three groups is not hereditary. The child of Inner Party parents is in theory not born into the Inner Party. Admission to either branch of the Party is by examination, taken at the age of sixteen. Nor is there any racial discrimination, or any marked domination of one province by another. Jews, Negroes, South Americans of pure Indian blood are to be found in the highest ranks of the Party, and the administrators of any area are always drawn from the inhabitants of that

area. In no part of Oceania do the inhabitants have the feeling that they are a colonial population ruled from a distant capital. Oceania has no capital, and its titular head is a person whose whereabouts nobody knows. Except that English is its chief LINGUA FRANCA and Newspeak its official language, it is not centralized in any way. Its rulers are not held together by blood-ties but by adherence to a common doctrine. It is true that our society is stratified, and very rigidly stratified, on what at first sight appear to be hereditary lines. There is far less to-and-fro movement between the different groups than happened under capitalism or even in the pre-industrial age. Between the two branches of the Party there is a certain amount of interchange, but only so much as will ensure that weaklings are excluded from the Inner Party and that ambitious members of the Outer Party are made harmless by allowing them to rise. Proletarians, in practice, are not allowed to graduate into the Party. The most gifted among them, who might possibly become nuclei of discontent, are simply marked down by the Thought Police and eliminated. But this state of affairs is not necessarily permanent, nor is it a matter of principle. The Party is not a class in the old sense of the word. It does not aim at transmitting power

to its own children, as such; and if there were no other way of keeping the ablest people at the top, it would be perfectly prepared to recruit an entire new generation from the ranks of the proletariat. In the crucial years, the fact that the Party was not a hereditary body did a great deal to neutralize opposition. The older kind of Socialist, who had been trained to fight against something called 'class privilege' assumed that what is not hereditary cannot be permanent. He did not see that the continuity of an oligarchy need not be physical, nor did he pause to reflect that hereditary aristocracies have always been shortlived, whereas adoptive organizations such as the Catholic Church have sometimes lasted for hundreds or thousands of years. The essence of oligarchical rule is not father-to-son inheritance, but the persistence of a certain world-view and a certain way of life, imposed by the dead upon the living. A ruling group is a ruling group so long as it can nominate its successors. The Party is not concerned with perpetuating its blood but with perpetuating itself. WHO wields power is not important, provided that the hierarchical structure remains always the same.

All the beliefs, habits, tastes, emotions, mental attitudes that characterize our time are really designed to sustain

the mystique of the Party and prevent the true nature of present-day society from being perceived. Physical rebellion, or any preliminary move towards rebellion, is at present not possible. From the proletarians nothing is to be feared. Left to themselves, they will continue from generation to generation and from century to century, working, breeding, and dying, not only without any impulse to rebel, but without the power of grasping that the world could be other than it is. They could only become dangerous if the advance of industrial technique made it necessary to educate them more highly; but, since military and commercial rivalry are no longer important, the level of popular education is actually declining. What opinions the masses hold, or do not hold, is looked on as a matter of indifference. They can be granted intellectual liberty because they have no intellect. In a Party member, on the other hand, not even the smallest deviation of opinion on the most unimportant subject can be tolerated.

A Party member lives from birth to death under the eye of the Thought Police. Even when he is alone he can never be sure that he is alone. Wherever he may be, asleep or awake, working or resting, in his bath or in bed, he can be inspected without warning and without knowing

that he is being inspected. Nothing that he does is indifferent. His friendships, his relaxations, his behaviour towards his wife and children, the expression of his face when he is alone, the words he mutters in sleep, even the characteristic movements of his body, are all jealously scrutinized. Not only any actual misdemeanour, but any eccentricity, however small, any change of habits, any nervous mannerism that could possibly be the symptom of an inner struggle, is certain to be detected. He has no freedom of choice in any direction whatever. On the other hand his actions are not regulated by law or by any clearly formulated code of behaviour. In Oceania there is no law. Thoughts and actions which, when detected, mean certain death are not formally forbidden, and the endless purges, arrests, tortures, imprisonments, and vaporizations are not inflicted as punishment for crimes which have actually been committed, but are merely the wiping-out of persons who might perhaps commit a crime at some time in the future. A Party member is required to have not only the right opinions, but the right instincts. Many of the beliefs and attitudes demanded of him are never plainly stated, and could not be stated without laying bare the contradictions inherent in Ingsoc. If he is a person naturally

orthodox (in Newspeak a GOODTHINKER), he will in all circumstances know, without taking thought, what is the true belief or the desirable emotion. But in any case an elaborate mental training, undergone in childhood and grouping itself round the Newspeak words CRIMESTOP, BLACKWHITE, and DOUBLETHINK, makes him unwilling and unable to think too deeply on any subject whatever.

A Party member is expected to have no private emotions and no respites from enthusiasm. He is supposed to live in a continuous frenzy of hatred of foreign enemies and internal traitors, triumph over victories, and self-abasement before the power and wisdom of the Party. The discontents produced by his bare, unsatisfying life are deliberately turned outwards and dissipated by such devices as the Two Minutes Hate, and the speculations which might possibly induce a sceptical or rebellious attitude are killed in advance by his early acquired inner discipline. The first and simplest stage in the discipline, which can be taught even to young children, is called, in Newspeak, CRIMESTOP. CRIMESTOP means the faculty of stopping short, as though by instinct, at the threshold of any dangerous thought. It includes the power of not grasping analogies, of failing to perceive

logical errors, of misunderstanding the simplest arguments if they are inimical to Ingsoc, and of being bored or repelled by any train of thought which is capable of leading in a heretical direction. CRIMESTOP, in short, means protective stupidity. But stupidity is not enough. On the contrary, orthodoxy in the full sense demands a control over one's own mental processes as complete as that of a contortionist over his body. Oceanic society rests ultimately on the belief that Big Brother is omnipotent and that the Party is infallible. But since in reality Big Brother is not omnipotent and the party is not infallible, there is need for an unwearying, moment-to-moment flexibility in the treatment of facts. The keyword here is BLACKWHITE. Like so many Newspeak words, this word has two mutually contradictory meanings. Applied to an opponent, it means the habit of impudently claiming that black is white, in contradiction of the plain facts. Applied to a Party member, it means a loyal willingness to say that black is white when Party discipline demands this. But it means also the ability to BELIEVE that black is white, and more, to KNOW that black is white, and to forget that one has ever believed the contrary. This demands a continuous alteration of the past, made possible by the system of

thought which really embraces all the rest, and which is known in Newspeak as DOUBLETHINK.

The alteration of the past is necessary for two reasons, one of which is subsidiary and, so to speak, precautionary. The subsidiary reason is that the Party member, like the proletarian, tolerates present-day conditions partly because he has no standards of comparison. He must be cut off from the past, just as he must be cut off from foreign countries, because it is necessary for him to believe that he is better off than his ancestors and that the average level of material comfort is constantly rising. But by far the more important reason for the readjustment of the past is the need to safeguard the infallibility of the Party. It is not merely that speeches, statistics, and records of every kind must be constantly brought up to date in order to show that the predictions of the Party were in all cases right. It is also that no change in doctrine or in political alignment can ever be admitted. For to change one's mind, or even one's policy, is a confession of weakness. If, for example, Eurasia or Eastasia (whichever it may be) is the enemy today, then that country must always have been the enemy. And if the facts say otherwise then the facts must be altered. Thus history is continuously rewritten. This

day-to-day falsification of the past, carried out by the Ministry of Truth, is as necessary to the stability of the regime as the work of repression and espionage carried out by the Ministry of Love.

The mutability of the past is the central tenet of Ingsoc. Past events, it is argued, have no objective existence, but survive only in written records and in human memories. The past is whatever the records and the memories agree upon. And since the Party is in full control of all records and in equally full control of the minds of its members, it follows that the past is whatever the Party chooses to make it. It also follows that though the past is alterable, it never has been altered in any specific instance. For when it has been recreated in whatever shape is needed at the moment, then this new version IS the past, and no different past can ever have existed. This holds good even when, as often happens, the same event has to be altered out of recognition several times in the course of a year. At all times the Party is in possession of absolute truth, and clearly the absolute can never have been different from what it is now. It will be seen that the control of the past depends above all on the training of memory. To make sure that all written records agree with the orthodoxy of the moment is merely a

mechanical act. But it is also necessary to REMEMBER that events happened in the desired manner. And if it is necessary to rearrange one's memories or to tamper with written records, then it is necessary to FORGET that one has done so. The trick of doing this can be learned like any other mental technique. It is learned by the majority of Party members, and certainly by all who are intelligent as well as orthodox. In Oldspeak it is called, quite frankly, 'reality control'. In Newspeak it is called DOUBLETHINK, though DOUBLETHINK comprises much else as well.

DOUBLETHINK means the power of holding two contradictory beliefs in one's mind simultaneously, and accepting both of them. The Party intellectual knows in which direction his memories must be altered; he therefore knows that he is playing tricks with reality; but by the exercise of DOUBLETHINK he also satisfies himself that reality is not violated. The process has to be conscious, or it would not be carried out with sufficient precision, but it also has to be unconscious, or it would bring with it a feeling of falsity and hence of guilt. DOUBLETHINK lies at the very heart of Ingsoc, since the essential act of the Party is to use conscious deception while retaining the firmness of purpose that goes with

complete honesty. To tell deliberate lies while genuinely believing in them, to forget any fact that has become inconvenient, and then, when it becomes necessary again, to draw it back from oblivion for just so long as it is needed, to deny the existence of objective reality and all the while to take account of the reality which one denies--all this is indispensably necessary. Even in using the word DOUBLETHINK it is necessary to exercise DOUBLETHINK. For by using the word one admits that one is tampering with reality; by a fresh act of DOUBLETHINK one erases this knowledge; and so on indefinitely, with the lie always one leap ahead of the truth. Ultimately it is by means of DOUBLETHINK that the Party has been able--and may, for all we know, continue to be able for thousands of years--to arrest the course of history.

All past oligarchies have fallen from power either because they ossified or because they grew soft. Either they became stupid and arrogant, failed to adjust themselves to changing circumstances, and were overthrown; or they became liberal and cowardly, made concessions when they should have used force, and once again were overthrown. They fell, that is to say, either through consciousness or through unconsciousness. It is the

achievement of the Party to have produced a system of thought in which both conditions can exist simultaneously. And upon no other intellectual basis could the dominion of the Party be made permanent. If one is to rule, and to continue ruling, one must be able to dislocate the sense of reality. For the secret of rulership is to combine a belief in one's own infallibility with the Power to learn from past mistakes.

It need hardly be said that the subtlest practitioners of DOUBLETHINK are those who invented DOUBLETHINK and know that it is a vast system of mental cheating. In our society, those who have the best knowledge of what is happening are also those who are furthest from seeing the world as it is. In general, the greater the understanding, the greater the delusion; the more intelligent, the less sane. One clear illustration of this is the fact that war hysteria increases in intensity as one rises in the social scale. Those whose attitude towards the war is most nearly rational are the subject peoples of the disputed territories. To these people the war is simply a continuous calamity which sweeps to and fro over their bodies like a tidal wave. Which side is winning is a matter of complete indifference to them. They are aware that a change of overlordship

means simply that they will be doing the same work as before for new masters who treat them in the same manner as the old ones. The slightly more favoured workers whom we call 'the proles' are only intermittently conscious of the war. When it is necessary they can be prodded into frenzies of fear and hatred, but when left to themselves they are capable of forgetting for long periods that the war is happening. It is in the ranks of the Party, and above all of the Inner Party, that the true war enthusiasm is found. World-conquest is believed in most firmly by those who know it to be impossible. This peculiar linking-together of opposites--knowledge with ignorance, cynicism with fanaticism--is one of the chief distinguishing marks of Oceanic society. The official ideology abounds with contradictions even when there is no practical reason for them. Thus, the Party rejects and vilifies every principle for which the Socialist movement originally stood, and it chooses to do this in the name of Socialism. It preaches a contempt for the working class unexampled for centuries past, and it dresses its members in a uniform which was at one time peculiar to manual workers and was adopted for that reason. It systematically undermines the solidarity of the family, and it calls its leader by a name which

is a direct appeal to the sentiment of family loyalty. Even the names of the four Ministries by which we are governed exhibit a sort of impudence in their deliberate reversal of the facts. The Ministry of Peace concerns itself with war, the Ministry of Truth with lies, the Ministry of Love with torture and the Ministry of Plenty with starvation. These contradictions are not accidental, nor do they result from ordinary hypocrisy; they are deliberate exercises in DOUBLETHINK. For it is only by reconciling contradictions that power can be retained indefinitely. In no other way could the ancient cycle be broken. If human equality is to be forever averted--if the High, as we have called them, are to keep their places permanently--then the prevailing mental condition must be controlled insanity.

But there is one question which until this moment we have almost ignored. It is; WHY should human equality be averted? Supposing that the mechanics of the process have been rightly described, what is the motive for this huge, accurately planned effort to freeze history at a particular moment of time?

Here we reach the central secret. As we have seen. the mystique of the Party, and above all of the Inner Party, depends upon DOUBLETHINK But deeper than this

lies the original motive, the never-questioned instinct that first led to the seizure of power and brought DOUBLETHINK, the Thought Police, continuous warfare, and all the other necessary paraphernalia into existence afterwards. This motive really consists...

Winston became aware of silence, as one becomes aware of a new sound. It seemed to him that Julia had been very still for some time past. She was lying on her side, naked from the waist upwards, with her cheek pillowed on her hand and one dark lock tumbling across her eyes. Her breast rose and fell slowly and regularly.

‘Julia.’

No answer.

‘Julia, are you awake?’

No answer. She was asleep. He shut the book, put it carefully on the floor, lay down, and pulled the coverlet over both of them.

He had still, he reflected, not learned the ultimate secret. He understood HOW; he did not understand WHY. Chapter I, like Chapter III, had not actually told him anything that he did not know, it had merely systematized the knowledge that he possessed already. But after reading it he knew better than before that he was not mad. Being in a minority, even

a minority of one, did not make you mad. There was truth and there was untruth, and if you clung to the truth even against the whole world, you were not mad. A yellow beam from the sinking sun slanted in through the window and fell across the pillow. He shut his eyes. The sun on his face and the girl's smooth body touching his own gave him a strong, sleepy, confident feeling. He was safe, everything was all right. He fell asleep murmuring 'Sanity is not statistical,' with the feeling that this remark contained in it a profound wisdom.

When he woke it was with the sensation of having slept for a long time, but a glance at the old-fashioned clock told him that it was only twenty-thirty. He lay dozing for a while; then the usual deep-lunged singing struck up from the yard below:

*It was only an 'opeless fancy,
It passed like an Ipril dye,
But a look an' a word an' the dreams they stirred
They 'ave stolen my 'eart awye!*

The drivelling song seemed to have kept its popularity. You still heard it all over the place. It had outlived the Hate

Song. Julia woke at the sound, stretched herself luxuriously, and got out of bed.

'I'm hungry,' she said. 'Let's make some more coffee. Damn! The stove's gone out and the water's cold.' She picked the stove up and shook it. 'There's no oil in it.'

'We can get some from old Charrington, I expect.'

'The funny thing is I made sure it was full. I'm going to put my clothes on,' she added. 'It seems to have got colder.'

Winston also got up and dressed himself. The indefatigable voice sang on:

*'They sye that time 'eals all things,
They sye you can always forget;
But the smiles an' the tears acrorss the years
They twist my 'eart-strings yet!'*

As he fastened the belt of his overalls he strolled across to the window. The sun must have gone down behind the houses; it was not shining into the yard any longer. The flagstones were wet as though they had just been washed, and he had the feeling that the sky had been washed too, so fresh and pale was the blue between the chimney-pots. Tirelessly the woman marched to and fro, corking and uncorking herself, singing and falling silent, and pegging out

more diapers, and more and yet more. He wondered whether she took in washing for a living or was merely the slave of twenty or thirty grandchildren. Julia had come across to his side; together they gazed down with a sort of fascination at the sturdy figure below. As he looked at the woman in her characteristic attitude, her thick arms reaching up for the line, her powerful mare-like buttocks protruded, it struck him for the first time that she was beautiful. It had never before occurred to him that the body of a woman of fifty, blown up to monstrous dimensions by childbearing, then hardened, roughened by work till it was coarse in the grain like an over-ripe turnip, could be beautiful. But it was so, and after all, he thought, why not? The solid, contourless body, like a block of granite, and the rasping red skin, bore the same relation to the body of a girl as the rose-hip to the rose. Why should the fruit be held inferior to the flower?

‘She’s beautiful,’ he murmured.

‘She’s a metre across the hips, easily,’ said Julia.

‘That is her style of beauty,’ said Winston.

He held Julia’s supple waist easily encircled by his arm. From the hip to the knee her flank was against his. Out of their bodies no child would ever come. That was the one thing they could never do. Only by word of mouth, from mind to mind, could they pass on the secret. The woman

down there had no mind, she had only strong arms, a warm heart, and a fertile belly. He wondered how many children she had given birth to. It might easily be fifteen. She had had her momentary flowering, a year, perhaps, of wild-rose beauty and then she had suddenly swollen like a fertilized fruit and grown hard and red and coarse, and then her life had been laundering, scrubbing, darning, cooking, sweeping, polishing, mending, scrubbing, laundering, first for children, then for grandchildren, over thirty unbroken years. At the end of it she was still singing. The mystical reverence that he felt for her was somehow mixed up with the aspect of the pale, cloudless sky, stretching away behind the chimney-pots into interminable distance. It was curious to think that the sky was the same for everybody, in Eurasia or Eastasia as well as here. And the people under the sky were also very much the same--everywhere, all over the world, hundreds of thousands of millions of people just like this, people ignorant of one another's existence, held apart by walls of hatred and lies, and yet almost exactly the same--people who had never learned to think but who were storing up in their hearts and bellies and muscles the power that would one day overturn the world. If there was hope, it lay in the proles! Without having read to the end of THE BOOK, he knew that that must be Goldstein's final message. The future belonged to

the proles. And could he be sure that when their time came the world they constructed would not be just as alien to him, Winston Smith, as the world of the Party? Yes, because at the least it would be a world of sanity. Where there is equality there can be sanity. Sooner or later it would happen, strength would change into consciousness. The proles were immortal, you could not doubt it when you looked at that valiant figure in the yard. In the end their awakening would come. And until that happened, though it might be a thousand years, they would stay alive against all the odds, like birds, passing on from body to body the vitality which the Party did not share and could not kill.

‘Do you remember,’ he said, ‘the thrush that sang to us, that first day, at the edge of the wood?’

‘He wasn’t singing to us,’ said Julia. ‘He was singing to please himself. Not even that. He was just singing.’

The birds sang, the proles sang. The Party did not sing. All round the world, in London and New York, in Africa and Brazil, and in the mysterious, forbidden lands beyond the frontiers, in the streets of Paris and Berlin, in the villages of the endless Russian plain, in the bazaars of China and Japan—everywhere stood the same solid unconquerable figure, made monstrous by work and childbearing, toiling from birth to death and still singing. Out of those mighty loins a

race of conscious beings must one day come. You were the dead, theirs was the future. But you could share in that future if you kept alive the mind as they kept alive the body, and passed on the secret doctrine that two plus two make four.

‘We are the dead,’ he said.

‘We are the dead,’ echoed Julia dutifully.

‘You are the dead,’ said an iron voice behind them.

They sprang apart. Winston’s entrails seemed to have turned into ice. He could see the white all round the irises of Julia’s eyes. Her face had turned a milky yellow. The smear of rouge that was still on each cheekbone stood out sharply, almost as though unconnected with the skin beneath.

‘You are the dead,’ repeated the iron voice.

‘It was behind the picture,’ breathed Julia.

‘It was behind the picture,’ said the voice. ‘Remain exactly where you are. Make no movement until you are ordered.’

It was starting, it was starting at last! They could do nothing except stand gazing into one another’s eyes. To run for life, to get out of the house before it was too late--no such thought occurred to them. Unthinkable to disobey the iron voice from the wall. There was a snap as though a catch had been turned back, and a crash of breaking glass. The picture had fallen to the floor uncovering the telescreen behind it.

'Now they can see us,' said Julia.

'Now we can see you,' said the voice. 'Stand out in the middle of the room. Stand back to back. Clasp your hands behind your heads. Do not touch one another.'

They were not touching, but it seemed to him that he could feel Julia's body shaking. Or perhaps it was merely the shaking of his own. He could just stop his teeth from chattering, but his knees were beyond his control. There was a sound of trampling boots below, inside the house and outside. The yard seemed to be full of men. Something was being dragged across the stones. The woman's singing had stopped abruptly. There was a long, rolling clang, as though the washtub had been flung across the yard, and then a confusion of angry shouts which ended in a yell of pain.

'The house is surrounded,' said Winston.

'The house is surrounded,' said the voice.

He heard Julia snap her teeth together. 'I suppose we may as well say good-bye,' she said.

'You may as well say good-bye,' said the voice. And then another quite different voice, a thin, cultivated voice which Winston had the impression of having heard before, struck in; 'And by the way, while we are on the subject, "Here comes a candle to light you to bed, here comes a chopper to chop off your head"!''

Something crashed on to the bed behind Winston's back. The head of a ladder had been thrust through the window and had burst in the frame. Someone was climbing through the window. There was a stampede of boots up the stairs. The room was full of solid men in black uniforms, with iron-shod boots on their feet and truncheons in their hands.

Winston was not trembling any longer. Even his eyes he barely moved. One thing alone mattered; to keep still, to keep still and not give them an excuse to hit you! A man with a smooth prize-fighter's jowl in which the mouth was only a slit paused opposite him balancing his truncheon meditatively between thumb and forefinger. Winston met his eyes. The feeling of nakedness, with one's hands behind one's head and one's face and body all exposed, was almost unbearable. The man protruded the tip of a white tongue, licked the place where his lips should have been, and then passed on. There was another crash. Someone had picked up the glass paperweight from the table and smashed it to pieces on the hearth-stone.

The fragment of coral, a tiny crinkle of pink like a sugar rosebud from a cake, rolled across the mat. How small, thought Winston, how small it always was! There was a gasp and a thump behind him, and he received a violent kick on the ankle which nearly flung him off his balance. One of the

men had smashed his fist into Julia's solar plexus, doubling her up like a pocket ruler. She was thrashing about on the floor, fighting for breath. Winston dared not turn his head even by a millimetre, but sometimes her livid, gasping face came within the angle of his vision. Even in his terror it was as though he could feel the pain in his own body, the deadly pain which nevertheless was less urgent than the struggle to get back her breath. He knew what it was like; the terrible, agonizing pain which was there all the while but could not be suffered yet, because before all else it was necessary to be able to breathe. Then two of the men hoisted her up by knees and shoulders, and carried her out of the room like a sack. Winston had a glimpse of her face, upside down, yellow and contorted, with the eyes shut, and still with a smear of rouge on either cheek; and that was the last he saw of her.

He stood dead still. No one had hit him yet. Thoughts which came of their own accord but seemed totally uninteresting began to flit through his mind. He wondered whether they had got Mr Charrington. He wondered what they had done to the woman in the yard. He noticed that he badly wanted to urinate, and felt a faint surprise, because he had done so only two or three hours ago. He noticed that the clock on the mantelpiece said nine, meaning twenty-one. But the light seemed too strong. Would not the light be fading

at twenty-one hours on an August evening? He wondered whether after all he and Julia had mistaken the time--had slept the clock round and thought it was twenty-thirty when really it was nought eight-thirty on the following morning. But he did not pursue the thought further. It was not interesting.

There was another, lighter step in the passage. Mr Charrington came into the room. The demeanour of the black-uniformed men suddenly became more subdued. Something had also changed in Mr Charrington's appearance. His eye fell on the fragments of the glass paperweight.

'Pick up those pieces,' he said sharply.

A man stooped to obey. The cockney accent had disappeared; Winston suddenly realized whose voice it was that he had heard a few moments ago on the telescreen. Mr Charrington was still wearing his old velvet jacket, but his hair, which had been almost white, had turned black. Also he was not wearing his spectacles. He gave Winston a single sharp glance, as though verifying his identity, and then paid no more attention to him. He was still recognizable, but he was not the same person any longer. His body had straightened, and seemed to have grown bigger. His face had undergone only tiny changes that had nevertheless worked a complete transformation. The black eyebrows were less bushy, the wrinkles were gone, the whole lines of the face

seemed to have altered; even the nose seemed shorter. It was the alert, cold face of a man of about five-and-thirty. It occurred to Winston that for the first time in his life he was looking, with knowledge, at a member of the Thought Police.

PART THREE

CHAPTER 1

He did not know where he was. Presumably he was in the Ministry of Love, but there was no way of making certain. He was in a high-ceilinged windowless cell with walls of glittering white porcelain. Concealed lamps flooded it with cold light, and there was a low, steady humming sound which he supposed had something to do with the air supply. A bench, or shelf, just wide enough to sit on ran round the wall, broken only by the door and, at the end opposite the door, a lavatory pan with no wooden seat. There were four telescreens, one in each wall.

There was a dull aching in his belly. It had been there ever since they had bundled him into the closed van and driven him away. But he was also hungry, with a gnawing, unwholesome kind of hunger. It might be twenty-four hours since he had eaten, it might be thirty-six. He still did not know, probably never would know, whether it had been morning or evening when they arrested him. Since he was arrested he had not been fed.

He sat as still as he could on the narrow bench, with his hands crossed on his knee. He had already learned to sit still. If you made unexpected movements they yelled at you from the telescreen. But the craving for food was growing upon him. What he longed for above all was a piece of bread. He had an idea that there were a few breadcrumbs in the pocket of his overalls. It was even possible--he thought this because from time to time something seemed to tickle his leg--that there might be a sizeable bit of crust there. In the end the temptation to find out overcame his fear; he slipped a hand into his pocket.

'Smith!' yelled a voice from the telescreen. '6079 Smith W.! Hands out of pockets in the cells!'

He sat still again, his hands crossed on his knee. Before being brought here he had been taken to another place which must have been an ordinary prison or a temporary lock-up used by the patrols. He did not know how long he had been there; some hours at any rate; with no clocks and no daylight it was hard to gauge the time. It was a noisy, evil-smelling place. They had put him into a cell similar to the one he was now in, but filthily dirty and at all times crowded by ten or fifteen people. The majority of them were common criminals, but there were a few political prisoners among them. He had sat silent against the wall, jostled by dirty bodies, too preoccupied

by fear and the pain in his belly to take much interest in his surroundings, but still noticing the astonishing difference in demeanour between the Party prisoners and the others. The Party prisoners were always silent and terrified, but the ordinary criminals seemed to care nothing for anybody. They yelled insults at the guards, fought back fiercely when their belongings were impounded, wrote obscene words on the floor, ate smuggled food which they produced from mysterious hiding-places in their clothes, and even shouted down the telescreen when it tried to restore order. On the other hand some of them seemed to be on good terms with the guards, called them by nicknames, and tried to wheedle cigarettes through the spyhole in the door. The guards, too, treated the common criminals with a certain forbearance, even when they had to handle them roughly. There was much talk about the forced-labour camps to which most of the prisoners expected to be sent. It was 'all right' in the camps, he gathered, so long as you had good contacts and knew the ropes. There was bribery, favouritism, and racketeering of every kind, there was homosexuality and prostitution, there was even illicit alcohol distilled from potatoes. The positions of trust were given only to the common criminals, especially the gangsters and the murderers, who formed a sort of aristocracy. All the dirty jobs were done by the politicals.

There was a constant come-and-go of prisoners of every description: drug-peddlers, thieves, bandits, black-market-eers, drunks, prostitutes. Some of the drunks were so violent that the other prisoners had to combine to suppress them. An enormous wreck of a woman, aged about sixty, with great tumbling breasts and thick coils of white hair which had come down in her struggles, was carried in, kicking and shouting, by four guards, who had hold of her one at each corner. They wrenched off the boots with which she had been trying to kick them, and dumped her down across Winston's lap, almost breaking his thigh-bones. The woman hoisted herself upright and followed them out with a yell of 'F---- bastards!' Then, noticing that she was sitting on something uneven, she slid off Winston's knees on to the bench.

'Beg pardon, dearie,' she said. 'I wouldn't 'a sat on you, only the buggers put me there. They dono 'ow to treat a lady, do they?' She paused, patted her breast, and belched. 'Pardon,' she said, 'I ain't meself, quite.'

She leant forward and vomited copiously on the floor.

'Thass better,' she said, leaning back with closed eyes. 'Never keep it down, thass what I say. Get it up while it's fresh on your stomach, like.'

She revived, turned to have another look at Winston and seemed immediately to take a fancy to him. She put a

vast arm round his shoulder and drew him towards her, breathing beer and vomit into his face.

‘Wass your name, dearie?’ she said.

‘Smith,’ said Winston.

‘Smith?’ said the woman. ‘Thass funny. My name’s Smith too. Why,’ she added sentimentally, ‘I might be your mother!’

She might, thought Winston, be his mother. She was about the right age and physique, and it was probable that people changed somewhat after twenty years in a forced-labour camp.

No one else had spoken to him. To a surprising extent the ordinary criminals ignored the Party prisoners. ‘The pollITS,’ they called them, with a sort of uninterested contempt. The Party prisoners seemed terrified of speaking to anybody, and above all of speaking to one another. Only once, when two Party members, both women, were pressed close together on the bench, he overheard amid the din of voices a few hurriedly-whispered words; and in particular a reference to something called ‘room one-oh-one’, which he did not understand.

It might be two or three hours ago that they had brought him here. The dull pain in his belly never went away, but sometimes it grew better and sometimes worse, and his thoughts expanded or contracted accordingly. When it grew

worse he thought only of the pain itself, and of his desire for food. When it grew better, panic took hold of him. There were moments when he foresaw the things that would happen to him with such actuality that his heart galloped and his breath stopped. He felt the smash of truncheons on his elbows and iron-shod boots on his shins; he saw himself grovelling on the floor, screaming for mercy through broken teeth. He hardly thought of Julia. He could not fix his mind on her. He loved her and would not betray her; but that was only a fact, known as he knew the rules of arithmetic. He felt no love for her, and he hardly even wondered what was happening to her. He thought oftener of O'Brien, with a flickering hope. O'Brien might know that he had been arrested. The Brotherhood, he had said, never tried to save its members. But there was the razor blade; they would send the razor blade if they could. There would be perhaps five seconds before the guard could rush into the cell. The blade would bite into him with a sort of burning coldness, and even the fingers that held it would be cut to the bone. Everything came back to his sick body, which shrank trembling from the smallest pain. He was not certain that he would use the razor blade even if he got the chance. It was more natural to exist from moment to moment, accepting another ten minutes' life even with the certainty that there was torture at the end of it.

Sometimes he tried to calculate the number of porcelain bricks in the walls of the cell. It should have been easy, but he always lost count at some point or another. More often he wondered where he was, and what time of day it was. At one moment he felt certain that it was broad daylight outside, and at the next equally certain that it was pitch darkness. In this place, he knew instinctively, the lights would never be turned out. It was the place with no darkness: he saw now why O'Brien had seemed to recognize the allusion. In the Ministry of Love there were no windows. His cell might be at the heart of the building or against its outer wall; it might be ten floors below ground, or thirty above it. He moved himself mentally from place to place, and tried to determine by the feeling of his body whether he was perched high in the air or buried deep underground.

There was a sound of marching boots outside. The steel door opened with a clang. A young officer, a trim black-uniformed figure who seemed to glitter all over with polished leather, and whose pale, straight-featured face was like a wax mask, stepped smartly through the doorway. He motioned to the guards outside to bring in the prisoner they were leading. The poet Ampleforth shambled into the cell. The door clanged shut again.

Ampleforth made one or two uncertain movements from side to side, as though having some idea that there

was another door to go out of, and then began to wander up and down the cell. He had not yet noticed Winston's presence. His troubled eyes were gazing at the wall about a metre above the level of Winston's head. He was shoeless; large, dirty toes were sticking out of the holes in his socks. He was also several days away from a shave. A scrubby beard covered his face to the cheekbones, giving him an air of ruffianism that went oddly with his large weak frame and nervous movements.

Winston roused himself a little from his lethargy. He must speak to Ampleforth, and risk the yell from the telescreen. It was even conceivable that Ampleforth was the bearer of the razor blade.

'Ampleforth,' he said.

There was no yell from the telescreen. Ampleforth paused, mildly startled. His eyes focused themselves slowly on Winston.

'Ah, Smith!' he said. 'You too!'

'What are you in for?'

'To tell you the truth--' He sat down awkwardly on the bench opposite Winston. 'There is only one offence, is there not?' he said.

'And have you committed it?'

'Apparently I have.'

He put a hand to his forehead and pressed his temples for a moment, as though trying to remember something.

‘These things happen,’ he began vaguely. ‘I have been able to recall one instance--a possible instance. It was an indiscretion, undoubtedly. We were producing a definitive edition of the poems of Kipling. I allowed the word “God” to remain at the end of a line. I could not help it!’ he added almost indignantly, raising his face to look at Winston. ‘It was impossible to change the line. The rhyme was “rod”. Do you realize that there are only twelve rhymes to “rod” in the entire language? For days I had racked my brains. There WAS no other rhyme.’

The expression on his face changed. The annoyance passed out of it and for a moment he looked almost pleased. A sort of intellectual warmth, the joy of the pedant who has found out some useless fact, shone through the dirt and scrubby hair.

‘Has it ever occurred to you,’ he said, ‘that the whole history of English poetry has been determined by the fact that the English language lacks rhymes?’

No, that particular thought had never occurred to Winston. Nor, in the circumstances, did it strike him as very important or interesting.

‘Do you know what time of day it is?’ he said.

Ampleforth looked startled again. 'I had hardly thought about it. They arrested me--it could be two days ago--perhaps three.' His eyes flitted round the walls, as though he half expected to find a window somewhere. 'There is no difference between night and day in this place. I do not see how one can calculate the time.'

They talked desultorily for some minutes, then, without apparent reason, a yell from the telescreen bade them be silent. Winston sat quietly, his hands crossed. Ampleforth, too large to sit in comfort on the narrow bench, fidgeted from side to side, clasping his lank hands first round one knee, then round the other. The telescreen barked at him to keep still. Time passed. Twenty minutes, an hour--it was difficult to judge. Once more there was a sound of boots outside. Winston's entrails contracted. Soon, very soon, perhaps in five minutes, perhaps now, the tramp of boots would mean that his own turn had come.

The door opened. The cold-faced young officer stepped into the cell. With a brief movement of the hand he indicated Ampleforth.

'Room 101,' he said.

Ampleforth marched clumsily out between the guards, his face vaguely perturbed, but uncomprehending.

What seemed like a long time passed. The pain in Winston's belly had revived. His mind sagged round and

round on the same trick, like a ball falling again and again into the same series of slots. He had only six thoughts. The pain in his belly; a piece of bread; the blood and the screaming; O'Brien; Julia; the razor blade. There was another spasm in his entrails, the heavy boots were approaching. As the door opened, the wave of air that it created brought in a powerful smell of cold sweat. Parsons walked into the cell. He was wearing khaki shorts and a sports-shirt.

This time Winston was startled into self-forgetfulness. 'YOU here!' he said.

Parsons gave Winston a glance in which there was neither interest nor surprise, but only misery. He began walking jerkily up and down, evidently unable to keep still. Each time he straightened his pudgy knees it was apparent that they were trembling. His eyes had a wide-open, staring look, as though he could not prevent himself from gazing at something in the middle distance.

'What are you in for?' said Winston.

'Thoughtcrime!' said Parsons, almost blubbering. The tone of his voice implied at once a complete admission of his guilt and a sort of incredulous horror that such a word could be applied to himself. He paused opposite Winston and began eagerly appealing to him: 'You don't think they'll shoot me, do you, old chap? They don't shoot you if you haven't actually

done anything--only thoughts, which you can't help? I know they give you a fair hearing. Oh, I trust them for that! They'll know my record, won't they? YOU know what kind of chap I was. Not a bad chap in my way. Not brainy, of course, but keen. I tried to do my best for the Party, didn't I? I'll get off with five years, don't you think? Or even ten years? A chap like me could make himself pretty useful in a labour-camp. They wouldn't shoot me for going off the rails just once?'

'Are you guilty?' said Winston.

'Of course I'm guilty!' cried Parsons with a servile glance at the telescreen. 'You don't think the Party would arrest an innocent man, do you?' His frog-like face grew calmer, and even took on a slightly sanctimonious expression. 'Thoughtcrime is a dreadful thing, old man,' he said sententiously. 'It's insidious. It can get hold of you without your even knowing it. Do you know how it got hold of me? In my sleep! Yes, that's a fact. There I was, working away, trying to do my bit--never knew I had any bad stuff in my mind at all. And then I started talking in my sleep. Do you know what they heard me saying?'

He sank his voice, like someone who is obliged for medical reasons to utter an obscenity.

"Down with Big Brother!" Yes, I said that! Said it over and over again, it seems. Between you and me, old man,

I'm glad they got me before it went any further. Do you know what I'm going to say to them when I go up before the tribunal? "Thank you," I'm going to say, "thank you for saving me before it was too late."

'Who denounced you?' said Winston.

'It was my little daughter,' said Parsons with a sort of doleful pride. 'She listened at the keyhole. Heard what I was saying, and nipped off to the patrols the very next day. Pretty smart for a nipper of seven, eh? I don't bear her any grudge for it. In fact I'm proud of her. It shows I brought her up in the right spirit, anyway.'

He made a few more jerky movements up and down, several times, casting a longing glance at the lavatory pan. Then he suddenly ripped down his shorts.

'Excuse me, old man,' he said. 'I can't help it. It's the waiting.'

He plumped his large posterior into the lavatory pan. Winston covered his face with his hands.

'Smith!' yelled the voice from the telescreen. '6079 Smith W.! Uncover your face. No faces covered in the cells.'

Winston uncovered his face. Parsons used the lavatory, loudly and abundantly. It then turned out that the plug was defective and the cell stank abominably for hours afterwards.

Parsons was removed. More prisoners came and went, mysteriously. One, a woman, was consigned to 'Room 101',

and, Winston noticed, seemed to shrivel and turn a different colour when she heard the words. A time came when, if it had been morning when he was brought here, it would be afternoon; or if it had been afternoon, then it would be midnight. There were six prisoners in the cell, men and women. All sat very still. Opposite Winston there sat a man with a chinless, toothy face exactly like that of some large, harmless rodent. His fat, mottled cheeks were so pouched at the bottom that it was difficult not to believe that he had little stores of food tucked away there. His pale-grey eyes flitted timorously from face to face and turned quickly away again when he caught anyone's eye.

The door opened, and another prisoner was brought in whose appearance sent a momentary chill through Winston. He was a commonplace, mean-looking man who might have been an engineer or technician of some kind. But what was startling was the emaciation of his face. It was like a skull. Because of its thinness the mouth and eyes looked disproportionately large, and the eyes seemed filled with a murderous, unappeasable hatred of somebody or something.

The man sat down on the bench at a little distance from Winston. Winston did not look at him again, but the tormented, skull-like face was as vivid in his mind as though it had been straight in front of his eyes. Suddenly he realized

what was the matter. The man was dying of starvation. The same thought seemed to occur almost simultaneously to everyone in the cell. There was a very faint stirring all the way round the bench. The eyes of the chinless man kept flitting towards the skull-faced man, then turning guiltily away, then being dragged back by an irresistible attraction. Presently he began to fidget on his seat. At last he stood up, waddled clumsily across the cell, dug down into the pocket of his overalls, and, with an abashed air, held out a grimy piece of bread to the skull-faced man.

There was a furious, deafening roar from the telescreen. The chinless man jumped in his tracks. The skull-faced man had quickly thrust his hands behind his back, as though demonstrating to all the world that he refused the gift.

‘Bumstead!’ roared the voice. ‘2713 Bumstead J.! Let fall that piece of bread!’

The chinless man dropped the piece of bread on the floor.

‘Remain standing where you are,’ said the voice. ‘Face the door. Make no movement.’

The chinless man obeyed. His large pouchy cheeks were quivering uncontrollably. The door clanged open. As the young officer entered and stepped aside, there emerged from behind him a short stumpy guard with enormous arms and

shoulders. He took his stand opposite the chinless man, and then, at a signal from the officer, let free a frightful blow, with all the weight of his body behind it, full in the chinless man's mouth. The force of it seemed almost to knock him clear of the floor. His body was flung across the cell and fetched up against the base of the lavatory seat. For a moment he lay as though stunned, with dark blood oozing from his mouth and nose. A very faint whimpering or squeaking, which seemed unconscious, came out of him. Then he rolled over and raised himself unsteadily on hands and knees. Amid a stream of blood and saliva, the two halves of a dental plate fell out of his mouth.

The prisoners sat very still, their hands crossed on their knees. The chinless man climbed back into his place. Down one side of his face the flesh was darkening. His mouth had swollen into a shapeless cherry-coloured mass with a black hole in the middle of it.

From time to time a little blood dripped on to the breast of his overalls. His grey eyes still flitted from face to face, more guiltily than ever, as though he were trying to discover how much the others despised him for his humiliation.

The door opened. With a small gesture the officer indicated the skull-faced man.

'Room 101,' he said.

There was a gasp and a flurry at Winston's side. The man had actually flung himself on his knees on the floor, with his hand clasped together.

'Comrade! Officer!' he cried. 'You don't have to take me to that place! Haven't I told you everything already? What else is it you want to know? There's nothing I wouldn't confess, nothing! Just tell me what it is and I'll confess straight off. Write it down and I'll sign it--anything! Not room 101!'

'Room 101,' said the officer.

The man's face, already very pale, turned a colour Winston would not have believed possible. It was definitely, unmistakably, a shade of green.

'Do anything to me!' he yelled. 'You've been starving me for weeks. Finish it off and let me die. Shoot me. Hang me. Sentence me to twenty-five years. Is there somebody else you want me to give away? Just say who it is and I'll tell you anything you want. I don't care who it is or what you do to them. I've got a wife and three children. The biggest of them isn't six years old. You can take the whole lot of them and cut their throats in front of my eyes, and I'll stand by and watch it. But not Room 101!'

'Room 101,' said the officer.

The man looked frantically round at the other prisoners, as though with some idea that he could put another victim

in his own place. His eyes settled on the smashed face of the chinless man. He flung out a lean arm.

‘That’s the one you ought to be taking, not me!’ he shouted. ‘You didn’t hear what he was saying after they bashed his face. Give me a chance and I’ll tell you every word of it. HE’S the one that’s against the Party, not me.’ The guards stepped forward. The man’s voice rose to a shriek. ‘You didn’t hear him!’ he repeated. ‘Something went wrong with the telescreen. HE’S the one you want. Take him, not me!’

The two sturdy guards had stooped to take him by the arms. But just at this moment he flung himself across the floor of the cell and grabbed one of the iron legs that supported the bench. He had set up a wordless howling, like an animal. The guards took hold of him to wrench him loose, but he clung on with astonishing strength. For perhaps twenty seconds they were hauling at him. The prisoners sat quiet, their hands crossed on their knees, looking straight in front of them. The howling stopped; the man had no breath left for anything except hanging on. Then there was a different kind of cry. A kick from a guard’s boot had broken the fingers of one of his hands. They dragged him to his feet.

‘Room 101,’ said the officer.

The man was led out, walking unsteadily, with head sunk-en, nursing his crushed hand, all the fight had gone out of him.

A long time passed. If it had been midnight when the skull-faced man was taken away, it was morning: if morning, it was afternoon. Winston was alone, and had been alone for hours. The pain of sitting on the narrow bench was such that often he got up and walked about, unreprieved by the telescreen. The piece of bread still lay where the chinless man had dropped it. At the beginning it needed a hard effort not to look at it, but presently hunger gave way to thirst. His mouth was sticky and evil-tasting. The humming sound and the unvarying white light induced a sort of faintness, an empty feeling inside his head. He would get up because the ache in his bones was no longer bearable, and then would sit down again almost at once because he was too dizzy to make sure of staying on his feet. Whenever his physical sensations were a little under control the terror returned. Sometimes with a fading hope he thought of O'Brien and the razor blade. It was thinkable that the razor blade might arrive concealed in his food, if he were ever fed. More dimly he thought of Julia. Somewhere or other she was suffering perhaps far worse than he. She might be screaming with pain at this moment. He thought: 'If I could save Julia by doubling my own pain, would I do it? Yes, I would.' But that was merely an intellectual decision, taken because he knew that he ought to take it. He did not feel it. In this place you could not feel

anything, except pain and foreknowledge of pain. Besides, was it possible, when you were actually suffering it, to wish for any reason that your own pain should increase? But that question was not answerable yet.

The boots were approaching again. The door opened. O'Brien came in.

Winston started to his feet. The shock of the sight had driven all caution out of him. For the first time in many years he forgot the presence of the telescreen.

'They've got you too!' he cried.

'They got me a long time ago,' said O'Brien with a mild, almost regretful irony. He stepped aside. From behind him there emerged a broad-chested guard with a long black truncheon in his hand.

'You know this, Winston,' said O'Brien. 'Don't deceive yourself. You did know it--you have always known it.'

Yes, he saw now, he had always known it. But there was no time to think of that. All he had eyes for was the truncheon in the guard's hand. It might fall anywhere; on the crown, on the tip of the ear, on the upper arm, on the elbow----

The elbow! He had slumped to his knees, almost paralysed, clasping the stricken elbow with his other hand. Everything had exploded into yellow light. Inconceivable,

inconceivable that one blow could cause such pain! The light cleared and he could see the other two looking down at him. The guard was laughing at his contortions. One question at any rate was answered. Never, for any reason on earth, could you wish for an increase of pain. Of pain you could wish only one thing: that it should stop. Nothing in the world was so bad as physical pain. In the face of pain there are no heroes, no heroes, he thought over and over as he writhed on the floor, clutching uselessly at his disabled left arm.

CHAPTER 2

He was lying on something that felt like a camp bed, except that it was higher off the ground and that he was fixed down in some way so that he could not move. Light that seemed stronger than usual was falling on his face. O'Brien was standing at his side, looking down at him intently. At the other side of him stood a man in a white coat, holding a hypodermic syringe.

Even after his eyes were open he took in his surroundings only gradually. He had the impression of swimming up into this room from some quite different world, a sort of underwater world far beneath it. How long he had been down there he did not know. Since the moment when they arrested him he had not seen darkness or daylight. Besides, his memories were not continuous. There had been times when consciousness, even the sort of consciousness that one has in sleep, had stopped dead and started again after a blank interval. But whether the intervals were of days or weeks or only seconds, there was no way of knowing.

With that first blow on the elbow the nightmare had started. Later he was to realize that all that then happened was merely a preliminary, a routine interrogation to which nearly all prisoners were subjected. There was a long range of crimes--espionage, sabotage, and the like--to which everyone had to confess as a matter of course. The confession was a formality, though the torture was real. How many times he had been beaten, how long the beatings had continued, he could not remember. Always there were five or six men in black uniforms at him simultaneously. Sometimes it was fists, sometimes it was truncheons, sometimes it was steel rods, sometimes it was boots. There were times when he rolled about the floor, as shameless as an animal, writhing his body this way and that in an endless, hopeless effort to dodge the kicks, and simply inviting more and yet more kicks, in his ribs, in his belly, on his elbows, on his shins, in his groin, in his testicles, on the bone at the base of his spine. There were times when it went on and on until the cruel, wicked, unforgivable thing seemed to him not that the guards continued to beat him but that he could not force himself into losing consciousness. There were times when his nerve so forsook him that he began shouting for mercy even before the beating began, when the mere sight of a fist drawn back for a blow was enough to make him

pour forth a confession of real and imaginary crimes. There were other times when he started out with the resolve of confessing nothing, when every word had to be forced out of him between gasps of pain, and there were times when he feebly tried to compromise, when he said to himself: 'I will confess, but not yet. I must hold out till the pain becomes unbearable. Three more kicks, two more kicks, and then I will tell them what they want.' Sometimes he was beaten till he could hardly stand, then flung like a sack of potatoes on to the stone floor of a cell, left to recuperate for a few hours, and then taken out and beaten again. There were also longer periods of recovery. He remembered them dimly, because they were spent chiefly in sleep or stupor. He remembered a cell with a plank bed, a sort of shelf sticking out from the wall, and a tin wash-basin, and meals of hot soup and bread and sometimes coffee. He remembered a surly barber arriving to scrape his chin and crop his hair, and businesslike, unsympathetic men in white coats feeling his pulse, tapping his reflexes, turning up his eyelids, running harsh fingers over him in search for broken bones, and shooting needles into his arm to make him sleep.

The beatings grew less frequent, and became mainly a threat, a horror to which he could be sent back at any moment when his answers were unsatisfactory. His questioners now

were not ruffians in black uniforms but Party intellectuals, little rotund men with quick movements and flashing spectacles, who worked on him in relays over periods which lasted--he thought, he could not be sure--ten or twelve hours at a stretch. These other questioners saw to it that he was in constant slight pain, but it was not chiefly pain that they relied on. They slapped his face, wrung his ears, pulled his hair, made him stand on one leg, refused him leave to urinate, shone glaring lights in his face until his eyes ran with water; but the aim of this was simply to humiliate him and destroy his power of arguing and reasoning. Their real weapon was the merciless questioning that went on and on, hour after hour, tripping him up, laying traps for him, twisting everything that he said, convicting him at every step of lies and self-contradiction until he began weeping as much from shame as from nervous fatigue. Sometimes he would weep half a dozen times in a single session. Most of the time they screamed abuse at him and threatened at every hesitation to deliver him over to the guards again; but sometimes they would suddenly change their tune, call him comrade, appeal to him in the name of Ingsoc and Big Brother, and ask him sorrowfully whether even now he had not enough loyalty to the Party left to make him wish to undo the evil he had done. When his nerves were in rags after hours of questioning, even this appeal could reduce him

to snivelling tears. In the end the nagging voices broke him down more completely than the boots and fists of the guards. He became simply a mouth that uttered, a hand that signed, whatever was demanded of him. His sole concern was to find out what they wanted him to confess, and then confess it quickly, before the bullying started anew. He confessed to the assassination of eminent Party members, the distribution of seditious pamphlets, embezzlement of public funds, sale of military secrets, sabotage of every kind. He confessed that he had been a spy in the pay of the Eastasian government as far back as 1968. He confessed that he was a religious believer, an admirer of capitalism, and a sexual pervert. He confessed that he had murdered his wife, although he knew, and his questioners must have known, that his wife was still alive. He confessed that for years he had been in personal touch with Goldstein and had been a member of an underground organization which had included almost every human being he had ever known. It was easier to confess everything and implicate everybody. Besides, in a sense it was all true. It was true that he had been the enemy of the Party, and in the eyes of the Party there was no distinction between the thought and the deed.

There were also memories of another kind. They stood out in his mind disconnectedly, like pictures with blackness all round them.

He was in a cell which might have been either dark or light, because he could see nothing except a pair of eyes. Near at hand some kind of instrument was ticking slowly and regularly. The eyes grew larger and more luminous. Suddenly he floated out of his seat, dived into the eyes, and was swallowed up.

He was strapped into a chair surrounded by dials, under dazzling lights. A man in a white coat was reading the dials. There was a tramp of heavy boots outside. The door clanged open. The waxed-faced officer marched in, followed by two guards.

‘Room 101,’ said the officer.

The man in the white coat did not turn round. He did not look at Winston either; he was looking only at the dials.

He was rolling down a mighty corridor, a kilometre wide, full of glorious, golden light, roaring with laughter and shouting out confessions at the top of his voice. He was confessing everything, even the things he had succeeded in holding back under the torture. He was relating the entire history of his life to an audience who knew it already. With him were the guards, the other questioners, the men in white coats, O’Brien, Julia, Mr Charrington, all rolling down the corridor together and shouting with laughter. Some dreadful thing which had lain embedded in the future had somehow

been skipped over and had not happened. Everything was all right, there was no more pain, the last detail of his life was laid bare, understood, forgiven.

He was starting up from the plank bed in the half-certainty that he had heard O'Brien's voice. All through his interrogation, although he had never seen him, he had had the feeling that O'Brien was at his elbow, just out of sight. It was O'Brien who was directing everything. It was he who set the guards on to Winston and who prevented them from killing him. It was he who decided when Winston should scream with pain, when he should have a respite, when he should be fed, when he should sleep, when the drugs should be pumped into his arm. It was he who asked the questions and suggested the answers. He was the tormentor, he was the protector, he was the inquisitor, he was the friend. And once--Winston could not remember whether it was in drugged sleep, or in normal sleep, or even in a moment of wakefulness--a voice murmured in his ear: 'Don't worry, Winston; you are in my keeping. For seven years I have watched over you. Now the turning-point has come. I shall save you, I shall make you perfect.' He was not sure whether it was O'Brien's voice; but it was the same voice that had said to him, 'We shall meet in the place where there is no darkness,' in that other dream, seven years ago.

He did not remember any ending to his interrogation. There was a period of blackness and then the cell, or room, in which he now was had gradually materialized round him. He was almost flat on his back, and unable to move. His body was held down at every essential point. Even the back of his head was gripped in some manner. O'Brien was looking down at him gravely and rather sadly. His face, seen from below, looked coarse and worn, with pouches under the eyes and tired lines from nose to chin. He was older than Winston had thought him; he was perhaps forty-eight or fifty. Under his hand there was a dial with a lever on top and figures running round the face.

'I told you,' said O'Brien, 'that if we met again it would be here.'

'Yes,' said Winston.

Without any warning except a slight movement of O'Brien's hand, a wave of pain flooded his body. It was a frightening pain, because he could not see what was happening, and he had the feeling that some mortal injury was being done to him. He did not know whether the thing was really happening, or whether the effect was electrically produced; but his body was being wrenched out of shape, the joints were being slowly torn apart. Although the pain had brought the sweat out on his forehead, the worst of all

was the fear that his backbone was about to snap. He set his teeth and breathed hard through his nose, trying to keep silent as long as possible.

‘You are afraid,’ said O’Brien, watching his face, ‘that in another moment something is going to break. Your especial fear is that it will be your backbone. You have a vivid mental picture of the vertebrae snapping apart and the spinal fluid dripping out of them. That is what you are thinking, is it not, Winston?’

Winston did not answer. O’Brien drew back the lever on the dial. The wave of pain receded almost as quickly as it had come.

‘That was forty,’ said O’Brien. ‘You can see that the numbers on this dial run up to a hundred. Will you please remember, throughout our conversation, that I have it in my power to inflict pain on you at any moment and to whatever degree I choose? If you tell me any lies, or attempt to prevaricate in any way, or even fall below your usual level of intelligence, you will cry out with pain, instantly. Do you understand that?’

‘Yes,’ said Winston.

O’Brien’s manner became less severe. He resettled his spectacles thoughtfully, and took a pace or two up and down. When he spoke his voice was gentle and patient. He had the

air of a doctor, a teacher, even a priest, anxious to explain and persuade rather than to punish.

‘I am taking trouble with you, Winston,’ he said, ‘because you are worth trouble. You know perfectly well what is the matter with you. You have known it for years, though you have fought against the knowledge. You are mentally deranged. You suffer from a defective memory. You are unable to remember real events and you persuade yourself that you remember other events which never happened. Fortunately it is curable. You have never cured yourself of it, because you did not choose to. There was a small effort of the will that you were not ready to make. Even now, I am well aware, you are clinging to your disease under the impression that it is a virtue. Now we will take an example. At this moment, which power is Oceania at war with?’

‘When I was arrested, Oceania was at war with Eastasia.’

‘With Eastasia. Good. And Oceania has always been at war with Eastasia, has it not?’

Winston drew in his breath. He opened his mouth to speak and then did not speak. He could not take his eyes away from the dial.

‘The truth, please, Winston. YOUR truth. Tell me what you think you remember.’

'I remember that until only a week before I was arrested, we were not at war with Eastasia at all. We were in alliance with them. The war was against Eurasia. That had lasted for four years. Before that----'

O'Brien stopped him with a movement of the hand.

'Another example,' he said. 'Some years ago you had a very serious delusion indeed. You believed that three men, three one-time Party members named Jones, Aaronson, and Rutherford--men who were executed for treachery and sabotage after making the fullest possible confession--were not guilty of the crimes they were charged with. You believed that you had seen unmistakable documentary evidence proving that their confessions were false. There was a certain photograph about which you had a hallucination. You believed that you had actually held it in your hands. It was a photograph something like this.'

An oblong slip of newspaper had appeared between O'Brien's fingers. For perhaps five seconds it was within the angle of Winston's vision. It was a photograph, and there was no question of its identity. It was THE photograph. It was another copy of the photograph of Jones, Aaronson, and Rutherford at the party function in New York, which he had chanced upon eleven years ago and promptly destroyed. For only an instant it was before his eyes, then it was out of

sight again. But he had seen it, unquestionably he had seen it! He made a desperate, agonizing effort to wrench the top half of his body free. It was impossible to move so much as a centimetre in any direction. For the moment he had even forgotten the dial. All he wanted was to hold the photograph in his fingers again, or at least to see it.

‘It exists!’ he cried.

‘No,’ said O’Brien.

He stepped across the room. There was a memory hole in the opposite wall. O’Brien lifted the grating. Unseen, the frail slip of paper was whirling away on the current of warm air; it was vanishing in a flash of flame. O’Brien turned away from the wall.

‘Ashes,’ he said. ‘Not even identifiable ashes. Dust. It does not exist. It never existed.’

‘But it did exist! It does exist! It exists in memory. I remember it. You remember it.’

‘I do not remember it,’ said O’Brien.

Winston’s heart sank. That was doublethink. He had a feeling of deadly helplessness. If he could have been certain that O’Brien was lying, it would not have seemed to matter. But it was perfectly possible that O’Brien had really forgotten the photograph. And if so, then already he would have forgotten his denial of remembering it, and forgotten the

act of forgetting. How could one be sure that it was simple trickery? Perhaps that lunatic dislocation in the mind could really happen: that was the thought that defeated him.

O'Brien was looking down at him speculatively. More than ever he had the air of a teacher taking pains with a wayward but promising child.

'There is a Party slogan dealing with the control of the past,' he said. 'Repeat it, if you please.'

"Who controls the past controls the future: who controls the present controls the past," repeated Winston obediently.

"Who controls the present controls the past," said O'Brien, nodding his head with slow approval. 'Is it your opinion, Winston, that the past has real existence?'

Again the feeling of helplessness descended upon Winston. His eyes flitted towards the dial. He not only did not know whether 'yes' or 'no' was the answer that would save him from pain; he did not even know which answer he believed to be the true one.

O'Brien smiled faintly. 'You are no metaphysician, Winston,' he said. 'Until this moment you had never considered what is meant by existence. I will put it more precisely. Does the past exist concretely, in space? Is there somewhere or other a place, a world of solid objects, where the past is still happening?'

'No.'

'Then where does the past exist, if at all?'

'In records. It is written down.'

'In records. And----?'

'In the mind. In human memories.'

'In memory. Very well, then. We, the Party, control all records, and we control all memories. Then we control the past, do we not?'

'But how can you stop people remembering things?' cried Winston again momentarily forgetting the dial. 'It is involuntary. It is outside oneself. How can you control memory? You have not controlled mine!'

O'Brien's manner grew stern again. He laid his hand on the dial.

'On the contrary,' he said, 'YOU have not controlled it. That is what has brought you here. You are here because you have failed in humility, in self-discipline. You would not make the act of submission which is the price of sanity. You preferred to be a lunatic, a minority of one. Only the disciplined mind can see reality, Winston. You believe that reality is something objective, external, existing in its own right. You also believe that the nature of reality is self-evident. When you delude yourself into thinking that you see something, you assume that everyone else sees the same thing

as you. But I tell you, Winston, that reality is not external. Reality exists in the human mind, and nowhere else. Not in the individual mind, which can make mistakes, and in any case soon perishes: only in the mind of the Party, which is collective and immortal. Whatever the Party holds to be the truth, is truth. It is impossible to see reality except by looking through the eyes of the Party. That is the fact that you have got to relearn, Winston. It needs an act of self-destruction, an effort of the will. You must humble yourself before you can become sane.'

He paused for a few moments, as though to allow what he had been saying to sink in.

'Do you remember,' he went on, 'writing in your diary, "Freedom is the freedom to say that two plus two make four"?''

'Yes,' said Winston.

O'Brien held up his left hand, its back towards Winston, with the thumb hidden and the four fingers extended.

'How many fingers am I holding up, Winston?'

'Four.'

'And if the party says that it is not four but five--then how many?'

'Four.'

The word ended in a gasp of pain. The needle of the dial had shot up to fifty-five. The sweat had sprung out all

over Winston's body. The air tore into his lungs and issued again in deep groans which even by clenching his teeth he could not stop. O'Brien watched him, the four fingers still extended. He drew back the lever. This time the pain was only slightly eased.

'How many fingers, Winston?'

'Four.'

The needle went up to sixty.

'How many fingers, Winston?'

'Four! Four! What else can I say? Four!'

The needle must have risen again, but he did not look at it. The heavy, stern face and the four fingers filled his vision. The fingers stood up before his eyes like pillars, enormous, blurry, and seeming to vibrate, but unmistakably four.

'How many fingers, Winston?'

'Four! Stop it, stop it! How can you go on? Four! Four!'

'How many fingers, Winston?'

'Five! Five! Five!'

'No, Winston, that is no use. You are lying. You still think there are four. How many fingers, please?'

'Four! five! Four! Anything you like. Only stop it, stop the pain!'

Abruptly he was sitting up with O'Brien's arm round his shoulders. He had perhaps lost consciousness for a few

seconds. The bonds that had held his body down were loosened. He felt very cold, he was shaking uncontrollably, his teeth were chattering, the tears were rolling down his cheeks. For a moment he clung to O'Brien like a baby, curiously comforted by the heavy arm round his shoulders. He had the feeling that O'Brien was his protector, that the pain was something that came from outside, from some other source, and that it was O'Brien who would save him from it.

'You are a slow learner, Winston,' said O'Brien gently.

'How can I help it?' he blubbered. 'How can I help seeing what is in front of my eyes? Two and two are four.'

'Sometimes, Winston. Sometimes they are five. Sometimes they are three. Sometimes they are all of them at once. You must try harder. It is not easy to become sane.'

He laid Winston down on the bed. The grip of his limbs tightened again, but the pain had ebbed away and the trembling had stopped, leaving him merely weak and cold. O'Brien motioned with his head to the man in the white coat, who had stood immobile throughout the proceedings. The man in the white coat bent down and looked closely into Winston's eyes, felt his pulse, laid an ear against his chest, tapped here and there, then he nodded to O'Brien.

'Again,' said O'Brien.

The pain flowed into Winston's body. The needle must be at seventy, seventy-five. He had shut his eyes this time. He knew that the fingers were still there, and still four. All that mattered was somehow to stay alive until the spasm was over. He had ceased to notice whether he was crying out or not. The pain lessened again. He opened his eyes. O'Brien had drawn back the lever.

'How many fingers, Winston?'

'Four. I suppose there are four. I would see five if I could. I am trying to see five.'

'Which do you wish: to persuade me that you see five, or really to see them?'

'Really to see them.'

'Again,' said O'Brien.

Perhaps the needle was eighty--ninety. Winston could not intermittently remember why the pain was happening. Behind his screwed-up eyelids a forest of fingers seemed to be moving in a sort of dance, weaving in and out, disappearing behind one another and reappearing again. He was trying to count them, he could not remember why. He knew only that it was impossible to count them, and that this was somehow due to the mysterious identity between five and four. The pain died down again. When he opened his eyes it was to find that he was still seeing the same thing. Innumerable

fingers, like moving trees, were still streaming past in either direction, crossing and recrossing. He shut his eyes again.

‘How many fingers am I holding up, Winston?’

‘I don’t know. I don’t know. You will kill me if you do that again. Four, five, six--in all honesty I don’t know.’

‘Better,’ said O’Brien.

A needle slid into Winston’s arm. Almost in the same instant a blissful, healing warmth spread all through his body. The pain was already half-forgotten. He opened his eyes and looked up gratefully at O’Brien. At sight of the heavy, lined face, so ugly and so intelligent, his heart seemed to turn over. If he could have moved he would have stretched out a hand and laid it on O’Brien’s arm. He had never loved him so deeply as at this moment, and not merely because he had stopped the pain. The old feeling, that at bottom it did not matter whether O’Brien was a friend or an enemy, had come back. O’Brien was a person who could be talked to. Perhaps one did not want to be loved so much as to be understood. O’Brien had tortured him to the edge of lunacy, and in a little while, it was certain, he would send him to his death. It made no difference. In some sense that went deeper than friendship, they were intimates: somewhere or other, although the actual words might never be spoken, there was a place where they could meet and talk. O’Brien was looking

down at him with an expression which suggested that the same thought might be in his own mind. When he spoke it was in an easy, conversational tone.

‘Do you know where you are, Winston?’ he said.

‘I don’t know. I can guess. In the Ministry of Love.’

‘Do you know how long you have been here?’

‘I don’t know. Days, weeks, months--I think it is months.’

‘And why do you imagine that we bring people to this place?’

‘To make them confess.’

‘No, that is not the reason. Try again.’

‘To punish them.’

‘No!’ exclaimed O’Brien. His voice had changed extraordinarily, and his face had suddenly become both stern and animated. ‘No! Not merely to extract your confession, not to punish you. Shall I tell you why we have brought you here? To cure you! To make you sane! Will you understand, Winston, that no one whom we bring to this place ever leaves our hands uncured? We are not interested in those stupid crimes that you have committed. The Party is not interested in the overt act: the thought is all we care about. We do not merely destroy our enemies, we change them. Do you understand what I mean by that?’

He was bending over Winston. His face looked enormous because of its nearness, and hideously ugly because it was seen from below. Moreover it was filled with a sort of exaltation, a lunatic intensity. Again Winston's heart shrank. If it had been possible he would have cowered deeper into the bed. He felt certain that O'Brien was about to twist the dial out of sheer wantonness. At this moment, however, O'Brien turned away. He took a pace or two up and down. Then he continued less vehemently:

'The first thing for you to understand is that in this place there are no martyrdoms. You have read of the religious persecutions of the past. In the Middle Ages there was the Inquisition. It was a failure. It set out to eradicate heresy, and ended by perpetuating it. For every heretic it burned at the stake, thousands of others rose up. Why was that? Because the Inquisition killed its enemies in the open, and killed them while they were still unrepentant: in fact, it killed them because they were unrepentant. Men were dying because they would not abandon their true beliefs. Naturally all the glory belonged to the victim and all the shame to the Inquisitor who burned him. Later, in the twentieth century, there were the totalitarians, as they were called. There were the German Nazis and the Russian Communists. The Russians persecuted heresy more cruelly than the Inquisition

had done. And they imagined that they had learned from the mistakes of the past; they knew, at any rate, that one must not make martyrs. Before they exposed their victims to public trial, they deliberately set themselves to destroy their dignity. They wore them down by torture and solitude until they were despicable, cringing wretches, confessing whatever was put into their mouths, covering themselves with abuse, accusing and sheltering behind one another, whimpering for mercy. And yet after only a few years the same thing had happened over again. The dead men had become martyrs and their degradation was forgotten. Once again, why was it? In the first place, because the confessions that they had made were obviously extorted and untrue. We do not make mistakes of that kind. All the confessions that are uttered here are true. We make them true. And above all we do not allow the dead to rise up against us. You must stop imagining that posterity will vindicate you, Winston. Posterity will never hear of you. You will be lifted clean out from the stream of history. We shall turn you into gas and pour you into the stratosphere. Nothing will remain of you, not a name in a register, not a memory in a living brain. You will be annihilated in the past as well as in the future. You will never have existed.'

Then why bother to torture me? thought Winston, with a momentary bitterness. O'Brien checked his step as

though Winston had uttered the thought aloud. His large ugly face came nearer, with the eyes a little narrowed.

'You are thinking,' he said, 'that since we intend to destroy you utterly, so that nothing that you say or do can make the smallest difference--in that case, why do we go to the trouble of interrogating you first? That is what you were thinking, was it not?'

'Yes,' said Winston.

O'Brien smiled slightly. 'You are a flaw in the pattern, Winston. You are a stain that must be wiped out. Did I not tell you just now that we are different from the persecutors of the past? We are not content with negative obedience, nor even with the most abject submission. When finally you surrender to us, it must be of your own free will. We do not destroy the heretic because he resists us: so long as he resists us we never destroy him. We convert him, we capture his inner mind, we reshape him. We burn all evil and all illusion out of him; we bring him over to our side, not in appearance, but genuinely, heart and soul. We make him one of ourselves before we kill him. It is intolerable to us that an erroneous thought should exist anywhere in the world, however secret and powerless it may be. Even in the instant of death we cannot permit any deviation. In the old days the heretic walked to the stake still a heretic,

proclaiming his heresy, exulting in it. Even the victim of the Russian purges could carry rebellion locked up in his skull as he walked down the passage waiting for the bullet. But we make the brain perfect before we blow it out. The command of the old despotisms was "Thou shalt not". The command of the totalitarians was "Thou shalt". Our command is "THOU ART". No one whom we bring to this place ever stands out against us. Everyone is washed clean. Even those three miserable traitors in whose innocence you once believed--Jones, Aaronson, and Rutherford--in the end we broke them down. I took part in their interrogation myself. I saw them gradually worn down, whimpering, grovelling, weeping--and in the end it was not with pain or fear, only with penitence. By the time we had finished with them they were only the shells of men. There was nothing left in them except sorrow for what they had done, and love of Big Brother. It was touching to see how they loved him. They begged to be shot quickly, so that they could die while their minds were still clean.'

His voice had grown almost dreamy. The exaltation, the lunatic enthusiasm, was still in his face. He is not pretending, thought Winston, he is not a hypocrite, he believes every word he says. What most oppressed him was the consciousness of his own intellectual inferiority. He watched

the heavy yet graceful form strolling to and fro, in and out of the range of his vision. O'Brien was a being in all ways larger than himself. There was no idea that he had ever had, or could have, that O'Brien had not long ago known, examined, and rejected. His mind CONTAINED Winston's mind. But in that case how could it be true that O'Brien was mad? It must be he, Winston, who was mad. O'Brien halted and looked down at him. His voice had grown stern again.

'Do not imagine that you will save yourself, Winston, however completely you surrender to us. No one who has once gone astray is ever spared. And even if we chose to let you live out the natural term of your life, still you would never escape from us. What happens to you here is for ever. Understand that in advance. We shall crush you down to the point from which there is no coming back. Things will happen to you from which you could not recover, if you lived a thousand years. Never again will you be capable of ordinary human feeling. Everything will be dead inside you. Never again will you be capable of love, or friendship, or joy of living, or laughter, or curiosity, or courage, or integrity. You will be hollow. We shall squeeze you empty, and then we shall fill you with ourselves.'

He paused and signed to the man in the white coat. Winston was aware of some heavy piece of apparatus being

pushed into place behind his head. O'Brien had sat down beside the bed, so that his face was almost on a level with Winston's.

'Three thousand,' he said, speaking over Winston's head to the man in the white coat.

Two soft pads, which felt slightly moist, clamped themselves against Winston's temples. He quailed. There was pain coming, a new kind of pain. O'Brien laid a hand reassuringly, almost kindly, on his.

'This time it will not hurt,' he said. 'Keep your eyes fixed on mine.'

At this moment there was a devastating explosion, or what seemed like an explosion, though it was not certain whether there was any noise. There was undoubtedly a blinding flash of light. Winston was not hurt, only prostrated. Although he had already been lying on his back when the thing happened, he had a curious feeling that he had been knocked into that position. A terrific painless blow had flattened him out. Also something had happened inside his head. As his eyes regained their focus he remembered who he was, and where he was, and recognized the face that was gazing into his own; but somewhere or other there was a large patch of emptiness, as though a piece had been taken out of his brain.

'It will not last,' said O'Brien. 'Look me in the eyes. What country is Oceania at war with?'

Winston thought. He knew what was meant by Oceania and that he himself was a citizen of Oceania. He also remembered Eurasia and Eastasia; but who was at war with whom he did not know. In fact he had not been aware that there was any war.

'I don't remember.'

'Oceania is at war with Eastasia. Do you remember that now?'

'Yes.'

'Oceania has always been at war with Eastasia. Since the beginning of your life, since the beginning of the Party, since the beginning of history, the war has continued without a break, always the same war. Do you remember that?'

'Yes.'

'Eleven years ago you created a legend about three men who had been condemned to death for treachery. You pretended that you had seen a piece of paper which proved them innocent. No such piece of paper ever existed. You invented it, and later you grew to believe in it. You remember now the very moment at which you first invented it. Do you remember that?'

'Yes.'

'Just now I held up the fingers of my hand to you. You saw five fingers. Do you remember that?'

'Yes.'

O'Brien held up the fingers of his left hand, with the thumb concealed.

'There are five fingers there. Do you see five fingers?'

'Yes.'

And he did see them, for a fleeting instant, before the scenery of his mind changed. He saw five fingers, and there was no deformity. Then everything was normal again, and the old fear, the hatred, and the bewilderment came crowding back again. But there had been a moment--he did not know how long, thirty seconds, perhaps--of luminous certainty, when each new suggestion of O'Brien's had filled up a patch of emptiness and become absolute truth, and when two and two could have been three as easily as five, if that were what was needed. It had faded but before O'Brien had dropped his hand; but though he could not recapture it, he could remember it, as one remembers a vivid experience at some period of one's life when one was in effect a different person.

'You see now,' said O'Brien, 'that it is at any rate possible.'

'Yes,' said Winston.

O'Brien stood up with a satisfied air. Over to his left Winston saw the man in the white coat break an ampoule and draw back the plunger of a syringe. O'Brien turned to Winston with a smile. In almost the old manner he resettled his spectacles on his nose.

'Do you remember writing in your diary,' he said, 'that it did not matter whether I was a friend or an enemy, since I was at least a person who understood you and could be talked to? You were right. I enjoy talking to you. Your mind appeals to me. It resembles my own mind except that you happen to be insane. Before we bring the session to an end you can ask me a few questions, if you choose.'

'Any question I like?'

'Anything.' He saw that Winston's eyes were upon the dial. 'It is switched off. What is your first question?'

'What have you done with Julia?' said Winston.

O'Brien smiled again. 'She betrayed you, Winston. Immediately--unreservedly. I have seldom seen anyone come over to us so promptly. You would hardly recognize her if you saw her. All her rebelliousness, her deceit, her folly, her dirty-mindedness--everything has been burned out of her. It was a perfect conversion, a textbook case.'

'You tortured her?'

O'Brien left this unanswered. 'Next question,' he said.

'Does Big Brother exist?'

'Of course he exists. The Party exists. Big Brother is the embodiment of the Party.'

'Does he exist in the same way as I exist?'

'You do not exist,' said O'Brien.

Once again the sense of helplessness assailed him. He knew, or he could imagine, the arguments which proved his own nonexistence; but they were nonsense, they were only a play on words. Did not the statement, 'You do not exist', contain a logical absurdity? But what use was it to say so? His mind shrivelled as he thought of the unanswerable, mad arguments with which O'Brien would demolish him.

'I think I exist,' he said wearily. 'I am conscious of my own identity. I was born and I shall die. I have arms and legs. I occupy a particular point in space. No other solid object can occupy the same point simultaneously. In that sense, does Big Brother exist?'

'It is of no importance. He exists.'

'Will Big Brother ever die?'

'Of course not. How could he die? Next question.'

'Does the Brotherhood exist?'

'That, Winston, you will never know. If we choose to set you free when we have finished with you, and if you live to be ninety years old, still you will never learn whether the

answer to that question is Yes or No. As long as you live it will be an unsolved riddle in your mind.'

Winston lay silent. His breast rose and fell a little faster. He still had not asked the question that had come into his mind the first. He had got to ask it, and yet it was as though his tongue would not utter it. There was a trace of amusement in O'Brien's face. Even his spectacles seemed to wear an ironical gleam. He knows, thought Winston suddenly, he knows what I am going to ask! At the thought the words burst out of him:

'What is in Room 101?'

The expression on O'Brien's face did not change. He answered drily:

'You know what is in Room 101, Winston. Everyone knows what is in Room 101.'

He raised a finger to the man in the white coat. Evidently the session was at an end. A needle jerked into Winston's arm. He sank almost instantly into deep sleep.

CHAPTER 3

There are three stages in your reintegration,' said O'Brien. 'There is learning, there is understanding, and there is acceptance. It is time for you to enter upon the second stage.'

As always, Winston was lying flat on his back. But of late his bonds were looser. They still held him to the bed, but he could move his knees a little and could turn his head from side to side and raise his arms from the elbow. The dial, also, had grown to be less of a terror. He could evade its pangs if he was quick-witted enough: it was chiefly when he showed stupidity that O'Brien pulled the lever. Sometimes they got through a whole session without use of the dial. He could not remember how many sessions there had been. The whole process seemed to stretch out over a long, indefinite time--weeks, possibly--and the intervals between the sessions might sometimes have been days, sometimes only an hour or two.

'As you lie there,' said O'Brien, 'you have often wondered--you have even asked me--why the Ministry of Love

should expend so much time and trouble on you. And when you were free you were puzzled by what was essentially the same question. You could grasp the mechanics of the Society you lived in, but not its underlying motives. Do you remember writing in your diary, "I understand HOW: I do not understand WHY"? It was when you thought about "why" that you doubted your own sanity. You have read THE BOOK, Goldstein's book, or parts of it, at least. Did it tell you anything that you did not know already?'

'You have read it?' said Winston.

'I wrote it. That is to say, I collaborated in writing it. No book is produced individually, as you know.'

'Is it true, what it says?'

'As description, yes. The programme it sets forth is nonsense. The secret accumulation of knowledge--a gradual spread of enlightenment--ultimately a proletarian rebellion--the overthrow of the Party. You foresaw yourself that that was what it would say. It is all nonsense. The proletarians will never revolt, not in a thousand years or a million. They cannot. I do not have to tell you the reason: you know it already. If you have ever cherished any dreams of violent insurrection, you must abandon them. There is no way in which the Party can be overthrown. The rule of the Party is for ever. Make that the starting-point of your thoughts.'

He came closer to the bed. 'For ever!' he repeated. 'And now let us get back to the question of "how" and "why". You understand well enough HOW the Party maintains itself in power. Now tell me WHY we cling to power. What is our motive? Why should we want power? Go on, speak,' he added as Winston remained silent.

Nevertheless Winston did not speak for another moment or two. A feeling of weariness had overwhelmed him. The faint, mad gleam of enthusiasm had come back into O'Brien's face. He knew in advance what O'Brien would say. That the Party did not seek power for its own ends, but only for the good of the majority. That it sought power because men in the mass were frail, cowardly creatures who could not endure liberty or face the truth, and must be ruled over and systematically deceived by others who were stronger than themselves. That the choice for mankind lay between freedom and happiness, and that, for the great bulk of mankind, happiness was better. That the party was the eternal guardian of the weak, a dedicated sect doing evil that good might come, sacrificing its own happiness to that of others. The terrible thing, thought Winston, the terrible thing was that when O'Brien said this he would believe it. You could see it in his face. O'Brien knew everything. A thousand times better than Winston he knew what the world was really like,

in what degradation the mass of human beings lived and by what lies and barbarities the Party kept them there. He had understood it all, weighed it all, and it made no difference: all was justified by the ultimate purpose. What can you do, thought Winston, against the lunatic who is more intelligent than yourself, who gives your arguments a fair hearing and then simply persists in his lunacy?

‘You are ruling over us for our own good,’ he said feebly. ‘You believe that human beings are not fit to govern themselves, and therefore----’

He started and almost cried out. A pang of pain had shot through his body. O’Brien had pushed the lever of the dial up to thirty-five.

‘That was stupid, Winston, stupid!’ he said. ‘You should know better than to say a thing like that.’

He pulled the lever back and continued:

‘Now I will tell you the answer to my question. It is this. The Party seeks power entirely for its own sake. We are not interested in the good of others; we are interested solely in power. Not wealth or luxury or long life or happiness: only power, pure power. What pure power means you will understand presently. We are different from all the oligarchies of the past, in that we know what we are doing. All the others, even those who resembled ourselves, were cowards and hypocrites.

The German Nazis and the Russian Communists came very close to us in their methods, but they never had the courage to recognize their own motives. They pretended, perhaps they even believed, that they had seized power unwillingly and for a limited time, and that just round the corner there lay a paradise where human beings would be free and equal. We are not like that. We know that no one ever seizes power with the intention of relinquishing it. Power is not a means, it is an end. One does not establish a dictatorship in order to safeguard a revolution; one makes the revolution in order to establish the dictatorship. The object of persecution is persecution. The object of torture is torture. The object of power is power. Now do you begin to understand me?’

Winston was struck, as he had been struck before, by the tiredness of O’Brien’s face. It was strong and fleshy and brutal, it was full of intelligence and a sort of controlled passion before which he felt himself helpless; but it was tired. There were pouches under the eyes, the skin sagged from the cheekbones. O’Brien leaned over him, deliberately bringing the worn face nearer.

‘You are thinking,’ he said, ‘that my face is old and tired. You are thinking that I talk of power, and yet I am not even able to prevent the decay of my own body. Can you not understand, Winston, that the individual is only a cell?’

The weariness of the cell is the vigour of the organism. Do you die when you cut your fingernails?’

He turned away from the bed and began strolling up and down again, one hand in his pocket.

‘We are the priests of power,’ he said. ‘God is power. But at present power is only a word so far as you are concerned. It is time for you to gather some idea of what power means. The first thing you must realize is that power is collective. The individual only has power in so far as he ceases to be an individual. You know the Party slogan: “Freedom is Slavery”. Has it ever occurred to you that it is reversible? Slavery is freedom. Alone--free--the human being is always defeated. It must be so, because every human being is doomed to die, which is the greatest of all failures. But if he can make complete, utter submission, if he can escape from his identity, if he can merge himself in the Party so that he IS the Party, then he is all-powerful and immortal. The second thing for you to realize is that power is power over human beings. Over the body--but, above all, over the mind. Power over matter--external reality, as you would call it--is not important. Already our control over matter is absolute.’

For a moment Winston ignored the dial. He made a violent effort to raise himself into a sitting position, and merely succeeded in wrenching his body painfully.

‘But how can you control matter?’ he burst out. ‘You don’t even control the climate or the law of gravity. And there are disease, pain, death----’

O’Brien silenced him by a movement of his hand. ‘We control matter because we control the mind. Reality is inside the skull. You will learn by degrees, Winston. There is nothing that we could not do. Invisibility, levitation--anything. I could float off this floor like a soap bubble if I wish to. I do not wish to, because the Party does not wish it. You must get rid of those nineteenth-century ideas about the laws of Nature. We make the laws of Nature.’

‘But you do not! You are not even masters of this planet. What about Eurasia and Eastasia? You have not conquered them yet.’

‘Unimportant. We shall conquer them when it suits us. And if we did not, what difference would it make? We can shut them out of existence. Oceania is the world.’

‘But the world itself is only a speck of dust. And man is tiny--helpless! How long has he been in existence? For millions of years the earth was uninhabited.’

‘Nonsense. The earth is as old as we are, no older. How could it be older? Nothing exists except through human consciousness.’

‘But the rocks are full of the bones of extinct animals--mammoths and mastodons and enormous reptiles which lived here long before man was ever heard of.’

‘Have you ever seen those bones, Winston? Of course not. Nineteenth-century biologists invented them. Before man there was nothing. After man, if he could come to an end, there would be nothing. Outside man there is nothing.’

‘But the whole universe is outside us. Look at the stars! Some of them are a million light-years away. They are out of our reach for ever.’

‘What are the stars?’ said O’Brien indifferently. ‘They are bits of fire a few kilometres away. We could reach them if we wanted to. Or we could blot them out. The earth is the centre of the universe. The sun and the stars go round it.’

Winston made another convulsive movement. This time he did not say anything. O’Brien continued as though answering a spoken objection:

‘For certain purposes, of course, that is not true. When we navigate the ocean, or when we predict an eclipse, we often find it convenient to assume that the earth goes round the sun and that the stars are millions upon millions of kilometres away. But what of it? Do you suppose it is beyond us to produce a dual system of astronomy? The stars can be near or distant, according as we need them. Do you

suppose our mathematicians are unequal to that? Have you forgotten doublethink?’

Winston shrank back upon the bed. Whatever he said, the swift answer crushed him like a bludgeon. And yet he knew, he KNEW, that he was in the right. The belief that nothing exists outside your own mind--surely there must be some way of demonstrating that it was false? Had it not been exposed long ago as a fallacy? There was even a name for it, which he had forgotten. A faint smile twitched the corners of O'Brien's mouth as he looked down at him.

‘I told you, Winston,’ he said, ‘that metaphysics is not your strong point. The word you are trying to think of is solipsism. But you are mistaken. This is not solipsism. Collective solipsism, if you like. But that is a different thing: in fact, the opposite thing. All this is a digression,’ he added in a different tone. ‘The real power, the power we have to fight for night and day, is not power over things, but over men.’ He paused, and for a moment assumed again his air of a schoolmaster questioning a promising pupil: ‘How does one man assert his power over another, Winston?’

Winston thought. ‘By making him suffer,’ he said.

‘Exactly. By making him suffer. Obedience is not enough. Unless he is suffering, how can you be sure that he is obeying your will and not his own? Power is in inflicting

pain and humiliation. Power is in tearing human minds to pieces and putting them together again in new shapes of your own choosing. Do you begin to see, then, what kind of world we are creating? It is the exact opposite of the stupid hedonistic Utopias that the old reformers imagined. A world of fear and treachery and torment, a world of trampling and being trampled upon, a world which will grow not less but MORE merciless as it refines itself. Progress in our world will be progress towards more pain. The old civilizations claimed that they were founded on love or justice. Ours is founded upon hatred. In our world there will be no emotions except fear, rage, triumph, and self-abasement. Everything else we shall destroy--everything. Already we are breaking down the habits of thought which have survived from before the Revolution. We have cut the links between child and parent, and between man and man, and between man and woman. No one dares trust a wife or a child or a friend any longer. But in the future there will be no wives and no friends. Children will be taken from their mothers at birth, as one takes eggs from a hen. The sex instinct will be eradicated. Procreation will be an annual formality like the renewal of a ration card. We shall abolish the orgasm. Our neurologists are at work upon it now. There will be no loyalty, except loyalty towards the Party. There will be

no love, except the love of Big Brother. There will be no laughter, except the laugh of triumph over a defeated enemy. There will be no art, no literature, no science. When we are omnipotent we shall have no more need of science. There will be no distinction between beauty and ugliness. There will be no curiosity, no enjoyment of the process of life. All competing pleasures will be destroyed. But always--do not forget this, Winston--always there will be the intoxication of power, constantly increasing and constantly growing subtler. Always, at every moment, there will be the thrill of victory, the sensation of trampling on an enemy who is helpless. If you want a picture of the future, imagine a boot stamping on a human face--for ever.'

He paused as though he expected Winston to speak. Winston had tried to shrink back into the surface of the bed again. He could not say anything. His heart seemed to be frozen. O'Brien went on:

'And remember that it is for ever. The face will always be there to be stamped upon. The heretic, the enemy of society, will always be there, so that he can be defeated and humiliated over again. Everything that you have undergone since you have been in our hands--all that will continue, and worse. The espionage, the betrayals, the arrests, the tortures, the executions, the disappearances will never cease. It will be

a world of terror as much as a world of triumph. The more the Party is powerful, the less it will be tolerant: the weaker the opposition, the tighter the despotism. Goldstein and his heresies will live for ever. Every day, at every moment, they will be defeated, discredited, ridiculed, spat upon and yet they will always survive. This drama that I have played out with you during seven years will be played out over and over again generation after generation, always in subtler forms. Always we shall have the heretic here at our mercy, screaming with pain, broken up, contemptible--and in the end utterly penitent, saved from himself, crawling to our feet of his own accord. That is the world that we are preparing, Winston. A world of victory after victory, triumph after triumph after triumph: an endless pressing, pressing, pressing upon the nerve of power. You are beginning, I can see, to realize what that world will be like. But in the end you will do more than understand it. You will accept it, welcome it, become part of it.'

Winston had recovered himself sufficiently to speak. 'You can't!' he said weakly.

'What do you mean by that remark, Winston?'

'You could not create such a world as you have just described. It is a dream. It is impossible.'

'Why?'

'It is impossible to found a civilization on fear and hatred and cruelty. It would never endure.'

'Why not?'

'It would have no vitality. It would disintegrate. It would commit suicide.'

'Nonsense. You are under the impression that hatred is more exhausting than love. Why should it be? And if it were, what difference would that make? Suppose that we choose to wear ourselves out faster. Suppose that we quicken the tempo of human life till men are senile at thirty. Still what difference would it make? Can you not understand that the death of the individual is not death? The party is immortal.'

As usual, the voice had battered Winston into helplessness. Moreover he was in dread that if he persisted in his disagreement O'Brien would twist the dial again. And yet he could not keep silent. Feebly, without arguments, with nothing to support him except his inarticulate horror of what O'Brien had said, he returned to the attack.

'I don't know--I don't care. Somehow you will fail. Something will defeat you. Life will defeat you.'

'We control life, Winston, at all its levels. You are imagining that there is something called human nature which will be outraged by what we do and will turn against us. But we create human nature. Men are infinitely malleable. Or

perhaps you have returned to your old idea that the proletarians or the slaves will arise and overthrow us. Put it out of your mind. They are helpless, like the animals. Humanity is the Party. The others are outside--irrelevant.'

'I don't care. In the end they will beat you. Sooner or later they will see you for what you are, and then they will tear you to pieces.'

'Do you see any evidence that that is happening? Or any reason why it should?'

'No. I believe it. I KNOW that you will fail. There is something in the universe--I don't know, some spirit, some principle--that you will never overcome.'

'Do you believe in God, Winston?'

'No.'

'Then what is it, this principle that will defeat us?'

'I don't know. The spirit of Man.'

'And do you consider yourself a man?'

'Yes.'

'If you are a man, Winston, you are the last man. Your kind is extinct; we are the inheritors. Do you understand that you are ALONE? You are outside history, you are non-existent.' His manner changed and he said more harshly: 'And you consider yourself morally superior to us, with our lies and our cruelty?'

‘Yes, I consider myself superior.’

O’Brien did not speak. Two other voices were speaking. After a moment Winston recognized one of them as his own. It was a sound-track of the conversation he had had with O’Brien, on the night when he had enrolled himself in the Brotherhood. He heard himself promising to lie, to steal, to forge, to murder, to encourage drug-taking and prostitution, to disseminate venereal diseases, to throw vitriol in a child’s face. O’Brien made a small impatient gesture, as though to say that the demonstration was hardly worth making. Then he turned a switch and the voices stopped.

‘Get up from that bed,’ he said.

The bonds had loosened themselves. Winston lowered himself to the floor and stood up unsteadily.

‘You are the last man,’ said O’Brien. ‘You are the guardian of the human spirit. You shall see yourself as you are. Take off your clothes.’

Winston undid the bit of string that held his overalls together. The zip fastener had long since been wrenched out of them. He could not remember whether at any time since his arrest he had taken off all his clothes at one time. Beneath the overalls his body was looped with filthy yellowish rags, just recognizable as the remnants of underclothes. As he slid them to the ground he saw that there was a three-sided

mirror at the far end of the room. He approached it, then stopped short. An involuntary cry had broken out of him.

‘Go on,’ said O’Brien. ‘Stand between the wings of the mirror. You shall see the side view as well.’

He had stopped because he was frightened. A bowed, grey-coloured, skeleton-like thing was coming towards him. Its actual appearance was frightening, and not merely the fact that he knew it to be himself. He moved closer to the glass. The creature’s face seemed to be protruded, because of its bent carriage. A forlorn, jailbird’s face with a nobby forehead running back into a bald scalp, a crooked nose, and battered-looking cheekbones above which his eyes were fierce and watchful. The cheeks were seamed, the mouth had a drawn-in look. Certainly it was his own face, but it seemed to him that it had changed more than he had changed inside. The emotions it registered would be different from the ones he felt. He had gone partially bald. For the first moment he had thought that he had gone grey as well, but it was only the scalp that was grey. Except for his hands and a circle of his face, his body was grey all over with ancient, ingrained dirt. Here and there under the dirt there were the red scars of wounds, and near the ankle the varicose ulcer was an inflamed mass with flakes of skin peeling off it. But the truly frightening thing was the emaciation of his body.

The barrel of the ribs was as narrow as that of a skeleton: the legs had shrunk so that the knees were thicker than the thighs. He saw now what O'Brien had meant about seeing the side view. The curvature of the spine was astonishing. The thin shoulders were hunched forward so as to make a cavity of the chest, the scraggy neck seemed to be bending double under the weight of the skull. At a guess he would have said that it was the body of a man of sixty, suffering from some malignant disease.

'You have thought sometimes,' said O'Brien, 'that my face--the face of a member of the Inner Party--looks old and worn. What do you think of your own face?'

He seized Winston's shoulder and spun him round so that he was facing him.

'Look at the condition you are in!' he said. 'Look at this filthy grime all over your body. Look at the dirt between your toes. Look at that disgusting running sore on your leg. Do you know that you stink like a goat? Probably you have ceased to notice it. Look at your emaciation. Do you see? I can make my thumb and forefinger meet round your bicep. I could snap your neck like a carrot. Do you know that you have lost twenty-five kilograms since you have been in our hands? Even your hair is coming out in handfuls. Look!' He plucked at Winston's head and brought away a tuft of hair.

‘Open your mouth. Nine, ten, eleven teeth left. How many had you when you came to us? And the few you have left are dropping out of your head. Look here!’

He seized one of Winston’s remaining front teeth between his powerful thumb and forefinger. A twinge of pain shot through Winston’s jaw. O’Brien had wrenched the loose tooth out by the roots. He tossed it across the cell.

‘You are rotting away,’ he said; ‘you are falling to pieces. What are you? A bag of filth. Now turn around and look into that mirror again. Do you see that thing facing you? That is the last man. If you are human, that is humanity. Now put your clothes on again.’

Winston began to dress himself with slow stiff movements. Until now he had not seemed to notice how thin and weak he was. Only one thought stirred in his mind: that he must have been in this place longer than he had imagined. Then suddenly as he fixed the miserable rags round himself a feeling of pity for his ruined body overcame him. Before he knew what he was doing he had collapsed on to a small stool that stood beside the bed and burst into tears. He was aware of his ugliness, his gracelessness, a bundle of bones in filthy underclothes sitting weeping in the harsh white light: but he could not stop himself. O’Brien laid a hand on his shoulder, almost kindly.

'It will not last for ever,' he said. 'You can escape from it whenever you choose. Everything depends on yourself.'

'You did it!' sobbed Winston. 'You reduced me to this state.'

'No, Winston, you reduced yourself to it. This is what you accepted when you set yourself up against the Party. It was all contained in that first act. Nothing has happened that you did not foresee.'

He paused, and then went on:

'We have beaten you, Winston. We have broken you up. You have seen what your body is like. Your mind is in the same state. I do not think there can be much pride left in you. You have been kicked and flogged and insulted, you have screamed with pain, you have rolled on the floor in your own blood and vomit. You have whimpered for mercy, you have betrayed everybody and everything. Can you think of a single degradation that has not happened to you?'

Winston had stopped weeping, though the tears were still oozing out of his eyes. He looked up at O'Brien.

'I have not betrayed Julia,' he said.

O'Brien looked down at him thoughtfully. 'No,' he said; 'no; that is perfectly true. You have not betrayed Julia.'

The peculiar reverence for O'Brien, which nothing seemed able to destroy, flooded Winston's heart again. How

intelligent, he thought, how intelligent! Never did O'Brien fail to understand what was said to him. Anyone else on earth would have answered promptly that he HAD betrayed Julia. For what was there that they had not screwed out of him under the torture? He had told them everything he knew about her, her habits, her character, her past life; he had confessed in the most trivial detail everything that had happened at their meetings, all that he had said to her and she to him, their black-market meals, their adulteries, their vague plottings against the Party--everything. And yet, in the sense in which he intended the word, he had not betrayed her. He had not stopped loving her; his feelings towards her had remained the same. O'Brien had seen what he meant without the need for explanation.

'Tell me,' he said, 'how soon will they shoot me?'

'It might be a long time,' said O'Brien. 'You are a difficult case. But don't give up hope. Everyone is cured sooner or later. In the end we shall shoot you.'

CHAPTER 4

He was much better. He was growing fatter and stronger every day, if it was proper to speak of days.

The white light and the humming sound were the same as ever, but the cell was a little more comfortable than the others he had been in. There was a pillow and a mattress on the plank bed, and a stool to sit on. They had given him a bath, and they allowed him to wash himself fairly frequently in a tin basin. They even gave him warm water to wash with. They had given him new underclothes and a clean suit of overalls. They had dressed his varicose ulcer with soothing ointment. They had pulled out the remnants of his teeth and given him a new set of dentures.

Weeks or months must have passed. It would have been possible now to keep count of the passage of time, if he had felt any interest in doing so, since he was being fed at what appeared to be regular intervals. He was getting, he judged, three meals in the twenty-four hours; sometimes he

wondered dimly whether he was getting them by night or by day. The food was surprisingly good, with meat at every third meal. Once there was even a packet of cigarettes. He had no matches, but the never-speaking guard who brought his food would give him a light. The first time he tried to smoke it made him sick, but he persevered, and spun the packet out for a long time, smoking half a cigarette after each meal.

They had given him a white slate with a stump of pencil tied to the corner. At first he made no use of it. Even when he was awake he was completely torpid. Often he would lie from one meal to the next almost without stirring, sometimes asleep, sometimes waking into vague reveries in which it was too much trouble to open his eyes. He had long grown used to sleeping with a strong light on his face. It seemed to make no difference, except that one's dreams were more coherent. He dreamed a great deal all through this time, and they were always happy dreams. He was in the Golden Country, or he was sitting among enormous glorious, sunlit ruins, with his mother, with Julia, with O'Brien--not doing anything, merely sitting in the sun, talking of peaceful things. Such thoughts as he had when he was awake were mostly about his dreams. He seemed to have lost the power of intellectual effort, now that the stimulus of pain had been removed. He was not bored, he had no desire

for conversation or distraction. Merely to be alone, not to be beaten or questioned, to have enough to eat, and to be clean all over, was completely satisfying.

By degrees he came to spend less time in sleep, but he still felt no impulse to get off the bed. All he cared for was to lie quiet and feel the strength gathering in his body. He would finger himself here and there, trying to make sure that it was not an illusion that his muscles were growing rounder and his skin tauter. Finally it was established beyond a doubt that he was growing fatter; his thighs were now definitely thicker than his knees. After that, reluctantly at first, he began exercising himself regularly. In a little while he could walk three kilometres, measured by pacing the cell, and his bowed shoulders were growing straighter. He attempted more elaborate exercises, and was astonished and humiliated to find what things he could not do. He could not move out of a walk, he could not hold his stool out at arm's length, he could not stand on one leg without falling over. He squatted down on his heels, and found that with agonizing pains in thigh and calf he could just lift himself to a standing position. He lay flat on his belly and tried to lift his weight by his hands. It was hopeless, he could not raise himself a centimetre. But after a few more days--a few more mealtimes--even that feat was accomplished. A time came

when he could do it six times running. He began to grow actually proud of his body, and to cherish an intermittent belief that his face also was growing back to normal. Only when he chanced to put his hand on his bald scalp did he remember the seamed, ruined face that had looked back at him out of the mirror.

His mind grew more active. He sat down on the plank bed, his back against the wall and the slate on his knees, and set to work deliberately at the task of re-educating himself.

He had capitulated, that was agreed. In reality, as he saw now, he had been ready to capitulate long before he had taken the decision. From the moment when he was inside the Ministry of Love--and yes, even during those minutes when he and Julia had stood helpless while the iron voice from the telescreen told them what to do--he had grasped the frivolity, the shallowness of his attempt to set himself up against the power of the Party. He knew now that for seven years the Thought Police had watched him like a beetle under a magnifying glass. There was no physical act, no word spoken aloud, that they had not noticed, no train of thought that they had not been able to infer. Even the speck of whitish dust on the cover of his diary they had carefully replaced. They had played sound-tracks to him, shown him photographs. Some of them were photographs of Julia and

himself. Yes, even... He could not fight against the Party any longer. Besides, the Party was in the right. It must be so; how could the immortal, collective brain be mistaken? By what external standard could you check its judgements? Sanity was statistical. It was merely a question of learning to think as they thought. Only----!

The pencil felt thick and awkward in his fingers. He began to write down the thoughts that came into his head. He wrote first in large clumsy capitals:

FREEDOM IS SLAVERY

Then almost without a pause he wrote beneath it:

TWO AND TWO MAKE FIVE

But then there came a sort of check. His mind, as though shying away from something, seemed unable to concentrate. He knew that he knew what came next, but for the moment he could not recall it. When he did recall it, it was only by consciously reasoning out what it must be: it did not come of its own accord. He wrote:

GOD IS POWER

He accepted everything. The past was alterable. The past never had been altered. Oceania was at war with Eastasia. Oceania had always been at war with Eastasia. Jones, Aaronson, and Rutherford were guilty of the crimes they were charged with. He had never seen the photograph that disproved their guilt. It had never existed, he had invented it. He remembered remembering contrary things, but those were false memories, products of self-deception. How easy it all was! Only surrender, and everything else followed. It was like swimming against a current that swept you backwards however hard you struggled, and then suddenly deciding to turn round and go with the current instead of opposing it. Nothing had changed except your own attitude: the predestined thing happened in any case. He hardly knew why he had ever rebelled. Everything was easy, except----!

Anything could be true. The so-called laws of Nature were nonsense. The law of gravity was nonsense. 'If I wished,' O'Brien had said, 'I could float off this floor like a soap bubble.' Winston worked it out. 'If he THINKS he floats off the floor, and if I simultaneously THINK I see him do it, then the thing happens.' Suddenly, like a lump of submerged wreckage breaking the surface of water, the thought burst into his mind: 'It doesn't really happen. We imagine it. It is hallucination.' He pushed the thought under instantly. The

fallacy was obvious. It presupposed that somewhere or other, outside oneself, there was a 'real' world where 'real' things happened. But how could there be such a world? What knowledge have we of anything, save through our own minds? All happenings are in the mind. Whatever happens in all minds, truly happens.

He had no difficulty in disposing of the fallacy, and he was in no danger of succumbing to it. He realized, nevertheless, that it ought never to have occurred to him. The mind should develop a blind spot whenever a dangerous thought presented itself. The process should be automatic, instinctive. CRIMESTOP, they called it in Newspeak.

He set to work to exercise himself in crimestop. He presented himself with propositions--'the Party says the earth is flat', 'the party says that ice is heavier than water'--and trained himself in not seeing or not understanding the arguments that contradicted them. It was not easy. It needed great powers of reasoning and improvisation. The arithmetical problems raised, for instance, by such a statement as 'two and two make five' were beyond his intellectual grasp. It needed also a sort of athleticism of mind, an ability at one moment to make the most delicate use of logic and at the next to be unconscious of the crudest logical errors. Stupidity was as necessary as intelligence, and as difficult to attain.

All the while, with one part of his mind, he wondered how soon they would shoot him. 'Everything depends on yourself,' O'Brien had said; but he knew that there was no conscious act by which he could bring it nearer. It might be ten minutes hence, or ten years. They might keep him for years in solitary confinement, they might send him to a labour-camp, they might release him for a while, as they sometimes did. It was perfectly possible that before he was shot the whole drama of his arrest and interrogation would be enacted all over again. The one certain thing was that death never came at an expected moment. The tradition--the unspoken tradition: somehow you knew it, though you never heard it said--was that they shot you from behind; always in the back of the head, without warning, as you walked down a corridor from cell to cell.

One day--but 'one day' was not the right expression; just as probably it was in the middle of the night: once--he fell into a strange, blissful reverie. He was walking down the corridor, waiting for the bullet. He knew that it was coming in another moment. Everything was settled, smoothed out, reconciled. There were no more doubts, no more arguments, no more pain, no more fear. His body was healthy and strong. He walked easily, with a joy of movement and with a feeling of walking in sunlight. He

was not any longer in the narrow white corridors in the Ministry of Love, he was in the enormous sunlit passage, a kilometre wide, down which he had seemed to walk in the delirium induced by drugs. He was in the Golden Country, following the foot-track across the old rabbit-cropped pasture. He could feel the short springy turf under his feet and the gentle sunshine on his face. At the edge of the field were the elm trees, faintly stirring, and somewhere beyond that was the stream where the dace lay in the green pools under the willows.

Suddenly he started up with a shock of horror. The sweat broke out on his backbone. He had heard himself cry aloud:

‘Julia! Julia! Julia, my love! Julia!’

For a moment he had had an overwhelming hallucination of her presence. She had seemed to be not merely with him, but inside him. It was as though she had got into the texture of his skin. In that moment he had loved her far more than he had ever done when they were together and free. Also he knew that somewhere or other she was still alive and needed his help.

He lay back on the bed and tried to compose himself. What had he done? How many years had he added to his servitude by that moment of weakness?

In another moment he would hear the tramp of boots outside. They could not let such an outburst go unpunished. They would know now, if they had not known before, that he was breaking the agreement he had made with them. He obeyed the Party, but he still hated the Party. In the old days he had hidden a heretical mind beneath an appearance of conformity. Now he had retreated a step further: in the mind he had surrendered, but he had hoped to keep the inner heart inviolate. He knew that he was in the wrong, but he preferred to be in the wrong. They would understand that--O'Brien would understand it. It was all confessed in that single foolish cry.

He would have to start all over again. It might take years. He ran a hand over his face, trying to familiarize himself with the new shape. There were deep furrows in the cheeks, the cheekbones felt sharp, the nose flattened. Besides, since last seeing himself in the glass he had been given a complete new set of teeth. It was not easy to preserve inscrutability when you did not know what your face looked like. In any case, mere control of the features was not enough. For the first time he perceived that if you want to keep a secret you must also hide it from yourself. You must know all the while that it is there, but until it is needed you must never let it emerge into your consciousness in any shape that could be given a

name. From now onwards he must not only think right; he must feel right, dream right. And all the while he must keep his hatred locked up inside him like a ball of matter which was part of himself and yet unconnected with the rest of him, a kind of cyst.

One day they would decide to shoot him. You could not tell when it would happen, but a few seconds beforehand it should be possible to guess. It was always from behind, walking down a corridor. Ten seconds would be enough. In that time the world inside him could turn over. And then suddenly, without a word uttered, without a check in his step, without the changing of a line in his face--suddenly the camouflage would be down and bang! would go the batteries of his hatred. Hatred would fill him like an enormous roaring flame. And almost in the same instant bang! would go the bullet, too late, or too early. They would have blown his brain to pieces before they could reclaim it. The heretical thought would be unpunished, unrepented, out of their reach for ever. They would have blown a hole in their own perfection. To die hating them, that was freedom.

He shut his eyes. It was more difficult than accepting an intellectual discipline. It was a question of degrading himself, mutilating himself. He had got to plunge into the filthiest of filth. What was the most horrible, sickening thing of all? He

thought of Big Brother. The enormous face (because of constantly seeing it on posters he always thought of it as being a metre wide), with its heavy black moustache and the eyes that followed you to and fro, seemed to float into his mind of its own accord. What were his true feelings towards Big Brother?

There was a heavy tramp of boots in the passage. The steel door swung open with a clang. O'Brien walked into the cell. Behind him were the waxen-faced officer and the black-uniformed guards.

'Get up,' said O'Brien. 'Come here.'

Winston stood opposite him. O'Brien took Winston's shoulders between his strong hands and looked at him closely.

'You have had thoughts of deceiving me,' he said. 'That was stupid. Stand up straighter. Look me in the face.'

He paused, and went on in a gentler tone:

'You are improving. Intellectually there is very little wrong with you. It is only emotionally that you have failed to make progress. Tell me, Winston--and remember, no lies: you know that I am always able to detect a lie--tell me, what are your true feelings towards Big Brother?'

'I hate him.'

'You hate him. Good. Then the time has come for you to take the last step. You must love Big Brother. It is not enough to obey him: you must love him.'

He released Winston with a little push towards the guards.

'Room 101,' he said.

CHAPTER 5

At each stage of his imprisonment he had known, or seemed to know, whereabouts he was in the windowless building. Possibly there were slight differences in the air pressure. The cells where the guards had beaten him were below ground level. The room where he had been interrogated by O'Brien was high up near the roof. This place was many metres underground, as deep down as it was possible to go.

It was bigger than most of the cells he had been in. But he hardly noticed his surroundings. All he noticed was that there were two small tables straight in front of him, each covered with green baize. One was only a metre or two from him, the other was further away, near the door. He was strapped upright in a chair, so tightly that he could move nothing, not even his head. A sort of pad gripped his head from behind, forcing him to look straight in front of him.

For a moment he was alone, then the door opened and O'Brien came in.

‘You asked me once,’ said O’Brien, ‘what was in Room 101. I told you that you knew the answer already. Everyone knows it. The thing that is in Room 101 is the worst thing in the world.’

The door opened again. A guard came in, carrying something made of wire, a box or basket of some kind. He set it down on the further table. Because of the position in which O’Brien was standing, Winston could not see what the thing was.

‘The worst thing in the world,’ said O’Brien, ‘varies from individual to individual. It may be burial alive, or death by fire, or by drowning, or by impalement, or fifty other deaths. There are cases where it is some quite trivial thing, not even fatal.’

He had moved a little to one side, so that Winston had a better view of the thing on the table. It was an oblong wire cage with a handle on top for carrying it by. Fixed to the front of it was something that looked like a fencing mask, with the concave side outwards. Although it was three or four metres away from him, he could see that the cage was divided lengthways into two compartments, and that there was some kind of creature in each. They were rats.

‘In your case,’ said O’Brien, ‘the worst thing in the world happens to be rats.’

A sort of premonitory tremor, a fear of he was not certain what, had passed through Winston as soon as he caught his first glimpse of the cage. But at this moment the meaning of the mask-like attachment in front of it suddenly sank into him. His bowels seemed to turn to water.

‘You can’t do that!’ he cried out in a high cracked voice. ‘You couldn’t, you couldn’t! It’s impossible.’

‘Do you remember,’ said O’Brien, ‘the moment of panic that used to occur in your dreams? There was a wall of blackness in front of you, and a roaring sound in your ears. There was something terrible on the other side of the wall. You knew that you knew what it was, but you dared not drag it into the open. It was the rats that were on the other side of the wall.’

‘O’Brien!’ said Winston, making an effort to control his voice. ‘You know this is not necessary. What is it that you want me to do?’

O’Brien made no direct answer. When he spoke it was in the schoolmasterish manner that he sometimes affected. He looked thoughtfully into the distance, as though he were addressing an audience somewhere behind Winston’s back.

‘By itself,’ he said, ‘pain is not always enough. There are occasions when a human being will stand out against pain, even to the point of death. But for everyone there is

something unendurable--something that cannot be contemplated. Courage and cowardice are not involved. If you are falling from a height it is not cowardly to clutch at a rope. If you have come up from deep water it is not cowardly to fill your lungs with air. It is merely an instinct which cannot be destroyed. It is the same with the rats. For you, they are unendurable. They are a form of pressure that you cannot withstand, even if you wished to. You will do what is required of you.'

'But what is it, what is it? How can I do it if I don't know what it is?'

O'Brien picked up the cage and brought it across to the nearer table. He set it down carefully on the baize cloth. Winston could hear the blood singing in his ears. He had the feeling of sitting in utter loneliness. He was in the middle of a great empty plain, a flat desert drenched with sunlight, across which all sounds came to him out of immense distances. Yet the cage with the rats was not two metres away from him. They were enormous rats. They were at the age when a rat's muzzle grows blunt and fierce and his fur brown instead of grey.

'The rat,' said O'Brien, still addressing his invisible audience, 'although a rodent, is carnivorous. You are aware of that. You will have heard of the things that happen in the

poor quarters of this town. In some streets a woman dare not leave her baby alone in the house, even for five minutes. The rats are certain to attack it. Within quite a small time they will strip it to the bones. They also attack sick or dying people. They show astonishing intelligence in knowing when a human being is helpless.'

There was an outburst of squeals from the cage. It seemed to reach Winston from far away. The rats were fighting; they were trying to get at each other through the partition. He heard also a deep groan of despair. That, too, seemed to come from outside himself.

O'Brien picked up the cage, and, as he did so, pressed something in it. There was a sharp click. Winston made a frantic effort to tear himself loose from the chair. It was hopeless; every part of him, even his head, was held immovably. O'Brien moved the cage nearer. It was less than a metre from Winston's face.

'I have pressed the first lever,' said O'Brien. 'You understand the construction of this cage. The mask will fit over your head, leaving no exit. When I press this other lever, the door of the cage will slide up. These starving brutes will shoot out of it like bullets. Have you ever seen a rat leap through the air? They will leap on to your face and bore straight into it. Sometimes they attack the eyes first.'

Sometimes they burrow through the cheeks and devour the tongue.'

The cage was nearer; it was closing in. Winston heard a succession of shrill cries which appeared to be occurring in the air above his head. But he fought furiously against his panic. To think, to think, even with a split second left--to think was the only hope. Suddenly the foul musty odour of the brutes struck his nostrils. There was a violent convulsion of nausea inside him, and he almost lost consciousness. Everything had gone black. For an instant he was insane, a screaming animal. Yet he came out of the blackness clutching an idea. There was one and only one way to save himself. He must interpose another human being, the BODY of another human being, between himself and the rats.

The circle of the mask was large enough now to shut out the vision of anything else. The wire door was a couple of hand-spans from his face. The rats knew what was coming now. One of them was leaping up and down, the other, an old scaly grandfather of the sewers, stood up, with his pink hands against the bars, and fiercely sniffed the air. Winston could see the whiskers and the yellow teeth. Again the black panic took hold of him. He was blind, helpless, mindless.

'It was a common punishment in Imperial China,' said O'Brien as didactically as ever.

The mask was closing on his face. The wire brushed his cheek. And then--no, it was not relief, only hope, a tiny fragment of hope. Too late, perhaps too late. But he had suddenly understood that in the whole world there was just ONE person to whom he could transfer his punishment--ONE body that he could thrust between himself and the rats. And he was shouting frantically, over and over.

'Do it to Julia! Do it to Julia! Not me! Julia! I don't care what you do to her. Tear her face off, strip her to the bones. Not me! Julia! Not me!'

He was falling backwards, into enormous depths, away from the rats. He was still strapped in the chair, but he had fallen through the floor, through the walls of the building, through the earth, through the oceans, through the atmosphere, into outer space, into the gulfs between the stars--always away, away, away from the rats. He was light years distant, but O'Brien was still standing at his side. There was still the cold touch of wire against his cheek. But through the darkness that enveloped him he heard another metallic click, and knew that the cage door had clicked shut and not open.

CHAPTER 6

The Chestnut Tree was almost empty. A ray of sunlight slanting through a window fell on dusty table-tops. It was the lonely hour of fifteen. A tinny music trickled from the telescreens.

Winston sat in his usual corner, gazing into an empty glass. Now and again he glanced up at a vast face which eyed him from the opposite wall. BIG BROTHER IS WATCHING YOU, the caption said. Unbidden, a waiter came and filled his glass up with Victory Gin, shaking into it a few drops from another bottle with a quill through the cork. It was saccharine flavoured with cloves, the speciality of the cafe.

Winston was listening to the telescreen. At present only music was coming out of it, but there was a possibility that at any moment there might be a special bulletin from the Ministry of Peace. The news from the African front was disquieting in the extreme. On and off he had been worrying about it all day. A Eurasian army (Oceania was at war with Eurasia: Oceania had always been at war with Eurasia) was

moving southward at terrifying speed. The mid-day bulletin had not mentioned any definite area, but it was probable that already the mouth of the Congo was a battlefield. Brazzaville and Leopoldville were in danger. One did not have to look at the map to see what it meant. It was not merely a question of losing Central Africa: for the first time in the whole war, the territory of Oceania itself was menaced.

A violent emotion, not fear exactly but a sort of undifferentiated excitement, flared up in him, then faded again. He stopped thinking about the war. In these days he could never fix his mind on any one subject for more than a few moments at a time. He picked up his glass and drained it at a gulp. As always, the gin made him shudder and even retch slightly. The stuff was horrible. The cloves and saccharine, themselves disgusting enough in their sickly way, could not disguise the flat oily smell; and what was worst of all was that the smell of gin, which dwelt with him night and day, was inextricably mixed up in his mind with the smell of those---

He never named them, even in his thoughts, and so far as it was possible he never visualized them. They were something that he was half-aware of, hovering close to his face, a smell that clung to his nostrils. As the gin rose in him he belched through purple lips. He had grown fatter since they released him, and had regained his old colour--indeed, more than

regained it. His features had thickened, the skin on nose and cheekbones was coarsely red, even the bald scalp was too deep a pink. A waiter, again unbidden, brought the chessboard and the current issue of 'The Times', with the page turned down at the chess problem. Then, seeing that Winston's glass was empty, he brought the gin bottle and filled it. There was no need to give orders. They knew his habits. The chessboard was always waiting for him, his corner table was always reserved; even when the place was full he had it to himself, since nobody cared to be seen sitting too close to him. He never even bothered to count his drinks. At irregular intervals they presented him with a dirty slip of paper which they said was the bill, but he had the impression that they always undercharged him. It would have made no difference if it had been the other way about. He had always plenty of money nowadays. He even had a job, a sinecure, more highly-paid than his old job had been.

The music from the telescreen stopped and a voice took over. Winston raised his head to listen. No bulletins from the front, however. It was merely a brief announcement from the Ministry of Plenty. In the preceding quarter, it appeared, the Tenth Three-Year Plan's quota for bootlaces had been overfulfilled by 98 per cent.

He examined the chess problem and set out the pieces. It was a tricky ending, involving a couple of knights. 'White

to play and mate in two moves.' Winston looked up at the portrait of Big Brother. White always mates, he thought with a sort of cloudy mysticism. Always, without exception, it is so arranged. In no chess problem since the beginning of the world has black ever won. Did it not symbolize the eternal, unvarying triumph of Good over Evil? The huge face gazed back at him, full of calm power. White always mates.

The voice from the telescreen paused and added in a different and much graver tone: 'You are warned to stand by for an important announcement at fifteen-thirty. Fifteen-thirty! This is news of the highest importance. Take care not to miss it. Fifteen-thirty!' The tinkling music struck up again.

Winston's heart stirred. That was the bulletin from the front; instinct told him that it was bad news that was coming. All day, with little spurts of excitement, the thought of a smashing defeat in Africa had been in and out of his mind. He seemed actually to see the Eurasian army swarming across the never-broken frontier and pouring down into the tip of Africa like a column of ants. Why had it not been possible to outflank them in some way? The outline of the West African coast stood out vividly in his mind. He picked up the white knight and moved it across the board. THERE was the proper spot. Even while he saw the black horde racing southward he saw another force, mysteriously assembled,

suddenly planted in their rear, cutting their communications by land and sea. He felt that by willing it he was bringing that other force into existence. But it was necessary to act quickly. If they could get control of the whole of Africa, if they had airfields and submarine bases at the Cape, it would cut Oceania in two. It might mean anything: defeat, breakdown, the redivision of the world, the destruction of the Party! He drew a deep breath. An extraordinary medley of feeling--but it was not a medley, exactly; rather it was successive layers of feeling, in which one could not say which layer was undermost--struggled inside him.

The spasm passed. He put the white knight back in its place, but for the moment he could not settle down to serious study of the chess problem. His thoughts wandered again. Almost unconsciously he traced with his finger in the dust on the table:

$$2+2=5$$

‘They can’t get inside you,’ she had said. But they could get inside you. ‘What happens to you here is FOR EVER,’ O’Brien had said. That was a true word. There were things, your own acts, from which you could never recover. Something was killed in your breast: burnt out, cauterized out.

He had seen her; he had even spoken to her. There was no danger in it. He knew as though instinctively that they now

took almost no interest in his doings. He could have arranged to meet her a second time if either of them had wanted to. Actually it was by chance that they had met. It was in the Park, on a vile, biting day in March, when the earth was like iron and all the grass seemed dead and there was not a bud anywhere except a few crocuses which had pushed themselves up to be dismembered by the wind. He was hurrying along with frozen hands and watering eyes when he saw her not ten metres away from him. It struck him at once that she had changed in some ill-defined way. They almost passed one another without a sign, then he turned and followed her, not very eagerly. He knew that there was no danger, nobody would take any interest in him. She did not speak. She walked obliquely away across the grass as though trying to get rid of him, then seemed to resign herself to having him at her side. Presently they were in among a clump of ragged leafless shrubs, useless either for concealment or as protection from the wind. They halted. It was vilely cold. The wind whistled through the twigs and fretted the occasional, dirty-looking crocuses. He put his arm round her waist.

There was no telescreen, but there must be hidden microphones: besides, they could be seen. It did not matter, nothing mattered. They could have lain down on the ground and done THAT if they had wanted to. His flesh froze with

horror at the thought of it. She made no response whatever to the clasp of his arm; she did not even try to disengage herself. He knew now what had changed in her. Her face was sallow, and there was a long scar, partly hidden by the hair, across her forehead and temple; but that was not the change. It was that her waist had grown thicker, and, in a surprising way, had stiffened. He remembered how once, after the explosion of a rocket bomb, he had helped to drag a corpse out of some ruins, and had been astonished not only by the incredible weight of the thing, but by its rigidity and awkwardness to handle, which made it seem more like stone than flesh. Her body felt like that. It occurred to him that the texture of her skin would be quite different from what it had once been.

He did not attempt to kiss her, nor did they speak. As they walked back across the grass, she looked directly at him for the first time. It was only a momentary glance, full of contempt and dislike. He wondered whether it was a dislike that came purely out of the past or whether it was inspired also by his bloated face and the water that the wind kept squeezing from his eyes. They sat down on two iron chairs, side by side but not too close together. He saw that she was about to speak. She moved her clumsy shoe a few centimetres and deliberately crushed a twig. Her feet seemed to have grown broader, he noticed.

'I betrayed you,' she said baldly.

'I betrayed you,' he said.

She gave him another quick look of dislike.

'Sometimes,' she said, 'they threaten you with something something you can't stand up to, can't even think about. And then you say, "Don't do it to me, do it to somebody else, do it to so-and-so." And perhaps you might pretend, afterwards, that it was only a trick and that you just said it to make them stop and didn't really mean it. But that isn't true. At the time when it happens you do mean it. You think there's no other way of saving yourself, and you're quite ready to save yourself that way. You WANT it to happen to the other person. You don't give a damn what they suffer. All you care about is yourself.'

'All you care about is yourself,' he echoed.

'And after that, you don't feel the same towards the other person any longer.'

'No,' he said, 'you don't feel the same.'

There did not seem to be anything more to say. The wind plastered their thin overalls against their bodies. Almost at once it became embarrassing to sit there in silence: besides, it was too cold to keep still. She said something about catching her Tube and stood up to go.

'We must meet again,' he said.

‘Yes,’ she said, ‘we must meet again.’

He followed irresolutely for a little distance, half a pace behind her. They did not speak again. She did not actually try to shake him off, but walked at just such a speed as to prevent his keeping abreast of her. He had made up his mind that he would accompany her as far as the Tube station, but suddenly this process of trailing along in the cold seemed pointless and unbearable. He was overwhelmed by a desire not so much to get away from Julia as to get back to the Chestnut Tree Cafe, which had never seemed so attractive as at this moment. He had a nostalgic vision of his corner table, with the newspaper and the chessboard and the ever-flowing gin. Above all, it would be warm in there. The next moment, not altogether by accident, he allowed himself to become separated from her by a small knot of people. He made a half-hearted attempt to catch up, then slowed down, turned, and made off in the opposite direction. When he had gone fifty metres he looked back. The street was not crowded, but already he could not distinguish her. Any one of a dozen hurrying figures might have been hers. Perhaps her thickened, stiffened body was no longer recognizable from behind.

‘At the time when it happens,’ she had said, ‘you do mean it.’ He had meant it. He had not merely said it, he

had wished it. He had wished that she and not he should be delivered over to the----

Something changed in the music that trickled from the telescreen. A cracked and jeering note, a yellow note, came into it. And then--perhaps it was not happening, perhaps it was only a memory taking on the semblance of sound--a voice was singing:

*'Under the spreading chestnut tree
I sold you and you sold me----'*

The tears welled up in his eyes. A passing waiter noticed that his glass was empty and came back with the gin bottle.

He took up his glass and sniffed at it. The stuff grew not less but more horrible with every mouthful he drank. But it had become the element he swam in. It was his life, his death, and his resurrection. It was gin that sank him into stupor every night, and gin that revived him every morning. When he woke, seldom before eleven hundred, with gummed-up eyelids and fiery mouth and a back that seemed to be broken, it would have been impossible even to rise from the horizontal if it had not been for the bottle and teacup placed beside the bed overnight. Through the midday hours he sat with glazed face, the bottle handy,

listening to the telescreen. From fifteen to closing-time he was a fixture in the Chestnut Tree. No one cared what he did any longer, no whistle woke him, no telescreen admonished him. Occasionally, perhaps twice a week, he went to a dusty, forgotten-looking office in the Ministry of Truth and did a little work, or what was called work. He had been appointed to a sub-committee of a sub-committee which had sprouted from one of the innumerable committees dealing with minor difficulties that arose in the compilation of the Eleventh Edition of the Newspeak Dictionary. They were engaged in producing something called an Interim Report, but what it was that they were reporting on he had never definitely found out. It was something to do with the question of whether commas should be placed inside brackets, or outside. There were four others on the committee, all of them persons similar to himself. There were days when they assembled and then promptly dispersed again, frankly admitting to one another that there was not really anything to be done. But there were other days when they settled down to their work almost eagerly, making a tremendous show of entering up their minutes and drafting long memoranda which were never finished--when the argument as to what they were supposedly arguing about grew extraordinarily involved and abstruse, with subtle haggling over definitions,

enormous digressions, quarrels--threats, even, to appeal to higher authority. And then suddenly the life would go out of them and they would sit round the table looking at one another with extinct eyes, like ghosts fading at cock-crow.

The telescreen was silent for a moment. Winston raised his head again. The bulletin! But no, they were merely changing the music. He had the map of Africa behind his eyelids. The movement of the armies was a diagram: a black arrow tearing vertically southward, and a white arrow horizontally eastward, across the tail of the first. As though for reassurance he looked up at the imperturbable face in the portrait. Was it conceivable that the second arrow did not even exist?

His interest flagged again. He drank another mouthful of gin, picked up the white knight and made a tentative move. Check. But it was evidently not the right move, because----

Uncalled, a memory floated into his mind. He saw a candle-lit room with a vast white-counterpaned bed, and himself, a boy of nine or ten, sitting on the floor, shaking a dice-box, and laughing excitedly. His mother was sitting opposite him and also laughing.

It must have been about a month before she disappeared. It was a moment of reconciliation, when the nagging hunger in his belly was forgotten and his earlier affection for her had temporarily revived. He remembered the day well,

a pelting, drenching day when the water streamed down the window-pane and the light indoors was too dull to read by. The boredom of the two children in the dark, cramped bedroom became unbearable. Winston whined and grizzled, made futile demands for food, fretted about the room pulling everything out of place and kicking the wainscoting until the neighbours banged on the wall, while the younger child wailed intermittently. In the end his mother said, 'Now be good, and I'll buy you a toy. A lovely toy--you'll love it'; and then she had gone out in the rain, to a little general shop which was still sporadically open nearby, and came back with a cardboard box containing an outfit of Snakes and Ladders. He could still remember the smell of the damp cardboard. It was a miserable outfit. The board was cracked and the tiny wooden dice were so ill-cut that they would hardly lie on their sides. Winston looked at the thing sulkily and without interest. But then his mother lit a piece of candle and they sat down on the floor to play. Soon he was wildly excited and shouting with laughter as the tiddly-winks climbed hopefully up the ladders and then came slithering down the snakes again, almost to the starting-point. They played eight games, winning four each. His tiny sister, too young to understand what the game was about, had sat propped up against a bolster, laughing because the others were laughing.

For a whole afternoon they had all been happy together, as in his earlier childhood.

He pushed the picture out of his mind. It was a false memory. He was troubled by false memories occasionally. They did not matter so long as one knew them for what they were. Some things had happened, others had not happened. He turned back to the chessboard and picked up the white knight again. Almost in the same instant it dropped on to the board with a clatter. He had started as though a pin had run into him.

A shrill trumpet-call had pierced the air. It was the bulletin! Victory! It always meant victory when a trumpet-call preceded the news. A sort of electric drill ran through the cafe. Even the waiters had started and pricked up their ears.

The trumpet-call had let loose an enormous volume of noise. Already an excited voice was gabbling from the telescreen, but even as it started it was almost drowned by a roar of cheering from outside. The news had run round the streets like magic. He could hear just enough of what was issuing from the telescreen to realize that it had all happened, as he had foreseen; a vast seaborne armada had secretly assembled a sudden blow in the enemy's rear, the white arrow tearing across the tail of the black. Fragments of triumphant phrases pushed themselves through the din: 'Vast strategic

manoeuvre--perfect co-ordination--utter rout--half a million prisoners--complete demoralization--control of the whole of Africa--bring the war within measurable distance of its end--victory--greatest victory in human history--victory, victory, victory!

Under the table Winston's feet made convulsive movements. He had not stirred from his seat, but in his mind he was running, swiftly running, he was with the crowds outside, cheering himself deaf. He looked up again at the portrait of Big Brother. The colossus that bestrode the world! The rock against which the hordes of Asia dashed themselves in vain! He thought how ten minutes ago--yes, only ten minutes--there had still been equivocation in his heart as he wondered whether the news from the front would be of victory or defeat. Ah, it was more than a Eurasian army that had perished! Much had changed in him since that first day in the Ministry of Love, but the final, indispensable, healing change had never happened, until this moment.

The voice from the telescreen was still pouring forth its tale of prisoners and booty and slaughter, but the shouting outside had died down a little. The waiters were turning back to their work. One of them approached with the gin bottle. Winston, sitting in a blissful dream, paid no attention as his glass was filled up. He was not running or

cheering any longer. He was back in the Ministry of Love, with everything forgiven, his soul white as snow. He was in the public dock, confessing everything, implicating everybody. He was walking down the white-tiled corridor, with the feeling of walking in sunlight, and an armed guard at his back. The long-hoped-for bullet was entering his brain.

He gazed up at the enormous face. Forty years it had taken him to learn what kind of smile was hidden beneath the dark moustache. O cruel, needless misunderstanding! O stubborn, self-willed exile from the loving breast! Two gin-scented tears trickled down the sides of his nose. But it was all right, everything was all right, the struggle was finished. He had won the victory over himself. He loved Big Brother.

APPENDIX: THE PRINCIPLES OF NEWSPEAK

Newspeak was the official language of Oceania and had been devised to meet the ideological needs of Ingsoc, or English Socialism. In the year 1984 there was not as yet anyone who used Newspeak as his sole means of communication, either in speech or writing. The leading articles in 'The Times' were written in it, but this was a TOUR DE FORCE which could only be carried out by a specialist. It was expected that Newspeak would have finally superseded Oldspeak (or Standard English, as we should call it) by about the year 2050. Meanwhile it gained ground steadily, all Party members tending to use Newspeak words and grammatical constructions more and more in their everyday speech. The version in use in 1984, and embodied in the Ninth and Tenth Editions of the Newspeak Dictionary, was a provisional one, and contained many superfluous words and archaic formations which were due to be suppressed later. It is with the final, perfected version,

as embodied in the Eleventh Edition of the Dictionary, that we are concerned here.

The purpose of Newspeak was not only to provide a medium of expression for the world-view and mental habits proper to the devotees of Ingsoc, but to make all other modes of thought impossible. It was intended that when Newspeak had been adopted once and for all and Oldspeak forgotten, a heretical thought--that is, a thought diverging from the principles of Ingsoc--should be literally unthinkable, at least so far as thought is dependent on words. Its vocabulary was so constructed as to give exact and often very subtle expression to every meaning that a Party member could properly wish to express, while excluding all other meanings and also the possibility of arriving at them by indirect methods. This was done partly by the invention of new words, but chiefly by eliminating undesirable words and by stripping such words as remained of unorthodox meanings, and so far as possible of all secondary meanings whatever. To give a single example. The word FREE still existed in Newspeak, but it could only be used in such statements as 'This dog is free from lice' or 'This field is free from weeds'. It could not be used in its old sense of 'politically free' or 'intellectually free' since political and intellectual freedom no longer existed even as concepts, and were therefore of necessity nameless. Quite apart from

the suppression of definitely heretical words, reduction of vocabulary was regarded as an end in itself, and no word that could be dispensed with was allowed to survive. Newspeak was designed not to extend but to DIMINISH the range of thought, and this purpose was indirectly assisted by cutting the choice of words down to a minimum.

Newspeak was founded on the English language as we now know it, though many Newspeak sentences, even when not containing newly-created words, would be barely intelligible to an English-speaker of our own day. Newspeak words were divided into three distinct classes, known as the A vocabulary, the B vocabulary (also called compound words), and the C vocabulary. It will be simpler to discuss each class separately, but the grammatical peculiarities of the language can be dealt with in the section devoted to the A vocabulary, since the same rules held good for all three categories.

THE A VOCABULARY. The A vocabulary consisted of the words needed for the business of everyday life--for such things as eating, drinking, working, putting on one's clothes, going up and down stairs, riding in vehicles, gardening, cooking, and the like. It was composed almost entirely of words that we already possess words like HIT, RUN, DOG, TREE, SUGAR, HOUSE, FIELD--but in comparison

with the present-day English vocabulary their number was extremely small, while their meanings were far more rigidly defined. All ambiguities and shades of meaning had been purged out of them. So far as it could be achieved, a Newspeak word of this class was simply a staccato sound expressing ONE clearly understood concept. It would have been quite impossible to use the A vocabulary for literary purposes or for political or philosophical discussion. It was intended only to express simple, purposive thoughts, usually involving concrete objects or physical actions.

The grammar of Newspeak had two outstanding peculiarities. The first of these was an almost complete interchangeability between different parts of speech. Any word in the language (in principle this applied even to very abstract words such as IF or WHEN) could be used either as verb, noun, adjective, or adverb. Between the verb and the noun form, when they were of the same root, there was never any variation, this rule of itself involving the destruction of many archaic forms. The word THOUGHT, for example, did not exist in Newspeak. Its place was taken by THINK, which did duty for both noun and verb. No etymological principle was followed here: in some cases it was the original noun that was chosen for retention, in other cases the verb. Even where a noun and verb of kindred meaning

were not etymologically connected, one or other of them was frequently suppressed. There was, for example, no such word as CUT, its meaning being sufficiently covered by the noun-verb KNIFE. Adjectives were formed by adding the suffix -FUL to the noun-verb, and adverbs by adding -WISE. Thus for example, SPEEDFUL meant 'rapid' and SPEEDWISE meant 'quickly'. Certain of our present-day adjectives, such as GOOD, STRONG, BIG, BLACK, SOFT, were retained, but their total number was very small. There was little need for them, since almost any adjectival meaning could be arrived at by adding -FUL to a noun-verb. None of the now-existing adverbs was retained, except for a very few already ending in -WISE: the -WISE termination was invariable. The word WELL, for example, was replaced by GOODWISE.

In addition, any word--this again applied in principle to every word in the language--could be negated by adding the affix UN-, or could be strengthened by the affix PLUS-, or, for still greater emphasis, DOUBLEPLUS-. Thus, for example, UNCOLD meant 'warm', while PLUSCOLD and DOUBLEPLUSCOLD meant, respectively, 'very cold' and 'superlatively cold'. It was also possible, as in present-day English, to modify the meaning of almost any word by prepositional affixes such as ANTE-, POST-, UP-, DOWN-, etc.

By such methods it was found possible to bring about an enormous diminution of vocabulary. Given, for instance, the word GOOD, there was no need for such a word as BAD, since the required meaning was equally well--indeed, better--expressed by UNGOOD. All that was necessary, in any case where two words formed a natural pair of opposites, was to decide which of them to suppress. DARK, for example, could be replaced by UNLIGHT, or LIGHT by UNDARK, according to preference.

The second distinguishing mark of Newspeak grammar was its regularity. Subject to a few exceptions which are mentioned below all inflexions followed the same rules. Thus, in all verbs the preterite and the past participle were the same and ended in -ED. The preterite of STEAL was STEALED, the preterite of THINK was THINKED, and so on throughout the language, all such forms as SWAM, GAVE, BROUGHT, SPOKE, TAKEN, etc., being abolished. All plurals were made by adding -S or -ES as the case might be. The plurals OF MAN, OX, LIFE, were MANS, OXES, LIFES. Comparison of adjectives was invariably made by adding -ER, -EST (GOOD, GOODER, GOODEST), irregular forms and the MORE, MOST formation being suppressed.

The only classes of words that were still allowed to inflect irregularly were the pronouns, the relatives, the

demonstrative adjectives, and the auxiliary verbs. All of these followed their ancient usage, except that WHOM had been scrapped as unnecessary, and the SHALL, SHOULD tenses had been dropped, all their uses being covered by WILL and WOULD. There were also certain irregularities in word-formation arising out of the need for rapid and easy speech. A word which was difficult to utter, or was liable to be incorrectly heard, was held to be ipso facto a bad word; occasionally therefore, for the sake of euphony, extra letters were inserted into a word or an archaic formation was retained. But this need made itself felt chiefly in connexion with the B vocabulary. WHY so great an importance was attached to ease of pronunciation will be made clear later in this essay.

THE B VOCABULARY. The B vocabulary consisted of words which had been deliberately constructed for political purposes: words, that is to say, which not only had in every case a political implication, but were intended to impose a desirable mental attitude upon the person using them. Without a full understanding of the principles of Ingsoc it was difficult to use these words correctly. In some cases they could be translated into Oldspeak, or even into words taken from the A vocabulary, but this usually demanded a long paraphrase and always involved the loss of certain overtones.

The B words were a sort of verbal shorthand, often packing whole ranges of ideas into a few syllables, and at the same time more accurate and forcible than ordinary language.

The B words were in all cases compound words. [Compound words such as SPEAKWRITE, were of course to be found in the A vocabulary, but these were merely convenient abbreviations and had no special ideological colour.] They consisted of two or more words, or portions of words, welded together in an easily pronounceable form. The resulting amalgam was always a noun-verb, and inflected according to the ordinary rules. To take a single example: the word GOODTHINK, meaning, very roughly, 'orthodoxy', or, if one chose to regard it as a verb, 'to think in an orthodox manner'. This inflected as follows: noun-verb, GOODTHINK; past tense and past participle, GOODTHINKED; present participle, GOOD-THINKING; adjective, GOODTHINKFUL; adverb, GOODTHINKWISE; verbal noun, GOODTHINKER.

The B words were not constructed on any etymological plan. The words of which they were made up could be any parts of speech, and could be placed in any order and mutilated in any way which made them easy to pronounce while indicating their derivation. In the word CRIMETHINK (thoughtcrime), for instance, the THINK came second,

whereas in THINKPOL (Thought Police) it came first, and in the latter word POLICE had lost its second syllable. Because of the great difficulty in securing euphony, irregular formations were commoner in the B vocabulary than in the A vocabulary. For example, the adjective forms of MINITRUE, MINIPAX, and MINILUV were, respectively, MINITRUTHFUL, MINIPEACEFUL, and MINILOVELY, simply because -TRUEFUL, -PAXFUL, and -LOVEFUL were slightly awkward to pronounce. In principle, however, all B words could inflect, and all inflected in exactly the same way.

Some of the B words had highly subtilized meanings, barely intelligible to anyone who had not mastered the language as a whole. Consider, for example, such a typical sentence from a 'Times' leading article as OLDTHINKERS UNBELLYFEEL INGSOC. The shortest rendering that one could make of this in Oldspeak would be: 'Those whose ideas were formed before the Revolution cannot have a full emotional understanding of the principles of English Socialism.' But this is not an adequate translation. To begin with, in order to grasp the full meaning of the Newspeak sentence quoted above, one would have to have a clear idea of what is meant by INGSOC. And in addition, only a person thoroughly grounded in Ingsoc could appreciate

the full force of the word BELLYFEEL, which implied a blind, enthusiastic acceptance difficult to imagine today; or of the word OLDTHINK, which was inextricably mixed up with the idea of wickedness and decadence. But the special function of certain Newspeak words, of which OLDTHINK was one, was not so much to express meanings as to destroy them. These words, necessarily few in number, had had their meanings extended until they contained within themselves whole batteries of words which, as they were sufficiently covered by a single comprehensive term, could now be scrapped and forgotten. The greatest difficulty facing the compilers of the Newspeak Dictionary was not to invent new words, but, having invented them, to make sure what they meant: to make sure, that is to say, what ranges of words they cancelled by their existence.

As we have already seen in the case of the word FREE, words which had once borne a heretical meaning were sometimes retained for the sake of convenience, but only with the undesirable meanings purged out of them. Countless other words such as HONOUR, JUSTICE, MORALITY, INTERNATIONALISM, DEMOCRACY, SCIENCE, and RELIGION had simply ceased to exist. A few blanket words covered them, and, in covering them, abolished them. All words grouping themselves round the concepts of liberty

and equality, for instance, were contained in the single word CRIMETHINK, while all words grouping themselves round the concepts of objectivity and rationalism were contained in the single word OLDTHINK. Greater precision would have been dangerous. What was required in a Party member was an outlook similar to that of the ancient Hebrew who knew, without knowing much else, that all nations other than his own worshipped 'false gods'. He did not need to know that these gods were called Baal, Osiris, Moloch, Ashtaroth, and the like: probably the less he knew about them the better for his orthodoxy. He knew Jehovah and the commandments of Jehovah: he knew, therefore, that all gods with other names or other attributes were false gods. In somewhat the same way, the party member knew what constituted right conduct, and in exceedingly vague, generalized terms he knew what kinds of departure from it were possible. His sexual life, for example, was entirely regulated by the two Newspeak words SEXCRIME (sexual immorality) and GOODSEX (chastity). SEXCRIME covered all sexual misdeeds whatever. It covered fornication, adultery, homosexuality, and other perversions, and, in addition, normal intercourse practised for its own sake. There was no need to enumerate them separately, since they were all equally culpable, and, in principle, all punishable by death. In the C vocabulary, which consisted

of scientific and technical words, it might be necessary to give specialized names to certain sexual aberrations, but the ordinary citizen had no need of them. He knew what was meant by GOODSEX--that is to say, normal intercourse between man and wife, for the sole purpose of begetting children, and without physical pleasure on the part of the woman: all else was SEXCRIME. In Newspeak it was seldom possible to follow a heretical thought further than the perception that it WAS heretical: beyond that point the necessary words were nonexistent.

No word in the B vocabulary was ideologically neutral. A great many were euphemisms. Such words, for instance, as JOYCAMP (forced-labour camp) or MINIPAX (Ministry of Peace, i.e. Ministry of War) meant almost the exact opposite of what they appeared to mean. Some words, on the other hand, displayed a frank and contemptuous understanding of the real nature of Oceanic society. An example was PROLEFEED, meaning the rubbishy entertainment and spurious news which the Party handed out to the masses. Other words, again, were ambivalent, having the connotation 'good' when applied to the Party and 'bad' when applied to its enemies. But in addition there were great numbers of words which at first sight appeared to be mere abbreviations

and which derived their ideological colour not from their meaning, but from their structure.

So far as it could be contrived, everything that had or might have political significance of any kind was fitted into the B vocabulary. The name of every organization, or body of people, or doctrine, or country, or institution, or public building, was invariably cut down into the familiar shape; that is, a single easily pronounced word with the smallest number of syllables that would preserve the original derivation. In the Ministry of Truth, for example, the Records Department, in which Winston Smith worked, was called RECDEP, the Fiction Department was called FICDEP, the Teleprogrammes Department was called TELEDEP, and so on. This was not done solely with the object of saving time. Even in the early decades of the twentieth century, telescoped words and phrases had been one of the characteristic features of political language; and it had been noticed that the tendency to use abbreviations of this kind was most marked in totalitarian countries and totalitarian organizations. Examples were such words as NAZI, GESTAPO, COMINTERN, INPRECORR, AGITPROP. In the beginning the practice had been adopted as it were instinctively, but in Newspeak it was used with a conscious purpose. It was perceived that in thus abbreviating a name one narrowed

and subtly altered its meaning, by cutting out most of the associations that would otherwise cling to it. The words COMMUNIST INTERNATIONAL, for instance, call up a composite picture of universal human brotherhood, red flags, barricades, Karl Marx, and the Paris Commune. The word COMINTERN, on the other hand, suggests merely a tightly-knit organization and a well-defined body of doctrine. It refers to something almost as easily recognized, and as limited in purpose, as a chair or a table. COMINTERN is a word that can be uttered almost without taking thought, whereas COMMUNIST INTERNATIONAL is a phrase over which one is obliged to linger at least momentarily. In the same way, the associations called up by a word like MINITRUE are fewer and more controllable than those called up by MINISTRY OF TRUTH. This accounted not only for the habit of abbreviating whenever possible, but also for the almost exaggerated care that was taken to make every word easily pronounceable.

In Newspeak, euphony outweighed every consideration other than exactitude of meaning. Regularity of grammar was always sacrificed to it when it seemed necessary. And rightly so, since what was required, above all for political purposes, was short clipped words of unmistakable meaning which could be uttered rapidly and which roused the minimum of

echoes in the speaker's mind. The words of the B vocabulary even gained in force from the fact that nearly all of them were very much alike. Almost invariably these words--GOOD-THINK, MINIPAX, PROLEFEED, SEXCRIME, JOYCAMP, INGSOC, BELLYFEEL, THINKPOL, and countless others--were words of two or three syllables, with the stress distributed equally between the first syllable and the last. The use of them encouraged a gabbling style of speech, at once staccato and monotonous. And this was exactly what was aimed at. The intention was to make speech, and especially speech on any subject not ideologically neutral, as nearly as possible independent of consciousness. For the purposes of everyday life it was no doubt necessary, or sometimes necessary, to reflect before speaking, but a Party member called upon to make a political or ethical judgement should be able to spray forth the correct opinions as automatically as a machine gun spraying forth bullets. His training fitted him to do this, the language gave him an almost foolproof instrument, and the texture of the words, with their harsh sound and a certain wilful ugliness which was in accord with the spirit of Ingsoc, assisted the process still further.

So did the fact of having very few words to choose from. Relative to our own, the Newspeak vocabulary was tiny, and new ways of reducing it were constantly being devised.

Newspeak, indeed, differed from most all other languages in that its vocabulary grew smaller instead of larger every year. Each reduction was a gain, since the smaller the area of choice, the smaller the temptation to take thought. Ultimately it was hoped to make articulate speech issue from the larynx without involving the higher brain centres at all. This aim was frankly admitted in the Newspeak word DUCKSPEAK, meaning 'to quack like a duck'. Like various other words in the B vocabulary, DUCKSPEAK was ambivalent in meaning. Provided that the opinions which were quacked out were orthodox ones, it implied nothing but praise, and when 'The Times' referred to one of the orators of the Party as a DOUBLEPLUSGOOD DUCKSPEAKER it was paying a warm and valued compliment.

THE C VOCABULARY. The C vocabulary was supplementary to the others and consisted entirely of scientific and technical terms. These resembled the scientific terms in use today, and were constructed from the same roots, but the usual care was taken to define them rigidly and strip them of undesirable meanings. They followed the same grammatical rules as the words in the other two vocabularies. Very few of the C words had any currency either in everyday speech or in political speech. Any scientific worker or technician could find all the words he needed in the list devoted to his

own speciality, but he seldom had more than a smattering of the words occurring in the other lists. Only a very few words were common to all lists, and there was no vocabulary expressing the function of Science as a habit of mind, or a method of thought, irrespective of its particular branches. There was, indeed, no word for 'Science', any meaning that it could possibly bear being already sufficiently covered by the word INGSOC.

From the foregoing account it will be seen that in Newspeak the expression of unorthodox opinions, above a very low level, was well-nigh impossible. It was of course possible to utter heresies of a very crude kind, a species of blasphemy. It would have been possible, for example, to say BIG BROTHER IS UNGOOD. But this statement, which to an orthodox ear merely conveyed a self-evident absurdity, could not have been sustained by reasoned argument, because the necessary words were not available. Ideas inimical to Ingsoc could only be entertained in a vague wordless form, and could only be named in very broad terms which lumped together and condemned whole groups of heresies without defining them in doing so. One could, in fact, only use Newspeak for unorthodox purposes by illegitimately translating some of the words back into Oldspeak. For example, ALL MANS ARE EQUAL was a possible Newspeak

sentence, but only in the same sense in which ALL MEN ARE REDHAired is a possible Oldspeak sentence. It did not contain a grammatical error, but it expressed a palpable untruth--i.e. that all men are of equal size, weight, or strength. The concept of political equality no longer existed, and this secondary meaning had accordingly been purged out of the word EQUAL. In 1984, when Oldspeak was still the normal means of communication, the danger theoretically existed that in using Newspeak words one might remember their original meanings. In practice it was not difficult for any person well grounded in DOUBLETHINK to avoid doing this, but within a couple of generations even the possibility of such a lapse would have vanished. A person growing up with Newspeak as his sole language would no more know that EQUAL had once had the secondary meaning of 'politically equal', or that FREE had once meant 'intellectually free', than for instance, a person who had never heard of chess would be aware of the secondary meanings attaching to QUEEN and ROOK. There would be many crimes and errors which it would be beyond his power to commit, simply because they were nameless and therefore unimaginable. And it was to be foreseen that with the passage of time the distinguishing characteristics of Newspeak would become more and more pronounced--its words growing fewer and

fewer, their meanings more and more rigid, and the chance of putting them to improper uses always diminishing.

When Oldspeak had been once and for all superseded, the last link with the past would have been severed. History had already been rewritten, but fragments of the literature of the past survived here and there, imperfectly censored, and so long as one retained one's knowledge of Oldspeak it was possible to read them. In the future such fragments, even if they chanced to survive, would be unintelligible and untranslatable. It was impossible to translate any passage of Oldspeak into Newspeak unless it either referred to some technical process or some very simple everyday action, or was already orthodox (GOODTHINKFUL would be the Newspeak expression) in tendency. In practice this meant that no book written before approximately 1960 could be translated as a whole. Pre-revolutionary literature could only be subjected to ideological translation--that is, alteration in sense as well as language. Take for example the well-known passage from the Declaration of Independence:

*WE HOLD THESE TRUTHS TO BE SELF-EVIDENT,
THAT ALL MEN ARE CREATED EQUAL, THAT
THEY ARE ENDOWED BY THEIR CREATOR WITH
CERTAIN INALIENABLE RIGHTS, THAT AMONG*

THESE ARE LIFE, LIBERTY, AND THE PURSUIT OF HAPPINESS. THAT TO SECURE THESE RIGHTS, GOVERNMENTS ARE INSTITUTED AMONG MEN, DERIVING THEIR POWERS FROM THE CONSENT OF THE GOVERNED. THAT WHENEVER ANY FORM OF GOVERNMENT BECOMES DESTRUCTIVE OF THOSE ENDS, IT IS THE RIGHT OF THE PEOPLE TO ALTER OR ABOLISH IT, AND TO INSTITUTE NEW GOVERNMENT...

It would have been quite impossible to render this into Newspeak while keeping to the sense of the original. The nearest one could come to doing so would be to swallow the whole passage up in the single word CRIMETHINK. A full translation could only be an ideological translation, whereby Jefferson's words would be changed into a panegyric on absolute government.

A good deal of the literature of the past was, indeed, already being transformed in this way. Considerations of prestige made it desirable to preserve the memory of certain historical figures, while at the same time bringing their achievements into line with the philosophy of Ingsoc. Various writers, such as Shakespeare, Milton, Swift, Byron, Dickens, and some others were therefore in process of translation:

when the task had been completed, their original writings, with all else that survived of the literature of the past, would be destroyed. These translations were a slow and difficult business, and it was not expected that they would be finished before the first or second decade of the twenty-first century. There were also large quantities of merely utilitarian literature--indispensable technical manuals, and the like--that had to be treated in the same way. It was chiefly in order to allow time for the preliminary work of translation that the final adoption of Newspeak had been fixed for so late a date as 2050.

MANIFESTO PELA DEMOCRATIZAÇÃO DO DOMÍNIO PÚBLICO

Um Livro Extraordinário passou pelo teste do tempo e sobreviveu para nos contar sua história. Essas obras nos levam a outros lugares, nos apresentam pessoas e novos modos de pensar; nos transformam em exploradores e renovam as maneiras como experimentamos a vida cotidiana.

Ler é um ato de liberdade que transforma leitores em turistas imaginários. Todos têm o direito de visitar o País das Maravilhas, a Terra do Nunca, Lilliput, Camelot e até de viajar dentro da barriga de uma baleia. Queremos falar a mesma língua de Mowgli, do Pequeno Príncipe, do barão Münchhausen, de Mulan. Merecemos um passaporte universal. Nos recusamos a ser estrangeiros nos mundos extraordinários.

Libertaremos os mundos imaginários das estantes empoeiradas do domínio público. Abriremos suas portas escondidas sob o manto de outras línguas. Destruiremos as muralhas para revelar tesouros escondidos em outras línguas a leitores de zero a mil anos!


— •

literatura
livre

O projeto Literatura Livre, do Instituto Mojo de Comunicação Intercultural, traduz para o português as melhores obras da literatura, gratuitamente, em formatos digitais. A biblioteca que formou a identidade humana ao longo de mais de dois milênios está sendo reconstruída e organizada por nossa equipe e nossos apoiadores como uma ponte temporal, com temas tão atuais hoje como quando foram escritos. Nossa missão é aproximar o antigo e o novo, desmistificar o desconhecido, iluminar o conhecimento. Histórias geram empatia e transmitem sentimentos desde antes da escrita, e nós as usamos para estreitar os laços que nos unem como uma só espécie. A realização deste bem social conta com o apoio de parceiros, instituições e pessoas. Conheça quem está fazendo essa magia junto com o Instituto Mojo em nosso site e em nossas redes.



Desde 2018 o Instituto Mojo promove a aproximação cultural sem fronteiras. Em um mundo unido pelos meios digitais e dividido pelas diferenças culturais e ideológicas, tomamos como nosso o esforço de reunir a todos os interessados em conhecer, respeitar e promover a sua cultura e a de outros. Nosso primeiro programa se concentra na veiculação gratuita de obras em domínio público nas mais diversas línguas, sempre em versões bilíngues. Visite nosso site e veja como apoiar as nossas ações.

  @institutomojo

www.mojo.org.br

FICHA TÉCNICA



**SESC — SERVIÇO SOCIAL DO
COMÉRCIO**

[SOCIAL SERVICE OF COMMERCE]

**Administração Regional no
Estado de São Paulo**

[Regional Administration of São Paulo State]

Presidente do Conselho Regional

[Regional Board Chairman]

Abram Szajman

Diretor do Departamento Regional

[Regional Department Director]

Danilo Santos de Miranda

Superintendente de Comunicação Social

[Social Communication Superintendent]

Aurea Leszczynski Vieira Gonçalves

Superintendente Técnico-Social

[Social-Technical Superintendent]

Rosana Paulo da Cunha

Gerentes

[Departments]

Sesc Digital

Fernando Amoedo Tuacek

Ação Cultural

[Cultural Action]

Érika Mourão Trindade Dutra

Assessoria de Relações Internacionais

[International Affairs]

Heloisa Pisani



**INSTITUTO MOJO DE COMUNICAÇÃO
INTERCULTURAL**

[MOJO INSTITUTE FOR INTERCULTURAL COMMUNICATION]

Diretor Executivo

[Executive Director]

Ricardo Giassetti

Vice-Diretor Executivo

[Vice Executive Director]

Bruno Girello

Diretoria

[Board]

Tatiana Bornato, Thiago Fogaça, Luiz Fuganti,

Paulo Buarque de Gusmão

Conselheiro de Negócios

[Business Advisor]

Abel Reis

Curadoria Acadêmica

[Scholar Curatorship]

Ana Maria Haddad Baptista

Organizador e Produtor Literatura Livre

[Executive Producer]

Ricardo Giassetti

Curadores e Editores

[Curators and Editors]

Ricardo Giassetti, Renato Roschel e Camille Pezzino

Revisores

[Proofreading]

Camilla Pezzino, Rebeca Benício e Adriana Zoudine

Direção de Arte

[Art Director]

George Farwell

Ilustrações

[Illustrations]

Chrismontez de Brito

Editoração Digital e Ebooks

[Digital Art and Ebooks]

Fernando Ribeiro

Desenvolvedor

[Developer]

Andre Resende

Tradutores

[Translators]

Adriana Zoudine, Bruno Anselmi Matangrano, Camille Pezzino, Carol Chiovatto, Francisco de Araújo, Gabriel Naldi, Giovane Rodrigues Silva, Lica Hashimoto, Luciana Cammarota, Luis S. Krausz, Mamede Jarouche, Nana Yoshida, Nina Rizzi, Renato Roschel, Ricardo Giassetti, Safa AC Jubran.

Literatura Livre

Sesc São Paulo — Primeira Temporada, 2020

[Free Literature]

[Sesc São Paulo — First Season, 2022]

O Leviaatã (*Der Leviathan*, 1938), Joseph Roth (1894–1939);
Crônicas do Japão (*Nihonshoki*, 720), Príncipe Toneri (676–735)
e Ō-no-Yassumaro (?–723); ***Viagens de Gulliver*** (*Gulliver's
Travels*, 1726), Jonathan Swift (1667–1745); ***El Zarco*** (*El Zarco*,
1901), Ignacio Manuel Altamirano (1834–1893);
Contos folclóricos africanos Vols. 1 e 2 (*The Folk Tales from
Southern Nigeria* (1910), Elphinstone Dayrell (1869–1917);
Zanzibar Tales (1901), George W. Bateman (1850–1940);
Where Animals Talk (1912), Robert Hamill Nassau (1835–
1921); ***Os miseráveis*** (*Albukhalā'*, 868), Aljāhiz (776–868); ***Sra.
Fragrância Primavera*** (*Mrs. Spring Fragrance*, 1912), Sui Sin Far
(Edith Maude Easton, 1865–1914); ***Contos de crianças chinesas***
(*Mrs. Spring Fragrance*, 1912), Sui Sin Far (Edith Maude Easton,
1865–1914); ***As roupas fazem as pessoas*** (*Kleider machen Leute*,
1874), Gottfried Keller (1819–1890); ***Contos sardos*** (*Racconti
Sardi*, 1894), Grazia Deledda (1871–1936); ***Pássaros sem ninho***
(*Aves sin nido*, 1889), Clorinda Matto de Turner (1853–1909);
Coração das trevas (*Heart of Darkness*, 1899), Joseph Conrad
(1857–1924); ***Histórias do tio Karel*** (*Outa Karel's Stories: South
African Folk-Lore Tales*, 1914), Sanni Metelerkamp (1867–1945)

Literatura Livre

Sesc São Paulo — Segunda Temporada, 2022

[Free Literature]

[Sesc São Paulo — Second Season, 2022]

Mil novecentos e oitenta e quatro (*Nineteen Eighty Four*, 1949), George Orwell (Eric Arthur Blair, 1903–1950) • **Contos de amor de loucura e de morte** (*Cuentos de amor de loucura y de muerte*, 1917), Horacio Quiroga (1878–1937) • **Contos da selva** (*Cuentos de la selva*, 1918), Horacio Quiroga (1878–1937) • **O boneco raivoso** (*El juguete rabioso*, 1926), Roberto Arlt (1900–1942) • **O ventre de Nápoles** (*Il ventre di Napoli*, 1884–1905), Matilde Serao (1856–1927) • **A metamorfose** (*Die Verwandlung*, 1915), Franz Kafka (1883–1924) • **Hōjōki — Anotações na solidão da cabana** (*Hōjōki ou 方丈記*, 1212), Kamo no Chōmei (1153 ou 55–1216) • **O retorno** (*Возвращение*, 1946), Andrei Platonov (1899–1951) • **Gravuras cariocas** (*Aguafuertes cariocas*, 1930), Roberto Arlt (1900–1942) • **Xingu** (*Xingu*, 1916), Edith Wharton (1862–1937) • **Avatar** (*Avatar*, 1856), Théophile Gautier (1811–1872) • **A Bota de Ferro** (*The Iron Heel*, 1908), Jack London (1876–1916) • **Na baía** (*At the Bay*, 1922), Katherine Mansfield (1888–1923) • **Livro do tigre e do raposo** (*Kitāb Annamir wa Atta^ʿlab*, séc. 9), Hārūn, Sahl Bin (m.c. 830 d.C.) • **Contos malévolos** (*Cuentos malevolos*, 1904), Clemente de Palma (1872–1946)